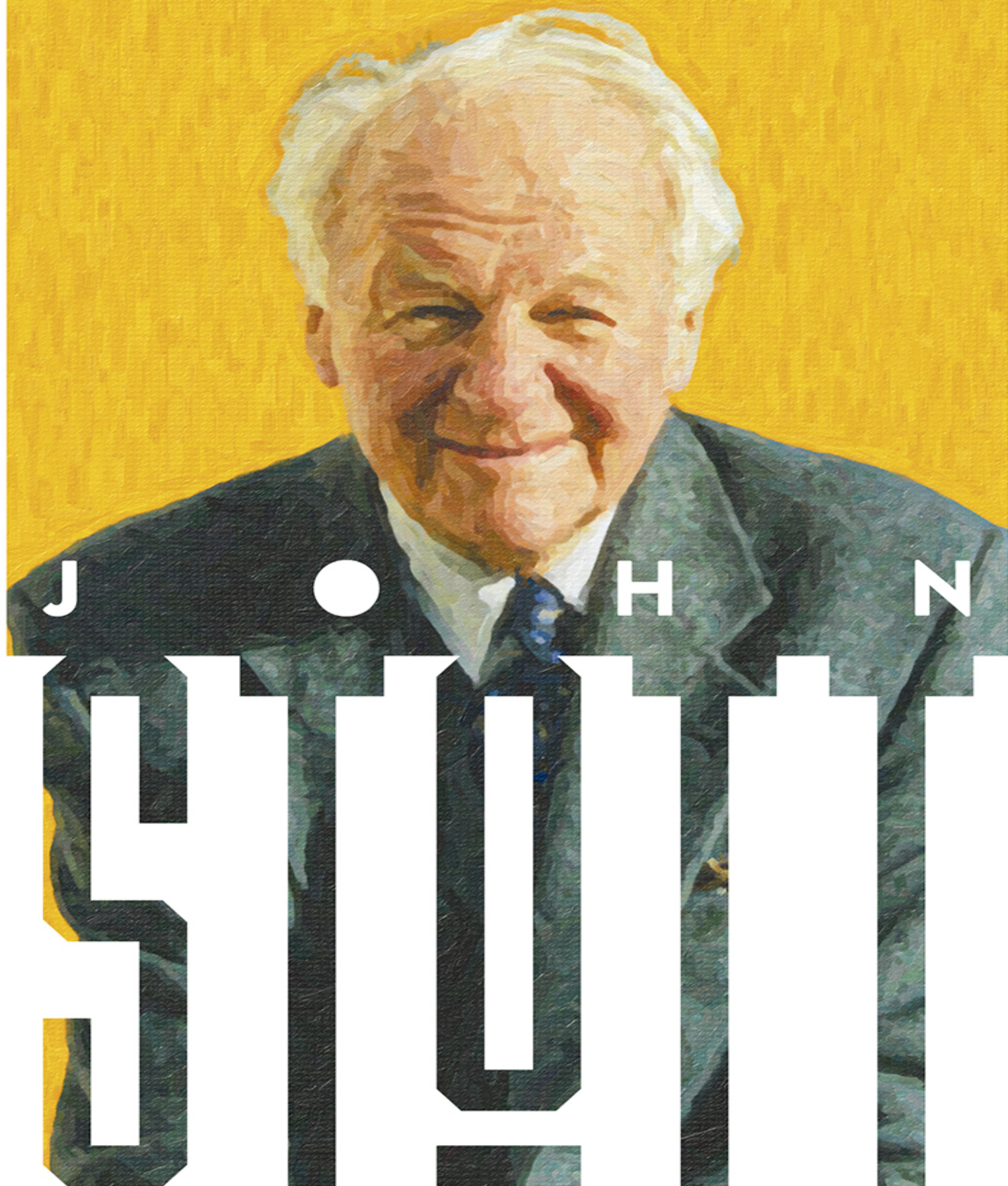
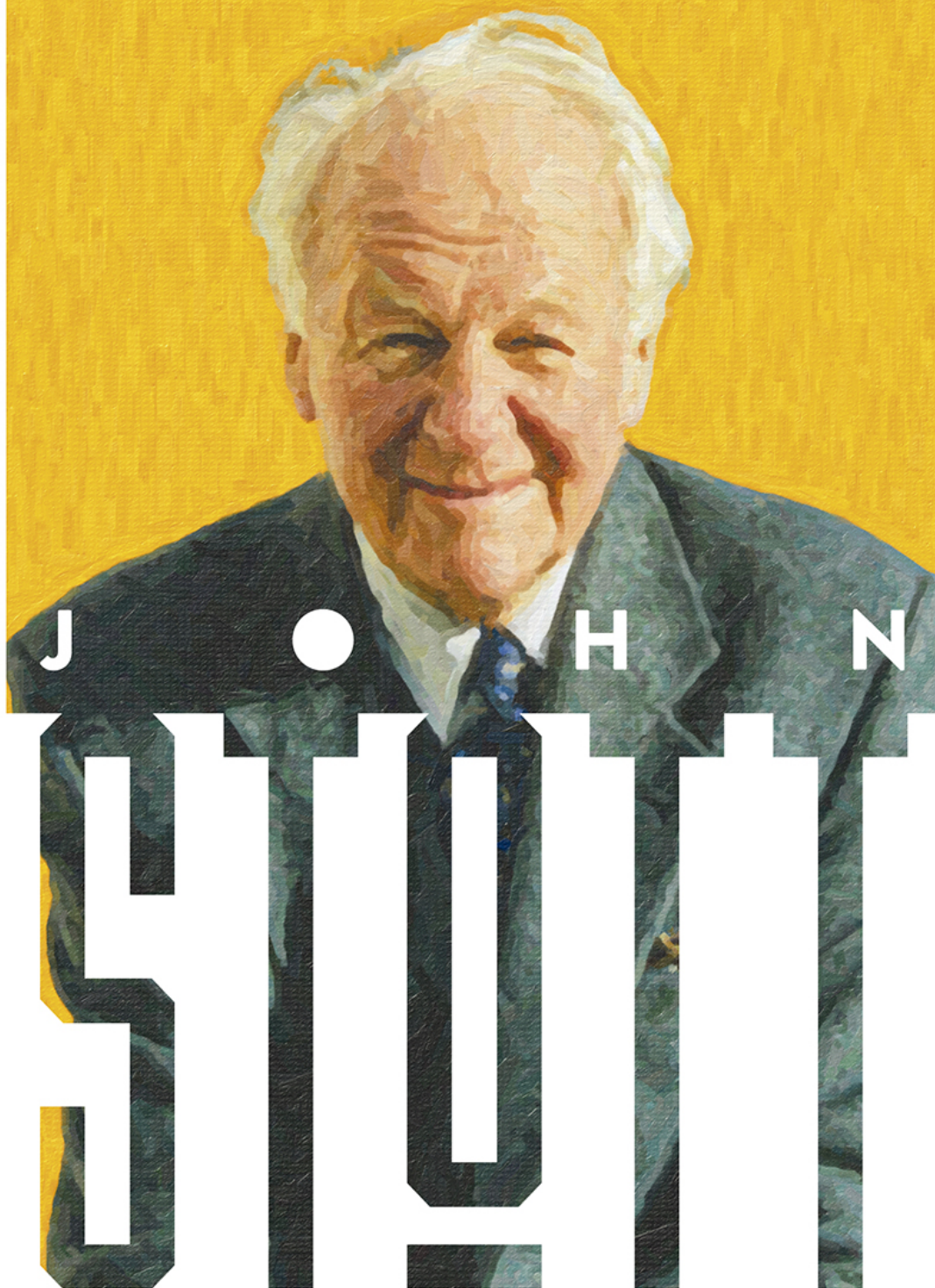


SÉRIE O CRISTÃO CONTEMPORÂNEO

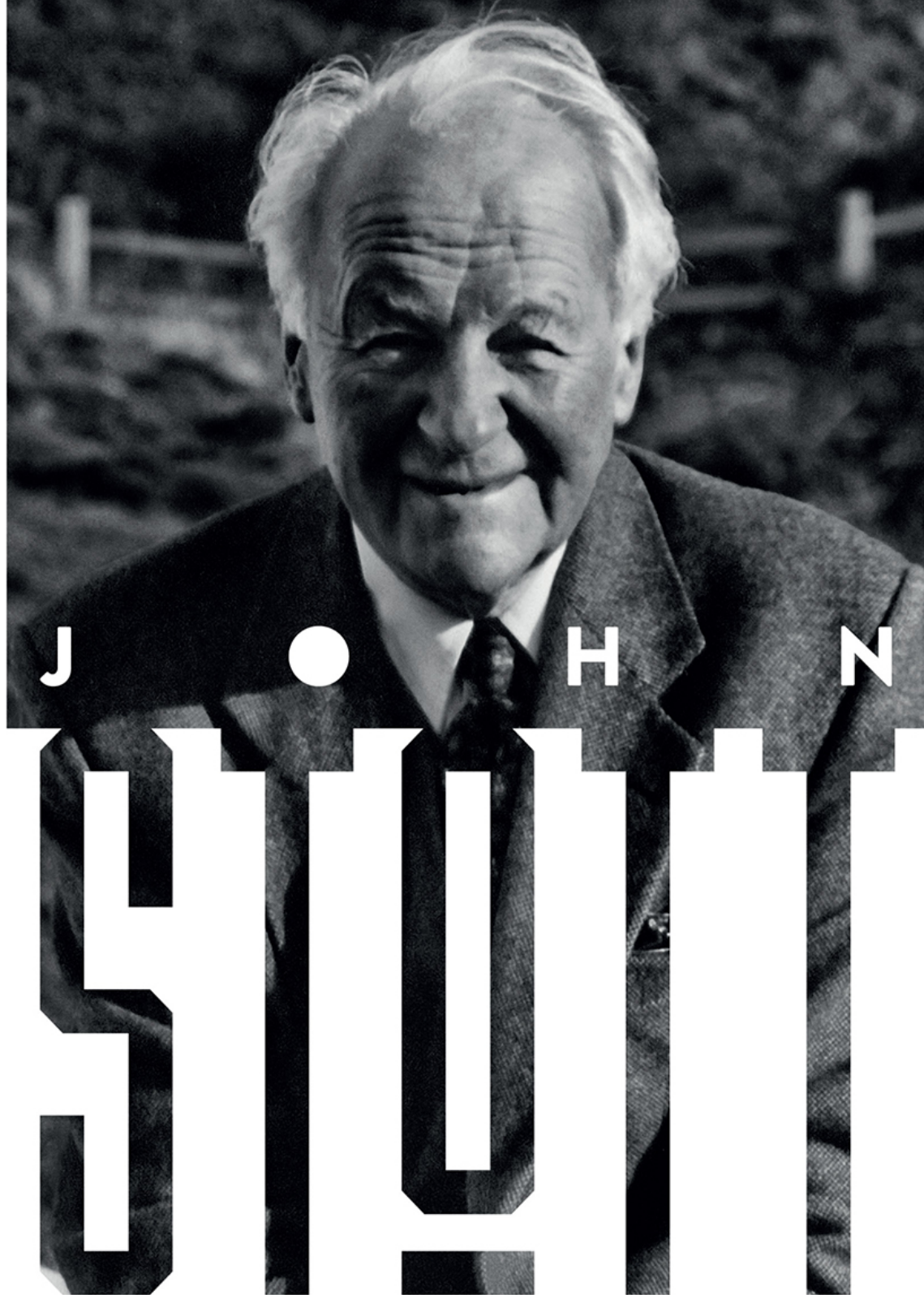




SÉRIE O CRISTÃO CONTEMPORÂNEO



SÉRIE O CRISTÃO CONTEMPORÂNEO



JOHN STOTT

• ORGANIZADO POR TIM CHESTER •

O EVANGELHO

UMA MENSAGEM QUE TRANSFORMA A VIDA

O DISCÍPULO

UM CHAMADO PARA SER COMO CRISTO

A BÍBLIA

UM LIVRO COMO NENHUM OUTRO

A IGREJA

UMA COMUNIDADE SINGULAR DE PESSOAS

O MUNDO

UMA MISSÃO A CUMPRIR

ISBN 978-65-86173-20-8

ultimato 
VIÇOSA|MG

Sumário

Capa

Folha de rosto

O Evangelho - uma mensagem que transforma a vida

O Discípulo - um chamado para ser como Cristo

A Bíblia - um livro como nenhum outro

A Igreja - uma comunidade singular de pessoas

O Mundo - uma missão a cumprir

• ORGANIZADO POR TIM CHESTER •



O EVANGELHO

UMA MENSAGEM
QUE TRANSFORMA A VIDA

JOHN STOTT



O EVANGELHO

JOHN STOTT

• ORGANIZADO POR **TIM CHESTER** •



O EVANGELHO

UMA MENSAGEM QUE TRANSFORMA A VIDA

TRADUZIDO POR **DENIS TIMM**



Sumário

Capa

Folha de rosto

Prefácio

Uma nota ao leitor

Introdução da série “O Cristão Contemporâneo”

Introdução

1. O paradoxo humano

2. Liberdade autêntica

3. Cristo e sua cruz

4. A relevância da ressurreição

5. Jesus cristo é o senhor

Conclusão

Notas

Créditos

PREFÁCIO

SER “CONTEMPORÂNEO” é viver no presente e mover-se com os tempos sem se preocupar demais com o passado ou o futuro.

Ser um “cristão contemporâneo”, porém, é viver num presente que é enriquecido pelo nosso conhecimento do passado e pela nossa expectativa do futuro. Nossa fé cristã exige isso. Por quê? Porque o Deus em quem confiamos e que adoramos é “o Alfa e o Ômega... o que é, o que era e que há de vir, o Todo-poderoso”,¹ enquanto o Jesus Cristo que seguimos é “o mesmo, ontem, hoje e para sempre”.²

Assim, este livro e esta série falam de como os cristãos lidam com o tempo – como podemos unir o passado, o presente e o futuro em nosso pensar e viver. Temos diante de nós dois desafios principais. O primeiro é a tensão entre o “antes” (passado) e o “agora” (presente), e o segundo é a tensão entre o “agora” (presente) e o “ainda não” (futuro).

A introdução aborda o primeiro problema. É possível honrarmos verdadeiramente o passado e, ao mesmo tempo, vivermos no presente? Podemos preservar intacta a identidade histórica do cristianismo sem nos isolar daqueles que estão ao nosso redor? Podemos comunicar o evangelho de maneiras vibrantes e modernas, mas sem distorcê-lo ou até mesmo destruí-lo? Podemos ser autênticos e puros ao mesmo tempo, ou temos de escolher?

A conclusão aborda o segundo problema: a tensão entre o “agora” e o “ainda não”. Até onde podemos explorar e experimentar tudo o que Deus tem dito e feito por meio de Cristo sem nos desviar para o que ainda não foi revelado ou dado? Como podemos desenvolver um senso adequado de

humildade sobre um futuro que ainda vai se revelar sem nos tornarmos acomodados sobre onde estamos no presente?

Em meio a essas questões sobre as influências do passado e do futuro surge uma investigação sobre as nossas responsabilidades cristãs no presente.

Esta série trata de questões de doutrina e discipulado sob os cinco títulos: “O Evangelho” (o livro que você tem em mãos), “O Discípulo”, “A Bíblia”, “A Igreja” e “O Mundo”, embora eu não faça tentativa alguma de ser sistemático nem, muito menos, exaustivo.

Além da questão do tempo e das relações entre passado, presente e futuro, há um segundo tema que percorre esta série: a necessidade de falarmos menos e escutarmos mais.

Creio que somos chamados à difícil e até dolorosa tarefa da “dupla escuta”. Devemos escutar com atenção (embora, naturalmente, com diferentes graus de respeito) tanto a Palavra antiga como o mundo moderno, a fim de relacionar um ao outro com uma combinação de fidelidade e sensibilidade.

Cada livro desta série é uma tentativa de dupla escuta. É minha firme convicção que, se conseguirmos desenvolver a nossa capacidade de dupla escuta, evitaremos as armadilhas antagônicas da infidelidade e da irrelevância, e seremos verdadeiramente capazes de falar a Palavra de Deus ao mundo de Deus hoje de maneira eficaz.

ADAPTADO DO PREFÁCIO ORIGINAL ESCRITO POR JOHN STOTT EM 1991.

UMA NOTA AO LEITOR

O LIVRO ORIGINAL intitulado *O Cristão Contemporâneo*, no qual este volume e esta série estão baseados, pode não parecer “contemporâneo” para os leitores de hoje, mais de um quarto de século depois. Mas tanto a editora quanto os Executores Literários de John Stott estão convencidos de que as questões abordadas por John Stott neste livro são tão relevantes hoje como eram quando foram abordadas pela primeira vez.

A questão era como tornar esta obra seminal acessível para as novas gerações de leitores. Assim, procuramos fazer isso da seguinte maneira:

- A obra original foi dividida em uma série de volumes menores, levando em conta as cinco principais seções do original.
- Palavras que podem não comunicar ao leitor do século 21 foram atualizadas, ao mesmo tempo em que foi tomado grande cuidado para manter o processo de pensamento e o estilo do autor no original.
- Cada capítulo agora é seguido por perguntas feitas por um autor cristão atual e best-seller, a fim de ajudar a reflexão e a resposta.

Os amantes da obra original expressaram alegria pelo fato de este livro estar sendo disponibilizado de uma forma que amplia o seu alcance e influência em um novo século. Oramos para que você tenha a sua vida enriquecida por esta leitura, pois a vida de muitas pessoas já foi grandemente enriquecida pela edição original.

INTRODUÇÃO DA SÉRIE

O CRISTÃO CONTEMPORÂNEO O ANTES E O AGORA

A EXPRESSÃO “o cristão contemporâneo” atinge muitos como uma contradição em termos. Para muitos, o cristianismo não passa de uma relíquia antiga do passado remoto, irrelevante para as pessoas do mundo de hoje.

O meu propósito nesta série é mostrar que existe algo como “cristianismo contemporâneo” – não algo ultramoderno, mas um cristianismo original, histórico, ortodoxo e bíblico, sensivelmente relacionado com o mundo moderno.

CRISTIANISMO: TANTO HISTÓRICO COMO CONTEMPORÂNEO

Começamos reafirmando que o cristianismo é uma religião histórica. É claro que cada religião surgiu em um contexto histórico particular. O cristianismo, no entanto, faz uma reivindicação especialmente forte de ser histórico, porque repousa não só sobre uma *pessoa* histórica, Jesus de Nazaré, mas em certos *acontecimentos* históricos que o envolveram, especialmente o seu nascimento, morte e ressurreição. Há uma linha comum aqui com o judaísmo, a partir do qual o cristianismo surgiu. O Antigo

Testamento apresenta Deus não só como “o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó”, mas também como o Deus da aliança que ele fez com Abraão e, depois, renovou com Isaque e Jacó. Mais uma vez, ele não é apenas “o Deus de Moisés”, mas também é visto como o Redentor responsável pelo êxodo, que renovou a aliança mais uma vez no monte Sinai.

Os cristãos estão para sempre amarrados pelo coração e pela mente a estes acontecimentos históricos decisivos do passado. A Bíblia constantemente nos encoraja a olhar para eles com gratidão. De fato, Deus deliberadamente providenciou tudo para que o seu povo recordasse as suas ações salvadoras com regularidade. De modo emblemático, a Ceia do Senhor ou Eucaristia nos permite ter em mente a morte expiatória de Cristo, de modo regular, trazendo o passado para o presente.

Mas o problema é que os acontecimentos fundamentais do cristianismo ocorreram há muito tempo. Há alguns anos tive uma conversa com dois irmãos – estudantes que me disseram ter se afastado da fé professada pelos seus pais. Um deles agora era agnóstico, e o outro era ateu. Eu perguntei por quê. Será que eles não acreditavam mais na verdade do cristianismo? Não, o dilema deles não era se o cristianismo era *verdadeiro*, mas se era *relevante*. E como poderia ser? O cristianismo – eles continuaram – era uma religião primitiva da Palestina de muito tempo atrás. Então, o que tinha para oferecer a eles, que viviam no agitado mundo moderno?

Esta visão do cristianismo é generalizada. O mundo mudou dramaticamente desde os dias de Jesus e continua a mudar com uma velocidade cada vez mais desconcertante. As pessoas rejeitam o evangelho não necessariamente porque pensam que ele seja falso, mas porque já não diz nada para elas.

Em resposta a isso, precisamos ser claros sobre a convicção cristã básica de que Deus continua a falar por meio do que ele falou. A sua Palavra não é

um fóssil pré-histórico, mas uma mensagem viva para o mundo contemporâneo. Mesmo admitindo as particularidades históricas da Bíblia e as imensas complexidades do mundo moderno, ainda existe uma correspondência fundamental entre elas. A Palavra de Deus permanece uma lâmpada para os nossos pés e uma luz para o nosso caminho.¹

No entanto, nosso dilema permanece. Será que o cristianismo consegue, ao mesmo tempo, manter a sua identidade autêntica e demonstrar a sua relevância?

O desejo de apresentar Jesus de uma maneira que apele para a nossa própria geração é obviamente certo. Esta foi a preocupação do pastor alemão Dietrich Bonhoeffer enquanto estava na prisão durante a Segunda Guerra Mundial: “O que mais me preocupa”, escreveu ele, “é a questão: [...] ‘quem Cristo realmente é, hoje, para cada um de nós?’”.² É uma questão difícil. Ao responder a ela, a Igreja em todas as gerações tinha tendência a desenvolver imagens de Cristo que se desviam do retrato pintado pelos autores do Novo Testamento.

TENTATIVA DE MODERNIZAR JESUS

Aqui estão algumas das muitas tentativas da Igreja de apresentar um retrato contemporâneo de Cristo, algumas das quais têm sido mais bem-sucedidas do que outras quanto a permanecer fiel ao original.

Penso em primeiro lugar em *Jesus, o asceta*, que inspirou gerações de monges e eremitas. Ele era muito parecido com João Batista, pois também vestia roupas feitas de pelo de camelo, usava sandálias ou até andava descalço e comia gafanhotos com prazer evidente. Mas seria difícil conciliar

este retrato com a crítica dos seus contemporâneos de que ele era um festeiro que vivia “comendo e bebendo”.³

Também havia *Jesus, o pálido galileu*. O imperador apóstata Juliano tentou restabelecer os deuses pagãos de Roma depois que Constantino os substituiu pela adoração a Cristo, e relata-se que ele teria dito o seguinte em seu leito de morte, em 363 depois de Cristo: “Venceste, ó galileu”. Suas palavras foram popularizadas por um poeta do século 19, Swinburne:

Venceste, ó pálido galileu;

O mundo tornou-se cinzento do ar que respiras.

Esta imagem de Jesus foi perpetuada na arte medieval e vitrais, com um halo celeste e uma pele sem cor, olhos levantados para o céu e pés que não tocavam o chão.

Em contraste com as apresentações de Jesus como fraco, sofredor e derrotado, havia *Jesus, o Cristo cósmico*, muito amado pelos líderes da igreja bizantina. Eles o descreveram como o Rei dos reis e Senhor dos senhores, o Criador e governante do universo. No entanto, exaltado acima de todas as coisas, glorificado e reinando, ele parecia distante do mundo real e até mesmo da sua própria humanidade, como foi revelado na encarnação e na cruz.

No extremo oposto do espectro teológico, os deístas do Iluminismo dos séculos 17 e 18, à própria imagem deles, construíram *Jesus, o mestre do senso comum*,⁴ inteiramente humano e nada divino. O exemplo mais dramático é a obra de Thomas Jefferson, presidente dos Estados Unidos de 1801 a 1809. Rejeitando o sobrenatural como algo incompatível com a razão, ele produziu a sua própria edição dos Evangelhos, em que todos os milagres e mistérios

foram sistematicamente eliminados. O que resta ali é um guia para um professor de moral meramente humana.

No século 20, fomos apresentados a uma ampla gama de opções. Duas das mais conhecidas devem sua popularidade a musicais. Há *Jesus, o palhaço de Godspell*, que passa o tempo cantando e dançando, e assim capta algo da alegria de Jesus, mas dificilmente leva a sério a sua missão. Um pouco semelhante é *Jesus Cristo Superstar*, a celebridade desiludida, que uma vez pensou que sabia quem era, mas no Getsêmani já não tinha tanta certeza.

O falecido presidente de Cuba Fidel Castro referiu-se frequentemente a Jesus como “um grande revolucionário”, e houve muitas tentativas de retratá-lo como *Jesus, o lutador da liberdade*, o guerrilheiro urbano, o Che Guevara do primeiro século, com barba negra e olhos brilhantes, cujo gesto mais característico foi derrubar as mesas dos cambistas e expulsá-los do templo com um chicote.

Esses diferentes retratos ilustram a tendência recorrente de atualizar Cristo de acordo com as modas atuais. Isso começou na era apostólica, com a necessidade de Paulo advertir sobre os falsos mestres que pregavam “um Jesus que não é aquele que [nós, os apóstolos] pregamos”.⁵ Cada geração que chega tende a ler para si as suas próprias ideias e esperanças, criando um Jesus à sua própria imagem.

A motivação deles até é certa (pintar um retrato contemporâneo de Jesus), mas o resultado é sempre distorcido (como o retrato não é autêntico). O desafio diante de nós é apresentar Jesus à nossa geração de maneiras ao mesmo tempo precisas e atraentes.

CHAMADO À DUPLA ESCUTA

A principal razão de cada traição ao Jesus autêntico é que prestamos muita atenção às tendências contemporâneas e muito pouca atenção à Palavra de Deus. A sede de relevância torna-se tão exigente que sentimos a necessidade de ceder a ela, custe o que custar. Tornamo-nos escravos da última moda, preparados para sacrificar a verdade no altar da modernidade. A busca da relevância degenera para um desejo de popularidade. No extremo oposto da irrelevância está a acomodação, uma rendição covarde e sem princípios ao *espírito do tempo*.

O povo de Deus vive em um mundo que pode ser ativamente hostil. Estamos constantemente expostos à pressão para nos conformarmos a este mundo.

Graças a Deus, no entanto, que sempre houve aqueles que ficaram firmes, às vezes sozinhos, e se recusaram a ceder. Penso em Jeremias, no sexto século antes de Cristo, Paulo, em sua época (“todos... me abandonaram”),⁶ Atanásio, no século quarto, e Lutero, no século 16.

Em nossos dias, também precisamos decidir apresentar o evangelho bíblico de tal forma a lidar com os dilemas modernos, medos e frustrações, mas com a igual determinação de não comprometê-lo ao fazermos isso. Algumas *pedras de tropeço* são intrínsecas ao evangelho original e não podem ser eliminadas ou empurradas suavemente para torná-lo mais fácil de aceitar. O evangelho contém algumas características tão estranhas ao pensamento moderno que sempre poderá parecer tolo, por mais que nos esforcemos para mostrar que ele é “verdadeiro e de bom senso”.⁷ A cruz será sempre um ataque à autojustiça humana e um desafio à autoindulgência humana. O seu “escândalo” (pedra de tropeço) simplesmente não pode ser removido. A Igreja fala mais autenticamente não quando se torna indistinta do mundo ao nosso redor, mas justamente quando a sua luz distintiva brilha mais.

Por mais que estejamos desejosos de comunicar a Palavra de Deus aos outros, devemos ser fiéis a essa Palavra e, se necessário, estar preparados para sofrer por ela. A palavra de Deus a Ezequiel nos encoraja: “Não tenha medo dessa gente [...] Você lhes falará as minhas palavras, quer ouçam, quer deixem de ouvir, pois são rebeldes”.⁸ Somos chamados para ser fiéis e relevantes, não meramente modernos.

Como, então, podemos desenvolver uma mente cristã que seja moldada pelas verdades do cristianismo histórico e bíblico e, ao mesmo tempo, totalmente imersa nas realidades do mundo contemporâneo? Temos de começar com uma dupla recusa. Nós nos recusamos a ficar tão absorvidos na Palavra, que *fugimos* para ela, que falhamos em deixar que ela confronte o mundo; e nos recusamos a ficar tão absorvidos no mundo, que nos *conformamos* a ele e deixamos de submetê-lo ao julgamento da Palavra.

Em lugar desta dupla recusa, somos chamados à dupla escuta. Precisamos escutar a Palavra de Deus com expectativa e humildade, prontos para Deus talvez nos confrontar com uma palavra que pode ser perturbadora e inesperada. E devemos também escutar o mundo ao nosso redor. As vozes que ouvimos podem assumir a forma de protesto agudo e estridente. Haverá também os gritos angustiados daqueles que estão sofrendo, e a dor, a dúvida, a raiva, a alienação e até mesmo o desespero daqueles que estão em desacordo com Deus. Escutamos a Palavra com humilde reverência, ansiosos para compreendê-la, e resolvemos crer e obedecer ao que passamos a entender. Escutamos o mundo com atenção crítica, ansiosos para compreendê-lo, e resolvemos não necessariamente acreditar e obedecer-lhe, mas simpatizar com ele e procurar graça para descobrir como o evangelho se relaciona com ele.

Todos acham difícil escutar. Mas será que os cristãos, às vezes, têm mais dificuldade para escutar do que os outros? Podemos aprender com os

chamados “consoladores” do livro de Jó, no Antigo Testamento. Eles começaram bem. Quando ouviram falar dos problemas de Jó, foram visitá-lo e, vendo quão grandes eram os seus sofrimentos, nada lhe disseram durante uma semana inteira. Se ao menos tivessem continuado como começaram e mantido a boca fechada! Em vez disso, eles propuseram a sua visão convencional – a visão de que o pecador sofre por causa dos seus próprios pecados – da maneira mais insensível. Eles realmente não escutaram o que Jó tinha a dizer. Eles se limitaram a repetir o seu próprio discurso impensado e sem coração, até que, no final, Deus entrou em cena e os repreendeu por terem deturpado a situação.

Precisamos cultivar essa “dupla escuta”, a capacidade de escutar duas vozes ao mesmo tempo – a voz de Deus por meio da Bíblia e as vozes de homens e mulheres ao nosso redor. Essas vozes muitas vezes se contradizem, mas o nosso propósito ao escutá-las é descobrir como elas se relacionam umas com as outras. A dupla escuta é algo indispensável para o discipulado cristão e para a missão cristã.

Somente por meio desta disciplina de dupla escuta é possível tornar-se um “cristão contemporâneo”. Nós juntamos o “histórico” e o “contemporâneo” enquanto aprendemos a aplicar a Palavra ao mundo, proclamando a boa-nova que é tanto verdadeira como nova.

Para resumir, vivemos no “agora” à luz do que já aconteceu “antes”.

INTRODUÇÃO

O EVANGELHO

O CRISTIANISMO não é uma religião, muito menos uma religião entre tantas outras. Ele é a boa notícia de Deus para o mundo. O evangelho cristão tem uma origem divina (vem de Deus) e uma relevância humana (fala para a nossa condição). Então, antes de fazermos a pergunta: “O que é o evangelho?”, devemos investigar a questão que logicamente a precede: “O que é um ser humano?”

O capítulo 1 (“O paradoxo humano”) é uma tentativa de fazer justiça ao que é ensinado pela Bíblia e endossado pela nossa própria experiência. Veremos a glória e a vergonha da nossa humanidade, a nossa dignidade como criaturas feitas à imagem de Deus e a nossa depravação como pecadores debaixo do seu juízo. O capítulo 2 apresenta o que é tradicionalmente chamado de “salvação” em termos de “Liberdade autêntica”.

Os capítulos 3 e 4 tratam dos temas centrais da morte e ressurreição de Jesus, que garantiram a nossa liberdade. Começo abordando as cinco principais objeções ao evangelho de Cristo crucificado e, em seguida, as tentativas de negar a sua ressurreição corporal. Então argumento que o significado da ressurreição de Jesus, como estabelecido no Novo Testamento, depende da crença tradicional de que ela envolveu a ressurreição e a transformação do seu corpo.

No capítulo 5, olhamos para as implicações mais amplas, tanto para a fé quanto para a vida, da afirmação aparentemente inocente de que Jesus

Cristo é o Senhor. Levar a sério o senhorio de Cristo leva ao discipulado radical.

O PARADOXO HUMANO

O QUE SIGNIFICA SER HUMANO?

Esta questão aparece duas vezes no Antigo Testamento: em Salmos 8.3-4 e Jó 7.17. Nas duas ocasiões o escritor expressa surpresa, até mesmo incredulidade, pelo fato de Deus prestar tanta atenção aos seus seres humanos. Afinal, somos insignificantes quando comparados à vastidão do universo e impuros em contraste com o brilho das estrelas.

Há pelo menos três razões principais pelas quais esta questão é importante.

Pessoalmente falando, perguntar: “O que é a humanidade?” é outra maneira de perguntar: “Quem sou eu?”. Não há campo mais importante para investigação ou pesquisa do que a nossa própria identidade pessoal. Até que tenhamos encontrado a nós mesmos, não podemos alcançar a maturidade pessoal, nem descobrir completamente qualquer outra coisa. “Quem sou eu?” e “Eu tenho alguma significância?” são gritos universais.

Profissionalmente, seja qual for o nosso trabalho, estamos inevitavelmente envolvidos em servir as pessoas. Médicos e enfermeiros têm pacientes; professores, alunos; advogados e assistentes sociais, clientes; membros do governo, eleitores; e vendedores, compradores. Como tratamos os outros em nosso trabalho depende quase inteiramente de como os vemos.

Politicamente, a natureza dos seres humanos é central para qualquer teoria política. Será que os seres humanos têm um valor absoluto pelo qual devem ser respeitados? Ou o seu valor só é relativo para o Estado pelo qual podem ser explorados? Mais simplesmente: as instituições estão a serviço das pessoas ou são as pessoas que estão a serviço das instituições? Como escreveu John S. Whale: “Ideologias [...] são realmente antropologias”; elas são diferentes doutrinas da humanidade.¹ Respostas para a pergunta: “O que é a humanidade?” tendem a ser muito ingênuas no seu otimismo ou, então, muito negativas no seu pessimismo, em se tratando da condição humana.

Humanistas seculares geralmente são otimistas. Embora acreditem que o *Homo sapiens* nada mais é do que o resultado de um processo evolutivo aleatório, eles acreditam que os seres humanos continuam a evoluir, têm potencial ilimitado e um dia assumirão o controle do seu próprio desenvolvimento. Mas tais otimistas não levam suficientemente a sério as falhas morais da humanidade nem o nosso egocentrismo, que constantemente têm minado o progresso e levado à desilusão os reformadores sociais.

Os existencialistas, por outro lado, tendem a ser extremamente pessimistas. Uma vez que não há Deus, dizem eles, não há mais valores, ideais ou padrões. E, embora precisemos de alguma forma encontrar a coragem para ser, a nossa existência não tem sentido nem propósito. Tudo é, em última análise, absurdo. Mas tais pessimistas negligenciam o amor, a alegria, a beleza, a verdade, a esperança, o heroísmo e o sacrifício próprio que enriqueceram a história humana.

Do que precisamos, portanto, para citar J. S. Whale novamente, não é “nem o otimismo fácil do humanista, nem o pessimismo sombrio do cínico, mas o realismo radical da Bíblia”.²

NOSSA DIGNIDADE HUMANA

A Bíblia afirma o valor intrínseco dos seres humanos a partir do primeiro capítulo.

Então disse Deus: “Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança. Domine ele sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os grandes animais de toda a terra e sobre todos os pequenos animais que se movem rente ao chão”.

Criou Deus o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou.

Deus os abençoou e lhes disse: “Sejam férteis e multipliquem-se! Encham e subjuguem a terra! Dominem sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todos os animais que se movem pela terra.”³

Por um longo tempo tem-se debatido sobre o significado da “imagem” ou “semelhança” divina nos seres humanos, e o que é isso que nos distingue dos outros animais. Keith Thomas coletou uma série de sugestões em seu livro *O Homem e o Mundo Natural*.⁴ Ele cita que o ser humano foi descrito por Aristóteles como um animal político, por Thomas Willis como um animal que ri, por Benjamin Franklin como uma animal que fabrica os seus utensílios, por Edmund Burke como um animal religioso, e pelo gourmet James Boswell como um animal que cozinha.⁵ Outros escritores se concentraram em alguma característica física do corpo humano. Platão falou muito da nossa postura ereta, de modo que os animais olham para baixo e apenas os seres humanos olham para o céu. Aristóteles acrescentou a peculiaridade de que apenas os seres humanos são incapazes de mexer as orelhas.⁶ Um médico do século 17 ficou muito impressionado com os nossos

intestinos, com as suas “várias circunvoluções sinuosas, meandros e voltas”, enquanto que no final do século 18 Uvedale Price chamou a atenção para o nosso nariz: “Creio que o homem é o único animal que possui uma saliência pronunciada no meio da face”.⁷

Estudiosos familiarizados com o antigo Egito e a Assíria, no entanto, enfatizam que, nessas culturas, o rei ou o imperador era considerado como a “imagem” de Deus, representando-o na terra, e que os reis tinham imagens de si mesmos erguidas em suas províncias para simbolizar a extensão da sua autoridade. Nesse contexto, o Deus Criador confiou uma espécie de responsabilidade real (ou pelo menos vice-real) a todos os seres humanos, indicando-os para “governar” sobre a terra e suas criaturas, e coroando-os de glória e honra para assim fazê-lo.⁸

No desenrolar da narrativa de Gênesis 1, fica claro que a imagem ou semelhança divina é o que distingue os seres humanos (o clímax da criação) dos animais (cuja criação é registrada anteriormente). Uma continuidade entre seres humanos e animais está implícita. Por exemplo, eles compartilham o “fôlego de vida”⁹ e a responsabilidade de se multiplicar.¹⁰ Mas há também uma descontinuidade radical entre eles, no fato de que apenas os seres humanos são mencionados como sendo “semelhantes a Deus”. Esta ênfase na distinção única entre seres humanos e animais continua aparecendo ao longo das Escrituras. O argumento assume duas formas. Devemos ter vergonha quando os seres humanos se comportam como animais, descendo ao seu nível, e também quando os animais se comportam como seres humanos, fazendo algo melhor por instinto do que nós fazemos por escolha. Como um exemplo do primeiro caso, uma pessoa não deve agir como alguém “insensato e ignorante” e se comportar como “um animal irracional”, ou “como o cavalo ou o burro, que não têm entendimento”.¹¹ Como exemplo do segundo caso, somos repreendidos ao

notar que bois e jumentos são melhores em reconhecer o seu senhor do que nós,¹² que as aves migratórias são melhores em voltar para casa depois de ir embora¹³ e que as formigas são mais laboriosas e fazem melhor provisão para o futuro.¹⁴

Voltando aos primeiros capítulos do Gênesis, toda a tratativa de Deus com Adão e Eva pressupõe a singularidade deles entre as criaturas. A forma como Deus se dirige a eles pressupõe que eles podem entender. Ele lhes diz quais frutas podem ou não podem comer, tendo por certa a capacidade de discernir entre uma permissão e uma proibição e, então, escolher entre elas. Deus plantou o jardim e depois colocou Adão ali para trabalhar e cuidar dele,¹⁵ iniciando assim uma parceria consciente e responsável entre eles no cultivo do solo. Deus os criou homem e mulher, declarou que a solidão não era boa, instituiu o casamento para o cumprimento do amor entre eles e abençoou aquela união. Deus também “andava pelo jardim quando soprava a brisa do dia”, desejando a companhia deles, que se perdeu quando eles se esconderam.¹⁶ Não causa surpresa, portanto, que estes cinco privilégios (compreensão, escolha moral, criatividade, amor e comunhão com Deus) são todos regularmente mencionados nas Escrituras e continuam a ser reconhecidos no mundo contemporâneo como sendo a distinção singular da nossa “humanidade”.

Para começar, há *a nossa racionalidade autoconsciente*. Não significa apenas que nós, como seres humanos, somos capazes de pensar e raciocinar. Hoje se fala muito de inteligência artificial. E é verdade que os computadores podem processar grandes quantidades de dados muito mais rapidamente do que nós. Eles têm uma forma de memória (podem armazenar informações) e uma forma de fala (podem comunicar suas descobertas). Mas ainda há uma coisa (graças a Deus!) que não podem fazer. Eles não podem dar origem a novos pensamentos: só podem “pensar” a

partir daquilo com que são alimentados. Os seres humanos, no entanto, são pensadores originais. Mais do que isso. Podemos fazer o que nós (autor e leitor) estamos fazendo neste exato momento: podemos ficar fora de nós mesmos, olhar para nós e nos avaliar, perguntando-nos quem e o que somos. Somos autoconscientes e podemos ser autocríticos. Também somos inquietos e curiosos sobre o universo. É verdade, como um cientista disse a outro: “Astronomicamente falando, o homem é infinitesimalmente pequeno.” “Isso mesmo”, respondeu o seu colega, “mas depois, astronomicamente falando, o homem é o astrônomo.”

Em seguida, há *a nossa capacidade de fazer escolhas morais*. Os seres humanos são seres morais. É verdade que a nossa consciência reflete a nossa educação e cultura e, portanto, é falível. No entanto, permanece em guarda dentro de nós, como uma sentinela, alertando-nos de que há uma diferença entre o certo e o errado. É também mais do que uma voz interior. Representa uma ordem moral fora e acima de nós, à qual sentimos uma obrigação. Temos uma forte necessidade de fazer o que percebemos ser certo e sentimentos de culpa quando fazemos o que acreditamos ser errado. Todo o nosso vocabulário moral (ordens e proibições, valores e escolhas, obrigações, consciência, liberdade e vontade, certo e errado, culpa e vergonha) não faz sentido para os animais. É verdade que até podemos treinar o nosso cão para saber o que é permitido e o que é proibido. E, quando ele desobedece e se encolhe, agindo por reflexo, podemos descrever o animal como parecendo “culpado”. Mas ele não tem sentimento de culpa; apenas sabe que vai ser punido.

Em terceiro lugar, existem *os nossos poderes de criatividade artística*. Deus nos chama a uma administração responsável do ambiente natural e a uma parceria com ele mesmo para subjugar e desenvolver esse ambiente visando ao bem comum, mas ele nos deu também habilidades inovadoras por meio

da ciência e da arte para fazê-lo. Somos “criaturas criativas”. Isto é, como criaturas, somos dependentes do nosso Criador. Mas, tendo sido criados à semelhança do nosso Criador, recebemos dele o desejo e a capacidade de também sermos criadores. Então desenhamos e pintamos, construímos e esculpimos, sonhamos e dançamos, escrevemos poesia e fazemos música. Somos capazes de apreciar o que é belo aos olhos, ao ouvido e ao toque.

Em seguida, há *a nossa capacidade de relacionamentos de amor*. Deus disse: “Façamos o homem à nossa imagem [...] Criou Deus o homem à sua imagem [...] homem e mulher os criou”. Embora devamos ter o cuidado de não deduzir deste texto mais do que ele realmente diz, é certamente legítimo dizer que a pluralidade dentro do Criador (“Façamos o homem”) foi expressa na pluralidade de suas criaturas (“homem e mulher os criou”). Isso ficou ainda mais claro quando Jesus orou por seu próprio povo “para que todos sejam um, Pai, como tu estás em mim e eu em ti”.¹⁷ E esta unidade de amor é única para os seres humanos. Claro, todos os animais acasalam, muitos formam pares fortes, a maioria cuida de seus filhotes e alguns vivem em bandos. Mas o amor que une os seres humanos é mais do que um instinto, é mais do que um distúrbio nas glândulas endócrinas. Esse amor tem inspirado a arte mais criativa, o heroísmo mais nobre, a mais alta devoção. O próprio Deus é amor, e as nossas experiências de amor são um reflexo essencial da nossa semelhança com ele.

Em quinto lugar, há *a nossa sede insaciável por Deus*. Todos os seres humanos estão conscientes de uma realidade pessoal suprema, a quem buscamos e em relação a quem somente sabemos que encontraremos nossa realização humana. Mesmo quando estamos fugindo de Deus, instintivamente sabemos que não temos outro lugar de descanso, nenhum outro lar. Sem ele estamos perdidos, como mendigos e abandonados. Nossa maior reivindicação à nobreza é a nossa capacidade criada de conhecer a

Deus, de estar em um relacionamento pessoal com ele, de amá-lo e de adorá-lo. De fato, somos verdadeiramente humanos quando estamos de joelhos perante o nosso Criador.

É nessas coisas, então, que está a nossa humanidade distintiva, em nossas capacidades dadas por Deus de pensar, escolher, criar, amar e adorar. “No animal”, em contraste com essa ideia, como escreveu Emil Brunner, “não vemos nem o menor começo de uma tendência a buscar a verdade por causa da verdade, a moldar a beleza por causa da beleza, a promover a justiça por causa da justiça, a reverenciar o Santo por causa de sua santidade [...] O animal nada sabe ‘acima’ de sua esfera imediata de existência, nada pelo qual mede ou testa sua existência [...] A diferença entre homem e animal equivale a toda uma dimensão da existência”.¹⁸

Não é de admirar que Shakespeare tenha feito Hamlet irromper em seu elogio fúnebre: “Que obra de arte é um Homem! Quão nobre na razão! Quão infinito na faculdade! Em ação, quão parecido a um anjo! Em apreensão, quão parecido a um deus! A beleza do mundo! O modelo dos animais!”.¹⁹

Quem me dera poder parar aí e vivermos o resto da nossa vida a brilhar com uma autoestima pura! Mas, infelizmente, há outro lado mais sombrio da nossa humanidade, do qual todos estamos bem conscientes e para o qual o próprio Jesus chamou a nossa atenção.

NOSSA DEPRAVAÇÃO HUMANA

Jesus disse certa vez:

Ouçam-me todos e entendam isto: há nada fora do homem que, nele entrando, possa torná-lo impuro. Ao contrário, o que sai do homem é que o torna impuro [...] Pois do interior do coração dos homens vêm os maus pensamentos, as imoralidades sexuais, os roubos, os homicídios, os adultérios, as cobiças, as maldades, o engano, a devassidão, a inveja, a calúnia, a arrogância e a insensatez. Todos esses males vêm de dentro e tornam o homem impuro.²⁰

Jesus não ensinou a bondade fundamental da natureza humana. Ele, sem dúvida, acreditava na verdade do Antigo Testamento de que os seres humanos, homem e mulher, foram feitos à imagem de Deus, mas ele acreditava também que esta imagem tinha sido manchada. Ele ensinou o valor do ser humano, e fez isso dedicando a sua vida a servir a humanidade, mas também ensinou a nossa indignidade. Ele não negou que podemos dar “boas coisas” aos outros, mas também acrescentou que, ao fazer o bem, não escapamos da designação de “maus”.²¹ E, nestes versículos, ele fez afirmações importantes sobre a extensão, a natureza, a origem e o efeito do mal nos seres humanos.

Primeiro, ele ensinou *a extensão universal da maldade humana*. Ele não estava retratando o segmento criminoso da sociedade nem algum indivíduo ou grupo particularmente degradado. Pelo contrário, ele conversava com fariseus refinados, justos e religiosos. Na verdade, muitas vezes as pessoas mais íntegras são as que estão mais conscientes da sua própria degradação. Tomemos, por exemplo, Dag Hammarskjöld, secretário-geral das Nações Unidas de 1953 a 1961, um funcionário público profundamente comprometido que foi descrito por W. H. Auden como “um homem grandioso, bom e amável”. No entanto, sua visão de si mesmo era muito diferente. Em sua coleção de peças autobiográficas intituladas *Marcas*, ele

escreveu sobre “essa contraposição sombria do mal em nossa natureza”, de modo que até mesmo fazemos do nosso serviço aos outros “o fundamento para a nossa própria autoestima de preservação de vida”.²²

Segundo, Jesus ensinou *a natureza egocêntrica da maldade humana*. Em Marcos 7 ele listou treze exemplos. O que é comum a todos eles é que cada um é uma declaração do eu contra o próximo (assassinato, adultério, roubo, falso testemunho e cobiça – violações da segunda metade dos Dez Mandamentos – estão todos incluídos) ou contra Deus (“arrogância e insensatez”, que o Antigo Testamento define como negações da soberania de Deus e até mesmo de sua existência). Jesus resumiu os Dez Mandamentos em termos de amor a Deus e ao próximo, e cada pecado é uma forma de revolta egoísta contra a autoridade de Deus ou o bem-estar do nosso próximo.

Terceiro, Jesus ensinou *a origem interna da maldade humana*. Sua fonte não é encontrada em um ambiente ruim ou uma educação falha (embora ambos possam ter uma forte influência condicionadora em jovens impressionáveis). Em vez disso, sua fonte deve ser rastreada até o nosso “coração”, a nossa natureza herdada e distorcida. Pode-se quase dizer que Jesus nos apresentou ao freudismo antes mesmo de Freud. Pelo menos o que ele chamou de “coração” equivale aproximadamente ao que Freud chamou de “inconsciente”. Assemelha-se a um poço muito profundo. O grosso depósito de lama no fundo é geralmente invisível e até mesmo insuspeito. Mas quando as águas do poço são agitadas pelos ventos da emoção violenta, a sujeira mais maléfica e malcheirosa borbulha das profundezas e rompe a superfície – raiva, ódio, luxúria, crueldade, ciúme e vingança. Em nossos momentos mais sensíveis ficamos estarecidos com nosso potencial para o mal. Remédios superficiais simplesmente não servem.

Quarto, Jesus falou do *efeito contaminante da maldade humana*. “Todos esses males vêm de dentro”, disse ele, “e tornam uma pessoa impura”.²³ Os fariseus consideravam que a contaminação era em grande parte externa e cerimonial. Preocupavam-se com alimentos limpos, mãos limpas e copos limpos. Mas Jesus insistiu que a contaminação é interna e moral. O que nos torna impuros aos olhos de Deus não é o alimento que entra em nós (no nosso estômago), mas o mal que sai de nós (do nosso coração).

Todos aqueles que tiveram um vislumbre momentâneo da santidade de Deus foram incapazes de suportar a visão, de tão chocados que ficaram com a sua própria impureza contrastante. Moisés escondeu o rosto, com medo de olhar para Deus. Isaías clamou em horror por sua própria impureza e perdição. Ezequiel ficou deslumbrado, quase cego, pela visão da glória de Deus, e caiu com o rosto no chão.²⁴ Quanto a nós, mesmo que nunca tenhamos vislumbrado o esplendor do Deus todo-poderoso como esses homens, sabemos que não somos capazes de entrar na sua presença no tempo ou na eternidade.

Ao dizer isto, não nos esquecemos da nossa dignidade humana. Contudo, devemos fazer justiça à própria avaliação de Jesus sobre o mal na nossa condição humana:

- É universal (está em cada ser humano sem exceção).
- É egocêntrico (é uma revolta contra Deus e o próximo).
- É interior (emana do nosso coração, nossa natureza decaída).
- É contaminante (torna-nos impuros e, portanto, impróprios para Deus).

Nós, que fomos feitos por Deus à semelhança de Deus, somos desqualificados para viver com Deus.

O PARADOXO RESULTANTE

Eis, pois, o paradoxo da nossa humanidade: a nossa dignidade e a nossa depravação. Somos capazes tanto da mais alta nobreza como da mais vil crueldade. Em um momento podemos nos comportar como Deus, a cuja imagem fomos feitos, e no outro nos comportamos como os animais, de quem fomos feitos para ser completamente distintos. Os seres humanos são os inventores de hospitais para o cuidado dos doentes, universidades para a aquisição de conhecimento, governos para liderar o povo com justiça e igrejas para a adoração a Deus. Mas eles são também os inventores de câmaras de tortura, campos de concentração e arsenais nucleares. Um paradoxo estranho e desconcertante! Nobre e ignóbil, racional e irracional, moral e imoral, semelhante a Deus e bestial! Como C. S. Lewis disse por meio de Aslan, “Descende de Adão e Eva. É honra suficientemente grande para que o mendigo mais miserável possa andar de cabeça erguida, e também vergonha suficientemente grande para fazer vergar os ombros do maior imperador da Terra.”²⁵

Não conheço descrição mais eloquente do paradoxo humano do que a que foi dada por Richard Holloway:

Eu sou pó e cinzas, frágil e rebelde [...] repleto de medos, cercado de necessidades... a quintessência do pó, e ao pó voltarei [...] Mas há algo mais em mim [...] Posso ser pó, mas pó perturbado, pó que sonha, pó que tem estranhas premonições de transfiguração, de uma glória guardada, um destino preparado, uma herança que um dia será minha [...] Sou um enigma para mim mesmo, um enigma exasperante [...] esta estranha dualidade de pó e glória.²⁶

Diante do horror de sua própria dicotomia, algumas pessoas são tolas o suficiente para imaginar que podem resolver seus próprios problemas, banindo o mal e libertando o bem dentro de si. A expressão clássica da nossa ambivalência humana e das nossas esperanças de autossalvação foi dada por Robert Louis Stevenson em seu famoso conto *O estranho caso do Dr. Jekyll e Sr. Hyde* (1886). Henry Jekyll era um médico rico e respeitável, inclinado à religião e à filantropia. Mas estava consciente de que a sua personalidade tinha outro lado, mais sombrio, de modo que estava “comprometido com uma profunda duplicidade de vida”. Ele descobriu que “o homem não é verdadeiramente um, mas verdadeiramente dois”. Ele começou a sonhar em resolver o problema de sua dualidade, garantindo que ambos os lados de seu personagem estivessem “alojados em identidades separadas”, o injusto seguindo um caminho, e o justo, o outro. Então ele desenvolveu uma droga pela qual poderia assumir o corpo deformado e a personalidade maligna do Sr. Hyde, seu alter ego, por meio de quem dava vazão às suas paixões – ódio, violência, blasfêmia e até assassinato.

No início, o Dr. Jekyll controlava as suas transformações e gabava-se de que, no momento que quisesse, poderia livrar-se do Sr. Hyde para sempre. Mas gradualmente Hyde foi ficando mais forte que Jekyll, até que este começou a se transformar em Hyde involuntariamente, e só com grande esforço conseguia retomar sua existência como Jekyll. “Eu estava lentamente perdendo o controle do meu ser original e melhor, e lentamente ia me incorporando ao meu segundo e pior ser.” Finalmente, alguns momentos antes de ser revelado e preso, ele cometeu suicídio. A verdade é que cada Jekyll tem o seu Hyde, que não consegue controlar e que ameaça tomar conta dele.

Este paradoxo contínuo da nossa humanidade lança muita luz sobre a nossa vida privada e pública. Vou dar um exemplo de cada um.

Começo com a *redenção pessoal*. Visto que o mal está tão profundamente entrincheirado dentro de nós, somos totalmente incapazes de nos salvar. Então nossa necessidade mais urgente é a redenção. Precisamos de um novo começo na vida que nos ofereça uma limpeza da sujeira do pecado e um coração novo, até mesmo uma nova criação, com novas perspectivas, novas ambições e novos poderes. E, como fomos feitos à imagem de Deus, tal redenção é possível. Nenhum ser humano é irremediável. Porque Deus veio até nós em Jesus Cristo e nos perseguiu até a desolada agonia da cruz. Ali ele tomou nosso lugar, suportou nosso pecado e morreu nossa morte para que pudéssemos ser perdoados. Então ele se levantou, subiu ao céu e enviou o Espírito Santo, que é capaz de entrar em nossa personalidade e nos mudar, começando de dentro. Se há alguma notícia melhor para a raça humana do que esta, eu nunca a ouvi.

Meu segundo exemplo da nossa situação humana paradoxal diz respeito ao *progresso social*. O fato de as pessoas – mesmo pessoas muito degradadas – reterem vestígios da imagem divina, à qual foram criadas, é evidente. É por isso que, em geral, todos os seres humanos preferem a justiça à injustiça, a liberdade à opressão, o amor ao ódio, a paz à violência. Essa observação diária levanta nossas esperanças para a mudança social. A maioria das pessoas acalenta visões de um mundo melhor. O fato complementar, no entanto, é que os seres humanos estão “distorcidos pelo egocentrismo” (como ex-arcebispo da Cantuária, Michael Ramsey, costumava definir o pecado original), e isso coloca limites para as nossas expectativas. Os seguidores de Jesus são realistas, não utópicos. É possível melhorar a sociedade, mas a sociedade perfeita, “o lar da justiça”,²⁷ espera o retorno de Jesus Cristo.



PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

por Tim Chester

1. Você tende a ser otimista ou pessimista em relação às outras pessoas?
2. O que você vê atualmente que reflete a dignidade dos seres humanos? O que você vê atualmente que reflete a depravação dos seres humanos?
3. John Stott enumera cinco características da dignidade humana: nossa racionalidade autoconsciente, nossa capacidade de fazer escolhas morais, nossos poderes de criatividade artística, nossa capacidade de relacionamentos de amor e nossa sede insaciável de Deus. Para cada uma dessas cinco características, identifique algo que você pode fazer que lhe permita ser mais plenamente humano.
4. Como as nossas semelhanças e diferenças em relação aos animais deveriam moldar a forma como os tratamos?
5. Como o paradoxo da dignidade humana e da depravação humana deveria afetar nossa abordagem em relação à política? O que acontece se ignoramos a dignidade humana? O que acontece se ignorarmos a depravação humana?
6. O que o paradoxo da dignidade humana e da depravação humana sugere ser a maior necessidade da raça humana?

LIBERDADE AUTÊNTICA

UMA DAS MELHORES maneiras de compartilhar o evangelho hoje é apresentá-lo em termos de liberdade. Pelo menos três argumentos podem ser usados.

Em primeiro lugar, a liberdade é um tema extremamente atraente. Há uma desconfiança generalizada da autoridade, da tradição e das instituições da nossa cultura, vista como sinônimo de uma busca de liberdade em âmbito mundial. Muitos estão obcecados com tal liberdade e gastam a vida em busca dela. Para alguns se trata da liberdade nacional, a emancipação do domínio externo. Para outros, são os direitos civis, pois protestam contra a discriminação étnica, sexual ou de gênero. No entanto, outros estão preocupados com a busca da liberdade econômica, a liberdade da fome, da pobreza e do desemprego. Ao mesmo tempo, todos estamos preocupados com a nossa liberdade pessoal. Mesmo aqueles que fazem campanha mais vigorosamente pelas outras liberdades que mencionei (nacionais, civis e econômicas) muitas vezes sabem que eles mesmos não estão libertos. Nem sempre podem dar nomes às tiranias que os oprimem. No entanto, sentem-se frustrados, insatisfeitos e não livres.

John Fowles, autor de *A Mulher do Tenente Francês*, livro que foi transformado em um filme estrelado por Meryl Streep e Jeremy Irons, ouviu a seguinte pergunta durante uma entrevista: “Existe uma imagem particular do mundo que você gostaria de desenvolver em sua escrita? Algo que continua sendo importante para você?”. “Liberdade, sim”, John Fowles

respondeu. “Como você alcança a liberdade. Isso me obceca. Todos os meus livros são sobre isso.”¹

Em segundo lugar, “liberdade” é uma grande palavra cristã. Jesus Cristo é retratado no Novo Testamento como o libertador supremo do mundo. “O Espírito do Senhor está sobre mim”, afirmou ele, aplicando uma profecia do Antigo Testamento a si mesmo, “porque ele me ungiu para pregar boas-novas aos pobres. Ele me enviou para proclamar liberdade aos presos e recuperação da vista aos cegos, para libertar os oprimidos e proclamar o ano da graça do Senhor”.² Se Jesus pretendia que os pobres, os presos, os cegos e os oprimidos fossem entendidos como categorias materiais ou espirituais – ou ambas (a questão continua a ser muito debatida) –, a boa-nova que ele proclamou para eles foi certamente “liberdade” ou “livramento”. Mais tarde, em seu ministério público, acrescentou a promessa: “Se o Filho os libertar, vocês de fato serão livres.”³ Então o apóstolo Paulo se tornou o paladino da liberdade cristã e escreveu: “Foi para a liberdade que Cristo nos libertou. Portanto, permaneçam firmes e não se deixem submeter novamente a um jugo de escravidão”.⁴ Para aqueles que pensam que “salvação” não passa de um jargão religioso sem sentido, e até mesmo um constrangimento, “liberdade” é um excelente substituto. Ser salvo por Jesus Cristo é ser libertado.

Terceiro, a liberdade é muito mal-entendida. Mesmo aqueles que falam mais alto e por mais tempo sobre liberdade nem sempre param para definir o que estão falando. Um exemplo notável é o orador marxista que discursava eloquentemente na esquina sobre a liberdade que todos nós apreciaríamos após a revolução. “Quando tivermos liberdade”, gritava, “todos poderão fumar charutos como esse”, apontando para um cavalheiro opulento que passava.

“Prefiro o meu cigarro”, gritou um provocador.

“Quando tivermos liberdade”, continuou o marxista, ignorando a interrupção e falando ainda mais acaloradamente sobre o tema, “todos poderão dirigir carros como esse”, apontando para uma suntuosa Mercedes que passava.

“Eu prefiro a minha moto”, gritou o provocador.

E assim o diálogo continuou, até que o marxista não conseguiu mais suportar aquele que o atormentava. Virando-se para ele, disse: “Quando tivermos liberdade, você vai fazer o que lhe mandarem”.

O NEGATIVO: LIBERDADE *DE*

Então, o que é liberdade? Uma verdadeira definição está fadada a começar negativamente. Temos de identificar as forças que nos tiranizam e assim inibem nossa liberdade. Só então poderemos compreender como Cristo é capaz de nos libertar.

Primeiro, Jesus Cristo nos oferece *liberdade da culpa*. Devemos agradecer a reação contra a insistência de Freud de que os sentimentos de culpa são patológicos, sintomas de doença mental. Alguns são, sem dúvida, especialmente em certos tipos de depressão, mas nem toda culpa é falsa culpa. Pelo contrário, um número crescente de psicólogos e psicoterapeutas contemporâneos, mesmo que não sejam cristãos, estão nos dizendo que devemos levar a sério as nossas responsabilidades. O falecido doutor Hobart Mowrer, da Universidade de Illinois, por exemplo, entendia a vida humana em termos contratuais e via o pecado como uma quebra de contrato para a qual uma restituição deve ser feita. Certamente, a Bíblia sempre enfatizou tanto nossas obrigações como seres humanos quanto nossa incapacidade de cumpri-las. Em particular, temos colocado a nós mesmos contra o amor e a

autoridade de Deus e contra o bem-estar do próximo. Para usar uma linguagem cristã simples, não somos apenas pecadores, mas pecadores culpados, e nossa consciência confirma isso. Segundo uma das piadas de Mark Twain: “O homem é o único animal que fica corado – ou que precisa ficar”.⁵

Ninguém é livre se não for perdoado. Se eu não tivesse certeza da misericórdia e do perdão de Deus, não poderia olhar para você na cara, nem para Deus (o mais importante). Eu preferiria fugir e me esconder, como Adão e Eva fizeram no jardim do Éden. O “acobertamento” não começou com políticos contemporâneos, mas no Éden. Eu certamente não seria livre. Não muito tempo antes de morrer, em um momento de surpreendente franqueza na televisão, Marghanita Laski, conhecida humanista secular e romancista, disse: “O que mais invejo em vocês cristãos é o seu perdão; não tenho ninguém para me perdoar”.

“Mas”, como os cristãos querem gritar dos telhados, ecoando o salmista, “em Deus está o perdão”.⁶ Porque, em seu amor pelos pecadores como nós, Deus entrou em nosso mundo na pessoa de seu Filho. Tendo vivido uma vida de justiça perfeita, ele se identificou na sua morte com a nossa injustiça. Ele levou o nosso pecado, a nossa culpa, a nossa morte em nosso lugar, a fim de que pudéssemos ser perdoados.

Assim, liberdade começa com perdão. Lembro-me de um estudante universitário que tinha sido criado no espiritismo e que, um dia, foi levado para uma reunião cristã, onde ouviu o evangelho. No fim de semana seguinte, a batalha por sua alma começou de verdade, até que (como escreveu mais tarde) ele gritou em desespero para que Jesus Cristo o salvasse. Então, disse, “ele realmente veio a mim. Eu senti um amor real e verdadeiro. Eu não consigo descrever isso. Foi só pura beleza e serenidade. E apesar do fato de não saber nada sobre a salvação e o pecado, e nem sequer

saber o que eles queriam dizer, eu só *sabia* que estava perdoado [...] Eu estava incrivelmente feliz”.

Segundo, Jesus Cristo nos oferece *liberdade de nós mesmos*. Certa vez, falando com alguns judeus que haviam crido nele, Jesus disse: “Se vocês permanecerem firmes na minha palavra, verdadeiramente serão meus discípulos. E conhecerão a verdade, e a verdade os libertará”. Eles estavam indignados. Como Jesus ousava dizer que eles precisavam ser libertados? “Somos descendentes de Abraão”, disseram, “e nunca fomos escravos de ninguém. Como você pode dizer que seremos livres?”

Jesus respondeu: “Digo a vocês a verdade: Todo aquele que vive pecando é escravo do pecado”.⁷

Então, se a culpa é a primeira escravidão da qual precisamos ser libertados, o pecado é a segunda. O que isso significa? Tal como “salvação”, “pecado” é uma palavra que pertence ao vocabulário tradicional dos cristãos. “Eu não sou um pecador”, as pessoas costumam dizer, porque parecem associar o pecado com delitos específicos e bastante espetaculares, como assassinato, adultério e roubo. Mas o pecado tem uma conotação muito mais ampla do que isso. Lembro-me da revelação que foi para mim aprender que, para a Bíblia, “pecado” é primariamente egocentrismo. Afinal, os dois grandes mandamentos de Deus são, em primeiro lugar, que o amemos com todo o nosso ser, e, em segundo lugar, que amemos o nosso próximo como a nós mesmos. O pecado, então, é a inversão desta ordem. É colocar-nos em primeiro lugar, proclamando a nossa própria autonomia. Colocamos o próximo logo depois, quando nos convém, e deixamos Deus em algum lugar mais para o fim da fila.

O fato de que o egocentrismo é comum a toda experiência humana é evidente a partir da rica variedade de palavras em nosso vocabulário que são compostas com os termos “auto” ou “ego”. Há mais de cinquenta que têm um

significado pejorativo – palavras como autoadmiração, autocontemplação, autoafirmação, autopromoção, autoindulgência, autossatisfação, autoglorificação, autocomiseração, autossuficiência.

O nosso egocentrismo (ou “autocentrismo”) é uma tirania terrível. Malcolm Muggeridge costumava falar da “pequena masmorra escura do meu próprio ego”. E que masmorra escura! Estar absortos em nossas próprias preocupações e ambições egoístas, sem levar em conta nem a glória de Deus nem o bem dos outros, é estar confinados nas prisões mais apertadas e insalubres.

No entanto, Jesus Cristo, que ressuscitou dos mortos e está vivo, pode nos libertar. Podemos conhecer “o poder da sua ressurreição”.⁸ Ou, para colocar a mesma verdade em palavras diferentes, o Jesus vivo pode entrar em nossa personalidade pelo seu Espírito e nos transformar de dentro para fora. É claro que os cristãos não vão reivindicar ser perfeitos, mas, pelo poder do Espírito de Cristo que habita em nós, ao menos começamos a experimentar uma transformação do ‘eu’ para o ‘não eu’. Nossa personalidade anteriormente fechada está começando a se abrir para Cristo, como uma flor abrindo-se para o calor do sol.

Terceiro, Jesus Cristo nos oferece *liberdade do medo*. O mundo antigo ao qual ele veio vivia sob o medo dos poderes que habitavam as estrelas, como se acreditava. Ainda hoje, os adeptos de religiões tradicionais são assombrados por espíritos maus que precisam ser aplacados. A vida das pessoas modernas também é ofuscada pelo medo. Há aqueles medos comuns que sempre atormentaram os seres humanos – o medo da doença, do luto, da velhice e da morte, juntamente com o medo do desconhecido, do oculto e de desastres ambientais. A maioria de nós também sofreu, por vezes, com medos irracionais. É extraordinário quantas pessoas estudadas alimentam medos supersticiosos: batem na madeira, cruzam os dedos,

carregam amuletos e evitam o número treze, acreditando que é o número do azar. Muitos prédios de hotéis nos Estados Unidos não têm décimo terceiro andar. Enquanto o elevador sobe, os números saltam de 12 para 14. As pessoas são muito supersticiosas para dormir no décimo terceiro andar, mas nem percebem que ainda é o décimo terceiro, mesmo se você chamá-lo de décimo quarto! Na Inglaterra há mais adultos que leem o horóscopo a cada semana do que leem a Bíblia.

Todo medo traz uma medida de paralisia. Ninguém que tem medo é livre. Além disso, o medo é como fungo: cresce mais rapidamente no escuro. É essencial, portanto, trazer os nossos medos à luz e olhá-los, especialmente à luz da vitória e da supremacia de Jesus Cristo. Pois aquele que morreu e ressuscitou também foi exaltado à mão direita de seu Pai, e “colocou todas as coisas debaixo de seus pés”.² Onde estão, pois, as coisas que antes temíamos? Estão debaixo dos pés do Cristo triunfante. É quando as vemos lá que o poder aterrorizante delas é quebrado.

Um jovem professor africano ilustrou certa vez que o medo e a liberdade são mutuamente incompatíveis. Nós estávamos discutindo a necessidade de que os cristãos tivessem um interesse maior na história natural como sendo criação de Deus. “Antes de me tornar cristão”, respondeu ele, “eu tinha medo de muitas coisas, especialmente de cobras. Mas agora eu acho difícil matar uma, porque gosto de vê-las. Agradeço a Deus porque agora eu sou realmente livre.”

O POSITIVO: LIBERDADE PARA

Até agora, ligamos as tiranias que impedem a nossa liberdade aos três grandes acontecimentos na experiência de Jesus Cristo: sua morte,

ressurreição e exaltação. Há liberdade da culpa porque ele morreu por nós, liberdade do eu porque podemos viver no poder da sua ressurreição, e liberdade do medo porque ele reina, tendo todas as coisas debaixo de seus pés.

No entanto, é um erro grave definir a liberdade em termos inteiramente negativos, mesmo que os dicionários cometam esse engano. De acordo com um, a liberdade é “a ausência de obstáculos, restrições, confinamento, repressão”, enquanto, de acordo com outro, ser livre é ser “não escravizado, não preso, não restrito, não reprimido, não impedido”. Cada negativo, no entanto, tem sua contrapartida positiva. O verdadeiro grito de liberdade não é apenas o resgate de alguma tirania, mas também a liberdade de viver uma vida plena e significativa. Quando um país é libertado de uma ditadura, fica livre para desenvolver uma nova identidade nacional. Quando a imprensa não está sob o controle governamental e a censura, fica livre para publicar a verdade. Quando uma minoria é libertada da discriminação, fica livre para desfrutar de respeito próprio e dignidade. Porque é a condição de nação que é negada quando um país não é livre, a verdade é negada quando a imprensa não é livre e o respeito próprio é negado quando uma minoria não é livre.

Qual é, então, a liberdade positiva do ser humano? Michael Ramsey, um ex-arcebispo da Cantuária, certa vez pregou uma série de quatro sermões, que foram publicados sob o título *Liberdade, Fé e o Futuro*. No primeiro, ele fez a pergunta: “Sabemos *do que* queremos libertar os homens. Mas sabemos *para que* queremos libertar os homens?”. Ele respondeu à sua própria pergunta. Nossa luta por essas liberdades “que mais palpavelmente agitam nossos sentimentos” (por exemplo, liberdade de perseguição, de prisão arbitrária, de fome incapacitante e de pobreza) sempre deveria ser “no contexto da questão mais radical e revolucionária de libertar o homem de si e para a glória de Deus”.¹⁰

Esta é a questão – para que somos libertados por Cristo – que precisamos perseguir. O princípio é este: *a verdadeira liberdade é a liberdade de sermos nós mesmos, tal como Deus nos fez e queria que fôssemos*. Como é que este princípio pode ser aplicado?

Devemos começar com o próprio Deus. Você já pensou que Deus é o único ser que desfruta de perfeita liberdade? Você poderia argumentar que ele não é livre, pois sua liberdade certamente não é absoluta no sentido de que pode fazer absolutamente qualquer coisa. A própria Escritura nos diz que ele não pode mentir, tentar ou ser tentado, nem tolerar o mal.¹¹ No entanto, a liberdade de Deus é perfeita no sentido de que ele é livre para fazer absolutamente qualquer coisa que ele queira fazer. A liberdade de Deus é liberdade para ser sempre ele mesmo por completo. Não há nada arbitrário, mal-humorado, caprichoso ou imprevisível sobre ele. Ele é constante, firme, imutável. Na verdade, a principal coisa que a Escritura diz que Deus “não pode” (não pode porque ele não quer) é contradizer a si mesmo. “Ele não pode negar-se a si mesmo”.¹² Fazer isso não seria liberdade, mas autodestruição. Deus encontra sua liberdade em ser ele mesmo, seu verdadeiro eu.

O que é verdade sobre Deus, o Criador, também é verdade em relação a todas as coisas e seres criados. Liberdade absoluta, liberdade ilimitada, é uma ilusão. Se é impossível para Deus (o que é), é certamente impossível para a criação de Deus. A liberdade de Deus é a liberdade de ser ele mesmo; nossa liberdade é a liberdade de sermos nós mesmos. A liberdade de cada criatura é limitada pela natureza que Deus lhe deu.

Considere os peixes como exemplo. Deus criou os peixes para viverem e se desenvolverem na água. Suas guelras são adaptadas para absorver oxigênio da água. A água é o único elemento em que um peixe pode encontrar a sua “peixidade”, sua identidade como peixe, o seu cumprimento,

a sua liberdade. É verdade que ele é limitado à água, mas nessa limitação está a liberdade. Suponha que você tenha um peixinho em casa. Ele não vive em um daqueles tanques, aerados, grandes e modernos, mas em uma daquelas antiquadas vasilhas esféricas, aquelas de peixinhos dourados. E suponha que seu peixe fique nadando em círculos até achar sua frustração insuportável. Então ele decide fazer uma aposta pela liberdade e salta para fora do seu confinamento. Se de alguma forma ele consegue saltar em um tanque em seu jardim, ele vai aumentar a sua liberdade. Ele continua estando na água, mas ali há mais água por onde nadar. Se em vez disso ele cai no tapete, a sua tentativa de escapar resulta não em liberdade, mas em morte.

E quanto aos seres humanos? Se os peixes foram feitos para a água, para que os seres humanos foram feitos? Penso que temos de responder assim: se a água é o elemento em que os peixes encontram a sua natureza, então o elemento em que os seres humanos encontram a sua humanidade é o amor, os relacionamentos de amor. Morris West dá um exemplo impressionante disso em seu livro *Filhos do Sol*, que conta a história dos *scugnizzi*, as crianças de rua abandonadas de Nápoles, e do amor do padre Mario Borelli por eles. “Há uma coisa sobre nós (os napolitanos)”, disse Mário a Morris, “que nunca muda. Temos necessidade de amor, assim como um peixe tem necessidade de água ou como um pássaro tem necessidade de ar.”¹³ Ele passou a explicar que cada um dos *scugnizzi* que ele conhecia “tinha saído de casa porque não havia mais amor por ele”.

Mas não são apenas as crianças de rua do mundo que precisam amar e ser amadas, ou que descubrem que a vida significa amor. Somos todos nós. É no amor que nos encontramos e nos realizamos. A razão para isso não é difícil de encontrar. É que Deus é amor no seu ser essencial, de modo que, quando nos fez à sua imagem, nos deu a capacidade de amar como ele ama. Logo,

não é por acaso que os dois grandes mandamentos de Deus falam de amar: amar a Deus e uns aos outros, pois este é o nosso destino. Uma existência verdadeiramente humana é impossível sem amor. Viver é amar, e sem amor nós murçamos e morremos. Como expressou Robert Southwell, poeta católico do século 16: “Não quando respiro, mas quando amo, eu vivo”. Ele provavelmente estava ecoando a observação de Agostinho de que a alma vive onde ama, não onde existe.

O amor verdadeiro, no entanto, coloca restrições sobre aquele que ama, pois o amor é essencialmente autodoação. E isso nos leva a um paradoxo cristão surpreendente. A verdadeira liberdade é a liberdade de ser o meu verdadeiro eu, tal como Deus me fez e quis que eu fosse. E Deus me fez para amar. Mas amar é dar, é doar a si mesmo. Portanto, para ser eu mesmo, tenho de negar a mim mesmo e me doar. Para ser livre, tenho de servir. Para viver, tenho de morrer para o meu próprio egoísmo. Para me encontrar, tenho de me perder no amor.

A verdadeira liberdade, então, é exatamente o oposto do que muitas pessoas pensam. Não é estar livre da responsabilidade que tenho com Deus e com os outros para que então eu possa viver para mim mesmo. Isso é ser escravo do meu próprio egoísmo. Em vez disso, a verdadeira liberdade é a libertação do meu pequeno eu tolo para poder viver responsavelmente no amor a Deus e aos outros.

No entanto, a mente secular não pode chegar a um acordo com este paradoxo cristão da liberdade por meio do amor. Por exemplo, a romancista francesa Françoise Sagan disse a um entrevistador certa vez que estava perfeitamente satisfeita com a sua vida e que não tinha arrependimentos.

“Você teve a liberdade que queria?”

“Sim.” Então ela qualificou sua declaração. “Obviamente eu era menos livre quando estava apaixonada por alguém [...] Mas uma pessoa não está

apaixonada o tempo todo. Tirando isso [...] Estou livre.”¹⁴

A implicação era clara: o amor inibe a liberdade. Quanto mais você ama, menos livre você é, e vice-versa. Presumivelmente, portanto, o caminho para ser completamente livre é evitar todos os emaranhados do amor – na verdade, desistir completamente de amar.

Mas Jesus ensinou o contrário disso em um de seus ditos favoritos, um que ele parece ter citado em diferentes formas e contextos. Ele disse: “Pois quem quiser salvar a sua vida a perderá; mas quem perder a sua vida por minha causa e pelo evangelho a salvará”.¹⁵ Eu costumava imaginar que Jesus estava referindo-se aos mártires que deram a vida por ele. E o princípio que ele está enunciando certamente os inclui. Mas a vida de que ele está falando, que pode ser salva ou perdida, não é nossa existência física (*zōē*), mas nossa alma ou nosso eu (*psychē*). É uma palavra que muitas vezes é usada em vez da reflexiva “se” ou “a si mesmo”. Então, talvez se possa parafrasear as palavras de Jesus assim: “Se você insistir em se agarrar a si mesmo, e em viver para si mesmo, e recusar a se deixar levar, você vai se perder. Mas se você está disposto a se entregar em amor, então, no momento do completo abandono, quando você imagina que tudo está perdido, o milagre acontece e você encontra a si mesmo e sua liberdade”. É apenas o serviço sacrificial, a doação do eu em amor a Deus e aos outros, que é a perfeita liberdade.

A liberdade autêntica, então, combina o negativo (liberdade *de*) com o positivo (liberdade *para*). Ou, em outras palavras, reúne a liberdade da tirania e a liberdade sob autoridade. Jesus ilustrou isso em um de seus convites mais conhecidos:

Venham a mim, todos os que estão cansados e sobrecarregados, e eu darei descanso a vocês. Tomem sobre vocês o meu jugo e aprendam de mim, pois sou manso e humilde de coração, e vocês encontrarão

descanso para as suas almas. Pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve.¹⁶

Na verdade, há aqui dois convites com uma única promessa. A promessa é “descanso”, o que parece incluir a noção de liberdade. “Eu darei descanso”, diz Jesus. “Vocês encontrarão descanso para suas almas.” Mas a quem ele promete descanso? Ele primeiro o dá para aqueles que chegam a ele “cansados e sobrecarregados”, pois ele carrega seus fardos e os liberta. Segundo, ele dá descanso para aqueles que tomam o seu jugo sobre eles e aprendem com ele. Assim, o verdadeiro descanso é encontrado em Jesus Cristo, nosso Salvador, que nos liberta da tirania da culpa, do eu e do medo, e em Jesus Cristo, nosso Senhor, quando nos submetemos à autoridade de seu ensinamento. Porque o seu jugo é suave, o seu fardo é leve, e ele próprio é “manso e humilde de coração”.



PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

por Tim Chester

1. Quais são os sinais de que há interesse pela liberdade no mundo que nos rodeia? Quais são os sinais entre a sua família e amigos?
2. Que diferença faz ver o pecado não apenas como delitos específicos, mas como egocentrismo (falta de amor)? Você pode identificar maneiras pelas quais nos tornamos escravizados pelo nosso egoísmo?
3. De que maneira o medo impede você de ser a pessoa que você quer ou deveria ser?
4. De que maneira Deus é reprimido? Em que sentido ele é livre – mais livre do que qualquer outro?

5. Em suas próprias palavras, como você descreveria a ligação que Stott faz entre liberdade e amor?
6. Qual é a diferença entre liberdade de autoridade e liberdade sob autoridade? Por que a liberdade sob autoridade é uma boa notícia?

CAPÍTULO 3

CRISTO E SUA CRUZ

O EVANGELHO é uma boa-nova de liberdade, como vimos no capítulo anterior. No entanto, isso por si só é uma ênfase unilateral. Pois o que o evangelho anuncia, de acordo com o Novo Testamento, é não apenas o que Cristo oferece às pessoas hoje, mas também o que ele fez para tornar essa oferta possível. O evangelho apostólico reúne o passado e o presente, o antes e o agora, o evento histórico e a experiência contemporânea. Ele declara não apenas que Jesus salva, mas também que ele morreu por nossos pecados e foi ressuscitado da morte para realizar essa salvação. O evangelho não é pregado se o poder salvador é proclamado mas os eventos salvíficos são omitidos, especialmente a cruz.

Neste capítulo vamos refletir sobre uma das maiores declarações de Paulo sobre a origem, o conteúdo e o poder do evangelho e, em particular, sobre a centralidade da cruz de Cristo.

Eu mesmo, irmãos, quando estive entre vocês, não fui com discurso eloquente nem com muita sabedoria para lhes proclamar o mistério de Deus. Pois decidi nada saber entre vocês, a não ser Jesus Cristo, e este crucificado. E foi com fraqueza, temor e com muito tremor que estive entre vocês. Minha mensagem e minha pregação não consistiram em palavras persuasivas de sabedoria, mas em demonstração do poder do Espírito, para que a fé que vocês têm não se baseasse na sabedoria humana, mas no poder de Deus.¹

A partir deste texto essencialmente trinitário, três lições principais sobre evangelismo se destacam. Dizem respeito à Palavra de Deus, à cruz de Cristo e ao poder do Espírito.

A PALAVRA DE DEUS

O evangelho é a verdade vinda de Deus. O que Paulo proclamou aos coríntios, ele disse, não era a sabedoria humana, a sabedoria do mundo,² mas a Palavra de Deus ou a sabedoria de Deus, que ele aqui chama de testemunho de Deus ou de “mistério” de Deus.³ Em outras palavras, a mensagem de Paulo veio de Deus. O evangelho do apóstolo é a verdade de Deus.

É aqui que toda verdadeira evangelização deve começar. Não inventamos a nossa mensagem. Não nos aproximamos de pessoas com nossas próprias especulações humanas. Em vez disso, somos portadores da Palavra de Deus, curadores do evangelho de Deus, administradores dos segredos revelados por Deus.

Além disso, a pregação de Paulo correspondia à sua mensagem. Ele não veio aos coríntios nem com “discurso eloquente” nem com “muita sabedoria” (v. 1). Quanto ao conteúdo, renunciou à sabedoria humana orgulhosa, preferindo submeter-se humildemente à Palavra de Deus sobre Cristo (v. 2). Quanto à pregação, renunciou à retórica humana orgulhosa, confiando humildemente no poder do Espírito Santo (v. 3-5). Como C. H. Hodge colocou em seu comentário, ele veio “nem como retórico nem como filósofo”.⁴

Por favor, não interprete isso de forma errada. Não há justificação possível aqui nem para um evangelho sem conteúdo nem para um estilo sem forma.

O que Paulo estava renunciando não era nem substância doutrinária nem argumento racional, mas apenas a sabedoria e a retórica do mundo. Sabemos disso por meio de Lucas, que nos diz em Atos 18 como tinha sido o ministério evangelístico de Paulo em Corinto. Primeiro: “Todos os sábados ele debatia na sinagoga e convencia judeus e gregos” (v. 4). Então ele “ficou ali durante um ano e meio, ensinando-lhes a palavra de Deus” (v. 11). O próprio resumo de Paulo sobre sua pregação foi este: “Procuramos persuadir os homens”.⁵ Ele tanto ensinou a verdade como convenceu as pessoas da verdade.

Assim, não podemos convidar as pessoas a vir a Cristo fechando, sufocando ou reprimindo a mente delas. Não. Uma vez que Deus fez as pessoas como seres racionais, espera-se que elas usem sua mente. É verdade que elas nunca irão crer sem a iluminação do Espírito Santo. Sem o Espírito, todos os nossos argumentos serão infrutíferos. “Mas”, escreveu Gresham Machen, “só porque o argumento é insuficiente, não quer dizer que é desnecessário. O que o Espírito Santo faz no novo nascimento não é tornar alguém um cristão, independentemente da evidência, mas, em vez disso, limpar as névoas de seus olhos e habilitá-lo a prestar atenção à evidência.”⁶

Assim, então, o evangelho é a verdade que vem de Deus que foi confiada a nós. Nossa responsabilidade é apresentá-lo de forma tão clara, coerente e convincente quanto possível e, como os apóstolos, discuti-lo tão persuasivamente quanto pudermos. E o tempo todo, ao fazermos isso, estaremos confiando no Espírito Santo da verdade para dissipar a ignorância das pessoas, vencer seus preconceitos e convencê-las sobre Cristo.

A CRUZ DE CRISTO

Chegamos agora ao versículo 2: “Pois decidi nada saber entre vocês, a não ser Jesus Cristo, e este crucificado”. Algumas pessoas interpretam isso erroneamente, como se Paulo tivesse escrito “a não ser Jesus Cristo crucificado”, e concluem que seu único tópico era a cruz. O que Paulo realmente escreveu, no entanto, foi que ele determinou não saber nada “a não ser Jesus Cristo” (a mensagem dele focada nele), “e [especialmente, mas não exclusivamente] este crucificado”. Esta ênfase é consistente com a descrição de Lucas em Atos quanto à obra evangelística de Paulo. E a ressurreição de Cristo? Ela certamente apareceu com força na pregação dos apóstolos. No entanto, eles a entenderam e proclamaram não como um evento isolado ou independente, mas relacionado com a cruz. Pois a ressurreição não foi apenas o que veio após a morte de Jesus; foi a inversão do veredicto humano sobre ele e a reivindicação pública do propósito divino na sua morte.

Antes de Paulo chegar a Corinto, ele tomou a decisão de se concentrar em sua pregação em Cristo, e especialmente na cruz. “Decidi” (NVI, ARA, NAA), ele escreveu; “me propus” (ARC); “resolvi” (TB, NTLH) fazer assim. Esta é a decisão que temos de investigar. Por que ele precisava fazer isso?

A reconstrução popular do que aconteceu é bem conhecida. Paulo chegou a Corinto vindo de Atenas. Seu sermão aos filósofos atenienses (como diz a teoria) tinha sido um fracasso. Além de ter sido muito intelectual, Paulo não tinha pregado o evangelho. Ele tinha focado na criação em vez da cruz. Como resultado, não houve conversões. Assim, em seu caminho de Atenas para Corinto, Paulo se arrependeu do evangelho distorcido que ele havia pregado em Atenas e, em Corinto, resolveu focar sua mensagem na cruz.

Confesso que quando ouvi pela primeira vez esta teoria, há muitos anos, eu a engoli por completo. Desde aquele momento, porém, comecei a rejeitá-la, pois ela não se mantém quando examinada. Primeiro, a missão de Paulo

em Atenas não tinha sido um fracasso. Pelo contrário, “alguns homens juntaram-se a ele e creram. Entre eles estava Dionísio, membro do Areópago, e também uma mulher chamada Dâmaris, e outros com eles”.⁷ Segundo, em seu relato no livro de Atos, Lucas não dá sinal algum indicando sua opinião de que o sermão de Paulo em Atenas tenha sido um erro. Pelo contrário, Lucas registra isso como um modelo da pregação do apóstolo aos intelectuais gentios. Terceiro, é quase certo que Paulo pregou a cruz em Atenas, já que ele pregou “a respeito de Jesus e da ressurreição”,⁸ e não se pode pregar a ressurreição sem a morte que a precedeu. É verdade que, por causa de sua audiência gentia, Paulo começou com a idolatria e a criação, em vez de iniciar pelas Escrituras do Antigo Testamento. Mas ele não parou por aí. O sermão que Lucas registra levaria apenas dois minutos para ser pregado; Paulo deve ter elaborado este esboço consideravelmente. Quarto, Paulo de fato não mudou suas táticas em Corinto. Lucas mostra que, assim como em Atenas, também em Corinto ele continuou a argumentar, ensinar e persuadir.⁹

E qual foi a decisão de Paulo, então? Por trás de cada decisão tomada existe uma indecisão anterior, uma situação em que várias opções se apresentam e somos obrigados a escolher, decidindo por uma opção em detrimento das outras. Claramente, então, por trás da decisão de Paulo de pregar apenas Cristo, e especialmente a cruz, há uma tentação de pregar Cristo sem a cruz ou, então, nem mesmo pregar Cristo, mas sim a sabedoria do mundo. Então, por que isso era uma tentação para Paulo quando ele viajou de Atenas para Corinto? Certamente não era o seu suposto fracasso em Atenas, mas sim o medo da recepção que esperava por ele em Corinto. E quem eram esses coríntios? Por que Paulo se sentia tão intimidado por eles e tão apreensivo quando se aproximava deles (“com fraqueza, temor e com

muito tremor que estive entre vocês”, v. 3)? Por que ele precisava tomar uma decisão firme enquanto se preparava para interagir com eles?

Ao respondermos a estas perguntas, descobriremos também as principais objeções contemporâneas à mensagem de Cristo e sua cruz. De fato, veremos por que razão temos de tomar hoje a mesma decisão.

(a) *A objeção intelectual*, ou a loucura da cruz. Paulo já havia enfrentado escárnio intelectual em Atenas. Os filósofos o insultaram chamando-o de *spermologos*, ou “colhedor de sementes” (NVI: “tagarela”). A palavra foi aplicada literalmente a aves carniceiras e, por extensão, aos andarilhos que viviam dos restos que podiam encontrar na sarjeta. Metaforicamente, denotava professores que viviam apenas de ideias tomadas de outros. Os atenienses adoravam no santuário da originalidade.¹⁰ Eles desprezavam o que fosse antiquado e obsoleto.

Os filósofos zombaram quando a ressurreição foi mencionada.¹¹ Eles “riram com desprezo” (NVT). Acho que isso significa que eles “morreram de rir”. Lucas não diz qual foi a reação quando Paulo pregou a cruz. Mas Paulo sabia que isso era “escândalo para os judeus e loucura para os gentios”.¹² Para o judeu incrédulo era inconcebível que o Messias morresse “num madeiro”, isto é, sob a maldição de Deus.¹³ Para o gentio incrédulo era ridículo supor que um deus, um dos imortais, deveria morrer. Celso, filósofo cínico do segundo século, foi mordaz ao criticar os cristãos por isso. Ele imaginava que, por adorar aquele que, como ele expressou, “foi feito prisioneiro e executado”, os cristãos eram como pessoas que adoravam os mortos.¹⁴

Corinto não tinha escapado da arrogância intelectual de Atenas. As duas cidades estavam a apenas cerca de oitenta quilômetros de distância uma da outra. A primeira carta de Paulo aos Coríntios fornece muitas evidências de que o orgulho intelectual era um dos principais pecados da igreja de

Corinto. Este foi o pano de fundo contra o qual Paulo tomou a sua decisão de renunciar à sabedoria do mundo em favor da “loucura da cruz”. Zombarias e escárnios o aguardavam. Mas ele sabia que a loucura de Deus é mais sábia do que a sabedoria humana.¹⁵

Ainda hoje a mensagem da cruz é profundamente desprezada. A doutrina bíblica e evangélica da expiação (que Cristo morreu em nosso lugar a morte que merecemos morrer, como nosso substituto) é alvo de oposição e até mesmo de zombarias. Tal doutrina é chamada de “primitiva”, “retórica”, “injusta”, “imoral” e “bárbara”. A. J. Ayer chamou as doutrinas cristãs do pecado e da expiação de “intelectualmente desprezíveis e moralmente ultrajantes”.¹⁶ Um teólogo liberal descreveu aspectos da minha própria apresentação em *A Cruz de Cristo* como “insustentáveis”, “ininteligíveis”, “não apenas inexplicáveis, mas também incompreensíveis” e, assim, “incomunicáveis”. Como devemos responder a essa bateria de epítetos negativos? Não negamos que algumas formulações evangélicas tenham sido desequilibradas e não bíblicas. Sempre que colocamos Jesus Cristo no papel de um terceiro que interveio para nos resgatar de um Deus irado, somos culpados de uma farsa que permanece condenada. Porque foi Deus quem amou o mundo e Deus quem tomou a iniciativa de enviar o seu Filho para morrer por nós. No entanto, a iniciativa que ele tomou levou Cristo a ser feito “pecado” e “maldição” por nós,¹⁷ e tal linguagem muitas vezes desperta uma extraordinária hostilidade. Daí a tentação de recortar o evangelho de Cristo crucificado, para eliminar suas características mais censuráveis e tentar torná-lo mais palatável para paladares modernos sensíveis. Não admira que o apóstolo soa quase feroz em expressar sua decisão de conhecer apenas Jesus Cristo e, especialmente, sua cruz. Foi uma escolha entre fidelidade e popularidade.

(b) *A objeção religiosa*, ou a exclusividade do evangelho. Se Paulo considerou Atenas “cheia de ídolos”,¹⁸ provavelmente não teria considerado Corinto menos idólatra. A cidade é conhecida por ter tido pelo menos duas dúzias de templos, cada um dedicado a uma divindade diferente. Na época em que Paulo escreveu, sete enormes pilares do templo de Apolo, em Corinto, ainda estavam de pé. E, por trás da cidade, se levanta o Acrocorinto, uma montanha com quase 610 metros, no alto da qual ficava o templo de Afrodite. Assim, os coríntios, como os atenienses, eram “muito religiosos”.¹⁹ Eles honravam muitos deuses, que toleravam uns aos outros numa convivência amigável.

Os coríntios não teriam levantado objeção alguma se os evangelistas cristãos se contentassem em adicionar Jesus ao seu já vasto panteão de deuses. Mas o apóstolo Paulo tinha algo muito diferente em vista quando visitou a cidade. Ele queria que Corinto, com todos os seus habitantes e todos os seus deuses, se curvasse e adorasse Jesus. Ele veio a Corinto com a firme intenção de não saber nada, “a não ser Jesus Cristo, e este crucificado”. Ele sabia muito bem, como lhes escreveu mais tarde, que havia muitos “deuses” e muitos “senhores” competindo por sua lealdade. Mas, na afirmação do apóstolo, “há um único Deus, o Pai, de quem vêm todas as coisas e para quem vivemos; e um só Senhor, Jesus Cristo, por meio de quem vieram todas as coisas e por meio de quem vivemos”.²⁰ Paulo não estava disposto a abrir mão disso. Ele considerou sua visita como tendo promovido o noivado deles com Cristo, e até sentiu um ciúme piedoso por eles. “Eu os prometi a um único marido, Cristo, querendo apresentá-los a ele como uma virgem pura”, escreveu. “O que receio, e quero evitar, é que assim como a serpente enganou Eva com astúcia, a mente de vocês seja corrompida e se desvie da sua sincera e pura devoção a Cristo.”²¹ Pois Jesus

Cristo não iria partilhar sua glória com Apolo, Afrodite ou qualquer outra divindade.

A situação religiosa do mundo não mudou muito. É verdade que os velhos deuses da Grécia e de Roma há muito foram desacreditados e descartados. Mas novos deuses levantaram-se em lugar deles, e outras crenças antigas experimentaram um ressurgimento. Como resultado da internet, das mídias sociais e da facilidade de viajar, muitos países são cada vez mais pluralistas. O que as pessoas querem é um sincretismo fácil, uma trégua na competição inter-religiosa, uma miscelânea do que há de melhor de todas as religiões. Mas nós, cristãos, não podemos renunciar nem à finalidade nem à singularidade de Jesus Cristo. Simplesmente não há ninguém como ele. Sua encarnação, expiação e ressurreição não têm paralelos. Como resultado, ele é o único mediador entre Deus e a humanidade.²² Essa afirmação de exclusividade causa fortes e amargos ressentimentos e é considerada por muitos como intolerante. No entanto, as reivindicações da verdade nos obrigam a manter tal afirmação, por mais ofensas que possa causar.²³

(c) *A objeção pessoal*, ou a humilhação do orgulho humano. Algo comum a todas as religiões, exceto o cristianismo, é a noção lisonjeira (expressa de maneiras diferentes) de que somos capazes, se não de alcançar a nossa salvação, pelo menos de contribuir substancialmente para ela. Esta doutrina de autossalvação é extremamente propícia à nossa autoestima. Apela ao nosso ego orgulhoso. Ela nos salva do embaraço final de sermos humilhados diante da cruz.

Os coríntios não eram exceção – eles eram um povo orgulhoso. Tinham orgulho de sua cidade, que tinha sido lindamente reconstruída por Júlio César em 46 antes de Cristo, após sua destruição um século antes. Estavam orgulhosos porque Augusto havia promovido Corinto em vez de Atenas

como a capital da nova província da Acaia. Orgulhavam-se de seu comércio, sua afluência, sua cultura, seus jogos ístmicos e seu zelo religioso.

E eis que surge esse missionário cristão impetuoso, esse ser pretensioso, esse sujeito baixinho, feio e careca, de pernas tortas e sobrelhas pesadas, alguém que parecia não ter respeito por aquela distinta cidade. Ele se atreveu a dizer-lhes que nem a sabedoria, nem a riqueza, nem a religião deles poderia salvá-los. Não havia nada que pudessem fazer para se salvar do juízo de Deus – nem mesmo ajudar na sua salvação. Foi por isso que Jesus Cristo tinha morrido por eles e, sem Cristo, eles pereceriam. Quem ele achava que era para insultá-los desta forma? Foi uma humilhação impressionante para um povo orgulhoso. A mensagem da cruz foi uma pedra de tropeço para judeus orgulhosos e gentios orgulhosos. Não é de se estranhar que a principal resposta ao evangelho em Corinto tenha vindo das camadas mais baixas da sociedade: “Poucos eram sábios segundo os padrões humanos; poucos eram poderosos; poucos eram de nobre nascimento. Mas Deus escolheu [...] o que para o mundo é insignificante, desprezado e o que nada é”.²⁴

Ainda hoje nada mantém as pessoas fora do reino de Deus tanto quanto o orgulho. Como Emil Brunner colocou, em todas as outras religiões “o homem é poupado da humilhação final de saber que o Mediador (Jesus Cristo) deve suportar o castigo em vez dele [...] Ele não é despojado e deixado nu”.²⁵ Mas o evangelho nos despoja (não temos roupas com que nos apresentar diante de Deus) e nos declara falidos (não temos dinheiro com que comprar o favor do céu).

(d) *A objeção moral*, ou o chamado ao arrependimento e à santidade. Corinto era um centro comercial florescente, com rotas de comércio para norte e sul por terra, e para leste e oeste por mar. Assim, a cidade estava cheia de comerciantes, viajantes e marinheiros. Sendo estranhos em uma

cidade estranha, eles exerciam pouca restrição moral. Além disso, Afrodite, a deusa do amor que reunia a corte em seu templo acima da cidade, encorajava a promiscuidade sexual entre seus devotos e fornecia mil prostitutas para vagar pelas ruas da cidade à noite. Corinto era a *Feira de Vaidades* do mundo antigo. Os gregos até transformaram o nome da cidade em um verbo: “corintianizar” (*korinthiazomai*). Significava “praticar a imoralidade”.

Difícilmente se poderia esperar que uma cidade descaradamente imoral como Corinto pudesse acolher o evangelho, com seu chamado ao arrependimento, suas advertências de que os sexualmente depravados não herdarão o reino de Deus²⁶ e sua insistência de que, após a justificação, vem a santificação (crescimento em santidade) e, depois da santificação, a glorificação (quando o mal será abolido).

O mundo moderno não tem mais tempo do que tinha o mundo antigo quando se trata do evangelho e seu chamado ao autocontrole. O mundo gosta de dizer que não existem mais absolutos morais, que a moralidade sexual é apenas uma questão de costume social, que a restrição é ruim enquanto a permissividade é boa, e que o cristianismo com suas proibições é inimigo da liberdade.

(e) *A objeção política*, ou o senhorio de Jesus Cristo. Havia muito fervor político – até mesmo fanatismo – no Império Romano. Procuradores leais a Roma tendiam a incentivar isso e agiam impiedosamente para acabar com qualquer tentativa de rebelião. Precisamos lembrar que o próprio Jesus foi condenado em uma corte romana pelo crime político de sedição, por afirmar ser um rei e rival de César. Da mesma forma, Paulo e Silas foram acusados em Filipos de defender “costumes que a nós, romanos, não é permitido aceitar nem praticar”,²⁷ enquanto em Tessalônica eles foram

acusados de desafiar “os decretos de César, dizendo que existe um outro rei, chamado Jesus”.²⁸

Afinal, essas acusações eram verdadeiras ou falsas? Eram ambas. É claro que nem Jesus nem os apóstolos jamais provocaram uma rebelião armada contra Roma. Eles não eram zelotes ou nacionalistas, o equivalente a terroristas no primeiro século. Mas eles proclamavam que Jesus tinha inaugurado o reino de Deus, que seu reino tomou precedência sobre todas as lealdades menores, que se espalharia por todo o mundo e que o rei estava voltando para assumir seu poder e reinado. Isso realmente soava como sedição. Na verdade, *era* sedição se “sedição” significa negar ao Estado uma autoridade indiscutível, concedendo-a ao Cristo de Deus.

Ainda hoje a única coisa que um regime totalitário não pode suportar é que as pessoas se recusem a lhe dar a lealdade completa que espera. Os cristãos conscienciosamente se submetem ao Estado, na medida em que sua autoridade dada por Deus é usada para promover o bem e punir o mal. Mas nós não o adoraremos. Nós adoramos a Cristo, a quem toda a autoridade no céu e na terra foi dada. Cristo morreu e ressuscitou para ser Senhor de todos.

Aqui, então, estão cinco objeções que são levantadas contra o evangelho de Cristo e a sua cruz, e que Paulo esperava encontrar em Corinto. Ele sabia que a mensagem de Cristo crucificado seria considerada como:

- intelectualmente insensata (incompatível com a sabedoria);
- religiosamente exclusiva (incompatível com a tolerância);
- pessoalmente humilhante (incompatível com a autoestima);
- moralmente exigente (incompatível com a liberdade);
- politicamente subversiva (incompatível com o patriotismo).

Não é de admirar que Paulo se sentisse fraco e nervoso, a ponto de tremer de medo.²⁹ Não é de admirar que ele reconheceu a necessidade de tomar uma decisão. Por um lado, foi uma decisão negativa renunciar à sabedoria do mundo, ou seja, todo sistema que é oferecido como uma alternativa ao evangelho. Por outro lado, foi uma decisão positiva não proclamar senão Jesus Cristo, e especialmente a sua cruz. Temos de enfrentar a mesma decisão hoje. É a escolha entre a sabedoria do mundo, que é loucura para Deus, e a loucura da cruz, que é a sabedoria de Deus.

O PODER DO ESPÍRITO

Alguns cristãos contemporâneos, ouvindo a confissão de fraqueza, medo e tremor de Paulo, sem dúvida o teriam repreendido. “Paulo”, talvez dissessem, “você não tem nenhum motivo para se sentir nervoso ou com medo. Controle-se! Você não sabe o que é ser cheio do Espírito? Você deve ser forte, confiante e ousado.”

Mas Paulo não tinha medo de admitir que tinha medo. Com toda certeza, ele tinha um intelecto poderoso e uma personalidade forte, e tinha dedicado esses poderes a Cristo. Mas ele também era fisicamente fraco e emocionalmente vulnerável. De acordo com a tradição, sua aparência era pouco atraente. Os seus críticos disseram que “ele pessoalmente não impressiona, e a sua palavra é desprezível”.³⁰ Portanto, ele não era grande coisa para se olhar ou ouvir. Além disso, algum tipo de doença (seu chamado “espinho na carne”³¹) parece ter afetado sua visão e até mesmo desfigurado seu rosto.³² E ele estava ciente da impopularidade do seu evangelho, da oposição que iria despertar em Corinto e, claro, do custo de se manter fiel a ele.

Em que, então, ele colocou a sua confiança? Isso nos é dito em 1 Coríntios 2.4-5. Sua confiança não estava em “palavras persuasivas de sabedoria” (NVI) ou em “argumentos persuasivos e astutos” (NVT). Isto é, ele não confiou nem na sabedoria nem na eloquência do mundo. Em vez da sabedoria do mundo, ele pregou Cristo e sua cruz (v. 1-2), e em vez da retórica do mundo, confiou na poderosa demonstração que o Espírito Santo dá à Palavra. Pois só o Espírito Santo pode convencer as pessoas de seus pecados e necessidades, abrir os olhos para ver a verdade do Cristo crucificado, dobrar suas vontades orgulhosas para se submeter a ele, libertá-las para crer nele e trazê-las para o novo nascimento. Esta é a poderosa demonstração que o Espírito Santo dá às palavras faladas na fraqueza humana.

Este tema do poder por meio da fraqueza é um elemento vital na correspondência de Paulo com os coríntios. Em ambas as cartas, o apóstolo enfatiza que é por meio da fraqueza humana que o poder divino opera melhor. Ele sugere que Deus deliberadamente faz e mantém o seu povo fraco, a fim de mostrar que o poder é dele.³³ Paulo ainda acrescenta que este princípio se aplica ao próprio Deus, pois é por meio de sua própria fraqueza na cruz que ele apresenta seu poder para salvar.

Em 1 Coríntios 1 e 2, o mesmo tema de poder por meio da fraqueza é repetido em três variações:

- Primeiro, temos uma mensagem fraca e louca – a mensagem de Cristo e a cruz (1.18-25).
- Segundo, ela é proclamada por pregadores fracos e loucos (2.1-5).
- Terceiro, ela é recebida por pessoas fracas e loucas (1.26-31).

Assim, Deus escolheu um instrumento fraco (Paulo) para trazer uma mensagem fraca (a cruz) para pessoas fracas (as classes trabalhadoras de Corinto). Por quê? Foi para “que ninguém se vanglorie diante dele” e para que “quem se gloriar, glorie-se no Senhor”.³⁴

Os primeiros cinco versículos de 1 Coríntios 2 são talvez a mais nobre e rica declaração sobre evangelismo no Novo Testamento. Eles nos dizem que o evangelho é a verdade de Deus sobre Cristo e sua cruz no poder do Espírito. Assim, o evangelho não é especulação humana, mas revelação divina; não é sabedoria popular, mas Cristo e sua cruz desprezada; não pelas pressões de propaganda ou personalidade, mas pelo Espírito Santo. O evangelho vem de Deus, foca em Cristo – o Cristo crucificado – e é autenticado pelo Espírito Santo. Este é o evangelismo trinitário do Novo Testamento.



PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

por Tim Chester

1. Como poderíamos ser tentados a confiar na eloquência ou sabedoria humana em nosso evangelismo?
2. Não devemos confiar na eloquência ou na sabedoria humana, mas também não devemos ser enfadonhos ou irracionais. Qual é a maneira correta de abordar o anúncio da mensagem do evangelho?
3. Stott diz que as pessoas consideram que a mensagem do Cristo crucificado é (1) intelectualmente tola, (2) religiosamente exclusiva, (3) pessoalmente humilhante, (4) moralmente exigente e (5) politicamente subversiva. Pense em tempos em que você enfrentou hostilidade das

pessoas ao testemunhar sobre Jesus ou convidá-las para a igreja. Você pode relacionar tal hostilidade a uma dessas razões?

4. Escolha uma dessas reações ao Cristo crucificado. Como você poderia responder de uma maneira que enaltece a Cristo?
5. O que devemos fazer quando a evangelização nos enche de temor e tremor?
6. Deus escolheu um instrumento fraco (Paulo) para trazer uma mensagem fraca (a cruz) para pessoas fracas (as classes trabalhadoras de Corinto). Como Deus usa essas três fraquezas para mostrar sua graça e seu poder?

A RELEVÂNCIA DA RESSURREIÇÃO

A MAIS ESCANDALOSA de todas as afirmações cristãs é a de que Jesus Cristo ressuscitou dos mortos. Tal afirmação leva nossa credulidade ao limite. Os seres humanos têm usado toda a sua engenhosidade para desafiar ou negar a morte. Mas só Cristo afirmou tê-la conquistado – em sua própria experiência, ele a derrotou e a privou de seu poder sobre os outros. “Eu sou a ressurreição e a vida”, declarou ele. “Aquele que crê em mim, ainda que morra, viverá; e quem vive e crê em mim, não morrerá eternamente.”¹ Novamente: “Sou Aquele que Vive. Estive morto, mas agora estou vivo para todo o sempre! E tenho as chaves [ou seja, tenho autoridade sobre] da morte e do Hades.”²

Os primeiros cristãos já partilhavam desta confiança. Isto fica claro pela corajosa, e até mesmo alegre, disposição que tinham para morrer por Cristo e também pelas primeiras pregações dos apóstolos. Logo após o Pentecostes, Lucas nos diz que as autoridades e os líderes judeus em Jerusalém “estavam muito perturbados porque os apóstolos estavam [...] proclamando em Jesus a ressurreição dos mortos”.³ O cerne dos seus sermões segue o mesmo padrão: “Vocês [...] o mataram [...] Deus o ressuscitou dos mortos [...] e todos nós somos testemunhas”.⁴ E Paulo não se desviou disso,⁵ de modo que os filósofos atenienses, ouvindo-o no mercado, concluíram que ele estava defendendo duas divindades estrangeiras, porque eles ouviram suas repetidas referências a *Iêsous* (Jesus) e a *Anastasis* (a ressurreição).⁶ Quando Paulo veio para transmitir aos Coríntios um esboço do evangelho original

que ele próprio tinha recebido, concentrou-se, como algo de maior importância, sobre a morte, sepultamento, ressurreição e aparições de Jesus.⁷ Os primeiros seguidores de Jesus parecem ter tido tanto clareza quanto confiança sobre a ressurreição de Cristo.

Três questões principais são levantadas pela afirmação de que Jesus ressuscitou (ou foi ressuscitado) dentre os mortos. Primeiro, o que significa (uma questão de semântica)? Segundo, realmente aconteceu (uma questão de história)? Terceiro, é importante (uma questão de relevância)?

O QUE SIGNIFICA A RESSURREIÇÃO?

Antes de decidirmos se a ressurreição de Jesus foi um evento histórico real, precisamos ter certeza de que concordamos com o que se entende por “ressurreição”. David Jenkins, ex-bispo de Durham, por exemplo, afirmou crer na ressurreição. “Eu creio na ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos”, disse ele ao seu Sínodo Diocesano. “Qualquer um que diz que eu não creio na ressurreição [...] é um mentiroso.” Mas o que ele entendia pela ressurreição era muito diferente do entendimento do Novo Testamento. Pois o doutor Jenkins não acreditava que a ressurreição envolvia a transformação do corpo de Jesus. Na verdade, ele fez uma caricatura dessa visão como sendo “um truque de mágica com ossos”.

O que significa, no Credo, a ressurreição de Jesus Cristo? Como devemos pensar no Senhor ressuscitado? Pode ser útil se esclarecermos o que não cremos, antes de afirmarmos o que cremos.

Em primeiro lugar, o Senhor ressuscitado não é apenas uma *influência sobrevivente*. Não devemos pensar nele como tendo meramente sobrevivido à morte, como um fantasma. Ele mesmo disse: “Vejam as minhas mãos e os

meus pés. Sou eu mesmo! Toquem-me e vejam; um espírito não tem carne nem ossos, como vocês estão vendo que eu tenho”.⁸ Nem a ressurreição significa a mera sobrevivência de uma influência. Muitos líderes, que durante sua vida capturaram o coração de seus contemporâneos, vivem após a morte no sentido de que a memória de seu exemplo é uma inspiração contínua.

Isso foi certamente verdade com Che Guevara. Ele contava com um número extraordinário de seguidores. Sartre uma vez o descreveu como “o homem mais completo na sua idade”. Em seus trinta e nove anos (antes de ser morto na selva), tinha sido médico, autor, economista, banqueiro, teórico político e guerrilheiro. Tornou-se uma lenda durante sua vida, um herói folclórico. Em cada sala de aula cubana as crianças cantavam: “Seremos como Che”. E, depois da morte, sua influência tornou-se ainda maior. Ele proporcionou aos marxistas a imagem de um santo secular e mártir. Durante anos, as paredes dos edifícios estudantis latino-americanos foram marcadas com as palavras “Che vive!”.⁹

O mesmo aconteceu quando morreu o arcebispo Makarios, de Chipre, em agosto de 1977. Os seus seguidores pintaram edifícios públicos com as palavras “Makarios vive!”.

É isso que os cristãos querem dizer quando dizem que “Jesus vive”? Algumas pessoas parecem estar dizendo pouco mais do que isso, ou seja, que Jesus continua a exercer o seu poder e espalhar o seu amor no mundo. Outros estão afirmando algum tipo de existência pessoal e contínua para Jesus, de modo que “ele caminha comigo e fala comigo ao longo do caminho estreito da vida”. No entanto, a grande afirmação do Novo Testamento não é “ele vive”, mas “ele ressuscitou”. A ressurreição se torna uma experiência para nós apenas porque antes foi um acontecimento que realmente introduziu uma nova ordem de realidade.

Em segundo lugar, o Senhor ressuscitado não é um *cadáver ressuscitado*. “Ressuscitar” pode significar reviver um paciente que estava em coma ou, ainda, trazer de volta à vida alguém que já havia sido declarado clinicamente morto. Neste segundo sentido, Jesus realizou três ressuscitações durante seu ministério público. Ele “levantou da morte” (ou seja, restaurou para esta vida) a filha de Jairo, o filho da viúva de Naim e Lázaro. Cada um destes três estava morto, mas foi trazido de volta a esta vida por Jesus. Pode-se entender a simpatia que C. S. Lewis expressou por Lázaro: “Ser trazido de volta e ter de passar pela morte de novo foi bastante difícil”.¹⁰

Mas a própria ressurreição de Jesus não foi uma ressuscitação em qualquer desses sentidos. Por um lado, ele não foi revivido de um desmaio ou coma, pois estava morto havia cerca de trinta e seis horas. Por outro lado, ele não foi trazido de volta a esta vida com a necessidade de morrer novamente. No entanto, popularmente se supões que isso é o que os cristãos acreditam sobre “ressurreição”, ou seja, que o corpo é milagrosamente reconstituído a partir das partículas idênticas de que é composto no presente, e que, em seguida, retoma esta vida vulnerável e mortal. Mas não, Jesus foi elevado a um novo plano de existência, no qual ele agora não era mais mortal, mas “vivo para todo o sempre”.¹¹ Quaisquer que sejam as noções populares que algumas pessoas possam ter tido, a fé professada pela Igreja nunca viu o Senhor ressuscitado nem como uma influência fantasmagórica etérea nem como um cadáver ressuscitado.

Terceiro, o Senhor ressuscitado não é uma *fé reavivada* na experiência de seus discípulos. Esta foi a reconstrução “desmistificada” de Rudolf Bultmann, estudioso do Novo Testamento. Ele começou declarando que a ressurreição de Jesus foi “obviamente [...] não um acontecimento da história passada”. Por que isso era tão claro para ele? Porque “um fato histórico que envolve uma ressurreição dos mortos é totalmente inconcebível”. Mas, uma

vez que a Igreja em todas as idades parece ter tido pouca dificuldade em conceber o que Bultmann pronunciou inconcebível, qual era o seu problema? Estava na “incredibilidade de um acontecimento mítico como a ressuscitação de um cadáver – pois isso é o que a ressurreição significa”. O que é verdadeiramente incrível, no entanto, não é a ressurreição de Jesus, mas a incompreensão de Bultmann que a confundiu com uma ressuscitação.

Como então Bultmann interpretou o “mito” da ressurreição de Jesus? Da seguinte maneira: “Se o evento do Dia da Páscoa é, em algum sentido, um evento histórico adicional ao evento da cruz, não é nada mais do que o crescimento da fé no Senhor ressuscitado [...] Tudo o que a crítica histórica pode estabelecer é o fato de que os primeiros discípulos vieram a crer na ressurreição”. Em outras palavras, a Páscoa não foi um acontecimento, mas uma experiência; não a ressurreição objetiva e histórica de Jesus dentre os mortos, mas uma recuperação subjetiva e pessoal da fé no coração e na mente de seus seguidores.¹²

Quarto, o Senhor ressuscitado não é apenas uma *personalidade expandida*. Isso parece expressar o que David Jenkins acredita. Ele escreveu: “A ressurreição significa que Deus agiu para estabelecer Jesus em sua pessoa, em suas realizações e em seu efeito contínuo”.¹³ Declarando sua convicção de que Jesus “ressuscitou dos mortos”, ele explicou isso dizendo que “a vida, o poder, o propósito e a personalidade que havia nele realmente continuavam [...] na esfera da história, de modo que ele era uma presença e possibilidade ressuscitada e viva”.¹⁴ Em outro lugar, Jenkins falou da ressurreição como uma “explosão” da personalidade de Jesus. Assim, a ressurreição foi uma espécie de acontecimento, mesmo que não envolvesse o seu corpo. O doutor Jenkins acredita no Jesus “ressuscitado” e “vivo”, embora sua personalidade não esteja agora em um corpo (exceto na Igreja).

Quinto, o Senhor ressuscitado não é meramente *uma experiência viva do Espírito*. Em seu livro *A Estrutura da Crença na Ressurreição*, Peter Carnley, ex-arcebispo anglicano de Perth, Austrália Ocidental, diz que devemos pensar na ressurreição como uma experiência presente, em vez de um evento passado. Devemos pensar nisso como uma experiência do Espírito. Em seu capítulo de abertura, ele deixa clara sua postura cética. Ele afirma que Paulo em nenhum lugar faz alusão ao túmulo vazio, mesmo em 1 Coríntios 15.3-8, e que as chamadas aparições não eram objetivas. Ele argumenta que o termo *ōphthē* (“ele apareceu”) não significa tanto uma percepção através da visão (uma aparência visível), mas sim a recepção de uma nova revelação (uma apreensão intelectual) – ou, no máximo, uma mistura dos dois, com ênfase no segundo.¹⁵

Em seguida, há três longos capítulos em que o arcebispo Carnley insiste que não houve, de fato, nenhum evento pós-morte. O verdadeiro evento da Páscoa foi a vinda dos discípulos à fé.¹⁶ Consequentemente, a partir do capítulo 5, ele se refere não mais à “ressurreição” (um evento), mas “ao Cristo ressurreto” (uma experiência). Pois a fé pascal “envolve uma experiência pós-morte de encontro com o Cristo ressuscitado”, que é conhecido como o Espírito.¹⁷ E a maneira pela qual chegamos a reconhecer o verdadeiro Espírito de Jesus é que ele continua a manifestar na comunhão cristã o mesmo amor autodoador que ele demonstrou na cruz.¹⁸ Mas, por mais engenhosa que seja esta reconstrução, ela não faz justiça aos dados do Novo Testamento, como veremos.

Sexto, e em contraste com as cinco propostas anteriores, o Senhor ressuscitado é *uma pessoa transformada*. A evidência apresentada nos Evangelhos é de que Jesus é a mesma pessoa com a mesma identidade antes e depois da ressurreição. “Sou eu mesmo!”, diz ele em Lucas 24.39. Mas a ressurreição lhe deu um corpo transformado, transfigurado, glorificado. A

ressurreição foi um ato dramático de Deus pelo qual ele parou o processo natural de decadência e decomposição,¹⁹ resgatou Jesus do reino da morte e transformou seu corpo em um novo veículo para sua personalidade, dotado de novos poderes e possuidor de imortalidade.

Crença na ressurreição significa crença na ressurreição do corpo. Esta é a mensagem de 1 Coríntios 15. Este grande capítulo tem duas partes: a primeira trata do fato da ressurreição (v. 1-34), e a segunda, da natureza da ressurreição (v. 35-58). Na primeira parte, as aparições de ressurreição de Jesus parecem ser físicas, mas na segunda parte, é dito que “é semeado um corpo natural” (ou “corpo material”, NTLH) e “ressuscita um corpo espiritual” (v. 44). Como, então, devemos harmonizar as duas metades de 1 Coríntios 15 entre si? Alguns estudiosos se aproveitam da expressão “um corpo espiritual” e insistem que as aparições de ressurreição dos versículos 5-8 devem ser entendidas à luz deste termo. Mas à luz do Novo Testamento como um todo, devemos abordar a questão ao contrário. Em outras palavras, a natureza do corpo espiritual deve ser interpretada de uma forma que não contradiga a evidência de que o Jesus ressuscitado tinha um corpo físico. Esta evidência para isso é encontrada não só nos Evangelhos, nas narrativas do túmulo vazio, mas também nos primeiros sermões de Pedro e nos primeiros versículos de 1 Coríntios 15. Vou me focar neste último.

Na declaração de Paulo sobre o evangelho, que ele afirma ser tanto o evangelho original (“o que recebi”, v. 3) quanto o evangelho universal (“é nisso que vocês creram”, v. 11), ele fez quatro afirmações, a saber, “que Cristo morreu [...] foi sepultado [...] ressuscitou no terceiro dia [...] e apareceu”. Dois aspectos da ressurreição de Jesus são claros a partir disso.

Primeiro, foi um *evento histórico objetivo*. De fato, era possível datar: aconteceu “no terceiro dia”. David Jenkins disse que era “não um evento, mas uma série de experiências”. Mas não, pois tornou-se uma série de

experiências apenas porque primeiramente foi um evento. As palavras “no terceiro dia” testemunham a historicidade da ressurreição de Jesus, tanto quanto as palavras “sob Pôncio Pilatos”, no Credo Apostólico, testemunham a historicidade de seu sofrimento e morte.

Segundo, a ressurreição foi *um evento físico*. Envolveu seu corpo. Os quatro verbos (morreu, foi sepultado, ressuscitou e apareceu) têm todos o mesmo sujeito, ou seja, “Cristo”, como pessoa histórica, física. Isto é inquestionável no caso dos dois primeiros. Foi seu corpo que morreu e seu corpo que foi sepultado. Naturalmente se pressupõe, então, que o mesmo Cristo histórico e físico é também o sujeito do terceiro e do quarto verbos, ou seja, que ele ressuscitou e, em seguida, apareceu. Seria necessário um alto grau de ginástica mental para afirmar que, sem aviso, o sujeito muda no meio da frase, ou que, embora seu corpo tenha morrido e sido sepultado, apenas sua personalidade foi ressuscitada e vista, de modo que ele foi ressuscitado enquanto ainda permanecia sepultado. Não, já que foi o corpo dele que foi enterrado, deve ter sido o corpo dele que foi ressuscitado. Isso provavelmente explica a menção de seu sepultamento em alguns dos primeiros sermões apostólicos.²⁰ É inteiramente gratuito, à luz disso, sustentar que o apóstolo Paulo ignorava o túmulo vazio.

É verdade que, quando o corpo morto e sepultado de Jesus “ressuscitou”, sofreu mudanças no processo. Não estamos considerando nem uma ressuscitação (ele foi ressuscitado corporalmente, mas não mudou), nem uma sobrevivência (ele foi transformado em um fantasma, mas não ressuscitou corporalmente), mas sim uma ressurreição (ele ressuscitou e foi transformado, simultaneamente).

A RESSURREIÇÃO REALMENTE ACONTECEU?

Vamos considerar que os apóstolos, incluindo Paulo, acreditavam mesmo que a ressurreição e a transformação de Jesus foram literais, datáveis e físicas. Eles estavam certos? Podemos nós, que vivemos no sofisticado mundo contemporâneo da astrofísica, microbiologia e ciência da computação, também acreditar na ressurreição? Sim, podemos e devemos. Muitos milhões creem nela.

Vários livros foram escritos para organizar as evidências da ressurreição.²¹ Esta é uma parte importante da apologética cristã. Tudo o que posso aqui é tentar fazer um resumo simples das principais linhas de evidência.

Primeiro, há o *desaparecimento do corpo*. Todos concordam que o túmulo de José estava vazio, mesmo aqueles que negam as histórias dos escritores do Evangelho. Os rumores de ressurreição nunca poderiam ter ganhado credibilidade se as pessoas pudessem ter visitado o túmulo e encontrado o corpo ainda deitado ali. Logo, o corpo tinha sumido. A pergunta sempre foi: “O que aconteceu com ele?”. Nenhuma explicação satisfatória foi dada para o seu desaparecimento, a não ser a ressurreição.

Não podemos aceitar que Jesus apenas desmaiou na cruz, reviveu quando estava no túmulo e, então, saiu dali por conta própria. De um lado, tanto o centurião como Pilatos asseguraram-se de que Jesus estava morto. Por outro, quando ele realmente ressurgiu, deu às pessoas a impressão de ter vencido a morte, e não de que ele quase tinha sido vencido por ela e agora era um homem gravemente doente, precisando de tratamento hospitalar.

Então, será que as autoridades (romanas ou judaicas) deliberadamente removeram o corpo, a fim de evitar que os discípulos espalhassem o rumor de que Jesus havia ressuscitado? É difícil acreditar nisso, já que, quando os apóstolos começaram a proclamar Jesus e a ressurreição,²² as autoridades

poderiam ter imediatamente aniquilado o novo movimento apresentando o corpo, em vez de recorrerem à violência.

Neste caso, será que os discípulos roubaram o corpo como parte de uma farsa, a fim de levar as pessoas a pensarem que Jesus tinha ressuscitado? Essa é uma teoria impossível, pois eles estavam preparados para sofrer e morrer pelo evangelho, e as pessoas não estão dispostas a se tornarem mártires por uma mentira que eles próprios criaram.

Nenhuma explicação do túmulo vazio se sustenta, exceto a de que Deus ressuscitou Jesus dos mortos.

Segundo, há *o reaparecimento do Senhor*. Não só o corpo de Jesus desapareceu do túmulo, mas Jesus continuou *reaparecendo* durante um período de quase seis semanas. Diz-se que ele se mostrou a certos indivíduos (como Maria Madalena, Pedro e Tiago), aos Doze, com e sem a presença de Tomé, e em uma ocasião “a mais de quinhentos irmãos de uma só vez”, muitos dos quais ainda estavam vivos quando Paulo escreveu sobre isso em cerca do ano 54²³ e poderiam, portanto, ser ouvidos a respeito.

Essas aparições da ressurreição não podem ser descartadas como invenções, uma vez que não há dúvida alguma de que os apóstolos realmente acreditavam que Jesus havia ressuscitado. As histórias não tinham sido inventadas. Mas também não eram alucinações. Os rudes pescadores como Pedro, Tiago e João não têm o tipo de personalidade que poderia ser suscetível a tais sintomas de desordem mental. Além disso, a variedade de tempos, lugares, humores e pessoas em relação às aparições, juntamente com a reação inicial de incredulidade das pessoas, tornam insustentável a teoria do pensamento ilusório. A única alternativa a invenções e alucinações são as aparições válidas e objetivas.

Terceiro, há *o surgimento da Igreja*. Algo aconteceu para mudar os apóstolos e enviá-los em sua missão para o mundo. Quando Jesus morreu,

eles ficaram com o coração partido, estavam confusos e assustados. Mas em menos de dois meses eles saíram do esconderijo, cheios de alegria, confiança e coragem. O que pode explicar esta transformação dramática? Apenas a ressurreição, juntamente com o Pentecostes, que veio logo depois. Daquele bando de pessoas insignificantes e desiludidas cresceu uma comunidade universal que representa um terço da população mundial. Seria preciso muita credulidade, ou mesmo cinismo, para acreditar que todo o edifício cristão tinha sido construído sobre a mentira de uma ressurreição que nunca aconteceu.

O desaparecimento do corpo, o reaparecimento do Senhor e o surgimento da Igreja juntos constituem um fundamento sólido para crer na ressurreição.

POR QUE A RESSURREIÇÃO É IMPORTANTE?

O que temos de perguntar sobre a ressurreição não é apenas se aconteceu ou não, mas também se realmente importa que tenha acontecido. Pois se isso aconteceu, aconteceu há 2 mil anos. Como pode um evento que ocorreu há tanto tempo ter alguma grande importância para nós hoje? Por que os cristãos fazem tanto estardalhaço sobre isso? Isso não é irrelevante? Não, eu acredito que a ressurreição repercute na nossa condição humana. Ela fala às nossas necessidades como nenhum outro evento distante consegue. É o pilar da certeza cristã.

Primeiro, a ressurreição de Jesus nos assegura do *perdão de Deus*. Já vimos que o perdão é uma das nossas necessidades mais básicas e um dos melhores presentes de Deus. O chefe de um grande hospital psiquiátrico inglês foi citado como tendo dito: “Eu poderia dar alta para metade dos meus pacientes amanhã se eles pudessem ter certeza do perdão”.²⁴ Todos nós

temos um ou dois esqueletos em algum armário escuro, memórias de coisas das quais, em nossos melhores momentos, ficamos profundamente envergonhados. Nossa consciência nos incomoda, condena, atormenta.

Várias vezes durante seu ministério público, Jesus falou palavras de perdão e paz. No Cenáculo, ele descreveu o cálice da comunhão como seu “sangue da aliança [...] derramado em favor de muitos, para perdão dos pecados”.²⁵ Assim, ele ligou o nosso perdão com a sua morte. E uma vez que, ao longo das Escrituras, a morte sempre está presa ao pecado como sua justa consequência (“o salário do pecado é a morte”),²⁶ o que ele quis dizer só pode ser que estava indo morrer a morte que nós merecíamos, morrer em nosso lugar, a fim de que pudéssemos ser poupados e perdoados.

Foi isso o que ele disse. Mas como podemos saber que ele estava certo, que ele conseguiu com sua morte o que disse que iria conseguir? Como podemos saber que Deus aceitou sua morte em nosso lugar como um sacrifício completo, perfeito e suficiente, como oblação e satisfação pelos pecados do mundo inteiro (como o Livro de Oração Comum coloca)? A resposta é que, se ele tivesse permanecido morto, se ele não tivesse ressuscitado dos mortos de forma visível e pública, nós nunca teríamos sabido. De fato, sem a ressurreição teríamos de concluir que a morte de Cristo foi um fracasso. O apóstolo Paulo viu claramente esta lógica: “Se Cristo não ressuscitou, é inútil a nossa pregação, como também é inútil a fé que vocês têm. E, se Cristo não ressuscitou, inútil é a fé que vocês têm, e ainda estão em seus pecados. Neste caso, também os que dormiram em Cristo estão perdidos”.²⁷ Seriam várias e terríveis as consequências da não ressurreição: os apóstolos são falsas testemunhas, os crentes não têm perdão e os cristãos mortos pereceram. Mas, de fato, Paulo continuou, Cristo ressuscitou dentre os mortos. E tendo ressuscitado, Deus nos assegurou que aprova a morte de Cristo carregando os nossos pecados, que ele não morreu

em vão e que aqueles que confiam nele recebem um perdão pleno e gratuito. A ressurreição valida a cruz.

Segundo, a ressurreição de Jesus nos assegura do *poder de Deus*. Pois nós precisamos do poder de Deus no presente, bem como do seu perdão do passado. Deus é realmente capaz de mudar a natureza humana, que parece ser tão intratável? Ele pode realmente transformar pessoas cruéis em gentis, pessoas egoístas em altruístas, pessoas imorais em autocontroladas e pessoas amargas em doces? Ele é capaz de pegar as pessoas que estão espiritualmente mortas para fazê-las vivas em Cristo? Sim, ele é capaz de tudo isso! Ele pode dar vida aos mortos espirituais e nos transformar à semelhança de Cristo.

Mas estas são afirmações fortes. Podem ser fundamentadas? Só por causa da ressurreição. Paulo ora para que os olhos do nosso coração possam ser iluminados, para que possamos conhecer “a incomparável grandeza do seu poder para conosco”. Para nos ajudar a compreender a medida desse poder, Deus não apenas nos dá uma iluminação interior pelo seu Espírito, mas também já nos deu uma demonstração externa, pública e objetiva dele na ressurreição. Pois o poder disponível para nós hoje é o próprio poder que “ele exerceu em Cristo, ressuscitando-o dos mortos”.²⁸ Desta forma, a ressurreição é retratada como a evidência suprema na história do poder criador de Deus.

Estamos sempre em perigo de banalizar o evangelho, de minimizar o que Deus é capaz de fazer por nós e em nós. Falamos de tornar-se um cristão como se não fosse mais do que virar uma nova página, fazendo alguns ajustes superficiais aos nossos padrões habituais de comportamento e tornando-nos um pouco mais religiosos. Então, basta arranhar a superfície, rachar o verniz, e eis que por baixo continuamos os mesmos pagãos de sempre, não redimidos e sem mudança alguma. Mas não, de acordo com o

Novo Testamento, tornar-se e ser um cristão é algo muito mais radical do que isso. É um ato decisivo de Deus. Não é nada menos que uma ressurreição da morte da alienação e do egocentrismo, e o começo de uma vida nova e libertada. Em uma palavra, o mesmo Deus do poder sobrenatural que ressuscitou Jesus da morte física pode nos ressuscitar da morte espiritual. E sabemos que ele pode *nos* ressuscitar porque sabemos que ele *o* ressuscitou.

Terceiro, a ressurreição de Jesus nos assegura do *triunfo final de Deus*. Uma das maiores diferenças entre as religiões e as ideologias do mundo está na sua visão do futuro. Alguns não oferecem esperança, mas afundam-se no desespero existencial. Bertrand Russell, quando ainda jovem nos seus trinta anos, expressou sua convicção de que

nenhum fogo, nenhum heroísmo, nenhuma intensidade de pensamento e sentimento pode preservar uma vida individual além da sepultura; que todos os trabalhos das eras, toda a devoção, toda a inspiração, todo o brilho do meio-dia do gênio humano estão destinados à extinção na vasta morte do sistema solar, e que todo o templo da realização do homem deve inevitavelmente ser enterrado sob os escombros de um universo em ruínas.²⁹

Outros pensam na história mais em termos circulares do que em termos lineares, como um ciclo interminável de reencarnações, sem libertação, mas com a inexistência do nirvana. Os marxistas continuam a prometer utopia na terra, mas a visão perdeu credibilidade. Humanistas seculares sonham em assumir o controle de sua própria evolução. Mas na medida em que isso envolve manipulação genética, o sonho degenera em um pesadelo.

Os cristãos, por outro lado, estão confiantes sobre o futuro, e nossa “esperança” cristã (que é uma expectativa certa) é tanto individual quanto cósmica. Individualmente, à parte de Cristo, o medo da morte pessoal e da dissolução é quase universal. O comediante e cineasta Woody Allen tipifica este terror. Parece ser uma obsessão para ele. É verdade, ele ainda pode brincar sobre isso. “Não é que eu tenha medo de morrer”, ele uma vez brincou; “eu só não quero estar lá quando isso acontecer.”³⁰ Mas na maioria das vezes ele estava mesmo com medo. Em um artigo na revista *Esquire*, ele disse: “O que está por trás de *toda* motivação e de *toda* atividade é a luta constante contra a aniquilação e contra a morte. É algo absolutamente estonteante em seu terror, e torna as realizações de qualquer um sem sentido”.³¹

Jesus Cristo, no entanto, resgata seus discípulos desse horror. Não só sobreviveremos à morte como seremos ressuscitados dela. Devemos receber um novo corpo, como o corpo ressurreto de Cristo,³² com poderes novos e nem sonhados.³³ Pois ele é chamado tanto de “primícias entre aqueles que dormiram”³⁴ como de “primogênito dentre os mortos”.³⁵ Ambas as metáforas dão a mesma certeza. Ele foi o primeiro a se levantar; todo o seu povo o seguirá. Teremos um corpo como o seu. “Assim como tivemos a imagem do homem terreno [Adão], teremos também a imagem do homem celestial [Cristo].”³⁶

Nossa esperança para o futuro, no entanto, também é cósmica. Acreditamos que Jesus Cristo vai voltar em glória espetacular para trazer a história ao seu cumprimento na eternidade. Ele não só ressuscitará os mortos, mas também regenerará o universo.³⁷ Ele fará novas todas as coisas.³⁸ Toda a criação será libertada de sua atual condição de escrava da decadência e da morte. Os gemidos da natureza são as dores de parto que prometem o nascimento de um novo mundo.³⁹ Haverá um novo céu e uma

nova terra, que será o lar da justiça.⁴⁰ Assim, a esperança viva do Novo Testamento é incrivelmente “material” para o indivíduo e para o cosmos. Ao crente individual é prometida não apenas a sobrevivência, nem mesmo a imortalidade, mas um corpo ressuscitado e transformado. E o destino do cosmos não é um céu etéreo, mas um universo recriado.

Há alguma evidência, no entanto, para esta afirmação surpreendente de que tanto nós como o nosso mundo seremos totalmente renovados? Sim, a ressurreição de Jesus é a base de ambas as expectativas. Ela fornece evidência sólida, visível, tangível e pública do propósito de Deus para completar o que ele começou, para redimir a natureza, para nos dar um novo corpo em um novo mundo. Como Pedro expressou, Deus “nos regenerou para uma esperança viva, por meio da ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos”.⁴¹ Porque a ressurreição de Jesus foi o princípio da nova criação de Deus. Não é suficiente acreditar que a personalidade, a presença e o poder de Jesus continuam vivos. Precisamos saber que seu corpo foi ressuscitado. Pois a ressurreição do corpo de Jesus foi a primeira peça da ordem material a ser redimida e transfigurada. É a promessa divina de que, um dia, todo o restante será redimido e transfigurado.⁴²

Assim, a ressurreição de Jesus nos assegura do perdão, do poder e do triunfo de Deus. Ela nos capacita a:

- enfrentar o nosso passado (por mais que tenhamos motivos para nos envergonhar dele), confiantes no perdão de Deus por meio daquele que morreu pelos nossos pecados e foi ressuscitado;
- enfrentar o nosso presente (por mais fortes que sejam as nossas tentações ou pesadas as nossas responsabilidades), confiantes na suficiência do poder de Deus;

- enfrentar o nosso futuro (por mais incerto que ele seja), confiantes no triunfo final de Deus, do qual a ressurreição é a garantia.

A ressurreição, justamente por ter sido um ato decisivo, público e visível de Deus na ordem material, traz-nos uma certeza firme num mundo cheio de insegurança.



PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

por Tim Chester

1. Qual é a diferença entre um cadáver ressuscitado e um corpo ressurreto? Que diferença faz isso para a nossa esperança?
2. Qual você considera ser o apelo de reduzir a ressurreição a uma influência sobrevivente, um cadáver ressuscitado, uma fé revivida, uma personalidade expandida ou uma experiência viva?
3. Qual é o problema com essas abordagens?
4. Que processo ou fatores o levaram a crer na ressurreição física de Jesus (se você crê nela)? Como sua resposta pode ajudá-lo a responder a amigos céticos?
5. Quando você poderia usar a verdade da ressurreição para oferecer conforto em uma situação pastoral?
6. Stott diz: “Nossa esperança para o futuro [...] é também cósmica”. Que diferença no dia a dia deve fazer esta esperança cósmica?

JESUS CRISTO É O SENHOR

O EVANGELHO APOSTÓLICO foi além do fato e significado da cruz e da ressurreição, apontando o propósito destes: “Foi precisamente para esse fim que Cristo morreu e tornou a viver: para ser Senhor tanto de mortos como de vivos”.¹

Sabe-se que o mais antigo, mais curto e mais simples de todos os credos cristãos foi a afirmação de que “Jesus é o Senhor”. Aqueles que reconheceram seu senhorio foram batizados e recebidos na comunidade cristã. Por um lado, era reconhecido, como Paulo escreveu, que, se “com a boca você confessar Jesus como Senhor e em seu coração crer que Deus o ressuscitou dentre os mortos, você será salvo”² e, por outro lado, que “ninguém pode dizer: ‘Senhor Jesus!’, senão pelo Espírito Santo”.³

À primeira vista pode parecer extraordinário que duas palavras gregas, *Kyrios Iēsous* ou “Senhor Jesus” (pois não há verbo de conexão em nenhum dos dois versículos citados no parágrafo anterior) pudessem ser uma base satisfatória para identificar e acolher alguém como um cristão genuíno. Será que essas palavras não são totalmente inadequadas? Não seria esse o pior do reducionismo teológico?

A resposta a estas perguntas é “não”. Pois as duas palavras em questão, que soam como uma confissão cristã minimalista, estão impregnadas de significado. Elas têm implicações enormes tanto para a fé cristã quanto para a vida cristã. Em particular, exprimem uma profunda convicção teológica a respeito do Jesus histórico e, em consequência, um compromisso pessoal

radical com ele. Esta convicção e este compromisso são os temas deste capítulo.

CONVICÇÃO TEOLÓGICA

Talvez a melhor maneira de investigar as conotações doutrinárias de chamar Jesus de “Senhor” seja dar uma nova olhada em Filipenses 2.9-11. Esses versos formam o clímax do que às vezes é chamado de *Carmen Christi*, “o cântico de Cristo”. Paulo provavelmente esteja citando um hino cristão sobre Cristo. Assim, ele dá a este hino o seu selo apostólico de aprovação. Ele afirma que Cristo, embora tenha compartilhado a natureza de Deus e gozado de igualdade com ele, esvaziou-se de sua glória e se humilhou para servir, tornando-se obediente até a morte numa cruz (v. 6-8). E então Paulo continua:

Por isso também Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai. (v. 9-11)

Como um hino cristão, usado pela Igreja e endossado pelo apóstolo, essas palavras indicam o que os primeiros cristãos pensavam de Jesus. Três pontos se destacam.

Primeiro, *Paulo deu a Jesus um título divino*. Isto é, Paulo se referiu a Jesus como “Senhor”. É verdade, claro, que *kyrios* foi usado com significados diferentes em contextos diferentes. Às vezes, significava simplesmente “senhor”, como quando Maria Madalena pensou que o Jesus ressuscitado era

o jardineiro⁴ ou quando os sacerdotes pediram a Pilatos que houvesse segurança no túmulo.⁵ Mas, quando os discípulos de Jesus usavam o termo para se referir a ele, *kyrios* era mais do que uma forma educada de se dirigir a alguém. Era um título, como quando o chamavam de “o Senhor Jesus” ou “o Senhor Jesus Cristo”. Este significado fica claro quando se tem o Antigo Testamento como pano de fundo.

Quando o Antigo Testamento veio a ser traduzido para o grego em Alexandria, por volta de 200 antes de Cristo, os estudiosos judeus piedosos não sabiam como lidar com o nome sagrado Yahweh ou Jeová. Eles tinham muitas reservas para pronunciá-lo; também não se sentiram livres para traduzir ou mesmo para transliterar. Então substituíram o nome pela paráfrase *ho kyrios* (“o Senhor”), e é por isso que “Yahweh” ainda aparece na maioria das traduções bíblicas como “o Senhor”.

O que é ainda mais surpreendente é que os seguidores de Jesus – sabendo que nos círculos judaicos *ho kyrios* era o título tradicional para Yahweh, Criador do Universo e Deus da aliança com Israel – ainda assim optaram por aplicar o mesmo título a Jesus. Eles não viram anomalia alguma nisso, mesmo que fosse o equivalente a dizer que “Jesus é Deus”.

Segundo, *Paulo aplicou a Jesus um texto divino*. Em Isaías 45.23, Yahweh tinha dito de si mesmo:

Por mim mesmo eu jurei,
a minha boca pronunciou com toda a integridade
uma palavra que não será revogada:
Diante de mim todo joelho se dobrará;
junto a mim toda língua jurará.

Agora Paulo, ou o escritor do hino que ele está citando, tem a audácia de citar esse texto de Isaías e reaplicá-lo a Jesus. A implicação é inevitável. A honra que o profeta disse ser devida a Yahweh, diz o apóstolo, é devida a Cristo. E essa honra é universal, envolvendo “todo joelho” e “toda língua”.

Um exemplo semelhante é o uso de Joel 2.32 no Novo Testamento. O profeta tinha escrito que “todo aquele que invocar o nome do Senhor [Deus] será salvo”. No Dia de Pentecostes, no entanto, Pedro reaplicou esta promessa a Jesus, exortando os seus ouvintes a que cressem em Jesus e fossem batizados em seu nome.⁶ Da mesma forma, Paulo escreveu mais tarde que o Senhor Jesus “é Senhor de todos e abençoa ricamente todos os que o invocam, porque ‘todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo’”.⁷ Assim, o poder salvador de Yahweh para Israel tornou-se o poder salvador de Jesus para os crentes, judeus e gentios.

Terceiro, *Paulo exigiu para Jesus uma adoração divina*. Paulo diz que cada joelho se curvará diante de Jesus em adoração. A oração é regularmente dirigida a Jesus no Novo Testamento, especialmente quando Paulo coloca “Deus Pai” e o “Senhor Jesus Cristo” como sendo, juntos, a fonte da graça e o objeto da oração.⁸ Assume-se no Novo Testamento que a graça flui de Cristo e que a adoração é devida a ele. De fato, a cristolatria (a adoração de Cristo) precedeu a cristologia (a doutrina desenvolvida de Cristo). Mas a cristolatria não passa de idolatria se Cristo não é Deus. Atanásio viu isso claramente no quarto século. Ele enfrentou a heresia do arianismo, que alegava que Cristo era apenas um ser criado. Uma das maneiras que Atanásio usou para combater isso foi apontar para a prática havia muito estabelecida de adorar a Jesus.

Aqui, então, estão três dados importantes contidos no hino cristão que Paulo estava citando. Os primeiros cristãos deram a Jesus um título divino (“Senhor”), aplicaram a ele textos divinos (sobre a salvação que ele concede

e a honra que ele merece) e ofereceram-lhe adoração divina (o joelho curvado). Estes fatos são incontestáveis, e são ainda mais impressionantes por serem naturais e quase casuais.

É também significativo que os escritores do Novo Testamento não discutiram se era justo fazer essa ousada identificação de que Jesus é Deus, pois não havia necessidade de fazê-lo. Paulo defendeu ferozmente o evangelho da justificação pela graça por meio da fé porque estava sendo desafiado. Mas ele não debateu o senhorio divino de Jesus, o que deve significar que isso não estava sendo contestado. Então, poucos anos após a morte e a ressurreição de Jesus, sua divindade fazia parte da fé universal da Igreja.

A confissão de que “Jesus é o Senhor” tem uma segunda inferência teológica, ou seja, que ele é Salvador e Deus. Em alguns círculos evangélicos, há uma tradição de distinguir claramente entre o Jesus Salvador e o Jesus Senhor, e até mesmo de sugerir que a conversão envolve confiar nele como Salvador, sem necessariamente se render a ele como Senhor. O motivo por trás deste ensinamento é bom, ou seja, para salvaguardar a verdade da justificação apenas pela fé e não introduzir a autossalvação pela porta dos fundos. No entanto, esta posição é biblicamente indefensável. Não apenas Jesus é nosso “Senhor e Salvador”, único e indivisível, mas também seu senhorio implica sua salvação e realmente anuncia isso. Ou seja, seu título de Senhor é um símbolo de sua vitória sobre todas as forças do mal, que foram colocadas sob seus pés. A própria possibilidade da nossa salvação se deve a esta vitória. É exatamente por ser Senhor que ele é também capaz de ser Salvador. Não pode haver salvação sem senhorio.² As duas afirmações: “Jesus é o Senhor” e “Jesus salva” são praticamente sinônimas.

COMPROMISSO RADICAL

A palavra *kyrios* ou “Senhor” poderia ser usada, como vimos, como não mais do que uma respeitosa forma de se dirigir a alguém. Mas era um termo mais comumente usado para os donos de terra, de propriedades ou de escravos. A posse implicava o controle total e o direito de ter à disposição. É com esse entendimento que Paulo, Pedro e Tiago começaram suas cartas chamando a si mesmos de “escravos” ou “servos de Jesus Cristo”. Eles sabiam que Jesus os tinha comprado com o seu próprio sangue e, como resultado, eles pertenciam a ele e estavam inteiramente a serviço dele.

Esta propriedade pessoal de Cristo e o compromisso com Cristo devem penetrar cada parte da vida dos seus discípulos. Podem ser mencionadas pelo menos seis dimensões.

Em primeiro lugar, há *uma dimensão intelectual*. Começo com a nossa mente porque é a cidadela central da nossa personalidade e é quem efetivamente rege a nossa vida. No entanto, é muitas vezes a última fortaleza a se render ao senhorio de Jesus. A verdade é que nós preferimos pensar nossos próprios pensamentos e exprimir nossas próprias opiniões. E se entrarem em conflito com o ensinamento de Jesus, pior para ele!

Mas Jesus Cristo reivindica autoridade sobre a nossa mente. “Tomem sobre vocês o meu jugo e aprendam de mim”, disse ele.¹⁰ Porque comumente falavam do jugo da Torá (a Lei), a cuja autoridade se submetiam. Ora, Jesus falava do *seu* ensinamento como um jugo. Seus seguidores deviam tornar-se seus alunos, sujeitar-se à sua instrução e aprender com ele. Nem precisavam ter medo disso. Por um lado, ele próprio era “manso e humilde de coração”, e, por outro, o seu “jugo é suave”. Sob sua disciplina leve encontrariam descanso para a alma. Em outras palavras, o verdadeiro descanso é encontrado sob o jugo de Cristo (não quando se resiste a ele), e a verdadeira

liberdade é encontrada sob sua autoridade (não quando ela é descartada). O apóstolo Paulo mais tarde iria escrever algo semelhante, quando expressou a sua determinação de levar “cativo todo pensamento, para torná-lo obediente a Cristo”.¹¹

Os cristãos contemporâneos podem estar ansiosos para responder com sensibilidade aos desafios do mundo moderno, mas para isso não podemos abandonar a autoridade de Jesus Cristo. Os discípulos não têm liberdade para discordar de seu mestre divino. O que cremos sobre Deus, sobre a humanidade, masculino e feminino, criados à imagem de Deus, sobre a vida e a morte, dever e destino, Escritura e tradição, salvação e juízo, e muito mais, tudo isso temos aprendido com ele. Nestes dias em que abundam especulações rebeldes e estranhas, temos uma necessidade urgente de retomar a nossa posição de direito aos pés de Jesus. “Quem segue integralmente o mandamento de Jesus”, escreveu Dietrich Bonhoeffer, “quem se permite sem relutância o jugo de Jesus, para esse o fardo a carregar torna-se leve e recebe, na suave pressão desse jugo, a força para percorrer o caminho certo com tranquilidade. O mandamento de Jesus é duro, implacavelmente duro para quem se opõe a ele. Porém, o mandamento de Jesus é suave e leve para aquele que se lhe submete de bom grado.”¹²

Em segundo lugar, o compromisso radical com Jesus Cristo tem *uma dimensão moral*. Em todo lugar à nossa volta hoje vemos que os padrões morais estão decadentes. As pessoas duvidam se ainda existem absolutos morais. O relativismo tem permeado o mundo e está penetrando na Igreja.

Até mesmo alguns cristãos evangélicos deturpam as Escrituras quando o assunto é a Lei. Eles citam as declarações conhecidas do apóstolo Paulo de que “o fim da Lei é Cristo”¹³ e “vocês não estão debaixo da Lei”,¹⁴ fecham os olhos para o seu contexto e as interpretam erroneamente como significando que a lei já foi abolida. Como resultado, supõem que não estamos mais sob a

obrigação de obedecer à lei e estamos livres para desobedecer. Mas Paulo quis dizer algo bem diferente. Ele estava referindo-se ao caminho da salvação, não o caminho da santidade. Ele estava insistindo que, para a nossa aceitação diante de Deus, não estamos “debaixo da Lei, mas debaixo da graça”, uma vez que somos justificados pela fé somente, não pelas obras da lei. Mas ainda estamos sob a lei moral para a nossa santificação. Como Lutero costumava dizer, a lei nos leva a Cristo para sermos justificados, mas Cristo nos envia de volta à lei para sermos santificados.

O apóstolo é bastante claro sobre o lugar da lei na vida cristã. Ele insiste que tanto a obra expiatória de Cristo como a presença do Espírito habitando em nós têm em vista a obediência à lei. Por que Deus enviou seu Filho para morrer por nossos pecados? Resposta: “A fim de que as justas exigências da Lei fossem plenamente satisfeitas em nós, que não vivemos segundo a carne, mas segundo o Espírito”.¹⁵ E por que Deus colocou o seu Espírito em nosso coração? Resposta: A fim de escrever sua lei ali.¹⁶ A promessa de Deus no Antigo Testamento sobre a nova aliança poderia ser expressa assim: “Porei a minha lei no íntimo deles e a escreverei nos seus corações”,¹⁷ e: “Porei o meu Espírito em vocês e os levarei a [...] obedecer fielmente às minhas leis”.¹⁸

Assim, Jesus Cristo nos chama à obediência. “Quem tem os meus mandamentos e lhes obedece, esse é o que me ama. Aquele que me ama será amado por meu Pai, e eu também o amarei e me revelarei a ele”.¹⁹ A maneira de provar o nosso amor por Cristo não é nem por meio de vigorosas promessas de lealdade, como fez Pedro, nem cantando canções sentimentais na igreja, mas obedecendo aos seus mandamentos. A prova do amor é a obediência, disse Jesus, e a recompensa do amor é a autorrevelação de Cristo.

Em terceiro lugar, o compromisso cristão tem *uma dimensão vocacional*. Ou seja, inclui a nossa vida de trabalho. Ao dizer que “Jesus é o Senhor”, nos

comprometemos com uma vida de serviço. Cada cristão é chamado ao ministério; de fato, todos somos chamados a dar a nossa vida no ministério. Se isto o impressiona como algo extraordinário, provavelmente seja porque você está pensando no “ministério” em termos de um ministério pastoral ordenado. Mas o ministério pastoral é apenas um de muitos ministérios. Meu ponto é que todos nós somos chamados para o ministério ou serviço de algum tipo. A razão pela qual é possível dizer isso é que somos seguidores de alguém que assumiu a própria natureza de um servo,²⁰ insistiu que não “veio para ser servido, mas para servir”²¹ e acrescentou: “Eu estou entre vocês como quem serve”.²² Se afirmamos seguir a Jesus, portanto, é inconcebível que gastemos nossa vida de qualquer outra forma que não seja ao seu serviço.

Isto significa que devemos ser capazes de ver o nosso trabalho ou profissão em termos de serviço. O nosso trabalho diário deve ser uma esfera maior na qual Jesus exerce seu senhorio sobre nós. Além e por trás de nosso empregador terreno, devemos ser capazes de discernir o nosso Senhor celeste. Então estaremos trabalhando “como para o Senhor, e não para os homens”, já que “é a Cristo, o Senhor, que [estamos] servindo”.²³

Em novembro de 1940, a cidade de Coventry, na Inglaterra, foi devastada por bombardeios aéreos, incluindo sua catedral do século 14. Após a guerra, as ruínas da antiga catedral foram preservadas, enquanto uma nova catedral foi construída ao lado dela. Desde os tempos medievais, a antiga catedral tinha ao redor de suas paredes uma série de capelas para as guildas (por exemplo, para os ferreiros, os tecelões, os mercadores e os tintureiros), simbolizando a estreita ligação entre a igreja e esses negócios. Estas capelas foram destruídas, mas em seu lugar foram colocados “lugares sagrados” em volta das paredes destruídas, expressando as implicações da oração: “Santificado seja o teu nome”:

Na indústria, Deus esteja em minhas mãos e em minha obra.
Nas artes, Deus esteja em meus sentidos e em minha criação.
No lar, Deus esteja em meu coração e em meu amor.
No comércio, Deus esteja em minha mesa e em meu negócio.
Na cura, Deus esteja em minha habilidade e em meu toque.
No governo, Deus esteja em meus planos e em minhas decisões.
Na educação, Deus esteja em minha mente e em meu crescimento.
Na recreação, Deus esteja em meus membros e em meu lazer.

Em quarto lugar, o senhorio de Cristo tem *uma dimensão social*. Isto significa que os seguidores de Jesus têm responsabilidades sociais e individuais, por exemplo, para com a família, a empresa, o bairro, o país e o mundo. Mas significa mais do que isso.

Há um sentido em que confessar que “Jesus é o Senhor” é reconhecê-lo como Senhor da sociedade, mesmo daquelas sociedades ou segmentos da sociedade que não reconhecem explicitamente o seu senhorio. Considere este dilema que o Novo Testamento nos apresenta. Por um lado, é dito que Jesus é o Senhor. Ele destronou e desarmou os principados e potestades, triunfando sobre eles na cruz.²⁴ Deus o exaltou à sua direita e pôs tudo debaixo de seus pés.²⁵ Como resultado, ele pode reivindicar que toda autoridade lhe foi dada.²⁶ Por outro lado, Continuamos a lutar contra os principados e poderes das trevas. Eles podem ter sido derrotados e até mesmo privados do poder, mas ainda estão ativos, influentes e sem escrúpulos.²⁷ O apóstolo João chega mesmo a declarar que “o mundo todo está sob o poder do Maligno”.²⁸ De fato, este dilema é bem resumido em Salmos 110.1, que foi citado por Jesus e por vários escritores do Novo Testamento:

O Senhor disse ao meu Senhor:

“Senta-te à minha direita
até que eu faça dos teus inimigos
um estrado para os teus pés”.

Seguindo a bússola deste versículo, o Messias é descrito tanto como *reinando* à direita de Deus como *esperando* a queda de seus inimigos.

Como podemos conciliar estas duas perspectivas? Jesus é o Senhor, ou é Satanás? Cristo está reinando sobre seus inimigos, ou esperando que eles se rendam? A única resposta possível a estas perguntas é: “os dois”. Temos de distinguir entre o que é *de jure* (de direito) e o que é *de facto* (de fato ou realidade). *De jure* Jesus é o Senhor, pois Deus o exaltou ao mais alto lugar. *De facto*, no entanto, Satanás governa, pois ele ainda não concedeu a derrota nem foi destruído.

Como essa tensão afeta o nosso discipulado? Visto que Jesus é o Senhor por direito, isto é, por nomeação divina, não podemos nos contentar com situação alguma que negue isso. O nosso anseio é que aquele que é o Senhor seja reconhecido como Senhor. Esta é a nossa tarefa evangelística. Mas, mesmo numa sociedade que não reconhece especificamente o seu senhorio, ainda estamos preocupados com o fato de os seus valores prevalecerem, que os direitos humanos e a dignidade humana sejam concedidos às pessoas de todas as raças e religiões, que a honra seja dada às mulheres e crianças, que a justiça seja assegurada aos oprimidos, que a sociedade se torne mais justa, compassiva, pacífica e livre. Por quê? Por que nos importamos com essas coisas? Porque Jesus é o Senhor da sociedade por direito e porque ele se importa com tudo isso. Não significa ressuscitar o velho “evangelho social” do liberalismo teológico, que cometeu o erro de identificar uma sociedade

solidária com o reino de Deus. É mais levar a sério a verdade de que Jesus é o Senhor da sociedade e, portanto, tentar torná-la mais agradável a ele.

Durante seu discurso inaugural na abertura da Universidade Livre de Amsterdã, em 1880, Abraham Kuyper, que mais tarde se tornaria primeiro-ministro da Holanda, disse: “Não há uma polegada em toda a área da vida humana sobre a qual Cristo, que é soberano de todos, não clame: ‘Meu!’”. Da mesma forma, o doutor David Gill, do New College, Berkeley, escreveu: “Jesus é o Senhor não apenas da vida interior, da vida após a morte, da vida familiar e da vida da Igreja, mas da vida intelectual, da vida política – de todos os domínios”.²⁹

Em quinto lugar, um compromisso radical com Cristo tem *uma dimensão política*. Precisamos lembrar que Jesus foi condenado por uma ofensa política e religiosa. Na corte judaica ele foi considerado culpado de blasfêmia, porque chamou a si mesmo de Filho de Deus. Mas na corte romana ele foi condenado por sedição, porque chamou a si mesmo de rei, e Roma não reconhecia nenhum rei além de César. Assim, as reivindicações de Jesus tiveram implicações políticas inescapáveis. Sua declaração de que devemos dar “a César o que é de César e a Deus o que é de Deus” pode ter sido deliberadamente enigmática.³⁰ Mas certamente implicava que há áreas sobre as quais Deus é Senhor e nas quais César não pode se intrometer.

Os primeiros cristãos enfrentaram um conflito contínuo entre Cristo e César. Durante o primeiro século os imperadores manifestaram uma megalomania cada vez maior. Eles tinham templos erguidos em sua honra e exigiam homenagens divinas de seus súditos. Essas reivindicações entraram em colisão direta com o senhorio de Cristo, a quem os cristãos honraram como rei,³¹ ou melhor, como “o soberano dos reis da terra”.³² Plínio, o governador da Bitínia do início do século 2, descreveu em uma carta ao imperador Trajano como trouxe ao tribunal perante ele os cristãos suspeitos

de deslealdade e como dispensava apenas aqueles que “ofereciam invocação com vinho e incenso à sua imagem [a imagem do Imperador]”.³³ Mas como os cristãos poderiam dizer que “César é o Senhor”, quando tinham confessado que “Jesus é o Senhor”? Eles enfrentavam a prisão e a morte em vez de negar o senhorio de Cristo.

A deificação do Estado não terminou com o Império Romano. Ainda hoje existem regimes totalitários que exigem de seus cidadãos uma lealdade incondicional, algo que os cristãos não podem dar. Os discípulos de Jesus devem respeitar o Estado, e até submeter-se a ele, dentro de certos limites. Mas eles não o adorarão, nem lhe darão o apoio acrítico que ele deseja. Como resultado, o discipulado às vezes exige desobediência. De fato, a desobediência civil é uma doutrina bíblica, pois há quatro ou cinco exemplos notáveis nas Escrituras.³⁴ Ela surge naturalmente da afirmação de que Jesus é o Senhor. O princípio é claro, embora sua aplicação possa envolver os cristãos em crises de consciência. É isto. Devemos nos submeter ao Estado, porque sua autoridade é derivada de Deus e seus oficiais são ministros de Deus,³⁵ até o ponto em que a obediência ao Estado nos envolveria em desobediência a Deus. Nesse ponto, o nosso dever cristão é desobedecer ao Estado para obedecer a Deus. Pois se o Estado abusa de sua autoridade dada por Deus e se atreve a ordenar o que Deus proíbe ou proibir o que Deus ordena, então temos de dizer não ao Estado para dizer sim a Cristo. Como Pedro colocou: “É preciso obedecer antes a Deus do que aos homens!”.³⁶ Ou, nas palavras de Calvino, “a obediência ao homem não deve se tornar desobediência a Deus”.³⁷

Em 1957, Hendrik Verwoerd, então ministro dos Assuntos Nativos da África do Sul, anunciou o “Projeto de Lei de Emenda às Leis Nativas”. Continha uma “cláusula da igreja”, que queria impedir qualquer associação de diferentes grupos étnicos em “igreja, escola, hospital, clube ou qualquer

outra instituição ou local de entretenimento”. O arcebispo da Cidade do Cabo na época era um gentil estudioso chamado Geoffrey Clayton. Junto com seus bispos, embora com relutância e apreensão, ele decidiu desobedecer. Escreveu ao primeiro-ministro para dizer que, se o projeto de lei se tornasse lei, ele seria “incapaz de obedecer a ela ou aconselhar o nosso clero e as pessoas a fazê-lo”. Na manhã seguinte, ele morreu, talvez sob a dor e a pressão da ameaça de desobediência civil. O projeto de lei foi alterado, mas de uma forma maliciosa que viria a penalizar os adoradores negros, em vez de os líderes da Igreja. Depois que se tornou lei, uma carta foi lida em cada igreja anglicana, convidando o clero e as pessoas a desobedecer a tal lei.

Sexto, o compromisso com Cristo tem *uma dimensão global*. Afirmar que “Jesus é o Senhor” é reconhecer seu senhorio universal. Pois, de acordo com Filipenses 2.9, “Deus o exaltou à mais alta posição”. A palavra que Paulo usa não ocorre em nenhum outro lugar no Novo Testamento e pode até ter sido cunhada por Paulo. A palavra é *hyperypsoō*, que pode ser traduzida como “superexaltado”. Significa que Deus elevou Jesus às mais altas alturas.³⁸ E o propósito de Deus ao fazer isso era que todo joelho se curvasse diante dele e toda língua o confessasse como Senhor. Não temos nenhuma liberdade para colocar qualquer limitação sobre a palavra repetida “todos”. Portanto, se é o desejo de Deus que todos reconheçam Jesus, esse também deve ser o nosso desejo. Os hindus falam do “Senhor Krishna” e os budistas do “Senhor Buda”, mas não podemos aceitar estas reivindicações. Só Jesus é o Senhor. Ele não tem rivais.

Não há maior incentivo para a missão mundial do que o senhorio de Jesus Cristo. A missão não é uma interferência impertinente na vida privada de outras pessoas, nem uma opção dispensável que pode ser rejeitada. É uma dedução inevitável do senhorio universal de Jesus Cristo.

A afirmação de duas palavras *Kyrios Iēsous* soou bastante inofensiva na primeira vez em que foi ouvida. Mas vimos que há ramificações de longo alcance. Ela não apenas exprime a nossa convicção de que Jesus é Deus e Salvador, como também indica o nosso compromisso radical para com ele. As dimensões deste compromisso são:

- intelectual (trazendo nossa mente sob o jugo de Cristo);
- moral (aceitando seus padrões e obedecendo a seus mandados);
- vocacional (colocando nossa vida a seu serviço libertador);
- social (buscando penetrar na sociedade com seus valores);
- política (recusando-se a idolatrar qualquer instituição humana);
- global (sendo zeloso pela honra e glória do seu nome).



PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

por Tim Chester

1. Stott argumenta que confessar que Jesus é o Senhor envolve reconhecer que ele é o “Senhor”, Criador do Universo e Deus da aliança com Israel. Quais são as implicações para a nossa atitude em relação a Jesus? Quais são as implicações para a nossa compreensão de Deus?
2. Quando você fica ciente do ensino de Cristo em contraste com o pensamento da nossa cultura?
3. Qual é a sua atitude em relação à lei de Deus como um guia para a nossa santificação (tornar-se mais como Jesus)? Sua atitude precisa mudar?
4. Devemos trabalhar como se trabalhássemos para o Senhor onde estivermos: escritório, fábrica, oficina, armazém, sala de aula e casa. Quais são algumas das diferenças concretas que isso faz em sua vida?

5. Quando é que obedecer a Cristo nos obriga a desobedecer ao Estado?
6. Como é que o senhorio de Cristo nos impulsiona à missão? O que isso pode significar para você?

O AGORA E O AINDA NÃO

EU COMECEI na introdução com a tensão entre o “antes” (passado) e o “agora” (presente). E termino com outra tensão, entre o “agora” (presente) e o “ainda não” (futuro). Estas duas tensões estão juntas. Pois é em e por meio de Jesus Cristo que o passado, o presente e o futuro são trazidos para um relacionamento criativo. Os cristãos vivem no presente, mas o fazem em gratidão pelo passado e em antecipação ao futuro.

Ao concluir este livro, quero me focar no cristianismo bíblico equilibrado. O equilíbrio é um bem raro hoje em dia em quase todas as esferas, e não é diferente entre nós que buscamos seguir a Cristo.

Uma das características do diabo é que ele é um fanático e inimigo de todo senso comum, moderação e equilíbrio. Um de seus passatempos favoritos é desviar o equilíbrio dos cristãos. Se ele não pode nos levar a negar Cristo, ele nos fará distorcer Cristo. Como resultado, o cristianismo desequilibrado é generalizado, no qual enfatizamos demais um aspecto de uma verdade, ao mesmo tempo em que enfatizamos pouco outro aspecto.

Uma compreensão equilibrada da tensão entre o agora e ainda não seria muito benéfica para a unidade dos cristãos e especialmente para uma maior harmonia entre os cristãos evangélicos. Podemos concordar com os fundamentos doutrinários e éticos da fé. No entanto, parecemos constitucionalmente propensos a brigas e divisões, ou simplesmente a seguir nosso próprio caminho e construir nossos próprios impérios.

REINO VINDO E VINDOURO

É fundamental para o cristianismo do Novo Testamento a perspectiva de que estamos vivendo entre os tempos – entre a primeira e a segunda vinda de Cristo, entre o reino que veio e o reino que virá.

A base teológica para essa tensão pode ser encontrada no próprio ensinamento de Jesus sobre o reino de Deus. Todo mundo aceita que o reino teve grande destaque no ensino de Jesus e também que ele anunciou a vinda desse reino. No entanto, os estudiosos têm discordado sobre o tempo de sua chegada. Será que o reino já veio, pois Jesus o trouxe com ele? Ou o reino ainda virá no futuro, e temos de esperá-lo com expectativa? Ou será que a verdade está entre essas posições?

Albert Schweitzer é um exemplo de um estudioso que pensou que, de acordo com Jesus, o reino estava inteiramente no futuro. Como um profeta apocalíptico, Jesus ensinou (equivocadamente) que Deus estava prestes a intervir sobrenaturalmente e estabelecer o seu reino. As exigências radicais que ele fez aos seus discípulos foram uma “ética interina” à luz da chegada iminente do reino. A posição de Schweitzer é conhecida como escatologia “completa” ou “consistente”.

No extremo oposto estava C. H. Dodd, com sua crença de que a vinda do reino estava totalmente no passado (posição conhecida como escatologia “realizada”). Ele colocou uma forte ênfase em dois versículos cujos verbos no grego estão no tempo perfeito, ou seja, “O reino de Deus está próximo”¹ e “chegou a vocês o reino de Deus”.² Dodd concluiu que não há uma vinda futura do reino e que as passagens que falam disso não faziam parte do próprio ensinamento de Jesus.

No lugar dessas polaridades extremas, a maioria dos estudiosos tomou uma posição intermediária – que Jesus falou do reino como uma realidade

presente e uma expectativa futura.

Jesus ensinou claramente que o tempo do cumprimento havia chegado;³ que o “homem forte” estava agora amarrado e desarmado, permitindo a pilhagem de seus bens, como ficou evidente em seus exorcismos;⁴ que o reino já estava “dentro de” ou “entre” as pessoas;⁵ e que agora era possível “receber” ou “entrar” nele.⁶

No entanto, o reino também era uma expectativa futura. Não seria aperfeiçoado até o último dia. Então ele olhou para a frente até o fim e ensinou seus discípulos a fazê-lo também. Eles oravam: “Venha o teu reino”⁷ e “busquem em primeiro lugar”,⁸ dando prioridade à sua expansão. Às vezes, ele se referia também ao estado final de seus seguidores em termos de “entrar” no reino⁹ ou “receber” o reino.¹⁰

Uma maneira pela qual a Bíblia expressa a tensão entre o “agora” e o “ainda não” está na terminologia das duas “eras”. Do ponto de vista do Antigo Testamento, a história é dividida entre “esta presente era” e “os últimos dias”, ou seja, o reino da justiça a ser introduzido pelo Messias.¹¹ Essa estrutura simples de duas eras consecutivas, no entanto, foi decisivamente alterada pela vinda de Jesus. Pois ele trouxe a nova era e morreu por nós, a fim de nos livrar “desta presente era perversa”.¹² Como resultado, o Pai já “nos resgatou do domínio das trevas e nos transportou para o reino do seu Filho amado”.¹³ Até fomos ressuscitados da morte e assentados com Cristo no reino celestial.¹⁴

Ao mesmo tempo, a velha era persiste. Logo, as duas eras se sobrepõem. “As trevas estão se dissipando e já brilha a verdadeira luz.” Um dia a velha era será terminada (o que será “o fim desta era”),¹⁵ e a nova era, que foi introduzida com a primeira vinda de Cristo, será realizada na segunda. Enquanto isso, as duas eras continuam, e estamos presos nessa tensão entre elas. Somos convocados a “não nos amoldar ao padrão deste mundo”, mas

sim a nos transformar de acordo com a vontade de Deus e a viver coerentemente como filhos da luz.¹⁶

No entanto, a tensão permanece: já *fomos* salvos, mas um dia também *seremos* salvos.¹⁷ E já somos filhos adotivos de Deus, mas também estamos esperando nossa adoção.¹⁸ O cristão “já passou da morte para a vida”, mas a vida eterna ainda será recebida no futuro.¹⁹ Cristo já está reinando, embora seus inimigos ainda não se tenham tornado o estrado de seus pés.²⁰ Vivendo entre o presente e o futuro, a postura característica dos cristãos é descrita de formas variadas como ter esperança,²¹ esperar,²² aguardar com expectativa²³ e gemer,²⁴ enquanto esperamos tanto “ansiosamente”²⁵ como “pacientemente”.²⁶

A essência do período interino entre o “agora” e o “ainda não” é a presença do Espírito Santo no povo de Deus. Por um lado, o dom do Espírito é a bênção distintiva do reino de Deus e o principal sinal de que a nova era começou.²⁷ Por outro, porque a habitação do Espírito é apenas o início da herança do nosso reino, é também a garantia de que o resto um dia será nosso. O Novo Testamento usa três metáforas para ilustrar isso. O Espírito Santo é visto como “os primeiros frutos”, garantindo que virá a colheita completa,²⁸ a “garantia” ou a primeira parcela, sinalizando que o pagamento integral será feito,²⁹ e a degustação, prometendo que a festa completa um dia será desfrutada.³⁰

Aqui estão alguns exemplos da tensão entre o “agora” e o “ainda não”.

REVELAÇÃO, SANTIDADE E CURA

O primeiro exemplo está na *esfera intelectual*, ou na questão da *revelação*.

Afirmamos com alegre confiança que Deus se revelou aos homens, não só no universo criado, na nossa razão e na nossa consciência, mas também supremamente no seu Filho Jesus Cristo e no testemunho da Bíblia a respeito dele. Ousamos dizer que conhecemos a Deus, porque ele mesmo tomou a iniciativa de remover o véu, que de outra forma o esconderia de nós. Alegramo-nos muito porque a sua Palavra lança luz sobre o nosso caminho.³¹

Mas ainda não conhecemos a Deus como ele nos conhece. Nosso conhecimento é parcial porque sua revelação foi parcial. Ele revelou tudo o que pretende revelar e que considera ser para o nosso bem, mas não tudo o que há para revelar. Ainda restam muitos mistérios e, por isso, vivemos pela fé, não pela vista.³²

Devemos tomar a nossa posição ao lado daqueles autores bíblicos que, embora soubessem ser agentes da revelação divina, confessaram humildemente que o seu conhecimento permaneceu limitado. Mesmo Moisés, “a quem o Senhor conheceu face a face”, reconheceu: “Ó Soberano Senhor, tu começaste a mostrar ao teu servo a tua grandeza e a tua mão poderosa!”.³³ Então pense no apóstolo Paulo, que comparou seu conhecimento tanto aos pensamentos imaturos de uma criança quanto aos reflexos distorcidos de um espelho.³⁴

Assim, então, embora seja certo gloriar-se na doação e na finalidade da revelação de Deus, também é certo confessar a nossa ignorância a respeito de muitas coisas. Nós sabemos e não sabemos. “As coisas encobertas pertencem ao Senhor, o nosso Deus, mas as reveladas pertencem a nós e aos nossos filhos para sempre, para que sigamos todas as palavras desta lei.”³⁵ É muito importante manter esta distinção. Falando de modo pessoal, gostaria de ver mais ousadia na nossa proclamação daquilo que foi revelado e mais reserva sobre o que foi mantido em segredo. A concordância na verdade

claramente revelada é necessária para a unidade, mesmo quando damos liberdade uns aos outros em assuntos secundários. E a maneira de reconhecê-los é quando os cristãos que estão igualmente ansiosos para ser submissos às Escrituras, no entanto, chegam a conclusões diferentes sobre eles. Estou pensando, por exemplo, nas controvérsias sobre o batismo, governo da igreja, liturgia e cerimônias, dons espirituais e cumprimento das profecias.

A segunda tensão está na *esfera moral*, ou na questão da *santidade*.

Deus já colocou o seu Espírito Santo dentro de nós, a fim de nos tornar santos.³⁶ O Espírito Santo está ativamente trabalhando dentro de nós, subjugando nossa natureza humana caída e egoísta e fazendo com que seu fruto amadureça em nosso caráter.³⁷ Já, podemos afirmar que ele está nos transformando à imagem de Cristo.³⁸

Mas nossa natureza caída não foi erradicada, pois “a carne deseja o que é contrário ao Espírito”,³⁹ de modo que, “se afirmarmos que estamos sem pecado, enganamos a nós mesmos”.⁴⁰ Ainda não vivemos completamente de acordo com a perfeita vontade de Deus, porque ainda não amamos a Deus com todo o nosso ser, nem ao nosso próximo como a nós mesmos. Como Paulo colocou, ainda não somos perfeitos, mas continuamos em direção a esse objetivo, confiantes de que “aquele que começou boa obra em [nós], vai completá-la até o dia de Cristo Jesus”.⁴¹

Sendo assim, estamos presos em uma tensão dolorosa entre o “agora” e o “ainda não”, entre o desânimo por causa das nossas falhas contínuas e a promessa de liberdade final. Por um lado, devemos seguir com a maior seriedade a ordem de Deus: “Sejam santos porque eu [...] sou santo”;⁴² e também a instrução de Jesus: “Vá e não peque mais”.⁴³ Por outro lado, temos de reconhecer a realidade do pecado em nós convivendo com a realidade do

Espírito em nós.⁴⁴ A perfeição sem pecado pela qual ansiamos continua nos iludindo.

A terceira tensão entre o “já” e o “ainda não” está na *esfera física*, ou na questão da *cura*.

Afirmamos que o reino de Deus, há muito prometido, entrou na história com Jesus Cristo, que não se contentou apenas em proclamar o reino, mas continuou a demonstrar a sua chegada pelas coisas extraordinárias que fez. Seu poder era especialmente evidente no corpo humano: ele curou os doentes, expulsou os demônios e ressuscitou os mortos.

Ele também deu autoridade aos Doze e aos Setenta para ampliar sua missão em Israel e para realizar milagres. Quanto mais ele pretendia ampliar sua autoridade é um assunto em discussão. De um modo geral, os milagres e os sinais eram “as marcas de um apóstolo” verdadeiro.⁴⁵ No entanto, seria insensato tentar limitar ou domesticar Deus. Devemos permitir que ele use sua liberdade e sua soberania, estando inteiramente abertos à possibilidade de milagres físicos hoje.

Mas o reino de Deus ainda não chegou em toda a sua plenitude. Pois “o reino do mundo” ainda não “se tornou de nosso Senhor e do seu Cristo”, quando “ele reinará para todo o sempre”.⁴⁶ Em particular, nosso corpo ainda não foi redimido, e a natureza ainda não foi inteiramente submetida ao governo de Cristo.

Então nós temos de reconhecer a tensão entre o “já” e o “ainda não” também nessa esfera. Para ter certeza, nós experimentamos “os poderes da era que há de vir”,⁴⁷ mas até agora isso continua sendo apenas um gostinho. Parte da nossa experiência cristã é que a vida de ressurreição de Jesus é “revelada em nosso corpo”.⁴⁸ Ao mesmo tempo, nosso corpo permanece frágil e mortal. Reivindicar uma saúde perfeita agora seria antecipar nossa ressurreição. A ressurreição corporal de Jesus foi o penhor, e de fato o

começo, da nova criação de Deus. Mas Deus ainda não pronunciou a palavra decisiva: “Estou fazendo novas todas as coisas”.⁴⁹ Aqueles que descartam a própria possibilidade de milagres hoje se esquecem do “já” do reino, enquanto aqueles que os esperam como o que tem sido chamado de “vida cristã normal” esquecem que o reino “ainda não” é.

IGREJA E SOCIEDADE

Em quarto lugar, a mesma tensão é experimentada na *esfera eclesiástica*, ou a questão da *disciplina da igreja*.

Jesus, o Messias, reúne à sua volta um povo que lhe pertence, uma comunidade caracterizada pela verdade, pelo amor e pela santidade para a qual foi chamada. Mas Cristo ainda não apresentou sua noiva a si mesmo “como igreja gloriosa, sem mancha nem ruga ou coisa semelhante, mas santa e inculpável”.⁵⁰ Pelo contrário, a vida e o testemunho atuais da Igreja são marcados pelo erro, pela discórdia e pelo pecado.

Então, sempre que pensamos na Igreja, precisamos manter juntos o ideal e a realidade. A Igreja está comprometida com a verdade e propensa ao erro, unida e dividida, pura e impura. Não significa que temos de aceitar suas falhas. Devemos acalentar a visão tanto da pureza doutrinária e ética quanto da unidade visível da Igreja. Somos chamados a combater “o bom combate da fé”,⁵¹ e a fazer “todo o esforço para conservar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz”.⁵² E, na busca destas coisas, há lugar para disciplina em casos de heresia ou pecado grave.

Mesmo assim, o erro e o mal não vão ser erradicados completamente da Igreja neste mundo. Eles continuarão a coexistir com a verdade e a bondade. “Deixem que cresçam juntos até a colheita”, disse Jesus na parábola do trigo

e do joio.⁵³ Nem a Bíblia nem a história da Igreja justificam o uso de severas medidas disciplinares na tentativa de garantir uma Igreja perfeitamente pura neste mundo.

A quinta área de tensão entre o “agora” e o “antes”, o “já” e o “ainda não”, é a *esfera social*, ou a questão do *progresso*.

Afirmamos que Deus está trabalhando na sociedade humana. Isto, em parte, se deve à sua “graça comum”, ao dar ao mundo as bênçãos da família e do governo, pelos quais o mal é contido e os relacionamentos são ordenados. E é também por meio dos membros da sua comunidade redimida, que penetram na sociedade como sal e luz, fazendo a diferença ao impedir a decadência e dissipar as trevas.

Mas Deus ainda não criou os prometidos “novos céus e nova terra, onde habita a justiça”.⁵⁴ Ainda existem “guerras e rumores de guerras”.⁵⁵ As espadas ainda não foram forjadas em arados, nem as lanças em foices.⁵⁶ As nações ainda não renunciaram à guerra como um método para resolver suas disputas. O egoísmo, a crueldade e o medo continuam.

Portanto, embora seja correto fazer campanha pela justiça social e ter expectativas de que a sociedade melhore, sabemos que nunca poderemos torná-la perfeita. Embora conheçamos o poder transformador do evangelho e os efeitos benéficos do sal e da luz dos cristãos, também sabemos que o mal está enraizado na natureza humana e na sociedade humana. Somente Cristo em sua segunda vinda erradicará o mal e entronizará a justiça para sempre.

Aqui, então, estão cinco áreas (intelectual, moral, física, eclesiástica e social) nas quais é vital preservar a tensão entre o “já” e o “ainda não”.

TRÊS TIPOS DE CRISTÃO

Existem três tipos distintos de cristãos, de acordo com a extensão em que eles conseguem manter este equilíbrio bíblico.

Em primeiro lugar, há os “*cristãos já*”, que enfatizam o que Deus já nos deu em Cristo. Mas eles dão a impressão de que, em consequência, não há mais mistérios, não há pecados que não possam ser vencidos, não há doenças que não possam ser curadas nem males que não possam ser erradicados. Em suma, eles parecem acreditar que a perfeição pode ser alcançada agora.

Seus motivos são irrepreensíveis. Eles querem glorificar a Cristo – então eles se recusam a estabelecer limites para o que ele é capaz de fazer. Mas seu otimismo pode facilmente degenerar em presunção e acabar em desilusão. Eles se esquecem do “ainda não” do Novo Testamento e de que a perfeição aguarda a segunda vinda de Cristo.

Em segundo lugar, há os *cristãos “ainda* não”, que enfatizam a incompletude da obra de Cristo para o momento e aguardam ansiosamente o momento em que ele vai completar o que começou. Mas eles parecem estar preocupados com a nossa ignorância e fracasso humanos, o reinado penetrante de doença e da morte e a impossibilidade de garantir uma igreja pura ou uma sociedade perfeita.

Seu motivo também é excelente. Se os “cristãos já” querem glorificar a Cristo, os “cristãos ainda não” querem humilhar os pecadores. Eles estão determinados a ser fiéis à Bíblia para enfatizar nossa depravação humana. Mas seu pessimismo pode facilmente degenerar em complacência; ele também pode levar à aceitação do *status quo* e à apatia diante do mal. Eles se esquecem do que Cristo “já” fez por sua morte, ressurreição e envio do Espírito – e do que ele pode fazer em nossa vida e, como resultado, na Igreja e na sociedade.

Em terceiro lugar, existem os “*cristãos já/ainda não*”. Eles querem dar igual peso às duas vindas de Jesus. Por um lado, eles têm muita confiança no “já”, no que Deus disse e fez por meio de Cristo. Por outro lado, eles exibem uma humildade genuína diante do “ainda não”, humildade para confessar que o mundo vai permanecer caído e meio salvo até que Cristo aperfeiçoe em sua segunda vinda aquilo que ele começou na primeira vinda.

É essa combinação do “já” e do “ainda não” que caracteriza o evangelicalismo bíblico autêntico e que exemplifica o equilíbrio que é tão urgentemente necessário hoje.

Nossa posição como “cristãos contemporâneos” repousa com segurança sobre a pessoa de Jesus, cuja morte e ressurreição pertencem ao “já” do passado, e cuja gloriosa segunda vinda pertence ao “ainda não” do futuro. Como aclamamos em fé e triunfo:

Cristo morreu!

Cristo ressuscitou!

Cristo virá novamente!

NOTAS

PREFÁCIO

1. Apocalipse 1.8.↵
2. Hebreus 13.8.↵

INTRODUÇÃO DA SÉRIE

1. Salmos 119.105; cf. 2 Pedro 1.19.↵
2. Bonhoeffer, Dietrich. Letters and Papers from Prison [Cartas e papéis da prisão]. SCM Press, 1971. p. 279.↵
3. Mateus 11.19.↵
4. Veja Pelikan, Jaroslav. Jesus Through the Centuries [Jesus através dos séculos]. Yale University Press, 1985. p. 182-193.↵
5. 2 Coríntios 11.4.↵
6. 2 Timóteo 1.15; cf. 4.11, 16.↵
7. Atos 26.25.↵
8. Ezequiel 2.6-7.↵

CAPÍTULO 1

1. Whale, J. S. Christian Doctrine [Doutrina cristã]. 1941; Fontana, 1957. p. 33.↵
2. Ibid., p. 41.↵
3. Gênesis 1.26-28.↵
4. Thomas, Keith. O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800). Trad. João Roberto Martins Filho. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.↵
5. Ibid., p. 37.↵
6. Ibid., p. 38.↵
7. Ibid., p. 38.↵
8. Gênesis 1.26, 28; Salmos 8.5-8.↵
9. Gênesis 2.7; 7.22.↵
10. Gênesis 1.22, 28.↵
11. Salmos 73.22; 32.9.↵
12. Isaías 1.3.↵
13. Jeremias 8.7.↵
14. Provérbios 6.6-8.↵
15. Gênesis 2.8, 15.↵
16. Gênesis 3.8-9.↵
17. João 17.21.↵
18. Brunner, Emil. Man in Revolt [Homem em revolta]. 1937; ET Lutterworth, 1939. p. 419-420.↵
19. Ato II, Cena 2.↵
20. Marcos 7.14-15, 21-23.↵
21. Mateus 7.11.↵
22. Hammar skjöld, Dag. Markings [Marcas]. Trad. Leif Sjöberg e W. H. Auden. Faber, 1964. p. 128-129.↵

23. Marcos 7.23.↵
24. Êxodo 3.1-6; Isaías 6.1-6; Ezequiel 1 (especialmente v. 28).↵
25. Lewis, C. S. “Príncipe Caspian”, em *As Crônicas de Nárnia*. Trad. Paulo Mendes Campos. São Paulo: Martins Fontes, 2009. p. 394.↵
26. Richard Holloway, na Conferência de Renovação Católica, em Loughborough, abril de 1978.↵
27. Veja 2 Pedro 3.13.↵

CAPÍTULO 2

1. Halpern, Daniel. “A Sort of Exile in Lyme Regis” [“Uma espécie de exílio em Lyme Regis”]. *London Magazine*, mar. 1971.↵
2. Lucas 4.18-19, citando Isaías 61.1-2.↵
3. João 8.36.↵
4. Gálatas 5.1.↵
5. Twain, Mark. *Following the Equator* [Seguindo o Equador] (1897). v. 1, cap. 27.↵
6. Cf. Salmos 130.4.↵
7. João 8.31-34.↵
8. Filipenses 3.10.↵
9. Efésios 1.22.↵
10. Ramsey, Michael. *Freedom, Faith and the Future* [Liberdade, fé e o futuro]. SPCK, 1970. p. 12.↵
11. Por exemplo, Hebreus 6.18; Tiago 1.13; Habacuque 1.13.↵
12. 2 Timóteo 2.13.↵

13. West, Morris. Children of the Sun [Filhos do sol]. 1957; Pan, 1958. p. 94-95.↵
14. A entrevista apareceu em Le Monde, e em uma tradução em inglês no Guardian Weekly, em 23 de junho de 1985.↵
15. Marcos 8.35.↵
16. Mateus 11.28-30.↵

CAPÍTULO 3

1. 1 Coríntios 2.1-5.↵
2. 1 Coríntios 1.20-21.↵
3. Veja 1 Coríntios 2.7.↵
4. Hodge, C. H. The First Epistle to the Corinthians [A Primeira Epístola aos Coríntios]. 1857; Banner of the Truth, 1959. p. 29.↵
5. 2 Coríntios 5.11; cf. Atos 18.13.↵
6. Machen, J. Gresham. The Christian Faith in the Modern World [A fé cristã no mundo moderno]. 1936; Eerdmans, 1947. p. 63.↵
7. Atos 17.34.↵
8. Atos 17.18.↵
9. Para uma refutação mais completa da reconstrução popular, veja minha série A Mensagem de Atos, na série “A Bíblia Fala Hoje”. São Paulo: ABU Editora, 1994.↵
10. Atos 17.18, 21.↵
11. Atos 17.32.↵
12. 1 Coríntios 1.23.↵
13. Gálatas 3.13.↵

14. Orígenes. Contra Celso, III. 34.↵
15. 1 Coríntios 1.25.↵
16. The Guardian Weekly, 30 ago. 1979.↵
17. 2 Coríntios 5.21; Gálatas 3.13.↵
18. Atos 17.16.↵
19. Atos 17.22.↵
20. 1 Coríntios 8.5-6.↵
21. 2 Coríntios 11.2-3.↵
22. 1 Timóteo 2.5.↵
23. Para mais informações sobre este tópico, veja o capítulo 1 de Stott, John. O Mundo. Editora Ultimato, 2021.↵
24. 1 Coríntios 1.26-29.↵
25. Brunner, Emil. The Mediator [O mediador]. 1927; Westminster, 1947. p. 474.↵
26. 1 Coríntios 6.9-10.↵
27. Atos 16.21.↵
28. Atos 17.7.↵
29. 1 Coríntios 2.3.↵
30. 2 Coríntios 10.10.↵
31. 2 Coríntios 12.7.↵
32. Por exemplo, Gálatas 4.13-14.↵
33. Veja hina (“para”, “a fim de que”) em 2 Coríntios 4.7 e 12.9-10.↵
34. 1 Coríntios 1.29-31.↵

CAPÍTULO 4

1. João 11.25-26.↵
2. Apocalipse 1.18.↵
3. Atos 4.2.↵
4. Por exemplo, Atos 2.23-24, 32; 3.13-15; 5.30-32.↵
5. Por exemplo, Atos 13.28-31.↵
6. Atos 17.18.↵
7. 1 Coríntios 15.3-8.↵
8. Lucas 24.39.↵
9. Veja Sinclair, Andrew. Guevara. Fontana, 1970. Especialmente p. 70, 88.↵
10. Lewis, W. H. Ed. Letters of C. S. Lewis [Cartas de C. S. Lewis]. Geoffrey Bles, 1966. p. 307.↵
11. Apocalipse 1.18.↵
12. Bultmann, Rudolf. Kerygma and Myth [Kerygma e mito]. 1941; ET SPCK, 1953. p. 38-42.↵
13. Jenkins, David. Living with Questions [Vivendo com questionamentos]. SCM Press, 1969. p. 138-139. Veja também a crítica de J. Murray Harris, intitulada Easter in Durham [Páscoa em Durham]. Paternoster, 1985.↵
14. Do programa de televisão Credo, em abril de 1984.↵
15. Carnley, Peter. The Structure of Resurrection Belief [A estrutura da crença na ressurreição]. Clarendon Press, 1987. p. 17s.↵
16. Ibid., p. 164.↵
17. Ibid., p. 200, 266.↵
18. Ibid., p. 368.↵
19. Atos 2.27.↵
20. Por exemplo, Atos 2.23-32; 13.28-31, 37.↵

21. Veja, por exemplo, Morison, Frank. Who Moved the Stone? [Quem moveu a pedra?] (Faber, 1930); Anderson, J. N. D. The Evidence for the Resurrection [A evidência da ressurreição] (IVP, 1950); Jackman, Stuart. The Davidson File [O arquivo Davidson] (Lutterworth, 1982); Green, E. M. B. The Day Death Died [O dia em que a morte morreu] (IVP, 1982); Wenham, J. W. Easter Enigma [Enigma da Páscoa] (Paternoster, 1984); Wright, N. T. The Resurrection and the Son of God [A ressurreição e o Filho de Deus] (SPCK, 2017).↵
22. Atos 4.2.↵
23. 1 Coríntios 15.6.↵
24. Winslow, Jack C. Confession and Absolution [Confissão e absolvição]. Hodder & Stoughton, 1960. p. 22.↵
25. Mateus 26.28.↵
26. Romanos 6.23.↵
27. 1 Coríntios 15.14, 17-18.↵
28. Efésios 1.18-20.↵
29. Russell, Bertrand. A Free Man's Worship [O louvor de um homem livre]. 1902. Unwin Paperbacks, 1976. p. 10-17.↵
30. Mccann, Graham. Woody Allen: New Yorker. Polity Press, 1990. p. 43, 83.↵
31. Citado em Rich, Frank. "Woody Allen Wipes the Smile off His Face" ["Woody Allen limpa o sorriso do seu rosto"], Esquire, maio 1977, p. 75.↵
32. Por exemplo, Filipenses 3.21.↵
33. 1 Coríntios 15.42-44.↵
34. 1 Coríntios 15.20, 23.↵
35. Romanos 8.29; Colossenses 1.18; Apocalipse 1.5.↵

36. 1 Coríntios 15.49.↵
37. Mateus 19.28.↵
38. Apocalipse 21.5.↵
39. Romanos 8.20-23.↵
40. 2 Pedro 3.13; Apocalipse 21.1.↵
41. 1 Pedro 1.3.↵
42. O professor Oliver O'Donovan vai muito mais longe do que isso em seu livro de formação *Resurrection and Moral Order: An Outline for Evangelical Ethics* [Ressurreição e ordem moral: Um esboço para a ética evangélica] (IVP e Eerdmans, 1986). Ele argumenta que a ressurreição de Jesus é o fundamento sobre o qual a ética cristã repousa, porque proclama que a ordem mundial criada foi justificada e reafirmada por Deus; de fato, ela foi redimida, renovada e transformada. “Da ressurreição olhamos não só para trás, para a ordem criada que é justificada, mas para a frente, para a nossa participação escatológica nessa ordem” (p. 22), não só “para trás, para o que é reafirmado lá, a ordem da criação”, mas também “para a frente, para o que é antecipado lá, o reino de Deus” (p. 26).↵

CAPÍTULO 5

1. Romanos 14.9 (NAA).↵
2. Romanos 10.9.↵
3. 1 Coríntios 12.3.↵
4. João 20.15.↵
5. Mateus 27.62-63.↵

6. Atos 2.21, 38.↵
7. Romanos 10.12-13.↵
8. Por exemplo, 1 Tessalonicenses 1.1; 3.11; 2 Tessalonicenses 1.2, 12; 2.16.↵
9. Cf. Atos 2.33-39.↵
10. Mateus 11.29.↵
11. 2 Coríntios 10.5.↵
12. Bonhoeffer, Dietrich. Discipulado [recurso eletrônico]. Trad. Murilo Jardelino e Clélia Barqueta. Mundo Cristão, 2016.↵
13. Romanos 10.4.↵
14. Romanos 6.14;↵
15. Romanos 8.4.↵
16. 2 Coríntios 3.3, 6.↵
17. Jeremias 31.33.↵
18. Ezequiel 36.27.↵
19. João 14.21;↵
20. Filipenses 2.7.↵
21. Marcos 10.45.↵
22. Lucas 22.27.↵
23. Colossenses 3.23-24.↵
24. Colossenses 2.15;↵
25. Efésios 1.20-22.↵
26. Mateus 28.18.↵
27. Efésios 6.11-18.↵
28. 1 João 5.19.↵
29. Gill, David W. The Opening of the Christian Mind [A abertura da mente cristã]. IVP USA, 1989. p. 131.↵

30. Marcos 12.17.↵
31. Atos 17.7.↵
32. Apocalipse 1.5.↵
33. Epístolas, 10.96.↵
34. Por exemplo, Êxodo 1.15-17; Daniel 3 e 6; Atos 4.19; 5.29.↵
35. Romanos 13.1-7.↵
36. Atos 5.29.↵
37. Institutas, IV.xx.32.↵
38. Bauer, Walter. A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature [Léxico grego-inglês do Novo Testamento e outras literaturas cristãs antigas], 2. ed. Traduzido e adaptado por W. F. Arndt e F. W. Gingrich. University of Chicago Press, 1979.↵

CONCLUSÃO

1. Marcos 1.15, como ele traduz *ēngiken*.↵
2. Mateus 12.28, *ephthasen*.↵
3. Por exemplo, Marcos 1.14-15; Mateus 13.16-17.↵
4. Mateus 12.28-29; cf. Lucas 10.17-18.↵
5. Lucas 17.20-21.↵
6. Por exemplo, Marcos 10.15.↵
7. Mateus 6.10.↵
8. Mateus 6.33.↵
9. Marcos 9.47; cf. Mateus 8.11.↵
10. Mateus 25.34.↵

11. Por exemplo, Isaías 2.2; Mateus 12.32; Marcos 10.30.↵
12. Gálatas 1.4.↵
13. Colossenses 1.13; cf. Atos 26.18; 1 Pedro 2.9.↵
14. Efésios 2.6; Colossenses 3.1.↵
15. Por exemplo, Mateus 13.39; 28.20.↵
16. Romanos 12.2; 13.11-14; 1 Tessalonicenses 5.4-8.↵
17. Romanos 8.24; 5.9-10; 13.11.↵
18. Romanos 8.15, 23.↵
19. João 5.24; 11.25-26; Romanos 8.10-11.↵
20. Salmos 110.1; Efésios 1.22; Hebreus 2.8.↵
21. Romanos 8.24.↵
22. Filipenses 3.20-21; 1 Tessalonicenses 1.9-10.↵
23. Romanos 8.19.↵
24. Romanos 8.22-23, 26; 2 Coríntios 5.2, 4.↵
25. Romanos 8.23; 1 Coríntios 1.7.↵
26. Romanos 8.25.↵
27. Por exemplo, Isaías 32.15; 44.3; Ezequiel 39.29; Joel 2.28; Marcos 1.8; Hebreus 6.4-5.↵
28. Romanos 8.23.↵
29. 2 Coríntios 5.5; Efésios 1.14.↵
30. Hebreus 6.4-5.↵
31. Salmos 119.105.↵
32. 2 Coríntios 5.7.↵
33. Deuteronômio 34.10; cf. Números 12.8; Deuteronômio 3.24.↵
34. 1 Coríntios 13.9-12.↵
35. Deuteronômio 29.29.↵
36. 1 Tessalonicenses 4.7-8.↵

- 37. Gálatas 5.16-26.↵
- 38. 2 Coríntios 3.18.↵
- 39. Gálatas 5.17.↵
- 40. 1 João 1.8.↵
- 41. Filipenses 3.12-14; 1.6.↵
- 42. Por exemplo, Levítico 19.2.↵
- 43. João 8.11 (NAA).↵
- 44. Por exemplo, Romanos 7.17, 20; 8.9, 11.↵
- 45. 2 Coríntios 12.12.↵
- 46. Apocalipse 11.15.↵
- 47. Hebreus 6.5.↵
- 48. 2 Coríntios 4.10-11.↵
- 49. Apocalipse 21.5.↵
- 50. Efésios 5.27; cf. Apocalipse 21.2.↵
- 51. 1 Timóteo 6.12.↵
- 52. Efésios 4.3.↵
- 53. Mateus 13.30.↵
- 54. 2 Pedro 3.13; Apocalipse 21.1.↵
- 55. Marcos 13.7.↵
- 56. Isaías 2.4.↵

A BÍBLIA

Categoria: Apologética / Estudo Bíblico / Vida Cristã

Copyright © John Stott com Tim Chester, 2019. Todos os direitos reservados.

Publicado originalmente em 2019, por InterVarsity Press, Londres, Inglaterra.

Título original em inglês: *The Bible*

Publicado como o terceiro volume da série “O Cristão Contemporâneo”. Organizado por Tim Chester a partir do livro *The Contemporary Christian* (1992), de John Stott.

Primeira edição: Julho de 2021

Coordenação editorial: Bernadete Ribeiro

Tradução: Valéria Lamim Delgado Fernandes

Revisão: Natália Superbi

Diagramação: Bruno Menezes

Capa: Rafael Brum

Produção do arquivo ePub: Booknando

A menos que indicado de outra forma, os textos bíblicos foram retirados da Nova Versão Internacional, da Sociedade Bíblica Internacional.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Lumos Assessoria Editorial

Bibliotecária: Priscila Pena Machado CRB-7/6971

S888

Stott, John.

A Bíblia : um livro como nenhum outro [recurso eletrônico] / John Stott e Tim Chester ; tradução Valéria Lamim Delgado Fernandes. — Viçosa : Ultimato, 2021.

Dados eletrônicos (e-Pub). — (O Cristão Contemporâneo ; 3) 340 p.

Título original: *The Bible: a book like no other*

ISBN 978-65-86173-22-2

1. Bíblia - Crítica, interpretação, etc. 2. Vida cristã. 3. Bíblia - Estudos bíblicos. I. Chester, Tim. II. Fernandes, Valéria Lamim Delgado. III. Título. IV. Série.

CDU 82.1(811.3)

PUBLICADO NO BRASIL COM TODOS OS DIREITOS RESERVADOS POR:

EDITORA ULTIMATO LTDA

Caixa Postal 43

36570-970 Viçosa, MG

Telefone: 31 3611-8500

www.ultimato.com.br



facebook.com/editora.ultimato



twitter.com/ultimato



instagram.com/editoraultimato

• ORGANIZADO POR TIM CHESTER •



O DISCÍPULO

UM CHAMADO
PARA SER COMO CRISTO

JOHN STOTT



O DISCÍPULO

JOHN STOTT

• ORGANIZADO POR ORGANIZADO POR TIM CHESTER •



O DISCÍPULO

UM CHAMADO PARA SER COMO CRISTO

TRADUZIDO POR **DENIS TIMM**



Sumário

Capa

Folha de rosto

Prefácio

Uma nota ao leitor

Introdução da série “O Cristão Contemporâneo”

Introdução

1. O ouvido atento

2. Mente e emoções

3. Orientação, vocação e ministério

4. O primeiro fruto do espírito

Conclusão

Notas

Crédito

PREFÁCIO

SER “CONTEMPORÂNEO” é viver no presente e mover-se com os tempos sem se preocupar demais com o passado ou o futuro.

Ser um “cristão contemporâneo”, porém, é viver num presente que é enriquecido pelo nosso conhecimento do passado e pela nossa expectativa do futuro. Nossa fé cristã exige isso. Por quê? Porque o Deus em quem confiamos e que adoramos é “o Alfa e o Ômega... o que é, o que era e que há de vir, o Todo-poderoso”,¹ enquanto o Jesus Cristo que seguimos é “o mesmo, ontem, hoje e para sempre”.²

Assim, este livro e esta série falam de como os cristãos lidam com o tempo – como podemos unir o passado, o presente e o futuro em nosso pensar e viver. Temos diante de nós dois desafios principais. O primeiro é a tensão entre o “antes” (passado) e o “agora” (presente), e o segundo é a tensão entre o “agora” (presente) e o “ainda não” (futuro).

A introdução aborda o primeiro problema. É possível honrarmos verdadeiramente o passado e, ao mesmo tempo, vivermos no presente? Podemos preservar intacta a identidade histórica do cristianismo sem nos isolar daqueles que estão ao nosso redor? Podemos comunicar o evangelho de maneiras vibrantes e modernas, mas sem distorcê-lo ou até mesmo destruí-lo? Podemos ser autênticos e puros ao mesmo tempo, ou temos de escolher?

A conclusão aborda o segundo problema: a tensão entre o “agora” e o “ainda não”. Até onde podemos explorar e experimentar tudo o que Deus tem dito e feito por meio de Cristo sem nos desviar para o que ainda não foi revelado ou dado? Como podemos desenvolver um senso adequado de

humildade sobre um futuro que ainda vai se revelar sem nos tornarmos acomodados sobre onde estamos no presente?

Em meio a essas questões sobre as influências do passado e do futuro surge uma investigação sobre as nossas responsabilidades cristãs no presente.

Esta série trata de questões de doutrina e discipulado sob os cinco títulos: “O Evangelho”, “O Discípulo” (o livro que você tem em mãos), “A Bíblia”, “A Igreja” e “O Mundo”, embora eu não faça tentativa alguma de ser sistemático nem, muito menos, exaustivo.

Além da questão do tempo e das relações entre passado, presente e futuro, há um segundo tema que percorre esta série: a necessidade de falarmos menos e escutarmos mais.

Creio que somos chamados à difícil e até dolorosa tarefa da “dupla escuta”. Devemos escutar com atenção (embora, naturalmente, com diferentes graus de respeito) tanto a Palavra antiga como o mundo moderno, a fim de relacionar um ao outro com uma combinação de fidelidade e sensibilidade.

Cada livro desta série é uma tentativa de dupla escuta. É minha firme convicção que, se conseguirmos desenvolver a nossa capacidade de dupla escuta, evitaremos as armadilhas antagônicas da infidelidade e da irrelevância, e seremos verdadeiramente capazes de falar a Palavra de Deus ao mundo de Deus hoje de maneira eficaz.

ADAPTADO DO PREFÁCIO ORIGINAL ESCRITO POR JOHN STOTT EM 1991.

UMA NOTA AO LEITOR

O LIVRO ORIGINAL intitulado *O Cristão Contemporâneo*, no qual este volume e esta série estão baseados, pode não parecer “contemporâneo” para os leitores de hoje, mais de um quarto de século depois. Mas tanto a editora quanto os Executores Literários de John Stott estão convencidos de que as questões abordadas por John Stott neste livro são tão relevantes hoje como eram quando foram abordadas pela primeira vez.

A questão era como tornar esta obra seminal acessível para as novas gerações de leitores. Assim, procuramos fazer isso da seguinte maneira:

- A obra original foi dividida em uma série de volumes menores, levando em conta as cinco principais seções do original.
- Palavras que podem não comunicar ao leitor do século 21 foram atualizadas, ao mesmo tempo em que foi tomado grande cuidado para manter o processo de pensamento e o estilo do autor no original.
- Cada capítulo agora é seguido por perguntas feitas por um autor cristão atual e best-seller, a fim de ajudar a reflexão e a resposta.

Os amantes da obra original expressaram alegria pelo fato de este livro estar sendo disponibilizado de uma forma que amplia o seu alcance e influência em um novo século. Oramos para que você tenha a sua vida enriquecida por esta leitura, pois a vida de muitas pessoas já foi grandemente enriquecida pela edição original.

INTRODUÇÃO DA SÉRIE

O CRISTÃO CONTEMPORÂNEO O ANTES E O AGORA

A EXPRESSÃO “o cristão contemporâneo” atinge muitos como uma contradição em termos. Para muitos, o cristianismo não passa de uma relíquia antiga do passado remoto, irrelevante para as pessoas do mundo de hoje.

O meu propósito nesta série é mostrar que existe algo como “cristianismo contemporâneo” – não algo ultramoderno, mas um cristianismo original, histórico, ortodoxo e bíblico, sensivelmente relacionado com o mundo moderno.

CRISTIANISMO: TANTO HISTÓRICO COMO CONTEMPORÂNEO

Começamos reafirmando que o cristianismo é uma religião histórica. É claro que cada religião surgiu em um contexto histórico particular. O cristianismo, no entanto, faz uma reivindicação especialmente forte de ser histórico, porque repousa não só sobre uma *pessoa* histórica, Jesus de Nazaré, mas em certos *acontecimentos* históricos que o envolveram, especialmente o seu nascimento, morte e ressurreição. Há uma linha comum aqui com o judaísmo, a partir do qual o cristianismo surgiu. O Antigo

Testamento apresenta Deus não só como “o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó”, mas também como o Deus da aliança que ele fez com Abraão e, depois, renovou com Isaque e Jacó. Mais uma vez, ele não é apenas “o Deus de Moisés”, mas também é visto como o Redentor responsável pelo êxodo, que renovou a aliança mais uma vez no monte Sinai.

Os cristãos estão para sempre amarrados pelo coração e pela mente a estes acontecimentos históricos decisivos do passado. A Bíblia constantemente nos encoraja a olhar para eles com gratidão. De fato, Deus deliberadamente providenciou tudo para que o seu povo recordasse as suas ações salvadoras com regularidade. De modo emblemático, a Ceia do Senhor ou Eucaristia nos permite ter em mente a morte expiatória de Cristo, de modo regular, trazendo o passado para o presente.

Mas o problema é que os acontecimentos fundamentais do cristianismo ocorreram há muito tempo. Há alguns anos tive uma conversa com dois irmãos – estudantes que me disseram ter se afastado da fé professada pelos seus pais. Um deles agora era agnóstico, e o outro era ateu. Eu perguntei por quê. Será que eles não acreditavam mais na verdade do cristianismo? Não, o dilema deles não era se o cristianismo era *verdadeiro*, mas se era *relevante*. E como poderia ser? O cristianismo – eles continuaram – era uma religião primitiva da Palestina de muito tempo atrás. Então, o que tinha para oferecer a eles, que viviam no agitado mundo moderno?

Esta visão do cristianismo é generalizada. O mundo mudou dramaticamente desde os dias de Jesus e continua a mudar com uma velocidade cada vez mais desconcertante. As pessoas rejeitam o evangelho não necessariamente porque pensam que ele seja falso, mas porque já não diz nada para elas.

Em resposta a isso, precisamos ser claros sobre a convicção cristã básica de que Deus continua a falar por meio do que ele falou. A sua Palavra não é

um fóssil pré-histórico, mas uma mensagem viva para o mundo contemporâneo. Mesmo admitindo as particularidades históricas da Bíblia e as imensas complexidades do mundo moderno, ainda existe uma correspondência fundamental entre elas. A Palavra de Deus permanece uma lâmpada para os nossos pés e uma luz para o nosso caminho.¹

No entanto, nosso dilema permanece. Será que o cristianismo consegue, ao mesmo tempo, manter a sua identidade autêntica e demonstrar a sua relevância?

O desejo de apresentar Jesus de uma maneira que apele para a nossa própria geração é obviamente certo. Esta foi a preocupação do pastor alemão Dietrich Bonhoeffer enquanto estava na prisão durante a Segunda Guerra Mundial: “O que mais me preocupa”, escreveu ele, “é a questão: [...] ‘quem Cristo realmente é, hoje, para cada um de nós?’”.² É uma questão difícil. Ao responder a ela, a Igreja em todas as gerações tinha tendência a desenvolver imagens de Cristo que se desviam do retrato pintado pelos autores do Novo Testamento.

TENTATIVA DE MODERNIZAR JESUS

Aqui estão algumas das muitas tentativas da Igreja de apresentar um retrato contemporâneo de Cristo, algumas das quais têm sido mais bem-sucedidas do que outras quanto a permanecer fiel ao original.

Penso em primeiro lugar em *Jesus, o asceta*, que inspirou gerações de monges e eremitas. Ele era muito parecido com João Batista, pois também vestia roupas feitas de pelo de camelo, usava sandálias ou até andava descalço e comia gafanhotos com prazer evidente. Mas seria difícil conciliar

este retrato com a crítica dos seus contemporâneos de que ele era um festeiro que vivia “comendo e bebendo”.³

Também havia *Jesus, o pálido galileu*. O imperador apóstata Juliano tentou restabelecer os deuses pagãos de Roma depois que Constantino os substituiu pela adoração a Cristo, e relata-se que ele teria dito o seguinte em seu leito de morte, em 363 depois de Cristo: “Venceste, ó galileu”. Suas palavras foram popularizadas por um poeta do século 19, Swinburne:

Venceste, ó pálido galileu;

O mundo tornou-se cinzento do ar que respiras.

Esta imagem de Jesus foi perpetuada na arte medieval e vitrais, com um halo celeste e uma pele sem cor, olhos levantados para o céu e pés que não tocavam o chão.

Em contraste com as apresentações de Jesus como fraco, sofredor e derrotado, havia *Jesus, o Cristo cósmico*, muito amado pelos líderes da igreja bizantina. Eles o descreveram como o Rei dos reis e Senhor dos senhores, o Criador e governante do universo. No entanto, exaltado acima de todas as coisas, glorificado e reinando, ele parecia distante do mundo real e até mesmo da sua própria humanidade, como foi revelado na encarnação e na cruz.

No extremo oposto do espectro teológico, os deístas do Iluminismo dos séculos 17 e 18, à própria imagem deles, construíram *Jesus, o mestre do senso comum*,⁴ inteiramente humano e nada divino. O exemplo mais dramático é a obra de Thomas Jefferson, presidente dos Estados Unidos de 1801 a 1809. Rejeitando o sobrenatural como algo incompatível com a razão, ele produziu a sua própria edição dos Evangelhos, em que todos os milagres e mistérios

foram sistematicamente eliminados. O que resta ali é um guia para um professor de moral meramente humana.

No século 20, fomos apresentados a uma ampla gama de opções. Duas das mais conhecidas devem sua popularidade a musicais. Há *Jesus, o palhaço de Godspell*, que passa o tempo cantando e dançando, e assim capta algo da alegria de Jesus, mas dificilmente leva a sério a sua missão. Um pouco semelhante é *Jesus Cristo Superstar*, a celebridade desiludida, que uma vez pensou que sabia quem era, mas no Getsêmani já não tinha tanta certeza.

O falecido presidente de Cuba Fidel Castro referiu-se frequentemente a Jesus como “um grande revolucionário”, e houve muitas tentativas de retratá-lo como *Jesus, o lutador da liberdade*, o guerrilheiro urbano, o Che Guevara do primeiro século, com barba negra e olhos brilhantes, cujo gesto mais característico foi derrubar as mesas dos cambistas e expulsá-los do templo com um chicote.

Esses diferentes retratos ilustram a tendência recorrente de atualizar Cristo de acordo com as modas atuais. Isso começou na era apostólica, com a necessidade de Paulo advertir sobre os falsos mestres que pregavam “um Jesus que não é aquele que [nós, os apóstolos] pregamos”.⁵ Cada geração que chega tende a ler para si as suas próprias ideias e esperanças, criando um Jesus à sua própria imagem.

A motivação deles até é certa (pintar um retrato contemporâneo de Jesus), mas o resultado é sempre distorcido (como o retrato não é autêntico). O desafio diante de nós é apresentar Jesus à nossa geração de maneiras ao mesmo tempo precisas e atraentes.

CHAMADO À DUPLA ESCUTA

A principal razão de cada traição ao Jesus autêntico é que prestamos muita atenção às tendências contemporâneas e muito pouca atenção à Palavra de Deus. A sede de relevância torna-se tão exigente que sentimos a necessidade de ceder a ela, custe o que custar. Tornamo-nos escravos da última moda, preparados para sacrificar a verdade no altar da modernidade. A busca da relevância degenera para um desejo de popularidade. No extremo oposto da irrelevância está a acomodação, uma rendição covarde e sem princípios ao *espírito do tempo*.

O povo de Deus vive em um mundo que pode ser ativamente hostil. Estamos constantemente expostos à pressão para nos conformarmos a este mundo.

Graças a Deus, no entanto, que sempre houve aqueles que ficaram firmes, às vezes sozinhos, e se recusaram a ceder. Penso em Jeremias, no sexto século antes de Cristo, Paulo, em sua época (“todos... me abandonaram”),⁶ Atanásio, no século quarto, e Lutero, no século 16.

Em nossos dias, também precisamos decidir apresentar o evangelho bíblico de tal forma a lidar com os dilemas modernos, medos e frustrações, mas com a igual determinação de não comprometê-lo ao fazermos isso. Algumas *pedras de tropeço* são intrínsecas ao evangelho original e não podem ser eliminadas ou empurradas suavemente para torná-lo mais fácil de aceitar. O evangelho contém algumas características tão estranhas ao pensamento moderno que sempre poderá parecer tolo, por mais que nos esforcemos para mostrar que ele é “verdadeiro e de bom senso”.⁷ A cruz será sempre um ataque à autojustiça humana e um desafio à autoindulgência humana. O seu “escândalo” (pedra de tropeço) simplesmente não pode ser removido. A Igreja fala mais autenticamente não quando se torna indistinta do mundo ao nosso redor, mas justamente quando a sua luz distintiva brilha mais.

Por mais que estejamos desejosos de comunicar a Palavra de Deus aos outros, devemos ser fiéis a essa Palavra e, se necessário, estar preparados para sofrer por ela. A palavra de Deus a Ezequiel nos encoraja: “Não tenha medo dessa gente [...] Você lhes falará as minhas palavras, quer ouçam, quer deixem de ouvir, pois são rebeldes”.⁸ Somos chamados para ser fiéis e relevantes, não meramente modernos.

Como, então, podemos desenvolver uma mente cristã que seja moldada pelas verdades do cristianismo histórico e bíblico e, ao mesmo tempo, totalmente imersa nas realidades do mundo contemporâneo? Temos de começar com uma dupla recusa. Nós nos recusamos a ficar tão absorvidos na Palavra, que *fugimos* para ela, que falhamos em deixar que ela confronte o mundo; e nos recusamos a ficar tão absorvidos no mundo, que nos *conformamos* a ele e deixamos de submetê-lo ao julgamento da Palavra.

Em lugar desta dupla recusa, somos chamados à dupla escuta. Precisamos escutar a Palavra de Deus com expectativa e humildade, prontos para Deus talvez nos confrontar com uma palavra que pode ser perturbadora e inesperada. E devemos também escutar o mundo ao nosso redor. As vozes que ouvimos podem assumir a forma de protesto agudo e estridente. Haverá também os gritos angustiados daqueles que estão sofrendo, e a dor, a dúvida, a raiva, a alienação e até mesmo o desespero daqueles que estão em desacordo com Deus. Escutamos a Palavra com humilde reverência, ansiosos para compreendê-la, e resolvemos crer e obedecer ao que passamos a entender. Escutamos o mundo com atenção crítica, ansiosos para compreendê-lo, e resolvemos não necessariamente acreditar e obedecer-lhe, mas simpatizar com ele e procurar graça para descobrir como o evangelho se relaciona com ele.

Todos acham difícil escutar. Mas será que os cristãos, às vezes, têm mais dificuldade para escutar do que os outros? Podemos aprender com os

chamados “consoladores” do livro de Jó, no Antigo Testamento. Eles começaram bem. Quando ouviram falar dos problemas de Jó, foram visitá-lo e, vendo quão grandes eram os seus sofrimentos, nada lhe disseram durante uma semana inteira. Se ao menos tivessem continuado como começaram e mantido a boca fechada! Em vez disso, eles propuseram a sua visão convencional – a visão de que o pecador sofre por causa dos seus próprios pecados – da maneira mais insensível. Eles realmente não escutaram o que Jó tinha a dizer. Eles se limitaram a repetir o seu próprio discurso impensado e sem coração, até que, no final, Deus entrou em cena e os repreendeu por terem deturpado a situação.

Precisamos cultivar essa “dupla escuta”, a capacidade de escutar duas vozes ao mesmo tempo – a voz de Deus por meio da Bíblia e as vozes de homens e mulheres ao nosso redor. Essas vozes muitas vezes se contradizem, mas o nosso propósito ao escutá-las é descobrir como elas se relacionam umas com as outras. A dupla escuta é algo indispensável para o discipulado cristão e para a missão cristã.

Somente por meio desta disciplina de dupla escuta é possível tornar-se um “cristão contemporâneo”. Nós juntamos o “histórico” e o “contemporâneo” enquanto aprendemos a aplicar a Palavra ao mundo, proclamando a boa-nova que é tanto verdadeira como nova.

Para resumir, vivemos no “agora” à luz do que já aconteceu “antes”.

O DISCÍPULO

O DISCIPULADO CRISTÃO (isto é, seguir a Cristo) é uma responsabilidade multifacetada. Os quatro aspectos que escolhi podem parecer, de alguma forma, aleatórios, mas todos tendem a ser subestimados ou até mesmo ignorados.

Começo mencionando “o ouvido atento”. Pois, embora todos os órgãos do nosso corpo devam ser consagrados a Deus (incluindo os nossos olhos e lábios, as nossas mãos e pés), é possível mostrar a importância de ver os nossos ouvidos como os mais importantes. Todo verdadeiro discípulo é um ouvinte, como começamos a ver na introdução da série.

O capítulo 2 (“Mente e emoções”) recorda que o nosso Criador nos fez pessoas ao mesmo tempo racionais e emocionais, e então analisa algumas das ligações mais significativas entre essas duas características da personalidade humana.

No capítulo 3, sob o título “Orientação, vocação e ministério”, descobrimos que o discipulado se manifesta em serviço e traçamos considerações de como podemos discernir a vontade de Deus e o chamado de Deus na nossa vida.

Para o capítulo final é reservada uma discussão do primeiro fruto do Espírito, que é o amor. Sua primazia nos discípulos cristãos está bem expressa no Livro de Oração Comum, que o descreve como “o mais excelente dom da caridade, o próprio vínculo da paz e de todas as virtudes, sem o qual todo aquele que vive é contado como morto diante de Deus”.

O OUVIDO ATENTO

JÁ NOTAMOS que um dos mais importantes – e dos mais negligenciados – ingredientes do discipulado cristão é o cultivo de um ouvido atento. Maus ouvintes não são bons discípulos.

O apóstolo Tiago foi claro sobre isso. Suas advertências de que a língua é “um mal incontrollável, cheio de veneno mortífero”¹ são bastante conhecidas, mas ele não tem críticas semelhantes para o ouvido. Ele nos exorta a não falar demais, mas parece sugerir que nunca podemos ouvir demais. Eis a sua exortação: “Meus amados irmãos, tenham isto em mente: Sejam todos prontos para ouvir, tardios para falar e tardios para irar-se, pois a ira do homem não produz a justiça de Deus.”²

Que órgão extraordinário Deus criou na forma do ouvido humano! Claro, o que geralmente chamamos de ouvido é apenas o *ouvido externo*, aquela projeção carnuda no lado da cabeça que pode vir numa variedade de formas e tamanhos. A partir dele, um canal de dois centímetros leva ao tímpano, atrás do qual está o *ouvido médio*. Aqui, os três menores ossos do corpo (popularmente conhecidos como bigorna, martelo e estribo) amplificam o som vinte e duas vezes e passam-no para o *ouvido interno*, onde a audição real ocorre. Seu principal componente é o tubo em forma de caracol chamado cóclea. Contém milhares de células microscópicas, semelhantes a cabelos, cada uma das quais está sintonizada com uma vibração particular. As vibrações agora são convertidas em impulsos elétricos, que transmitem som ao cérebro para decodificá-lo ao longo de 30 mil circuitos do nervo

auditivo, o suficiente para o serviço telefônico de uma cidade considerável. É com justiça que o ouvido humano tem sido celebrado como um triunfo da miniaturização.³

Quando pensamos o quanto esse órgão é versátil e sensível, lamentamos por não dar a ele um uso melhor e por não desenvolver a nossa capacidade de ouvir. Penso não só na música, no canto dos pássaros e nos animais, mas também no valor da conversa para os nossos relacionamentos. A surdez involuntária é uma deficiência grave; a surdez deliberada é um pecado e uma loucura.

Este é um dos principais temas do filme de Alan Parker, *Birdy* (em português, *Asas da Liberdade*), que é baseado no romance de William Wharton. Sua declaração principal é a fala descartável perto do final, de que “ninguém mais escuta ninguém”. O filme retrata a amizade de dois adolescentes na Filadélfia, Al e Birdy, que floresce apesar da estranha obsessão de Birdy com o voo de pássaros. Convocado para o Vietnã, ambos são atingidos. Al precisa passar por cirurgias em seu rosto desfigurado, enquanto Birdy sofre danos psicológicos. Ele se afunda em um silêncio impenetrável e é internado em um hospital psiquiátrico. Em sua cela, acovarda-se como um pássaro enjaulado, constantemente olhando para a janela com grades, sonhando em escapar. Os dois homens precisam urgentemente do apoio um do outro no rescaldo cruel da guerra, mas não conseguem se comunicar. Finalmente, no entanto, algo acontece e a amizade é restaurada. Mas o pano de fundo para isso é um mundo hostil em que as pessoas estão fora de contato umas com as outras – uma mãe antipática, uma namorada incompreensiva, uma guerra sangrenta e sem sentido e um psicoterapeuta que não tem discernimento e compaixão. Al e Birdy estão agora ouvindo um ao outro novamente, mas eles parecem ser as exceções em um mundo em que “ninguém mais escuta ninguém”.

O apelo de Tiago para que sejamos rápidos para ouvir não nos parece algo fácil de seguir. Muitos de nós somos falantes compulsivos, especialmente os pregadores! Preferimos falar a ouvir, dar informações voluntárias a confessar a nossa ignorância, criticar a receber críticas. Mas quem sou eu para dizer essas coisas? Eu mesmo tenho sido um grande infrator nesta área, mais do que todos. Aqui está um exemplo. Pode parecer um pequeno incidente, mas se mostrou formativo para mim. Era segunda-feira de manhã em Londres, a direção da igreja All Souls estava reunida para a nossa reunião semanal e eu estava na condução. Os outros continuavam falando sobre algo que particularmente não me interessava (agora eu nem lembro o que era), e tenho vergonha de dizer que eu estava desligado. De repente, Ted Schroder, que naquela época podia ser descrito sem qualquer injustiça como “um jovem e impetuoso colono da Nova Zelândia”, e que agora é um amigo próximo e valioso, deixou escapar: “John, você não está ouvindo!”. Eu fiquei corado. Pois ele estava certo, e é intoleravelmente rude não ouvir quando alguém está falando. Além disso, as tensões que estavam surgindo em nossa equipe naquela época foram em grande parte devido à minha incapacidade de ouvir. Então eu me arrependi, e muitas vezes depois daquilo tenho orado pela graça de ser um melhor ouvinte.

A quem, pois, devemos ouvir? Em primeiro lugar a Deus.

OUVINDO DEUS

Uma das verdades distintivas sobre o Deus da Bíblia é que ele é um Deus que fala. Ao contrário dos ídolos sem vida que são mudos, o Deus vivo falou e continua a falar. Ídolos têm boca, mas não falam; Deus não tem boca (porque é espírito), mas fala. E, como Deus fala, devemos ouvir. Este é um

tema constante no Antigo Testamento em todas as suas três seções principais. Veja o que diz a Lei: “Amem o Senhor, o seu Deus, ouçam a sua voz”.⁴ E a literatura sapiencial, nos Escritos: “Quem dera hoje vocês ouvissem a voz do Senhor!”⁵. Há também muitos exemplos nos Profetas. Por exemplo, a “dureza” de coração de Israel, da qual Deus se queixava constantemente a Jeremias, consistia no fato de que Israel era um “povo ímpio, que se recusa a ouvir as minhas palavras”.⁶ A tragédia dessa situação é que o que constituiu Israel como um povo especial e distinto foi precisamente o fato de Deus ter falado e chamado o povo. No entanto, Israel não ouviu nem respondeu. O resultado foi juízo: “Quando eu os chamei, não me deram ouvidos; por isso, quando eles me chamarem, também não os ouvirei”⁷. Quase seria possível dizer que o epitáfio gravado na lápide da nação foi: “O Senhor Deus falou ao seu povo, mas eles se recusaram a ouvir”. Então Deus enviou seu Filho, dizendo: “Eles ouvirão meu Filho”. Mas, em vez disso, eles o mataram.

Ainda hoje Deus fala, embora não haja um consenso na Igreja quanto ao modo como ele faz isso. Eu mesmo não acredito que ele nos fala diretamente e de forma audível, como fez, por exemplo, com Abraão⁸, com o menino Samuel⁹ ou com Saulo de Tarso no caminho de Damasco¹⁰. Nem devemos alegar que ele se dirige a nós “face a face, como quem fala com seu amigo”,¹¹ uma vez que esta relação íntima que Deus teve com Moisés foi especificamente dita como sendo única.¹² Com certeza, as ovelhas de Cristo conhecem a voz do Bom Pastor e o seguem,¹³ pois isso é essencial para o nosso discipulado. Mas não temos uma promessa de que a sua voz será audível.

O que dizer, então, sobre as declarações indiretas de Deus por meio dos profetas? Certamente devemos rejeitar qualquer alegação de que hoje existem profetas comparáveis aos profetas bíblicos. Pois eles eram a “boca”

de Deus, órgãos especiais de revelação, cujo ensino pertence ao fundamento sobre o qual a Igreja é construída.¹⁴ Pode muito bem ser, no entanto, um dom profético de um tipo secundário, como quando Deus dá a algumas pessoas uma visão especial sobre a sua Palavra e a sua vontade. Mas não devemos atribuir infalibilidade a tais comunicações. Em vez disso, devemos avaliar o caráter e a mensagem daqueles que afirmam falar da parte de Deus.¹⁵

A principal maneira pela qual Deus nos fala hoje é por meio das Escrituras, como a Igreja em cada geração tem reconhecido. As palavras que Deus falou por meio dos autores bíblicos, palavras que ele, em sua providência, cuidou para que fossem escritas e preservadas, não são uma letra morta. Um dos ministérios especiais do Espírito Santo é fazer com que a Palavra escrita de Deus seja “viva e eficaz, e mais afiada que qualquer espada de dois gumes”¹⁶. Portanto, nunca devemos separar a Palavra do Espírito nem o Espírito da Palavra, pela simples razão de que a Palavra de Deus é a “espada do Espírito”,¹⁷ a principal arma que ele usa para cumprir seu propósito na vida do seu povo. É essa confiança que nos permite pensar nas Escrituras tanto como um texto escrito quanto como uma mensagem viva. É por isso que Jesus poderia perguntar: “O que está escrito?”,¹⁸ e: “Vocês não leram...?”,¹⁹ enquanto Paulo podia perguntar: “Que diz a Escritura?”,²⁰ quase personificando-a. Em outras palavras, a Escritura (que significa a Palavra escrita) pode ser lida ou ouvida, e o que ela diz é o que Deus diz por meio dela. Por meio da sua Palavra antiga, Deus se dirige ao mundo moderno. Ele fala por meio daquilo que já falou.

E Deus nos chama a ouvir “o que o Espírito diz às igrejas” por meio das Escrituras.²¹ A tragédia é que ainda hoje, como nos dias do Antigo Testamento, as pessoas muitas vezes não ouvem, não podem ou não querem ouvir Deus. A falha na comunicação entre Deus e nós não é porque Deus

está morto ou silencioso, mas porque nós não estamos ouvindo. Se, em uma conversa telefônica, a linha fica muda, nossa primeira conclusão não é que a pessoa no outro lado tenha morrido. Não, sabemos que a linha caiu.

Os cristãos, também, muitas vezes podem perder o contato de Deus. Não é esta a principal causa da estagnação espiritual que às vezes experimentamos? Somos nós quem paramos de ouvir a voz de Deus. Talvez não tenhamos mais um momento tranquilo em nosso dia para a leitura bíblica e a oração. Ou, se fazemos isso sem pensar, talvez seja mais uma rotina do que uma realidade, porque já não esperamos que Deus fale. Então, precisamos adotar a atitude de Samuel e dizer: “Fala, Senhor, pois o teu servo está ouvindo”.²² Como servos do Senhor, deveríamos ser capazes de dizer: “Ele me acorda manhã após manhã, desperta meu ouvido para escutar como alguém que está sendo ensinado”.²³ Devemos imitar Maria de Betânia, que “ficou sentada aos pés do Senhor, ouvindo a sua palavra”.²⁴ É claro, temos de ser tanto ativos como contemplativos, trabalhar e também orar, ser ao mesmo tempo Marta e Maria. Mas será que temos deixado a Marta em nós expulsar a Maria? Temos negligenciado o que Jesus chamou de “boa parte”?²⁵

OUVINDO UM AO OUTRO

Nesta segunda esfera da escuta, o princípio é claro: a comunidade depende da comunicação. Só quando falamos e ouvimos uns aos outros é que os nossos relacionamentos se desenvolvem e amadurecem. Quando paramos de nos ouvir, os relacionamentos desmoronam. O livro de Provérbios dá grande ênfase à necessidade e ao valor da escuta mútua. Por exemplo: “O caminho do insensato parece-lhe justo, mas o sábio ouve os conselhos”.²⁶

Semelhantemente: “Quem ouve a repreensão construtiva terá lugar permanente entre os sábios”.²⁷ De novo: “O coração do que tem discernimento adquire conhecimento; os ouvidos dos sábios saem à sua procura.”²⁸ Eis aqui, pois, exortações para ouvir conselhos, repreensão e instrução, juntamente com a declaração de que aqueles que o fazem são sábios. Além disso, esta necessidade de ouvir se aplica a todas as esferas da vida, incluindo o lar, o local de trabalho, o Estado e a Igreja.

Em primeiro lugar, isso se aplica *ao lar*. Quase sinto a necessidade de me desculpar por dizer algo tão tradicional, mas as crianças e os jovens precisam ouvir seus pais. “Ouça, meu filho, a instrução de seu pai e não despreze o ensino de sua mãe.”²⁹ O fato é que os pais têm mais experiência e, portanto, geralmente têm mais sabedoria do que seus descendentes tendem a dar-lhes crédito. Mark Twain teve a franqueza de admitir isso. “Quando eu era um garoto de 14 anos”, disse ele, “meu pai era tão ignorante que eu mal podia suportar ter o velho por perto. Mas quando eu cheguei aos vinte e um, fiquei surpreso com o quanto ele tinha aprendido naqueles sete anos!”³⁰

Mas se as crianças precisam ouvir seus pais, os pais precisam ser humildes o suficiente para ouvir seus filhos, ou eles nunca vão entender os seus problemas. Afinal, o mundo em que seus filhos estão crescendo é muito diferente do mundo de sua própria juventude. Só a escuta mútua e paciente pode preencher a lacuna entre as gerações.

Em seguida, o marido e a esposa precisam escutar um ao outro. A ruptura do casamento quase sempre é precedida pela ruptura da comunicação. Qualquer que seja o motivo (negligência, fadiga, egocentrismo ou pressão do trabalho), marido e mulher não estão mais dedicando tempo para ouvir um ao outro. Então eles se afastam, e logo começam a aumentar mal-entendidos, suspeitas, queixas e ressentimentos, até que seja tarde demais –

embora na verdade nunca seja tarde demais para começar a ouvir novamente.

Em segundo lugar, ouvir é essencial no *local de trabalho*. Parece que isso é amplamente reconhecido, visto que a arte de ouvir agora está incluída em livros e seminários sobre gestão empresarial. Por exemplo, em *A linguagem da escuta eficaz*, Arthur Robertson diz que “a escuta eficaz é a habilidade de comunicação número um exigida para o sucesso em sua vida profissional e pessoal”.³¹

Ouvir é especialmente importante em situações de conflito. Sempre que há uma disputa no local de trabalho, é quase certo que ambos os lados têm um pouco de razão. Nenhum dos lados é totalmente egoísta ou totalmente louco. A essência da conciliação, portanto, é conseguir fazer com que cada lado ouça o outro. Somente quando ambos os lados estão dispostos a sentar-se juntos, colocar de lado suas posições pré-concebidas e ouvir, então surge uma possibilidade de reconciliação.

Em terceiro lugar, o mesmo princípio é aplicável ao *Estado*. Se a democracia é um governo com o consentimento dos governados, então os governados têm de ser ouvidos. Caso contrário, não se pode considerar que deram o seu consentimento. Em 1864, pouco antes do fim da Guerra Civil Americana e antes que o Congresso americano adotasse a Décima Terceira Emenda abolindo a escravidão, Harriet Beecher Stowe entrevistou Abraham Lincoln e escreveu: “Cercada por todos os tipos de reivindicações conflitantes, por traidores, por homens indiferentes e tímidos, por homens dos Estados de Fronteira e dos Estados Livres, por abolicionistas radicais e conservadores, Lincoln ouviu tudo, pesou as palavras de todos [...]”³² A vontade de ouvir todas as opiniões diferentes é uma característica indispensável da verdadeira diplomacia.

Em quarto lugar, é verdade na *Igreja*. A história da Igreja tem sido um registro longo e um tanto sombrio de controvérsias. Normalmente, questões teológicas importantes estão em jogo. Mas, muitas vezes, elas foram exacerbadas por uma falta de vontade ou incapacidade de ouvir. Eu mesmo tenho tentado nunca me envolver num debate teológico sem primeiro ouvir a outra pessoa ou ler o que ele ou ela escreveu, ou de preferência ambos. É claro que o desacordo nem sempre pode ser superado pelo diálogo, mas pelo menos o nosso mal-entendido é diminuído e a nossa integridade é preservada.

Isto é ainda mais verdade no caso de debates entre cristãos evangélicos. Quando nos afastamos, e o nosso único contato é lançar granadas uns contra os outros através de uma zona desmilitarizada, nossa mente acaba criando uma caricatura do “adversário”, com chifres, cascos e cauda! Mas quando nos encontramos, sentamos juntos e começamos a ouvir, torna-se evidente que os nossos oponentes não são demônios, mas seres humanos normais, até mesmo irmãs e irmãos em Cristo. Então a possibilidade de compreensão e respeito mútuos cresce. Mais do que isso: quando ouvimos não apenas o que os outros estão dizendo, mas o que está *por trás* do que eles estão dizendo, e em particular o que eles estão tão ansiosos para defender, muitas vezes descobrimos que queremos defender a mesma coisa.³³

Não estou afirmando que tal disciplina é fácil. Longe disso! Ouvir com integridade e paciência os dois lados de um argumento pode nos causar dor mental aguda. Isso envolve interiorizar o debate até que não apenas se percebe, mas se *sinta* a força de ambas as posições. No entanto, este é outro aspecto da “dupla escuta” que eu defendo nesta série de livros.

Talvez seja especialmente para os pastores que Deus tenha comissionado o ministério da escuta. Dietrich Bonhoeffer escreveu sobre isso com sua

percepção habitual:

O primeiro serviço que se deve a outros na comunhão consiste em ouvi-los. Assim como o amor a Deus começa com ouvir a sua Palavra, assim também o início do amor pelos irmãos está em aprender a escutá-los. O amor de Deus por nós não é só que ele nos dá a sua Palavra, mas também nos dá o seu ouvido. Então é a obra dele que fazemos pelo nosso irmão quando aprendemos a ouvi-lo. Cristãos, especialmente ministros, muitas vezes pensam que sempre precisam contribuir com algo quando estão na companhia de outros, que este é o único serviço que eles têm de prestar. Eles esquecem que ouvir pode ser um serviço maior do que falar...

O cuidado pastoral fraterno distingue-se essencialmente da pregação pelo fato de que, somado à tarefa de falar a Palavra, há a obrigação de ouvir. Há uma espécie de ouvir com meio ouvido que já presume saber o que a outra pessoa tem a dizer. É uma escuta impaciente, desatenta, que despreza o irmão e está apenas esperando uma chance de falar e, assim, se livrar da outra pessoa. Este não é o cumprimento da nossa obrigação [...] Os cristãos se esqueceram de que o ministério da escuta lhes foi confiado por aquele que é ele mesmo o grande ouvinte e cujo trabalho devem partilhar. Devemos ouvir com os ouvidos de Deus para que possamos falar a Palavra de Deus.³⁴

OUVINDO O MUNDO

O mundo contemporâneo certamente está reverberando com gritos de raiva, frustração e dor. Muitas vezes, porém, fazemo-nos de surdos a estas vozes

angustiadas.

Primeiro, há a dor daqueles que nunca ouviram o nome de Jesus ou, tendo ouvido falar dele, ainda não vieram a ele. Como alienados e perdidos, estão sofrendo terrivelmente. Nosso hábito como evangélicos é apressar-se com o evangelho, subir em nosso palanque e declamar nossa mensagem sem muita consideração pela situação cultural ou pelas necessidades que as pessoas sentem. Como resultado, mais frequentemente do que gostaríamos de admitir, acabamos afastando as pessoas e até aumentamos a sua alienação, porque a forma como apresentamos Cristo é insensível, desajeitada e até irrelevante. De fato, “quem responde antes de ouvir comete insensatez e passa vergonha”.³⁵

É melhor ouvir antes de falar, procurar entrar nos pensamentos e sentimentos dos outros, lutar para entender suas objeções ao evangelho, e só então compartilhar as boas novas de Jesus Cristo de uma forma que fale às suas necessidades. Essa atividade humilde, minuciosa e desafiadora é justamente chamada de “contextualização”. Mas é preciso acrescentar que contextualizar o evangelho não é, de forma alguma, manipulá-lo. O evangelismo autêntico requer a “dupla escuta”. Pois as testemunhas cristãs encontram-se entre a Palavra e o mundo, com a obrigação de ouvir ambos, como começamos a ver na introdução. Escutamos a Palavra para descobrir cada vez mais as riquezas de Cristo. E escutamos o mundo para discernir quais das riquezas de Cristo são mais necessárias e como apresentá-las da melhor maneira.

Isso mostra a natureza e o propósito do diálogo inter-religioso. Diálogo não é sinônimo nem substituto para o evangelismo. O diálogo é uma conversa séria na qual estamos preparados para ouvir e aprender, bem como para falar e ensinar. É, portanto, um exercício de integridade. “É uma atividade por direito próprio”, escreveu Max Warren. “É, em sua própria

essência, uma tentativa de ‘escuta’ mútua, escutando a fim de se compreender. A compreensão é sua recompensa.”³⁶ Warren sabia do que estava falando, como nos diz em sua autobiografia:

A minha memória mais antiga é a luz de fogo dançante e a minha mãe lendo para mim. Fico olhando para as chamas e ouvindo. Eu devia ter três ou quatro anos de idade... Muito antes de poder ler eu estava aprendendo a ouvir, talvez a lição mais valiosa que eu já aprendi [...] Além disso, a leitura sempre foi para mim uma forma de escuta. Os livros sempre foram “pessoas” para mim, não apenas a pessoa do autor, tanto quanto o próprio livro falando, enquanto eu ouvia.³⁷

Segundo, há a dor dos pobres e dos famintos, dos despossuídos e dos oprimidos. Muitos de nós apenas recentemente acordamos para a obrigação que a Escritura sempre impôs ao povo de Deus de se preocupar com a justiça social. Deveríamos estar mais atentos aos gritos e suspiros daqueles que sofrem. Há um versículo da Bíblia que temos negligenciado, e que, por conta disso, talvez devêssemos sublinhar. Ele contém uma palavra solene de Deus para aqueles de seu povo que não têm uma consciência social. Estou falando de Provérbios 21.13: “Quem fecha os ouvidos ao clamor dos pobres também clamará e não terá resposta”.

Fazer-se de surdo para alguém outro é sinal de desrespeito. Se nos recusamos a ouvir alguém, estamos dizendo que não consideramos aquela pessoa digna de ser ouvida. Mas há apenas uma pessoa a quem devemos nos recusar a ouvir, alegando que não é digna de ser ouvida: é o diabo, juntamente com seus emissários. Eis a essência da sabedoria: ser um ouvinte perspicaz e criterioso e escolher cuidadosamente a quem escutamos. Falhar nisso foi a loucura dos nossos primeiros pais no jardim do Éden. Em vez de

ouvir a verdade de Deus, eles deram credibilidade às mentiras de Satanás. E muitas vezes somos loucos o suficiente para imitá-los!

Mas não devemos ouvir a conversa do diabo, seja mentira ou propaganda, calúnia ou fofoca, sujeira ou insultos. “O homem prudente ignora o insulto.”³⁸ O mesmo se aplica a cartas anônimas ou comentários *on-line*. É possível ficar muito chateado com eles, ainda mais que geralmente são rudes. Mas por que levar a sério as críticas de alguém que não tem coragem de revelar sua identidade? Joseph Parker, um ministro de Londres no século 19, estava subindo em seu alto púlpito numa manhã de domingo, quando uma mulher na galeria jogou um pedaço de papel para ele. Ao pegá-lo, descobriu que o papel continha uma única palavra: “Idiota!”. O doutor Parker comentou: “Eu já recebi muitas cartas anônimas na minha vida. Até agora, sempre eram um texto sem assinatura. Hoje, pela primeira vez, recebi uma assinatura sem texto!”

Se nos recusarmos resolutamente a ouvir qualquer coisa que seja falsa, injusta, cruel ou impura, devemos, ao mesmo tempo, ouvir atentamente a instrução e o conselho, a crítica, a reprovação e a correção, juntamente com as opiniões, preocupações, dificuldades e problemas de outras pessoas. Pois, como foi bem dito, “Deus nos deu dois ouvidos, mas apenas uma boca, então ele evidentemente pretende que escutemos o dobro do que falamos”.

Dedicar tempo para ouvir Deus e os nossos semelhantes começa como sinal de cortesia e de respeito, continua como meio de compreensão mútua e de aprofundamento dos relacionamentos e, sobretudo, é um autêntico sinal de humildade e de amor cristãos. Então, “sejam todos prontos para ouvir, tardios para falar e tardios para irar-se”.



PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

por Tim Chester

1. Stott diz que Deus “fala por meio daquilo que já falou”. Que diferença fará quando considerarmos a Bíblia como o meio pelo qual Deus fala hoje, bem como o registro do que ele falou no passado?
2. Pense em sua casa e em seu local de trabalho. Existe algum relacionamento em que você precisa ouvir mais e falar menos?
3. Pense em um assunto sobre o qual você discorda de outros cristãos. O que está por trás do que eles estão dizendo? O que eles estão ansiosos para defender? Qual é o terreno comum que vocês compartilham?
4. Pense em um indivíduo ou grupo que você está tentando alcançar para Cristo. O que você poderia fazer para entender mais profundamente seus pensamentos, sentimentos e objeções ao evangelho?
5. “Quem fecha os ouvidos ao clamor dos pobres também clamará e não terá resposta.”³⁹ O que significa para você *abrir* os ouvidos ao pobre?
6. Você prefere falar ou ouvir? O que isso diz sobre a sua atitude para com Deus? Para com os outros? Qual é a ligação entre ouvir e amar?

MENTE E EMOÇÕES

O DISCIPULADO CRISTÃO ENVOLVE toda a nossa personalidade. Devemos amar o Senhor, nosso Deus, de todo o nosso coração, alma, entendimento e força.¹ Nossa mente deve ser renovada;² nossas emoções, purificadas;³ nossa consciência, conservada limpa;⁴ e nossa vontade, entregue a Deus.⁵ No entanto, dos vários elementos que compõem a nossa humanidade, são a nossa mente e as nossas emoções que os escritores bíblicos tratam mais plenamente. Então vamos considerar cada um separadamente, e depois os dois, um em relação ao outro.

A MENTE

Uma história fala de duas mulheres que estavam conversando em um supermercado local. Uma disse à outra: “Qual é o problema com você? Você parece tão preocupada.”

“Eu estou”, respondeu a amiga. “Eu fico pensando sobre a situação no mundo.”

“Bem”, disse a primeira, “tente levar as coisas mais filosoficamente – e pare de pensar!”

É realmente interessante essa ideia de que tornar-se mais filosófico é parar de pensar ou pensar menos. No entanto, essas duas mulheres estavam

refletindo o moderno clima anti-intelectual, que deu à luz os gêmeos bizarros da irracionalidade e da insignificância.

Contra essa tendência, precisamos usar a instrução do apóstolo Paulo: “Irmãos, deixem de pensar como crianças. Com respeito ao mal, sejam crianças; mas, quanto ao modo de pensar, sejam adultos”.⁶ Ele começa com palavras semelhantes às usadas por uma das mulheres no supermercado: “deixem de pensar”. Mas ele continua: “como crianças”. É verdade que Jesus nos disse para nos tornarmos como crianças, mas não quis dizer que devemos copiar as crianças em tudo. Da mesma forma, Paulo nos incita a sermos crianças – na verdade, “bebês” – quando se trata do mal (quanto menos engenhosos formos em relação ao mal, melhor). Mas devemos crescer em nosso pensamento, para nos tornarmos maduros. O apelo de Paulo tem por trás a revelação de toda a Bíblia.

Primeiro, um uso responsável da nossa mente *glorifica o nosso Criador*. Pois ele é (entre outras coisas) um Deus racional, que nos fez à sua própria imagem como seres racionais. Ele nos deu, tanto na natureza quanto nas Escrituras, uma revelação racional. E espera que usemos a nossa mente para investigar o que ele revelou. Toda pesquisa científica é baseada nas convicções de que

- o universo é um sistema inteligível, até mesmo cheio de significado;
- há uma correspondência fundamental entre a mente do investigador e os dados investigados;
- esta correspondência é a racionalidade.

Como resultado, “um cientista confrontado com uma aparente irracionalidade não a aceita como final [...] Ele continua lutando para encontrar alguma maneira racional em que os fatos possam ser relacionados

uns aos outros [...] Sem essa fé apaixonada na racionalidade suprema do mundo, a ciência vacilaria, estagnaria e morreria.”² Portanto, não é por acaso que os pioneiros da revolução científica foram cristãos. Eles acreditavam que o Deus racional tinha estampado sua racionalidade tanto sobre o mundo como sobre eles. Desta forma, todos os cientistas, quer saibam ou não, estão “pensando os pensamentos de Deus”, como colocou Johannes Kepler, astrônomo alemão do século 17.

Os estudantes conscientes da Bíblia também estão “pensando os pensamentos de Deus”. Pois Deus nos deu nas Escrituras uma revelação ainda mais clara e completa de si mesmo. Ele tem “falado”, comunicando seus pensamentos em palavras. Em particular, ele revelou o seu amor por pecadores como nós e o seu plano para nos salvar por meio de Jesus Cristo.

Se Deus, então, nos criou como seres racionais, como podemos negar essa característica essencial da nossa criação? Se ele se deu ao trabalho de revelar-se, devemos negligenciar a sua revelação? Não, o uso adequado da nossa mente não significa abdicar da nossa responsabilidade e ir dormir, nem proclamar a autonomia da razão humana (como fizeram os líderes do Iluminismo). Não devemos colocar em julgamento os dados da revelação divina, mas sentar-nos em humildade sob eles, para estudar, interpretar, sintetizar e aplicá-los. Só assim podemos glorificar o nosso Criador.

Segundo, um uso responsável da nossa mente *enriquece a nossa vida cristã*. Não estou pensando agora em áreas como educação, cultura e arte, que melhoram a qualidade da vida humana, mas especificamente no nosso discipulado. Não podemos ser verdadeiros discípulos se sufocarmos a nossa mente. “Olhando para trás sobre minha experiência como pastor por cerca de trinta e quatro anos”, escreveu Martyn Lloyd-Jones, “posso testemunhar sem a menor hesitação que as pessoas que encontrei mais frequentemente com problemas em sua experiência espiritual têm sido aquelas com falta de

compreensão. Você não pode separar essas coisas. Vai dar tudo errado tanto na vida como na experiência prática se você não tiver um verdadeiro entendimento”.⁸

Deixe-me ilustrar isso em relação à fé. É incrível como muitas pessoas supõem que a fé e a razão são incompatíveis. Mas nas Escrituras elas nunca são colocadas uma contra a outra. Fé e visão são contrastados,⁹ mas não fé e razão. Porque a fé, segundo as Escrituras, não é nem credulidade, nem superstição, nem “uma crença ilógica na ocorrência do improvável”.¹⁰ Em vez disso, a fé é uma confiança tranquila e consciente no Deus que é conhecido por ser confiável. Considere Isaías 26.3-4:

Tu, Senhor, guardarás em perfeita paz
aquele cujo propósito está firme,
porque em ti confia.
Confiem para sempre no Senhor,
pois o Senhor, somente o Senhor, é a Rocha eterna.

Nestes versículos, confiar em Deus e fixar nossa mente firmemente nele são sinônimos. O que torna a confiança nele racional é que ele é uma rocha inabalável, e a recompensa da fé é a paz. É somente refletindo sobre a imutabilidade de Deus que a nossa fé cresce. E quanto mais percebemos quão firme ele é, mais firme nossa fé se torna.

Ou considere a nossa necessidade de orientação divina. Muitas pessoas consideram-na uma alternativa ao pensamento humano, sendo um dispositivo conveniente para poupá-las do incômodo de pensar. Esperam que Deus faça brilhar na mente delas respostas às suas perguntas e soluções para os seus problemas, de uma forma que contorne a sua mente. E é claro que Deus é livre para fazer isso; e talvez ocasionalmente até o faça. Mas a

maneira normal de Deus nos guiar é racional, não irracional, usando os próprios processos de pensamento que ele criou em nós.

O Salmo 32 deixa isso claro. O versículo 8 contém uma maravilhosa promessa tríplice de orientação divina, na qual Deus diz: “Eu o instruirei e o ensinarei no caminho que você deve seguir; eu o aconselharei e cuidarei de você” (“guiar-te-ei com os meus olhos”, ARC). Mas como Deus cumprirá sua promessa? O versículo 9 continua: “Não sejam como o cavalo ou o burro, que não têm entendimento mas precisam ser controlados com freios e rédeas, caso contrário não obedecem”. Se juntarmos a promessa e a proibição, o que Deus está nos dizendo é isto: “Prometo que o guiarei e lhe mostrarei o caminho. Mas não espere que eu guie você na forma como as pessoas guiam cavalos e mulas (ou seja, pela força, em vez de através da inteligência). Por quê? Porque você não é nem um cavalo nem uma mula. Para eles falta o ‘entendimento’, mas para você não. De fato, eu mesmo lhe dei o precioso dom de entender. Use-o! Então eu o guiarei *através* de sua mente”.

Terceiro, um uso responsável de nossa mente *fortalece* o nosso testemunho evangelístico. O evangelismo moderno é um apelo tanto às emoções como à vontade, sem qualquer reconhecimento comparável da mente. Mas nosso apelo evangelístico nunca deve pedir às pessoas que fechem ou deixem de usar sua mente. O evangelho requer que humilhemos nossa mente, mas também que ela seja aberta à verdade de Deus.

Essa preocupação com a mente pode ser vista na prática dos apóstolos. Paulo diz à igreja de Corinto que ele havia renunciado à sabedoria do mundo e à retórica dos gregos,¹¹ mas não renunciou ao conteúdo doutrinário em sua pregação, nem ao uso de argumentos. Em Corinto, Lucas o descreve como discutindo com as pessoas e tentando convencê-las,¹² enquanto em Éfeso ele ensinou e debateu diariamente em uma sala de

aula secular por dois anos.¹³ É verdade que sua confiança estava no Espírito Santo. Mas, sendo o Espírito da verdade, o Espírito Santo leva as pessoas à fé em Cristo por causa da evidência, e não apesar delas. Há uma necessidade urgente em nossos dias para incluir apologética em nosso evangelismo, isto é, para defender o evangelho, bem como para proclamá-lo. Em todo o nosso evangelismo precisamos ser capazes de declarar, como Paulo fez diante de Festo: “O que estou dizendo é verdadeiro e de bom senso”.¹⁴ Além disso, Deus certamente está chamando algumas pessoas em nossa geração, como ele fez no passado, para dedicar seu intelecto dado por Deus para a tarefa de defender e confirmar o evangelho.¹⁵

Assim, precisamos nos arrepender do culto à irracionalidade, e de qualquer anti-intelectualismo residual ou preguiça intelectual da qual possamos ser culpados. Essas coisas são negativas, limitantes e destrutivas. Insultam a Deus, empobrecem o seu povo e enfraquecem o nosso testemunho. Um uso responsável da nossa mente, por outro lado, glorifica a Deus, enriquece o seu povo e fortalece o nosso testemunho no mundo.

Duas qualificações são necessárias, no entanto, porque existem dois perigosos “ismos” que, se não estivermos alertas, podem resultar desta ênfase na mente, a saber, elitismo e intelectualismo. O elitismo limitaria o pensamento cristão a uma pequena minoria de pessoas com formação universitária. Daria a impressão de que apenas um grupo seleto – até mesmo exclusivo – de intelectuais é capaz de usar a mente. Temos de nos opor ferozmente a essa ideia bizarra. É verdade que os cristãos têm sido os pioneiros da educação, e querem que todos tenham a melhor educação possível para desenvolver seu potencial máximo. Mas a educação formal não é indispensável para o desenvolvimento do pensamento cristão. Pois todos os seres humanos são criados racionais à imagem de Deus e são capazes de aprender a pensar. Uma vez me dirigi a um grupo de clérigos em Liverpool e

disse algo sobre a necessidade de usar a mente que recebemos de Deus. Assim que eu terminei, alguém contestou dizendo que eu estava limitando o cristianismo aos intelectuais e excluindo as classes trabalhadoras, entre as quais ele se encaixava. Eu não precisei responder, pois imediatamente vários trabalhadores do centro da cidade estavam em pé, corados de raiva. “Você está insultando as classes trabalhadoras”, disseram ao primeiro orador. “Eles talvez não tenham tido tanta educação formal como você, mas são igualmente inteligentes e capazes de pensar.” Nossa tarefa, então, é encorajar todo o povo de Deus a pensar, e não meramente a desenvolver uma elite intelectual.

O segundo perigo é o intelectualismo, o encorajamento de um cristianismo que é muito cerebral, e não visceral o suficiente – todo cérebro, sem entranhas. Mas aconselhar alguém a usar a mente não significa exortá-lo a suprimir seus sentimentos. Costumo dizer aos nossos alunos do Instituto de Cristianismo Contemporâneo de Londres que não estamos no negócio de “criar girinos”. Um girino é uma pequena criatura com uma cabeça enorme e nada mais além disso. Certamente há alguns girinos cristãos por aí. A cabeça deles está abarrotada de teologia, mas isso é tudo o que há para eles. Não, estamos preocupados em ajudar as pessoas a desenvolverem não só uma mente cristã, mas também um coração cristão, um espírito cristão, uma consciência cristã e uma vontade cristã, de fato, para se tornarem pessoas cristãs integrais, completamente integradas sob o senhorio de Cristo. Isso incluirá nossas emoções.

O livro de Chaim Potok *O Escolhido*¹⁶ e o filme baseado nele ilustram isso muito bem. O autor conta a história de dois jovens judeus que foram criados no Brooklyn, Nova York, durante e após a Segunda Guerra Mundial. O pai de Danny Saunders era um rabino hassídico rigoroso, enquanto o pai de Ruevan Malter era um escritor que seguia a tradição judaica liberal. Na

amizade dos meninos, essas duas tradições entraram em conflito. Ao longo da maior parte do livro, o rabino Saunders nos surpreende porque, embora fosse uma pessoa muito humana, nunca falava com Danny, exceto quando estava ensinando-lhe o Talmude. Em vez disso, ele mantém entre eles um “silêncio estranho”¹⁷. Apenas perto do final o mistério é explicado. O rabino Saunders diz que Deus o abençoou com um filho brilhante, um “menino com uma mente como uma joia”. Quando Danny tinha apenas 4 anos, o pai viu o filho lendo um livro e ficou assustado porque ele o “engoliu”. O livro descrevia os sofrimentos de um pobre judeu, mas Danny tinha gostado! “Não havia alma em meu Daniel de quatro anos, havia apenas sua mente. Ele era uma mente em um corpo sem alma.”¹⁸ Então, o rabino clamou a Deus: “O que tu fizeste comigo? Uma mente como esta é que eu preciso para um filho? Um *coração* eu preciso para um filho, uma *alma* eu preciso para um filho, compaixão [...] justiça, misericórdia, força para sofrer e carregar a dor. *Isso* é o que eu quero do meu filho, não uma mente sem alma!”¹⁹. Assim, o rabino Saunders seguiu uma antiga tradição hassídica e criou o menino em silêncio, pois, então, “no silêncio entre nós, ele começou a ouvir o mundo chorar”²⁰. Na cena final da reconciliação entre pai e filho, o rabino diz que Danny teve de aprender, “por meio da sabedoria e da dor do silêncio, que uma mente sem coração não é nada”.

AS EMOÇÕES

Os meus leitores provavelmente não suspeitarão que sou uma pessoa emocional. Pois sou um daqueles peixes frios chamados ingleses, descendentes de nórdicos durões e anglo-saxões rudes, sem centelha de fogo celta ou latino no meu sangue. Com essa ascendência, era de se esperar que

eu fosse tímido, reservado e até um pouco reprimido. Além disso, fui criado numa escola de elite inglesa que me ensinou a manter-me sempre firme – é a filosofia do “lábio superior rígido”. Uma vez que o tremor do lábio superior é o primeiro sinal visível de emoção, fomos ensinados a mantê-lo rígido. Ensinarão-me as virtudes viris da coragem, da firmeza e da autodisciplina. Se alguma vez sentisse alguma emoção, aprendi como não demonstrá-la. Chorar era só para mulheres e crianças, não para homens.

Mas então fui apresentado a Jesus Cristo. Aprendi, para meu espanto, que Deus – cuja “impassibilidade” eu pensava significar que ele era incapaz de emoção – fala (embora em termos humanos) de sua ira ardente e de seu amor vulnerável.²¹ Também descobri que Jesus de Nazaré, o ser humano perfeito, não era um asceta de lábios rígidos e sem emoções. Pelo contrário, aprendi que ele que se voltava contra os hipócritas com raiva, olhava para um jovem rico com amor, podia se alegrar em espírito e suar gotas de sangue em agonia espiritual; era constantemente movido de compaixão, chegando até mesmo a chorar duas vezes em público.

A partir de todas essas evidências, fica claro que nossas emoções não devem ser suprimidas, uma vez que têm um lugar essencial em nossa humanidade e, portanto, em nosso discipulado cristão.

Primeiro, há um lugar para a emoção na *experiência espiritual*. O Espírito Santo é o Espírito da verdade, como vimos. Mas seu ministério não se limita a iluminar nossa mente e nos ensinar sobre Cristo. Ele também derrama o amor de Deus em nosso coração.²² Ele dá testemunho com o nosso espírito de que somos filhos de Deus, pois nos faz dizer: “Aba, Pai”²³ e exclamar com gratidão: “Vejam como é grande o amor que o Pai nos concedeu: sermos chamados filhos de Deus, o que de fato somos!”²⁴ Além disso, embora ainda não tenhamos visto Cristo, mesmo assim já o amamos e cremos nele, de modo que podemos exultar “com alegria indizível e gloriosa”.²⁵

Há, é claro, muitas variedades de experiência espiritual, e não devemos tentar estereotipá-las. Também não devemos insistir que todos tenham exatamente a mesma experiência. No entanto, todos os cristãos, pelo menos de vez em quando, têm sentimentos de profunda tristeza e de profunda alegria. Por um lado, nós “gememos interiormente”, em solidariedade com a criação caída, sobrecarregados com a nossa própria queda e ansiosos pela nossa redenção final.²⁶ Por outro, regozijamo-nos no Senhor, transbordantes de gratidão pelo grande amor com que nos amou.

Segundo, há um lugar para a emoção na *adoração pública*. Vemos em Hebreus 12.22-24 que, quando nos reunimos para a adoração, não chegamos apenas “à igreja”, isto é, a um edifício. Pois já chegamos “ao monte Sião, à Jerusalém celestial, à cidade do Deus vivo”. Chegamos “aos milhares de milhares de anjos em alegre reunião, à igreja dos primogênitos, cujos nomes estão escritos nos céus”. Chegamos “a Deus, juiz de todos os homens, aos espíritos dos justos aperfeiçoados, a Jesus, mediador de uma nova aliança, e ao sangue aspergido, que fala melhor do que o sangue de Abel”. O reconhecimento dessa dimensão cósmica transforma a adoração. Talvez apenas um punhado do povo de Deus se reunirá quando você se encontrar neste domingo, e talvez não haja muita diversidade entre vocês. Mas lembre-se, como diz o Livro de Orações de 1928, que nos reunimos “na presença do Deus todo-poderoso e de toda a companhia celeste”. E no culto de comunhão juntamo-nos com “anjos e arcanjos, e com toda a companhia celeste” em louvor ao nome glorioso de Deus. Somos transportados além de nós mesmos para a realidade eterna e invisível. Somos movidos pelas glórias de que falamos e cantamos, e nos curvamos diante de Deus em adoração humilde e alegre.

Terceiro, há um lugar para a emoção na *pregação do evangelho*. O apóstolo Paulo usou sua mente, como vimos. Ele creu na verdade de sua

mensagem. Ele levou tempo e teve dificuldades para defender, explicar, argumentar e proclamar a mensagem em sua plenitude. Mas o modo como apresentou todo o plano de Deus nunca foi frio ou árido. Pelo contrário, ele escreveu que Deus “nos confiou a mensagem da reconciliação. Portanto, somos embaixadores de Cristo, como se Deus estivesse fazendo o seu apelo por nosso intermédio. Por amor a Cristo lhes suplicamos: Reconciliem-se com Deus”²⁷. Paulo não estava satisfeito com a mera apresentação do evangelho, ele também implorava às pessoas para responder a essa mensagem. À sua exposição sistemática, ele acrescentou um apelo pessoal urgente. E muitas vezes, ele nos diz, sua proclamação era acompanhada de lágrimas.²⁸

Alguns pregadores são impecáveis tanto na doutrina quanto na dicção, mas nunca se inclinariam sobre o púlpito com lágrimas nos olhos, implorando que as pessoas se reconcilhassem com Deus. Outros se agitam em um frenesi de excitação, implorando por uma decisão, mas nunca fazem uma apresentação cuidadosa e convincente do evangelho. Por que devemos polarizar? O que faz com que o pregador seja autêntico é a combinação da verdade e das lágrimas, da mente e da emoção, da razão e da paixão, da exposição e do apelo. O doutor Lloyd-Jones perguntou: “O que é a pregação?” E ele mesmo respondeu a sua pergunta. “Lógica em chamas! Razão eloquente! Essas são contraditórias? É claro que não são! A razão relativa a esta Verdade deve ser poderosamente eloquente [...] A pregação é teologia vindo por meio de um homem que está em chamas.”²⁹

Quarto, há um lugar para a emoção no *ministério social e pastoral*. Nisto, como em todas as coisas, o próprio Jesus é o nosso modelo perfeito. É só vê-lo na sepultura de Lázaro, face a face com a realidade da morte. De acordo com as Escrituras, a morte é uma intrusão estranha no mundo bom criado por Deus e não fazia parte nem do seu propósito original nem do final. A

Bíblia chama a morte de “inimigo”, na verdade, é o “último inimigo a ser destruído”³⁰. Como, então, Jesus reagirá quando confrontado com este arqui-inimigo de Deus e da raça humana? Reagiu, surpreendentemente, com duas emoções violentas.

Primeiro, ele foi movido pela raiva ou indignação. Em João 11.33,38 lemos que ele “agitou-se”, “moveu-se” (ARC) ou “ficou muito comovido” (NTLH). O verbo grego *enebrimēsato* (v. 33) significa que ele “bufou”; a palavra é usada literalmente para cavalos e metaforicamente para expressar indignação.³¹ K. Barrett, em seu comentário sobre João 11, escreve: “É inquestionável que *embrimasthai* implica raiva”. B. B. Warfield foi ainda mais longe: “O que João nos diz [...] é que Jesus se aproximou do túmulo de Lázaro em um estado não de tristeza incontrolável, mas de raiva irreprimível”. Por quê? Porque ele viu “o mal da morte, a sua antinaturalidade, a sua ‘tirania violenta’, como Calvino expõe”. Ele “arde de raiva contra o opressor dos homens [...] A fúria apodera-se dele; todo o seu ser está desorientado e perturbado [...] A morte é que é o objeto de sua ira e, por trás da morte, aquele que tem o poder da morte, a quem ele veio ao mundo para destruir”³².

Então somos informados de uma segunda resposta emocional de Jesus, ou seja, tristeza e compaixão. Em sete ocasiões separadas nos Evangelhos, Jesus foi movido por compaixão. Ele sente compaixão, por exemplo, das multidões famintas e sem liderança, da viúva de Naim, dos leprosos e de um mendigo cego. E em João 11 lemos que “Jesus chorou” (v. 35) – agora não eram lágrimas de raiva em face da morte, mas lágrimas de simpatia pelas irmãs enlutadas. Não é belo ver Jesus, diante da morte e do luto, tão comovido? Ele sentiu indignação diante da morte e, também, compaixão para com suas vítimas. Primeiro, ele “bufou” (v. 33) e então ele chorou (v. 35).

Falando pessoalmente, anseio ver mais ira cristã contra o mal no mundo e mais compaixão cristã por suas vítimas. Pensem na injustiça social e na tirania política, no assassinato insensível de fetos humanos no útero como se fossem apenas pedaços de tecido, ou na cínica maldade dos traficantes de drogas e na indústria pornográfica que fazem fortuna com as fraquezas dos outros e à custa da sua ruína. Visto que esses e muitos outros males são odiados por Deus, não deveria o seu povo reagir contra eles com ira? E quanto às vítimas do mal – os pobres, os famintos e os desabrigados, as crianças de rua abandonadas por seus pais, os fetos em risco em uma sociedade egoísta, os prisioneiros torturados de consciência e os alienados e perdidos que nunca ouviram o evangelho? Onde está o nosso sentimento de indignação? Onde está a compaixão de Jesus, que se expressará em ação prática em favor daqueles que sofrem?

Não sei quanta educação cristã Bob Geldof teve, mas a sua consciência social e o seu impulso envergonham muitos de nós cristãos. O que aconteceu, então, para transformar o “desleixado cantor pop irlandês” em “São Bob”, o herói *cult* que alertou o mundo para o holocausto da fome na África? Assistindo a uma reportagem na televisão sobre a fome na Etiópia, no final de 1984, ele experimentou o que se poderia chamar de uma “conversão secular”. As pessoas que ele viu na tela da TV eram tão “encolhidas pela fome que pareciam seres de outro planeta”³³. “Fiquei indignado, enfurecido e revoltado”, disse ele, “mas mais do que tudo isso, senti profunda vergonha”³⁴. A partir daquela experiência vieram o *Band Aid* e o *Live Aid*, além de outras iniciativas, que levantaram muitos milhões em dinheiro. O que o levou a fazer isso? Foi uma combinação de “compaixão e indignação”³⁵.

MENTE E EMOÇÕES

Até agora olhamos para o nosso intelecto e para as nossas emoções separadamente, e vimos que ambos têm um lugar indispensável no nosso discipulado cristão. Não devemos ser cristãos tão emocionais que nunca pensamos, nem cristãos tão intelectuais que nunca tenhamos sentimentos. Não, Deus nos fez seres humanos, e os seres humanos são criados tanto racionais quanto emocionais.

Mas como é que a nossa mente e as nossas emoções estão relacionadas umas com as outras? Há duas relações particulares que a Escritura enfatiza, e nelas a mente exerce o papel primário. Eles também são complementares, em que o primeiro é negativo, e o segundo é positivo.

Primeiro e negativamente, *a mente controla as emoções*, ou deveria fazê-lo. Sempre houve quem fizesse campanha pela expressão irrestrita das emoções humanas. Baco, por exemplo, a quem os gregos identificavam com Dionísio, era adorado em orgias regadas a vinho, dança e sexo. O freudismo popular, que não compreendeu inteiramente o que Freud quis dizer com repressão, ensinou o perigo de suprimir nossas emoções. E algumas formas de existencialismo acrescentaram ímpeto a essas ideias, exortando-nos a encontrar a nossa autenticidade em ser e expressar a nós mesmos.

Mas, como cristãos, não podemos seguir esse ensinamento e dar livre curso às nossas emoções. Afinal, todo o nosso aspecto humano foi contaminado e distorcido pelo pecado herdado, e isso inclui as nossas emoções. Elas são ambíguas porque nós somos ambíguos. Alguns são bons, mas outros maus, e temos de aprender a discerni-los.

Pense na raiva ou na ira. A instrução “Quando vocês ficarem irados, não pequem”³⁶ reconhece que existem dois tipos diferentes de ira. Há uma ira justa, como o próprio Deus sente em relação ao mal. E há uma ira injusta

(contaminada pelo orgulho, inveja, malícia, rancor e vingança) que é uma das “obras da carne”³⁷. Além disso, quando sentimentos de ira surgirem dentro de nós, seria tolice dar vazão a eles sem pensar direito. Em vez disso, devemos dizer a nós mesmos: “Espere um minuto! Que raiva é essa que está começando a queimar dentro de mim? É uma ira justa ou injusta? É ira contra o mal, ou apenas orgulho ferido?”

Ou pense no amor. O que devemos dizer a um homem casado que confessa ter se apaixonado por outra mulher, que diz não conseguir se conter, que afirma que esse sentimento é “de verdade” e que, por isso, deve se divorciar de sua esposa? Acho que nós teríamos de dizer: “Espere um minuto! Você não é uma vítima indefesa de suas emoções. Você aceitou um compromisso para o resto da vida com sua esposa. Você deve (e pode) colocar essa outra mulher fora de sua mente”.

Nestes dois exemplos, o da ira e o do amor, há um reconhecimento de que ambas as emoções podem ser contaminadas com o egocentrismo e que nunca devemos ceder à ira ou ao amor sem primeiro nos fazer algumas perguntas para avaliar a situação. Em ambos os casos, a mente deve ficar alerta quanto às emoções.

Segundo e positivamente, *a mente estimula as emoções*. Quando refletimos sobre a verdade, o nosso coração pega fogo. Pense nos discípulos de Emaús, na tarde do dia da Páscoa. O Senhor ressurreto se juntou a eles em sua caminhada e, a partir das Escrituras, explicou-lhes como o Messias tinha de sofrer antes de entrar em sua glória. Mais tarde, depois que ele os deixou, eles disseram uns aos outros: “Não estava queimando o nosso coração, enquanto ele nos falava no caminho e nos expunha as

Escrituras?”³⁸ Este ardor interior do coração é uma experiência emocional profunda, mas foi o ensinamento bíblico de Jesus que o motivou. Nada põe o coração em chamas como novas visões da verdade. Como F. W.

Faber disse: "Teologia profunda é o melhor combustível de devoção; prontamente pega fogo, e uma vez acesa, queima por muito tempo"³⁹.

Ou considere a conhecida declaração de Paulo de que "o amor de Cristo nos constrange"⁴⁰. Literalmente, ele "nos domina" (NAA) ou "não nos deixa escolha", de modo que devemos viver a nossa vida para ele. Mas como o amor de Cristo nos constrange ou nos domina? Será que estamos emocionalmente oprimidos aos pés da cruz? Sim e não! *Sim*, no sentido de que não temos como contemplar a cruz sem ser movidos por ela. Mas também *não*, se supormos que nossa mente não participa do processo. Pois o que Paulo escreve é que "o amor de Cristo nos constrange, porque estamos convencidos de que [...]" É por meio de certas convicções que o amor de Cristo reforça o seu domínio. Em resumo, nós recebemos a nossa vida do Cristo crucificado e ressurreto, e por isso percebemos que devemos viver essa vida para ele. Quando refletimos sobre essa lógica, então o fogo do amor dentro de nós é atizado em chamas.

Mais um exemplo. Na área da responsabilidade social, é essencial tanto pensar como sentir profundamente. É necessária uma análise fria da injustiça, desde que isso conduza à ira ardente e à ação.

É importante, então, manter nossa mente e nossas emoções juntas, permitindo que nossa mente controle e estimule nossas emoções. Eu acho que foi o bispo Handley Moule, há pouco mais de um século, que deu este bom conselho: "Cuidado com a teologia não devocional (ou seja, mente sem coração) e com uma devoção não teológica (isto é, coração sem mente)".



PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

por Tim Chester

1. Que ímpeto o cristianismo fornece para a ciência e para a investigação científica?
2. Qual é a relação entre a razão e a fé?
3. De que maneiras você glorifica a Deus usando a sua mente?
4. Há lugar para a emoção na experiência espiritual, na adoração pública, na pregação do evangelho (ou evangelismo pessoal), no ministério social e pastoral. Existe uma área em sua vida em que a emoção esteja faltando?
5. Stott diz que a mente deve controlar as emoções. Você pode pensar em exemplos de emoções que controlam a mente? Quais foram as causas e os resultados disso?
6. Qual é o seu maior perigo: teologia não devocional (mente sem coração) ou devoção não teológica (coração sem mente)? Como pode evitar este perigo?

ORIENTAÇÃO, VOCAÇÃO E MINISTÉRIO

SE DEUS tem um propósito para a vida de seu povo, e se seu propósito pode ser descoberto, então nada poderia ser mais importante do que procurar discernir e descobrir esse propósito. Esta certamente era a expectativa do apóstolo Paulo.

“Somos criação de Deus”, ele afirmou, “realizada em Cristo Jesus para fazermos boas obras, as quais Deus preparou antes para nós as praticarmos”¹. Se, portanto, há boas obras que Deus projetou para nós, presumivelmente já antes de nascermos, certamente devemos descobrir quais são elas. Não é de se estranhar que Paulo tenha escrito mais tarde na mesma carta: “Não sejam insensatos, mas procurem compreender qual é a vontade do Senhor”².

Na sua Carta ao Colossenses, Paulo também orou a Deus para que eles fossem “cheios do pleno conhecimento da vontade de Deus, com toda a sabedoria e entendimento espiritual”³. Ele lhes disse que Epafra estava “sempre batalhando [por eles] em oração, para que, como pessoas maduras e plenamente convictas, continuem firmes em toda a vontade de Deus”⁴.

Sempre que falamos em descobrir a vontade de Deus para a nossa vida, três palavras quase sempre surgem de imediato na conversa: “orientação”, “vocação” e “ministério”. Cada palavra tem um significado distinto. “Orientação” implica que Deus está disposto a nos dirigir, “vocação” mostra que ele nos chama e “ministério” diz que ele quer que coloquemos nossa vida ao seu serviço. O que é comum a todos os três conceitos é que a

iniciativa é de Deus. E cada um tem um aspecto geral (que se aplica igualmente a todos nós) e um particular (que é diferente para cada um de nós). Isso ficará mais claro à medida que avançarmos.

ORIENTAÇÃO

Às vezes dizemos com um suspiro: “Se eu tivesse dez vidas...” Existe um mito de que os gatos têm sete, mas nós, seres humanos, temos apenas uma, e não podemos fazer cópias ou réplicas de nós mesmos. Daí a nossa urgente necessidade de descobrir a vontade de Deus para a única vida que ele nos deu.

Mas antes de estarmos em posição de descobrir a vontade de Deus, é essencial fazer uma distinção entre a sua vontade “geral” e a sua vontade “particular”. A vontade geral de Deus é assim chamada porque é a sua vontade para todo o seu povo em geral. É o mesmo para todos nós, em todos os lugares e em todas as épocas. A vontade particular de Deus é assim chamada, no entanto, porque é a sua vontade para pessoas em particular, em lugares e em épocas em particular. Sua vontade geral é que devemos ser “conformes à imagem de seu Filho”⁵. A semelhança com Cristo é a vontade de Deus para todos nós e não varia de discípulo para discípulo. Sua vontade particular, por outro lado, diz respeito a questões como a escolha de um trabalho e de um parceiro para a vida, bem como o modo como devemos gastar nossa energia, nosso tempo, nosso dinheiro e nossos dias de descanso. Essas coisas serão diferentes para cada um de nós. Precisamos manter essa distinção entre o “geral” e o “particular” quando pensamos em como podemos descobrir a vontade de Deus. Sua vontade geral foi revelada nas Escrituras. Não quer dizer que a Escritura contenha soluções mágicas para

os complexos problemas éticos modernos, mas ela contém princípios que podem ser aplicados a eles. De um modo geral, é correto dizer que a vontade de Deus para o povo de Deus está na Palavra de Deus.

No entanto, a vontade particular de Deus não será encontrada nas Escrituras. Não posso negar que, ocasionalmente, parece que Deus guiou indivíduos por meio de um versículo específico arrancado de seu contexto. Mas devo acrescentar que o fez apenas para satisfazer a nossa fraqueza. Pois a Escritura não é uma antologia de textos sem relação alguma, mas uma revelação cumulativa e histórica. Não temos liberdade para ignorar o seu significado original, a fim de fazê-la falar conosco. O que a Bíblia contém, no entanto, são princípios que são relevantes para questões particulares. Considere, por exemplo, o casamento. A Escritura nos dá uma orientação geral e resolve algumas questões com antecedência. Ela nos diz que o casamento é o bom propósito de Deus para os seres humanos e que continuar solteiro é a exceção, não a regra. Ela nos diz que um de seus principais propósitos na instituição do casamento é o companheirismo, de modo que esta é uma qualidade importante para procurar em um cônjuge. Ela nos diz que um cristão só pode se casar com um companheiro cristão, e que o casamento (como um compromisso eterno, amoroso, monogâmico e heterossexual) é o único contexto ordenado por Deus para a relação sexual. Estas diretrizes gerais estão claramente estabelecidas na Bíblia. Mas a Bíblia não dirá a nenhum indivíduo se Deus o está chamando para casar ou permanecer solteiro, ou (no caso de se casar) quem deve ser seu cônjuge.

Como então devemos descobrir a vontade particular de Deus, se ele não a revela nas Escrituras? Uma vez que Deus é soberano e livre, não creio que tenhamos a liberdade de padronizar a nossa resposta como algo de tamanho único que sirva para todos. Mas descobri que as cinco palavras a seguir são guias seguros.

Primeiro, *ceda*. A palavra lembra aquele sinal de trânsito com um triângulo, orientando o motorista a ceder a vez ou dar preferência. Da mesma forma, devemos ceder ao propósito de Deus, ou dar a ele a preferência. Uma vontade insubmissa é o mais sério de todos os obstáculos para descobrir a vontade de Deus. Se Deus não revela a sua verdade para aqueles que não estão dispostos a crer nela, também não revela a sua vontade para aqueles que não querem crer. Ele “conduz os humildes na justiça e lhes ensina o seu caminho”⁶.

Em segundo lugar, *ore*. Uma submissão vaga não é suficiente; por isso é necessária uma oração contínua e esperançosa. “Peçam, e lhes será dado”, ensinou Jesus. Tiago acrescentou: “Vocês [...] não têm, porque não pedem”⁷. Nosso Pai celestial não mima os seus filhos. Ele não nos revela a sua vontade a menos que realmente queiramos conhecê-lo e expressemos esse desejo em nossas orações.

Terceiro, *fale*. Embora um dos pontos fortes do cristianismo protestante seja a insistência no “direito de juízo privado”, não devemos imaginar que isso signifique que devemos tomar todas as nossas decisões sozinhos. Pelo contrário, Deus nos deu uns aos outros na sua família. Portanto, precisamos ser humildes o suficiente para falar com os outros, incluindo nossos pais, a fim de buscar seus conselhos, pois “a sabedoria está com os que tomam conselho”⁸. Que as nossas decisões sejam tomadas em grupo, com responsabilidade na rica comunhão em que Deus nos colocou.

Quarto, *pense*. Embora devamos ceder, orar e pedir conselhos, em última análise, temos de tomar nossas próprias decisões. Como vimos no capítulo anterior, Deus equilibra suas promessas de orientação com sua proibição de agirmos “como o cavalo e o burro, que não têm entendimento”⁹. Não devemos esperar que ele cumpra suas promessas para nos guiar, usando “freio e cabresto” (ou seja, força) ou nos dando palpites irracionais. Em vez

disso, devemos esperar que ele nos guie por meio da mente que ele nos deu, pesando cuidadosamente os prós e os contras.

Quinto, *espere*. É um erro ter pressa ou ficar impaciente com Deus. Entre a promessa feita a Abraão e o seu cumprimento no nascimento de Cristo se passaram cerca de 2 mil anos. Foram oitenta anos na preparação de Moisés para sua obra de vida. São necessários cerca de 25 anos para que um ser humano se torne maduro. Então, se *precisamos* tomar uma decisão tendo um prazo determinado, devemos fazê-lo. Mas se não, e se o caminho a seguir ainda é incerto, é mais sábio esperar. Acho que Deus nos diz o mesmo que disse a José e a Maria quando os enviou ao Egito com o menino Jesus: “Fique lá até que eu lhe diga”¹⁰. Na minha experiência, mais erros são cometidos por ação precipitada do que por procrastinação.

VOCAÇÃO

“Vocação” é uma das muitas palavras bíblicas que, ao longo dos anos, teve seu significado alterado e foi perdendo o valor. No uso popular, refere-se ao nosso trabalho ou carreira. “Qual é a sua vocação?” é uma maneira bastante grandiosa de perguntar a alguém qual é o seu trabalho, e “formação vocacional” significa formação para um determinado ofício. No uso bíblico, porém, a vocação tem uma conotação muito mais ampla e nobre. Sua ênfase não é sobre o humano (o que fazemos), mas sobre o divino (o que Deus nos chamou para fazer). “Vocação” vem da palavra latina para “chamado”.

No Novo Testamento, o verbo grego para “chamar” ocorre cerca de 150 vezes e, na maioria dos casos, refere-se a Deus chamando os seres humanos. No Antigo Testamento, Deus chamou Moisés, Samuel e os profetas; no Novo Testamento, Jesus chamou os Doze e mais tarde Saulo de Tarso. Hoje,

embora não sejamos profetas nem apóstolos, ele ainda nos chama ao seu serviço. É maravilhoso o fato de que Deus se importa conosco o suficiente para nos chamar pessoal e individualmente. Em consequência, Deus é aquele que nos chamou,¹¹ e nós somos aqueles que “foram chamados de acordo com o seu propósito”¹².

A questão que precisamos abordar é esta: para que Deus nos chama, segundo a Escritura? Qual é a nossa vocação divina? Para responder a esta pergunta, temos de fazer uma distinção semelhante à que fizemos com “orientação”, ou seja, entre o nosso chamado “geral” e o nosso chamado “particular”. Nosso chamado geral é o de todo o povo de Deus e, portanto, é o mesmo. Nosso chamado particular é o de cada um de nós e, portanto, é diferente. Todos nós participamos do mesmo chamado geral de Deus, mas cada um recebeu um chamado particular diferente de Deus.

O *chamado geral* de Deus para nós não é tanto para fazer algo (um trabalho), mas para ser algo (uma pessoa). Embora Deus nos chame para tarefas diferentes, como veremos em breve, ele primeiro nos chama para algo ainda mais significativo, ou seja, para ser um discípulo de Jesus Cristo, para viver uma nova vida em sua nova sociedade e no mundo. Então, se alguém nos perguntar: “Qual é o seu chamado?”, nossa primeira e correta resposta deve ser: “Eu sou chamado para pertencer a Jesus Cristo”¹³. De fato, somos chamados a abraçar e desfrutar de todas as bênçãos que Deus tem encerrado em Jesus Cristo: “Para isso vocês foram chamados, para receberem bênção por herança”¹⁴. O que, então, é essa bênção? Ela tem muitos aspectos.

Em primeiro lugar, nós somos chamados à *comunhão com Jesus Cristo*. Isto é básico. Seu convite ainda é “venha a mim” e “Siga-me”. Pois Deus “os chamou à comunhão com seu Filho Jesus Cristo, nosso Senhor”¹⁵. Assim como Cristo chamou os Doze para estarem com ele,¹⁶ assim ele nos chama

para conhecê-lo e desfrutar da sua comunhão. A vida eterna é conhecer a Deus e a seu Cristo,¹⁷ e nada pode tomar o lugar deste relacionamento fundamental com ele.

Em segundo lugar, somos chamados à *liberdade*. Paulo escreveu aos gálatas: “Irmãos, vocês foram chamados para a liberdade”¹⁸. O tipo de liberdade a que o apóstolo estava se referindo aqui é a liberdade da condenação da lei por meio do perdão de Deus e da aceitação em Cristo. É a liberdade da culpa e de uma consciência culpada, a liberdade para ter acesso a Deus como seus filhos e filhas adotivos. No entanto, isso não quer dizer liberdade para o pecado ou estarem livres de responsabilidades sociais. Pelo contrário, Paulo prossegue: “Mas não usem a liberdade para dar ocasião à vontade da carne; ao contrário, sirvam [literalmente, “sejam escravos”] uns aos outros mediante o amor”. É o paradoxo que já vimos antes: é somente servindo que nos tornamos livres.

Em terceiro lugar, somos chamados à *paz*. “Que a paz de Cristo seja o juiz em seu coração, visto que vocês foram chamados para viver em paz, como membros de um só corpo.”¹⁹ A referência a “um só corpo” nos dá a pista para o que Paulo quis dizer. Ele está se referindo aqui não à paz de espírito, coração ou consciência, mas à paz (*shalom*) da reconciliação de uns para com os outros na comunidade do reino de Cristo. Nosso chamado é para pertencer não só a Cristo, mas também ao povo de Cristo.

Em quarto lugar, somos chamados à *santidade*²⁰, ou “chamados para [ser] santos”²¹. Como o próprio Deus é santo, ele também nos chama para sermos santos.²² Infelizmente, “santidade” sugere a muitos uma falsa imagem de desapego piedoso, pessoas com uma vida monótona e olhares vagos, que se desligaram desta vida. Mas a verdadeira santidade é uma semelhança de Cristo que é vivida no mundo real.

Quinto, nós somos chamados ao *testemunho*. “Vocês, porém, são [...] povo exclusivo de Deus, para anunciar as grandezas daquele que os chamou das trevas para a sua maravilhosa luz.”²³ Pedro está contrastando o que éramos com o que somos agora. Estávamos em trevas, mas agora estamos na luz. Nós não éramos um povo, mas agora somos o povo de Deus. Nós não tínhamos recebido misericórdia, mas agora sim. A dedução lógica é que não podemos manter essas bênçãos para nós mesmos. Tendo sido chamados à luz de Deus, somos inevitavelmente chamados a deixar a nossa luz brilhar.

Em sexto lugar, somos chamados ao *sofrimento*. “Se vocês suportam o sofrimento por terem feito o bem, isso é louvável diante de Deus. Para isso vocês foram chamados [...]”²⁴ Pedro estava escrevendo num momento em que a hostilidade de Nero aos cristãos crescia e as nuvens tempestuosas da perseguição aumentavam ameaçadoramente no horizonte. A qualquer momento a tempestade poderia cair. Como, então, os cristãos devem reagir quando sofrem injustamente? A resposta de Pedro foi simples. Eles foram chamados a seguir o exemplo de Cristo de não revidar. É um choque para muitas pessoas o fato de que o sofrimento injusto é uma parte inevitável do chamado cristão. Mas o próprio Jesus nos advertiu sobre isso. “Se o mundo os odeia, tenham em mente que antes me odiou [...] Se me perseguiram, também perseguirão vocês.”²⁵

Sétimo, somos chamados para a *glória*. O chamado cristão é um “chamado celestial”²⁶. “O Deus de toda a graça, que os chamou para a sua glória eterna em Cristo Jesus, depois de terem sofrido durante pouco de tempo, os restaurará, os confirmará, lhes dará forças e os porá sobre firmes alicerces.”²⁷ O sofrimento e a glória estão constantemente relacionados no Novo Testamento. Foi por meio do sofrimento que Jesus entrou em sua glória, e assim também será conosco. Se participarmos do sofrimento de Cristo, também participaremos da sua glória.²⁸ Assim, o chamado de Deus

não é apenas para esta vida; é também para passar a eternidade com ele no novo universo.

Aqui, então, temos sete aspectos do chamado geral de Deus. Ele chama todos nós à comunhão com Cristo, à liberdade, à paz, à santidade, ao testemunho, ao sofrimento e à glória. De maneira mais simples, é um chamado para pertencer a Cristo aqui e na eternidade, a amar uns aos outros na paz da sua nova comunidade, e a servir, testemunhar e sofrer no mundo. Este é o significado fundamental da “vocação cristã”. É o mesmo chamado para todos nós, e somos exortados a viver “de maneira digna da vocação” que recebemos²⁹.

Se o nosso chamado geral (que é o mesmo para todos nós) é para ser livre, santo e semelhante a Cristo, o nosso *chamado particular* (que é diferente para cada um de nós) se relaciona com os detalhes individuais da nossa vida. Considere o ensinamento de Paulo: “Cada um deve permanecer na condição [literalmente, “no chamado”] em que foi chamado por Deus”³⁰. Podemos notar de uma só vez os dois sentidos em que o apóstolo usa a noção de “chamado”. As palavras “em que foi chamado por Deus” referem-se à conversão de uma pessoa quando o chamado geral de Deus é ouvido e obedecido. A “condição” (o “chamado”) “na” qual a pessoa estava, por outro lado, é uma referência ao chamado particular no momento de sua conversão. Esta situação é considerada como algo para o qual Deus nos “chamou” e algo que Deus nos “designou”.³¹ E o princípio geral que o apóstolo estabelece, repetindo-o três vezes,³² é que devemos permanecer em tal condição. Ele dá três exemplos: nossa situação doméstica (casados ou solteiros), nossa situação cultural (judeus ou gentios) e nossa situação social (escravos ou livres). Para compreender o ensinamento de Paulo, precisamos analisar o contexto. Parece que os coríntios convertidos encontraram a vida em Cristo tão excitante e nova (a “nova criação”)³³, e tão radicalmente

diferente de seu estado não regenerado, que imaginaram que nada que pertencia à sua vida antiga poderia ser mantido; tudo teria de ser rejeitado.

Tomemos o exemplo do casamento. Agora que pertenciam a Cristo, parece que se perguntavam como uma obrigação contratual anterior à conversão poderia ainda ser válida após a conversão. Tal relacionamento não seria “impuro”³⁴? Paulo responde: “Não”. Por que não? Porque a providência de Deus abrange a vida tanto antes como depois da conversão. O casamento, embora celebrado antes de se tornarem cristãos, era uma parte do “chamado” em que eles estavam quando Deus os chamou. Então eles não estavam livres para rejeitá-lo. Transformá-lo pela graça de Deus, sim; rejeitá-lo, não.

Temos de ser muito cautelosos na aplicação desse ensino para nós mesmos. Paulo está estabelecendo uma regra geral, não uma regra absoluta. Por exemplo, ele mesmo não continuou sendo fariseu quando chamado para ser um apóstolo de Cristo. Da mesma forma, os Doze tinham desistido de suas tarefas como pescadores ou cobradores de impostos quando chamados para se tornarem apóstolos. E Paulo diz aqui que, se um escravo conseguisse conquistar sua liberdade, deveria fazê-lo.³⁵ Nós também precisamos estar abertos à possibilidade de que Deus está nos chamando para algo diferente. Paulo estava se opondo a ações impensadas e imprudentes, mudar por mudar, especialmente considerando a noção de que, antes da conversão e fora da religião, nada tem valor algum para Deus.

Da Escritura vamos para a história, analisando os ensinamentos dos reformadores e dos puritanos. Os reformadores insistiram que todo cristão tem um “chamado” divino. Eles estavam reagindo contra o ensinamento do catolicismo medieval, que dizia que bispos, padres, monges e freiras tinham um chamado superior, porque era um chamado “religioso”. Os reformadores rejeitaram isso tanto como sendo “clericalismo” (separando o clero dos

leigos) como sendo “dualismo” (separando atividades “sagradas”, como a oração, de atividades “seculares”, como administrar uma casa ou trabalhar para ter o sustento). Afirmavam que Deus está interessado na vida como um todo. Ser fazendeiro, artesão, magistrado ou dona de casa era tanto um chamado divino quanto ser um “padre” ou “pastor”. Martinho Lutero disse:

Aqueles que agora são chamados de “espirituais”, isto é, sacerdotes, bispos ou papas, não são diferentes dos outros cristãos, nem superiores a eles, exceto que eles são encarregados da administração da Palavra de Deus e dos sacramentos, que é o seu trabalho e ofício.

Mas “alfaiates, sapateiros, pedreiros, carpinteiros, cozinheiros, estalajadeiros, agricultores e todos os artesãos temporais” também foram “consagrados” como sacerdotes, cada um para “o trabalho e ofício de seu negócio”.

Além disso, cada um deve beneficiar e servir todos os outros por meio de seu próprio trabalho ou ofício, de modo que, desta forma, muitos tipos de trabalho podem ser feitos para o bem-estar corporal e espiritual da comunidade, assim como todos os membros do corpo servem uns aos outros (1 Coríntios 12.14-26).³⁶

Mais uma vez: “Servir a Deus não está ligado a uma ou duas obras, nem está confinado a um ou dois chamados, mas é distribuído por todas as obras e todos os chamados”³⁷. “Mas o que eu quero fazer é manter uma distinção entre os chamados e ofícios, para que cada um possa ver para que Deus o chamou e cumprir os deveres de seu ofício com fidelidade e sinceridade no serviço de Deus.”³⁸

O ensino de Calvino foi semelhante:

O Senhor ordena que cada um de nós, em todas as ações da vida, olhe para o seu chamado [...] Portanto, para que, por meio da nossa estupidez e precipitação, tudo não fique confuso, ele designou funções para cada homem em seu modo de vida particular. E para que ninguém possa descuidadamente transgredir seus limites, nomeou esses vários tipos de vida de “chamados”. Portanto, cada indivíduo tem seu próprio tipo de vida atribuído a ele pelo Senhor como uma espécie de posto de sentinela para que não possa vagar desatentamente ao longo da vida [...] Disso surgirá também uma consolação singular: que nenhuma tarefa será tão sórdida e desprezível, desde que você obedeça à sua vocação, que não venha a resplandecer e seja considerada muito preciosa aos olhos de Deus.³⁹

Os puritanos desenvolveram esse tema ainda mais. William Perkins, por exemplo, que tinha um ministério muito influente em Cambridge, escreveu *Um tratado sobre as vocações ou chamados dos homens* (publicado em 1603). Aqui está uma amostra de seu argumento:

A ação de um pastor em guardar ovelhas [...] é tão boa obra diante de Deus como é a ação de um juiz em dar sentença, ou de um magistrado em governar, ou de um ministro em sua pregação. Assim, então, vemos que há uma boa razão pela qual iríamos procurar como cada homem deveria usar corretamente o seu chamado particular.⁴⁰

Um século mais tarde, e do outro lado do Atlântico, Cotton Mather, o puritano de Harvard, escreveu *Um Cristão em Seu Chamado* (1701). Ali ele

ensinava que todo cristão tem dois chamados: “um chamado geral” (“servir o Senhor Jesus Cristo”) e “um chamado pessoal” (“um emprego particular pelo qual sua utilidade em sua vizinhança seja evidente”).⁴¹ Estes dois chamados devem ser perseguidos em equilíbrio. Pois “um cristão em seus dois chamados é um homem em um barco remando para o céu [...] Se ele cuidar apenas de um de seus chamados, seja qual for, ele vai puxar o remo só de um lado do barco, e vai apenas ficar à margem da eterna bem-aventurança”⁴².

Seria fácil criticar esse tipo de ensino. Os reformadores e os puritanos eram pessoas de seu tempo e cultura, como nós somos dos nossos. Eles tinham uma visão estática e medieval da sociedade. Em sua reação contra os tons revolucionários de alguns ensinamentos anabatistas, eles tendiam a ser muito resistentes à mudança. Às vezes chegavam perto do verso embaraçoso no hino “All Things Bright and Beautiful [Todas as coisas brilhantes e bonitas]”:

O homem rico em seu castelo,
O homem pobre em seu portão,
Deus os fez, altivos ou humildes,
e ordenou-lhes tal situação.

Certamente não devemos usar o ensinamento bíblico sobre os “chamados” para resistir à mudança social.

Paulo no primeiro século, os reformadores no século 16 e os puritanos no século 17 – todos parecem muito distantes de nós. Então, qual é o princípio subjacente que Paulo ensinou, os reformadores e puritanos recuperaram e que precisamos manter hoje? Penso que é isto: a nossa vida toda pertence a Deus e faz parte do seu chamado, tanto antes da conversão como fora da

religião. Não devemos imaginar que Deus só começou a se interessar por nós quando nos convertemos, ou que agora ele está interessado apenas na parte religiosa da nossa vida.

Considere nossa vida antes da conversão. Qual era o nosso chamado quando Deus nos chamou? Se no momento da nossa conversão estávamos cuidando de parentes idosos, não devemos abandoná-los agora. Se éramos estudantes, não estaríamos livres para desistir dos estudos e abandonar a universidade. Se tivéssemos assinado um contrato com alguém, não teríamos o direito de quebrá-lo. Se éramos músicos, artistas, atletas ou pensadores quando Deus nos chamou, não devemos agora negar essas coisas boas que um bom Criador nos deu. Afinal, essas coisas não eram aspectos acidentais da nossa vida. Eram parte da providência de Deus para a qual ele nos chamou e que ele havia atribuído a nós. A soberania de Deus se estende sobre ambas as metades da nossa vida. Não foi na nossa conversão que ele começou a agir em e para nós. Ele estava trabalhando em nós mesmo antes do nosso nascimento em nossa herança genética e, depois, no nosso temperamento, personalidade, educação e habilidades. E aquilo que Deus nos fez e nos deu antes de nos tornarmos cristãos, ele redime, santifica e transforma depois. Há uma continuidade vital entre a nossa vida antes e depois da conversão, pois, embora sejamos uma nova pessoa em Cristo, ainda somos a mesma pessoa que éramos pela criação, criação essa que Cristo fez nova.

Agora considere a nossa vida fora da religião. O Deus que muitos de nós adoramos é religioso demais. Parece que imaginamos Deus interessado apenas em livros, prédios e serviços religiosos. Mas não, ele está interessado em *nós*, em nosso lar, nossa família e nossos amigos, em nosso trabalho e lazer, em nossa cidadania e comunidade. Assim, a soberania de Deus se estende sobre ambas as metades e sobre todas as áreas da nossa vida. Não

devemos marginalizar Deus, ou tentar espremê-lo da área não religiosa da nossa vida. Devemos lembrar que a nossa vocação (ou seja, o chamado de Deus) inclui essas coisas. É nelas que devemos servir e glorificar a Deus.

MINISTÉRIO

Se estamos preocupados em descobrir para onde Deus está nos levando (orientação) e para o que ele está nos chamando (vocação), podemos ter certeza de que isso estará ligado a como melhor podemos servi-lo (ministério). Além disso, tal como acontece com as palavras “orientação” e “vocação”, assim acontece com a palavra “ministério”: precisamos distinguir entre um significado mais amplo e um significado mais restrito, entre uma aplicação geral e uma aplicação particular.

Aqui estão três afirmações sobre o ministério.

Primeiro, *todos os cristãos, sem exceção*, são chamados ao ministério. De fato, devemos dar a nossa vida no ministério. O ministério não é privilégio de uma pequena elite, mas de todos os discípulos de Jesus. Você deve ter notado que eu não disse que todos os cristãos são chamados para o ministério (pastoral), mas para o ministério, diaconia, serviço. Fazemos um grande desserviço à causa cristã sempre que nos referimos a ser um pastor como estando no “ministério”. Porque assim damos a impressão de que o ministério pastoral é o único ministério que existe, assim como os religiosos medievais consideravam o sacerdócio como a única vocação existente (ou, pelo menos, a mais “espiritual”). Sempre que alguém diz na minha presença que “está indo para o ministério”, eu sempre pergunto inocentemente: “É mesmo? A qual ministério você se refere?” Se eles respondem, como sempre o fazem, “O ministério pastoral”, então eu complemento com uma leve

crítica: “Então por que você não disse isso?!” O fato é que a palavra “ministério” é um termo genérico que não tem uma especificidade enquanto não acrescentamos um adjetivo.

Volto à minha primeira proposição de que todos os cristãos sem exceção são chamados ao ministério. Como posso fazer tal declaração dogmática? Por causa de Jesus Cristo. Seu senhorio sobre nós tem uma dimensão vocacional. Ele, o servo por excelência, que se entregou sem reservas para servir a Deus e aos seres humanos, de modo que seria impossível alguém ser seu discípulo sem procurar seguir seu exemplo de serviço. Ele pregou o reino, curou os doentes, alimentou os famintos, fez amizade com os que não tinham amigos, defendeu os oprimidos, confortou os enlutados, procurou os perdidos e lavou os pés de seus apóstolos. Nenhuma tarefa era muito difícil e nenhum ministério era demasiado servil para que ele realizasse. Viveu sua vida e morreu servindo de modo completo e abnegado. Não devemos imitá-lo? O mundo mede a grandeza pelo sucesso; Jesus mede-a pelo serviço.

Segundo, *há uma grande variedade de ministérios cristãos*. Isto é porque “ministério” significa “serviço”, e há muitas maneiras diferentes em que podemos servir a Deus e as pessoas. O texto de Atos 6.1-4 fornece uma base bíblica firme para esta convicção. Uma briga étnica ou cultural estava dividindo a igreja de Jerusalém. Os judeus gregos reclamavam contra os judeus hebreus porque achavam que suas viúvas estavam sendo discriminadas na distribuição diária de alimentos. Os apóstolos haviam se envolvido nessa discussão, e ela estava ocupando uma grande parte de seu tempo, ameaçando distraí-los da pregação e do papel de ensino para o qual Jesus os havia enviado. Então eles sabiamente convocaram uma reunião da igreja e disseram: “Não é certo negligenciarmos o ministério da palavra de Deus, a fim de servir [*diakonein*] às mesas”. A igreja foi então convidada a

escolher sete homens para essa responsabilidade. Isso permitiria que os apóstolos se dedicassem “à oração e ao ministério [*diakonia*] da palavra”.

É essencial notar que tanto a distribuição de alimentos como o ensino da Palavra foram referidos como ministério (*diakonia*). Ambos eram vistos como um ministério cristão, podiam ser um ministério cristão em tempo integral e exigiam que o Espírito enchesse as pessoas para esse serviço. A única diferença entre eles consistia em que um era o ministério pastoral e o outro, social. Não era que um fosse “ministério” e o outro não; nem que um fosse espiritual e o outro secular; nem que um fosse superior e o outro inferior. Era simplesmente que Cristo chamou os Doze para o ministério da Palavra e os Sete para o ministério das mesas.

Desde quando eu era um jovem cristão, fui levado a pensar em diferentes vocações ou ministérios como formando uma hierarquia ou pirâmide. Pendurados precariamente no topo da pirâmide estavam os missionários transculturais. Eram os nossos heróis. Assim, aprendi que, se eu me entregasse totalmente a Cristo, então sem dúvida eu iria juntar-me a eles no exterior. Se eu não estivesse tão interessado a esse ponto, eu ficaria em casa e seria um pastor. Se eu não quisesse nem mesmo isso, provavelmente me tornaria um médico ou um professor. Mas se eu fosse entrar no ramo dos negócios, na política ou na mídia, então eu não estaria longe de me perder! Por favor, não me entenda mal. É um privilégio maravilhoso ser missionário ou pastor, *se Deus nos chama para isso*. Mas é igualmente maravilhoso ser cristão atuando como advogado, industrial, político, gerente, assistente social, roteirista de televisão, jornalista ou dona de casa, *se Deus nos chama para isso*. De acordo com Romanos 13.4, um oficial do Estado (seja legislador, magistrado ou policial) é “ministro de Deus” (NAA; *diakonos theou*) tanto quanto um pastor. É a hierarquia que temos de rejeitar; é a pirâmide que temos de demolir.

É claro que ainda há uma necessidade urgente de missionários – pessoas que se caracterizam sobretudo pela humildade. Precisamos de missionários com a humildade de se arrepender do imperialismo cultural e se identificar com outra cultura, a humildade para trabalhar sob a liderança da igreja nacional, a humildade para servir as necessidades (sociais e evangelísticas) sentidas pelas pessoas.⁴³ A evangelização mundial permanece no topo da agenda da igreja. Também há uma grande necessidade de pastores para ensinar a Palavra de Deus.

Ao mesmo tempo, há uma necessidade gritante de cristãos que vejam o seu trabalho diário como o seu ministério cristão primário e que se mostrem determinados a penetrar nesse seu ambiente secular para Cristo.

Precisamos de cristãos em negócios e indústrias que vejam o “serviço ao público” como o primeiro objetivo em sua declaração de “missão”, que façam experiências ousadas em relações de trabalho, participação dos trabalhadores e distribuição do lucro, e que aceitem a sua responsabilidade de anualmente produzir uma “auditoria social”, juntamente com a sua auditoria financeira anual.

Precisamos de políticos cristãos que identifiquem as grandes injustiças em sua sociedade, que se recusem a ser coniventes com elas e trabalhem para assegurar uma mudança legislativa, por mais tempo que leve. E precisamos de economistas cristãos que encontrem maneiras de criar e compartilhar a riqueza.

Precisamos de cineastas cristãos que produzam não apenas filmes abertamente cristãos ou evangelísticos, mas também filmes sadios que indiretamente engrandecem os valores cristãos e, assim, honrem a Cristo.

Precisamos de mais médicos cristãos que, em cooperação com os teólogos morais, enfrentem os desafios contemporâneos da ética médica e desenvolvam formas de manter a visão exclusivamente cristã da pessoa

humana e da família humana. Precisamos de professores cristãos dedicados, tanto nas escolas cristãs quanto nas seculares, que considerem um privilégio servir seus alunos e ajudá-los a desenvolver seu pleno potencial dado por Deus.

E precisamos de mais assistentes sociais cristãos que mostrem preocupação com aqueles que têm deficiência mental ou física, crianças abusadas, dependentes químicos, vítimas da AIDS e outros, combinando os melhores tratamentos médicos e assistência social com o amor cristão, a oração e o apoio da Igreja.

Terceiro, *o ministério particular para o qual Cristo nos chama provavelmente é determinado pelos nossos dons*. O fator principal que determina nosso foco de ministério será provavelmente o tipo de pessoa que somos pela criação e pela redenção de Deus. Deus não é um criador aleatório; ele não nos deu dons naturais para que sejam desperdiçados. Também não é um redentor aleatório, que nos deu dons espirituais para serem desperdiçados. Em vez disso, ele quer que seus dons sejam discernidos, cultivados e exercitados. Ele certamente não quer que fiquemos frustrados (porque nossos dons estão ociosos), mas sim realizados (porque nossos dons estão sendo usados).

Parece-me totalmente compatível com as nossas doutrinas cristãs da criação e da redenção que devemos falar a nós mesmos um pouco como se segue: “Eu sou uma pessoa única.” (Isso não é vaidade. É um fato. Se cada folha de grama e cada floco de neve é único, tanto mais cada ser humano é único!) Minha singularidade se deve à minha constituição genética, minha personalidade e meu temperamento herdados, minha ascendência, minha criação e educação, meus talentos, inclinações e interesses, meu novo nascimento e meus dons espirituais. Pela graça de Deus, sou quem sou. Como, então, posso eu, como a pessoa única que Deus me fez, me *esforçar*

no serviço de Cristo e das pessoas, de modo que nada que ele me deu seja desperdiçado e tudo o que ele me deu seja usado?

Talvez haja exceções a este princípio, mas parece-me ser a pergunta certa para alguém fazer a si mesmo. E para tentar nos avaliar honestamente desta forma, sem orgulho nem falsa modéstia, os nossos pais e amigos, que melhor nos conhecem, são os que mais nos ajudam.

As três palavras que estamos analisando (orientação, vocação e ministério) relacionam-se todas com a vontade de Deus para a nossa vida e como descobri-la. Em conclusão, deixe-me antecipar dois medos que meus leitores talvez estejam sentindo, e assim tentar aliviá-los.

Primeiro, não há necessidade de temer a vontade de Deus por assumir que isso deve ser difícil. Alguns cristãos parecem imaginar que, quanto mais desagradável é uma opção, mais provável é que seja a vontade de Deus! Mas Deus não é um ogro, determinado a arruinar nossa vida. Ele é nosso Pai, comprometido com o nosso bem-estar e determinado a nos dar apenas o que é para o nosso bem.

“Se vocês, apesar de serem maus, sabem dar boas coisas aos seus filhos”, disse Jesus, “quanto mais o Pai de vocês, que está nos céus, dará coisas boas aos que lhe pedirem!”⁴⁴ Podemos ter certeza de que a vontade de Deus é “boa, agradável e perfeita”⁴⁵. Segundo, não há necessidade de temer que nunca descobriremos a vontade de Deus. Não temos razão para nos preocupar, nem de entrar num estado de tensão nervosa, nem de passarmos noites sem dormir de ansiedade. Estranhamente, uma das minhas primeiras memórias de infância, quando eu não tinha mais do que 6 ou 7 anos, era da minha mãe entrando no meu quarto diariamente para dizer boa noite. Eu a atormentava com a pergunta constantemente repetida e cheia de angústia: “Mamãe, o que vou ser quando crescer?” Ela respondia que eu não precisava me preocupar, pois isso me seria mostrado no devido tempo. E agora, mais

de sessenta anos depois, com o benefício da retrospectiva, sei que ela estava certa, e que todas essas preocupações infantis eram desnecessárias. Temos todas as razões para estarmos confiantes de que a vontade de nosso Pai é boa e pode ser conhecida. Ele tem maneiras e meios de nos mostrar o que quer que façamos. A condição principal é que nós mesmos realmente desejemos discernir a sua vontade, a fim de colocá-la em prática.



PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

por Tim Chester

1. Como Stott diz que a vontade geral de Deus se aplica ao casamento? Como se aplica ao trabalho?
2. Você concorda que Deus tem uma vontade específica para a nossa vida que devemos discernir? Que evidência bíblica sustenta a sua resposta?
3. Pense em uma decisão recente que você tomou. O que o ajudou a tomar sua decisão? É possível relacionar o seu processo de decisão ao modelo proposto por Stott (ceder, orar, falar, pensar e esperar)?
4. Qual é a ligação entre o nosso chamado geral e o nosso chamado específico? Como o nosso chamado geral deve moldar a forma como cumprimos o nosso chamado específico?
5. Falar de “um chamado” pode soar um tanto estático e desatualizado em uma época em que as pessoas mudam de função, emprego e até mesmo de carreiras várias vezes durante sua vida profissional. Como é que o que Stott descreve como o “princípio subjacente” da vocação sugere que isso ainda pode ser relevante?
6. O que significa para você ver o seu trabalho (qualquer que seja e onde quer que seja) como ministério?

CAPÍTULO 4

O PRIMEIRO FRUTO DO ESPÍRITO

CONVIDO VOCÊS AGORA a refletir sobre um texto bíblico que significa muito para mim. Todos os dias, por uns vinte anos, eu tenho citado esse texto para mim mesmo em minhas devoções matinais e orado por seu cumprimento em minha vida. Quando me perguntam qual é o meu texto favorito, normalmente menciono este. Parece-me conter verdades que são de enorme importância para todo o povo de Deus. Aqui está: “Mas o fruto do Espírito é amor, alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio. Contra essas coisas não há lei”¹.

Desses dois versículos, penso que podemos legitimamente derivar cinco afirmações sobre o amor.

AMOR, ALEGRIA E PAZ

A primeira verdade é que *o amor é a graça cristã suprema*: “O fruto do Espírito é amor”. É verdade, Paulo lista um conjunto de nove qualidades, que juntas ele chama de “fruto” do Espírito, mas o amor tem lugar de destaque. Ouvimos muito sobre o Espírito Santo hoje em dia (ele não é mais a pessoa negligenciada da Trindade), e muitas pessoas estão reivindicando manifestações espetaculares de seu poder, mas o primeiro fruto de sua presença nas pessoas não é poder, mas amor.

Qual é a principal marca distintiva de um cristão? Qual é a marca que autentica as pessoas como filhos de Deus? Respostas diferentes são dadas por pessoas diferentes.

Alguns respondem que o que distingue o cristão genuíno é a *verdade*, a ortodoxia, a crença correta, a lealdade às doutrinas da Escritura, os credos católicos e as confissões da Reforma. Está certo! A verdade é sagrada. A sã doutrina é vital para a saúde da Igreja. Somos convocados a combater “o bom combate da fé”², a guardar “o depósito” da religião revelada,³ a nos manter firmes e nos apegar aos ensinamentos dos apóstolos⁴ e a batalhar “pela fé de uma vez por todas confiada aos santos”⁵. Nós nunca devemos esquecer dessas exortações solenes. No entanto, “ainda que eu [...] saiba todos os mistérios e todo o conhecimento [...] se não tiver amor, nada serei”⁶. Além disso, “o conhecimento traz orgulho, mas o amor edifica”⁷. Assim o amor é maior do que o conhecimento.

Outros insistem que a marca registrada dos discípulos genuínos é a *fé*. “Pois sustentamos que o homem é justificado pela fé, independente da obediência à Lei.”⁸ Como Martinho Lutero escreveu, a justificação pela fé é “o artigo principal de toda a doutrina cristã”, que “faz realmente cristãos verdadeiros”.⁹ E Thomas Cranmer, reformador e arcebispo inglês, acrescentou a contrapartida negativa: “Quem nega isto [a doutrina] não deve ser contado como um verdadeiro homem cristão”¹⁰. Ou, para citar uma declaração evangélica mais moderna, a justificação pela fé é “o coração e o centro, o paradigma e a essência de toda a economia da graça salvadora de Deus”¹¹. Concordo. *Sola fide*, “somente pela fé”, que era a palavra de ordem da Reforma, deve ser também a nossa palavra de ordem. No entanto, “ainda que eu [...] tenha uma fé capaz de mover montanhas, se não tiver amor, nada serei”¹². O grande apóstolo da fé deixa claro que o amor é maior do que a fé.

Um terceiro grupo enfatiza a *experiência religiosa* como a marca do cristão, muitas vezes de um tipo particular e vívido de experiência, a qual acreditam que deve ser reproduzida em todos. E este grupo também, até certo ponto, está correto. Um relacionamento pessoal em primeira mão com Deus por meio de Cristo é essencial. O testemunho interno do Espírito é real. Existe algo como uma “alegria indizível e gloriosa”¹³ e, por causa da “suprema grandeza do conhecimento de Cristo Jesus”, tudo mais é considerado como perda¹⁴. No entanto, “ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos” e “tenha o dom de profecia” (alegando uma comunicação direta de Deus), “se não tiver amor, nada serei”.¹⁵ Assim, o amor é maior do que a experiência.

A quarta e última categoria de pessoas, com uma inclinação mais prática, enfatiza o *serviço* como a marca distintiva do povo de Deus, especialmente o serviço aos pobres. Mais uma vez está certo! Sem boas obras a fé está morta. Já que o próprio Jesus foi um defensor dos pobres, seus discípulos também devem ser. Se vemos pessoas em necessidade e temos a capacidade de ajudá-las, mas não temos misericórdia delas, como podemos afirmar ter o amor de Deus em nós?¹⁶ No entanto, “ainda que eu dê aos pobres tudo o que possuo e entregue o meu corpo para ser queimado [talvez em um gesto heroico de sacrifício], se não tiver amor, nada disso me valerá”¹⁷. Assim, o amor é maior do que o serviço.

Em suma, o conhecimento é vital, a fé é indispensável, a experiência religiosa é necessária e o serviço é essencial, mas Paulo dá primazia ao amor. O amor é a maior coisa do mundo. Pois “Deus é amor”¹⁸ em seu ser mais íntimo. O Pai, o Filho e o Espírito estão eternamente unidos um ao outro no amor de doação. Assim, aquele que é amor, e colocou o seu amor sobre nós, nos chama a amar tanto a ele como aos outros em troca. “Nós amamos porque ele nos amou primeiro.”¹⁹ O amor é a característica principal,

essencial, suprema e distintiva do povo de Deus. Nada pode tomar seu lugar ou substituí-lo. O amor é supremo.

Em segundo lugar, *o amor traz alegria e paz*. Pois “o fruto do Espírito é amor, alegria, paz”. A sequência é certamente significativa.

Os seres humanos sempre perseguiram a alegria e a paz, embora tenham geralmente empregado uma palavra mais secular: “felicidade”. Thomas Jefferson, antes de se tornar o terceiro presidente dos Estados Unidos, estava tão convencido de que a busca da felicidade era um direito humano inalienável que ele o registrou na Declaração de Independência e o chamou de uma “verdade autoevidente”.

Mas os cristãos se sentem obrigados a acrescentar que aqueles que buscam a felicidade nunca a encontram. Alegria e paz são bênçãos extremamente fugazes. Mesmo quando estendemos uma mão para agarrar a felicidade, nós a vemos desaparecendo no ar. Pois a alegria e a paz não são metas adequadas a perseguir; são subprodutos do amor. Deus os dá a nós, não quando os perseguimos, mas quando perseguimos a *ele* e *outros* no amor.

É urgente que testemunhemos esta verdade no mundo contemporâneo, em que a “autorrealização” é a tendência e toda a conversa gira em torno da importância de aumentar a “autoestima” de uma pessoa. Em seu livro perceptivo *Psicologia Como Religião*,²⁰ que tem como subtítulo *O culto da autoadoração*, o doutor Paul Vitz, da Universidade de Nova York, analisou os quatro principais “teóricos do ego” daquela década: Erich Fromm (que argumentou que a indiferença a si mesmo é um vício, enquanto a autoafirmação é uma virtude), Carl Rogers (cujas terapia “centrada no cliente” visava ajudar um cliente a se tornar uma pessoa autônoma e sem restrições por meio da “autoestima incondicional”), Abraham Maslow (que enfatizou a “autorrealização” criativa) e Rollo May (que, influenciado pelo

existencialismo, enfatizou a decisão e o compromisso como meios de se tornar alguém). Todos estes quatro escritores se confessavam humanistas seculares. Acreditavam em seres humanos, não em Deus. Muitos os ajudaram a se tornar populares, e sua ênfase básica na autoestima e na autorrealização parece ter se infiltrado em quase todos os segmentos da sociedade. O doutor David Wells comenta que, em meados da década de 1980, “87,5% do que foi publicado nos Estados Unidos atendia aos interesses e apetites do movimento do eu”²¹.

É verdade que há um tipo correto e saudável de autoafirmação, que equilibra a autonegação a que Jesus chamou seus discípulos. Não é, no entanto, a afirmação acrítica e irrestrita do humanista quanto ao “eu”, pois é fortemente qualificada pelo reconhecimento de nossa própria pecaminosidade. Nós cristãos somos capazes de afirmar apenas os aspectos do eu que derivam da nossa criação à imagem de Deus (por exemplo, nossa racionalidade, nossa responsabilidade moral e nossa capacidade de amor), negando ao mesmo tempo (isto é, renegando e repudiando) todos os aspectos do eu que derivam da queda e do nosso estado pessoal após a queda (por exemplo, nosso egoísmo, nossa cobiça, nossa malícia, nossa hipocrisia e nosso orgulho). Essas formas cristãs de autoafirmação e autonegação estão muito longe de ser expressões de uma preocupação conosco mesmo, ainda menos a paixão atual com o eu. Pelo contrário, não se dirigem a si mesmos, mas a Deus. Eles são parte e parcela de nossa adoração a Deus como nosso Criador e nosso Juiz.

No entanto, alguns escritores cristãos tentaram argumentar que o próprio cristianismo tem a ver com autoestima, que devemos desistir de nos concentrarmos em coisas como pecado, culpa, julgamento e expiação, que devemos apresentar a salvação como a descoberta do eu, e que o endosso do segundo mandamento dado por Jesus foi um chamado implícito para amar a

nós mesmos, bem como ao nosso próximo. Mas isso não é verdade. Nas Escrituras, o amor próprio é sinônimo de pecado, não o caminho para a liberdade. O amor *agapē* significa o sacrifício de si mesmo a serviço dos outros. Por sua própria natureza, não pode ser dirigido a si mesmo. Como podemos nos sacrificar para servir a nós mesmos? É impossível. A própria ideia é um absurdo. O caminho de Jesus é o oposto. Ele ensinou o grande paradoxo de que só quando nos perdemos é que nos encontramos, só quando morremos para nós mesmos é que aprendemos a viver, e só servindo aos outros é que nos tornamos livres. Ou, para voltar a Paulo em Gálatas, só quando amamos é que vêm a alegria e a paz. A busca consciente da felicidade sempre vai acabar em fracasso. Mas quando nos esquecemos de nós mesmos no serviço abnegado do amor, então a alegria e a paz vêm inundando a nossa vida como bênçãos incidentais e inesperadas.

AMOR EM AÇÃO

Terceiro, *o amor se manifesta em ação*. Pois se o amor é o primeiro fruto do Espírito, com alegria e paz seguindo em seu rastro, vêm a seguir “paciência, amabilidade, bondade”. O amor não é apenas romance, muito menos erotismo. Nem sequer é puro sentimento ou emoção. Parece abstrato, mas leva a atitudes positivas e a ações concretas, ou seja, a paciência, a amabilidade e a bondade. E, como creio que escreveu o romancista russo Fiódor Dostoiévski, “o amor em ação é muito mais terrível do que o amor em sonhos”. Pois o amor é sempre uma busca pelo verdadeiro bem-estar dos outros, seja qual for o custo pessoal.

“Paciência” é uma qualidade negativa. É muitas vezes traduzida como “longanimidade”, pois descreve a paciência com as pessoas, em vez de com

as circunstâncias. Inclui a tolerância para com aqueles que são exigentes ou irritantes. Nunca se esquece da grandeza da paciência de Cristo para conosco.²²

“Amabilidade” e “bondade” são qualidades positivas. A primeira é generosidade de pensamento, *desejar* o bem aos outros, enquanto o segundo é generosidade de ação, *fazer* realmente por eles o bem que lhes desejamos.

Parece correto, então, discernir uma progressão nessas três graças cristãs. A paciência suporta a malícia dos outros e se recusa a retaliar. A amabilidade transforma a tolerância em bondade, não desejando mal às pessoas, mas desejando-lhes bem. E a bondade converte o desejo em ato, tomando a iniciativa de servir as pessoas em ação.

Todas as três qualidades são características e expressões do amor. Pois, como o apóstolo escreve em outro lugar: “O amor é paciente, o amor é bondoso”²³, e nós devemos “[servir] uns aos outros mediante o amor”²⁴. Há pouco valor em fazer grandes declarações de amor pela raça humana; temos de nos envolver com pessoas reais em situações reais. É então que a paciência, a amabilidade e a bondade do amor serão postas à prova.

Em quarto lugar, *o amor é equilibrado pelo domínio próprio*. Pois “o fruto do Espírito é [...] fidelidade, mansidão e domínio próprio”. Estas três qualidades parecem ser nuances diferentes do domínio que temos sobre nós mesmos. “Fidelidade” é confiabilidade ou credibilidade em questões como manter nossas promessas e cumprir nossos compromissos. “Mansidão” traduz *prautēs*, que muitas vezes é traduzido como “gentileza”. Mas não é um tipo de mansidão complacente, fraca, sem princípios. Isso certamente inclui ser gentil, humilde e atencioso com as outras pessoas, mas muitas vezes exigirá que domemos nossas forças e aproveitemos nossas energias. A terceira palavra é “domínio próprio”, *egkrateia*, “que expressa o poder ou senhorio que alguém tem sobre si mesmo ou sobre algo”²⁵. Inclui disciplinar

os nossos instintos, refrear o nosso temperamento e a nossa língua e refrear as nossas paixões.

Por que o amor deve ser equilibrado pelo domínio próprio? Porque o amor é autodoação, e autodoação e domínio próprio se complementam. Pois como podemos nos dar se não aprendemos a nos dominar? Nosso eu tem de ser dominado antes que possa ser oferecido a serviço de outros. É certamente significativo, portanto, que as nove características do fruto do Espírito começam com a autodoação e terminam com o autocontrole.

AMOR É O FRUTO DO ESPÍRITO

A quinta verdade que emerge deste grande texto é que o *amor* que temos pensado (supremo, trazendo alegria e paz, emanando em ação e equilibrado pelo domínio próprio) é o *fruto do Espírito*. Em outras palavras, é a consequência natural da obra sobrenatural do Espírito Santo dentro de nós.

No contexto, Paulo está traçando um contraste entre “a carne” e “o Espírito”, entre “as obras da carne” e “o fruto do Espírito”. Precisamos fazer uma pausa para algumas definições. Por “carne” ele não está se referindo ao tecido mole da pele e do músculo que cobre o nosso esqueleto ósseo, nem ao corpo humano (um erro que as pessoas fazem quando falam de ganância e imoralidade sexual como os “pecados da carne”). Em vez disso, ele está falando de nossa natureza herdada, caída e distorcida, com sua tendência para o mal, seus desejos corruptos e suas demandas egoístas. Foi bem dito que, se apagarmos a última letra da palavra “*flesh*” (“carne”, em inglês) e a lermos de trás para frente, descobrimos exatamente o que é: “*self*”, “eu”.

Por “Espírito”, Paulo não se refere à respiração que anima o nosso corpo, nem ao lado espiritual dos seres humanos em contraste com o material. Em

vez disso, ele se refere ao próprio Espírito Santo, que entra em nossa personalidade quando nos arrependemos e cremos em Jesus, e cuja habitação em nós é a marca da identidade cristã²⁶ e o segredo da santidade de Cristo. Aqui, então, estão os dois protagonistas na luta que Paulo descreve. Por um lado, há “a carne”, a nossa natureza decaída egocêntrica, e por outro, “o Espírito”, o Espírito de Deus que habita em nós. Paulo nos diz três verdades sobre o conflito entre essas forças.

Primeiro, os desejos da carne e do Espírito são desejos *ativos*. “Pois a carne deseja o que é contrário ao Espírito; e o Espírito, o que é contrário à carne. Eles estão em conflito um com o outro.”²⁷ Deste modo, tanto a carne como o Espírito têm desejos, que estão vivos, ativos, cheios de energia e força. A razão para enfatizar isso é que, ao longo da história da Igreja, grupos perfeccionistas ensinaram que, depois do novo nascimento, nossa natureza caída está inerte e inativa, até mesmo morta. Mas não é isso o que a Escritura ensina. O mandamento de que não devemos satisfazer “os desejos da carne”²⁸, e a afirmação de que “a carne deseja o que é contrário ao Espírito”²⁹ seriam absurdos se a nossa natureza caída não tivesse mais desejos. Não, a vida cristã é marcada por um incessante conflito com o mundo, a carne e o diabo.

Em segundo lugar, os desejos da carne e do Espírito são desejos *opostos*. Existe um antagonismo feroz entre eles. “Porque a carne luta contra o Espírito, e o Espírito luta contra a carne, porque são opostos entre si.”³⁰ Como o bispo J. B. Lightfoot colocou em seu comentário sobre Gálatas: “Entre o Espírito e a carne não há qualquer aliança; há uma interminável disputa mortal”³¹.

Além disso, a natureza antagônica dos desejos da carne e do Espírito se torna clara no contraste entre “as obras da carne”³² e “o fruto do Espírito”³³. As primeiras são muito desagradáveis. Paulo lista quinze delas. Eles parecem

se encaixar em quatro categorias: pecados sexuais (imoralidade sexual, impureza e libertinagem), pecados religiosos (idolatria e feitiçaria, sendo este último a tentativa secreta de se apropriar do poder divino ou demoníaco por magia), pecados sociais (oito deles: ódio, discórdia, ciúmes, ira, egoísmo, dissensões, facções e inveja) e pecados pessoais (embriaguez e orgias). É um catálogo hediondo de atividades em que as pessoas se afirmam contra Deus e contra os outros.

O fruto do Espírito, com suas nove características já mencionadas antes,³⁴ apresenta um belo contraste. De fato, seria difícil imaginar um contraste maior. Pois aqui temos a piedade em vez da impiedade; alegria autêntica e paz no lugar da busca do prazer pecaminoso; amabilidade e bondade contra ódio e ciúmes; e domínio próprio em lugar de autossatisfação.

Terceiro, Paulo insiste que os desejos da carne e do Espírito são desejos *controláveis*. É possível, escreve ele, que o Espírito ganhe ascendência sobre a carne e a domine, que o amor triunfe sobre o egoísmo e que o bem seja vitorioso sobre o mal. Como? O segredo está em adotar a atitude correta para com a carne e o Espírito.

A nossa atitude para com a nossa natureza caída deve ser de rejeição implacável. Pois “os que pertencem a Cristo Jesus crucificaram a carne, com as suas paixões e os seus desejos”³⁵. Tomamos esta coisa má, nojenta e escorregadia chamada “carne” e a pregamos na cruz. Foi assim no nosso arrependimento inicial. A crucificação é uma imagem dramática da nossa rejeição irrestrita de todo o mal conhecido. A crucificação não leva a uma morte rápida ou fácil; é uma forma de execução cuja dor é persistente. No entanto, é decisiva; não há possibilidade de escapar dela.

Nossa atitude para com o Espírito Santo, por outro lado, deve ser de rendição incondicional. Paulo usa várias expressões para isso. Devemos viver pelo Espírito, ser guiados pelo Espírito e andar pelo Espírito.³⁶

Devemos permitir-lhe que assuma a legítima soberania sobre nós e, assim, seguir as suas justas orientações.

Assim, tanto a rejeição da carne quanto a entrega ao Espírito precisam ser repetidas em nós diariamente, por mais decisiva que tenha sido a nossa rejeição e entrega originais. Nas palavras de Jesus, devemos tomar “diariamente” a nossa cruz e segui-lo.³⁷ Devemos também continuar a ser enchidos pelo Espírito,³⁸ à medida que abrimos nossa personalidade para ele diariamente. Tanto a nossa rejeição quanto a nossa entrega também devem ser trabalhadas em hábitos de vida bem disciplinados. Aqueles que “semeiam para o Espírito”³⁹ são os que colhem o fruto do Espírito. E “semear para o Espírito” significa cultivar as coisas do Espírito. Isso significa, por exemplo, o uso sábio do Dia do Senhor, a disciplina diária da oração e da leitura bíblica, o nosso culto regular e a participação na Comunhão ou Ceia do Senhor, o cultivo de amizades cristãs e o nosso envolvimento no serviço cristão. Um princípio inflexível, tanto no reino material como no moral, é que colhemos o que semeamos. A regra é invariável. Não pode ser mudada, pois “de Deus não se zomba”⁴⁰. Portanto, não devemos ficar surpresos se não colhermos o fruto do Espírito quando estamos semeando para a carne o tempo todo. Pensamos mesmo que poderíamos enganar Deus?

Para mudar a metáfora, lembro-me de ter lido há alguns anos sobre uma pessoa que visitava as montanhas do sul da Califórnia. Encontrou um antigo montanhista, cujos dois cães estavam brigando continuamente. O visitante perguntou-lhe quais dos cães costumava ganhar. O montanhista mascou seu tabaco por um tempo em silêncio, e então respondeu: “Aquele que eu alimento mais”. Da mesma forma, a nossa nova natureza vai ser vitoriosa sobre a velha apenas se alimentarmos essa nova e privarmos a velha.

Há apenas uma pessoa, na longa história do mundo, em quem o fruto do Espírito sempre amadureceu para a perfeição. Essa pessoa é Jesus de Nazaré. De fato, o fruto mencionado por Paulo pode ser visto como um retrato de Jesus Cristo. Porque ele amou como ninguém jamais amou, ao dar a sua vida pelos seus inimigos. Ele falou tanto da “minha alegria” quanto da “minha paz”.⁴¹ Ele era maravilhosamente paciente com os seus apóstolos lerdos de espírito. Ele era invariavelmente bondoso e cheio de boas obras. Ele também era firmemente confiável e sempre gentil, na verdade, “manso e humilde de coração”⁴². E tinha perfeito domínio próprio, de modo que, “quando insultado, não revidava”⁴³.

O doutor Kenneth Moynagh, que trabalhou por muitos anos como médico missionário em Matana, no Burundi, uma vez resumiu o fruto do Espírito, com sua ênfase no amor, desta forma:

Alegria é amor exultante, e paz é amor na quietação; Paciência é amor que persiste em cada teste e provação. Gentileza é amor que cede a tudo o que não é pecado, Bondade é amor que age por Cristo em nós internalizado. Fé são olhos de amor abertos para ver Cristo Jesus; Mansidão é amar e não lutar, mas curvado diante da cruz. Temperança é amor sob o controle de Cristo, com calma, Pois Cristo é amor em pessoa, e amor é Cristo na alma.

Se o fruto do Espírito é ser semelhante a Cristo, logo ser semelhante a Cristo é o propósito pessoal de Deus para todo o seu povo.

- O seu propósito é *eterno*, “pois aqueles que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho”.⁴⁴

- O seu propósito é *histórico*, à medida que “todos nós [...] estamos sendo transformados com glória cada vez maior”.⁴⁵
- O seu propósito é *escatológico*, pois, “ainda não se manifestou o que havemos de ser, mas sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, pois o veremos como ele é.”⁴⁶

A única maneira de compreender as decepções e frustrações da vida, a solidão, o sofrimento e a dor, é ver tudo isso como parte da disciplina do nosso Pai amoroso na sua determinação de nos tornar semelhantes a Cristo.⁴⁷

Às vezes me perguntam, talvez em uma entrevista de jornal, rádio ou televisão, se na minha idade ainda tenho ambições. Minha resposta agora sempre é: “Sim, minha ambição primordial é (e espero que seja até morrer) que eu possa me tornar um pouco mais como Cristo”.



PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

por Tim Chester

1. Qual é a principal marca distintiva da sua igreja? E quanto à sua vida? O que você poderia fazer para garantir que o amor seja a característica mais marcante?
2. Quais são os sinais que você vê da busca por autorrealização e por autoestima no mundo ao seu redor? Por que isso é autodestrutivo?
3. A paciência suporta a malícia, a amabilidade responde desejando bem às pessoas e a bondade converte esse desejo em ação. Em que ponto o seu amor fracassa? De que maneiras você precisa combinar o amor com o domínio próprio?

4. Que medidas práticas você poderia tomar para rejeitar tudo o que pertence à carne?
5. Que medidas práticas você poderia tomar para se render ao Espírito e cultivar as coisas do Espírito?
6. Você consegue se lembrar de alguma vez que Deus usou uma decepção ou frustração para torná-lo mais semelhante a Cristo?

O AGORA E O AINDA NÃO

EU COMECEI na introdução com a tensão entre o “antes” (passado) e o “agora” (presente). E termino com outra tensão, entre o “agora” (presente) e o “ainda não” (futuro). Estas duas tensões estão juntas. Pois é em e por meio de Jesus Cristo que o passado, o presente e o futuro são trazidos para um relacionamento criativo. Os cristãos vivem no presente, mas o fazem em gratidão pelo passado e em antecipação ao futuro.

Ao concluir este livro, quero me focar no cristianismo bíblico equilibrado. O equilíbrio é um bem raro hoje em dia em quase todas as esferas, e não é diferente entre nós que buscamos seguir a Cristo.

Uma das características do diabo é que ele é um fanático e inimigo de todo senso comum, moderação e equilíbrio. Um de seus passatempos favoritos é desviar o equilíbrio dos cristãos. Se ele não pode nos levar a negar Cristo, ele nos fará distorcer Cristo. Como resultado, o cristianismo desequilibrado é generalizado, no qual enfatizamos demais um aspecto de uma verdade, ao mesmo tempo em que enfatizamos pouco outro aspecto.

Uma compreensão equilibrada da tensão entre o agora e ainda não seria muito benéfica para a unidade dos cristãos e especialmente para uma maior harmonia entre os cristãos evangélicos. Podemos concordar com os fundamentos doutrinários e éticos da fé. No entanto, parecemos constitucionalmente propensos a brigas e divisões, ou simplesmente a seguir nosso próprio caminho e construir nossos próprios impérios.

REINO VINDO E VINDOURO

É fundamental para o cristianismo do Novo Testamento a perspectiva de que estamos vivendo entre os tempos – entre a primeira e a segunda vinda de Cristo, entre o reino que veio e o reino que virá.

A base teológica para essa tensão pode ser encontrada no próprio ensinamento de Jesus sobre o reino de Deus. Todo mundo aceita que o reino teve grande destaque no ensino de Jesus e também que ele anunciou a vinda desse reino. No entanto, os estudiosos têm discordado sobre o tempo de sua chegada. Será que o reino já veio, pois Jesus o trouxe com ele? Ou o reino ainda virá no futuro, e temos de esperá-lo com expectativa? Ou será que a verdade está entre essas posições?

Albert Schweitzer é um exemplo de um estudioso que pensou que, de acordo com Jesus, o reino estava inteiramente no futuro. Como um profeta apocalíptico, Jesus ensinou (equivocadamente) que Deus estava prestes a intervir sobrenaturalmente e estabelecer o seu reino. As exigências radicais que ele fez aos seus discípulos foram uma “ética interina” à luz da chegada iminente do reino. A posição de Schweitzer é conhecida como escatologia “completa” ou “consistente”.

No extremo oposto estava C. H. Dodd, com sua crença de que a vinda do reino estava totalmente no passado (posição conhecida como escatologia “realizada”). Ele colocou uma forte ênfase em dois versículos cujos verbos no grego estão no tempo perfeito, ou seja, “O reino de Deus está próximo”¹ e “chegou a vocês o reino de Deus”.² Dodd concluiu que não há uma vinda futura do reino e que as passagens que falam disso não faziam parte do próprio ensinamento de Jesus.

No lugar dessas polaridades extremas, a maioria dos estudiosos tomou uma posição intermediária – que Jesus falou do reino como uma realidade

presente e uma expectativa futura.

Jesus ensinou claramente que o tempo do cumprimento havia chegado;³ que o “homem forte” estava agora amarrado e desarmado, permitindo a pilhagem de seus bens, como ficou evidente em seus exorcismos;⁴ que o reino já estava “dentro de” ou “entre” as pessoas;⁵ e que agora era possível “receber” ou “entrar” nele.⁶

No entanto, o reino também era uma expectativa futura. Não seria aperfeiçoado até o último dia. Então ele olhou para a frente até o fim e ensinou seus discípulos a fazê-lo também. Eles oravam: “Venha o teu reino”⁷ e “busquem em primeiro lugar”,⁸ dando prioridade à sua expansão. Às vezes, ele se referia também ao estado final de seus seguidores em termos de “entrar” no reino⁹ ou “receber” o reino.¹⁰

Uma maneira pela qual a Bíblia expressa a tensão entre o “agora” e o “ainda não” está na terminologia das duas “eras”. Do ponto de vista do Antigo Testamento, a história é dividida entre “esta presente era” e “os últimos dias”, ou seja, o reino da justiça a ser introduzido pelo Messias.¹¹ Essa estrutura simples de duas eras consecutivas, no entanto, foi decisivamente alterada pela vinda de Jesus. Pois ele trouxe a nova era e morreu por nós, a fim de nos livrar “desta presente era perversa”.¹² Como resultado, o Pai já “nos resgatou do domínio das trevas e nos transportou para o reino do seu Filho amado”.¹³ Até fomos ressuscitados da morte e assentados com Cristo no reino celestial.¹⁴

Ao mesmo tempo, a velha era persiste. Logo, as duas eras se sobrepõem. “As trevas estão se dissipando e já brilha a verdadeira luz.” Um dia a velha era será terminada (o que será “o fim desta era”),¹⁵ e a nova era, que foi introduzida com a primeira vinda de Cristo, será realizada na segunda. Enquanto isso, as duas eras continuam, e estamos presos nessa tensão entre elas. Somos convocados a “não nos amoldar ao padrão deste mundo”, mas

sim a nos transformar de acordo com a vontade de Deus e a viver coerentemente como filhos da luz.¹⁶

No entanto, a tensão permanece: já *fomos* salvos, mas um dia também *seremos* salvos.¹⁷ E já somos filhos adotivos de Deus, mas também estamos esperando nossa adoção.¹⁸ O cristão “já passou da morte para a vida”, mas a vida eterna ainda será recebida no futuro.¹⁹ Cristo já está reinando, embora seus inimigos ainda não se tenham tornado o estrado de seus pés.²⁰

Vivendo entre o presente e o futuro, a postura característica dos cristãos é descrita de formas variadas como ter esperança,²¹ esperar,²² aguardar com expectativa²³ e gemer,²⁴ enquanto esperamos tanto “ansiosamente”²⁵ como “pacientemente”.²⁶

A essência do período interino entre o “agora” e o “ainda não” é a presença do Espírito Santo no povo de Deus. Por um lado, o dom do Espírito é a bênção distintiva do reino de Deus e o principal sinal de que a nova era começou.²⁷ Por outro, porque a habitação do Espírito é apenas o início da herança do nosso reino, é também a garantia de que o resto um dia será nosso. O Novo Testamento usa três metáforas para ilustrar isso. O Espírito Santo é visto como “os primeiros frutos”, garantindo que virá a colheita completa,²⁸ a “garantia” ou a primeira parcela, sinalizando que o pagamento integral será feito,²⁹ e a degustação, prometendo que a festa completa um dia será desfrutada.³⁰

Aqui estão alguns exemplos da tensão entre o “agora” e o “ainda não”.

REVELAÇÃO, SANTIDADE E CURA

O primeiro exemplo está na *esfera intelectual*, ou na questão da *revelação*.

Afirmamos com alegre confiança que Deus se revelou aos homens, não só no universo criado, na nossa razão e na nossa consciência, mas também supremamente no seu Filho Jesus Cristo e no testemunho da Bíblia a respeito dele. Ousamos dizer que conhecemos a Deus, porque ele mesmo tomou a iniciativa de remover o véu, que de outra forma o esconderia de nós. Alegramo-nos muito porque a sua Palavra lança luz sobre o nosso caminho.³¹

Mas ainda não conhecemos a Deus como ele nos conhece. Nosso conhecimento é parcial porque sua revelação foi parcial. Ele revelou tudo o que pretende revelar e que considera ser para o nosso bem, mas não tudo o que há para revelar. Ainda restam muitos mistérios e, por isso, vivemos pela fé, não pela vista.³²

Devemos tomar a nossa posição ao lado daqueles autores bíblicos que, embora soubessem ser agentes da revelação divina, confessaram humildemente que o seu conhecimento permaneceu limitado. Mesmo Moisés, “a quem o Senhor conheceu face a face”, reconheceu: “Ó Soberano Senhor, tu começaste a mostrar ao teu servo a tua grandeza e a tua mão poderosa!”.³³ Então pense no apóstolo Paulo, que comparou seu conhecimento tanto aos pensamentos imaturos de uma criança quanto aos reflexos distorcidos de um espelho.³⁴

Assim, então, embora seja certo gloriar-se na doação e na finalidade da revelação de Deus, também é certo confessar a nossa ignorância a respeito de muitas coisas. Nós sabemos e não sabemos. “As coisas encobertas pertencem ao Senhor, o nosso Deus, mas as reveladas pertencem a nós e aos nossos filhos para sempre, para que sigamos todas as palavras desta lei.”³⁵ É muito importante manter esta distinção. Falando de modo pessoal, gostaria de ver mais ousadia na nossa proclamação daquilo que foi revelado e mais reserva sobre o que foi mantido em segredo. A concordância na verdade

claramente revelada é necessária para a unidade, mesmo quando damos liberdade uns aos outros em assuntos secundários. E a maneira de reconhecê-los é quando os cristãos que estão igualmente ansiosos para ser submissos às Escrituras, no entanto, chegam a conclusões diferentes sobre eles. Estou pensando, por exemplo, nas controvérsias sobre o batismo, governo da igreja, liturgia e cerimônias, dons espirituais e cumprimento das profecias.

A segunda tensão está na *esfera moral*, ou na questão da *santidade*.

Deus já colocou o seu Espírito Santo dentro de nós, a fim de nos tornar santos.³⁶ O Espírito Santo está ativamente trabalhando dentro de nós, subjugando nossa natureza humana caída e egoísta e fazendo com que seu fruto amadureça em nosso caráter.³⁷ Já, podemos afirmar que ele está nos transformando à imagem de Cristo.³⁸

Mas nossa natureza caída não foi erradicada, pois “a carne deseja o que é contrário ao Espírito”,³⁹ de modo que, “se afirmarmos que estamos sem pecado, enganamos a nós mesmos”.⁴⁰ Ainda não vivemos completamente de acordo com a perfeita vontade de Deus, porque ainda não amamos a Deus com todo o nosso ser, nem ao nosso próximo como a nós mesmos. Como Paulo colocou, ainda não somos perfeitos, mas continuamos em direção a esse objetivo, confiantes de que “aquele que começou boa obra em [nós], vai completá-la até o dia de Cristo Jesus”.⁴¹

Sendo assim, estamos presos em uma tensão dolorosa entre o “agora” e o “ainda não”, entre o desânimo por causa das nossas falhas contínuas e a promessa de liberdade final. Por um lado, devemos seguir com a maior seriedade a ordem de Deus: “Sejam santos porque eu [...] sou santo”;⁴² e também a instrução de Jesus: “Vá e não peque mais”.⁴³ Por outro lado, temos de reconhecer a realidade do pecado em nós convivendo com a realidade do

Espírito em nós.⁴⁴ A perfeição sem pecado pela qual ansiamos continua nos iludindo.

A terceira tensão entre o “já” e o “ainda não” está na *esfera física*, ou na questão da *cura*.

Afirmamos que o reino de Deus, há muito prometido, entrou na história com Jesus Cristo, que não se contentou apenas em proclamar o reino, mas continuou a demonstrar a sua chegada pelas coisas extraordinárias que fez. Seu poder era especialmente evidente no corpo humano: ele curou os doentes, expulsou os demônios e ressuscitou os mortos.

Ele também deu autoridade aos Doze e aos Setenta para ampliar sua missão em Israel e para realizar milagres. Quanto mais ele pretendia ampliar sua autoridade é um assunto em discussão. De um modo geral, os milagres e os sinais eram “as marcas de um apóstolo” verdadeiro.⁴⁵ No entanto, seria insensato tentar limitar ou domesticar Deus. Devemos permitir que ele use sua liberdade e sua soberania, estando inteiramente abertos à possibilidade de milagres físicos hoje.

Mas o reino de Deus ainda não chegou em toda a sua plenitude. Pois “o reino do mundo” ainda não “se tornou de nosso Senhor e do seu Cristo”, quando “ele reinará para todo o sempre”.⁴⁶ Em particular, nosso corpo ainda não foi redimido, e a natureza ainda não foi inteiramente submetida ao governo de Cristo.

Então nós temos de reconhecer a tensão entre o “já” e o “ainda não” também nessa esfera. Para ter certeza, nós experimentamos “os poderes da era que há de vir”,⁴⁷ mas até agora isso continua sendo apenas um gostinho. Parte da nossa experiência cristã é que a vida de ressurreição de Jesus é “revelada em nosso corpo”.⁴⁸ Ao mesmo tempo, nosso corpo permanece frágil e mortal. Reivindicar uma saúde perfeita agora seria antecipar nossa ressurreição. A ressurreição corporal de Jesus foi o penhor, e de fato o

começo, da nova criação de Deus. Mas Deus ainda não pronunciou a palavra decisiva: “Estou fazendo novas todas as coisas”.⁴⁹ Aqueles que descartam a própria possibilidade de milagres hoje se esquecem do “já” do reino, enquanto aqueles que os esperam como o que tem sido chamado de “vida cristã normal” esquecem que o reino “ainda não” é.

IGREJA E SOCIEDADE

Em quarto lugar, a mesma tensão é experimentada na *esfera eclesial*, ou a questão da *disciplina da igreja*.

Jesus, o Messias, reúne à sua volta um povo que lhe pertence, uma comunidade caracterizada pela verdade, pelo amor e pela santidade para a qual foi chamada. Mas Cristo ainda não apresentou sua noiva a si mesmo “como igreja gloriosa, sem mancha nem ruga ou coisa semelhante, mas santa e inculpável”.⁵⁰ Pelo contrário, a vida e o testemunho atuais da Igreja são marcados pelo erro, pela discórdia e pelo pecado.

Então, sempre que pensamos na Igreja, precisamos manter juntos o ideal e a realidade. A Igreja está comprometida com a verdade e propensa ao erro, unida e dividida, pura e impura. Não significa que temos de aceitar suas falhas. Devemos acalentar a visão tanto da pureza doutrinária e ética quanto da unidade visível da Igreja. Somos chamados a combater “o bom combate da fé”,⁵¹ e a fazer “todo o esforço para conservar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz”.⁵² E, na busca destas coisas, há lugar para disciplina em casos de heresia ou pecado grave.

Mesmo assim, o erro e o mal não vão ser erradicados completamente da Igreja neste mundo. Eles continuarão a coexistir com a verdade e a bondade. “Deixem que cresçam juntos até a colheita”, disse Jesus na parábola do trigo

e do joio.⁵³ Nem a Bíblia nem a história da Igreja justificam o uso de severas medidas disciplinares na tentativa de garantir uma Igreja perfeitamente pura neste mundo.

A quinta área de tensão entre o “agora” e o “antes”, o “já” e o “ainda não”, é a *esfera social*, ou a questão do *progresso*.

Afirmamos que Deus está trabalhando na sociedade humana. Isto, em parte, se deve à sua “graça comum”, ao dar ao mundo as bênçãos da família e do governo, pelos quais o mal é contido e os relacionamentos são ordenados. E é também por meio dos membros da sua comunidade redimida, que penetram na sociedade como sal e luz, fazendo a diferença ao impedir a decadência e dissipar as trevas.

Mas Deus ainda não criou os prometidos “novos céus e nova terra, onde habita a justiça”.⁵⁴ Ainda existem “guerras e rumores de guerras”.⁵⁵ As espadas ainda não foram forjadas em arados, nem as lanças em foices.⁵⁶ As nações ainda não renunciaram à guerra como um método para resolver suas disputas. O egoísmo, a crueldade e o medo continuam.

Portanto, embora seja correto fazer campanha pela justiça social e ter expectativas de que a sociedade melhore, sabemos que nunca poderemos torná-la perfeita. Embora conheçamos o poder transformador do evangelho e os efeitos benéficos do sal e da luz dos cristãos, também sabemos que o mal está enraizado na natureza humana e na sociedade humana. Somente Cristo em sua segunda vinda erradicará o mal e entronizará a justiça para sempre.

Aqui, então, estão cinco áreas (intelectual, moral, física, eclesiástica e social) nas quais é vital preservar a tensão entre o “já” e o “ainda não”.

TRÊS TIPOS DE CRISTÃO

Existem três tipos distintos de cristãos, de acordo com a extensão em que eles conseguem manter este equilíbrio bíblico.

Em primeiro lugar, há os “*cristãos já*”, que enfatizam o que Deus já nos deu em Cristo. Mas eles dão a impressão de que, em consequência, não há mais mistérios, não há pecados que não possam ser vencidos, não há doenças que não possam ser curadas nem males que não possam ser erradicados. Em suma, eles parecem acreditar que a perfeição pode ser alcançada agora.

Seus motivos são irrepreensíveis. Eles querem glorificar a Cristo – então eles se recusam a estabelecer limites para o que ele é capaz de fazer. Mas seu otimismo pode facilmente degenerar em presunção e acabar em desilusão. Eles se esquecem do “ainda não” do Novo Testamento e de que a perfeição aguarda a segunda vinda de Cristo.

Em segundo lugar, há os *cristãos “ainda não”*, que enfatizam a incompletude da obra de Cristo para o momento e aguardam ansiosamente o momento em que ele vai completar o que começou. Mas eles parecem estar preocupados com a nossa ignorância e fracasso humanos, o reinado penetrante de doença e da morte e a impossibilidade de garantir uma igreja pura ou uma sociedade perfeita.

Seu motivo também é excelente. Se os “cristãos já” querem glorificar a Cristo, os “cristãos ainda não” querem humilhar os pecadores. Eles estão determinados a ser fiéis à Bíblia para enfatizar nossa depravação humana. Mas seu pessimismo pode facilmente degenerar em complacência; ele também pode levar à aceitação do *status quo* e à apatia diante do mal. Eles se esquecem do que Cristo “já” fez por sua morte, ressurreição e envio do Espírito – e do que ele pode fazer em nossa vida e, como resultado, na Igreja e na sociedade.

Em terceiro lugar, existem os “*cristãos já/ainda não*”. Eles querem dar igual peso às duas vindas de Jesus. Por um lado, eles têm muita confiança no “já”, no que Deus disse e fez por meio de Cristo. Por outro lado, eles exibem uma humildade genuína diante do “ainda não”, humildade para confessar que o mundo vai permanecer caído e meio salvo até que Cristo aperfeiçoe em sua segunda vinda aquilo que ele começou na primeira vinda.

É essa combinação do “já” e do “ainda não” que caracteriza o evangelicalismo bíblico autêntico e que exemplifica o equilíbrio que é tão urgentemente necessário hoje.

Nossa posição como “cristãos contemporâneos” repousa com segurança sobre a pessoa de Jesus, cuja morte e ressurreição pertencem ao “já” do passado, e cuja gloriosa segunda vinda pertence ao “ainda não” do futuro. Como aclamamos em fé e triunfo:

Cristo morreu!

Cristo ressuscitou!

Cristo virá novamente!

Notas

PREFÁCIO

1. Apocalipse 1.8.↵
2. Hebreus 13.8↵

INTRODUÇÃO DA SÉRIE

1. Salmos 119.105; cf. 2 Pedro 1.19.↵
2. Bonhoeffer, Dietrich. Letters and Papers from Prison [Cartas e papéis da prisão]. SCM Press, 1971. p. 279.↵
3. Mateus 11.19.↵
4. Veja Pelikan, Jaroslav. Jesus Through the Centuries [Jesus através dos séculos]. Yale University Press, 1985. p. 182-193.↵
5. 2 Coríntios 11.4.↵
6. 2 Timóteo 1.15; cf. 4.11, 16.↵
7. Atos 26.25.↵
8. Ezequiel 2.6-7.↵

CAPÍTULO 1

1. Tiago 3.8.↵

2. Tiago 1.19-20.↵
3. Veja Nourse, Alan E. The Body [O corpo]. Time Life, 1968. Também dois livros de Paul Brand e Philip Yancey intitulados In His Image [À sua imagem] (Hodder & Stoughton, 1984) e Fearfully and Wonderfully Made [Feito de modo assombrosamente maravilhoso] (Hodder & Stoughton, 1981).↵
4. Deuteronômio 30.20.↵
5. Salmos 95.7 (NVT).↵
6. Jeremias 13.10; cf. Isaías 30.9.↵
7. Zacarias 7.13; cf. Jeremias 21.10-11.↵
8. Gênesis 22.1.↵
9. 1 Samuel 3.4,6,8,10.↵
10. Atos 9.3-7.↵
11. Êxodo 33.11.↵
12. Deuteronômio 34.10.↵
13. João 10.3-5.↵
14. Efésios 2.20.↵
15. Mateus 7.16; 1 Tessalonicenses 5.20-22.↵
16. Hebreus 4.12.↵
17. Efésios 6.17.↵
18. Por exemplo, Lucas 10.26.↵
19. Por exemplo, Mateus 19.4; 21.42.↵
20. Por exemplo, Romanos 4.3; Gálatas 4.30.↵
21. Por exemplo, Apocalipse 2.7.↵
22. 1 Samuel 3.9-10.↵
23. Isaías 50.4.↵
24. Lucas 10.39.↵

25. Lucas 10.42.↵
26. Provérbios 12.15; cf. 13.10; 15.12, 22; 20.18.↵
27. Provérbios 15.31; cf. 9.8; 17.10; 25.12; 27.5.↵
28. Provérbios 18.15.↵
29. Provérbios 1.8.↵
30. Reader's Digest, setembro de 1937.↵
31. Ibid., p. xv.↵
32. Oates, Stephen B. Abraham Lincoln: The Man Behind the Myths [Abraham Lincoln: O homem por trás dos mitos]. New American Library, 1984. p. 125-126.↵
33. Veja, por exemplo, Evangelism and Social Responsibility: An Evangelical Commitment [Evangelismo e Responsabilidade Social: Um Compromisso Evangélico], conhecido como "The Grand Rapids Report". Paternoster, 1982. Especialmente p. 5-7.↵
34. Bonhoeffer, Dietrich. Life Together [Vida em Comunhão]. Harper and Brothers, 1954. p. 97-99.↵
35. Provérbios 18.13.↵
36. De um artigo intitulado Presence and Proclamation [Presença e proclamação], lido em uma Consulta Europeia sobre Estudos de Missão, em abril de 1968.↵
37. Warren, M. A. C. Crowded Canvas [Tela abarrotada]. Hodder & Stoughton, 1974. p. 16, 18.↵
38. Provérbios 12.16.↵
39. Provérbios 21.13.↵

CAPÍTULO 2

1. Marcos 12.30.↵
2. Romanos 12.2; Efésios 4.23.↵
3. Por exemplo, Efésios 4.26; 1 Pedro 1.22.↵
4. Atos 24.16.↵
5. Por exemplo, Mateus 6.10; Marcos 14.36; Colossenses 4.12.↵
6. 1 Coríntios 14.20.↵
7. Newbigin, Lesslie. Foolishness to the Greeks [Loucura para os gregos]. SPCK, 1986. p. 70.↵
8. Lloyd-Jones, D. Martyn. The Christian Warfare [A luta do cristão]. Banner of Truth, 1976. p. 114.↵
9. 2 Coríntios 5.7.↵
10. H. L. Mencken, que escreveu para o Baltimore Sun e às vezes era chamado de “o sábio de Baltimore”.↵
11. 1 Coríntios 2.1-5.↵
12. Atos 18.4.↵
13. Atos 19.9-10.↵
14. Atos 26.25.↵
15. Filipenses 1.7.↵
16. Chaim Potok. The Chosen [O escolhido]. 1967. Penguin, 1970.↵
17. Ibid., p. 200.↵
18. Ibid., p. 273.↵
19. Ibid., p. 274.↵
20. Ibid., p. 277.↵
21. Por exemplo, Oseias 11.8-9.↵
22. Romanos 5.5.↵
23. Romanos 8.15-16.↵
24. 1 João 3.1.↵

25. 1 Pedro 1.8.↵
26. Romanos 8.22-25; 2 Coríntios 5.2-4.↵
27. 2 Coríntios 5.19-20.↵
28. Por exemplo, Atos 20.19, 31; Filipenses 3.18.↵
29. Lloyd-Jones, D. Martyn. Preaching and Preachers [Pregação e pregadores]. Hodder & Stoughton, 1971. p. 97.↵
30. 1 Coríntios 15.26.↵
31. Cf. Marcos 14.5.↵
32. Warfield, B. B. The Person and Work of Christ [A pessoa e obra de Cristo]. Presbyterian & Reformed, 1950. p. 115-117.↵
33. Geldof, Bob; Vallely, Paul. Is That It? [É isso?]. Penguin, 1986. p. 269.↵
34. Ibid., p. 271.↵
35. Ibid., p. 386.↵
36. Efésios 4.26.↵
37. Gálatas 5.19-21.↵
38. Lucas 24.32.↵
39. Citado por Turnbull, Ralph G. em A Minister's Obstacles [Obstáculos de um ministro]. 1946. Baker, 1972. p. 97.↵
40. 2 Coríntios 5.14.↵

CAPÍTULO 3

1. Efésios 2.10.↵
2. Efésios 5.17.↵
3. Colossenses 1.9.↵
4. Colossenses 4.12.↵

5. Romanos 8.29.↵
6. Salmos 25.9.↵
7. Mateus 7.7; Tiago 4.2.↵
8. Provérbios 13.10.↵
9. Salmos 32.8-9.↵
10. Mateus 2.13.↵
11. Por exemplo, Gálatas 5.8; 1 Pedro 1.15.↵
12. Por exemplo, Romanos 8.28; Hebreus 9.15.↵
13. Romanos 1.6.↵
14. 1 Pedro 3.9.↵
15. 1 Coríntios 1.9.↵
16. Marcos 3.14.↵
17. João 17.3.↵
18. Gálatas 5.13.↵
19. Colossenses 3.15.↵
20. 1 Coríntios 1.2.↵
21. Romanos 1.7.↵
22. Por exemplo, 1 Pedro 1.15; 1 Tessalonicenses 4.7; 2 Timóteo 1.9.↵
23. 1 Pedro 2.9.↵
24. 1 Pedro 2.20-21.↵
25. João 15.18,20.↵
26. Hebreus 3.1; cf. Filipenses 3.14.↵
27. 1 Pedro 5.10.↵
28. Romanos 8.17.↵
29. Efésios 4.1.↵
30. 1 Coríntios 7.20.↵
31. 1 Coríntios 7.20, 17.↵

32. 1 Coríntios 7.17, 20, 24.↵
33. 2 Coríntios 5.17.↵
34. 1 Coríntios 7.14.↵
35. 1 Coríntios 7.21.↵
36. Martinho Lutero. Weimarer Ausgabe (1883), v. 44. p. 130-131.↵
37. Weimarer Ausgabe, v. 52, p. 124.↵
38. Weimarer Ausgabe, v. 46, p. 166.↵
39. João Calvino. Institutas, III.x.6.↵
40. Perkins, William. A Treatise of the Vocations or Callings of Men [Um tratado sobre as vocações ou chamados dos homens]. Em The Work of William Perkins [A obra de William Perkins]. Courtenay Library of Reformation Classics. Ed. Ian Breward. Sutton Courtenay Press, 1970. p. 458.↵
41. Mather, Cotton. A Christian at His Calling [Um cristão em seu chamado]. 1701. p. 37.↵
42. Ibid., p. 37-38.↵
43. Veja The Willowbank Report: Gospel and Culture [O relatório Willowbank: Evangelho e cultura]. Especialmente cap. 6, “Wanted: Humble Messengers of the Gospel” [Procura-se: Humildes mensageiros do evangelho]. Comitê Lausanne para a Evangelização Mundial, 1978.↵
44. Mateus 7.11.↵
45. Romanos 12.2.↵

CAPÍTULO 4

1. Gálatas 5.22-23.↵
2. 1 Timóteo 6.12.↵
3. 1 Timóteo 6.20 (ARC); cf. 2 Timóteo 1.14.↵
4. 2 Tessalonicenses 2.15.↵
5. Judas 3.↵
6. 1 Coríntios 13.2. 1 Coríntios 8.1.↵
7. 1 Coríntios 8.1.↵
8. Romanos 3.28.↵
9. Martinho Lutero. Commentary on the Epistle to the Galatians [Comentário sobre a Epístola aos Gálatas]. 1531. James Clarke, 1953. p. 101, 143.↵
10. Extraído de “Sermon on Salvation” [Sermão sobre a salvação]. First Book of Homilies [Primeiro Livro de Homilias]. 1547.↵
11. Beckwith, R. T.; Duffield, G. E.; Packer, J. I. Across the Divide [Além da divisa]. Lyttleton Press, 1977. p. 58.↵
12. 1 Coríntios 13.2.↵
13. 1 Pedro 1.8.↵
14. Filipenses 3.8.↵
15. 1 Coríntios 13.1-2.↵
16. 1 João 3.17.↵
17. 1 Coríntios 13.3.↵
18. 1 João 4.8,16.↵
19. 1 João 4.19.↵
20. Vitz, Paul. Psychology as Religion [Psicologia como religião]. Eerdmans, 1977.↵
21. Wells, David. No Place for Truth [Sem lugar para a verdade]. Eerdmans, 1996.↵

22. 1 Timóteo 1.16.↵
23. 1 Coríntios 13.4.↵
24. Gálatas 5.13.↵
25. Do artigo sobre egkrateia, de Walter Grundmann em TDNT 2 (1964).↵
26. Romanos 8.9.↵
27. Gálatas 5.17.↵
28. Gálatas 5.16.↵
29. Gálatas 5.17.↵
30. Gálatas 5.17 (NAA).↵
31. Lightfoot, J. B. Galatians [Gálatas]. 1865. p. 209.↵
32. Gálatas 5.19-21.↵
33. Gálatas 5.22-23.↵
34. Gálatas 5.22-23.↵
35. Gálatas 5.24.↵
36. Gálatas 5.16, 18, 25.↵
37. Lucas 9.23.↵
38. Efésios 5.18.↵
39. Gálatas 6.8.↵
40. Gálatas 6.7.↵
41. Por exemplo, João 15.11; 14.27.↵
42. Mateus 11.29.↵
43. 1 Pedro 2.23.↵
44. Romanos 8.29.↵
45. 2 Coríntios 3.18.↵
46. 1 João 3.2.↵
47. Por exemplo, Hebreus 12.4-11.↵

CONCLUSÃO

1. Marcos 1.15, como ele traduz êngiken.↵
2. Mateus 12.28, ephthasen.↵
3. Por exemplo, Marcos 1.14-15; Mateus 13.16-17.↵
4. Mateus 12.28-29; cf. Lucas 10.17-18.↵
5. Lucas 17.20-21.↵
6. Por exemplo, Marcos 10.15.↵
7. Mateus 6.10.↵
8. Mateus 6.33.↵
9. Marcos 9.47; cf. Mateus 8.11.↵
10. Mateus 25.34.↵
11. Por exemplo, Isaías 2.2; Mateus 12.32; Marcos 10.30.↵
12. Gálatas 1.4.↵
13. Colossenses 1.13; cf. Atos 26.18; 1 Pedro 2.9.↵
14. Efésios 2.6; Colossenses 3.1.↵
15. Por exemplo, Mateus 13.39; 28.20.↵
16. Romanos 12.2; 13.11-14; 1 Tessalonicenses 5.4-8.↵
17. Romanos 8.24; 5.9-10; 13.11.↵
18. Romanos 8.15, 23.↵
19. João 5.24; 11.25-26; Romanos 8.10-11. Salmos 110.1; Efésios 1.22; Hebreus 2.8.↵
20. Salmos 110.1; Efésios 1.22; Hebreus 2.8.↵
21. Romanos 8.24.↵
22. Filipenses 3.20-21; 1 Tessalonicenses 1.9-10.↵
23. Romanos 8.19.↵
24. Romanos 8.22-23, 26; 2 Coríntios 5.2, 4.↵

25. Romanos 8.23; 1 Coríntios 1.7.↵
26. Romanos 8.25.↵
27. Por exemplo, Isaías 32.15; 44.3; Ezequiel 39.29; Joel 2.28; Marcos 1.8; Hebreus 6.4-5.↵
28. Romanos 8.23.↵
29. 2 Coríntios 5.5; Efésios 1.14.↵
30. Hebreus 6.4-5.↵
31. Salmos 119.105.↵
32. 2 Coríntios 5.7.↵
33. Deuteronomio 34.10; cf. Números 12.8; Deuteronomio 3.24.↵
34. 1 Coríntios 13.9-12.↵
35. Deuteronomio 29.29.↵
36. 1 Tessalonicenses 4.7-8.↵
37. Gálatas 5.16-26.↵
38. 2 Coríntios 3.18.↵
39. Gálatas 5.17.↵
40. 1 João 1.8.↵
41. Filipenses 3.12-14; 1.6.↵
42. Por exemplo, Levítico 19.2.↵
43. João 8.11 (NAA).↵
44. Por exemplo, Romanos 7.17, 20; 8.9, 11.↵
45. 2 Coríntios 12.12.↵
46. Apocalipse 11.15.↵
47. Hebreus 6.5.↵
48. 2 Coríntios 4.10-11.↵
49. Apocalipse 21.5.↵
50. Efésios 5.27; cf. Apocalipse 21.2.↵

51. 1 Timóteo 6.12.↵

52. Efésios 4.3.↵

53. Mateus 13.30.↵

54. 2 Pedro 3.13; Apocalipse 21.1.↵

55. Marcos 13.7.↵

56. Isaías 2.4.↵

O DISCÍPULO

Categoria: Estudo Bíblico / Ética / Vida Cristã

Copyright © John Stott com Tim Chester, 2019. Todos os direitos reservados.

Publicado originalmente em 2019, por InterVarsity Press, Londres, Inglaterra.

Título original em inglês: *The Bible*

Publicado como o terceiro volume da série “O Cristão Contemporâneo”. Organizado por Tim Chester a partir do livro *The Contemporary Christian* (1992), de John Stott.

Primeira edição: Julho de 2021

Coordenação editorial: Bernadete Ribeiro

Tradução: Denis Timm

Revisão: Equipe de revisão Ultimato

Diagramação: Bruno Menezes

Capa: Rafael Brum

Produção do arquivo ePub: Booknando

A menos que indicado de outra forma, os textos bíblicos foram retirados da Nova Versão Internacional, da Sociedade Bíblica Internacional.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Lumos Assessoria Editorial

Bibliotecária: Priscila Pena Machado CRB-7/6971

S888

Stott, John.

A Bíblia : um livro como nenhum outro [recurso eletrônico] / John Stott e Tim Chester ; tradução Valéria Lamim Delgado Fernandes. — Viçosa : Ultimato, 2021.

Dados eletrônicos (e-Pub). — (O Cristão Contemporâneo ; 3) 340 p.

Título original: The disciple: a calling to be Christlike

ISBN 978-65-86173-23-9

1. Bíblia - Crítica, interpretação, etc. 2. Vida cristã. 3. Bíblia - Estudos bíblicos. I. Chester, Tim. II. Fernandes, Valéria Lamim Delgado. III. Título. IV. Série.

CDU 248.4

PUBLICADO NO BRASIL COM TODOS OS DIREITOS RESERVADOS POR:

EDITORA ULTIMATO LTDA

Caixa Postal 43

36570-970 Viçosa, MG

Telefone: 31 3611-8500

www.ultimato.com.br



facebook.com/editora.ultimato



twitter.com/ultimato



instagram.com/editoraultimato

• ORGANIZADO POR TIM CHESTER •



A BÍBLIA

UM LIVRO
COMO NENHUM OUTRO

JOHN STOTT



A BÍBLIA

JOHN STOTT

• ORGANIZADO POR **TIM CHESTER** •



A BÍBLIA

UM LIVRO COMO NENHUM OUTRO

TRADUZIDO POR **VALÉRIA LAMIM DELGADO FERNANDES**



Sumário

Capa

Folha de rosto

Prefácio

Uma nota ao leitor

Introdução da série “O Cristão Contemporâneo”

Introdução

1. Firmes na palavra

2. Respondendo à palavra

3. Transpondo a palavra

4. Expondo a palavra

Conclusão: o agora e o ainda não

Notas

Crédito

PREFÁCIO

SER “CONTEMPORÂNEO” é viver no presente e mover-se com os tempos sem se preocupar demais com o passado ou o futuro.

Ser um “cristão contemporâneo”, porém, é viver num presente que é enriquecido pelo nosso conhecimento do passado e pela nossa expectativa do futuro. Nossa fé cristã exige isso. Por quê? Porque o Deus em quem confiamos e que adoramos é “o Alfa e o Ômega... o que é, o que era e que há de vir, o Todo-poderoso”,¹ enquanto o Jesus Cristo que seguimos é “o mesmo, ontem, hoje e para sempre”.²

Assim, este livro e esta série falam de como os cristãos lidam com o tempo – como podemos unir o passado, o presente e o futuro em nosso pensar e viver. Temos diante de nós dois desafios principais. O primeiro é a tensão entre o “antes” (passado) e o “agora” (presente), e o segundo é a tensão entre o “agora” (presente) e o “ainda não” (futuro).

A introdução aborda o primeiro problema. É possível honrarmos verdadeiramente o passado e, ao mesmo tempo, vivermos no presente? Podemos preservar intacta a identidade histórica do cristianismo sem nos isolar daqueles que estão ao nosso redor? Podemos comunicar o evangelho de maneiras vibrantes e modernas, mas sem distorcê-lo ou até mesmo destruí-lo? Podemos ser autênticos e puros ao mesmo tempo, ou temos de escolher?

A conclusão aborda o segundo problema: a tensão entre o “agora” e o “ainda não”. Até onde podemos explorar e experimentar tudo o que Deus tem dito e feito por meio de Cristo sem nos desviar para o que ainda não foi revelado ou dado? Como podemos desenvolver um senso adequado de

humildade sobre um futuro que ainda vai se revelar sem nos tornarmos acomodados sobre onde estamos no presente?

Em meio a essas questões sobre as influências do passado e do futuro surge uma investigação sobre as nossas responsabilidades cristãs no presente.

Esta série trata de questões de doutrina e discipulado sob os cinco títulos: “O Evangelho”, “O Discípulo”, “A Bíblia” (o livro que você tem em mãos), “A Igreja” e “O Mundo”, embora eu não faça tentativa alguma de ser sistemático nem, muito menos, exaustivo.

Além da questão do tempo e das relações entre passado, presente e futuro, há um segundo tema que percorre esta série: a necessidade de falarmos menos e escutarmos mais.

Creio que somos chamados à difícil e até dolorosa tarefa da “dupla escuta”. Devemos escutar com atenção (embora, naturalmente, com diferentes graus de respeito) tanto a Palavra antiga como o mundo moderno, a fim de relacionar um ao outro com uma combinação de fidelidade e sensibilidade.

Cada livro desta série é uma tentativa de dupla escuta. É minha firme convicção que, se conseguirmos desenvolver a nossa capacidade de dupla escuta, evitaremos as armadilhas antagônicas da infidelidade e da irrelevância, e seremos verdadeiramente capazes de falar a Palavra de Deus ao mundo de Deus hoje de maneira eficaz.

ADAPTADO DO PREFÁCIO ORIGINAL ESCRITO POR JOHN STOTT EM 1991.

UMA NOTA AO LEITOR

O LIVRO ORIGINAL intitulado *O Cristão Contemporâneo*, no qual este volume e esta série estão baseados, pode não parecer “contemporâneo” para os leitores de hoje, mais de um quarto de século depois. Mas tanto a editora quanto os Executores Literários de John Stott estão convencidos de que as questões abordadas por John Stott neste livro são tão relevantes hoje como eram quando foram abordadas pela primeira vez.

A questão era como tornar esta obra seminal acessível para as novas gerações de leitores. Assim, procuramos fazer isso da seguinte maneira:

- A obra original foi dividida em uma série de volumes menores, levando em conta as cinco principais seções do original.
- Palavras que podem não comunicar ao leitor do século 21 foram atualizadas, ao mesmo tempo em que foi tomado grande cuidado para manter o processo de pensamento e o estilo do autor no original.
- Cada capítulo agora é seguido por perguntas feitas por um autor cristão atual e best-seller, a fim de ajudar a reflexão e a resposta.

Os amantes da obra original expressaram alegria pelo fato de este livro estar sendo disponibilizado de uma forma que amplia o seu alcance e influência em um novo século. Oramos para que você tenha a sua vida enriquecida por esta leitura, pois a vida de muitas pessoas já foi grandemente enriquecida pela edição original.

INTRODUÇÃO DA SÉRIE

O CRISTÃO CONTEMPORÂNEO O ANTES E O AGORA

A EXPRESSÃO “o cristão contemporâneo” atinge muitos como uma contradição em termos. Para muitos, o cristianismo não passa de uma relíquia antiga do passado remoto, irrelevante para as pessoas do mundo de hoje.

O meu propósito nesta série é mostrar que existe algo como “cristianismo contemporâneo” – não algo ultramoderno, mas um cristianismo original, histórico, ortodoxo e bíblico, sensivelmente relacionado com o mundo moderno.

CRISTIANISMO: TANTO HISTÓRICO COMO CONTEMPORÂNEO

Começamos reafirmando que o cristianismo é uma religião histórica. É claro que cada religião surgiu em um contexto histórico particular. O cristianismo, no entanto, faz uma reivindicação especialmente forte de ser histórico, porque repousa não só sobre uma *pessoa* histórica, Jesus de Nazaré, mas em certos *acontecimentos* históricos que o envolveram, especialmente o seu nascimento, morte e ressurreição. Há uma linha comum aqui com o judaísmo, a partir do qual o cristianismo surgiu. O Antigo

Testamento apresenta Deus não só como “o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó”, mas também como o Deus da aliança que ele fez com Abraão e, depois, renovou com Isaque e Jacó. Mais uma vez, ele não é apenas “o Deus de Moisés”, mas também é visto como o Redentor responsável pelo êxodo, que renovou a aliança mais uma vez no monte Sinai.

Os cristãos estão para sempre amarrados pelo coração e pela mente a estes acontecimentos históricos decisivos do passado. A Bíblia constantemente nos encoraja a olhar para eles com gratidão. De fato, Deus deliberadamente providenciou tudo para que o seu povo recordasse as suas ações salvadoras com regularidade. De modo emblemático, a Ceia do Senhor ou Eucaristia nos permite ter em mente a morte expiatória de Cristo, de modo regular, trazendo o passado para o presente.

Mas o problema é que os acontecimentos fundamentais do cristianismo ocorreram há muito tempo. Há alguns anos tive uma conversa com dois irmãos – estudantes que me disseram ter se afastado da fé professada pelos seus pais. Um deles agora era agnóstico, e o outro era ateu. Eu perguntei por quê. Será que eles não acreditavam mais na verdade do cristianismo? Não, o dilema deles não era se o cristianismo era *verdadeiro*, mas se era *relevante*. E como poderia ser? O cristianismo – eles continuaram – era uma religião primitiva da Palestina de muito tempo atrás. Então, o que tinha para oferecer a eles, que viviam no agitado mundo moderno?

Esta visão do cristianismo é generalizada. O mundo mudou dramaticamente desde os dias de Jesus e continua a mudar com uma velocidade cada vez mais desconcertante. As pessoas rejeitam o evangelho não necessariamente porque pensam que ele seja falso, mas porque já não diz nada para elas.

Em resposta a isso, precisamos ser claros sobre a convicção cristã básica de que Deus continua a falar por meio do que ele falou. A sua Palavra não é

um fóssil pré-histórico, mas uma mensagem viva para o mundo contemporâneo. Mesmo admitindo as particularidades históricas da Bíblia e as imensas complexidades do mundo moderno, ainda existe uma correspondência fundamental entre elas. A Palavra de Deus permanece uma lâmpada para os nossos pés e uma luz para o nosso caminho.¹

No entanto, nosso dilema permanece. Será que o cristianismo consegue, ao mesmo tempo, manter a sua identidade autêntica e demonstrar a sua relevância?

O desejo de apresentar Jesus de uma maneira que apele para a nossa própria geração é obviamente certo. Esta foi a preocupação do pastor alemão Dietrich Bonhoeffer enquanto estava na prisão durante a Segunda Guerra Mundial: “O que mais me preocupa”, escreveu ele, “é a questão: [...] ‘quem Cristo realmente é, hoje, para cada um de nós?’”.² É uma questão difícil. Ao responder a ela, a Igreja em todas as gerações tinha tendência a desenvolver imagens de Cristo que se desviam do retrato pintado pelos autores do Novo Testamento.

TENTATIVA DE MODERNIZAR JESUS

Aqui estão algumas das muitas tentativas da Igreja de apresentar um retrato contemporâneo de Cristo, algumas das quais têm sido mais bem-sucedidas do que outras quanto a permanecer fiel ao original.

Penso em primeiro lugar em *Jesus, o asceta*, que inspirou gerações de monges e eremitas. Ele era muito parecido com João Batista, pois também vestia roupas feitas de pelo de camelo, usava sandálias ou até andava descalço e comia gafanhotos com prazer evidente. Mas seria difícil conciliar

este retrato com a crítica dos seus contemporâneos de que ele era um festeiro que vivia “comendo e bebendo”.³

Também havia *Jesus, o pálido galileu*. O imperador apóstata Juliano tentou restabelecer os deuses pagãos de Roma depois que Constantino os substituiu pela adoração a Cristo, e relata-se que ele teria dito o seguinte em seu leito de morte, em 363 depois de Cristo: “Venceste, ó galileu”. Suas palavras foram popularizadas por um poeta do século 19, Swinburne:

Venceste, ó pálido galileu;

O mundo tornou-se cinzento do ar que respiras.

Esta imagem de Jesus foi perpetuada na arte medieval e vitrais, com um halo celeste e uma pele sem cor, olhos levantados para o céu e pés que não tocavam o chão.

Em contraste com as apresentações de Jesus como fraco, sofredor e derrotado, havia *Jesus, o Cristo cósmico*, muito amado pelos líderes da igreja bizantina. Eles o descreveram como o Rei dos reis e Senhor dos senhores, o Criador e governante do universo. No entanto, exaltado acima de todas as coisas, glorificado e reinando, ele parecia distante do mundo real e até mesmo da sua própria humanidade, como foi revelado na encarnação e na cruz.

No extremo oposto do espectro teológico, os deístas do Iluminismo dos séculos 17 e 18, à própria imagem deles, construíram *Jesus, o mestre do senso comum*,⁴ inteiramente humano e nada divino. O exemplo mais dramático é a obra de Thomas Jefferson, presidente dos Estados Unidos de 1801 a 1809. Rejeitando o sobrenatural como algo incompatível com a razão, ele produziu a sua própria edição dos Evangelhos, em que todos os milagres e mistérios

foram sistematicamente eliminados. O que resta ali é um guia para um professor de moral meramente humana.

No século 20, fomos apresentados a uma ampla gama de opções. Duas das mais conhecidas devem sua popularidade a musicais. Há *Jesus, o palhaço de Godspell*, que passa o tempo cantando e dançando, e assim capta algo da alegria de Jesus, mas dificilmente leva a sério a sua missão. Um pouco semelhante é *Jesus Cristo Superstar*, a celebridade desiludida, que uma vez pensou que sabia quem era, mas no Getsêmani já não tinha tanta certeza.

O falecido presidente de Cuba Fidel Castro referiu-se frequentemente a Jesus como “um grande revolucionário”, e houve muitas tentativas de retratá-lo como *Jesus, o lutador da liberdade*, o guerrilheiro urbano, o Che Guevara do primeiro século, com barba negra e olhos brilhantes, cujo gesto mais característico foi derrubar as mesas dos cambistas e expulsá-los do templo com um chicote.

Esses diferentes retratos ilustram a tendência recorrente de atualizar Cristo de acordo com as modas atuais. Isso começou na era apostólica, com a necessidade de Paulo advertir sobre os falsos mestres que pregavam “um Jesus que não é aquele que [nós, os apóstolos] pregamos”.⁵ Cada geração que chega tende a ler para si as suas próprias ideias e esperanças, criando um Jesus à sua própria imagem.

A motivação deles até é certa (pintar um retrato contemporâneo de Jesus), mas o resultado é sempre distorcido (como o retrato não é autêntico). O desafio diante de nós é apresentar Jesus à nossa geração de maneiras ao mesmo tempo precisas e atraentes.

CHAMADO À DUPLA ESCUTA

A principal razão de cada traição ao Jesus autêntico é que prestamos muita atenção às tendências contemporâneas e muito pouca atenção à Palavra de Deus. A sede de relevância torna-se tão exigente que sentimos a necessidade de ceder a ela, custe o que custar. Tornamo-nos escravos da última moda, preparados para sacrificar a verdade no altar da modernidade. A busca da relevância degenera para um desejo de popularidade. No extremo oposto da irrelevância está a acomodação, uma rendição covarde e sem princípios ao *espírito do tempo*.

O povo de Deus vive em um mundo que pode ser ativamente hostil. Estamos constantemente expostos à pressão para nos conformarmos a este mundo.

Graças a Deus, no entanto, que sempre houve aqueles que ficaram firmes, às vezes sozinhos, e se recusaram a ceder. Penso em Jeremias, no sexto século antes de Cristo, Paulo, em sua época (“todos... me abandonaram”),⁶ Atanásio, no século quarto, e Lutero, no século 16.

Em nossos dias, também precisamos decidir apresentar o evangelho bíblico de tal forma a lidar com os dilemas modernos, medos e frustrações, mas com a igual determinação de não comprometê-lo ao fazermos isso. Algumas *pedras de tropeço* são intrínsecas ao evangelho original e não podem ser eliminadas ou empurradas suavemente para torná-lo mais fácil de aceitar. O evangelho contém algumas características tão estranhas ao pensamento moderno que sempre poderá parecer tolo, por mais que nos esforcemos para mostrar que ele é “verdadeiro e de bom senso”.⁷ A cruz será sempre um ataque à autojustiça humana e um desafio à autoindulgência humana. O seu “escândalo” (pedra de tropeço) simplesmente não pode ser removido. A Igreja fala mais autenticamente não quando se torna indistinta do mundo ao nosso redor, mas justamente quando a sua luz distintiva brilha mais.

Por mais que estejamos desejosos de comunicar a Palavra de Deus aos outros, devemos ser fiéis a essa Palavra e, se necessário, estar preparados para sofrer por ela. A palavra de Deus a Ezequiel nos encoraja: “Não tenha medo dessa gente [...] Você lhes falará as minhas palavras, quer ouçam, quer deixem de ouvir, pois são rebeldes”.⁸ Somos chamados para ser fiéis e relevantes, não meramente modernos.

Como, então, podemos desenvolver uma mente cristã que seja moldada pelas verdades do cristianismo histórico e bíblico e, ao mesmo tempo, totalmente imersa nas realidades do mundo contemporâneo? Temos de começar com uma dupla recusa. Nós nos recusamos a ficar tão absorvidos na Palavra, que *fugimos* para ela, que falhamos em deixar que ela confronte o mundo; e nos recusamos a ficar tão absorvidos no mundo, que nos *conformamos* a ele e deixamos de submetê-lo ao julgamento da Palavra.

Em lugar desta dupla recusa, somos chamados à dupla escuta. Precisamos escutar a Palavra de Deus com expectativa e humildade, prontos para Deus talvez nos confrontar com uma palavra que pode ser perturbadora e inesperada. E devemos também escutar o mundo ao nosso redor. As vozes que ouvimos podem assumir a forma de protesto agudo e estridente. Haverá também os gritos angustiados daqueles que estão sofrendo, e a dor, a dúvida, a raiva, a alienação e até mesmo o desespero daqueles que estão em desacordo com Deus. Escutamos a Palavra com humilde reverência, ansiosos para compreendê-la, e resolvemos crer e obedecer ao que passamos a entender. Escutamos o mundo com atenção crítica, ansiosos para compreendê-lo, e resolvemos não necessariamente acreditar e obedecer-lhe, mas simpatizar com ele e procurar graça para descobrir como o evangelho se relaciona com ele.

Todos acham difícil escutar. Mas será que os cristãos, às vezes, têm mais dificuldade para escutar do que os outros? Podemos aprender com os

chamados “consoladores” do livro de Jó, no Antigo Testamento. Eles começaram bem. Quando ouviram falar dos problemas de Jó, foram visitá-lo e, vendo quão grandes eram os seus sofrimentos, nada lhe disseram durante uma semana inteira. Se ao menos tivessem continuado como começaram e mantido a boca fechada! Em vez disso, eles propuseram a sua visão convencional – a visão de que o pecador sofre por causa dos seus próprios pecados – da maneira mais insensível. Eles realmente não escutaram o que Jó tinha a dizer. Eles se limitaram a repetir o seu próprio discurso impensado e sem coração, até que, no final, Deus entrou em cena e os repreendeu por terem deturpado a situação.

Precisamos cultivar essa “dupla escuta”, a capacidade de escutar duas vozes ao mesmo tempo – a voz de Deus por meio da Bíblia e as vozes de homens e mulheres ao nosso redor. Essas vozes muitas vezes se contradizem, mas o nosso propósito ao escutá-las é descobrir como elas se relacionam umas com as outras. A dupla escuta é algo indispensável para o discipulado cristão e para a missão cristã.

Somente por meio desta disciplina de dupla escuta é possível tornar-se um “cristão contemporâneo”. Nós juntamos o “histórico” e o “contemporâneo” enquanto aprendemos a aplicar a Palavra ao mundo, proclamando a boa-nova que é tanto verdadeira como nova.

Para resumir, vivemos no “agora” à luz do que já aconteceu “antes”.

INTRODUÇÃO

A BÍBLIA

“NÓS LHE APRESENTAMOS ESTE LIVRO, a coisa mais valiosa que este mundo pode oferecer. Aqui está a sabedoria; esta é a lei do reino; estes são os oráculos vivos de Deus.” Com essas palavras, durante a cerimônia de coroação, o moderador da Assembleia Geral da Igreja da Escócia entregou à rainha Elizabeth um exemplar da Bíblia quando ela foi coroada, em 1953.

Talvez seja tentador ignorar essas afirmações sobre a Bíblia como se fossem retórica inútil, não fossem as sucessivas gerações de cristãos as terem tomado como verdadeiras. A Escritura sempre nos trouxe luz nas trevas, força na fraqueza, conforto na tristeza. E, por isso, endossamos prontamente a declaração do salmista de que as palavras de Deus “são mais desejáveis do que o ouro, do que muito ouro puro; são mais doces do que o mel, do que as gotas do favo”.¹

Portanto, tem sido desolador para o Ocidente ver a Bíblia sendo destituída de sua posição de autoridade reconhecida, não apenas na nação, mas também na Igreja. Há pouca esperança de uma reforma nacional completa ou renovação da Igreja, a menos que a Palavra de Deus seja, mais uma vez, amplamente respeitada e seu ensino seja obedecido.

Este livro é minha pequena contribuição para esse objetivo, uma vez que escrevo sobre a necessidade urgente de permanecer na Palavra de Deus, responder a ela, interpretá-la e expô-la.

FIRMES NA PALAVRA

UM TEMA RECORRENTE dos autores do Novo Testamento é que o povo de Deus deve permanecer firme. Por um lado, devemos resistir às pressões intelectuais e morais de nosso mundo contemporâneo e nos recusar a nos conformar com as tendências e modas de nossa época. Não devemos nos permitir deslizar, escorregar e cair na lama da relatividade. Não podemos deixar que nos arranquem de nosso ancoradouro nem que sejamos arrastados pela enchente. Por outro lado, somos categoricamente chamados a perseverar na verdade que recebemos, a nos apegar a ela como um abrigo seguro na tempestade e a permanecer firmes neste alicerce.

Aqui estão alguns exemplos desse tipo de exortação, dados por três dos maiores colaboradores do Novo Testamento.

Paulo: “Portanto, irmãos, permaneçam firmes e apeguem-se às tradições que lhes foram ensinadas”.¹

Hebreus: “É preciso que prestemos maior atenção ao que temos ouvido, para que jamais nos desviemos”.²

João: “Cuidem para que aquilo que ouviram desde o princípio permaneça em vocês”.³ “Todo aquele que não permanece no ensino de Cristo, mas vai além dele, não tem Deus; quem permanece no ensino tem o Pai e também o Filho.”⁴

Comum a essas citações é o reconhecimento de que certas verdades foram “ensinadas” ou “transmitidas” pelos apóstolos e, conseqüentemente, foram “ouvidas” ou “recebidas” pela Igreja. Esse conjunto de doutrinas era agora

um depósito sagrado a ser guardado.⁵ Ele possuía uma qualidade normativa. A Igreja deveria permanecer nesse conjunto de doutrinas e se apegar a ele, não se afastando dele, nem indo além dele, de forma a contradizê-lo.

Parte da recomendação final de Paulo a Timóteo elabora esse tema. Para entender as suas implicações, precisamos observar o texto de 2 Timóteo 3.1–4.8:

Saiba disto: nos últimos dias sobrevirão tempos terríveis.

Os homens serão egoístas, avaros, presunçosos, arrogantes, blasfemos, desobedientes aos pais, ingratos, ímpios, sem amor pela família, irreconciliáveis, caluniadores, sem domínio próprio, cruéis, inimigos do bem, traidores, precipitados, soberbos, mais amantes dos prazeres do que amigos de Deus, tendo aparência de piedade, mas negando o seu poder. Afaste-se também destes. São estes os que se introduzem pelas casas e conquistam mulherzinhas sobrecarregadas de pecados, as quais se deixam levar por toda espécie de desejos.

Elas estão sempre aprendendo, mas não conseguem nunca de chegar ao conhecimento da verdade.

Como Janes e Jambres se opuseram a Moisés, esses também resistem à verdade. A mente deles é depravada; são reprovados na fé. Não irão longe, porém; como no caso daqueles, a sua insensatez se tornará evidente a todos.

Mas você tem seguido de perto o meu ensino, a minha conduta, o meu propósito, a minha fé, a minha paciência, o meu amor, a minha perseverança, as perseguições e os sofrimentos que enfrentei, coisas que me aconteceram em Antioquia, Icônio e Listra. Quanta perseguição suportei! Mas, de todas essas coisas o Senhor me livrou!

De fato, todos os que desejam viver piedosamente em Cristo Jesus serão perseguidos.

Contudo, os perversos e impostores irão de mal a pior, enganando e sendo enganados.

Quanto a você, porém, permaneça nas coisas que aprendeu e das quais tem convicção, pois você sabe de quem o aprendeu. Porque desde criança você conhece as sagradas letras, que são capazes de torná-lo sábio para a salvação mediante a fé em Cristo Jesus.

Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça, para que o homem de Deus seja apto e plenamente preparado para toda boa obra.

Na presença de Deus e de Cristo Jesus, que há de julgar os vivos e os mortos por sua manifestação e por seu Reino, eu o exorto solenemente:

Pregue a palavra, esteja preparado a tempo e fora de tempo, repreenda, corrija, exorte com toda a paciência e doutrina.

Pois virá o tempo em que não suportarão a sã doutrina; pelo contrário, sentindo coceira nos ouvidos, segundo os seus próprios desejos juntarão mestres para si mesmos.

Eles se recusarão a dar ouvidos à verdade, voltando-se para os mitos.

Você, porém, seja sóbrio em tudo, suporte os sofrimentos, faça a obra de um evangelista, cumpra plenamente o seu ministério. Eu já estou sendo derramado como uma oferta de bebida. Está próximo o tempo da minha partida.

Combati o bom combate, terminei a corrida, guardei a fé. Agora me está reservada a coroa da justiça, que o Senhor, justo Juiz, me dará naquele dia; e não somente a mim, mas também a todos os que amam a sua vinda.

PERMANECENDO NA PALAVRA

A exortação de Paulo a Timóteo foi dada tendo como contexto o tipo de sociedade em que ele vivia (3.1-13). Era um contexto hostil ao evangelho. E o evangelho não poderia ser remodelado com o intuito de se acomodar às ideias e padrões da sociedade. Pelo contrário, Paulo estava ciente de uma incompatibilidade fundamental entre a Palavra e o mundo. “Saiba disto”, escreveu ele: “Nos últimos dias sobrevirão tempos terríveis”.

É importante entender que, por “últimos dias”, o apóstolo não estava fazendo alusão a alguma época futura imediatamente anterior ao retorno de Cristo. No versículo 5, ele diz a Timóteo para “[afastar-se]” das pessoas que ele está descrevendo. Como Timóteo poderia evitá-las, se elas ainda não tivessem nascido? Não, os “últimos dias”, da perspectiva do Novo Testamento, começaram com Jesus Cristo. Jesus deu início a eles.⁶ Os últimos dias são, portanto, estes dias, os dias em que Timóteo viveu e em que nós também vivemos. São todo o período entre a primeira e a segunda vindas de Cristo.

Quais são as características dos últimos dias? Três delas parecem se destacar na descrição de Paulo.

A primeira é o *amor mal direcionado*. Das dezenove marcas distintivas que o apóstolo lista (v. 2-4), é notável que seis tenham relação com o amor. “Os homens serão egoístas, avarentos [...] sem amor [...] inimigos do bem [...] mais amantes dos prazeres do que amigos de Deus.” O significado da expressão “sem amor” deve ser entendido como “sem amor verdadeiro”. Essas pessoas não são totalmente desprovidas de amor; elas amam a si mesmas, amam o dinheiro e amam os prazeres. Mas esses são exemplos do amor *mal direcionado*. O eu, o dinheiro e o prazer são objetos inadequados do amor humano. Eles até se tornam ídólatras quando tiram Deus de seu

legítimo lugar como Aquele que deve ser amado com todo o nosso ser. No entanto, hoje vemos o amor mal direcionado em todos os lugares. O egoísmo, a cobiça e o hedonismo predominam, enquanto o primeiro e o segundo mandamentos, de amar a Deus e amar o próximo, são negligenciados. Além disso, quando o amor das pessoas está direcionado para coisas erradas, todos os seus relacionamentos acabam mal. Os homens se tornam “presunçosos, arrogantes, blasfemos, desobedientes [...] ingratos [...] irreconciliáveis, caluniadores” (v. 2-3).

A segunda característica de nossos tempos é a *religião vazia*. Nossos contemporâneos são descritos como “tendo aparência de piedade, mas negando o seu poder” (v. 5). Pode parecer contraditório que pessoas que têm o amor-próprio como característica também possam ser religiosas. Mas é o que Paulo afirma. De fato, é possível que a religião, que tem por finalidade expressar a adoração a Deus, se perverta em um meio de alimentação do ego. O nome adequado para essa distorção doentia é hipocrisia, e Jesus a atacou com veemência.⁷ Essa religião é “forma” sem “poder”, espetáculo exterior sem realidade interior. É também inimiga do evangelho, pois o cristianismo nominal endurece as pessoas contra o verdadeiro cristianismo.

Terceira, os últimos dias são caracterizados pelo *culto da mente aberta*. Paulo escreve sobre pessoas que “estão sempre aprendendo, e jamais conseguem chegar ao conhecimento da verdade” (v. 7). Elas ficam indecisas. Seu lema é a tolerância. Determinadas a evitar a dor de chegar a conclusões definitivas, elas têm a mania de manter a mente aberta. Não conseguem suportar o que C. S. Lewis chamou de “o tirano meio-dia da revelação”⁸; preferem o crepúsculo do pensamento livre. Negligenciam a distinção que Allan Bloom apontou entre dois tipos de “abertura” – “a abertura da indiferença [...] e a abertura que nos convida a ir em busca de conhecimento

e convicção”.² Este último é um aspecto da virtude cristã da humildade, reconhecendo que nosso entendimento é provisório e incompleto, e sempre buscando aumentá-lo. O primeiro, por outro lado, não apenas é um insulto à verdade, como também é pessoalmente perigoso. Ele nos expõe ao perigo, como disse certo bispo, de termos nossa mente tão aberta que nosso cérebro caia!

Eis aqui, então, três características de nosso tempo que a Escritura critica de maneira resoluta e nos orienta a evitar.

- Devemos amar a Deus e o nosso próximo e não direcionar de forma equivocada nosso amor para nós mesmos, para o dinheiro ou para o prazer.
- Devemos valorizar a realidade e o poder da religião acima de suas formas exteriores.
- Devemos nos submeter com humildade à revelação de Deus e não cultivar um agnosticismo insosso e pouco exigente.

Portanto, Paulo pede a Timóteo que seja diferente do mundo ao seu redor. Depois de descrever essas tendências pecaminosas, Paulo escreve duas vezes *su de*, que é traduzido como “Mas você” (v. 10) e “Quanto a você” (v. 14). Essas palavras introduzem as duas exortações do apóstolo a Timóteo para resistir ao espírito do mundo. A primeira exortação concentra-se no que Timóteo já sabe sobre Paulo: seu “ensino”, sua “conduta”, seu “propósito”, junto com sua “fé [...] paciência [...] amor [...] perseverança, as perseguições e os sofrimentos” (v. 10-13). Timóteo havia visto com seus próprios olhos o ministério de Paulo, incluindo a oposição e a perseguição que ele tivera de suportar em Antioquia, Icônio e Listra (v. 11). Pois o fato é que “todos os que desejam viver piedosamente em Cristo Jesus serão perseguidos” (v. 12),

uma vez que “os perversos e impostores”, que rejeitam o evangelho, “irão de mal a pior” (v. 13).

Assim, o apóstolo compara os baixos padrões do mundo com seu próprio ensino e conduta. Os dois eram irreconciliavelmente antagônicos. Daí a perseguição que Paulo tivera de suportar. Se Timóteo quisesse permanecer firme, ficando do lado de Paulo e contra o mundo, ele, sem dúvida, teria de sofrer também.

FIRMES NA PALAVRA

A menção de Paulo aos “perversos e impostores”, “enganando e sendo enganados”, que iriam “de mal a pior” (v. 13), leva-o ao seu segundo *su de*, “Quanto a você”. Dessa vez, em vez de olhar apenas para seu ensino, conduta e sofrimentos passados, dos quais Timóteo já tinha conhecimento, ele olha também para o futuro: “Quanto a você, porém, permaneça nas coisas que aprendeu e das quais tem convicção, pois você sabe de quem o aprendeu” (v. 14). Esses mestres com quem Timóteo havia aprendido são provavelmente, primeiro, sua mãe e sua avó, que lhe haviam ensinado o Antigo Testamento desde a infância (v. 15; cf. 1.5), e, segundo, o apóstolo, cujo “ensino” (v. 10) Timóteo conhecia e que está preservado para nós no Novo Testamento. Assim, Paulo compara dois grupos de mestres – de um lado, os impostores e enganadores do versículo 13, e, do outro lado, a mãe e o mentor (o próprio apóstolo) de Timóteo, que lhe haviam ensinado as Escrituras.

Hoje também devemos prestar atenção à mesma exortação. Não devemos ser como juncos soprados pelo vento. Não devemos nos curvar diante das tendências predominantes na sociedade, com sua cobiça e materialismo, seu relativismo e sua rejeição a todos os padrões absolutos de verdade e de

bondade. Em vez disso, devemos permanecer fiéis às Escrituras do Antigo e do Novo Testamentos.

Mas por quê? O que é a Escritura para ocupar um lugar tão importante em nossa vida? O apóstolo prossegue, enfatizando três dos seus aspectos fundamentais.

Primeiro, *as Sagradas Letras são capazes de tornar-nos sábios para a salvação mediante a fé em Cristo Jesus* (v. 15). Seu objetivo principal é prático. É mais um guia do que um livro didático, mais um livro de salvação do que um livro de ciência. Isso não quer dizer que os relatos bíblicos e científicos do mundo estejam em conflito, mas, sim, que são complementares. O propósito de Deus na Escritura não é revelar fatos que podem ser descobertos pelo método científico da observação e experimento, mas, sim, revelar verdades que estão além do escopo da ciência, em particular o caminho de Deus para a salvação por meio de Cristo.

É por isso que Jesus Cristo é o próprio centro da revelação bíblica, uma vez que ela dá testemunho dele.¹⁰ Como expressou J. J. von Allmen, “o coração da Escritura (que a resume e a torna viva) ou a cabeça da Escritura ([...] que a explica e a justifica) [...] é Jesus Cristo. Ler a Bíblia sem encontrá-lo é lê-la de forma errada, e pregar a Bíblia sem proclamá-lo é pregá-la com falsidade”.¹¹ É por nos instruir para receber a salvação que a Escritura nos instrui sobre Cristo, em quem pela fé recebemos a salvação. Além disso, amamos a Bíblia porque ela nos fala de Cristo. Ela é a imagem de Deus, o retrato de Cristo que Deus nos deu.

Segundo, *a Escritura é inspirada por Deus*. Uma versão bem conhecida traduz a expressão como “a Escritura é divinamente inspirada” [ARC]. Mas a NVI está correta ao usar as palavras “inspirada por Deus” como o equivalente preciso da expressão grega *theopneustos*. Isso nos diz que a Escritura é a Palavra de Deus, falada por Deus ou soprada pela boca de

Deus. A combinação implícita de boca, sopro e palavra nos mostra que o modelo de inspiração pretendido é o da fala humana. Pois a fala é a comunicação entre mentes. Muitas vezes guardamos o que está “em nossa mente” para nós mesmos. Mas, quando falamos, revestimos os pensamentos de nossa mente com as palavras de nossa boca.

Observamos também que o texto diz: “Toda a Escritura é inspirada por Deus” (v. 16). É quase certo que a versão bíblica, por outro lado, que traduz como “toda Escritura inspirada é útil” [tradução livre] está incorreta. Ela implica que, se toda Escritura inspirada é útil, deve haver outras Escrituras que não são inspiradas e, portanto, não são úteis. Contudo, em primeiro lugar, o conceito de “Escritura não inspirada” é uma contradição de termos, uma vez que a palavra “Escritura” simplesmente significa escrita inspirada. Em segundo lugar, tal versão omite, sem fundamento suficiente, a pequena palavra *kai*, que significa “e” ou “também”. Isso mostra que Paulo não está fazendo uma declaração (“toda Escritura inspirada é útil”), mas duas (“toda a Escritura é inspirada *e* útil”). De fato, é útil para nós justamente porque é inspirada por Deus.

No entanto, não devemos deturpar a verdade da inspiração. Quando Deus falou, ele não falou para o nada. Tampouco escreveu documentos e os deixou espalhados para serem descobertos, como Joseph Smith (fundador da Igreja Mórmon) afirmou com relação às suas placas de ouro. Nem ditou a Escritura para assessores que não eram partícipes dela, assim como os muçulmanos acreditam que Alá ditou o Alcorão em árabe para Maomé. De maneira nenhuma. Por processo de inspiração queremos dizer que os autores humanos, mesmo enquanto Deus falava com eles e por meio deles, estavam eles mesmos ativamente envolvidos na pesquisa histórica, na reflexão teológica e na composição literária. Pois grande parte da Escritura é narrativa histórica, e cada autor tem sua própria ênfase teológica e seu

próprio estilo literário. A inspiração divina não dispensou a cooperação humana nem eliminou as contribuições peculiares dos autores.

Portanto, “inspirada por Deus” não é a única consideração que a Escritura faz de si mesma, uma vez que não era só a boca de Deus que estava participando de sua elaboração. A mesma Escritura que diz “a boca do Senhor o disse”¹², diz também que Deus falou “pela boca de todos os seus santos profetas”.¹³ Da boca de quem saiu a Escritura, então? De Deus ou dos profetas? A única resposta bíblica é “de ambos”. De fato, Deus falou por meio dos autores humanos de tal maneira que suas palavras eram, ao mesmo tempo, as palavras deles, e as palavras deles eram as suas. Essa é a dupla autoria da Bíblia. A Escritura é, de igual modo, a Palavra de Deus e as palavras de seres humanos. Melhor ainda, é a Palavra de Deus por meio das palavras de seres humanos.

É essencial manter as duas autorias juntas. Alguns teólogos, antigos e modernos, católicos e protestantes, recorrem às duas naturezas de Cristo como analogia. Embora o paralelo não seja exato, é esclarecedor. Ao tratar da pessoa de Cristo (que é Deus e homem), não devemos afirmar sua divindade de tal forma a negar sua humanidade, nem afirmar sua humanidade de tal forma a negar sua divindade, mas, sim, afirmar ambas as coisas de igual modo, recusando-nos a permitir que uma contradiga a outra. Do mesmo modo, em nossa doutrina da Escritura, não devemos afirmar que ela é a Palavra de Deus de tal forma a negar que sejam palavras de seres humanos (o que é fundamentalismo), nem afirmar que são palavras de seres humanos de forma a negar que seja a Palavra de Deus (o que é o liberalismo), mas, sim, afirmar ambas as coisas de igual modo, recusando-nos a permitir que uma contradiga a outra. Portanto, por um lado, Deus falou,¹⁴ determinando o que queria dizer, mas sem abafar a personalidade dos autores humanos. Por outro, os homens falaram,¹⁵ usando suas

faculdades livremente, mas sem distorcer a verdade que Deus estava falando por meio deles.

Não temos o direito de declarar que essa combinação é impossível. Dizer isso, escreveu o doutor J. I. Packer, seria indicar

uma falsa doutrina de Deus – neste caso, particularmente de sua providência – [...] Pois pressupõe que Deus e o homem se relacionam de tal forma que não podem ser agentes livres na mesma ação. Se o homem age livremente (ou seja, voluntária e espontaneamente), Deus não o faz, e vice-versa. As duas liberdades se excluem mutuamente. Mas as afinidades dessa ideia têm a ver com o deísmo, não com o teísmo cristão [...] A cura para esse raciocínio tão falaz é compreender a ideia bíblica de que Deus coopera no livre exercício da própria mente do homem, com ele e por meio dele.¹⁶

A maneira como entendemos a Escritura influenciará a maneira como a lemos. Em particular, sua dupla autoria exige uma dupla abordagem. Uma vez que a Escritura é a Palavra de Deus, devemos lê-la como não lemos nenhum outro livro – ajoelhados, com humildade, com reverência, em oração, pedindo ao Espírito Santo que nos ilumine. Contudo, uma vez que as Escrituras também são as palavras de seres humanos, devemos lê-las como lemos *qualquer* outro livro, usando nossa inteligência, pensando, ponderando e refletindo, e prestando muita atenção às suas características literárias, históricas, culturais e linguísticas. Essa combinação de humilde reverência com reflexão crítica não é apenas possível; é indispensável.¹⁷

Terceiro, *toda a Escritura é útil* (v. 16-17). Ela é capaz de fazer mais do que nos instruir para receber a salvação (v. 15); também é “útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça” (v. 16). Em

outras palavras, é proveitosa tanto para a doutrina (ensinar a verdade e corrigir o erro) quanto para a ética (repreender o pecado e orientar para uma vida em retidão). Ela nos conduz na fé e no comportamento cristãos até que nos tornemos homens e mulheres de Deus, “plenamente [preparados] para toda boa obra” (v.17). Desse modo, a Bíblia tem um papel essencial a desempenhar em nosso crescimento até atingirmos a maturidade em Cristo, como veremos de maneira mais detalhada no próximo capítulo. Em contraste com os erros dos “perversos e impostores”, Timóteo deveria permanecer firme na Palavra de Deus, tanto nas Escrituras do Antigo Testamento quanto no ensino do apóstolo.

Graças a Deus pela Bíblia! Deus não nos deixou procurando nosso caminho na escuridão; ele nos deu uma luz para nos mostrar o caminho. Ele não nos abandonou para naufragarmos em mares agitados; a Escritura é uma rocha na qual podemos nos firmar. Nossa decisão deveria ser estudá-la, crer nela e obedecer-lhe.

PREGANDO A PALAVRA

Nem Timóteo nem qualquer outra pessoa tem o direito de monopolizar a Escritura. Pois ela não é propriedade privada de ninguém; é pública. Foi dada por Deus e pertence a todos. A Palavra de Deus foi anunciada para ser transmitida. Assim, o apóstolo, ciente da presença de Deus e da futura aparição de Cristo para nos julgar (4.1), faz a Timóteo esta exortação: “Pregue a Palavra” (v. 2). Ele deve proclamá-la como um mensageiro ou arauto da cidade. E deve fazer isso com ousadia, urgência e relevância, corrigindo, repreendendo e encorajando de acordo com a situação e a necessidade das pessoas, e “com toda a paciência e doutrina” (v. 2).

Isso era ainda mais necessário, acrescentou Paulo, porque estava chegando o tempo em que as pessoas “não [suportariam] a sã doutrina”. Em vez disso, sofrendo de uma estranha condição patológica chamada “coceira nos ouvidos”, elas dariam ouvidos aos mestres que dizem o que elas querem ouvir, em vez de ouvirem a verdade que Deus deseja lhes dizer (v. 3-4). No entanto, a relutância de algumas em ouvir a Palavra de Deus não é razão para desistirmos de pregá-la! Pelo contrário, Timóteo deveria perseverar, ser sóbrio, suportar a oposição e cumprir fielmente seu ministério, tanto como evangelista quanto como mestre (v. 5).

Uma das maiores necessidades da Igreja contemporânea é a exposição bíblica conscienciosa vinda do púlpito (veja o capítulo 4). O desconhecimento até mesmo dos rudimentos da fé é generalizado. Muitos cristãos são imaturos e instáveis. E a principal razão para esse lamentável estado de coisas é a escassez de pregadores bíblicos responsáveis, cuidadosos e equilibrados. O púlpito não é o lugar para expressar nossas próprias opiniões, mas para expor a Palavra de Deus.

O clímax da exortação do apóstolo está nos versículos 6 a 8. Em uma carta anterior, escrita cerca de dois anos antes, ele havia se descrito como um homem “já velho”.¹⁸ Agora ele escreve que chegou a hora de sua partida. Na verdade, o derramamento de sua vida como uma oferta de bebida já havia começado (v. 6). Olhando para sua carreira apostólica no passado, ele pode dizer que combateu o bom combate, terminou a corrida e guardou a fé (v. 7). Não tem do que se arrepender. Ele provavelmente está encarcerado na prisão subterrânea Mamertina, em Roma, da qual não espera ser libertado. Já visualiza na mente o brilho da espada do carrasco e, além dela, “a coroa da justiça” que, no último dia, Jesus, o justo Juiz, dará a ele e a “todos os que amam a sua vinda” (v. 8). É esse sentimento de que seu ministério está

chegando ao fim que o leva a exortar Timóteo a ficar firme na Palavra, permanecer nela e passá-la adiante.

Espero que não seja considerado pessoal demais se eu disser que entendo e sinto a pungência das palavras de Paulo, embora, é claro, eu não me atreva a me comparar a ele. Mas, enquanto escrevo estas palavras, acabo de comemorar meu septuagésimo aniversário, meus “setenta” anos estatutários.¹⁹ Então é natural que eu me pergunte: onde estão os Timóteos da próxima geração? Onde estão os jovens evangélicos que estão determinados pela graça de Deus a ficar firmes na Escritura, recusando-se a serem levados pelos ventos dominantes da moda, que estão decididos a permanecer na Escritura e a viver por ela, relacionando a Palavra com o mundo a fim de obedecer a ela, e com o compromisso de passá-la adiante à medida que se entregam ao ministério da exposição conscienciosa?



PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

por Tim Chester

1. Você acha que o ensino que você recebeu é “um depósito sagrado a ser guardado”? Como isso seria na prática?
2. Quando você se sente pressionado pelo mundo ao seu redor a abdicar da verdade da Escritura?
3. “Ler a Bíblia sem encontrar Cristo é lê-la de forma errada.” Você lê a Bíblia procurando encontrar Cristo?
4. A “dupla autoria [da Bíblia] exige uma dupla abordagem” – uma “combinação de humilde reverência com reflexão crítica”. Para você, o que é ler a Bíblia com humilde reverência?
5. Para você, o que é ler a Bíblia com reflexão crítica?

6. Tanto o apóstolo Paulo quanto John Stott escrevem como homens que estão chegando ao fim da vida e que desejam ver uma nova geração de pessoas comprometidas com a Bíblia. Como você responderia à pergunta de Stott: “Onde estão os Timóteos da próxima geração?”. Como você se encaixa na resposta?

CAPÍTULO 2

RESPONDENDO À PALAVRA

O CONCEITO DE revelação divina e de nossa necessidade de nos submetermos a ela é eminentemente racional e, do ponto de vista prático, saudável. É racional porque reconhece que o Deus infinito está totalmente acima de suas criaturas finitas e que nunca poderíamos tê-lo conhecido se ele não tivesse tomado a iniciativa de se fazer conhecido. É também saudável porque a submissão à autorrevelação de Deus em Cristo e no pleno testemunho bíblico de Cristo, longe de inibir a saúde e o crescimento da Igreja, é na verdade indispensável a ambos.

Minha alegação neste capítulo é que a Palavra de Deus, quando recebida e respondida, tem um papel central na fé e na vida do povo de Deus. Darei cinco exemplos.

DISCIPULADO MADURO

Primeiro, a submissão à autoridade das Escrituras é *o caminho para o discipulado maduro*. Não estou dizendo que é impossível ser um discípulo de Jesus sem que se tenha uma visão elevada das Escrituras, pois esse, claro, não é o caso. Existem seguidores genuínos de Jesus Cristo que não são “evangélicos”, cuja convicção nas Escrituras é pequena, até mínima. Em vez disso, eles depositam mais fé nas tradições passadas e nos ensinamentos

atuais da Igreja, ou em suas próprias ideias ou experiência. Não desejo negar a autenticidade da profissão cristã dessas pessoas. No entanto, eu acrescentaria que seu discipulado está fadado a ficar empobrecido como resultado de sua atitude para com a Bíblia. Não é possível um discipulado cristão pleno, equilibrado e maduro quando os discípulos não se submetem à autoridade de ensino de seu Senhor tal como mediada pela Escritura.

Afinal, o que é discipulado? É um estilo de vida multifacetado, uma combinação de vários ingredientes. Em particular, inclui adoração, fé, obediência e esperança, como veremos a seguir. Todo cristão é chamado a adorar a Deus, a confiar nele, a obedecer-lhe e a olhar com confiante esperança para o futuro. No entanto, cada uma dessas atitudes é uma resposta à revelação e fica seriamente prejudicada sem uma revelação confiável e objetiva de Deus.

1. *Adoração.* Todo cristão é um adorador. Tanto em público quanto em privado, reconhecemos nosso dever de adorar ao Deus todo-poderoso. Mas como podemos adorar a Deus se não soubermos quem ele é e que tipo de adoração lhe agrada? Sem esse conhecimento, é quase certo que nossas tentativas de adoração descambem para a idolatria.

Na melhor das hipóteses, replicaríamos aquele famoso altar que Paulo encontrou em Atenas com a inscrição “Ao deus desconhecido”.¹ Mas os cristãos não são atenienses agnósticos; devemos amar o Senhor, nosso Deus, de todo o nosso entendimento² e adorá-lo “em espírito e em verdade”.³

O que, então, significa adorar a Deus? Significa “[gloriar-se] no seu santo nome”,⁴ isto é, deleitar-se com adoração em quem ele é em seu caráter revelado. Mas, antes de podermos nos gloriar no santo nome de Deus, devemos conhecê-lo. Daí a importância da leitura e pregação da Palavra de Deus na adoração pública e da meditação bíblica na devoção privada. Essas práticas não são coisas que interrompem a adoração; elas formam a base

necessária para tal. Deus deve falar conosco antes de podermos falar com ele. Deus deve nos revelar quem ele é antes de podermos oferecer-lhe o que somos em uma adoração aceitável. A adoração a Deus é sempre uma resposta à Palavra de Deus. A Escritura orienta e enriquece lindamente nossa adoração.

2. *Fé*. Se todo cristão é um adorador, ele é também uma pessoa que crê. De fato, a vida cristã é uma vida de fé. “Onde está a sua fé?”, perguntou Jesus aos Doze quando eles ficaram com medo, e os exortou: “Tenham fé em Deus”.⁵

Mas o que é fé? Também é uma resposta à revelação de Deus. Não podemos confiar em um Deus que não conhecemos, assim como não podemos adorar um Deus desconhecido. Consideremos Salmos 9.10: “Os que conhecem o teu nome confiam em ti, pois tu, Senhor, jamais abandonas os que te buscam”. Se adorar é “gloriar-se” em Deus por quem ele é (seu “nome”), então fé é “confiar” nele por causa de quem ele é. Portanto, fé não é ingenuidade nem credulidade. Não é ilógica nem irracional. Pelo contrário, fé é uma confiança racional. Ela se baseia no conhecimento, o conhecimento do nome de Deus. Sua razoabilidade é fruto da confiabilidade do Deus em quem se confia. Nunca é irracional confiar em Deus, uma vez que não existe ninguém mais confiável que ele.

A fé aumentará, portanto, à medida que refletirmos sobre o caráter de Deus (que nunca mente) e sobre a aliança de Deus (que se comprometeu com seu povo). Mas como podemos conhecer seu caráter e aliança? Somente por meio da Bíblia, na qual essas verdades idênticas foram reveladas. Assim, quanto mais meditarmos na autorrevelação de Deus nas Escrituras, mais madura nossa fé se tornará, ao passo que, sem as Escrituras, nossa fé estará fadada a ser fraca e doentia.

3. *Obediência*. Jesus chama seus discípulos para uma vida de obediência, bem como de adoração e fé.

Mas como podemos obedecer-lhe se não conhecermos sua vontade e seus mandamentos? Sem o conhecimento disso, a obediência se torna impossível. “Se vocês me amam, obedecerão aos meus mandamentos”, disse ele.⁶ E novamente: “Quem tem os meus mandamentos [isto é, conhece-os e guarda-os na mente e memória] e lhes obedece, esse é o que me ama”.⁷

Mais uma vez, portanto, a Bíblia é considerada indispensável para o discipulado maduro. É nela que aprendemos os mandamentos de Cristo e, assim, damos o primeiro passo necessário para compreender e fazer a vontade de Deus.

4. *Esperança*. A esperança cristã é uma expectativa confiante em relação ao futuro. Nenhum cristão pode ser cínico ou pessimista. É verdade que não acreditamos que algum dia os seres humanos conseguirão construir a Utopia na terra. Mas, embora tenhamos pouca confiança nas realizações humanas, temos muita confiança nos propósitos e no poder de Deus. Estamos certos de que o erro e o mal não terão a última palavra. Pelo contrário, a verdade e a justiça triunfarão no fim. Jesus Cristo retornará com força e esplendor, os mortos ressuscitarão, a morte será destruída e o universo será libertado da decadência e será coberto de glória.

Mas como podemos ter tanta certeza dessas coisas? Não há motivos óbvios para tal convicção. O mal se multiplica. Os ímpios permanecem impunes em sua maldade. Os problemas do mundo parecem insolúveis. O aquecimento global lança uma sombra no horizonte. Não há mais razão para desespero do que para esperança? Sim, haveria – não fosse a Bíblia! É a Bíblia que desperta, orienta e alimenta a esperança. Para o cristão, a esperança é muito diferente do otimismo secular. É uma confiança em Deus, despertada pelas promessas de Deus. “Apeguemo-nos com firmeza à

esperança que professamos”, exorta o autor de Hebreus aos seus leitores. Por quê? Porque “aquele que prometeu é fiel”.⁸ O próprio Jesus disse que voltaria. “Então se verá o Filho do homem vindo nas nuvens com grande poder e glória [...] E vereis o Filho do homem [...] vindo com as nuvens do céu.”⁹ São promessas como essas que estimulam nossa esperança. É “de acordo com a sua promessa” que estamos esperando por um novo mundo, onde reinará a justiça.¹⁰

Aqui, pois, estão os quatro ingredientes básicos do discipulado cristão: adoração, fé, obediência e esperança. Todos seriam irracionais sem uma base objetiva na revelação de Deus, para a qual eles são uma resposta:

- a adoração é uma resposta à revelação do nome de Deus;
- a fé é uma resposta à revelação de seu caráter e sua aliança;
- a obediência é uma resposta à revelação de sua vontade e seus mandamentos;
- a esperança é uma resposta à revelação de seu propósito e suas promessas.

E o nome, a aliança, os mandamentos e as promessas de Deus são todos encontrados nas Escrituras. É por isso que as Escrituras são fundamentais para o crescimento cristão e a submissão à sua autoridade é o caminho para o discipulado maduro.

INTEGRIDADE INTELECTUAL

Segundo, a submissão à autoridade bíblica é *o caminho para a integridade intelectual*.

Muitas pessoas negariam de imediato esta declaração e até afirmariam o contrário. Elas não conseguem entender como cristãos aparentemente inteligentes na era moderna podem ser tão irracionais a ponto de acreditarem na inspiração e na autoridade da Bíblia. Para essas pessoas, o compromisso com a verdade e a credibilidade das Escrituras são insustentáveis. Assim, acusam aqueles de nós que se apegam a elas de falta de integridade intelectual. Elas nos acusam de imprecisão deliberada, esquizofrenia mental, suicídio intelectual e outras condições igualmente horríveis. Diante dessas acusações, no entanto, nós nos declaramos “inocentes”. Insistimos que nossa convicção em relação às Escrituras é fruto da mesma integridade que nossos críticos dizem que não temos.

“Integridade” é a qualidade de uma pessoa íntegra. Em particular, os cristãos íntegros estão em paz, e não em guerra, consigo mesmos. Em vez de estarmos cientes de uma dicotomia entre nossas várias crenças, ou entre nossas crenças e nosso comportamento, de modo a estarmos “dilacerados” por dentro, há uma harmonia interior. Somos “uma só peça”, integrais. Qual é o segredo dessa integração?

Não há princípio cristão mais integrador do que a afirmação de que “Jesus Cristo é o Senhor”. A essência do discipulado integrado é que confessamos seu senhorio com nossos lábios e o entronizamos como Senhor em nosso coração. Assumimos o leve fardo de sua autoridade disciplinadora.¹¹ Procuramos “[levar] cativo todo pensamento, para torná-lo obediente a Cristo”.¹² E, quando Jesus é o Senhor de nossas crenças, opiniões, ambições, padrões, valores e estilo de vida, então somos cristãos integrados, e a “integridade” marca nossa vida. Só quando *ele* é o Senhor é que *nós* nos tornamos inteiros.

Mas o próprio Jesus, nosso Senhor, se submeteu às Escrituras do Antigo Testamento. Em sua conduta ética, em sua compreensão de sua missão e em

seus debates públicos com os líderes religiosos da época, sua principal preocupação era ser fiel às Escrituras. “O que diz a Escritura?”, ele perguntaria. Era sempre sua apelação final. E Jesus esperava que seus discípulos seguissem seu exemplo. Ele também tomou providências para que as Escrituras do Novo Testamento fossem escritas, ao escolher, chamar, preparar e comissionar seus apóstolos para serem os mestres da Igreja, esperando que a Igreja se submetesse a eles. “Aquele que lhes dá ouvidos, está me dando ouvidos”, afirmou.¹³ Como consequência disso, a submissão às Escrituras pelos discípulos cristãos é uma parte essencial de nossa submissão a Jesus como Senhor. Afinal, o discípulo não está acima de seu mestre. Portanto, não podemos nos permitir ficar à vontade com uma submissão seletiva. Seria inerentemente ilógico, por exemplo, concordar com a doutrina de Deus que Jesus pregava, mas discordar de sua visão sobre a Palavra de Deus. Não, submissão seletiva não é submissão autêntica.

Isso nos dá a pista de que precisamos sobre como lidar com os problemas na Bíblia. Pois, ao afirmar a inspiração e autoridade das Escrituras, não estou negando que haja problemas. Existem problemas textuais, literários, históricos, científicos, filosóficos, culturais, teológicos e morais. Os fenômenos observáveis das Escrituras (que vemos indutivamente nas páginas da Bíblia) às vezes parecem conflitar com nossa doutrina das Escrituras (que sustentamos ao deduzi-la a partir da atitude e ensino de Jesus). Então, o que devemos fazer com os problemas? Como podemos lidar com eles com integridade?

Precisamos lembrar que toda doutrina cristã levanta problemas. Isso inclui as doutrinas centrais de Deus (seu ser, criação, soberania, providência e justiça), de Jesus Cristo (sua pessoa única em duas naturezas, sua obra de expiação, sua ressurreição corporal, seu reino presente e seu retorno futuro) e do Espírito Santo (sua atuação na Igreja e no mundo). Ou consideremos o

amor de Deus. É uma doutrina cristã fundamental. Todo cristão, sem exceção (o católico romano, o ortodoxo, o reformado, o luterano, o episcopal, o independente, o pentecostal), acredita que Deus é amor. Se negassem isso, eles não seriam cristãos. No entanto, os problemas que cercam essa crença são enormes: por exemplo, a origem e a propagação do mal, o sofrimento dos inocentes, os “silêncios” e os “atos” de Deus, a vastidão do universo e a aparente insignificância dos seres humanos como indivíduos.

Suponhamos que alguém nos procure com um problema ou dilema pessoal (talvez o nascimento de uma criança deficiente, um desastre natural ou a perda trágica de um ente querido) e nos desafie: “Por que isso aconteceu comigo? Como Deus pode ser amor se permite algo assim?”. Como reagimos? Dizemos que, para preservar nossa integridade intelectual, devemos suspender nossa crença no amor de Deus até que tenhamos resolvido o problema? Espero que não. Tampouco varremos o problema para debaixo do tapete e tentamos esquecê-lo. Não, em vez disso, além da questão de como devemos responder de forma pastoral ao autor da pergunta, lutamos com o problema em nossa mente e coração. Refletimos de forma conscienciosa, lemos, falamos e oramos sobre o assunto. E, durante esse processo, alguma luz é lançada sobre o problema. No entanto, parte da perplexidade permanece. Então, o que vem a seguir? Sugiro que o caminho para a integridade intelectual é manter nossa convicção sobre o amor de Deus, a despeito das demais dificuldades, basicamente por um só motivo, a saber, que o próprio Jesus, nosso Senhor, ensinou e demonstrou esse amor. Foi por causa de Jesus que passamos a acreditar no amor de Deus, em primeiro lugar; é pela mesma razão que devemos continuar a fazê-lo.

O mesmo acontece com os problemas relacionados à Bíblia. Precisamos aprender a enfrentá-los assim como enfrentamos os problemas relativos a

outras doutrinas cristãs. Se alguém nos procura com um problema bíblico (uma discrepância, por exemplo, entre teologia e ciência, ou entre dois relatos do Evangelho, ou um dilema moral), o que devemos fazer? Não devemos (por uma forma equivocada de integridade) suspender nossa crença na verdade das Escrituras até que tenhamos resolvido o problema. Tampouco devemos pôr o problema em uma prateleira (adiando indefinidamente seu desafio) ou jogá-lo para debaixo do tapete (ocultando-o permanentemente, até de nós mesmos). Em vez disso, devemos lutar conscientemente com o problema em nosso pensamento, discussão e oração. Ao fazermos isso, algumas dificuldades podem ser total ou parcialmente resolvidas. Mas, então, a despeito daquelas que ainda persistem, devemos manter nossa confiança na Escritura, com base no fato de que o próprio Jesus a ensinou e demonstrou.

Se um crítico me diz: “Você é um anti-intelectual por acreditar que a Bíblia é a Palavra de Deus a despeito dos problemas”, eu agora retribuo o cumprimento dizendo: “Certo, se você quiser, eu sou. Porém, você é um anti-intelectual por acreditar no amor de Deus a despeito dos problemas”. Na verdade, no entanto, crer em uma doutrina cristã a despeito de seus problemas, por causa do reconhecido senhorio de Jesus Cristo, não é obscurantismo (preferir as trevas à luz), mas fé (confiar naquele que disse ser a luz do mundo). É mais do que fé: é a séria integridade intelectual de confessar Jesus como Senhor.

PROGRESSO ECUMÊNICO

Em terceiro lugar, a submissão à autoridade das Escrituras é *o caminho para o progresso ecumênico*, isto é, o meio de assegurar uma união aceitável das

igrejas.

Agora reconheço que alguns de meus leitores podem não ter vontade alguma de fazer algum progresso aqui. É possível que você esteja (estou supondo) desconfiado de todo o movimento ecumênico. Você pode ver (embora seja sempre enganoso generalizar) a tendência desse movimento à indiferença doutrinária, sua tentativa de reinterpretar a missão cristã em termos de ação sociopolítica e sua inclinação ao sincretismo e universalismo em face de outras religiões. Na verdade, entendo suas preocupações, pois eu as tenho também. Há muita coisa no ecumenismo contemporâneo que nos deixa perplexos e até angustiados.

No entanto, também estou preocupado com a condenação generalizada da atividade ecumênica expressa por grande parte do círculo de evangélicos. Está claro para mim que não podemos simplesmente ignorar toda a comunidade não evangélica do cristianismo como se ela não existisse, ou, uma vez que existe, considerá-la não cristã e decidir não ter nenhuma relação com ela. O nosso Senhor Jesus orou para que seu povo fosse um, para que o mundo viesse a crer,¹⁴ e seu apóstolo Paulo nos exorta a “[fazer] todo o esforço para conservar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz”.¹⁵

Sem dúvida, há espaço para discordâncias entre nós quanto à forma que a unidade cristã deveria assumir. Mas deveria ser possível concordar que a competição entre diferentes igrejas é inadequada e que a unidade visível da Igreja, de alguma forma, é um objetivo desejável. Em sua resposta a uma carta de Thomas Cranmer, arcebispo da Cantuária, em 1552, João Calvino escreveu:

Sem dúvida, deve ser considerado entre os maiores males de nosso século o fato de que as igrejas estão afastadas umas das outras [...] e que são poucos os que buscam com sinceridade a comunhão dos membros

de Cristo, a qual muitos professam com os lábios [...] Sendo assim, os membros estão tão dispersos que o corpo da Igreja está sangrando. Isso me deixa tão consternado que, se alguém visse que eu poderia ser útil de alguma forma, eu não hesitaria em atravessar dez mares para alcançar esse fim [...] Na verdade, se homens eruditos quisessem buscar um acordo sólido e cuidadosamente elaborado em conformidade com o padrão das Escrituras, um acordo pelo qual as igrejas, separadas umas das outras, pudessem se unir, penso que, de minha parte, eu não deveria medir nenhum esforço ou dificuldade.¹⁶

A carta de Calvino a Cranmer é significativa, não apenas por causa do objetivo que ele tinha em vista (a união de igrejas que estavam separadas), mas também por causa dos meios que ele propunha (um acordo baseado no padrão das Escrituras). Pois a unidade que o próprio Cristo deseja para sua Igreja é, certamente, uma unidade baseada na verdade. Sua oração registrada em João 17 une claramente as duas coisas. A Igreja está edificada sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, tendo o próprio Cristo como a pedra angular,¹⁷ e ela certamente não crescerá em tamanho ou estabilidade se negligenciar, muito menos se enfraquecer, esse fundamento.

A fé apostólica que nos une, sem dúvida, chegou até nós pelo Novo Testamento, e nenhuma união de igrejas poderia ou deveria ser considerada caso viesse a se desviar dessa regra. Em particular, um dos maiores obstáculos à unidade tem sido a falha em distinguir entre as Escrituras e a tradição. O próprio Jesus traçou uma distinção clara entre as Escrituras escritas e a tradição oral dos anciãos, tornando a última subordinada à primeira, e até mesmo chegou a rejeitar a tradição como sendo “regras ensinadas por homens”, a fim de que as Escrituras, como sendo a Palavra de Deus, pudessem ter a supremacia.¹⁸ A mesma distinção precisa ser feita

hoje. No entanto, um exemplo do motivo pelo qual alguns projetos de unidade da Igreja têm fracassado é a tendência das igrejas anglicanas ou episcopais de insistir em uma visão particular do “episcopado histórico” (o governo da Igreja por meio de bispos) como algo inegociável. Pode-se entender as razões históricas para isso, e eu mesmo gostaria de defender uma forma de governo episcopal como um ideal pastoral que é consistente com as Escrituras e contribui para a saúde da Igreja. Mas não se pode insistir nele como algo indispensável, uma vez que pertence à tradição da Igreja e não é exigido pelas Escrituras.

Se pudéssemos concordar que a Escritura é a “Palavra escrita de Deus” (artigo anglicano XX), que ela é suprema em sua autoridade sobre todas as tradições humanas, por mais veneráveis que sejam, e que ela deve ser autorizada a reformar e renovar a Igreja, daríamos um salto imediato nas relações ecumênicas. A reforma segundo a Palavra de Deus é indispensável para a reunião.

EVANGELISMO EFICAZ

Em quarto lugar, a submissão à autoridade das Escrituras é *o caminho para o evangelismo fiel e eficaz*. Meu argumento até agora tem sido doméstico e eclesiástico, uma vez que temos pensado sobre o discipulado pessoal e as relações entre as igrejas. O tempo todo, o mundo do lado de fora está imerso em grande confusão e escuridão. Será que a Igreja tem alguma luz para essa escuridão, alguma palavra de esperança para este mundo moderno sem rumo?

Uma das mazelas da Igreja contemporânea é que, justamente quando o mundo parece estar pronto para ouvi-la, ela muitas vezes tem pouco a dizer,

pois a própria Igreja está desnorтеada. Ela compartilha da desorientação atual, em vez de tratá-la. A Igreja está insegura, não tem certeza de sua identidade, missão e mensagem. Ela gagueja e engasga quando deveria proclamar o evangelho com ousadia. Na verdade, a principal razão para sua influência cada vez menor no Ocidente é sua fé cada vez menor.

O resgate do evangelismo não é possível sem o resgate do *evangelho*, “as boas novas”. Evangelizar, de acordo com sua definição mais simples, é “compartilhar o evangelho”. Portanto, o evangelismo bíblico não é possível sem o evangelho bíblico. Evangelismo deve ser definido em termos do próprio evangelho.

Deveríamos ser capazes de concordar que o testemunho cristão é, em essência, o testemunho de Cristo, e que o único Cristo autêntico é o Cristo testemunhado pelos apóstolos. Os apóstolos foram as testemunhas originais, as testemunhas oculares, por isso, nosso testemunho, embora seja vital, sempre permanece secundário ao deles. Não temos autoridade para alterar o evangelho deles. Nosso chamado é, antes, preservá-lo como mordomos, proclamá-lo como arautos e defendê-lo como advogados.

Em seu livro *Go and Make Disciples* [Vá e faça discípulos], David Read, ex-ministro da Igreja Presbiteriana da Avenida Madison, em Nova York, escreveu: “Aqueles de nós que gostamos de visitar outros países estamos familiarizados com aquele momento sério em que, na imigração, nos deparamos com um agente da alfândega que [...] nos olha com frieza e pergunta: ‘Você tem algo a declarar?’. Ainda não tive coragem de responder: ‘Sim, como ministro do evangelho, é meu dever declarar que Jesus Cristo é o seu Senhor e Salvador’”. Assim, David Read chama seu capítulo final de “O ponto crucial: você tem algo a declarar?”. É a falta de convicção em relação ao evangelho, escreve ele, que faz com que “a maioria de nós [...] seja de evangelistas relutantes”.¹⁹

Concordo. Acho que não há possibilidade de a Igreja levar a sério sua tarefa evangelística se ela, primeiro, não resgatar sua confiança na verdade, na relevância e no poder do evangelho e começar a se empolgar com ele novamente. Para isso, no entanto, ela terá de retornar à Bíblia, na qual o evangelho foi revelado.

HUMILDADE PESSOAL

Quinto, a submissão à autoridade das Escrituras é *o caminho para a humildade cristã pessoal*. Nada é mais detestável naqueles de nós que afirmam seguir a Jesus Cristo do que a arrogância, e nada é mais apropriado ou atraente do que a humildade. E um elemento essencial na humildade cristã é a disposição para ouvir e receber a Palavra de Deus. Talvez a maior de todas as nossas necessidades seja retomar nosso lugar de modo humilde, calmo e esperançoso aos pés de Jesus Cristo, para ouvir com atenção sua Palavra, crer nela e obedecer-lhe. Pois não temos liberdade para desacreditá-la ou desobedecer-lhe.

A grande questão que se coloca diante de nós e de toda a Igreja é se Jesus Cristo é Senhor (como dizemos que ele é) ou não. A pergunta é se Cristo é o Senhor da Igreja (para ensiná-la e comandá-la) ou se a Igreja é o senhor de Cristo (para alterar e manipular seus ensinamentos). Na crise contemporânea de autoridade no mundo e de perda de autoridade na Igreja, meu apelo é para que nos voltemos para uma humilde submissão às Escrituras como Palavra de Deus. Devemos nos submeter às Escrituras com uma humilde submissão a Jesus Cristo como Senhor, que se submeteu, ele mesmo, às Escrituras, com toda humildade, em sua própria fé, vida, missão e ensino.

Ao fazermos isso, encontraremos o caminho para o discipulado maduro e para a integridade intelectual, o caminho para unir as igrejas e evangelizar o mundo e o caminho para expressar uma humildade apropriada diante de nosso Senhor Jesus Cristo. É isso que quero dizer quando me refiro à “salubridade” de submeter-se à autoridade das Escrituras.



PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

por Tim Chester

1. Você consegue pensar em maneiras específicas pelas quais sua adoração, fé, obediência ou esperança têm sido ultimamente moldadas pela Palavra de Deus?
2. Quais “problemas” você enfrenta ao ler a Bíblia ou ao compartilhar a mensagem da Palavra de Deus? Como você pode responder a eles de uma forma integrada?
3. Você consegue pensar em crenças e práticas em sua igreja que não são exigidas pelas Escrituras (embora possam ser consistentes com elas)? Elas já se tornaram obstáculos para o trabalho conjunto com outros cristãos?
4. Qual é a ligação entre a convicção no evangelho e o compromisso com o evangelismo? O que você poderia fazer para se tornar ou permanecer empolgado com o evangelho?
5. Afirmar que o cristianismo é a verdade é muitas vezes visto como arrogância. Por que isso, na verdade, pode caracterizar um sinal de humildade?
6. Como você explicaria a razão pela qual é “saudável” se submeter às Escrituras?

CAPÍTULO 3

TRANSPONDO A PALAVRA

TODA VEZ QUE pegamos a Bíblia para lê-la, mesmo em uma versão contemporânea, estamos cientes de que estamos voltando dois milênios ou mais na história. Viajamos no tempo, para um período anterior à revolução da informação e à Revolução Industrial, até que nos vemos em um mundo estranho que há muito deixou de existir. Por conseguinte, a Bíblia parece estranha, soa arcaica, parece obsoleta e cheira a mofo. Ficamos tentados a perguntar, impacientes: “O que é que esse livro velho tem a dizer para mim?”.

Nosso senso de desorientação quando lemos a Bíblia e a consequente dificuldade que experimentamos para entendê-la não se devem, sobretudo, à passagem do tempo em si mesmo (do primeiro século ao século 21) nem à mera distância (do Oriente Médio ao Ocidente), mas às diferenças culturais causadas pela distância no tempo e no espaço.

Na verdade, nós nos deparamos com dois problemas distintos, mas complementares. O primeiro é o problema de nosso próprio aprisionamento cultural, e o segundo é o problema do condicionamento cultural dos autores bíblicos. Ou seja, tanto os escritores quanto os leitores da Escritura são criaturas moldadas pela cultura, produtos (e, portanto, até certo ponto, prisioneiros) das culturas específicas nas quais foram criados. Como consequência, em todas as nossas leituras da Bíblia há uma colisão de culturas entre o mundo bíblico e o mundo moderno. Tanto a fala de Deus quanto nossa escuta são condicionadas pela cultura. Esse fato claramente

afeta nossa *interpretação* da Escritura. Contudo, teremos de perguntar se afeta também a *autoridade* da Escritura.

O PROBLEMA HERMENÊUTICO

A hermenêutica bíblica, ou seja, a arte ou ciência de interpretar a Escritura, tornou-se uma grande preocupação dos estudiosos nas últimas décadas. Na verdade, todos os cristãos que leem a Bíblia se deparam com a questão de como entendê-la corretamente.

O problema surge das extremas particularidades culturais do texto antigo e do intérprete moderno. Cada um tem um “horizonte” diferente, uma perspectiva ou um ponto de vista limitados, e o que se faz necessário é o que Hans-Georg Gadamer chamou de “fusão” de horizontes. “A compreensão ocorre”, escreve o doutor Tony Thiselton em seu clássico e abrangente estudo intitulado *The Two Horizons* [Os dois horizontes],¹ “quando dois conjuntos de horizontes são colocados em relação um com o outro, ou seja, o horizonte do texto e o do intérprete.”²

Nesse processo, a primeira tarefa do intérprete foi chamada por Gadamer de “distanciamento”. Isso significa que precisamos reconhecer “a identidade do passado”, desligar-nos do texto e permitir sua própria integridade histórica. Não devemos nos intrometer nele nem decidir de modo precoce como ele se aplica a nós. A exegese cuidadosa do texto exige estudá-lo em seus próprios termos culturais e linguísticos.

Mas isso é apenas o começo. Se antes nos afastamos do texto, agora procuramos penetrar nele. “É preciso haver um envolvimento presente com o texto”, escreve Thiselton, “bem como um distanciamento crítico dele.”³ Isso não é fácil, porque o intérprete também pertence a um contexto

particular, que é diferente daquele do texto. É preciso um alto grau de imaginação, de empatia, se quisermos entrar nesse mundo estranho. “A exegese histórica é essencial, mas não é suficiente. Precisamos *tanto* de distanciamento *quanto* de abertura para o texto, os quais permitirão avanço no sentido da fusão de horizontes.”⁴

Isso leva a uma interação ativa entre o texto e o intérprete. Por mais que nos esforcemos para nos distanciar do texto, dificilmente podemos deixar de trazer para ele nossas pressuposições e nossa própria agenda de problemas e questões. Pode ser que a Escritura responda a eles. Mas, uma vez que ela tem sua própria agenda, pode ser que não. Em vez disso, ela pode nos desafiar a ir embora e reformular nossas questões, e até mesmo substituí-las por outras melhores. Em seguida, voltamos com nossa nova agenda, e assim o diálogo entre nós continua. Isso faz parte daquilo que se chama “o círculo hermenêutico”, embora alguns estudiosos europeus e latino-americanos prefiram a expressão “espiral hermenêutica”, uma vez que o movimento é progressivo e ascendente.⁵

Durante a década de 1960, alguns estudiosos alemães, sobretudo Ernst Fuchs e Gerhard Ebeling, ex-alunos de Rudolf Bultmann, foram mais longe e desenvolveram uma “nova hermenêutica”. Eles alegaram que a objetividade é impossível com base no fato de que não podemos deixar de lado nossa própria situação particular e entrar na de um autor bíblico. Em vez disso, enfatizaram a necessidade de deixarmos que o texto fale. De acordo com sua teoria da linguagem, o propósito do texto não é tanto transmitir “conceitos” como causar um “evento” (um “evento-linguagem”). Os papéis do texto e do intérprete são invertidos, e o intérprete ouve em vez de falar. Parece claro que esses pós-bultmannianos foram longe demais. Negando que o texto bíblico tenha um significado acessível e objetivo, eles caíram em uma

subjetividade descontrolada. O que o texto dizia para eles poderia não ter relação alguma com o que ele realmente significava.

No entanto, há um valor permanente naquilo que esses estudiosos estão buscando. Eles levam a sério o abismo cultural entre o passado e o presente. Reconhecem a particularidade histórica independente tanto do texto como do intérprete e procuram desenvolver uma dialética entre eles. A velha hermenêutica colocava em nossas mãos um conjunto de regras universais de interpretação, que aplicávamos ao texto; a nova hermenêutica tem como preocupação permitir que o texto aplique sua mensagem a nós. A velha hermenêutica concentrava-se no texto como *objeto* – nós nos debruçávamos sobre ele, estudávamos, pesquisávamos, aplicávamos nossas regras a ele e quase assumíamos o controle sobre ele. A nova hermenêutica, entretanto, concentra-se no texto como *sujeito*. O texto está acima de nós, e nós, com humildade, nos colocamos “sob ele”, como diziam os reformadores. Ele se dirige a nós, nos confronta, nos desafia e nos transforma.

Aqui, então, está o perigo de uma nova polarização entre o “velho” e o “novo”. Um fica perigosamente desequilibrado sem o outro. Pois o texto é tanto objeto como sujeito. Nós falamos a ele e ele fala a nós. Mas, à medida que esses dois processos se desenvolvem, devemos insistir em que o objeto e o sujeito são o mesmo texto e têm o mesmo significado.

Voltemos agora aos dois problemas culturais e consideremos cada um deles separadamente.

NOSSO PRÓPRIO APRISIONAMENTO CULTURAL

Todo ser humano que já existiu foi uma criatura moldada pela cultura. “Cultura” é um termo conveniente com o qual se descreve a complexidade de crenças, valores, costumes e tradições que cada geração recebe da sua antecessora e transmite à sua sucessora, e que une uma sociedade. Todos bebemos nossa herança cultural juntamente com o leite de nossa mãe. O modo como pensamos, julgamos, agimos, falamos, nos vestimos, comemos, trabalhamos e nos divertimos é, em grande parte, determinado por nossa cultura, e normalmente não nos damos conta de quanto nossa formação cultural nos mantém escravizados.

Daí o grande valor das viagens, pois, assim, aprendemos a ouvir a nós mesmos pelos ouvidos de outra cultura e a enxergar a nós mesmos pelos olhos de outra cultura. Lembro-me muito bem da primeira vez em que estive nos Estados Unidos. Depois da primeira palestra que dei em solo americano, uma mulher me disse: “Eu gosto do seu sotaque britânico”. Sotaque? Eu? É claro que a mulher tinha um sotaque americano, mas, com certeza, eu falava o inglês da rainha. O modo como eu falava era normal; o dela é que era o desvio da norma. Então, não muito tempo depois, eu estava em Manila quando um garoto filipino, que devia ter uns oito anos, se aproximou de mim, inclinou a cabeça para um lado, olhou para meu rosto e comentou de forma atrevida: “Você fala engraçado!”. Ele tinha razão. Eu também. Mas você também tem razão, assim como todo mundo.

Nossa cultura inclui não apenas os pontos de vista e os valores, padrões e costumes gerais de nossa sociedade, mas também aqueles que se aplicam ao sexo, idade e classe social de cada um de nós. Todos eles afetam a maneira como lemos a Bíblia. Por exemplo, como eu, sendo homem, posso ler a Escritura da mesma maneira que uma mulher que foi ferida pelo machismo? Ou como eu, sendo um idoso, posso ouvir da Escritura o que os jovens

ouvem quando a leem? Ou ainda, como eu, sendo membro de uma sociedade rica, posso de fato ouvir o que a Escritura diz sobre os pobres?

Homens e mulheres, velhos e jovens, pretos e brancos, africanos e asiáticos, capitalistas e socialistas, assalariados e não assalariados, classe média e classe trabalhadora, todos leem as Escrituras de maneira diferente. Nossos óculos têm lentes culturais. É tão difícil, como quase impossível, para nós lermos a Bíblia com objetividade e abertura genuínas, assim como é difícil para Deus atravessar nossas defesas culturais e nos dizer o que ele quer dizer. Em vez disso, chegamos a nossa leitura da Bíblia com nossa própria agenda, nossos preconceitos, perguntas, preocupações, interesses e convicções, e, a menos que sejamos extremamente cuidadosos, acabamos impondo-os ao texto bíblico. Podemos orar com sinceridade antes de lermos estas palavras: “Abre os meus olhos para que eu veja as maravilhas da tua lei”,⁶ mas, ainda assim, a mesma falha de comunicação pode continuar. Pois até mesmo essa oração introdutória, embora seja extraída dos Salmos, é suspeita, pois pressupõe o tipo de mensagem que queremos ouvir.

“Por favor, Senhor, eu quero ver alguma ‘maravilha’ em tua Palavra.” Mas ele pode responder: “O que faz você pensar que só tenho ‘maravilhas’ para lhe mostrar? Na verdade, tenho algumas ‘coisas perturbadoras’ para lhe mostrar hoje. Você está preparado para recebê-las?”

“Ah, não, Senhor, por favor, não”, gaguejamos em resposta. “Eu recorro às Escrituras apenas para ser consolado. De verdade, eu não quero ser desafiado nem perturbado.”

Em outras palavras, recorremos à Bíblia com nossa agenda formulada somente por nós, nossas expectativas preestabelecidas, nossas ideias formadas, estabelecendo de antemão o que queremos que Deus nos diga. Então, em vez de ouvirmos o trovão de sua voz, tudo o que recebemos são os ecos reconfortantes de nosso próprio preconceito cultural. E Deus nos

diz, tal como disse aos seus servos por meio de Isaías: “Ouçam, surdos; olhem, cegos, e vejam! Quem é cego senão o meu servo, e surdo senão o mensageiro que enviei?”⁷

Isso explica o triste registro acerca da infidelidade da Igreja. Raras vezes, em sua longa história, a Igreja esteve sensivelmente em sintonia com a Palavra de Deus. Na maioria das vezes, ela tem sido exatamente o que foi proibida de ser, ou seja, conformista.⁸ Tem sido mais influenciada pelo mundo do que pela Palavra. Em vez de desafiar o *status quo* com os valores do reino de Deus, ela tem concordado com ele. Em vez de resistir às invasões do secularismo, ela tem se rendido a elas. Em vez de rejeitar o sistema de valores e o estilo de vida do mundo, ela os tem assimilado. A Igreja tem se acomodado à cultura predominante, saltando em todos os vagões da última moda e cantarolando todas as músicas populares em voga. Toda vez que faz isso, a Igreja lê a Escritura através dos olhos do mundo e racionaliza sua própria infidelidade.

Isso é injusto? Eu não acho. Vejamos alguns exemplos do passado. A história da Igreja está repleta de manchas culturais.

Eu me pergunto: como é que a consciência cristã não só aprovou como de fato também enalteceu aquelas terríveis cruzadas medievais como uma forma de missão que glorificaria a Cristo, de tal modo que cavaleiros cristãos europeus, com armaduras brilhantes, saíam em cavalgada a fim de recuperar à força os lugares sagrados do Islã? Foi um terrível disparate que os muçulmanos nunca esqueceram nem, muito menos, perdoaram, e que continua impedindo a evangelização do mundo muçulmano, sobretudo no Oriente Médio. Ou como é que a tortura podia ser empregada em nome de Jesus Cristo para combater a heresia e impor a ortodoxia, de modo que instrumentos para tal eram usados contra algum pobre dissidente até que ele se rendesse? Isso quase poderia ser caracterizado como “evangelização pela

tortura”, e tudo em nome do Príncipe da Paz! Ou como é que, embora os franciscanos tenham organizado missões no terceiro século e os jesuítas, no século 16, as igrejas protestantes estavam tão empenhadas em olhar para dentro de si mesmas que praticamente só passaram a fazer missões na época dos pietistas, dois séculos após a Reforma? Mesmo assim, no final do século 18, quando William Carey propôs uma missão para a Índia, ele foi recebido com a condescendente resposta: “Sente-se, meu jovem; quando Deus quiser converter os pagãos, ele fará isso sem a sua ajuda ou a minha”. Será que esse crítico nunca leu a Grande Comissão? Mais uma vez, como é que as degradações cruéis da escravidão e do tráfico de escravos só foram abolidas no Ocidente dito cristão mil e oitocentos anos depois de Cristo? Ou como é que o preconceito racial e a poluição ambiental se tornaram amplamente reconhecidos como os males que são somente depois da Segunda Guerra Mundial?

Essa é uma lista de algumas das piores manchas que têm arruinado o testemunho da Igreja ao longo dos séculos. Nenhuma delas pode ser defendida com base nas Escrituras, embora tenham sido feitas tentativas desonestas nesse sentido. Tudo isso se deve a uma leitura equivocada das Escrituras ou a uma falta de vontade de se submeter à sua autoridade. O povo de Deus se deixou cegar pela tradição. Ele tinha outras agendas. Não estava com vontade nem com disposição de dar ouvidos a Deus.

O que dizer, então, de nossa própria cegueira contemporânea? É comparativamente fácil criticar nossos antepassados pela cegueira deles; é muito mais difícil, porém, estar ciente da nossa. Para a posteridade, qual será a principal mancha do cristianismo de nossos dias? Não posso dizer com certeza, porque, é claro, também tenho a mesma miopia. Mas suspeito que a resposta tenha relação com duas áreas principais.

Primeiro, nós cristãos que vivemos na afluência do Ocidente ainda não parecemos ter sentido suficientemente a injustiça da contínua desigualdade econômica Norte-Sul. À parte das questões macroeconômicas do comércio e desenvolvimento, nem parecemos ter permitido que a situação afetasse nosso estilo de vida. Enquanto cerca de 20 mil pessoas morrem por causa da pobreza a cada dia,⁹ a voz de protesto dos cristãos não deveria ser mais alta e mais estridente? E não deveríamos continuar a simplificar nosso próprio estilo de vida econômico, não porque imaginamos que isso resolveria o problema, mas porque nos permitiria, pessoalmente, compartilhar mais e expressar de maneira apropriada nosso senso de solidariedade e compaixão para com os pobres?

Uma segunda mancha dos cristãos evangélicos me parece ser nosso comparativo fracasso em condenar como sendo imoral e indefensável todo armamento indiscriminado – tanto aqueles que são indiscriminados por natureza, como armas nucleares, biológicas e químicas, quanto o uso indiscriminado de armas convencionais. Certamente deveríamos denunciar isso como sendo incompatível com a teoria da “guerra justa” e, muito menos, com o pacifismo cristão. Foi em 1965 que a Igreja Católica Romana condenou essas armas como sendo “um crime contra Deus e contra o próprio homem”. Seguiram-se pronunciamentos ecumênicos, declarando a guerra indiscriminada como sendo “cada vez mais ofensiva à consciência cristã”. Mas a voz dos evangélicos, com notáveis exceções, permanece irresponsavelmente em silêncio.

O primeiro passo para a recuperação de nossa integridade cristã será o humilde reconhecimento de que nossa cultura nos cega, ensurdece e entorpece. Não vemos o que deveríamos ver na Escritura, nem ouvimos a Palavra de Deus como deveríamos, nem sentimos a ira de Deus contra o mal. Precisamos permitir que a Palavra de Deus nos confronte, perturbando

nossa segurança, enfraquecendo nossa complacência, penetrando nossos protetores padrões de pensamento e de comportamento e destruindo nossa resistência.

Não é impossível para Deus fazer isso. Uma vez que percebermos como nossa cultura pode ser uma barreira resistente para a comunicação de Deus, estaremos atentos para o problema. Então, começaremos a clamar a ele para abrir nossos olhos, desentupir nossos ouvidos e golpear nossa consciência adormecida até que vejamos, ouçamos e sintamos o que (por meio de sua Palavra) Deus estava nos dizendo o tempo todo.

O CONDICIONAMENTO CULTURAL DA BÍBLIA

Não são apenas os leitores da Bíblia que são produtos de uma determinada cultura; o mesmo aconteceu com os autores bíblicos. E Deus levou isso em consideração quando se comunicou com seu povo. Ou seja, quando falou, ele não usou sua própria língua (se é que ele tem uma), nem se expressou em termos de sua própria cultura celestial. Essa comunicação teria sido ininteligível para os seres humanos na terra. Tampouco Deus gritou, lá de um céu azul-claro, máximas isentas de cultura. Pelo contrário, ele se humilhou para se comunicar nas línguas de seu povo (hebraico clássico, aramaico e grego comum), e dentro das culturas do antigo Oriente Próximo (o Antigo Testamento), do judaísmo palestino (os Evangelhos) e do Império Romano helenizado (o resto do Novo Testamento). Nenhuma palavra de Deus foi proferida em um vazio cultural; cada palavra de Deus foi proferida em um contexto cultural.

É verdade que os contextos culturais em que a Bíblia foi escrita são muitas vezes estranhos para nós. Mas não devemos nos ressentir disso sob a

alegação de que nos causa problemas. Devemos, em vez disso, nos alegrar na condescendência divina. Deus desceu ao nosso nível para se revelar em termos linguística e culturalmente apropriados. Essa verdade se aplica tanto à encarnação de seu Filho, que se fez carne, quanto à inspiração de sua Palavra, que foi falada em linguagem humana.

No entanto, nós também nos deparamos com esta questão: como uma revelação divina dada em termos culturais transitórios pode ter validade permanente? Como uma revelação dirigida a uma situação cultural em particular pode ter uma aplicação universal? O condicionamento cultural da Escritura não limita sua relevância para nós, e até mesmo sua autoridade sobre nós? Será que não devemos dizer, como David Edwards: “Eu admito que uma grande parte da Bíblia [...] é culturalmente condicionada e, portanto, desatualizada”?¹⁰ Seria lógica sua dedução?

Minha resposta a David Edwards é que concordo que a Bíblia seja um livro culturalmente condicionado (como de fato são todos os livros que já foram escritos, incluindo os dele e os meus!), mas discordo de que, portanto, ela seja necessariamente desatualizada. Como, então, devemos lidar com o elemento cultural da Escritura?

O princípio, como eu o vejo, pode ser exposto por meio de uma ilustração cotidiana. Não é difícil para nós fazer a distinção entre uma pessoa e a roupa em particular que ela está usando. A maioria de nós tem várias peças de roupa em casa. Às vezes, nós nos vestimos com o máximo de elegância, para um casamento ou uma festa talvez, ou com trajes típicos de nosso país. Outras vezes, usamos roupas mais sóbrias, como quando vamos a um funeral. De vez em quando, usamos trajes estranhos, talvez quando vamos a uma festa à fantasia. Também temos nossas roupas de trabalho, nossas roupas esportivas e nossas roupas de dormir. Em outras palavras, há peças

para todos os tipos de gosto em nosso guarda-roupa. Mas a pessoa que está por baixo das roupas ainda é a mesma. A roupa muda, mas a pessoa não.

Agora, assim como fazemos distinção entre as pessoas e suas roupas, também precisamos distinguir entre a essência da revelação de Deus (o que ele está ensinando, prometendo ou ordenando) e a roupagem cultural em que ela foi originalmente entregue. Por mais datado que seja o contexto cultural, a mensagem essencial tem validade permanente e universal. A aplicação cultural pode mudar, mas a revelação não.

Portanto, quando nos deparamos com uma passagem bíblica cujo ensinamento é obviamente revestido de uma roupagem cultural antiga (porque se refere a costumes sociais que são obsoletos ou, pelo menos, estranhos a nossa própria cultura), como devemos reagir? Temos três opções.

A primeira possibilidade é a *rejeição total*. “Uma vez que a cultura está desatualizada”, poderíamos dizer a nós mesmos, “o ensino aqui é irrelevante. Não tem nada a me dizer. Posso muito bem pegar uma tesoura, cortar essa passagem da Bíblia e jogá-la fora.” Não recomendo essa reação!

A segunda possibilidade, que é o oposto, é o *literalismo rígido e sem imaginação*. O literalista diz: “Uma vez que este texto é parte da Palavra de Deus, ele deve ser preservado e seguido exatamente como está, sem modificação alguma. Tanto a essência quanto sua expressão cultural têm a mesma autoridade. Descartar qualquer uma delas seria adulterar a Palavra de Deus e pecar por um liberalismo incipiente”. Eu também não recomendo essa reação.

Existe uma terceira opção, mais sensata, que se chama *transposição cultural*. O procedimento agora é identificar a revelação essencial do texto (o que Deus está dizendo aqui), separá-la da forma cultural em que Deus escolheu dá-la e, em seguida, revesti-la de termos culturais modernos

apropriados. “Transposição” é uma boa palavra para essa prática, uma vez que já estamos familiarizados com ela em contextos musicais. Transpor uma peça musical é colocá-la em um tom diferente daquele em que foi originalmente composta. Transpor um texto bíblico é colocá-lo em uma cultura diferente daquela em que foi originalmente dado. Na transposição musical, a melodia e a harmonização permanecem as mesmas; apenas o tom é diferente. Na transposição bíblica, a verdade da revelação permanece a mesma; apenas a expressão cultural é diferente.

Missionários transculturais ilustram a necessidade de transposição cultural, embora tenham de lutar com três culturas. Sua tarefa é pegar a essência do evangelho, que foi primeiro revelado em contextos culturais da Bíblia e que eles receberam em suas próprias culturas, e transpô-la para a cultura do povo para quem a anunciam. E eles precisam fazer isso sem deturpar a mensagem ou torná-la ininteligível.¹¹ Isso, pelo menos, é a teoria. Na prática, os missionários muitas vezes levam consigo o que o doutor René Padilla, no Congresso de Lausanne em 1974, chamou de “cristianismo cultural”. Em outras palavras, eles exportam junto com o evangelho sua própria herança cultural.

Lembro-me do choque que levei em minha primeira visita à África Ocidental e suas igrejas. Lá eu vi torres góticas erguendo-se de modo destoante acima dos coqueiros, e bispos africanos suando por todos os poros no calor tropical porque usavam túnicas eclesiásticas da Europa medieval. Ouvi hinos com melodias ocidentais sendo cantados com o acompanhamento de instrumentos ocidentais, e os africanos tentando se virar em um inglês usado há quinhentos anos! É claro que é fácil criticar, e, se estivéssemos na posição dos primeiros missionários, provavelmente teríamos cometido o mesmo erro. No entanto, essa imposição das formas culturais ocidentais foi um erro grave. O que é necessário, em vez disso, é o

que Stanley Jones, na Índia, chamou de “naturalização” do evangelho,¹² o que significa sua transposição para formas culturais nativas.

Olhando mais uma vez para as três opções que temos diante de nós, talvez possamos dizer que:

- a “rejeição total” é como jogar fora o bebê junto com a água do banho;
- o “literalismo rígido” é como ficar com o bebê e também com a água do banho;
- a “transposição cultural” é como ficar com o bebê e trocar a água do banho.

EXEMPLOS DE TRANSPOSIÇÃO CULTURAL

A Bíblia se preocupa tanto com a doutrina quanto com a ética, a fé e o comportamento, e em ambas as áreas a transposição cultural se faz necessária.

Consideremos primeiro o ensino doutrinário e teológico da Bíblia. Parece óbvio que devemos aprender a fazer a distinção entre a verdade que está sendo afirmada e os termos culturais em que ela é apresentada; entre o significado (a revelação) e o meio (sua comunicação). É nessa conexão que temos de enfrentar o desafio apresentado pelo estudioso alemão Rudolf Bultmann e seu programa de “desmitologização”, que continua a moldar a maneira como muitas igrejas liberais leem a Bíblia. O raciocínio de Bultmann pode ser reduzido, sem muita distorção, a três pontos, relativos respectivamente aos autores bíblicos, aos seus leitores modernos e aos comunicadores teológicos. Primeiro, ele argumentou que o contexto intelectual dos escritores bíblicos era pré-científico e, portanto, “mítico”. Por

exemplo, eles imaginavam o céu acima e o inferno abaixo, em um universo de três andares, de modo que imaginavam Jesus literalmente “descendo ao inferno” e “subindo ao céu”. Segundo, se apresentarmos hoje o evangelho (*kerygma*) expresso em termos dessa cosmologia obsoleta, os cientistas modernos irão rejeitá-lo como sendo, francamente, inacreditável. Terceiro, a tarefa dos teólogos é, portanto, remover os elementos míticos da Bíblia, ou “desmitologizar o *kerygma*” [querigma], pois o objetivo do mito não é falar de eventos históricos, mas da realidade transcendente.

Concordemos de imediato com o espírito do segundo ponto mencionado. Nossa preocupação prioritária é como comunicar o *kerygma* às pessoas de hoje de uma forma que seja confiável. Para isso, temos de proclamar a *verdade* bíblica, mas não necessariamente usar *termos* bíblicos. Podemos (e devemos) transpor a verdade revelada para um idioma moderno.

Com relação ao primeiro ponto de Bultmann, no entanto, não estou plenamente convencido de que os autores bíblicos foram tão literais quanto ele imagina. É verdade que eles usaram o imaginário do universo em três andares, pois fazia parte de seu contexto intelectual. Mas eles estavam de fato afirmando isso? Eu acho que não. Vejamos o Salmo 75. Ele diz que, quando a terra tremer, Deus “[manterá] firmes as suas colunas”.¹³ Portanto, vemos aqui a terra (o andar do meio) apoiada em colunas. Mas, no mesmo salmo, Deus ordena aos ímpios que não levantem a sua “força” [ARA] [no hebraico: não levantem o chifre] ou ela será abatida,¹⁴ e adverte que em sua mão há “um cálice cheio de vinho espumante e misturado” que ele em breve derramará para que os ímpios bebam.¹⁵ Agora, ninguém (muito menos o salmista) acreditava literalmente que os ímpios têm chifres ou que Deus tem um cálice de vinho nas mãos. Se, portanto, esses são exemplos de dramáticas imagens poéticas, não seria gratuito insistir que as colunas da terra devam ser entendidas de forma literal?

Os escritores do Antigo Testamento afirmaram o controle soberano de Deus sobre o mundo, dizendo que ele mantinha firmes as colunas da terra, sem se comprometerem com uma cosmologia dos três andares. Eles afirmaram o poder de Deus sobre o mal, referindo-se à destruição do monstro primitivo, o Leviatã,¹⁶ sem se comprometerem com o mito babilônico da criação. Afirmaram também a revelação geral de Deus por meio da natureza, dizendo que o sol atravessa o céu,¹⁷ sem se comprometerem com um universo pré-copernicano. Essas formas de pensamento e discurso, quer sejam chamadas de “imaginário”, “poesia” ou “mito”, eram comuns no antigo Oriente Médio. Os escritores do Antigo Testamento usavam-nas para transmitir verdades sobre Deus como Criador e Senhor, sem que com isso afirmassem a verdade literal das imagens ou da mitologia que estavam usando.

Isso nos leva ao terceiro ponto de Bultmann. Deveríamos ser capazes de concordar com a necessidade, até certo ponto, de “desmitologizar”, se o que se quer dizer com isso é a necessidade de transpor a verdade de um conjunto de imagens para outro, como acabamos de ver. Mas Bultmann vai muito além disso, sobretudo em relação ao Novo Testamento. Ele tenta reconstruir o *kerygma* (especialmente a morte, a ressurreição e o retorno de Jesus), dissolvendo esses eventos históricos em um “significado” que não é histórico. Assim, de acordo com Bultmann, quando diziam que “Cristo morreu pelos nossos pecados”, os apóstolos não estavam se referindo a nenhum sacrifício literal de carregar os pecados, mas afirmando o amor de Deus e nossa própria experiência existencial de ser crucificados com Cristo. Quando diziam que “ele ressuscitou”, eles não estavam se referindo a um evento, mas a uma experiência, ou seja, que ele ressuscitou em sua própria fé renovada. E, quando diziam que ele virá mais uma vez para julgar, eles

estavam se referindo não a um evento futuro, mas a um desafio presente para que seja tomada uma decisão responsável por Cristo hoje.

A questão fundamental, no entanto, é se as afirmações de que Cristo morreu, ressuscitou e voltará eram formas deliberadamente míticas de se referir a algo diferente de eventos históricos, ou se foram acontecimentos reais que eram, eles mesmos, parte do *kerygma* que estava sendo proclamado. A interpretação natural do *kerygma* apostólico é que os apóstolos pretendiam proclamar eventos na carreira de Jesus que eram verdadeiros em termos históricos e significativos em termos teológicos.

É, pois, legítimo fazer a distinção entre o significado e o meio, entre o que está sendo afirmado e como a afirmação é feita, entre a revelação da verdade e sua comunicação. Mas também é essencial perguntar se as palavras e imagens usadas são literais ou míticas. A derrota do Leviatã é um mito; a morte, a ressurreição e a vinda de Jesus pertencem à história. A intenção do autor normalmente nos ajudará a saber o que é o quê.

Passemos agora a três exemplos de transposição cultural no campo ético.

Começarei com o exemplo bem simples do lava-pés, para que possamos compreender bem o princípio e sua aplicação. Depois de lavar os pés dos Doze no cenáculo e reassumir seu lugar, Jesus disse: “Pois bem, se eu, sendo Senhor e Mestre de vocês, lavei-lhes os pés, vocês também devem lavar os pés uns dos outros”.¹⁸ Na época de Jesus, lavar os pés era uma prática cultural comum. Se fôssemos convidados para uma refeição na casa de um amigo, teríamos de caminhar descalços ou com sandálias por ruas empoeiradas, e, quando chegássemos, um escravo lavaria nossos pés. Hoje, no entanto, pelo menos no Ocidente, toda a cultura mudou. Visitamos um amigo indo de carro ou de transporte público. Quando chegamos, certamente não há nenhum escravo para vir ao nosso encontro e lavar

nossos pés. Como, então, devemos lidar com um texto em que se recomenda lavar os pés uns dos outros?

Consideremos três opções. Devemos seguir o caminho da rejeição total, alegando que lavar os pés uns dos outros não tem lugar em nossa cultura? Não. Devemos obedecer literalmente à ordem de Jesus e sair por aí pedindo às pessoas que tirem os sapatos e as meias para que possamos lavar seus pés? Não. Embora os menonitas e algumas igrejas africanas e asiáticas tenham um ritual do lava-pés como parte de seu culto de comunhão, parece claro que a referência de Jesus era a um costume social, não a uma cerimônia religiosa. Resta-nos, então, a terceira opção de transposição cultural. Perguntamos a que Jesus queria chegar, qual era a essência de sua instrução. A resposta não é difícil de encontrar. Ele estava ensinando que, se amamos uns aos outros, devemos servir uns aos outros, e nenhum serviço será sórdido, servil ou humilhante demais para nós. Se, então, não pudermos lavar os pés das pessoas, teremos prazer em engraxar seus sapatos, lavar a louça para elas ou mesmo limpar os banheiros. Nada ferirá nossa dignidade. Tudo o que é visto em nossa cultura como um trabalho desagradável ou de baixo nível será um privilégio para nós realizarmos por amor.

Um segundo exemplo da necessidade de transposição cultural diz respeito a comer carne oferecida a ídolos.¹⁹ A questão era saber se era permitido aos seguidores de Jesus comer a carne de animais que, antes de ser colocada à venda em um açougue, havia sido oferecida em um sacrifício de idolatria. Os novos convertidos, que haviam acabado de ser resgatados da idolatria pagã, tinham problemas de consciência nesse sentido. Comer as carnes oferecidas aos ídolos não iria contaminá-los e comprometê-los? Paulo tinha certeza que não. Os ídolos não eram nada, dizia ele. Havia apenas um Deus, o Pai, e apenas um Senhor, Jesus Cristo.²⁰ Portanto, ele não via razão para não comer alimentos oferecidos a ídolos. Sua consciência era

“forte”, isto é, bem instruída. Mas, então, havia os cristãos “fracos” a serem considerados. A “fraqueza” deles não estava em sua vontade, mas em sua consciência, que era pouco instruída e, portanto, excessivamente escrupulosa. Se Paulo fosse comer carne oferecida a ídolos na presença deles, eles poderiam ser encorajados a seguir seu exemplo, indo contra o que julgavam ser correto e ficando, caso isso acontecesse, com a consciência pesada. Consequentemente, por respeito aos cristãos fracos, Paulo se abstinha de comer essas carnes.

Essa inflamada controvérsia no Novo Testamento parece muito estranha ao nosso contexto, pelo menos no Ocidente. Não existem em nossa cultura templos pagãos onde animais são sacrificados aos ídolos, nem existem açougues onde poderíamos comprar comida que tenha sido usada em cultos idólatras. No entanto, pelo menos, permanecem dois princípios, que foram estabelecidos por Paulo e que são relevantes para os cristãos em todas as culturas hoje. O primeiro é que a consciência é sagrada. Na verdade, ela precisa ser educada. Mas, mesmo quando é fraca, ela não deve ser violada. A “objeção da consciência” não apenas em relação ao serviço militar, mas também em outras situações, é permitida naqueles países que tiveram uma influência cristã. Segundo, o amor limita a liberdade. Paulo tinha liberdade de consciência para comer, mas negou a si mesmo essa liberdade por amor e consideração àqueles que ficariam ofendidos se ele comesse. Esses dois princípios podem ser aplicados em diversos contextos culturais hoje.

Meu terceiro exemplo é o mais controverso. Diz respeito à posição e ao papel das mulheres. Livros inteiros têm sido escritos sobre esse assunto. Espero aqui apenas considerar até que ponto a transposição cultural pode ser adequada e útil nessa área. Estamos familiarizados com as proibições de Paulo no sentido de que não se deve permitir que a mulher “ensine, nem que tenha autoridade sobre um homem”,²¹ e também com suas ordens no

sentido de que as mulheres devem usar véu e permanecer em silêncio no culto público.²² A questão que esses textos levantam é esta: será que todas essas instruções têm validade permanente e universal? Ou elas contêm alguns elementos culturais que nos permitiriam um pouco de flexibilidade na interpretação e que podem precisar de transposição para nossa própria cultura? Minha resposta exige primeiro fazer duas afirmações e, em seguida, outras duas perguntas.

A primeira afirmação é que os sexos são iguais. Isso é ensinado em Gênesis 1.26-28. Homens e mulheres são, de igual modo, portadores da imagem divina e participantes do domínio terreno. Além disso, se eles são iguais pela criação, são ainda mais iguais (se é que isso é possível) pela redenção. Pois em Jesus Cristo “não há [...] homem nem mulher”.²³ Somos absolutamente iguais em valor, dignidade e relação com Deus. A segunda afirmação é que os sexos se complementam. Isso é ensinado em Gênesis 2.18-24. Igualdade não significa identidade. Nem implica necessariamente papéis que sejam completamente intercambiáveis. Além disso, dentro dessa complementaridade, Paulo afirmou o princípio de que o homem é “o cabeça”. Ele deduziu isso a partir dos fatos da criação em Gênesis 2, ou seja, que a mulher foi feita depois do homem, a partir dele e para ele. É evidente que ele não via nenhum conflito entre isso e Gálatas 3.28. Eu mesmo não me sinto na liberdade de discordar do apóstolo Paulo nem de descartar seu ensino por considerá-lo rabínico, cultural ou equivocado. Pelo contrário, ele o fundamenta na criação, e o que a criação estabeleceu, nenhuma cultura pode destruir.

Das duas afirmações chego às duas perguntas. Primeiro, o que significa “ser cabeça”? Não acho que encontraremos a resposta na etimologia da palavra grega *kephalē*, “cabeça”, nem em seu uso no grego secular, em que ela às vezes pode significar “fonte”. O significado de uma palavra na Escritura é

menos determinado por sua origem ou seu uso em algum outro lugar do que por seu uso no contexto bíblico. Diante disso, o texto de Efésios 5.21-32 vem em nosso auxílio, uma vez que Paulo usa “cabeça” para transmitir a ideia de responsabilidade, em vez de autoridade. Ele argumenta que o papel do marido como cabeça (e, portanto, talvez o homem como cabeça em geral) deve estar baseado tanto no papel de Cristo como cabeça da Igreja (o que o levou a entregar-se a si mesmo por ela) como em nossa relação com nosso próprio corpo (o que nos leva a alimentá-lo e a cuidar dele). Em ambos os casos, “ser cabeça” significa sacrifício e serviço. É a liderança do cuidado, não do controle. Seu propósito não é inibir, muito menos esmagar, mas facilitar. O marido deve criar condições de amor e segurança em que a mulher seja livre para ser ela mesma e desenvolver-se a si mesma.

Segundo, como se aplica o papel de ser “o cabeça”? Será que ele proíbe a ordenação ou outras formas de ministério? Em 1 Coríntios 11, Paulo exige que as mulheres usem véu no culto público e se refere ao véu como um símbolo de autoridade, o que ele era naquela época. E ainda é em algumas culturas, mas não no Ocidente. Usar chapéu na igreja é um bom exemplo de má transposição, pois os chapéus das mulheres ocidentais, em geral, simbolizam liberação em vez de submissão!

E quanto à exigência de silêncio? Eu acredito que os comentaristas não perceberam bem que Paulo traça um duplo contraste quando escreve: “A mulher deve aprender em silêncio, com toda a sujeição. Não permito que a mulher ensine, nem que tenha autoridade sobre o homem. Esteja, porém, em silêncio”.²⁴ O primeiro contraste é entre autoridade e sujeição. Isso parece ser permanente por ser criacional. O segundo contraste é entre ensino e silêncio. É possível que, no primeiro século, o silêncio, assim como o véu, fosse um símbolo cultural de submissão à liderança masculina, o que não é necessariamente obrigatório hoje?

É certo que a situação mudou consideravelmente. Em muitas culturas hoje, as mulheres têm tanta instrução quanto os homens. E o ofício do ensino hoje, agora que o cânone do Novo Testamento foi encerrado, é muito menos dominado por homens. Então, supondo (eu me pergunto) que uma mulher fosse ensinar homens sob a autoridade da Escritura (não reivindicando uma autoridade própria), em um espírito de mansidão e humildade (não agindo com arrogância), e como membro de uma equipe pastoral cujo líder fosse um homem – essas três condições poderiam capacitá-la a ensinar a homens sem exercer sobre eles uma autoridade indevida e sem infringir o princípio da liderança masculina? Seria um exemplo legítimo de transposição cultural?

Minha resposta provisória às minhas próprias perguntas é esta: “Sim, acho que sim”. Eu sei que para algumas pessoas isso pode não parecer nada além de uma teoria irrelevante, uma vez que em várias denominações e em muitas partes do mundo a ordenação de mulheres já é uma realidade. Mas, pelo menos, espero que esteja claro o que venho tentando fazer. Ou seja, identificar e preservar a essência da revelação de Deus (neste caso, a relação criacional dos sexos), enquanto, ao mesmo tempo, procuro discernir símbolos culturais contemporâneos apropriados para expressá-la.

Concluo este capítulo um tanto longo com duas palavras de reafirmação sobre a prática da transposição cultural.

Primeiro, a transposição cultural é apropriada apenas quando o texto bíblico contém dois níveis de discurso: primeiro, o ensino doutrinário ou ético e, segundo, sua expressão cultural ou social; primeiro (por exemplo) o mandamento de amar e de servir uns aos outros e, segundo, o lava-pés. A transposição cultural é impossível quando há apenas um nível de discurso. Portanto, ela não pode ser usada para justificar a rejeição daquilo que a Escritura ensina, proíbe ou ordena.

Tomemos como exemplo a tentativa de justificar parceiros homossexuais declarando que as proibições bíblicas são culturalmente condicionadas. O raciocínio desenvolvido por alguns pensadores liberais segue esta linha: “Admitimos que algumas formas de comportamento homossexual foram proibidas por Moisés no Antigo Testamento e por Paulo no Novo. Mas eles estavam se referindo a práticas culturais em particular. Em Levítico, eles se referiam ao ritual da prostituição, que fazia parte da antiga religião da fertilidade dos cananeus, e, nas cartas de Paulo, ao comportamento sexual promíscuo, junto com a corrupção dos jovens. Eles não estavam se referindo a relacionamentos de ternura, amor e fidelidade entre dois homens adultos ou entre duas mulheres adultas. Além disso, Moisés e Paulo tinham uma compreensão muito limitada acerca da psicosssexualidade humana. Sabemos muito mais do que eles. Então, uma vez que diziam respeito a tabus culturalmente específicos, as proibições bíblicas são irrelevantes para nós e não podem ser usadas para proibir uma parceria homossexual comprometida que equivale a um casamento heterossexual”.

Mas esse é um raciocínio enganoso, que precisa ser firmemente rejeitado. A razão para as proibições bíblicas com relação à conduta homossexual não era cultural, mas criacional. Elas surgiram da definição bíblica de casamento, que foi endossada pessoalmente por Jesus Cristo: “Por essa razão, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e eles se tornarão uma só carne”.²⁵ Em outras palavras, o único tipo de casamento ou parceria sexual proposto pela Escritura é a monogamia heterossexual, que é também o único contexto dado por Deus para a experiência de tornar-se “uma só carne”. Portanto, o que limita a relação sexual ao casamento heterossexual e a proíbe em todos os outros relacionamentos não é a cultura, mas a criação. Nenhuma tentativa de transposição cultural seria legítima aqui.

Segundo, transposição cultural não significa cair no abismo liberal. Ela não é uma maneira conveniente e respeitável de se esquivar de passagens complicadas da Escritura, declarando que elas são culturalmente relativas. Não é uma maneira sofisticada de rejeitar a autoridade bíblica. Não. Se optamos pela rejeição total, certamente não podemos obedecer à Palavra de Deus. Se, em vez disso, aceitamos a posição de um literalismo rígido, nossa obediência se torna artificial e mecânica. Somente quando transpomos o ensino da Escritura para uma roupagem cultural moderna é que nossa obediência se torna contemporânea. O propósito da transposição cultural não é a desobediência, mas a obediência significativa.



PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

por Tim Chester

1. Pense em uma passagem da Escritura que você leu ou ouviu em uma pregação há pouco tempo. O que implicaria “distanciar-se” do texto para evitar a aplicação precoce? O que, então, implicaria “entrar” com empatia no texto em seu contexto original?
2. Quais foram suas experiências ao ver sua cultura de maneira nova, a partir da perspectiva de outra cultura?
3. Stott sugere que nossa cultura tem cegado muitos cristãos evangélicos do Ocidente para o desafio da fome global e do armamento indiscriminado. Você concorda? Quais você acha que poderiam ser nossas manchas culturais?
4. O que devemos fazer para evitar a leitura ou a aplicação equivocada da Bíblia uma vez que a lemos a partir da perspectiva de nossos pressupostos culturais?

5. Stott diz que há três respostas àquelas partes da Bíblia em que a verdade é expressa de maneiras culturalmente específicas: (1) rejeição total; (2) literalismo rígido e (3) a forma fiel de transposição cultural. Você consegue pensar em exemplos de situações em que algumas pessoas optaram pela rejeição total ou pelo literalismo rígido?
6. Veja Deuteronômio 22.8, Romanos 16.16, Gálatas 5.2 e Colossenses 3.22. Em cada caso, o que implicariam a rejeição total, o literalismo rígido e a transposição cultural?

EXPONDO A PALAVRA

ESTE CAPÍTULO fala sobre pregação e, ao iniciá-lo, estou ciente da necessidade de apresentar três pontos preliminares.

O primeiro é pessoal. Há algo fundamentalmente anormal em um pregador ter a pretensão de pregar sobre o tema da pregação para outros pregadores. Afinal, o que eu sei que você não sabe? Todos nós temos pregado, lido e ouvido sermões *ad nauseam* [à exaustão]. Certamente não alego ter um *know-how* particular. Muitas vezes, ainda no púlpito, sou tomado por um sentimento de frustração no tocante à comunicação. Raras vezes, se é que houve alguma, desço do púlpito sem sentir a necessidade de confessar meu relativo fracasso e orar pedindo graça para fazer melhor na próxima vez. Assim, eu espero que isso nos coloque no mesmo nível. Todos estamos lutando neste ministério privilegiado, mas problemático.

O segundo ponto é social. Diz respeito à decepção, em geral, com a pregação. Ela é amplamente considerada um anacronismo, um meio de comunicação obsoleto, uma forma de arte morta, “uma relíquia sagrada, uma coisa estranha de pele enrugada e ossos secos, guardada em um relicário de lembranças carinhosas, ainda que incrustada com as joias da glória do passado”.¹ Quem é que ainda deseja ouvir sermões? As pessoas estão dopadas pela televisão e pela Internet, hostis à autoridade, cansadas e desconfiadas das palavras. Quando o sermão começa, elas rapidamente se mostram impacientes, inquietas e entediadas. Não podemos presumir que elas desejam nos ouvir; temos de lutar para conseguir sua atenção.

Terceiro, e falando como pastor, devemos perseverar a despeito dos problemas já reconhecidos. Afinal, a saúde da Igreja depende disso. Se é verdade, como disse Jesus, endossando o texto de Deuteronômio, que “nem só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus”,² isso se aplica, de igual modo, às igrejas. As igrejas vivem, crescem e prosperam por meio da Palavra de Deus; sem ela, as igrejas murcham e definham. O banco da igreja não pode ser superior ao púlpito. Na verdade, o banco normalmente é um reflexo do púlpito. Essa é a lição da história. “Não é verdade”, questionou o doutor Martyn Lloyd-Jones, “que os períodos e eras decadentes na história da Igreja sempre foram aqueles em que a pregação decaiu?”³ Tenho certeza de que ele estava certo. De fato, podemos ver isso ilustrado no mundo hoje. Embora nos alegremos com as estatísticas de crescimento da Igreja, temos de admitir, com vergonha, que muitas vezes é um crescimento sem profundidade. Existe superficialidade em todos os lugares. E estou convencido, pelo que tenho observado, de que o baixo nível de vida cristã se deve, mais do que qualquer outra coisa, ao baixo nível da pregação cristã. Sim, é o Espírito Santo que renova a Igreja, mas a espada do Espírito é a Palavra de Deus.⁴ Parece-me que nada é mais importante para a vida e crescimento, saúde e profundidade da Igreja contemporânea do que o resgate da pregação séria da Bíblia.

Deixe-me desenvolver os argumentos em favor da pregação bíblica. Começo com uma definição direta com 25 palavras: “Pregar é expor o texto inspirado com tanta fidelidade e sensibilidade que a voz de Deus é ouvida e o povo de Deus lhe obedece”.

Essa definição de pregação contém seis implicações – duas convicções sobre o texto bíblico, duas obrigações em expô-lo e duas expectativas como resultado.

DUAS CONVICÇÕES

A primeira convicção sobre o texto bíblico é que ele se trata de um texto inspirado. “Pregar é expor o texto inspirado.” Uma visão sublime do texto bíblico – o reconhecimento de que ele é diferente de qualquer outro texto, único em sua origem, natureza e autoridade – é indispensável para uma pregação autêntica. Nada enfraquece mais a pregação do que o ceticismo acerca da Escritura. Sem desenvolver uma defesa muito extensa dessa declaração, espero que você me acompanhe na análise de três palavras que são indissociáveis em nossa doutrina da Escritura, a saber, “revelação”, “inspiração” e “providência”.

“Revelação” descreve a iniciativa que Deus tomou ao desvendar ou revelar a si mesmo. É uma palavra que conota humilhação. Pressupõe que, em sua perfeição infinita, Deus está totalmente fora do alcance de nossa mente finita. Nossa mente não pode penetrar a mente de Deus. Não temos a mínima capacidade de ler seus pensamentos. De fato, seus pensamentos são tão mais altos do que os nossos quanto os céus são mais altos do que a terra.⁵ Consequentemente, não saberíamos nada sobre Deus se ele não tivesse escolhido se dar a conhecer. Sem essa revelação, não seríamos cristãos, mas atenienses, e em todos os altares do mundo estaria escrito “Ao Deus desconhecido”.⁶ Mas acreditamos que Deus se revelou não apenas na glória e na ordem do universo criado, mas, de modo absoluto, em Jesus Cristo, sua Palavra encarnada, e também na Palavra escrita, que dá um testemunho abrangente e variado dele.

“Inspiração” descreve o meio que Deus escolheu para se revelar, ou seja, falando com os autores bíblicos e por intermédio deles. Como já observamos, não foi um processo de ditado, o que os teria rebaixado ao papel de máquinas, mas um processo dinâmico, que os tratou como pessoas

em posse ativa de suas faculdades mentais. Muitos dos autores bíblicos eram historiadores, e grande parte das Escrituras é história. Por isso, eles se envolveram em pesquisas e fizeram uso de diários, registros e arquivos. Eles também eram teólogos, cada um com uma ênfase doutrinária distinta, e escritores, cada um com seu gênero literário, estilo e vocabulário próprios. Esses fenômenos de pesquisa histórica, interesse teológico e composição literária não se tornaram incompatíveis com o processo de inspiração nem o abafaram. Deus falou por meio deles de tal maneira que as palavras proferidas eram, simultânea e igualmente, suas e deles. Essa é a dupla autoria da Escritura sobre a qual refletimos no capítulo 1.

A terceira palavra é “providência”. Trata-se da presciência e provisão amorosas de Deus pelas quais ele cuidou para que as palavras que ele havia dito

- fossem escritas de maneira que formassem o que chamamos de “Escritura”;
- fossem preservadas ao longo dos séculos para estarem à disposição de todas as pessoas, em todos os lugares e em todos os tempos, para salvação e enriquecimento delas.

A Escritura é, portanto, “a palavra de Deus escrita”,⁷ sua autorrevelação falada e escrita, o produto de sua revelação, inspiração e providência. Essa primeira convicção é indispensável aos pregadores. Se Deus não tivesse falado, não ousaríamos falar, pois nada teríamos a dizer, exceto nossas próprias especulações que já estão surradas. Contudo, uma vez que Deus falou, nós também devemos falar, comunicando aos outros o que ele comunicou na Escritura. Na verdade, nós nos recusamos a permanecer em silêncio! Como disse Amós, “o Senhor, o Soberano, falou, quem não

profetizará?”⁸ ou passará adiante sua Palavra. Da mesma forma, Paulo escreveu, citando o Salmo 116: “Cri, por isso falei”.⁹ Em outras palavras, falamos porque cremos no que Deus falou.

Tenho pena do pregador que sobe ao púlpito sem a Bíblia nas mãos ou com uma Bíblia caindo aos pedaços que nem parece ser a Palavra de Deus. Ele não é capaz de expor a Escritura, porque não tem nenhuma Escritura para expor. Não pode falar, porque não tem nada que valha a pena dizer. Mas, quando subimos ao púlpito com a confiança de que Deus falou, de que ele fez com que fosse escrito o que falou e de que temos esse texto inspirado em nossas mãos – ah! aí nossa cabeça começa a fervilhar; nosso coração, a bater; nosso sangue, a fluir, e nossos olhos, a brilhar com a glória absoluta de ter a Palavra de Deus em nossas mãos e em nossos lábios.

Nossa segunda convicção é a de que o texto inspirado é também um texto parcialmente oculto. Se pregar é “expor o texto inspirado”, então ele deve estar parcialmente oculto; do contrário, não precisaria ser exposto. E acho que já posso ver sua irritação como protestante se enchendo de indignação. “O que você quer dizer”, você me pergunta, “quando diz que a Escritura está parcialmente oculta? Você não acredita, como os reformadores do século 16, na ‘perspicuidade’ da Escritura (que ela possui uma característica de transparência ou ‘clareza’)? Será que mesmo as pessoas simples e sem instrução não conseguem entendê-la por si só? O Espírito Santo não é o mestre que Deus nos deu?” Sim, com certeza; obrigado por suas perguntas. Posso responder com um sonoro “sim” a todas elas. Mas o que você está dizendo, com razão, também precisa ser qualificado.

A insistência dos reformadores na perspicuidade da Escritura tinha a ver com sua mensagem central, ou seja, o evangelho da salvação pela fé no Cristo crucificado. Na Bíblia, isso é tão claro como o dia. Mas eles nunca afirmaram que tudo o que está nas Escrituras é igualmente claro. Como

poderiam fazer isso uma vez que Pedro escreveu que algumas coisas nas cartas de Paulo são “difíceis de entender”?¹⁰

Se um apóstolo nem sempre entendeu bem outro apóstolo, dificilmente seria simples para nós afirmar que não encontramos problema algum! Por conseguinte, a Igreja precisa de “pastores e mestres” para expor ou revelar as Escrituras, e o Cristo que ascendeu ao céu ainda concede esses dons à sua Igreja.¹¹

A história do eunuco etíope ilustra essa necessidade de mestres humanos. Enquanto ele estava sentado em sua carruagem lendo o texto de Isaías 53, Filipe lhe perguntou: “O senhor entende o que está lendo?”. Será que o etíope respondeu: “Ora, claro que sim. Você não acredita na perspicuidade da Escritura?”? Não, ele respondeu: “Como posso entender se alguém não me explicar?”.¹² João Calvino comenta justamente a humildade do etíope e a compara com a daqueles que, cheios de confiança em suas próprias capacidades, são orgulhosos demais para se submeterem ao ensino.

Aqui, então, está o argumento bíblico em favor da exposição bíblica. Ele consiste de duas convicções fundamentais, a saber, nas Escrituras, Deus nos deu um texto que é tanto inspirado (tendo uma origem e autoridade divinas) como, de certo modo, oculto (difícil de entender). Portanto, além do texto, ele dá à Igreja mestres para expor o texto, explicando-o e aplicando-o à vida das pessoas.

DUAS OBRIGAÇÕES

Minha definição de pregação agora passa de duas convicções sobre o texto bíblico para duas obrigações ao expô-lo. “Pregar é expor o texto inspirado com [...] fidelidade e sensibilidade [...]”. A principal razão pela qual o texto

bíblico é parcialmente oculto e difícil de entender é que existe um grande e profundo abismo cultural entre o mundo antigo em que Deus falou sua Palavra e o mundo moderno em que a ouvimos. É esse abismo cultural, do qual nos ocupamos no último capítulo, que também determina a tarefa do expositor bíblico e estabelece nossas duas principais obrigações, ou seja, fidelidade à Palavra antiga e sensibilidade ao mundo moderno.

Primeiro vem o chamado à fidelidade. Temos de aceitar a disciplina da exegese. Precisamos nos imaginar na condição dos autores bíblicos, considerar sua história, geografia, cultura e linguagem. Essa tarefa há muito tem sido agraciada com o nome de “exegese histórico-gramatical”. Negligenciar essa disciplina, ou realizá-la de maneira indiferente ou displicente, é indesculpável. Isso expressaria desprezo pela maneira como Deus escolheu falar. Com esse cuidado escrupuloso, consciente e meticuloso, nós mesmos deveríamos estudar e expor aos outros as próprias palavras do Deus vivo!

Além disso, o pior equívoco que podemos cometer é voltar nossos pensamentos do século 21 para a mente dos autores bíblicos (o que é “exegese”), manipular o que eles escreveram a fim de adaptá-lo ao que queremos que eles digam e, então, reivindicar que eles apoiem nossas opiniões.

João Calvino, séculos à frente de seu tempo, entendeu muito bem esse princípio. “A primeira coisa que um intérprete faz”, escreveu ele, “é deixar o autor dizer o que ele está dizendo, em vez de atribuir-lhe o que achamos que ele deveria dizer.”¹³ Cerca de trezentos anos mais tarde, Charles Simeon de Cambridge expôs o mesmo princípio em uma carta ao seu editor: “Meu esforço é extrair da Escritura o que nela está, e não inserir nela o que eu acho que deveria estar.”¹⁴ Em nossos dias, precisamos urgentemente de integridade e de coragem para agir de acordo com esta regra básica: dar aos

autores bíblicos a liberdade de dizer o que eles dizem, por mais retrógrado e impopular que seja seu ensino.

Segundo, a pregação bíblica exige sensibilidade para com o mundo moderno. Embora tenha falado ao mundo antigo utilizando as próprias línguas e culturas de tal mundo, Deus intenta que sua Palavra seja anunciada a todos. Isso significa que o expositor é mais do que um exegeta. O exegeta explica o significado original do texto; o expositor vai além e o aplica ao mundo contemporâneo. Temos, então, de nos esforçar para entender o mundo em rápida mudança no qual Deus nos chamou para viver. Devemos compreender os principais movimentos de pensamento que o têm moldado. Devemos ouvir suas muitas vozes discordantes, suas perguntas, seus protestos e seus gritos de dor. Devemos sentir uma parcela de sua desorientação e desespero. Pois tudo isso faz parte de nossa sensibilidade cristã.

Aqui estão as duas obrigações que o chamado à pregação impõe aos expositores bíblicos: fidelidade (à Palavra) e sensibilidade (ao mundo). Não devemos distorcer a Palavra para assegurar uma falsa relevância, nem ignorar o mundo para assegurar uma falsa fidelidade. Não devemos cumprir nenhuma das obrigações às custas da outra. É a combinação de fidelidade e sensibilidade que torna o pregador autêntico. E, uma vez que isso é difícil, também se torna raro. A falha característica de pregadores conservadores é serem bíblicos, mas não contemporâneos. A falha característica de pregadores liberais é serem contemporâneos, mas não bíblicos. São poucos os pregadores que conseguem ser as duas coisas ao mesmo tempo.

Na prática, quando estudamos o texto sagrado, precisamos fazer-nos duas perguntas distintas, e fazê-las na ordem correta. A primeira é: “O que significou o texto?”, e a segunda: “O que o texto diz?”. Ao propormos essas duas perguntas, nossa preocupação começa com o significado original do

texto, quando foi falado ou escrito pela primeira vez, e, em seguida, passa para sua mensagem contemporânea, como ela se dirige às pessoas hoje. Não devemos confundir estas duas perguntas, nem colocá-las na ordem errada, nem fazer uma delas sem também considerar a outra.

A primeira pergunta – “o que significou o texto?” – também poderia ser feita desta forma: “O que ele *realmente* significa?”, uma vez que o significado real de um texto não muda. Ainda significa hoje o que significou quando foi escrito pela primeira vez. Em seu conhecido livro *Validity in Interpretation* [Validade na interpretação], o doutor E. D. Hirsch, ex-professor de inglês na Universidade da Virgínia, reafirma a “crença fundamentada de que um texto significa o que seu autor quis dizer”.¹⁵ Ele se queixa do “banimento do autor” dos textos legais, bíblicos e literários. O resultado é puro subjetivismo. Consequentemente, nos círculos jurídicos, “o significado de uma lei é aquilo que os juízes atuais entendem que seja”; na exegese bíblica de Bultmann, “o significado da Bíblia é uma nova revelação para cada geração que se sucede”; e, na teoria literária, um texto é “o que ele significa para nós hoje”.¹⁶ De fato, em alguns departamentos de literatura em universidades, afirma-se agora que “um texto é infinitamente interpretável”, porque “significa” coisas diferentes para pessoas diferentes. Mas esse é um uso enganoso das palavras “significar” e “significado”. O professor Hirsch insiste em dizer que é apenas o autor que determina o significado de um texto e que “banir o autor original como o fator determinante do significado” é “rejeitar o único princípio normativo convincente que poderia conferir validade a uma interpretação”.¹⁷ Assim, o “significado” de um texto é o que seu autor quis dizer com ele e, portanto, é permanente, enquanto sua “significância” está no modo como ele atinge pessoas diferentes e se relaciona com contextos diferentes, e, portanto, é variável.¹⁸ Há toda a diferença do mundo entre as afirmações “um texto significa o que ele

significa para mim”, de Bultmann, e “um texto significa o que seu autor quis dizer”, de E. D. Hirsch.

Portanto, devemos buscar e encontrar o significado de um texto em suas próprias palavras, nas palavras do autor, e não nos pensamentos e sentimentos do leitor. Como afirmou o professor David Wells, “o significado não deve ser encontrado acima do texto, por trás dele, além dele ou no intérprete. O significado deve ser encontrado *no texto*. É a linguagem do texto que determina o significado que Deus intenta que tenhamos”. Isso ocorre porque “palavras têm significados [...] Nenhuma linguagem permite que o significado flutue por aí livre das palavras usadas [...] Se as palavras e seu significado não forem reunidos na prática hermenêutica, só poderemos ter acesso à revelação em um sentido místico”.¹⁹

A segunda pergunta que devemos fazer acerca do texto é: “O que ele diz?”. Ou seja, uma vez que discernimos seu significado original (que é determinado por seu autor), precisamos em seguida refletir sobre sua mensagem contemporânea (como ela se aplica às pessoas hoje). É aqui que a sensibilidade espiritual entra em cena. Temos de desenvolver nossa familiaridade com o mundo moderno – seus pressupostos e preocupações, sua mentalidade e espírito, sua cultura volátil e padrões decadentes, seus valores, objetivos, dúvidas, medos, dores e esperanças, e não menos sua obsessão pelo eu, pelo amor e pela morte. Só então seremos capazes de discernir como a Palavra imutável fala a este mundo em transformação. Nada tem sido mais útil para mim nesse sentido do que o grupo de leitura de jovens profissionais que tem se reunido comigo em Londres, aproximadamente a cada seis semanas, durante os últimos vinte anos. Combinamos ao final de cada sessão um livro para ler ou um filme para assistir antes de nossa próxima reunião. Escolhemos principalmente livros e

filmes que expressem uma perspectiva não cristã. Então fazemos duas perguntas a nós mesmos:

1. Quais são as principais questões que isso levanta para os cristãos?
2. Como o evangelho se relaciona com as pessoas que pensam e vivem dessa forma?

Em outras palavras, aplicamos nossa segunda questão, “o que ele diz?”, ao texto bíblico.

Se compreendemos o significado original de um texto, sem lidarmos com sua mensagem contemporânea, nós nos prestamos ao papel de antiquários, alheios às realidades presentes do mundo moderno. Se, por outro lado, começamos com a aplicação contemporânea da mensagem do texto, sem primeiro aceitarmos a disciplina de descobrir seu significado original, nós nos prestamos ao papel de existencialistas, alheios às realidades passadas da revelação. Em vez disso, devemos fazer as duas perguntas, primeiro, sendo fiéis no sentido de trabalhar no significado do texto e, em seguida, sendo sensíveis no sentido de discernir sua mensagem para hoje. Além disso, não há atalhos. Resta-nos apenas o trabalho árduo do estudo, que consiste em procurar familiarizar-nos tanto com as Escrituras em sua plenitude quanto com o mundo moderno em toda a sua diversidade.

É, de fato, outro caso da disciplina de “dupla escuta”, à medida que ouvimos a Escritura com humildade e a modernidade de forma crítica, a fim de relacionarmos uma com a outra. Essa escuta é um requisito indispensável para a pregação.

O enviado especial do arcebispo da Cantuária, Terry Waite, negociou com sucesso a libertação de vários reféns no Oriente Médio. Por fim, ele mesmo foi levado cativo por um grupo libanês conhecido como Jihad Islâmico e

mantido refém por cinco anos. Em 18 de novembro de 1991, o dia em que ele foi finalmente libertado, pediram a uma das reféns cuja libertação ele havia negociado que fizesse um comentário. Jean Waddell, ex-missionária no Irã, respondeu: “Ele é um bom comunicador; ele ouve”.

DUAS EXPECTATIVAS

Após as duas convicções sobre a Escritura e as duas obrigações na exposição dela, seguem-se duas expectativas como consequência. Se de fato expusermos o texto inspirado com fidelidade e sensibilidade, o que podemos esperar que aconteça?

Primeiro, esperamos que a voz de Deus seja ouvida. Essa expectativa é fruto de nossa crença de que o Deus que falou no passado também fala no presente por meio daquilo que ele falou.

No entanto, essa expectativa – de que, por meio de sua antiga Palavra, Deus fale ao mundo moderno – está em uma situação muito difícil hoje. Como disse o doutor Langmead Casserley, um estudioso da Igreja Episcopal Norte-Americana, “nós inventamos uma maneira de ler a Palavra de Deus da qual nunca vem nenhuma palavra de Deus”. Quando chega o momento do sermão, as pessoas juntam as mãos e fecham os olhos com uma bela demonstração de piedade, e depois se recostam no banco para tirarem o cochilo habitual. E o pregador encoraja essa atitude com sua voz e jeito enfadonhos.

Como é diferente quando o pregador e as pessoas esperam que Deus fale! Toda a situação se transforma e fica emocionante. As pessoas levam a Bíblia para a igreja e, quando a abrem, sentam-se na beira do banco, esperando, ansiosas, o que o Senhor Deus tem para lhes dizer. É uma reconstituição da

cena ocorrida na casa do centurião Cornélio quando o apóstolo Pedro chegou. Cornélio disse-lhe: “Agora estamos todos aqui na presença de Deus, para ouvir tudo que o Senhor te mandou dizer-nos”.²⁰ Por que uma congregação cristã não pode ter o mesmo grau de expectativa hoje?

O próprio pregador pode encorajar essa atitude. Ele deve se preparar com cuidado, de tal forma que fique claramente esperando que Deus lhe dê uma mensagem. Ele ora com fervor antes de sair de casa, e ora mais uma vez no púlpito antes de pregar, para que Deus fale com seu povo. Ele lê e expõe seu texto com grande seriedade de propósito, sentindo profundamente aquilo sobre o que está falando. Então, quando termina e ora de novo, há um silêncio e uma solenidade na presença do Deus que falou.

Nossa segunda expectativa é que o povo de Deus lhe obedeça. A Palavra de Deus sempre exige uma resposta de obediência. Não devemos ser ouvintes esquecidos, mas praticantes obedientes da Palavra de Deus.²¹ Ao longo do Antigo Testamento, ouvimos o lamento divino: “Hoje, que vocês ouçam a minha voz!”.²² Deus continuou a enviar seus mensageiros ao seu povo: “Mas eles zombaram dos mensageiros de Deus, desprezaram as palavras dele e expuseram ao ridículo os seus profetas, até que a ira do Senhor se levantou contra o seu povo, e já não houve remédio”.²³

Como, então, as pessoas deveriam reagir? Que tipo de obediência é necessária? Nossa resposta é que a natureza da reação esperada é determinada pelo conteúdo da palavra exposta. O que *fazemos* em resposta à Palavra de Deus depende do que ele nos *diz* por meio dela. Consideremos alguns exemplos. Se, no texto exposto e por meio dele, Deus fala sobre si mesmo e sobre sua gloriosa grandeza, então respondemos humilhando-nos diante dele em adoração. Se, em vez disso, ele fala sobre nós, nossa desobediência, inconstância, rebelião e culpa, então respondemos com penitência e confissão. Se ele fala sobre Jesus Cristo, que morreu para levar

nossos pecados e ressuscitou dentre os mortos para provar isso, respondemos com fé, apossando-nos desse Salvador enviado do céu. Se ele fala sobre suas promessas, decidimos herdá-las; se fala sobre seus mandamentos, decidimos obedecer-lhes. Se Deus nos fala sobre o mundo, e sobre a gigantesca necessidade espiritual e material desse mundo, então surge dentro de nós sua compaixão, tanto para pregar o evangelho quanto para servir aos necessitados. Se, por outro lado, Deus nos fala por meio de sua Palavra sobre a futura vinda de Cristo e a glória por vir, então nossa esperança se acende e decidimos ser santos e viver ocupados até que ele venha.

O pregador que penetrou profundamente em seu texto, que separou e desenvolveu seu tema predominante e que foi, ele mesmo, movido por sua mensagem irá enfatizá-lo em sua conclusão e dar às pessoas a oportunidade de responder a ele, muitas vezes em oração silenciosa, à medida que cada pessoa é conduzida pelo Espírito Santo a uma obediência apropriada. É esta, então, a definição de pregação que lhes ofereço. Ela contém duas convicções (o texto bíblico é um texto inspirado, que, não obstante, precisa ser desvendado), duas obrigações (devemos expô-lo com fidelidade ao próprio texto e com sensibilidade ao contexto moderno) e duas expectativas (por meio da exposição e da aplicação da Palavra escrita, o próprio Deus falará e seu povo ouvirá sua voz e responderá a ele com obediência).

É um enorme privilégio ser um expositor bíblico – subir ao púlpito com a Palavra de Deus em nossas mãos e em nossa mente, com o Espírito de Deus em nosso coração e com o povo de Deus diante de nossos olhos, esperando ansiosamente que a voz de Deus seja ouvida e obedecida.



PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

por Tim Chester

1. O que torna a pregação (e o ato de ouvir a pregação) difícil em nossos dias? O que a torna vital?
2. Como você definiria pregação? Como sua definição corresponde à definição dada por Stott ou dela difere?
3. O que acontece se não tivermos as duas convicções de Stott: (1) a de que a Escritura é inspirada (tendo uma origem e autoridade divinas) e (2) a de que a Escritura está, de certo modo, oculta (difícil de entender)? Você já viu isso acontecer?
4. Stott afirma que devemos perguntar acerca do texto da Escritura: “O que ele significa?” e “O que ele diz?”, nesta ordem. O que acontece se fizermos uma pergunta sem considerar a outra? O que acontece se as fizermos na ordem errada? Você consegue pensar em exemplos dessas falhas?
5. Em que sentidos você está envolvido na “dupla escuta” para a qual Stott nos convida? O que mais você poderia fazer?
6. Stott diz que devemos esperar que a voz de Deus seja ouvida quando a Palavra dele é pregada. Como podemos fomentar essa expectativa em nosso próprio coração? E na vida de nossa igreja?

O AGORA E O AINDA NÃO

EU COMECEI na introdução com a tensão entre o “antes” (passado) e o “agora” (presente). E termino com outra tensão, entre o “agora” (presente) e o “ainda não” (futuro). Estas duas tensões estão juntas. Pois é em e por meio de Jesus Cristo que o passado, o presente e o futuro são trazidos para um relacionamento criativo. Os cristãos vivem no presente, mas o fazem em gratidão pelo passado e em antecipação ao futuro.

Ao concluir este livro, quero me focar no cristianismo bíblico equilibrado. O equilíbrio é um bem raro hoje em dia em quase todas as esferas, e não é diferente entre nós que buscamos seguir a Cristo.

Uma das características do diabo é que ele é um fanático e inimigo de todo senso comum, moderação e equilíbrio. Um de seus passatempos favoritos é desviar o equilíbrio dos cristãos. Se ele não pode nos levar a negar Cristo, ele nos fará distorcer Cristo. Como resultado, o cristianismo desequilibrado é generalizado, no qual enfatizamos demais um aspecto de uma verdade, ao mesmo tempo em que enfatizamos pouco outro aspecto.

Uma compreensão equilibrada da tensão entre o agora e ainda não seria muito benéfica para a unidade dos cristãos e especialmente para uma maior harmonia entre os cristãos evangélicos. Podemos concordar com os fundamentos doutrinários e éticos da fé. No entanto, parecemos constitucionalmente propensos a brigas e divisões, ou simplesmente a seguir nosso próprio caminho e construir nossos próprios impérios.

REINO VINDO E VINDOURO

É fundamental para o cristianismo do Novo Testamento a perspectiva de que estamos vivendo entre os tempos – entre a primeira e a segunda vinda de Cristo, entre o reino que veio e o reino que virá.

A base teológica para essa tensão pode ser encontrada no próprio ensinamento de Jesus sobre o reino de Deus. Todo mundo aceita que o reino teve grande destaque no ensino de Jesus e também que ele anunciou a vinda desse reino. No entanto, os estudiosos têm discordado sobre o tempo de sua chegada. Será que o reino já veio, pois Jesus o trouxe com ele? Ou o reino ainda virá no futuro, e temos de esperá-lo com expectativa? Ou será que a verdade está entre essas posições?

Albert Schweitzer é um exemplo de um estudioso que pensou que, de acordo com Jesus, o reino estava inteiramente no futuro. Como um profeta apocalíptico, Jesus ensinou (equivocadamente) que Deus estava prestes a intervir sobrenaturalmente e estabelecer o seu reino. As exigências radicais que ele fez aos seus discípulos foram uma “ética interina” à luz da chegada iminente do reino. A posição de Schweitzer é conhecida como escatologia “completa” ou “consistente”.

No extremo oposto estava C. H. Dodd, com sua crença de que a vinda do reino estava totalmente no passado (posição conhecida como escatologia “realizada”). Ele colocou uma forte ênfase em dois versículos cujos verbos no grego estão no tempo perfeito, ou seja, “O reino de Deus está próximo”¹ e “chegou a vocês o reino de Deus”.² Dodd concluiu que não há uma vinda futura do reino e que as passagens que falam disso não faziam parte do próprio ensinamento de Jesus.

No lugar dessas polaridades extremas, a maioria dos estudiosos tomou uma posição intermediária – que Jesus falou do reino como uma realidade

presente e uma expectativa futura.

Jesus ensinou claramente que o tempo do cumprimento havia chegado;³ que o “homem forte” estava agora amarrado e desarmado, permitindo a pilhagem de seus bens, como ficou evidente em seus exorcismos;⁴ que o reino já estava “dentro de” ou “entre” as pessoas;⁵ e que agora era possível “receber” ou “entrar” nele.⁶

No entanto, o reino também era uma expectativa futura. Não seria aperfeiçoado até o último dia. Então ele olhou para a frente até o fim e ensinou seus discípulos a fazê-lo também. Eles oravam: “Venha o teu reino”⁷ e “busquem em primeiro lugar”,⁸ dando prioridade à sua expansão. Às vezes, ele se referia também ao estado final de seus seguidores em termos de “entrar” no reino⁹ ou “receber” o reino.¹⁰

Uma maneira pela qual a Bíblia expressa a tensão entre o “agora” e o “ainda não” está na terminologia das duas “eras”. Do ponto de vista do Antigo Testamento, a história é dividida entre “esta presente era” e “os últimos dias”, ou seja, o reino da justiça a ser introduzido pelo Messias.¹¹ Essa estrutura simples de duas eras consecutivas, no entanto, foi decisivamente alterada pela vinda de Jesus. Pois ele trouxe a nova era e morreu por nós, a fim de nos livrar “desta presente era perversa”.¹² Como resultado, o Pai já “nos resgatou do domínio das trevas e nos transportou para o reino do seu Filho amado”.¹³ Até fomos ressuscitados da morte e assentados com Cristo no reino celestial.¹⁴

Ao mesmo tempo, a velha era persiste. Logo, as duas eras se sobrepõem. “As trevas estão se dissipando e já brilha a verdadeira luz.” Um dia a velha era será terminada (o que será “o fim desta era”),¹⁵ e a nova era, que foi introduzida com a primeira vinda de Cristo, será realizada na segunda. Enquanto isso, as duas eras continuam, e estamos presos nessa tensão entre elas. Somos convocados a “não nos amoldar ao padrão deste mundo”, mas

sim a nos transformar de acordo com a vontade de Deus e a viver coerentemente como filhos da luz.¹⁶

No entanto, a tensão permanece: já *fomos* salvos, mas um dia também *seremos* salvos.¹⁷ E já somos filhos adotivos de Deus, mas também estamos esperando nossa adoção.¹⁸ O cristão “já passou da morte para a vida”, mas a vida eterna ainda será recebida no futuro.¹⁹ Cristo já está reinando, embora seus inimigos ainda não se tenham tornado o estrado de seus pés.²⁰

Vivendo entre o presente e o futuro, a postura característica dos cristãos é descrita de formas variadas como ter esperança,²¹ esperar,²² aguardar com expectativa²³ e gemer,²⁴ enquanto esperamos tanto “ansiosamente”²⁵ como “pacientemente”.²⁶

A essência do período interino entre o “agora” e o “ainda não” é a presença do Espírito Santo no povo de Deus. Por um lado, o dom do Espírito é a bênção distintiva do reino de Deus e o principal sinal de que a nova era começou.²⁷ Por outro, porque a habitação do Espírito é apenas o início da herança do nosso reino, é também a garantia de que o resto um dia será nosso. O Novo Testamento usa três metáforas para ilustrar isso. O Espírito Santo é visto como “os primeiros frutos”, garantindo que virá a colheita completa,²⁸ a “garantia” ou a primeira parcela, sinalizando que o pagamento integral será feito,²⁹ e a degustação, prometendo que a festa completa um dia será desfrutada.³⁰

Aqui estão alguns exemplos da tensão entre o “agora” e o “ainda não”.

REVELAÇÃO, SANTIDADE E CURA

O primeiro exemplo está na *esfera intelectual*, ou na questão da *revelação*.

Afirmamos com alegre confiança que Deus se revelou aos homens, não só no universo criado, na nossa razão e na nossa consciência, mas também supremamente no seu Filho Jesus Cristo e no testemunho da Bíblia a respeito dele. Ousamos dizer que conhecemos a Deus, porque ele mesmo tomou a iniciativa de remover o véu, que de outra forma o esconderia de nós. Alegramo-nos muito porque a sua Palavra lança luz sobre o nosso caminho.³¹

Mas ainda não conhecemos a Deus como ele nos conhece. Nosso conhecimento é parcial porque sua revelação foi parcial. Ele revelou tudo o que pretende revelar e que considera ser para o nosso bem, mas não tudo o que há para revelar. Ainda restam muitos mistérios e, por isso, vivemos pela fé, não pela vista.³²

Devemos tomar a nossa posição ao lado daqueles autores bíblicos que, embora soubessem ser agentes da revelação divina, confessaram humildemente que o seu conhecimento permaneceu limitado. Mesmo Moisés, “a quem o Senhor conheceu face a face”, reconheceu: “Ó Soberano Senhor, tu começaste a mostrar ao teu servo a tua grandeza e a tua mão poderosa!”.³³ Então pense no apóstolo Paulo, que comparou seu conhecimento tanto aos pensamentos imaturos de uma criança quanto aos reflexos distorcidos de um espelho.³⁴

Assim, então, embora seja certo gloriar-se na doação e na finalidade da revelação de Deus, também é certo confessar a nossa ignorância a respeito de muitas coisas. Nós sabemos e não sabemos. “As coisas encobertas pertencem ao Senhor, o nosso Deus, mas as reveladas pertencem a nós e aos nossos filhos para sempre, para que sigamos todas as palavras desta lei.”³⁵ É muito importante manter esta distinção. Falando de modo pessoal, gostaria de ver mais ousadia na nossa proclamação daquilo que foi revelado e mais reserva sobre o que foi mantido em segredo. A concordância na verdade

claramente revelada é necessária para a unidade, mesmo quando damos liberdade uns aos outros em assuntos secundários. E a maneira de reconhecê-los é quando os cristãos que estão igualmente ansiosos para ser submissos às Escrituras, no entanto, chegam a conclusões diferentes sobre eles. Estou pensando, por exemplo, nas controvérsias sobre o batismo, governo da igreja, liturgia e cerimônias, dons espirituais e cumprimento das profecias.

A segunda tensão está na *esfera moral*, ou na questão da *santidade*.

Deus já colocou o seu Espírito Santo dentro de nós, a fim de nos tornar santos.³⁶ O Espírito Santo está ativamente trabalhando dentro de nós, subjugando nossa natureza humana caída e egoísta e fazendo com que seu fruto amadureça em nosso caráter.³⁷ Já, podemos afirmar que ele está nos transformando à imagem de Cristo.³⁸

Mas nossa natureza caída não foi erradicada, pois “a carne deseja o que é contrário ao Espírito”,³⁹ de modo que, “se afirmarmos que estamos sem pecado, enganamos a nós mesmos”.⁴⁰ Ainda não vivemos completamente de acordo com a perfeita vontade de Deus, porque ainda não amamos a Deus com todo o nosso ser, nem ao nosso próximo como a nós mesmos. Como Paulo colocou, ainda não somos perfeitos, mas continuamos em direção a esse objetivo, confiantes de que “aquele que começou boa obra em [nós], vai completá-la até o dia de Cristo Jesus”.⁴¹

Sendo assim, estamos presos em uma tensão dolorosa entre o “agora” e o “ainda não”, entre o desânimo por causa das nossas falhas contínuas e a promessa de liberdade final. Por um lado, devemos seguir com a maior seriedade a ordem de Deus: “Sejam santos porque eu [...] sou santo”;⁴² e também a instrução de Jesus: “Vá e não peque mais”.⁴³ Por outro lado, temos de reconhecer a realidade do pecado em nós convivendo com a realidade do

Espírito em nós.⁴⁴ A perfeição sem pecado pela qual ansiamos continua nos iludindo.

A terceira tensão entre o “já” e o “ainda não” está na *esfera física*, ou na questão da *cura*.

Afirmamos que o reino de Deus, há muito prometido, entrou na história com Jesus Cristo, que não se contentou apenas em proclamar o reino, mas continuou a demonstrar a sua chegada pelas coisas extraordinárias que fez. Seu poder era especialmente evidente no corpo humano: ele curou os doentes, expulsou os demônios e ressuscitou os mortos.

Ele também deu autoridade aos Doze e aos Setenta para ampliar sua missão em Israel e para realizar milagres. Quanto mais ele pretendia ampliar sua autoridade é um assunto em discussão. De um modo geral, os milagres e os sinais eram “as marcas de um apóstolo” verdadeiro.⁴⁵ No entanto, seria insensato tentar limitar ou domesticar Deus. Devemos permitir que ele use sua liberdade e sua soberania, estando inteiramente abertos à possibilidade de milagres físicos hoje.

Mas o reino de Deus ainda não chegou em toda a sua plenitude. Pois “o reino do mundo” ainda não “se tornou de nosso Senhor e do seu Cristo”, quando “ele reinará para todo o sempre”.⁴⁶ Em particular, nosso corpo ainda não foi redimido, e a natureza ainda não foi inteiramente submetida ao governo de Cristo.

Então nós temos de reconhecer a tensão entre o “já” e o “ainda não” também nessa esfera. Para ter certeza, nós experimentamos “os poderes da era que há de vir”,⁴⁷ mas até agora isso continua sendo apenas um gostinho. Parte da nossa experiência cristã é que a vida de ressurreição de Jesus é “revelada em nosso corpo”.⁴⁸ Ao mesmo tempo, nosso corpo permanece frágil e mortal. Reivindicar uma saúde perfeita agora seria antecipar nossa ressurreição. A ressurreição corporal de Jesus foi o penhor, e de fato o

começo, da nova criação de Deus. Mas Deus ainda não pronunciou a palavra decisiva: “Estou fazendo novas todas as coisas”.⁴⁹ Aqueles que descartam a própria possibilidade de milagres hoje se esquecem do “já” do reino, enquanto aqueles que os esperam como o que tem sido chamado de “vida cristã normal” esquecem que o reino “ainda não” é.

IGREJA E SOCIEDADE

Em quarto lugar, a mesma tensão é experimentada na *esfera eclesial*, ou a questão da *disciplina da igreja*.

Jesus, o Messias, reúne à sua volta um povo que lhe pertence, uma comunidade caracterizada pela verdade, pelo amor e pela santidade para a qual foi chamada. Mas Cristo ainda não apresentou sua noiva a si mesmo “como igreja gloriosa, sem mancha nem ruga ou coisa semelhante, mas santa e inculpável”.⁵⁰ Pelo contrário, a vida e o testemunho atuais da Igreja são marcados pelo erro, pela discórdia e pelo pecado.

Então, sempre que pensamos na Igreja, precisamos manter juntos o ideal e a realidade. A Igreja está comprometida com a verdade e propensa ao erro, unida e dividida, pura e impura. Não significa que temos de aceitar suas falhas. Devemos acalantar a visão tanto da pureza doutrinária e ética quanto da unidade visível da Igreja. Somos chamados a combater “o bom combate da fé”,⁵¹ e a fazer “todo o esforço para conservar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz”.⁵² E, na busca destas coisas, há lugar para disciplina em casos de heresia ou pecado grave.

Mesmo assim, o erro e o mal não vão ser erradicados completamente da Igreja neste mundo. Eles continuarão a coexistir com a verdade e a bondade. “Deixem que cresçam juntos até a colheita”, disse Jesus na parábola do trigo

e do joio.⁵³ Nem a Bíblia nem a história da Igreja justificam o uso de severas medidas disciplinares na tentativa de garantir uma Igreja perfeitamente pura neste mundo.

A quinta área de tensão entre o “agora” e o “antes”, o “já” e o “ainda não”, é a *esfera social*, ou a questão do *progresso*.

Afirmamos que Deus está trabalhando na sociedade humana. Isto, em parte, se deve à sua “graça comum”, ao dar ao mundo as bênçãos da família e do governo, pelos quais o mal é contido e os relacionamentos são ordenados. E é também por meio dos membros da sua comunidade redimida, que penetram na sociedade como sal e luz, fazendo a diferença ao impedir a decadência e dissipar as trevas.

Mas Deus ainda não criou os prometidos “novos céus e nova terra, onde habita a justiça”.⁵⁴ Ainda existem “guerras e rumores de guerras”.⁵⁵ As espadas ainda não foram forjadas em arados, nem as lanças em foices.⁵⁶ As nações ainda não renunciaram à guerra como um método para resolver suas disputas. O egoísmo, a crueldade e o medo continuam.

Portanto, embora seja correto fazer campanha pela justiça social e ter expectativas de que a sociedade melhore, sabemos que nunca poderemos torná-la perfeita. Embora conheçamos o poder transformador do evangelho e os efeitos benéficos do sal e da luz dos cristãos, também sabemos que o mal está enraizado na natureza humana e na sociedade humana. Somente Cristo em sua segunda vinda erradicará o mal e entronizará a justiça para sempre.

Aqui, então, estão cinco áreas (intelectual, moral, física, eclesiástica e social) nas quais é vital preservar a tensão entre o “já” e o “ainda não”.

TRÊS TIPOS DE CRISTÃO

Existem três tipos distintos de cristãos, de acordo com a extensão em que eles conseguem manter este equilíbrio bíblico.

Em primeiro lugar, há os “*cristãos já*”, que enfatizam o que Deus já nos deu em Cristo. Mas eles dão a impressão de que, em consequência, não há mais mistérios, não há pecados que não possam ser vencidos, não há doenças que não possam ser curadas nem males que não possam ser erradicados. Em suma, eles parecem acreditar que a perfeição pode ser alcançada agora.

Seus motivos são irrepreensíveis. Eles querem glorificar a Cristo – então eles se recusam a estabelecer limites para o que ele é capaz de fazer. Mas seu otimismo pode facilmente degenerar em presunção e acabar em desilusão. Eles se esquecem do “ainda não” do Novo Testamento e de que a perfeição aguarda a segunda vinda de Cristo.

Em segundo lugar, há os *cristãos “ainda* não”, que enfatizam a incompletude da obra de Cristo para o momento e aguardam ansiosamente o momento em que ele vai completar o que começou. Mas eles parecem estar preocupados com a nossa ignorância e fracasso humanos, o reinado penetrante de doença e da morte e a impossibilidade de garantir uma igreja pura ou uma sociedade perfeita.

Seu motivo também é excelente. Se os “cristãos já” querem glorificar a Cristo, os “cristãos ainda não” querem humilhar os pecadores. Eles estão determinados a ser fiéis à Bíblia para enfatizar nossa depravação humana. Mas seu pessimismo pode facilmente degenerar em complacência; ele também pode levar à aceitação do *status quo* e à apatia diante do mal. Eles se esquecem do que Cristo “já” fez por sua morte, ressurreição e envio do Espírito – e do que ele pode fazer em nossa vida e, como resultado, na Igreja e na sociedade.

Em terceiro lugar, existem os “*cristãos já/ainda não*”. Eles querem dar igual peso às duas vindas de Jesus. Por um lado, eles têm muita confiança no “já”, no que Deus disse e fez por meio de Cristo. Por outro lado, eles exibem uma humildade genuína diante do “ainda não”, humildade para confessar que o mundo vai permanecer caído e meio salvo até que Cristo aperfeiçoe em sua segunda vinda aquilo que ele começou na primeira vinda.

É essa combinação do “já” e do “ainda não” que caracteriza o evangelicalismo bíblico autêntico e que exemplifica o equilíbrio que é tão urgentemente necessário hoje.

Nossa posição como “cristãos contemporâneos” repousa com segurança sobre a pessoa de Jesus, cuja morte e ressurreição pertencem ao “já” do passado, e cuja gloriosa segunda vinda pertence ao “ainda não” do futuro. Como aclamamos em fé e triunfo:

Cristo morreu!

Cristo ressuscitou!

Cristo virá novamente!

NOTAS

PREFÁCIO

1. Apocalipse 1.8.↵
2. Hebreus 13.8↵

INTRODUÇÃO DA SÉRIE

1. Salmos 119.105; cf. 2 Pedro 1.19.↵
2. Bonhoeffer, Dietrich. Letters and Papers from Prison [Cartas e papéis da prisão]. SCM Press, 1971. p. 279.↵
3. Mateus 11.19.↵
4. Veja Pelikan, Jaroslav. Jesus Through the Centuries [Jesus através dos séculos]. Yale University Press, 1985. p. 182-193.↵
5. 2 Coríntios 11.4.↵
6. 2 Timóteo 1.15; cf. 4.11, 16.↵
7. Atos 26.25.↵
8. Ezequiel 2.6-7.↵

INTRODUÇÃO

1. Salmos 19.10↵

CAPÍTULO 1

1. 2 Tessalonicenses 2.15.↵
2. Hebreus 2.1.↵
3. 1 João 2.24.↵
4. 2 João 9.↵
5. Por exemplo, 1 Timóteo 6.20; 2 Timóteo 1.14.↵
6. Cf. Marcos 1.15; 1 Coríntios 10.11.↵
7. Por exemplo, Mateus 6.1-18.↵
8. Lewis, C. S. Surprised by Joy. Geoffrey Bles, 1955. p. 63. [Surpreendido pela alegria. São Paulo: Mundo Cristão, 1998.]↵
9. Bloom, Allan. The Closing of the American Mind [O fechamento da mente norte-americana]. Simon & Schuster, 1987. p. 41.↵
10. Cf. João 5.39; 20.31.↵
11. Allmen, J. J. von. Preaching and Congregation [Pregação e congregação]. Lutterworth, 1962. p. 24.↵
12. Por exemplo, Isaías 1.20 (ARC).↵
13. Por exemplo, Atos 3.18, 21 (ARC).↵
14. Hebreus 1.1.↵
15. 2 Pedro 1.21.↵
16. Packer, J. I. “Fundamentalism” and the Word of God [“Fundamentalismo” e a Palavra de Deus]. IVP, 1958. p. 81-82.↵
17. Cf. 2 Timóteo 2.7.↵
18. Filemom 9.↵
19. Salmos 90.10.↵

CAPÍTULO 2

1. Atos 17.23.↵
2. Marcos 12.30.↵
3. João 4.24.↵
4. Salmos 105.3.↵
5. Lucas 8.25; Marcos 11.22.↵
6. João 14.15.↵
7. João 14.21.↵
8. Hebreus 10.23.↵
9. Marcos 13.26; 14.62.↵
10. 2 Pedro 3.13.↵
11. Mateus 11.28-30.↵
12. 2 Coríntios 10.5.↵
13. Lucas 10.16.↵
14. João 17.20-23.↵
15. Efésios 4.3.↵
16. Op. Calv. XIV, p. 312-314, citado em Jean Cadier, The Man God Mastered [O homem que Deus dominou]. ET IVE, 1960. p. 172-173.↵
17. Efésios 2.20.↵
18. Por exemplo, Marcos 7.5-13.↵
19. Read, David H. C. Go and Make Disciples. Abingdon, 1978. p. 94-95.↵

CAPÍTULO 3

1. Thiselton, Anthony C. The Two Horizons: New Testament Hermeneutics and Philosophical Description with Special Reference to Heidegger, Bultmann, Gadamer and Wittgenstein [Os dois horizontes: a hermenêutica do Novo Testamento e a descrição filosófica com referência especial a Heidegger, Bultmann, Gadamer e Wittgenstein]. Paternoster, 1980. Dois ensaios mais curtos trouxeram esse debate ao alcance de mortais comuns, a saber: “Understanding God’s Word Today” [Compreendendo a Palavra de Deus hoje], do próprio Thiselton, em John Stott (ed.), Obeying Christ in a Changing World [Obedecendo a Cristo em um mundo em transformação], vol. I (Collins, 1977), p. 90-122, e “Infallible Scripture and the Role of Hermeneutics A Escritura infalível e o papel da hermenêutica], de J. I. Packer, em D. A. Carson e John D. Woodbridge (eds.), Scripture and Truth [Escritura e verdade] (Zondervan e IVP, 1983), p. 323-356.↵
2. Thiselton, A. C. The Two Horizons. p. 103.↵
3. Obeying Christ in a Changing World, vol. I. p. 118.↵
4. Thiselton, A. C. The Two Horizons. p. 326.↵
5. Veja, por exemplo, The Willowbank Report: Gospel and Culture [O relatório de Willowbank: evangelho e cultura]. Comitê de Lausanne para Evangelização Mundial, 1978. p. 10-11.↵
6. Salmos 119.18.↵
7. Isaías 42.18-19.↵
8. Romanos 12.2.↵
9. Sachs, Jeffrey. The End of Poverty. Penguin, 2011. [O fim da pobreza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.]↵
10. Extraído da resenha de um livro no jornal Church Times.↵
11. Veja The Willowbank Report: Gospel and Culture, especialmente o capítulo 5.↵

12. Veja Jones, E. Stanley. The Christ of the Indian Road [O Cristo da estrada indiana]. Hodder & Stoughton, 1926. Por exemplo, p. 186.↵
13. Versículo 3.↵
14. Versículos 4-5, 10.↵
15. Versículo 8.↵
16. Por exemplo, Salmos 74.14; Isaías 27.1.↵
17. Salmos 19.1-6.↵
18. João 13.14.↵
19. Paulo trata dessa questão com certa minúcia em Romanos 14 e 1 Coríntios 8.↵
20. 1 Coríntios 8.4-6.↵
21. 1 Timóteo 2.12.↵
22. 1 Coríntios 11.4-10; 14.34-35; 1 Timóteo 2.11-12.↵
23. Gálatas 3.28.↵
24. 1 Timóteo 2.11-12.↵
25. Gênesis 2.24, citado por Jesus em Marcos 10.7-9, com o adendo: “Portanto, o que Deus uniu, ninguém o separe”.↵

CAPÍTULO 4

1. Target, George. Words That Have Moved the World [Palavras que moveram o mundo]. Bishopsgate, 1987. p. 13.↵
2. Mateus 4.4; Deuteronômio 8.3.↵
3. Lloyd-Jones, D. Martyn. Preaching and Preachers. Hodder & Stoughton, 1971. p. 24. [Pregação e pregadores. São Paulo: Fiel, 4. ed., 1998.]↵

4. Efésios 6.17.↵
5. Isaías 55.9.↵
6. Atos 17.23.↵
7. Artigo XX dos Thirty-Nine Articles [39 artigos] (1563) da Igreja da Inglaterra.↵
8. Amós 3.8.↵
9. 2 Coríntios 4.13; Salmos 116.10.↵
10. 2 Pedro 3.16.↵
11. Efésios 4.11.↵
12. Atos 8.26-39.↵
13. Citado por F. W. Farrer em seu History of Interpretation [História da interpretação], the 1885 Bampton Lectures. Macmillan, 1886. p. 347.↵
14. Citado por Hugh Evan Hopkins em Charles Simeon of Cambridge [Charles Simeon de Cambridge]. Hodder & Stoughton, 1977. p. 57.↵
15. Hirsch, E. D. Validity in Interpretation. Yale University Press, 1967. p. 1.↵
16. Ibid., p. viii.↵
17. Ibid., p. 5.↵
18. Ibid., p. 8, 255. Cf. também Hirsch, E. D. The Aims of Interpretation [Os objetivos da interpretação]. University of Chicago Press, 1976. p. 2-3, 79.↵
19. Extraído do ensaio de David Wells, “Word and World” [Palavra e Mundo], em Kenneth S. Kantzer e Carl F. H. Henry (eds.), Evangelical Affirmations [Afirmações evangélicas] (Zondervan, 1990), p. 161-162.↵
20. Atos 10.33.↵
21. Tiago 1.22-25.↵

22. Por exemplo, Salmos 95.7-10.↵

23. 2 Crônicas 36.16.↵

CONCLUSÃO

1. Marcos 1.15, como ele traduz êngiken.↵

2. Mateus 12.28, ephthasen.↵

3. Por exemplo, Marcos 1.14-15; Mateus 13.16-17.↵

4. Mateus 12.28-29; cf. Lucas 10.17-18.↵

5. Lucas 17.20-21.↵

6. Por exemplo, Marcos 10.15.↵

7. Mateus 6.10.↵

8. Mateus 6.33.↵

9. Marcos 9.47; cf. Mateus 8.11.↵

10. Mateus 25.34.↵

11. Por exemplo, Isaías 2.2; Mateus 12.32; Marcos 10.30.↵

12. Gálatas 1.4.↵

13. Colossenses 1.13; cf. Atos 26.18; 1 Pedro 2.9.↵

14. Efésios 2.6; Colossenses 3.1.↵

15. Por exemplo, Mateus 13.39; 28.20.↵

16. Romanos 12.2; 13.11-14; 1 Tessalonicenses 5.4-8.↵

17. Romanos 8.24; 5.9-10; 13.11.↵

18. Romanos 8.15, 23.↵

19. João 5.24; 11.25-26; Romanos 8.10-11.↵

20. Salmos 110.1; Efésios 1.22; Hebreus 2.8.↵

21. Romanos 8.24.↵

22. Filipenses 3.20-21; 1 Tessalonicenses 1.9-10.↵
23. Romanos 8.19.↵
24. Romanos 8.22-23, 26; 2 Coríntios 5.2, 4.↵
25. Romanos 8.23; 1 Coríntios 1.7.↵
26. Romanos 8.25.↵
27. Por exemplo, Isaías 32.15; 44.3; Ezequiel 39.29; Joel 2.28; Marcos 1.8; Hebreus 6.4-5.↵
28. Romanos 8.23.↵
29. 2 Coríntios 5.5; Efésios 1.14.↵
30. Hebreus 6.4-5.↵
31. Salmos 119.105.↵
32. 2 Coríntios 5.7.↵
33. Deuteronomio 34.10; cf. Números 12.8; Deuteronomio 3.24.↵
34. 1 Coríntios 13.9-12.↵
35. Deuteronomio 29.29.↵
36. 1 Tessalonicenses 4.7-8.↵
37. Gálatas 5.16-26.↵
38. 2 Coríntios 3.18.↵
39. Gálatas 5.17.↵
40. 1 João 1.8.↵
41. Filipenses 3.12-14; 1.6.↵
42. Por exemplo, Levítico 19.2.↵
43. João 8.11 (NAA).↵
44. Por exemplo, Romanos 7.17, 20; 8.9, 11.↵
45. 2 Coríntios 12.12.↵
46. Apocalipse 11.15.↵
47. Hebreus 6.5.↵

48. 2 Coríntios 4.10-11.↵

49. Apocalipse 21.5.↵

50. Efésios 5.27; cf. Apocalipse 21.2.↵

51. 1 Timóteo 6.12.↵

52. Efésios 4.3.↵

53. Mateus 13.30.↵

54. 2 Pedro 3.13; Apocalipse 21.1.↵

55. Marcos 13.7.↵

56. Isaías 2.4.↵

A BÍBLIA

Categoria: Apologética / Estudo Bíblico / Vida Cristã

Copyright © John Stott com Tim Chester, 2019. Todos os direitos reservados.

Publicado originalmente em 2019, por InterVarsity Press, Londres, Inglaterra.

Título original em inglês: *The Bible*

Publicado como o terceiro volume da série “O Cristão Contemporâneo”. Organizado por Tim Chester a partir do livro *The Contemporary Christian* (1992), de John Stott.

Primeira edição: Julho de 2021

Coordenação editorial: Bernadete Ribeiro

Tradução: Valéria Lamim Delgado Fernandes

Revisão: Natália Superbi

Diagramação: Bruno Menezes

Capa: Rafael Brum

Produção do arquivo ePub: Booknando

A menos que indicado de outra forma, os textos bíblicos foram retirados da Nova Versão Internacional, da Sociedade Bíblica Internacional.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Lumos Assessoria Editorial

Bibliotecária: Priscila Pena Machado CRB-7/6971

S888

Stott, John.

A Bíblia : um livro como nenhum outro [recurso eletrônico] / John Stott e Tim Chester ; tradução Valéria Lamim Delgado Fernandes. — Viçosa : Ultimato, 2021.

Dados eletrônicos (e-Pub). — (O Cristão Contemporâneo ; 3) 340 p.

Título original: *The Bible: a book like no other*

ISBN 978-65-86173-22-2

1. Bíblia - Crítica, interpretação, etc. 2. Vida cristã. 3. Bíblia - Estudos bíblicos. I. Chester, Tim. II. Fernandes, Valéria Lamim Delgado. III. Título. IV. Série.

CDU 82.1(811.3)

PUBLICADO NO BRASIL COM TODOS OS DIREITOS RESERVADOS POR:

EDITORA ULTIMATO LTDA

Caixa Postal 43

36570-970 Viçosa, MG

Telefone: 31 3611-8500

www.ultimato.com.br



facebook.com/editora.ultimato



twitter.com/ultimato



instagram.com/editoraultimato

• ORGANIZADO POR TIM CHESTER •



A IGREJA

UMA COMUNIDADE
SINGULAR DE PESSOAS

JOHN STOTT



A IGREJA

JOHN STOTT

• ORGANIZADO POR **TIM CHESTER** •



A IGREJA

UMA COMUNIDADE **SINGULAR DE PESSOAS**

TRADUZIDO POR **MEIRE PORTES SANTOS**



Sumário

Capa

Folha de rosto

Prefácio

Uma nota ao leitor

Introdução da série “O Cristão Contemporâneo”

Introdução

1. Desafios seculares à igreja

2. Evangelismo por meio da igreja local

3. Dimensões da renovação da igreja

4. Os pastores da igreja

Conclusão

Notas

Crieditos

PREFÁCIO

SER “CONTEMPORÂNEO” é viver no presente e mover-se com os tempos sem se preocupar demais com o passado ou o futuro.

Ser um “cristão contemporâneo”, porém, é viver num presente que é enriquecido pelo nosso conhecimento do passado e pela nossa expectativa do futuro. Nossa fé cristã exige isso. Por quê? Porque o Deus em quem confiamos e que adoramos é “o Alfa e o Ômega... o que é, o que era e que há de vir, o Todo-poderoso”,¹ enquanto o Jesus Cristo que seguimos é “o mesmo, ontem, hoje e para sempre”.²

Assim, este livro e esta série falam de como os cristãos lidam com o tempo – como podemos unir o passado, o presente e o futuro em nosso pensar e viver. Temos diante de nós dois desafios principais. O primeiro é a tensão entre o “antes” (passado) e o “agora” (presente), e o segundo é a tensão entre o “agora” (presente) e o “ainda não” (futuro).

A introdução aborda o primeiro problema. É possível honrarmos verdadeiramente o passado e, ao mesmo tempo, vivermos no presente? Podemos preservar intacta a identidade histórica do cristianismo sem nos isolar daqueles que estão ao nosso redor? Podemos comunicar o evangelho de maneiras vibrantes e modernas, mas sem distorcê-lo ou até mesmo destruí-lo? Podemos ser autênticos e puros ao mesmo tempo, ou temos de escolher?

A conclusão aborda o segundo problema: a tensão entre o “agora” e o “ainda não”. Até onde podemos explorar e experimentar tudo o que Deus tem dito e feito por meio de Cristo sem nos desviar para o que ainda não foi revelado ou dado? Como podemos desenvolver um senso adequado de

humildade sobre um futuro que ainda vai se revelar sem nos tornarmos acomodados sobre onde estamos no presente?

Em meio a essas questões sobre as influências do passado e do futuro surge uma investigação sobre as nossas responsabilidades cristãs no presente.

Esta série trata de questões de doutrina e discipulado sob os cinco títulos: “O Evangelho”, “O Discípulo”, “A Bíblia”, “A Igreja” (o livro que você tem em mãos) e “O Mundo”, embora eu não faça tentativa alguma de ser sistemático nem, muito menos, exaustivo.

Além da questão do tempo e das relações entre passado, presente e futuro, há um segundo tema que percorre esta série: a necessidade de falarmos menos e escutarmos mais.

Creio que somos chamados à difícil e até dolorosa tarefa da “dupla escuta”. Devemos escutar com atenção (embora, naturalmente, com diferentes graus de respeito) tanto a Palavra antiga como o mundo moderno, a fim de relacionar um ao outro com uma combinação de fidelidade e sensibilidade.

Cada livro desta série é uma tentativa de dupla escuta. É minha firme convicção que, se conseguirmos desenvolver a nossa capacidade de dupla escuta, evitaremos as armadilhas antagônicas da infidelidade e da irrelevância, e seremos verdadeiramente capazes de falar a Palavra de Deus ao mundo de Deus hoje de maneira eficaz.

ADAPTADO DO PREFÁCIO ORIGINAL ESCRITO POR JOHN STOTT EM 1991.

UMA NOTA AO LEITOR

O LIVRO ORIGINAL intitulado *O Cristão Contemporâneo*, no qual este volume e esta série estão baseados, pode não parecer “contemporâneo” para os leitores de hoje, mais de um quarto de século depois. Mas tanto a editora quanto os Executores Literários de John Stott estão convencidos de que as questões abordadas por John Stott neste livro são tão relevantes hoje como eram quando foram abordadas pela primeira vez.

A questão era como tornar esta obra seminal acessível para as novas gerações de leitores. Assim, procuramos fazer isso da seguinte maneira:

- A obra original foi dividida em uma série de volumes menores, levando em conta as cinco principais seções do original.
- Palavras que podem não comunicar ao leitor do século 21 foram atualizadas, ao mesmo tempo em que foi tomado grande cuidado para manter o processo de pensamento e o estilo do autor no original.
- Cada capítulo agora é seguido por perguntas feitas por um autor cristão atual e best-seller, a fim de ajudar a reflexão e a resposta.

Os amantes da obra original expressaram alegria pelo fato de este livro estar sendo disponibilizado de uma forma que amplia o seu alcance e influência em um novo século. Oramos para que você tenha a sua vida enriquecida por esta leitura, pois a vida de muitas pessoas já foi grandemente enriquecida pela edição original.

INTRODUÇÃO DA SÉRIE

O CRISTÃO CONTEMPORÂNEO O ANTES E O AGORA

A EXPRESSÃO “o cristão contemporâneo” atinge muitos como uma contradição em termos. Para muitos, o cristianismo não passa de uma relíquia antiga do passado remoto, irrelevante para as pessoas do mundo de hoje.

O meu propósito nesta série é mostrar que existe algo como “cristianismo contemporâneo” – não algo ultramoderno, mas um cristianismo original, histórico, ortodoxo e bíblico, sensivelmente relacionado com o mundo moderno.

CRISTIANISMO: TANTO HISTÓRICO COMO CONTEMPORÂNEO

Começamos reafirmando que o cristianismo é uma religião histórica. É claro que cada religião surgiu em um contexto histórico particular. O cristianismo, no entanto, faz uma reivindicação especialmente forte de ser histórico, porque repousa não só sobre uma *pessoa* histórica, Jesus de Nazaré, mas em certos *acontecimentos* históricos que o envolveram, especialmente o seu nascimento, morte e ressurreição. Há uma linha comum aqui com o judaísmo, a partir do qual o cristianismo surgiu. O Antigo

Testamento apresenta Deus não só como “o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó”, mas também como o Deus da aliança que ele fez com Abraão e, depois, renovou com Isaque e Jacó. Mais uma vez, ele não é apenas “o Deus de Moisés”, mas também é visto como o Redentor responsável pelo êxodo, que renovou a aliança mais uma vez no monte Sinai.

Os cristãos estão para sempre amarrados pelo coração e pela mente a estes acontecimentos históricos decisivos do passado. A Bíblia constantemente nos encoraja a olhar para eles com gratidão. De fato, Deus deliberadamente providenciou tudo para que o seu povo recordasse as suas ações salvadoras com regularidade. De modo emblemático, a Ceia do Senhor ou Eucaristia nos permite ter em mente a morte expiatória de Cristo, de modo regular, trazendo o passado para o presente.

Mas o problema é que os acontecimentos fundamentais do cristianismo ocorreram há muito tempo. Há alguns anos tive uma conversa com dois irmãos – estudantes que me disseram ter se afastado da fé professada pelos seus pais. Um deles agora era agnóstico, e o outro era ateu. Eu perguntei por quê. Será que eles não acreditavam mais na verdade do cristianismo? Não, o dilema deles não era se o cristianismo era *verdadeiro*, mas se era *relevante*. E como poderia ser? O cristianismo – eles continuaram – era uma religião primitiva da Palestina de muito tempo atrás. Então, o que tinha para oferecer a eles, que viviam no agitado mundo moderno?

Esta visão do cristianismo é generalizada. O mundo mudou dramaticamente desde os dias de Jesus e continua a mudar com uma velocidade cada vez mais desconcertante. As pessoas rejeitam o evangelho não necessariamente porque pensam que ele seja falso, mas porque já não diz nada para elas.

Em resposta a isso, precisamos ser claros sobre a convicção cristã básica de que Deus continua a falar por meio do que ele falou. A sua Palavra não é

um fóssil pré-histórico, mas uma mensagem viva para o mundo contemporâneo. Mesmo admitindo as particularidades históricas da Bíblia e as imensas complexidades do mundo moderno, ainda existe uma correspondência fundamental entre elas. A Palavra de Deus permanece uma lâmpada para os nossos pés e uma luz para o nosso caminho.¹

No entanto, nosso dilema permanece. Será que o cristianismo consegue, ao mesmo tempo, manter a sua identidade autêntica e demonstrar a sua relevância?

O desejo de apresentar Jesus de uma maneira que apele para a nossa própria geração é obviamente certo. Esta foi a preocupação do pastor alemão Dietrich Bonhoeffer enquanto estava na prisão durante a Segunda Guerra Mundial: “O que mais me preocupa”, escreveu ele, “é a questão: [...] ‘quem Cristo realmente é, hoje, para cada um de nós?’”.² É uma questão difícil. Ao responder a ela, a Igreja em todas as gerações tinha tendência a desenvolver imagens de Cristo que se desviam do retrato pintado pelos autores do Novo Testamento.

TENTATIVA DE MODERNIZAR JESUS

Aqui estão algumas das muitas tentativas da Igreja de apresentar um retrato contemporâneo de Cristo, algumas das quais têm sido mais bem-sucedidas do que outras quanto a permanecer fiel ao original.

Penso em primeiro lugar em *Jesus, o asceta*, que inspirou gerações de monges e eremitas. Ele era muito parecido com João Batista, pois também vestia roupas feitas de pelo de camelo, usava sandálias ou até andava descalço e comia gafanhotos com prazer evidente. Mas seria difícil conciliar

este retrato com a crítica dos seus contemporâneos de que ele era um festeiro que vivia “comendo e bebendo”.³

Também havia *Jesus, o pálido galileu*. O imperador apóstata Juliano tentou restabelecer os deuses pagãos de Roma depois que Constantino os substituiu pela adoração a Cristo, e relata-se que ele teria dito o seguinte em seu leito de morte, em 363 depois de Cristo: “Venceste, ó galileu”. Suas palavras foram popularizadas por um poeta do século 19, Swinburne:

Venceste, ó pálido galileu;

O mundo tornou-se cinzento do ar que respiras.

Esta imagem de Jesus foi perpetuada na arte medieval e vitrais, com um halo celeste e uma pele sem cor, olhos levantados para o céu e pés que não tocavam o chão.

Em contraste com as apresentações de Jesus como fraco, sofredor e derrotado, havia *Jesus, o Cristo cósmico*, muito amado pelos líderes da igreja bizantina. Eles o descreveram como o Rei dos reis e Senhor dos senhores, o Criador e governante do universo. No entanto, exaltado acima de todas as coisas, glorificado e reinando, ele parecia distante do mundo real e até mesmo da sua própria humanidade, como foi revelado na encarnação e na cruz.

No extremo oposto do espectro teológico, os deístas do Iluminismo dos séculos 17 e 18, à própria imagem deles, construíram *Jesus, o mestre do senso comum*,⁴ inteiramente humano e nada divino. O exemplo mais dramático é a obra de Thomas Jefferson, presidente dos Estados Unidos de 1801 a 1809. Rejeitando o sobrenatural como algo incompatível com a razão, ele produziu a sua própria edição dos Evangelhos, em que todos os milagres e mistérios

foram sistematicamente eliminados. O que resta ali é um guia para um professor de moral meramente humana.

No século 20, fomos apresentados a uma ampla gama de opções. Duas das mais conhecidas devem sua popularidade a musicais. Há *Jesus, o palhaço de Godspell*, que passa o tempo cantando e dançando, e assim capta algo da alegria de Jesus, mas dificilmente leva a sério a sua missão. Um pouco semelhante é *Jesus Cristo Superstar*, a celebridade desiludida, que uma vez pensou que sabia quem era, mas no Getsêmani já não tinha tanta certeza.

O falecido presidente de Cuba Fidel Castro referiu-se frequentemente a Jesus como “um grande revolucionário”, e houve muitas tentativas de retratá-lo como *Jesus, o lutador da liberdade*, o guerrilheiro urbano, o Che Guevara do primeiro século, com barba negra e olhos brilhantes, cujo gesto mais característico foi derrubar as mesas dos cambistas e expulsá-los do templo com um chicote.

Esses diferentes retratos ilustram a tendência recorrente de atualizar Cristo de acordo com as modas atuais. Isso começou na era apostólica, com a necessidade de Paulo advertir sobre os falsos mestres que pregavam “um Jesus que não é aquele que [nós, os apóstolos] pregamos”.⁵ Cada geração que chega tende a ler para si as suas próprias ideias e esperanças, criando um Jesus à sua própria imagem.

A motivação deles até é certa (pintar um retrato contemporâneo de Jesus), mas o resultado é sempre distorcido (como o retrato não é autêntico). O desafio diante de nós é apresentar Jesus à nossa geração de maneiras ao mesmo tempo precisas e atraentes.

CHAMADO À DUPLA ESCUTA

A principal razão de cada traição ao Jesus autêntico é que prestamos muita atenção às tendências contemporâneas e muito pouca atenção à Palavra de Deus. A sede de relevância torna-se tão exigente que sentimos a necessidade de ceder a ela, custe o que custar. Tornamo-nos escravos da última moda, preparados para sacrificar a verdade no altar da modernidade. A busca da relevância degenera para um desejo de popularidade. No extremo oposto da irrelevância está a acomodação, uma rendição covarde e sem princípios ao *espírito do tempo*.

O povo de Deus vive em um mundo que pode ser ativamente hostil. Estamos constantemente expostos à pressão para nos conformarmos a este mundo.

Graças a Deus, no entanto, que sempre houve aqueles que ficaram firmes, às vezes sozinhos, e se recusaram a ceder. Penso em Jeremias, no sexto século antes de Cristo, Paulo, em sua época (“todos... me abandonaram”),⁶ Atanásio, no século quarto, e Lutero, no século 16.

Em nossos dias, também precisamos decidir apresentar o evangelho bíblico de tal forma a lidar com os dilemas modernos, medos e frustrações, mas com a igual determinação de não comprometê-lo ao fazermos isso. Algumas *pedras de tropeço* são intrínsecas ao evangelho original e não podem ser eliminadas ou empurradas suavemente para torná-lo mais fácil de aceitar. O evangelho contém algumas características tão estranhas ao pensamento moderno que sempre poderá parecer tolo, por mais que nos esforcemos para mostrar que ele é “verdadeiro e de bom senso”.⁷ A cruz será sempre um ataque à autojustiça humana e um desafio à autoindulgência humana. O seu “escândalo” (pedra de tropeço) simplesmente não pode ser removido. A Igreja fala mais autenticamente não quando se torna indistinta do mundo ao nosso redor, mas justamente quando a sua luz distintiva brilha mais.

Por mais que estejamos desejosos de comunicar a Palavra de Deus aos outros, devemos ser fiéis a essa Palavra e, se necessário, estar preparados para sofrer por ela. A palavra de Deus a Ezequiel nos encoraja: “Não tenha medo dessa gente [...] Você lhes falará as minhas palavras, quer ouçam, quer deixem de ouvir, pois são rebeldes”.⁸ Somos chamados para ser fiéis e relevantes, não meramente modernos.

Como, então, podemos desenvolver uma mente cristã que seja moldada pelas verdades do cristianismo histórico e bíblico e, ao mesmo tempo, totalmente imersa nas realidades do mundo contemporâneo? Temos de começar com uma dupla recusa. Nós nos recusamos a ficar tão absorvidos na Palavra, que *fugimos* para ela, que falhamos em deixar que ela confronte o mundo; e nos recusamos a ficar tão absorvidos no mundo, que nos *conformamos* a ele e deixamos de submetê-lo ao julgamento da Palavra.

Em lugar desta dupla recusa, somos chamados à dupla escuta. Precisamos escutar a Palavra de Deus com expectativa e humildade, prontos para Deus talvez nos confrontar com uma palavra que pode ser perturbadora e inesperada. E devemos também escutar o mundo ao nosso redor. As vozes que ouvimos podem assumir a forma de protesto agudo e estridente. Haverá também os gritos angustiados daqueles que estão sofrendo, e a dor, a dúvida, a raiva, a alienação e até mesmo o desespero daqueles que estão em desacordo com Deus. Escutamos a Palavra com humilde reverência, ansiosos para compreendê-la, e resolvemos crer e obedecer ao que passamos a entender. Escutamos o mundo com atenção crítica, ansiosos para compreendê-lo, e resolvemos não necessariamente acreditar e obedecer-lhe, mas simpatizar com ele e procurar graça para descobrir como o evangelho se relaciona com ele.

Todos acham difícil escutar. Mas será que os cristãos, às vezes, têm mais dificuldade para escutar do que os outros? Podemos aprender com os

chamados “consoladores” do livro de Jó, no Antigo Testamento. Eles começaram bem. Quando ouviram falar dos problemas de Jó, foram visitá-lo e, vendo quão grandes eram os seus sofrimentos, nada lhe disseram durante uma semana inteira. Se ao menos tivessem continuado como começaram e mantido a boca fechada! Em vez disso, eles propuseram a sua visão convencional – a visão de que o pecador sofre por causa dos seus próprios pecados – da maneira mais insensível. Eles realmente não escutaram o que Jó tinha a dizer. Eles se limitaram a repetir o seu próprio discurso impensado e sem coração, até que, no final, Deus entrou em cena e os repreendeu por terem deturpado a situação.

Precisamos cultivar essa “dupla escuta”, a capacidade de escutar duas vozes ao mesmo tempo – a voz de Deus por meio da Bíblia e as vozes de homens e mulheres ao nosso redor. Essas vozes muitas vezes se contradizem, mas o nosso propósito ao escutá-las é descobrir como elas se relacionam umas com as outras. A dupla escuta é algo indispensável para o discipulado cristão e para a missão cristã.

Somente por meio desta disciplina de dupla escuta é possível tornar-se um “cristão contemporâneo”. Nós juntamos o “histórico” e o “contemporâneo” enquanto aprendemos a aplicar a Palavra ao mundo, proclamando a boa-nova que é tanto verdadeira como nova.

Para resumir, vivemos no “agora” à luz do que já aconteceu “antes”.

INTRODUÇÃO

A IGREJA

JOHN WESLEY estava certo quando descreveu o cristianismo como uma religião “social”, e acrescentou que transformá-lo em uma religião “solitária” seria destruí-lo. Isso não é negar que ele oferece salvação individual e convoca as pessoas a um discipulado individual. É antes afirmar que a Igreja se posiciona no centro do propósito de Deus. Cristo se deu por nós, é-nos dito, não apenas “para remir-nos de toda iniquidade”, mas também “para purificar, para si mesmo, um povo exclusivamente seu, zeloso de boas obras”.¹

O problema que temos quando pensamos sobre a Igreja é a tensão entre o ideal e a realidade. O ideal é lindo. A Igreja é o povo escolhido e amado de Deus, seu próprio tesouro especial, a comunidade da aliança com a qual ele se comprometeu para sempre. Ela está ativa em culto contínuo a Deus e no alcance apaixonado ao mundo, um refúgio de amor e paz, e um povo peregrino que caminha rumo à cidade eterna. No entanto, na realidade, nós que reivindicamos ser a Igreja na maioria das vezes somos uma multidão heterogênea de indivíduos desajeitados, parcialmente educados e parcialmente salvos, sem inspiração em nossa adoração, constantemente brigando uns com os outros. Estamos mais preocupados com nossa preservação do que com nossa missão, lutando e tropeçando ao longo do caminho, necessitando de constante repreensão e exortação, as quais estão disponíveis prontamente tanto nos profetas do Antigo Testamento quanto nos apóstolos do Novo Testamento.

Essa distinção entre o ideal e a realidade significa que as opiniões das pessoas a respeito da Igreja variam muito. Por um lado, P. T. Forsyth pôde escrever que “a Igreja de Cristo é o maior e mais fino produto da história humana [...] a maior coisa no universo”.² Por outro lado, Thomas Arnold escreveu: “A Igreja, como está agora, nenhum poder humano pode salvar [...] Quando penso sobre a Igreja, eu poderia me sentar e desejar morrer”.³

Meu propósito neste livro é focalizar no ideal, no que Deus quer que sua Igreja seja, ao mesmo tempo, mantendo em vista a realidade, para que possamos compreender as mudanças que precisam ser feitas. Os dois primeiros capítulos são complementares, uma vez que consideramos no capítulo 1 o desafio do mundo à Igreja e, no capítulo 2, a missão da Igreja no mundo. No capítulo 3 a renovação que a Igreja precisa incluir, como Jesus orou, não somente uma área (p. ex. sua unidade ou sua espiritualidade), mas todas as áreas da sua vida. E, com essa finalidade, aqueles de nós que fomos ordenados ao ministério pastoral da Igreja precisamos ser renovados de acordo com o propósito de Deus, que é o assunto do capítulo 4.

DESAFIOS SECULARES À IGREJA

UMA DAS MAIORES NECESSIDADES da Igreja é uma consciência sensível do mundo ao nosso redor. Se formos verdadeiros servos de Jesus Cristo, manteremos nossos olhos abertos (como ele o fez) à necessidade humana, e nossos ouvidos alertas aos prantos angustiados. Nós reagiremos com compaixão e de modo construtivo (novamente, como ele o fez) à dor das pessoas.

Isso não significa que nós “deixamos o mundo estabelecer a agenda para a Igreja” em todos os aspectos, como as pessoas costumavam dizer, ou que seguimos o calcanhar do mundo como um cachorrinho. Ter um comportamento assim seria confundir serviço (que é nosso chamado) com servidão (que não é), e interpretar sensibilidade (que é uma virtude) como conformidade (que é um vício). Não, primeiramente e mais importante, temos que declarar e fazer o que Deus nos enviou para declarar e fazer. Nós não devemos prestar homenagens festivas ao mundo.

Ao mesmo tempo, a menos que ouçamos atenciosamente às vozes da sociedade secular, lutemos para compreendê-las e nos sensibilizemos com as frustrações, ira, perplexidades e desespero das pessoas, faltará em nós autenticidade como discípulos de Jesus de Nazaré. Nós correremos o risco de responder a perguntas que ninguém está fazendo, coçar onde ninguém sente coceira, suprir mercadorias para as quais não há demanda – em outras palavras, de ser totalmente irrelevantes, como começamos a ver na Introdução.

Este capítulo explora a busca tríplice do povo moderno, secular, que, na verdade, reflete as aspirações humanas universais. São esperanças que o próprio Cristo Jesus desperta nas pessoas, as quais somente ele pode satisfazer e que desafiam a Igreja a apresentá-lo ao mundo em sua totalidade.

A BUSCA POR TRANSCENDÊNCIA

Até bem recentemente, muitos consideravam que o secularismo expulsaria gradualmente quaisquer sensibilidades religiosas da sociedade. O termo “transcendência” era visto como uma palavra obscura cujo uso se limitava a instituições de aprendizado teológico. Ali os alunos eram apresentados à distinção entre “transcendência” (significando Deus acima e fora do mundo criado) e “imanência” (significando Deus presente e ativo dentro dele). Mas cada vez mais as pessoas estão reconhecendo que até nas culturas modernas a procura por transcendência continua. Essa procura é um tipo de protesto contra a secularização, isto é, contra a tentativa de eliminar Deus do nosso próprio mundo. Os seres humanos não “vivem só de pão”, pois o materialismo não pode satisfazer o espírito humano. Vejamos alguns exemplos da recente desilusão com o secularismo e da persistente busca por transcendência.

Em primeiro lugar, houve o *colapso do marxismo europeu* no final dos anos 1980 e início dos anos 1990. O marxismo foi apresentado originalmente como um substituto para a fé religiosa obsoleta. Mas os convertidos eram poucos e esparsos. Como o cônego Trevor Beeson escreveu sobre a Europa Oriental, “as doutrinas básicas do comunismo não convenceram as mentes nem satisfizeram as emoções da intelectualidade ou

do proletariado. Por outro lado, a vida religiosa manifestou superação marcante e, longe de desaparecer, tem encontrado, em muitos aspectos, nova vitalidade e poder”.¹ O escritor russo Aleksandr Solzhenitsyn chamou atenção para algo que os líderes da antiga União Soviética não haviam esperado:

Que em uma terra onde igrejas foram demolidas, onde um ateísmo triunfante tem se espalhado descontroladamente por dois terços de um século, onde o clero é totalmente humilhado e privado de qualquer independência, onde o que sobra da Igreja como instituição é tolerado somente pelo amor à propaganda direcionada ao Ocidente, onde até hoje as pessoas são enviadas para os campos de trabalho devido à sua fé, e onde, dentro dos próprios campos, aqueles que se reúnem para orar na Páscoa são colocados em celas de punição – eles [ou seja, os líderes soviéticos] não poderiam supor que sob essa pressão comunista a tradição cristã poderia sobreviver na Rússia! Mas muitos milhões de cristãos permanecem lá; são apenas as pressões externas que os impedem de se expressarem.²

A segunda esfera em que se nota a desilusão das pessoas com o secularismo é *o deserto do materialismo ocidental*. O secularismo não é mais satisfatório ao espírito humano em seu disfarce capitalista do que em seu disfarce comunista. Theodore Roszak é um expoente americano eloquente desse referido vazio. O subtítulo significativo do seu livro *Where the Wasteland Ends* [Onde acaba a terra devastada] é *Politics and Transcendence in a Post-Industrial Society* [Política e transcendência numa sociedade pós-industrial].³ Ele lamenta o que chama de “coca-colonização do mundo”.⁴ Nós estamos sofrendo, escreve ele, de “uma claustrofobia dentro da

cosmovisão científica”, na qual o espírito humano não pode respirar.⁵ Ele ataca a ciência (creio que ele quer dizer a pseudociência) por sua pretensão arrogante de ser capaz de explicar tudo, seu “espírito desmistificador”,⁶ sua “anulação dos mistérios”. “Pois o que a ciência pode medir é apenas uma porção do que o homem pode conhecer.”⁷ Esse mundo materialista de ciência objetiva, continua ele, não é nem “espaçoso bastante” para nós.⁸ Sem transcendência “a pessoa murcha”.⁹ A prescrição dele (a recuperação da “imaginação visionária” de Blake) é terrivelmente inadequada, mas seu diagnóstico vai direto ao ponto. Os seres humanos sabem instintivamente que a Realidade não pode ser confinada em um tubo de ensaio, ou reduzida a dados em torre de servidores, ou compreendida por meio de frio desinteresse científico. Pois a vida tem outra dimensão, transcendente, e a Realidade é “maravilhosamente vasta”.¹⁰

Em terceiro lugar, a busca por transcendência é vista na *epidemia da toxicodependência*. É claro que existem várias interpretações diferentes desse fenômeno quase mundial. Em parte, ele pode ser um experimento inocente, ou um protesto contra costumes convencionais, ou mesmo uma tentativa de escapar das duras realidades da vida. Mas também pode ser uma procura genuína por uma “consciência mais elevada” e até por uma realidade transcendente objetiva. Carlos Castaneda, por exemplo, descreve como ele usava drogas como uma forma de “divinação”, voo corporal ou sentimento de ausência do corpo, adotando corpos alternativos e movimentando-se para dentro e através de objetos. Com certeza nem todo usuário de drogas está buscando tal caminho distinto, mas muitos estão tentando escapar do tédio do mundano.¹¹

O quarto exemplo da busca por transcendência é a *proliferação de seitas religiosas*. Juntamente com o ressurgimento de crenças antigas, tem havido o aparecimento de novas religiões. A professora e psicóloga clínica americana

Margaret Singer estima que 2 milhões de pessoas estão envolvidas em cerca de 5 mil seitas diferentes somente nos Estados Unidos.¹² Um artigo principal no jornal *The Economist* advertiu que “tem se iniciado uma procura por novas formas de experiência espiritual”. E acrescentou: “Nessa busca por Deus, também é muito fácil cair, inadvertidamente, nos braços de Satanás”.¹³ O sociólogo Peter Berger deu uma explicação semelhante: “A atual onda do oculto (inclusive seu componente maligno) deve ser entendida como resultante da repressão da transcendência na consciência moderna”.¹⁴

A mais surpreendente de todas as recentes tendências religiosas é a ascensão do movimento Nova Era. Ele é uma variedade bizarra de várias crenças, religião e ciência, física e metafísica, panteísmo antigo e otimismo evolutivo, astrologia, espiritismo, reencarnação, ecologia e medicina alternativa. Um dos líderes do movimento, David Spangler, escreve em seu livro *Emergence – The Rebirth of the Sacred* [Emergência – o renascimento do sagrado] que “desde muito jovem” ele próprio se “conscientizou de uma dimensão extra” do mundo ao seu redor, que, com o passar dos anos, ele identificou como “uma dimensão sagrada ou transcendental”. “O renascimento do sentido do sagrado”, acrescenta ele, “está no âmago da Nova Era.”¹⁵

Eis aqui, portanto, quatro evidências contemporâneas de que o materialismo não satisfaz o espírito humano e de que, como resultado, as pessoas estão procurando outra realidade, uma realidade transcendente. Elas a buscam em todos os lugares – por meio da ioga e das religiões orientais, por meio do sexo (que Malcolm Muggeridge chamava de “o misticismo dos materialistas”), por meio da música e de outras artes, por meio de uma consciência mais elevada induzida pelas drogas, por meio de

seitas modernas, especulações da Nova Era, fantasias da ficção científica e da experiência imersiva de jogos on-line e da realidade virtual.

A reação cristã imediata a esse fenômeno complexo deve ser de simpatia. Pois certamente entendemos o que está acontecendo e por quê. Nas palavras do apóstolo Paulo diante dos filósofos atenienses, homens e mulheres estão “tateando à procura de Deus”, como pessoas cegas no escuro, tentando encontrar seu Criador, que os deixa inquietos até que encontrem seu descanso nele.¹⁶ Eles estão expressando a busca humana por transcendência.

Essa busca por transcendência é um desafio à qualidade do culto público da Igreja. Será que ele oferece o que as pessoas estão ansiando – o elemento de mistério, um sentido de santidade, na linguagem bíblica “o temor de Deus”, na linguagem moderna “transcendência”? A minha resposta é “nem sempre”. A Igreja nem sempre é conhecida pela profunda realidade da sua adoração. De modo particular, nós que nos denominamos “evangélicos” não sabemos bem como adorar. Nossa tendência é sermos arrogantes, irreverentes e orgulhosos. Nós temos pouco trabalho para preparar nossos cultos. Algumas vezes eles são desleixados, mecânicos, superficiais e monótonos. Outras vezes eles são frívolos chegando ao ponto da irreverência. Não é de se admirar que aqueles que procuram a Realidade frequentemente cruzam por nós e nem nos percebem!

Nós precisamos ouvir novamente as críticas que a Bíblia faz à religião. Nenhum livro, nem mesmo os de Marx e seus seguidores, é mais mordaz a respeito da religião vazia do que a Bíblia. Os profetas dos sétimo e oitavo séculos antes de Cristo eram francos no ataque que faziam ao formalismo e hipocrisia da adoração israelita. Jesus aplicou a crítica dos profetas aos fariseus de sua época: “Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim”.¹⁷ E essa acusação que os profetas do Antigo Testamento e Jesus fazem à religião é desconfortavelmente aplicável a nós e

às nossas igrejas hoje. Grande parte do nosso culto é ritual sem realidade, forma sem poder, diversão sem temor, religião sem Deus.

O que é necessário, então? Aqui estão algumas sugestões. Em primeiro lugar, nós precisamos de uma leitura e pregação da Palavra de Deus tão fiel que, por meio dela, sua viva voz seja ouvida, dirigindo-se ao seu povo. Em segundo lugar, nós precisamos de uma administração da Ceia do Senhor tão reverente e aguardada que (e aqui escolho minhas palavras cuidadosamente) haja uma Presença Real de Jesus Cristo, não nos elementos, mas entre seu povo e à sua mesa. Deve haver um sentido do próprio Jesus Cristo, objetiva e realmente presente, vindo a encontrar-se conosco, pronto para se tornar conhecido a nós por meio do partir do pão, e ansioso para se entregar a nós, de tal forma que possamos nos alimentar dele em nossos corações pela fé. Em terceiro lugar, precisamos de um oferecimento sincero de louvor e oração, para que o povo de Deus possa dizer como Jacó: “Na verdade, o Senhor está neste lugar, e eu não sabia”¹⁸, e os descrentes se prostrarão e adorarão a Deus, exclamando: “Deus realmente está entre vocês!”¹⁹

Em resumo, é uma grande tragédia o povo que hoje procura transcendência voltar-se para as drogas, sexo, seitas, misticismo, a Nova Era e a ficção científica, em vez da Igreja, em cujos cultos públicos a verdadeira transcendência deve sempre ser experimentada e um encontro íntimo com o Deus vivo deve ser desfrutado.

A BUSCA POR SIGNIFICADO

Há muita coisa no mundo moderno que não somente sufoca nosso senso de transcendência, mas também mina nosso sentimento de significado pessoal, nossa convicção de que a vida tem alguma importância.

Primeiramente, existe o efeito da *tecnologia*. A tecnologia pode ser libertadora, é claro, na medida em que liberta as pessoas do trabalho duro doméstico ou industrial. Mas ela também pode ser terrivelmente degradante, pois as pessoas sentem que não são mais pessoas, mas coisas, suas vidas são processadas por computadores inanimados e suas personalidades são reduzidas a conjuntos de dados.

Em segundo lugar, há um *reducionismo científico*. Alguns cientistas defendem que um ser humano nada mais é que um animal (o que Desmond Morris chama de “macaco nu”), ou nada mais que uma sequência de DNA, programada para dar respostas automáticas a estímulos externos. Declarações como essas motivaram o professor Donald MacKay a popularizar a expressão “reducionismo ambicioso” (os seres humanos são “nada mais que...”) como uma explicação do que significa o “reducionismo”, bem como a protestar contra essa tendência de tornar os seres humanos menos que totalmente pessoais.

De fato, nosso cérebro é uma máquina altamente complexa, e nossa anatomia é a de um animal. Mas isso não é uma descrição completa da nossa condição de seres humanos. Temos mais em nós do que um cérebro e um corpo.

Em terceiro lugar, o *existencialismo* diminui o senso de significado das pessoas. Os existencialistas radicais diferem de outros humanistas em sua decisão de levar seu ateísmo a sério e enfrentar suas terríveis consequências. Porque (na visão deles) Deus está morto, tudo mais morreu com ele. Porque não existe Deus, agora não há valores ou ideais também, nem leis morais ou padrões, nem propósitos ou significados – exceto aqueles que os indivíduos criam para si mesmos ao pactuarem com essa ideia. Não há nada que dê à minha existência qualquer significado, exceto minha decisão de procurar coragem para existir. O significado é encontrado somente no menosprezo da

minha própria insignificância. Não há outra forma de autenticar a mim mesmo.

Mesmo que essa filosofia pareça sombriamente heroica, deve haver poucas pessoas capazes de fazer o truque de magia de fingir ter significado quando sabem que realmente não têm. Pois o significado é essencial para a sobrevivência. Foi isso que Viktor Frankl encontrou no campo de concentração de Auschwitz. Ele observou que os detentos mais prováveis de sobreviver eram aqueles “que sabiam que havia para eles uma tarefa a realizar”.²⁰ Mais tarde ele se tornou professor de psiquiatria e neurologia na Universidade de Viena e fundou a chamada “Terceira Escola Vienense de Psiquiatria”. Ele defendia que, além do “desejo por prazer” de Freud e “desejo por poder” de Adler, os seres humanos têm um “desejo por significado”. Realmente, “a luta por encontrar um significado na vida é a força motivacional mais importante do homem”.²¹ “A neurose coletiva da era presente”, escreveu ele, é “o vácuo existencial”,²² isto é, a perda do senso de que a vida tem significado. Às vezes ele perguntava aos seus pacientes: “Por que você não comete suicídio?” (uma pergunta surpreendente para um médico fazer a um paciente!). Eles replicavam que havia alguma coisa (talvez o seu trabalho, o casamento ou a família) que fazia a vida valer a pena para eles. O professor Frankl então construía algo sobre isso.

A falta de sentido pode levar à monotonia, ao alcoolismo, à delinquência e ao suicídio. Comentando sobre o trabalho de Viktor Frankl, Arthur Koestler escreveu:

O homem tem a tendência inerente de buscar significados para preencher-se e de valores para praticar [...] Milhares e milhares de estudantes jovens vivem expostos a uma doutrinação [...] que nega a existência de valores. O resultado é um fenômeno mundial – mais e mais

pacientes se aglomeram em nossas clínicas com a reclamação de um vazio interior, de uma total e extrema falta de significado na vida.²³

De acordo com Émile Durkheim, em seu clássico estudo sobre suicídio, o maior número de suicídios é causado pela “falta de normas” ou “falta de significado”, quando alguém não tem um objetivo na vida ou tem um objetivo inatingível. “Nenhum ser humano pode ser feliz ou até mesmo existir a menos que suas necessidades sejam suficientemente proporcionais aos seus meios.”²⁴

Se a busca por transcendência foi um desafio à qualidade do culto da Igreja, a busca por significado é um desafio à qualidade do ensino da Igreja. Milhões de pessoas não sabem quem são, nem que têm algum significado ou valor. Daí vem o desafio urgente de dizer a elas quem elas são, esclarecer-lhes a respeito de suas identidades. Nós precisamos ensinar sem comprometer a completa doutrina bíblica do ser humano – sua depravação, sim, mas também sua dignidade.

Nós cristãos acreditamos no valor intrínseco dos seres humanos, por causa das nossas doutrinas da criação e da redenção. Deus fez a humanidade à sua própria imagem e nos entregou a administração responsável da terra e suas criaturas. Ele nos dotou de faculdades racionais, morais, sociais, criativas e espirituais, que nos tornam parecidos com ele e diferentes dos animais. Os seres humanos são semelhantes a Deus. Como resultado da queda, nossa semelhança com Deus foi distorcida, mas não destruída. Além disso, “Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu único Filho” para a nossa redenção. A cruz é a principal evidência pública do valor que Deus nos dá.

O ensino cristão sobre a dignidade e o valor dos seres humanos é de extrema importância hoje, não só para a nossa autoimagem e autorrespeito,

mas até mesmo para o bem-estar da sociedade como um todo.

Quando os seres humanos são desvalorizados, tudo o mais na sociedade piora. As mulheres são humilhadas e as crianças são desprezadas. Os doentes são considerados um incômodo e os idosos, um peso. As minorias étnicas são discriminadas. Os pobres são oprimidos e a justiça social lhes é negada. O capitalismo demonstra sua face mais desprezível. O trabalho é explorado nas minas e nas fábricas. Os criminosos são brutalizados na prisão. As opiniões da oposição são abafadas. Campos de concentração como Belsen são inventados pela extrema direita, e campos de trabalho forçado como Gulag, pela extrema esquerda. Os descrentes são deixados para viver e morrer em sua perdição. Não há liberdade, nem dignidade, nem alegria descontraída. A vida humana parece não ser digna de ser vivida, porque já nem parece humana.

Mas, quando os seres humanos são valorizados como pessoas, devido ao seu valor intrínseco, tudo muda. Homens, mulheres e crianças, todos são honrados. Os enfermos recebem cuidado e os idosos são capacitados a viver e morrer com dignidade. Os dissidentes são ouvidos, os prisioneiros são reabilitados, as minorias são protegidas e os oprimidos são libertos. Os trabalhadores recebem um salário justo, condições decentes de trabalho e uma parcela de participação tanto na administração quanto nos lucros da empresa. E o evangelho é levado até os confins da terra. Por quê? Porque as pessoas são importantes. Porque todo homem, mulher e criança têm valor e significado como ser humano criado à imagem e semelhança de Deus.

A BUSCA POR COMUNIDADE

A moderna sociedade tecnocrática, que destrói a transcendência e o significado, destrói também a comunidade. Nós estamos vivendo em uma era de desintegração social. As pessoas acham difícil relacionar-se umas com as outras. Porém, continuamos buscando exatamente aquilo que nos escapa – amor em um mundo sem amor. Eu convoco como minhas testemunhas três pessoas muito diferentes.

A primeira é Madre Teresa. Nascida na Escópia, a capital da República da Macedônia, ela deixou seu país e foi para a Índia quando tinha apenas 17 anos de idade. Então, depois de cerca de vinte anos de ensino, ela começou a servir aos pobres mais carentes em Calcutá. No mesmo ano (1948), ela se tornou cidadã indiana, e dois anos depois fundou sua própria ordem, a das “Missionárias da Caridade”. Assim, a Índia foi seu lar por mais de sessenta anos. Eis o que ela escreveu sobre o Ocidente:

As pessoas hoje estão famintas de amor, ávidas por compreender o amor, que é [...] a única resposta à solidão e à enorme pobreza. É por isso que nós [ou seja, as irmãs e os irmãos de sua ordem] somos capazes de ir a países como Inglaterra, Estados Unidos e Austrália, onde não há fome de pão. Mas lá as pessoas estão sofrendo de terrível solidão, terrível desespero, terrível ódio, sentindo-se abandonadas, desamparadas, sem esperança. Elas esqueceram como sorrir, esqueceram a beleza do toque humano. Elas estão esquecendo o que é o amor humano. Elas precisam de alguém que as entenda e respeite.²⁵

Lembro-me de que, quando li pela primeira vez essa avaliação do mundo ocidental, fiquei um pouco indignado e a considerei exagerada. Mas desde então eu mudei de opinião. Penso que é correta, pelo menos como generalização.

Minha segunda testemunha é Bertrand Russell, o brilhante matemático e filósofo, e ateu intransigente. Ele escreveu com franqueza comovente no prólogo de sua autobiografia:

Três paixões, simples, mas impressionantemente fortes, têm governado a minha vida: o desejo por amor, a busca por conhecimento e a insuportável compaixão pelo sofrimento da humanidade. Essas paixões, como grandes ventos, têm me soprado de um lado para outro, em um curso caprichoso, sobre um profundo oceano de angústia, chegando à beira do desespero. Eu tenho procurado amor, primeiramente, porque ele traz êxtase [...] Em segundo lugar, porque alivia a solidão – aquela terrível solidão na qual a consciência estremecida olha acima da borda do mundo para o frio e insondável abismo sem vida...²⁶

Woody Allen é minha terceira testemunha. A maioria das pessoas pensa que ele é um comediante (ele já vendia suas piadas para a imprensa quando ainda cursava o ensino médio), mas “dentro do palhaço há um escritor de tragédias”.²⁷ Apesar de todo o seu aclamado brilhantismo como escritor, diretor e ator, ele parece nunca ter encontrado nem a si mesmo, nem a ninguém mais. Ele descreve o relacionamento íntimo como “dois psicopatas debaixo de um lençol”. Em seu filme *Manhattan* (1979), ele satiriza as pessoas, dizendo que elas deveriam “acasalar-se para a vida toda, como os pombos ou os católicos”, mas parece ser incapaz de seguir seu próprio preceito. Ele confessa que todos os seus filmes “tratam da maior de todas as dificuldades – os relacionamentos amorosos. Todos se defrontam com isso. Ou as pessoas estão apaixonadas, ou prestes a se apaixonar, ou saindo de um relacionamento amoroso, ou procurando o amor ou uma maneira de evitá-lo”.²⁸ Seu biógrafo termina a imagem traçada dele com estas palavras: “Ele

está lutando, como *nós* certamente estamos lutando, para encontrar a força de fundamentar uma vida sobre um amor. Como o personagem diz em *Hannah and Her Sisters*: “Talvez os poetas estejam corretos. Talvez o amor seja a única resposta”.²⁹

Eis aqui três pessoas de contextos, crenças, temperamentos e experiências muito diferentes, que, apesar de tudo, concordam entre si sobre a importância crucial do amor. Elas falam pela raça humana. Todos nós sabemos instintivamente que o amor é indispensável à nossa humanidade. A vida consiste no amor.

Por isso, as pessoas o buscam em todos os lugares. Alguns estão rompendo com o individualismo e experimentando estilos de vida comunitários. Outros estão repudiando as instituições do casamento e da família em uma tentativa (vã e tola, os cristãos acreditam) de encontrar a liberdade e espontaneidade do amor. Todos estão em busca de uma comunidade genuína e de relações de amor autênticas. As conhecidas palavras “O amor, o amor muda tudo” do musical *Aspects of Love*, de Andrew Lloyd Webber, dizem tudo.

O terceiro desafio do mundo, então, diz respeito à qualidade da comunhão da Igreja. Nós proclamamos que Deus é amor e que Jesus Cristo oferece verdadeira comunidade. Nós insistimos que a Igreja faz parte do evangelho. O propósito de Deus, dizemos, não é meramente salvar indivíduos isolados e, assim, perpetuar a solidão deles, mas edificar uma igreja, criar uma nova sociedade, até mesmo uma nova humanidade, na qual as barreiras raciais, nacionais, sociais e sexuais tenham sido abolidas. Além do mais, essa nova comunidade de Jesus ousa apresentar-se como a verdadeira sociedade alternativa, que ofusca os valores e padrões do mundo.

É uma alegação de alta repercussão. Mas a tragédia é que a Igreja tem falhado consistentemente em viver de acordo com os seus próprios ideais.

Seu entendimento teológico de seu chamado pode ser impecável. Mas, comparativamente falando, há pouca aceitação, pouco cuidado e pouco amor solidário entre nós. As pessoas que procuram por comunidade deviam entrar aos montes em nossas igrejas. Em vez disso, a Igreja é o único lugar que elas nem pensam em procurar, tão seguras estão de que ali não encontrarão amor.

Entretanto, seria injusto sermos totalmente negativos em nossa avaliação da Igreja contemporânea. Pois existem, por todo o mundo, comunidades cristãs em que se encontra amor verdadeiro, sacrificial, servil e solidário. Onde quer que floresça o amor cristão, seu magnetismo é quase irresistível. O bispo Stephen Neill expressou isso muito bem:

Dentro da comunhão daqueles que estão unidos pela lealdade pessoal a Jesus Cristo, o relacionamento de amor alcança uma intimidade e uma intensidade desconhecidas em qualquer outro lugar. A amizade entre os amigos de Jesus de Nazaré é diferente de qualquer outra amizade. Deveria ser a experiência normal dentro da comunidade cristã [...] O fato de isso ser tão raro nas congregações cristãs existentes é uma manifestação do fracasso da Igreja como um todo em viver de acordo com o propósito do seu Fundador para ela. Onde ela é experimentada, especialmente além das barreiras de raça, nacionalidade e idioma, é uma das evidências mais convincentes da atividade contínua de Jesus entre os homens.³⁰

Aqui está, pois, a busca tríplice na qual os seres humanos estão engajados. Embora as pessoas possam não articulá-la desse modo, podemos dizer que, ao procurar por transcendência, elas estão tentando encontrar a Deus; ao procurar por significado, elas estão tentando encontrar a si mesmas; e, ao

procurar por comunidade, elas estão tentando encontrar o próximo. Esta é a busca universal da humanidade: por Deus, pelo próximo e por nós mesmos.

Além disso, como diz a afirmação cristã (confiante, eu sei; humilde, espero), aqueles que buscam encontrarão – em Cristo e em sua nova sociedade. A busca secular contemporânea me parece constituir um dos maiores desafios – e oportunidades – aos quais a Igreja já foi apresentada: as pessoas estão procurando abertamente justo aquilo que Jesus Cristo está oferecendo!

A única questão é se a Igreja pode ser tão radicalmente renovada pelo Espírito e pela Palavra de Deus que ofereça uma experiência de transcendência por meio do seu culto, de significado por meio do seu ensino e de comunidade por meio da sua comunhão. Se puder, então as pessoas se voltarão para ela avidamente, e nossa proclamação das boas novas terá uma credibilidade que de outra forma não teria.



PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

por Tim Chester

1. Quais são as esperanças, medos e frustrações das pessoas ao seu redor?
2. Como essas esperanças e medos são satisfeitos em Cristo e no seu povo?
3. Que sinais de desejo por transcendência você vê em nossa cultura?
4. Como podemos assegurar que um senso de transcendência seja uma característica da adoração nas nossas igrejas?
5. Onde as pessoas ao seu redor procuram por significado? Como o evangelho confirma, completa ou desafia essas tentativas de encontrar significado?

6. Que passos práticos você daria para assegurar que sua igreja ou pequeno grupo seja uma comunidade de amor magnético?

CAPÍTULO 2

EVANGELISMO POR MEIO DA IGREJA LOCAL¹

“QUALQUER HOMEM que seja um cristão silencioso, não professando sua fé abertamente, mas disfarçando-se e ocultando-se por temor do perigo por vir, dará aos outros ocasião, com toda razão e com boa consciência, de duvidar que ele tenha a graça do Espírito Santo em si, porque sua língua está amarrada e ele não fala.” Em outras palavras, os cristãos que nunca compartilham da sua fé provavelmente não são verdadeiros cristãos. Assim dizem as *Homilias*, uma coleção de sermões de 1571 proclamados nas igrejas para apresentar ao povo da Inglaterra a nova fé reformada da Igreja.

VÁRIAS FORMAS DE EVANGELISMO

O evangelismo pode assumir diferentes formas. Desde que Jesus ofereceu a água viva à mulher samaritana no poço de Jacó,² e Filipe contou as boas novas de Jesus ao etíope em sua carruagem,³ o *evangelismo pessoal* tem tido precedentes bíblicos impecáveis. Ainda é nosso dever, quando a oportunidade é dada, compartilhar Cristo com nossos parentes, amigos, vizinhos e colegas que ainda não o conhecem.

O *evangelismo de massas* (pregação de um evangelista para multidões) também tem sido abençoado por Deus. O próprio Jesus proclamou as boas novas do reino às multidões na Galileia. O mesmo fez o apóstolo Paulo aos

pagãos de Listra⁴ e aos filósofos de Atenas.⁵ John Wesley e George Whitefield também o fizeram na Grã-Bretanha e Estados Unidos no século 18. Evangelistas talentosos de muitas nacionalidades ainda estão pregando efetivamente para grandes multidões hoje, apesar de saberem que seu ministério depende da cooperação das igrejas e dos cristãos. E por todo o mundo existem clérigos e leigos que levam a pregação a sério, e que se lembram de que suas congregações frequentemente incluem não cristãos e cristãos nominais que precisam ouvir o evangelho.

No entanto, o *evangelismo por meio da igreja local* é o método mais normal, natural e produtivo de difundir o evangelho hoje, por duas razões principais.

Primeiramente, há o *argumento da Escritura*. De acordo com o apóstolo Pedro, a Igreja é tanto “um sacerdócio real” para oferecer sacrifícios espirituais a Deus (ou seja, o culto) quanto “uma nação santa” para proclamar os louvores de Deus (ou seja, o testemunho).⁶ E essas responsabilidades da Igreja universal recaem sobre cada igreja local. Toda congregação cristã é chamada por Deus para ser uma comunidade adoradora e de testemunho. Realmente, cada uma dessas duas tarefas necessariamente envolve a outra. Se nós verdadeiramente cultuamos a Deus, sentimo-nos impulsionados a fazê-lo conhecido a outros, de tal maneira que eles também possam cultuá-lo. Assim, a adoração leva ao testemunho e o testemunho, por sua vez, leva à adoração, em um círculo contínuo.

Os tessalonicenses deram um ótimo exemplo de evangelismo da igreja local. Em sua primeira carta a eles, Paulo destaca essa sequência notável: “Nosso evangelho [...] chegou a vocês [...] receberam a palavra [...] partindo de vocês, propagou-se a mensagem do Senhor”.⁷ Dessa maneira a igreja local se torna como uma caixa acústica, que reflete e amplifica as vibrações que recebe. Ou é como um satélite de comunicação, que primeiramente recebe e

depois transmite a mensagem. Toda igreja que já ouviu o evangelho deve passá-lo adiante. Esse ainda é o principal método de evangelismo de Deus. Se todas as igrejas tivessem sido fiéis a essa comissão, o mundo já teria sido evangelizado há muito tempo.

Em segundo lugar, há *o argumento da estratégia*. Cada igreja local está situada em um contexto específico. Sua primeira responsabilidade missional deve ser, portanto, para com as pessoas que vivem ali. A congregação é posicionada estrategicamente para alcançar aquela localidade. Qualquer partido político ficaria extremamente enciumado com a instalação e com a equipe que estão ao nosso dispor. Em muitos países as igrejas têm amplos recursos para difundir o evangelho em todo o seu território.

Assim, a teologia bíblica e a estratégia prática se unem para tornar a igreja local o principal agente de evangelismo.

Mas, se a igreja local deve colocar em prática seu papel apontado por Deus, ela deve primeiro cumprir quatro condições. Ela deve *compreender-se* (a teologia da igreja), *organizar-se* (as estruturas da igreja), *expressar-se* (a mensagem da igreja) e *ser ela mesma* (a vida da igreja).

A IGREJA DEVE COMPREENDER-SE

A teologia da igreja

Muitas igrejas estão doentes porque têm uma autoimagem falsa. Elas não compreenderam quem são (sua identidade) nem seu chamado (sua vocação). Todos nós sabemos da importância de uma correta autoimagem para a boa saúde mental. O que é verdadeiro sobre as pessoas é, igualmente, verdadeiro sobre as igrejas.

Pelo menos duas imagens falsas da igreja são preponderantes hoje. A primeira delas é a do *clube religioso* (ou *cristianismo introvertido*). De acordo com essa visão, a igreja local se assemelha ao clube de golfe local, exceto que o interesse comum dos seus membros é Deus, não o golfe. Eles se veem como pessoas religiosas que apreciam fazer coisas religiosas juntos. Eles pagam suas mensalidades e consideram que têm o direito a certos privilégios. De fato, eles se concentram no status e nas vantagens de serem membros do clube. Eles esqueceram – ou nunca souberam – que, como o arcebispo William Temple coloca, “a igreja é a única sociedade cooperativa do mundo que existe para o benefício daqueles que não são seus membros”. Em vez disso, eles são completamente introvertidos, como uma unha encravada. Na verdade, Temple foi culpado de um pequeno exagero, pois os membros da igreja realmente têm uma responsabilidade uns para com os outros, como indicam os muitos “uns aos outros” que aparecem em versículos do Novo Testamento (“amai-vos uns aos outros”, “fortalecei uns aos outros”, “levei as cargas uns dos outros” etc.). No entanto, nossas responsabilidades principais são nosso culto a Deus e nossa missão no mundo.

No extremo oposto ao clube religioso está a *missão secular* (ou *cristianismo sem religião*). No século 20, alguns pensadores cristãos ficaram exasperados com o egocentrismo da igreja. Parecia-lhes que ela estava tão absorvida por suas próprias questões internas mesquinhas que decidiram abandoná-la. Na área do serviço divino eles trocaram a igreja pela cidade secular. Eles não estavam mais interessados em cultos de adoração, diziam eles, mas somente em servir aos outros. Assim, eles tentaram desenvolver um “cristianismo sem religião”, no qual eles reinterpretaram o culto como missão, o amor a Deus como amor ao próximo e a oração a Deus como encontro com pessoas. Um movimento semelhante de “pós-evangélicos” ou

“igreja emergente” abandonou as congregações tradicionais em favor de comunidades cristãs não estruturadas com foco na transformação da vizinhança.

Como avaliamos esses movimentos? O desgosto deles pela religião egocêntrica certamente estava correto. Uma vez que é nauseante para Deus, também deve nos enjoar. Mas o conceito de “cristianismo sem religião” foi uma reação exagerada e desequilibrada. A mensagem do evangelho não pode ser ajustada para se encaixar às sensibilidades modernas. E nós não temos liberdade para confundir culto e missão, apesar de (como vimos) cada um envolver o outro. Sempre há um elemento de missão no culto e de culto na missão, mas eles não são sinônimos.

Existe uma terceira forma de se compreender a igreja, que une o que é verdadeiro em ambas as falsas imagens e que reconhece que nós temos uma responsabilidade de cultuar a Deus e de servir ao mundo. É *a dupla identidade da igreja* (ou *cristianismo encarnacional*). Por sua “dupla identidade” eu quero dizer que a igreja é um povo que foi chamado para sair do mundo para cultuar a Deus e foi enviado de volta ao mundo para testemunhar e servir. De fato, essas são duas das “marcas” clássicas da igreja. De acordo com a primeira, a igreja é “santa”, conclamada a pertencer a Deus e a adorá-lo. De acordo com a segunda, a igreja é “apostólica”, enviada ao mundo em sua missão. A igreja deve ser simultaneamente “santa” (distinta do mundo) e “mundana” (não no sentido de assimilar os valores do mundo, mas no sentido de renunciar a outra mundanidade e, em vez disso, tornar-se imersa na vida do mundo). Alec Vidler capturou essa dupla identidade da igreja ao fazer referência à sua “santa mundanidade”.⁸

Ninguém jamais exibiu “santa mundanidade” melhor do que nosso próprio Senhor Jesus Cristo. Sua encarnação é a perfeita personificação dela. Por um lado, ele veio a nós em nosso mundo e assumiu a completa realidade

da nossa humanidade. Ele se tornou um conosco em nossa fragilidade e se expôs às nossas tentações. Ele confraternizou com pessoas comuns, que se agrupavam ao redor dele avidamente. Ele deu as boas-vindas a todos e não rejeitou ninguém. Ele se identificou com nossos sofrimentos, nossos pecados e nossa morte. Por outro lado, ao se misturar livremente com pessoas como nós, ele nunca sacrificou nem comprometeu sua própria identidade singular. A sua perfeição era a da “santa mundanidade”.

E agora ele nos envia ao mundo, assim como ele mesmo foi enviado ao mundo.⁹ Nós temos que penetrar no mundo das outras pessoas, como ele penetrou no nosso – o mundo dos seus pensamentos (enquanto lutamos para entender seu mau entendimento do evangelho), o mundo dos seus sentimentos (enquanto tentamos ter empatia com as suas dores) e o mundo da sua vida (enquanto sentimos a humilhação da sua situação social, seja ela pobreza, desabrigo, falta de trabalho ou discriminação). O arcebispo Michael Ramsey explica isso muito bem: “Nós declaramos e recomendamos a fé somente na medida em que saímos e nos colocamos com amorosa simpatia dentro das dúvidas do duvidoso, das perguntas do indagador e da solidão daqueles que perderam o caminho”.¹⁰ Ainda assim, essa imersão dispendiosa no mundo das outras pessoas não deve ser empreendida às custas da nossa própria integridade cristã. Nós somos chamados para manter os padrões de Jesus Cristo imaculados.

Raramente, em sua longa história, a igreja conseguiu preservar essa dupla identidade da santa mundanidade que lhe foi dada por Deus. Em vez disso, ela tem tendido a oscilar entre os dois extremos. Algumas vezes (numa ênfase exagerada em sua santidade) a igreja tem se retirado do mundo e, assim, negligenciado sua missão. Outras vezes (numa ênfase exagerada em sua mundanidade) ela tem se conformado ao mundo, assimilando suas opiniões e valores, e, assim, negligenciado sua santidade. Mas, para cumprir

sua missão, a igreja deve responder fielmente a ambos os chamados e preservar ambas as partes da sua identidade.

A “missão” surge, então, da doutrina bíblica da igreja no mundo. Se não formos “a igreja”, o povo santo e distinto de Deus, não teremos nada a dizer porque estamos comprometidos. Se, por outro lado, não estivermos “no mundo”, profundamente envolvidos em sua vida e sofrimento, não teremos ninguém a quem servir porque estamos isolados. Nosso chamado é para sermos “santos” e “mundanos” ao mesmo tempo. Sem essa eclesiologia bíblica equilibrada, nós nunca recuperaremos nem cumprimos nossa missão.

A IGREJA DEVE ORGANIZAR-SE

As estruturas da igreja

A igreja deve organizar-se de tal forma que expresse sua compreensão de si mesma. Suas estruturas devem refletir sua teologia, especialmente sua dupla identidade.

Frequentemente a igreja é estruturada para a “santidade”, e não para a “mundanidade”, para o culto e a comunhão, e não para a missão. Em contrapartida, o relatório *A Igreja para os Outros: Uma Busca por Estruturas para Congregações Missionárias* diz:

A igreja missionária não está preocupada consigo mesma – é uma igreja para os outros [...] Seu centro está fora de si mesma; ela deve viver “com o foco fora de si” [...] A igreja precisa se voltar para o mundo [...] Nós precisamos reconhecer que as igrejas têm se transformado em “igrejas

de espera”, para as quais espera-se que as pessoas venham. Suas estruturas herdadas enfatizam e incorporam essa perspectiva estática. Pode-se dizer que nós corremos o risco de perpetuar “estruturas de vinda” em vez de substituí-las por “estruturas de ida”. Pode-se dizer que a inércia tem substituído o dinamismo do evangelho e da participação na missão de Deus.¹¹

Nossas estruturas estáticas, inflexíveis e autocentradas são “estruturas heréticas” porque incorporam uma doutrina herética da igreja.

Algumas igrejas zelosas organizam um programa superlotado de atividades concentradas na igreja, com algo providenciado para todas as noites da semana. Na segunda-feira à noite as comissões se reúnem; na terça-feira à noite, os grupos de comunhão. Na noite de quarta-feira há estudo bíblico, enquanto na quinta-feira à noite há reunião de oração. Na sexta-feira e sábado à noite outras boas causas ocupam o tempo e a energia das pessoas. Essas igrejas dão a impressão de que seu principal objetivo é manter seus membros fora de confusão!

Mas um programa desses, tão abarrotado e centralizado na igreja, por mais admirável que possa parecer à primeira vista, tem muitas desvantagens e perigos. Para começar, é prejudicial à vida familiar. Casamentos se rompem e famílias se desintegram porque os pais raramente estão em casa. Ele também inibe os membros de se envolverem com a comunidade local porque estão preocupados demais com a igreja local. Dessa forma, ele contradiz uma parte essencial da identidade da igreja, sua “mundanidade”. Como o bispo Richard Wilke colocou, “nossa estrutura se tornou um fim em si mesma, não um meio de salvar o mundo”.¹² Nesse caso, ela é uma estrutura herética.

Algumas vezes eu me pergunto (embora eu exagere para realçar meu argumento) se não seria mais saudável os membros da igreja se encontrarem apenas aos domingos (para adoração, comunhão e ensino), e não durante toda a semana. Então nos reuniríamos aos domingos e nos espalharíamos pelo restante da semana. Nós viríamos a Cristo para adorá-lo e iríamos por Cristo em missão. E, nesse ritmo de domingo-dias-da-semana, reunir-espalhar, vir-ir e culto-missão, a igreja expressaria sua santa mundanidade, e sua estrutura se adaptaria à sua dupla identidade.

Então, como a igreja local deve se organizar? De modo ideal, parece-me que a cada cinco ou dez anos cada igreja deve se avaliar e rever quanto suas estruturas refletem sua identidade. Ela deve conduzir uma “auditoria da igreja local” para descobrir até que ponto a igreja está penetrando na comunidade para levá-la a Cristo. Isso pode envolver duas pesquisas, criar um “perfil da comunidade local” (“fazer uma descrição precisa da comunidade”) e um “perfil da igreja local” (“fazer uma descrição precisa da igreja local”).¹³

UMA PESQUISA DA COMUNIDADE LOCAL

Cada igreja está estabelecida em uma situação particular e precisa familiarizar-se com seu contexto. Isso envolve fazer perguntas como estas:

1. Que tipos de pessoas vivem em nossa vizinhança? Qual é a sua origem étnica, nacionalidade, religião, cultura, meio de comunicação preferido e trabalho? Qual é a proporção de famílias chefiadas por pai e mãe, famílias chefiadas só por mãe ou só por pai, famílias compostas por

- solteiros, idosos, jovens? Quais são as principais necessidades sociais da área, concernentes a moradia, emprego, pobreza e educação?
2. No bairro há centros educacionais, sejam eles escolas, faculdades, centros profissionalizantes, creches?
 3. Que tipos de estabelecimentos comerciais são encontrados na área? Fábricas, fazendas, escritórios, lojas ou estúdios? Há um índice considerável de desemprego?
 4. Onde as pessoas moram? Em casas ou apartamentos? São proprietárias ou alugam suas moradias? Existem hotéis, hostels, alojamentos estudantis, blocos de apartamentos ou lares para idosos?
 5. Onde as pessoas se reúnem no tempo de folga? Cafés ou restaurantes, bares ou discotecas, shoppings, clubes de jovens ou outros clubes, bingos, salas de concertos, teatros ou cinemas, quadras de esportes, parques ou nas esquinas?
 6. Que tipos de serviços públicos existem? Polícia, corpo de bombeiros, presídio, hospital, biblioteca pública, outros serviços sociais?
 7. Existem outros prédios religiosos – igrejas ou capelas, sinagogas, mesquitas, templos ou salas de leitura de ciência cristã?
 8. A comunidade tem mudado nos últimos dez anos? E que mudanças podem ser projetadas para os próximos dez anos?

UMA PESQUISA DA IGREJA LOCAL

Essa segunda pesquisa precisa perguntar se a igreja está organizada para servir a si mesma ou para servir a Deus e à comunidade. Ela está realmente organizada somente para si mesma, para sua própria sobrevivência e

conveniência e para a preservação dos seus privilégios? Quais são suas tradições e suas convenções mais valorizadas que desnecessariamente a separam da comunidade?

1. *O prédio da igreja.* Os membros da igreja tendem a estar mais interessados no seu *interior* (sua beleza, conforto e instalações). Mas nós precisamos também andar em volta dele e olhar para ele pelos olhos de *alguém de fora*: que imagem ele apresenta? Parece uma fortaleza (escura, repulsiva e austera), ou é um lugar luminoso, convidativo e acolhedor? Um olhar crítico no interior do prédio da igreja será necessário também, especialmente por meio dos olhos de visitantes não cristãos – sua decoração e móveis, iluminação e aquecimento, seus quadros de avisos, cartazes, estantes e folhetos.
2. *Os cultos da igreja.* Os nossos cultos são exclusivamente para os comprometidos, concebidos somente para os membros e, portanto, baboseira para os de fora? Ou nós nos lembramos dos membros periféricos e dos não membros que podem estar presentes? O que dizer do formato do culto, da liturgia e da linguagem, da música (palavras, melodias e instrumentos), dos assentos e da vestimenta dos pastores e da congregação? Nós precisamos perguntar a nós mesmos que mensagens todas essas coisas transmitem.
3. *Os membros da igreja.* Os membros de nossas igrejas estão mobilizados para missões? Ou nossa igreja é tão predominada pelo clero de tal maneira que isso seja impossível? Ela conseguiu compreender o compromisso do Novo Testamento sobre o “sacerdócio universal do corpo de Cristo”? Ou ela é menos um corpo e mais uma pirâmide, com o clero no pináculo e os leigos apertados nas fileiras inferiores da sua base? Os membros da igreja são também membros da comunidade? Ou

eles estão tão preocupados com as atividades da igreja ou com o cristianismo viajante (viajando longas distâncias para chegar à igreja) que o envolvimento local é difícil ou artificial?

4. *O programa da igreja.* Nós aprisionamos nossos membros na igreja? Ou nós os liberamos deliberadamente (inclusive os líderes) dos compromissos da igreja para serem ativos por Cristo na comunidade? Nós damos suporte a eles com nosso interesse e orações? A verdade bíblica da dupla identidade da igreja é ensinada e incorporada? O treinamento está disponível para aqueles que querem comprometer-se com o serviço e o testemunho cristãos?

As duas pesquisas (da comunidade e da igreja) precisarão ser estudadas pela liderança da igreja (ministros e leigos). Dessa reflexão surgirá uma estratégia renovada para missões. A igreja pode, assim, estabelecer alvos de longo e curto prazos, com uma lista de prioridades. A igreja pode concluir que está sofrendo de uma falsa autoimagem e precisa de ensino bíblico sobre sua santa mundanidade e as implicações disso para missões; ou que um programa de treinamento é necessário para preparar os membros para o evangelismo; ou que as atividades concentradas na igreja devem ser reduzidas para aumentar o envolvimento na comunidade. Ela pode decidir reestruturar o prédio da igreja, a decoração, os assentos ou os cultos; ou organizar uma visitação do seu entorno em conjunto com outras igrejas locais; ou formar grupos especializados para penetrar em segmentos específicos da localidade. Por exemplo, um grupo pode adotar um bar local, não para fazer incursões evangelísticas ocasionais nele, mas para visitá-lo regularmente (em pares) por um longo período, a fim de fazer amizade com as pessoas que se reúnem ali. Repetindo, a igreja pode decidir organizar reuniões nos lares para os vizinhos, ou uma série de palestras apoloéticas

em um local neutro, ou cultos regulares para convidados com uma orientação evangelística, para os quais os membros podem trazer amigos. Ou a igreja pode tomar a decisão de assumir alguma necessidade social especial que tenha surgido durante as pesquisas e encorajar um grupo a estudá-la e depois recomendar a ação. Todas essas decisões serão elaboradas para ajudar a igreja a se identificar com a comunidade e a desenvolver estruturas que facilitem uma missão autenticamente encarnacional.

A IGREJA DEVE EXPRESSAR-SE

A mensagem da igreja

Não basta que a igreja local se compreenda e se organize adequadamente; ela deve também articular sua mensagem. Pois evangelismo, no sentido mais simples e básico, é compartilhar o evangelho (o “evangel”). Assim, para definir evangelismo, devemos também definir as boas novas.

Não há dúvida de que a essência do evangelho é o próprio Jesus Cristo. Seria impossível pregar as boas novas cristãs sem falar de Jesus. Desse modo, nós lemos que Filipe, falando ao etíope, “anunciou-lhe a Jesus”.¹⁴ O apóstolo Paulo se descreveu como “separado para o evangelho de Deus [...] com respeito a seu Filho”.¹⁵ Além disso, ao dar testemunho de Jesus, nós devemos falar, acima de tudo, da sua morte e ressurreição. Citando o famoso resumo de Paulo sobre o evangelho apostólico, “antes de tudo, vos entreguei o que também recebi: que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras. E apareceu”.¹⁶ Nós simplesmente não estamos compartilhando o evangelho se não declararmos o amor de Deus ao dar seu Filho para viver a

nossa vida, morrer por nossos pecados e ressuscitar de novo, juntamente com sua oferta, feita por meio de Jesus Cristo a todos que se arrependem e nele creem, de uma nova vida de perdão e libertação, e de participação em sua nova sociedade.

Mas como formularemos essas boas novas nas sociedades cada vez mais pluralistas do nosso mundo, de tal maneira que alcancem repercussão e façam sentido para elas? Existem dois extremos opostos a serem evitados.

O primeiro extremo eu chamarei *imutabilidade total*. Alguns cristãos parecem estar escravizados a palavras e fórmulas, e assim se tornam prisioneiros de um estereótipo do evangelho. Eles embrulham sua mensagem em um pacote bonito e bem-arrumado. Eles colocam a fita adesiva, um rótulo e a etiqueta de preço como se estivesse destinado ao supermercado. E, então, a menos que sua nomenclatura favorita seja utilizada (reino de Deus, sangue de Jesus, libertação humana, nascer de novo, justificação pela fé, senhorio cósmico de Cristo), eles declaram que o evangelho não tem sido pregado. O que essas pessoas parecem não ter observado é a rica diversidade de formulações do evangelho que são encontradas no próprio Novo Testamento. As opções que listei são todas bíblicas, mas, porque todas elas contêm um elemento de imagem, e cada imagem é diferente, é impossível fundi-las em um conceito único e simples. Assim, é perfeitamente legítimo desenvolver um ou outro desses conceitos, de acordo com o que parecer mais adequado em cada ocasião.

O extremo oposto é a *fluidade total*. Há alguns anos eu ouvi um bispo britânico dizer: “Não existe isso de evangelho no vácuo. Você nem sabe o que o evangelho é até viver cada situação particular. Você precisa viver a situação primeiro, e então você descobrirá o evangelho quando estiver lá”. Agora, se ele quis dizer que ele queria ver o evangelho dentro de um contexto, e não no vácuo, e que nós precisamos relacionar o evangelho

sensivelmente com cada pessoa e situação, eu concordo completamente. Mas dizer que “não existe isso de evangelho no vácuo” e que “você o descobrirá” em cada situação certamente é um grande exagero. Pois o que os defensores da fluidez total parecem não ter observado é que, juntamente com a rica diversidade do Novo Testamento sobre a formulação do evangelho, há também uma unidade subjacente (especialmente com respeito à morte e ressurreição salvadoras de Jesus) que une as diferentes formulações. Como o professor A. M. Hunter escreveu, “existe [...] uma unidade profunda no Novo Testamento, que domina e transcende todas as diversidades”.¹⁷

Existe um meio-termo? Sim, existe. Ambos os extremos que descrevi expressam preocupações importantes que precisam ser preservadas. A primeira (“imutabilidade total”) enfatiza corretamente que o evangelho foi revelado por Deus e recebido por nós. Tanto é uma tradição a ser preservada quanto um depósito a ser guardado. Nós não o inventamos nem temos liberdade para alterá-lo ou adulterá-lo. A segunda (“fluidez total”) enfatiza corretamente que o evangelho deve ser adaptado adequadamente a cada pessoa ou situação em particular. De outra maneira ele seria considerado irrelevante.

De alguma forma, então, nós precisamos aprender a conciliar essas duas preocupações apropriadas. Nós precisamos lutar contra a tensão entre a Palavra antiga e o mundo moderno, entre o que foi dado e o que foi deixado em aberto, entre conteúdo e contexto, Escritura e cultura, revelação e contextualização. Nós precisamos de mais fidelidade à Escritura e mais sensibilidade para com as pessoas. Não um sem o outro, mas ambos.

A IGREJA DEVE SER ELA MESMA

A vida da igreja

Pressupõe-se que a igreja seja a nova sociedade de Deus, a encarnação viva do evangelho, um sinal do reino de Deus, uma demonstração de como a comunidade humana se parece quando ela está debaixo do seu gracioso governo.

Em outras palavras, o propósito de Deus é que as boas novas de Jesus Cristo sejam comunicadas tanto visualmente quanto verbalmente, “por palavras e obras”. Todo educador sabe que é muito mais fácil, para os seres humanos, aprender por meio do que eles veem e experimentam do que por meio do que ouvem. Ou melhor, palavra e obra, ouvir e ver, essencialmente andam juntos. Certamente é assim no evangelismo. As pessoas precisam ver com seus próprios olhos que o evangelho que pregamos nos transformou. Como disse John Poulton, “os cristãos [...] precisam se parecer com o que eles falam. São as *pessoas* que comunicam principalmente, não as palavras ou ideias [...] O que comunica agora é basicamente a autenticidade pessoal”.¹⁸ Se a nossa vida contradiz a nossa mensagem, nosso evangelismo não terá credibilidade alguma. De fato, o maior obstáculo ao evangelismo é a falta de integridade no evangelista.

Em 1 João 4.12 é dito: “Ninguém jamais viu a Deus; se amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós, e o seu amor é, em nós, aperfeiçoado”. Deus é invisível. Ninguém jamais o viu. Tudo que os seres humanos já viram dele são vislumbres da sua glória.

A invisibilidade de Deus é um grande problema para a fé. Foi assim com os judeus no Antigo Testamento. Seus vizinhos pagãos riam deles por adorarem a um Deus invisível. “Vocês dizem que creem em Deus?”, eles os insultavam. “Onde ele está? Venham aos nossos templos e lhes mostraremos nossos deuses. Eles têm ouvidos e olhos, mãos e pés, boca e nariz também.

Mas onde está o Deus de vocês? Nós não podemos vê-lo. Ha, ha, ha!” Os judeus achavam difícil passar por essa ridicularização. Daí a reclamação do salmista e profeta: “Por que diriam as nações: ‘Onde está o Deus deles?’”.¹⁹ É claro que Israel tinha sua própria apologética. Os ídolos dos pagãos eram nada, somente obra de mãos humanas. É verdade que tinham boca, mas não podiam falar; ouvidos, mas não podiam ouvir; nariz, mas não podiam sentir cheiro; mãos, mas não podiam sentir; e pés, mas não podiam andar.²⁰ *Yahweh*, por outro lado, embora (sendo espírito) não tivesse boca, havia falado; embora não tivesse ouvidos, ouvia as orações de Israel; e, embora não tivesse mãos, havia criado o universo e redimido seu povo com seu magnífico poder. Ao mesmo tempo, o povo de Deus ansiava que ele se fizesse conhecido às nações, para que elas pudessem vê-lo e crer nele.

O mesmo problema de um Deus invisível nos desafia hoje, especialmente aqueles que foram educados pelo método científico. Eles foram ensinados a examinar tudo com seus cinco sentidos. É dito a eles que suspeitem de qualquer coisa que não possa ser sujeitada à investigação empírica. Assim, como pode ser razoável crer em um Deus invisível? “Deixem-nos somente vê-lo”, dizem eles, “e creremos.”

Como, então, Deus solucionou o problema da sua própria invisibilidade? Em primeiro lugar e mais importante, ele o fez enviando seu Filho ao mundo. “Ninguém jamais viu a Deus; o Deus unigênito, que está no seio do Pai, é quem o revelou.”²¹ Como resultado, Jesus pôde dizer: “Quem me vê a mim vê o Pai”,²² e Paulo pôde descrevê-lo como “a imagem [visível] do Deus invisível”.²³

A isso o povo tende a responder: “Isso é maravilhoso, mas aconteceu há aproximadamente 2 mil anos. Existe uma maneira pela qual o Deus invisível se faz visível *hoje*?”. Sim, existe. “Ninguém jamais viu a Deus.”²⁴ Nós lemos em 1 João 4.12 as mesmas palavras que em João 1.18. Mas agora João

conclui a sentença de modo diferente. No Evangelho ele escreveu que “o Deus unigênito [...] é quem o revelou”. Na epístola ele escreve que, “se amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós, e o seu amor é, em nós, aperfeiçoado”. Por causa da repetição deliberada de João da mesma afirmação, isso só pode significar uma coisa. O Deus invisível, que uma vez se fez visível por meio de Cristo, agora se faz visível por meio dos cristãos, *se amarmos uns aos outros*.

Deus é amor em sua essência, e revelou seu amor ao dar seu Filho para viver e morrer por nós. Agora ele nos chama para sermos uma comunidade de amor. Nós somos chamados para amar uns aos outros na intimidade da sua família – especialmente ultrapassando barreiras de idade e sexo, raça e classe social. E nós somos chamados para o mundo que Deus ama em sua alienação, fome, pobreza e dor. É pela qualidade do nosso amor que Deus se faz visível hoje.

Nós não podemos proclamar o evangelho do amor de Deus com a mínima integridade se não o exibirmos em nosso amor para com os outros. Talvez nada seja tão prejudicial à causa de Cristo quanto uma igreja que é dividida por ciúmes, rivalidade, calúnia e malícia ou que vive preocupada com seus próprios interesses egoístas. Essas igrejas precisam com urgência ser radicalmente renovadas no amor. Apenas se amarmos uns aos outros é que o mundo crerá que Jesus é o Cristo e que nós somos seus discípulos.²⁵

Eis aqui, então, os quatro principais pré-requisitos para o evangelismo por meio da igreja local:

1. A igreja deve compreender-se (teologicamente), assimilando sua dupla identidade da santa mundanidade.
2. A igreja deve organizar-se (estruturalmente), desenvolvendo uma estratégia missionária que reflita essa dupla identidade.

3. A igreja deve expressar-se (verbalmente), articulando seu evangelho de uma maneira que seja fiel à Escritura e, ao mesmo tempo, relevante para o mundo contemporâneo.
4. A igreja deve ser ela mesma (moral e espiritualmente), tornando-se uma comunidade de amor por meio da qual o Deus invisível se faz visível ao mundo novamente.



PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

por Tim Chester

1. A igreja é chamada à “santa mundanidade”. Você consegue pensar em situações em que igrejas ou cristãos são santos, mas introvertidos? O que dizer de situações nas quais eles estão envolvidos, mas comprometidos? Onde você colocaria sua igreja nesse espectro? Onde você se colocaria?
2. Reveja as estruturas e atividades da sua igreja. O que elas sugerem são as prioridades da sua igreja? Existe alguma incompatibilidade com as suas prioridades declaradas?
3. Reveja as necessidades da sua vizinhança local. Existem necessidades que a sua igreja pode satisfazer?
4. Os membros da sua igreja estão mobilizados para missões? O que a sua igreja poderia fazer a fim de preparar pessoas para missões? Existem coisas que ela deveria deixar de fazer a fim de liberar as pessoas para o envolvimento na comunidade?
5. Pense sobre a maneira como você fala de Cristo para os não cristãos. Você é propenso a ser muito estereotipado (“imutabilidade total”)? Ou você é relutante em falar clara e fielmente da morte e ressurreição de Cristo (“fluidez total”)?

6. De que modo as pessoas veem o Deus invisível em sua vida? E na vida da sua igreja?

DIMENSÕES DA RENOVAÇÃO DA IGREJA

NOS ÚLTIMOS CEM ANOS, mais ou menos, a Igreja tem visto uma série de movimentos de renovação, cada um deles focalizando um aspecto específico da vida eclesial. Posso me lembrar de pelo menos seis desses movimentos.

Em primeiro lugar, no início do século 20, o movimento missionário recebeu ímpeto novo na Conferência Missionária Mundial de Edimburgo, em 1910. O movimento de crescimento da Igreja fundado por Donald McGavran e o Movimento de Lausanne, com seus congressos de evangelização mundial (Lausanne 1974, Manila 1989 e África do Sul 2010), deram esse estímulo posterior.

Em segundo lugar, houve o movimento da teologia bíblica cuja fundação foi apresentada pela ênfase de Karl Barth e Emil Brunner na “alteridade” de Deus e sua Palavra. Esse movimento floresceu entre 1945 e 1960, alimentado por estudiosos bíblicos como Gerhard von Rad (Antigo Testamento) e Oscar Cullmann (Novo Testamento), que enfatizavam a unidade interna da Escritura.

A seguir, o movimento ecumênico tomou forma com o surgimento do Conselho Mundial de Igrejas, em Amsterdã, em 1948, e enfatizou a necessidade de unir as igrejas em seu testemunho para o mundo.

Em quarto lugar, o movimento litúrgico pós-guerra, especialmente (embora não exclusivamente) na Igreja Católica Romana, objetivava

modernizar o culto da congregação. O Concílio Vaticano II deu a ele um maior impulso.

Em quinto lugar, o movimento carismático procurou incorporar a ênfase distinta das igrejas pentecostais a denominações tradicionais e se preocupava com a recuperação do poder espiritual e dons espirituais ao corpo de Cristo.

E, sexto, o movimento da justiça social, variando do aglomerado de teologias da libertação à recuperação da consciência social evangélica, procurou equilibrar as preocupações eternas e sobrenaturais da Igreja com suas responsabilidades temporais e mundanas.

Assim, missão, teologia, unidade, culto, poder e justiça são seis preocupações cristãs legítimas, cada uma das quais tendo reunido ao seu redor protagonistas devotos. Ainda assim, o resultado tem sido uma pauta insalubrememente fragmentada. O que nós precisamos é uma visão holística ou integrada de renovação em todas as dimensões da vida da Igreja.

A palavra católica romana para definir isso, pelo menos desde o Concílio Vaticano II (1963-1965), tem sido *aggiornamento*, o processo de atualizar a Igreja para que ela responda aos desafios do mundo moderno. O mundo está mudando rapidamente, e, se for para a Igreja sobreviver, ela deve acompanhar essa mudança, mas sem comprometer seus próprios padrões nem se conformar aos padrões do mundo.

Os protestantes usam um vocabulário diferente para descrever a contínua necessidade de restauração e renovação da Igreja. Nossas duas palavras favoritas são “reforma”, indicando o tipo de restauração de fé e vida de acordo com a Escritura que aconteceu no século 16, e “reavivamento”, indicando uma visitação sobrenatural de Deus em uma igreja ou comunidade, trazendo convicção, arrependimento, confissão, a conversão de pecadores e a recuperação de apóstatas. “Reforma” geralmente enfatiza o

poder da Palavra de Deus, e “reavivamento”, o poder do Espírito de Deus. Talvez nós devêssemos usar a palavra “renovação” para descrever um movimento que alie reavivamento pelo Espírito de Deus com reforma por sua Palavra. Uma vez que a Palavra é a espada do Espírito, algo parece estar errado quando contemplamos um sem o outro.

Para uma visão integrada dessa constante renovação, nada melhor do que refletirmos sobre a oração de Jesus pelo seu povo em João 17. Sem dúvida, esse é um dos capítulos mais profundos da Bíblia. Aqui há profundezas onde nós nunca penetraremos; tudo que podemos fazer é remar na parte rasa. Aqui há alturas que não podemos escalar; podemos subir apenas até o sopé.

No entanto, nós devemos perseverar. Pois, se o sermão do Cenáculo (João 13 a 17) é o templo da Escritura, João 17 é seu santuário íntimo, o Santo dos santos. Aqui nós somos introduzidos à presença, à mente e ao coração de Deus. Nós recebemos permissão para espiar como o Filho comunga com o Pai. Nós precisamos tirar nossos calçados, uma vez que estamos pisando em solo santo.

Jesus ora:

- Por si próprio, ao aproximar-se da hora da cruz (v. 1-5);
- Por seus apóstolos, a quem ele revelou o Pai e que estão reunidos ao seu redor enquanto ele ora (v. 6-19);
- Por toda a Igreja, presente e futura, constituída de todos aqueles que crerão nele por meio do ensino dos apóstolos (v. 20-26).

Nós nos concentraremos na segunda e terceira seções (v. 6-26).

A propósito, Jesus só começa sua oração por seu povo no final do versículo 11. Antes disso, nos versículos 6-11a ele descreve o povo por quem iria orar. É uma descrição bem detalhada e, embora refira-se principalmente

aos apóstolos, diz respeito a eles como discípulos comuns, e não em seu ministério apostólico distinto. A descrição contém três partes.

Primeiro, *eles pertencem a Cristo*. Por três vezes Jesus repete a verdade de que o Pai os “deu” a ele, do mundo (v. 6 e 9), de tal maneira que eles lhe pertencem.

Segundo, *eles conhecem o Pai*. Pois, se o Pai os deu ao Filho, o Filho deu a eles uma revelação do Pai. Isso também é repetido: “Manifestei o teu nome aos homens que me deste do mundo” (v. 6). Mais adiante: “Eu lhes tenho transmitido as palavras que me deste, e eles as receberam” (v. 8). É claro que essa revelação do nome de Deus, essa dádiva das palavras de Deus, foi feita em primeira instância aos apóstolos, mas a partir deles ela tem sido transmitida a todos os discípulos de Cristo.

Terceiro, *eles vivem no mundo*. “Já não estou no mundo”, diz Jesus, “mas eles continuam no mundo, ao passo que eu vou para junto de ti” (v. 11a). Embora eles tenham sido dados “do mundo” (v. 6) para Cristo, eles permanecem “no mundo” (v. 11a) de onde foram tirados. Eles precisam ser espiritualmente distintos, mas não socialmente segregados. Jesus os deixa para trás como seus representantes ou embaixadores.

Aqui, então, está a tripla caracterização que Jesus faz do seu povo, começando por seus apóstolos, mas incluindo todos os seus discípulos posteriores, até chegar a nós hoje. Primeiramente o Pai nos deu ao seu Filho. Em segundo lugar, o Filho nos revelou o Pai. Em terceiro, nós vivemos no mundo. É essa orientação tripla (ao Pai, ao Filho e ao mundo) que nos torna o povo “santo” que somos. Nós vivemos no mundo como um povo que conhece a Deus e pertence a Cristo e, portanto (está implícito), tem uma missão ímpar de torná-lo conhecido.

O que, então, Cristo ora por seu povo, a quem ele descreveu tão cuidadosamente? O peso da sua intercessão consiste em apenas duas

palavras, que são repetidas. “Pai santo, *guarda-os* [...] peço [...] que *os guardes* do mal” (v. 11b e 15). É uma oração para que o Pai santo nos mantenha como povo santo que somos, que ele nos proteja e nos guarde de toda e qualquer má influência que possa prejudicar a posição ímpar que ele nos deu. É uma oração para que possamos ser mantidos fiéis a quem somos, à essência da nossa identidade cristã, como povo que conhece a Deus, pertence a Cristo e vive no mundo.

Mais especificamente, Jesus ora para que seu povo tenha quatro características, a saber: verdade, santidade, missão e unidade.

VERDADE (V. 11-13)

Uma tradução literal do versículo 11b seria “Guarda-os em teu nome”, mas os comentaristas não chegaram a um acordo sobre como traduzir a preposição “em”. A NVI britânica traduz como “Protege-os pelo poder de teu nome”. Porém, o contexto parece exigir que o nome de Deus é não tanto o poder *pelo* qual, mas a esfera *na* qual os discípulos devem ser guardados. Penso, então, que a Bíblia de Jerusalém britânica está correta ao traduzir: “Guarda aqueles que tu me deste para que sejam fiéis a teu nome”. A revelação do nome de Deus foi “a parede delimitadora, por assim dizer, dentro da qual eles deveriam ser guardados”.¹ Pois o nome de Deus é o próprio Deus – quem ele é, seu ser e seu caráter. Isso o Pai revelou ao Filho, e o Filho, por sua vez, revelou aos apóstolos (v. 6). Durante seu ministério terreno, Jesus os guardou nesse nome (v. 12). Agora, contudo, ele está para deixar o mundo. Assim, ele ora para que o Pai os mantenha leais ao nome que ele lhes revelou “para que eles sejam um, assim como nós” (v. 11). O

meio principal para mantê-los unidos é sua lealdade à verdade de Deus revelada em e por meio de Cristo.

A verdade, assim, era o primeiro interesse que Jesus expressou em sua oração para sua Igreja. Ele falou de revelação, da manifestação do nome oculto de Deus por ele. Ele deixou claro seu anseio de que seu povo fosse leal a essa revelação e de que a unidade desse povo fosse fundamentada na fidelidade comum a ela. Em vez disso, temo que hoje alguns líderes de igrejas contemporâneas sejam culpados de séria infidelidade. Alguns são ousados o suficiente para negar os fundamentos da fé cristã histórica e da moralidade cristã tradicional, enquanto outros parecem tão inseguros de si mesmos e suas crenças quanto um adolescente tímido.

Não há a possibilidade de que a Igreja seja completamente renovada até que, e a menos que, ela seja renovada em seu compromisso com a verdade revelada de Deus em Jesus Cristo e em seu pleno testemunho bíblico. E não há possibilidade alguma de que a Igreja recupere sua unidade até que ela recupere a única base autêntica para a unidade, que é a verdade. Jesus orou primeiro pela verdade da Igreja; e nós devemos fazer o mesmo. Pois Deus deseja que sua Igreja seja “pilar e fundamento da verdade”.²

SANTIDADE (V. 14-16)

Jesus orou para que o Pai não apenas mantivesse seu povo fiel ao seu nome, mas também o guardasse “do mal” (v. 15). Isto é, ele desejava que eles fossem preservados do erro e mantidos na verdade, por um lado; e guardados do mal e mantidos em santidade, por outro lado. Paulo declararia mais tarde que o destino final da Igreja é ser apresentada a Cristo “como Igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem qualquer outra coisa

semelhante, mas santa e sem defeito”.³ Porém a santidade da Igreja deve começar agora.

Então, o que significa “santidade”? Desde o princípio da história, a Igreja tem tido a tendência de ir para os extremos, como vimos no último capítulo. Algumas vezes, em sua correta determinação de ser santa, ela tem se afastado do mundo e perdido contato com ele. Outras vezes, em sua determinação igualmente correta de não perder contato, ela tem se conformado ao mundo e se tornado praticamente indistinguível dele. Mas a visão de Cristo para a santidade da Igreja não é afastamento nem conformidade.

O afastamento foi o modo dos fariseus. Ansiosos para aplicar a lei aos detalhes da vida cotidiana, eles tinham uma compreensão falsa de santidade, imaginando que o mero contato com o mal e pessoas más traria contaminação. E um tipo de farisaísmo ou separatismo cristão tem persistido na Igreja. Frequentemente ele é devido a uma aspiração apaixonada por santidade e a um zelo por preservar a cultura cristã da destruição pelo mundo ímpio. Esses motivos persuadiram os eremitas a fugirem para o deserto no quarto século e levaram ao desenvolvimento do monasticismo medieval. Mas, apesar de os motivos dos monges e eremitas frequentemente serem nobres, esse tipo de monasticismo que levou à retirada do mundo foi uma traição a Cristo. O mesmo acontece com esse tipo de piedade moderna que aprisiona cristãos em uma comunhão do tipo gueto, isolando-os dos não cristãos. Pois Jesus orou especificamente: embora ele quisesse que seus discípulos fossem protegidos do mal, ele não queria que eles fossem tirados do mundo (v. 15).

Se o “afastamento” foi o caminho dos fariseus, a “conformidade” foi o caminho dos saduceus. Pertencentes a famílias ricas e aristocráticas, eles colaboravam com os romanos e procuravam manter o *status quo* político.

Essa tradição comprometedora também persistiu na igreja primitiva e ainda sobrevive hoje.

O motivo para isso, repito, podia até ser bom, ou seja, a resolução de abolir as barreiras entre a Igreja e o mundo e de ser amigo de publicanos e pecadores, como Jesus foi.⁴ Mas ele também foi “separado dos pecadores”⁵ em seus valores e padrões.

Em lugar dessas duas posições extremas, Jesus nos chama para vivermos “no mundo” (v. 11) enquanto permanecemos “não [sendo] do mundo” (v. 14), ou seja, não pertencendo a ele, nem imitando seus caminhos. Essa é a “santa mundanidade” da Igreja que exploramos no capítulo anterior. Nós não devemos ceder nem optar por não participar. Em vez disso, precisamos continuar no mundo e permanecer firmes, como uma rocha na correnteza da montanha, como uma rosa desabrochando no meio do inverno, como um lírio crescendo no meio do esterco.

MISSÃO (V. 17-19)

Existem quinze referências ao “mundo” na oração de Jesus, o que indica que um dos seus principais interesses era como o seu povo se relacionaria com o mundo, isto é, com a sociedade não cristã ou o secularismo ímpio. Ele indicou que o seu povo havia sido dado a ele “do mundo” (v. 6), mas não devia ser tirado do mundo (v. 15); que eles ainda estavam vivendo no mundo (v. 11), mas não deviam ser do mundo (v. 14b); que eles seriam odiados pelo mundo (v. 14a), mas, mesmo assim, foram enviados ao mundo (v. 18). Este é o relacionamento multifacetado da Igreja com o mundo: viver nele, não pertencendo a ele, sendo odiada por ele e enviada a ele.

Talvez a melhor maneira de entender isso seja que, no lugar de “afastamento” e “conformidade”, que são atitudes erradas para com o mundo, a atitude correta é a “missão”. De fato, a missão da Igreja no mundo é possível apenas se ela evitar essas duas trilhas falsas. Se nós nos retirarmos do mundo, a missão será, claro, impossível, uma vez que perdemos contato com ele. Igualmente, se nós nos conformarmos ao mundo, a missão será impossível, já que perdemos nossa vanguarda.

É particularmente impressionante que, embora vivamos “no” mundo (v. 11), precisamos, ser enviados “ao” mundo (v. 18). Mas é isso o que acontece. É muito possível que o povo cristão viva no mundo sem ter participação alguma na missão de Cristo.

A oração de Cristo para o seu povo aqui é que o Pai nos “santifique” pela sua palavra da verdade (v. 17), ou melhor, que nós possamos ser “santificados na verdade” assim como Cristo, que se santificou a si mesmo por nós (v. 19). Que tipo de santificação é essa, devemos perguntar, se o próprio Cristo participou dela? Como o Cristo sem pecado pode ter santificado a si mesmo? A resposta certamente é que a santificação tem dois aspectos complementares, um negativo e um positivo. Ser santificado é ser separado *do* mal em todas as suas formas. Isso é o que normalmente pensamos quando a palavra “santificação” é usada. Mas ser santificado também é ser separado *para* o ministério particular para o qual Deus nos chamou. É nesse sentido que Jesus se separou a si mesmo por nós, ou seja, para vir ao mundo nos buscar e salvar. Nós também temos sido “santificados”, ou separados para a nossa missão no mundo. Na verdade, podemos ser descritos como “separados do mundo para servirmos ao mundo”.⁶

No versículo 18 (como em João 20.21), Jesus traça intencionalmente um paralelo entre sua missão e a nossa: “Assim como tu me enviaste ao mundo,

também eu os envie ao mundo”. Então, em que sentido Jesus pretendia que sua missão fosse modelo para a nossa? Existem diferenças substanciais, é claro. O fato de ele ser enviado ao mundo resultou na encarnação e na expiação, enquanto nós não somos Deus e não podemos nos “tornar carne” ou morrer pelos pecadores. Entretanto, o fato de sermos enviados ao mundo, assim como ele, irá modelar nossa compreensão de missão. Isso nos diz que fazer missão implica:

- Estar sob a autoridade de Cristo (nós somos enviados, não nos voluntariamos);
- Renunciar a privilégios, segurança, conforto e distanciamento, ao realmente entrarmos no mundo de outras pessoas, assim como ele entra no nosso;
- Humilhar-nos para nos tornarmos servos, tal como ele fez;⁷
- Suportar a dor de sermos odiados pelo mundo hostil ao qual somos enviados (v. 14);
- Compartilhar as boas novas com as pessoas, onde estiverem.

UNIDADE (V. 20-26)

Os olhos proféticos de Jesus agora observavam o futuro para além da era apostólica. Ele visualizou as gerações futuras dos discípulos que não o veriam nem ouviriam pessoalmente, como os apóstolos haviam feito, mas que viriam a crer nele por meio do ensino destes. “Não rogo somente por estes, mas também por aqueles que vierem a crer em mim, por intermédio da sua palavra” (v. 20). Isso significa todo cristão de todos os tempos e lugares, inclusive nós. É possível que nós viemos a crer em Jesus por meio

do testemunho dos nossos pais, ou de um pastor, evangelista, professor ou amigo. Porém, o testemunho deles se trata de um testemunho secundário, uma confirmação da própria experiência deles a partir do testemunho original dos apóstolos. Os apóstolos foram as testemunhas oculares, especialmente escolhidos por Jesus para estar com ele, de tal forma que pudessem dar testemunho do que eles haviam visto e ouvido. Há apenas um Cristo verdadeiro, o Cristo do testemunho apostólico, agora preservado no Novo Testamento. Todos os cristãos, desde a era apostólica, vieram a crer em Jesus “por intermédio da sua mensagem”.

O que, então, Jesus deseja para todo o seu povo que crê através do mundo e dos séculos? Não há dúvida a respeito disso, pois ele o expressa três vezes:

- Versículo 21a: “A fim de que todos sejam um”;
- Versículo 22b: “Para que sejam um”;
- Versículo 23b: “A fim de que sejam aperfeiçoados na unidade”.

Esses são pedidos bem conhecidos. O que não se sabe ou compreende muito bem é a natureza da unidade pela qual Cristo orou. Ele enfatizou dois aspectos dela.

Primeiramente, ele orou para que seu povo desfrutasse de *unidade com os apóstolos*. Vejamos cuidadosamente o que está registrado nos versículos 20 e 21a: “Não rogo somente por estes, mas também por aqueles que vierem a crer em mim, por intermédio da sua palavra; a fim de que todos sejam um”. Nós já vimos que Jesus faz distinção entre dois grupos de pessoas: “estes” (o pequeno grupo de apóstolos reunidos ao seu redor) e “aqueles” (a grande fraternidade de todos os cristãos subsequentes). Eles são os mestres e os ensinados. Ele então ora para que “todos”, que deve significar “estes” e “aqueles” juntos, “sejam um”. Em outras palavras, a oração de Jesus foi, em

primeiro lugar e mais importante, que houvesse uma continuidade histórica entre os apóstolos e a Igreja pós-apostólica. Ele ora para que a fé da Igreja não mude com o passar dos anos, mas permaneça reconhecidamente a mesma. Ele ora para que a Igreja de cada geração possa merecer a qualificação de “apostólica” por causa da sua lealdade à mensagem e missão dos apóstolos. A unidade cristã começa, então, como unidade com os apóstolos por intermédio do Novo Testamento, que torna o ensino deles disponível a nós. Sem isso, a unidade da Igreja não seria distintivamente cristã.

Em segundo lugar, Jesus orou para que seu povo desfrutasse de *unidade com o Pai e o Filho*. Embora a pontuação do versículo 21 seja controversa, a maioria das versões inglesas considera a segunda parte como o início de uma nova sentença. Nós podemos traduzir assim: “E como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, [eu oro para que] também sejam eles em nós; para que o mundo creia [...]”. As implicações desta petição são surpreendentes, pois Jesus ora para que a união do seu povo com Deus possa ser comparável à unidade do Pai e do Filho na Trindade. Ele continua no versículo 23: “Eu neles, e tu em mim, a fim de que sejam aperfeiçoados na unidade”.

Assim, pois, a unidade cristã pela qual Cristo orou não era principalmente uma unidade de uns com os outros, mas unidade com os apóstolos (uma verdade comum) e unidade com o Pai e o Filho (uma vida comum). A unidade visível e estrutural da Igreja é um objetivo apropriado. Porém, ela será agradável a Deus somente se for a expressão visível de algo mais profundo, isto é, a unidade na verdade e na vida. Em nossa preocupação ecumênica, portanto, nada é mais importante do que a busca por uma verdade mais apostólica e uma vida mais devota por meio do Espírito Santo. Como disse William Temple, “o caminho para a união da cristandade não está nas salas de reuniões, embora exista ali uma tarefa de

formulação para ser feita. Está na união pessoal com o Senhor, tão profunda e real que possa ser comparável à sua união com o Pai”.⁸

É esse tipo de unidade (uma verdade e uma vida compartilhadas) que fará o mundo acreditar em Jesus (v. 21 e 23). Realmente, a principal razão pela qual Jesus ora pela unidade do seu povo é “a fim de que” o mundo possa crer na origem divina de Jesus e da sua missão. Ele ora para que todos os que no futuro “vierem a crer” nele (v. 20) possam desfrutar de tal unidade de verdade e vida para que o mundo também possa “crer” nele. Assim, a fé produz fé, e os cristãos se multiplicam.

Nos versículos finais da sua oração (v. 24-26), Jesus olha além da história, para a eternidade, pois é apenas no céu que a unidade do seu povo alcançará a perfeição. Eles verão sua glória (v. 24) e o resultado final da revelação que o Filho faz do Pai será que eles irão experimentar o mesmo amor que o Pai tem pelo Filho e o próprio Filho habitará neles (v. 26). Essa unidade final, compreendendo o Pai, o Filho e a Igreja em amor, certamente está além da nossa imaginação, mas não está além do nosso humilde e ardente desejo.

A oração de Jesus é, pois, muito mais abrangente do que geralmente se imagina. É uma oração pela verdade (“guarda-os em teu nome”), santidade (“que os guardes do mal”), missão (“santifica-os [...] eu os enviei ao mundo”) e unidade (“a fim de que todos sejam um”) da Igreja.

Uma das tragédias da Igreja contemporânea é sua tendência de pulverizar essa visão holística de Cristo e escolher um ou outro dos seus interesses em detrimento dos demais. Porém, como o arcebispo Michael Ramsey disse, “um movimento que se concentra na unidade como um conceito isolado pode induzir o mundo e nós mesmos ao erro, assim como o faria um movimento que teve o rótulo exclusivo de santidade ou o rótulo exclusivo de verdade”.

A principal preocupação da Igreja no século 20 era a busca pela unidade estrutural, mas frequentemente sem uma busca equivalente pela verdade e vida que constituem a verdadeira unidade e são os meios pelos quais ela cresce.

Outros têm se preocupado com a verdade (ortodoxia doutrinária), tornando-se algumas vezes secos, duros e desamorosos no processo, esquecendo que a verdade deve ser adornada com a beleza da santidade.

A santidade parece ser de importância fundamental para outros, isto é, o estado da vida interior da Igreja. Mas essas pessoas, às vezes, se recolhem a uma piedade egocêntrica, esquecendo-se de que nós fomos chamados do mundo para sermos enviados de volta a ele, que é a “missão”.

Assim, a missão se torna a obsessão de um quarto grupo. Mas, algumas vezes, eles se esquecem de que o mundo virá a crer em Jesus somente quando o seu povo for um em verdade, santidade e amor.

Verdade, santidade, missão e unidade estavam juntas na oração de Jesus e precisam ser mantidas juntas em nossa busca pela renovação da Igreja hoje. Acredito que podemos detectá-las na Igreja primitiva de Jerusalém, cheia do Espírito, uma vez que nos é dito em Atos 2.42 e 47 que os cristãos “perseveravam na doutrina dos apóstolos” (verdade), “e na comunhão” (unidade), “no partir do pão e nas orações” (adoração como expressão de sua santidade); “enquanto isso, acrescentava-lhes o Senhor, dia a dia, os que iam sendo salvos” (missão). Para mim parece legítimo também ver as mesmas características nas quatro “observações” ou “marcas” tradicionais da Igreja, de acordo com o Credo Niceno, ou seja, “una, santa, católica e apostólica”. Pois o termo “católica” inclui o conceito de abranger toda a verdade, e “apostólica” inclui a visão de ser comprometida com a missão apostólica.

É importante que nós não separemos o que Deus ajuntou. Em vez disso, devemos procurar a renovação da Igreja em todas as quatro dimensões, simultaneamente, para que ela guarde fielmente a revelação que foi lhe confiada de uma vez por todas, torne-se santificada e unificada por essa verdade que ela preserva e saia ousadamente para o mundo em sua missão designada por Deus de testemunho e serviço.



PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

por Tim Chester

1. Que diferença faz saber que os cristãos “pertencem a Cristo”, “conhecem o Pai” e “vivem no mundo” (Jo 17.6-11)? O que aconteceria se nós negligenciássemos uma dessas verdades?
2. O que significa ser enviado ao mundo como Jesus foi enviado ao mundo (Jo 17.18)?
3. Stott defende que a verdadeira unidade cristã é com os apóstolos (uma verdade comum) e unidade com o Pai e o Filho (uma vida comum). Assim, que passos práticos você poderia dar em busca de unidade?
4. Stott identifica quatro elementos para a renovação da Igreja: verdade, santidade, missão e unidade. Você consegue pensar em igrejas ou movimentos que enfocam um deles, porém negligenciam os outros?
5. Qual desses quatro elementos – verdade, santidade, missão e unidade – é o mais forte em sua igreja? Agradeça a Deus por sua obra entre vocês.
6. Qual desses quatro elementos – verdade, santidade, missão e unidade – é o mais fraco em sua igreja? Que passos você pode dar para buscar renovação nessa área?

CAPÍTULO 4

OS PASTORES DA IGREJA

SERIA DIFÍCIL pensar na vida, missão e renovação da Igreja sem pensar em seus ministros ordenados. Pois é claro no Novo Testamento que Deus sempre teve em mente que sua Igreja tivesse alguma forma de supervisão pastoral. Além do mais, a condição da Igreja em todo lugar depende, em grande medida, da qualidade da ministração que ela recebe. Como Richard Baxter singularmente disse, “se Deus reformasse apenas o ministério, e os fizesse [os ministros] cumprir seus deveres com zelo e fidelidade, o povo certamente seria reformado. Todas as igrejas prosperam ou caem conforme os seus ministros prosperam ou caem, não em riquezas ou grandeza terrena, mas em conhecimento, zelo e habilidade para o seu trabalho”.¹

Porém, existe uma grande confusão hoje em dia a respeito da natureza e função dos ministros ordenados. Eles são sacerdotes, profetas, pastores, pregadores ou psicoterapeutas? Eles são administradores, facilitadores ou assistentes sociais? A peça premiada de David Hare *Racing Demon* retrata uma equipe do clero anglicano no sul de Londres. Cada um tem uma percepção diferente sobre o propósito do ministério ordenado. Para Lionel Espy, o gentil e ineficaz pároco, “nosso trabalho é, principalmente, aprender. Com pessoas comuns e trabalhadoras. Nós devemos tentar entendê-las e servi-las”.² “Na maior parte das vezes, na verdade, é apenas ouvir a ira” e absorvê-la como um saco de pancadas.³ Em completo contraste, o jovem vigário carismático Tony Ferris é assustadoramente autoconfiante. “Eu tenho esse poder extraordinário”, afirma ele, que o capacita a “espalhar confiança”

ao seu redor, mas ele o faz às custas de outras pessoas.⁴ Os outros personagens são mais modestos em suas expectativas. O bispo diocesano enfatiza a administração da Santa Comunhão: “Finalmente, é para isso que estamos aqui. Como sacerdotes, temos apenas uma tarefa. Montar um espetáculo”.⁵ Seu sufragâneo, o diplomata episcopal por excelência, vê o cerne do seu trabalho como “evitar que problemas se tornem problemas maiores”.⁶ Para Donald Bacon (“Streaky”), que canta tenor, se embebede e se descreve como “um sacerdote alegre”, não há complicações. “Tudo é tão claro. Ele está aí. Na felicidade das pessoas.”⁷ Harry Henderson, o clérigo homossexual, é um pouco mais ambicioso. “Há pessoas como são. E há pessoas como poderiam ser. O trabalho do sacerdote é tentar colocar os dois um pouco mais próximos.”⁸ Enquanto isso, a jovem e sincera agnóstica Frances Parnell vê o ministério ordenado como o “desperdício de um ser humano [...] sempre a sonhar”.⁹

Algumas pessoas, vendo o clero marginalizado pela sociedade secular e alegrando-se na visão de Paulo sobre o ministério de todo cristão, questionam se os ministros ordenados ainda são necessários e sugerem que a Igreja estaria em melhores condições sem eles. Outros reagem na direção oposta. Seja por motivos teológicos ou pragmáticos, eles colocam os pastores em um pedestal, ou aquiescem quando eles próprios são colocados lá. E, aí, quando as rédeas do ministério estão inteiramente em suas mãos, as consequências quase inevitáveis são o colapso ministerial ou a frustração dos leigos, ou ambas as coisas.

Em toda a sua longa história, a Igreja tem oscilado entre estes dois extremos: clericalismo (domínio do clero sobre os leigos) e anticlericalismo (desdém dos leigos pelo clero). Entretanto, o Novo Testamento nos adverte contra ambas as tendências. Aos coríntios que desenvolveram um culto a personalidades de líderes, Paulo exclamou: “O que vocês pensam que somos,

para nos tratarem com tanta deferência? Somos apenas servos, por meio de quem Deus agiu para lhes trazer a fé”.¹⁰ A outros, porém, que tratavam seus líderes com desprezo, Paulo escreveu que eles os deviam “[acatar] com apreço” e “[ter] com amor em máxima consideração, por causa do trabalho que realizam”.¹¹ E acrescentou: “Fiel é a palavra: Se alguém aspira ao episcopado, excelente obra almeja”.¹² Ou: “Se alguém deseja ser bispo, deseja uma nobre função” (NVI).

Qual é, portanto, a natureza e função do ministério ordenado? Em geral, as igrejas têm dado duas respostas, dependendo se veem o ministério como direcionado principalmente a Deus ou à Igreja. Por um lado, há o modelo sacerdotal, no qual o ministério é exercido a Deus em favor do povo. Por outro lado, há o modelo pastoral, no qual o ministério é exercido ao povo em favor de Deus.

O MODELO SACERDOTAL

A Igreja Católica Romana e a Igreja Ortodoxa veem seu clero como sacerdotes, especialmente em relação ao papel deles na eucaristia. A Igreja Luterana e a Igreja Anglicana também têm chamado seu clero de “sacerdotes”, mas por uma razão diferente. No Concílio de Trento a Igreja Católica Romana afirmou que na missa um sacrifício verdadeiro e propiciatório é oferecido a Deus, e que o sacerdote humano que o oferece representa o Cristo que oferece a si mesmo.¹³ A essência desse ensino foi endossada no Concílio Vaticano II, que disse que os sacerdotes recebem “poder da Ordem sagrada para oferecer sacrifício”.¹⁴ “Eles sacramentalmente oferecem o Sacrifício de Cristo de uma maneira especial quando celebram a missa.”¹⁵ É verdade que eles são considerados

representantes do povo de Deus, bem como representantes de Cristo, quando fazem isso. Mas o coração do seu sacerdócio ainda é concebido como o oferecimento do sacrifício eucarístico.

Os cristãos protestantes, que colocam a autoridade da Escritura acima das tradições da Igreja, não podem aceitar isso. Pois permanece o fato de que o Novo Testamento nunca chama os líderes cristãos de “sacerdotes” e nunca se refere à eucaristia como um sacrifício. A palavra grega para um sacerdote que sacrifica (*hiereus*) ocorre muitas vezes no Novo Testamento. Existe só uma referência a um sacerdote pagão¹⁶ e várias referências aos sacerdotes judeus. A palavra é aplicada também ao Senhor Jesus, nosso grande sumo sacerdote, que se ofereceu de uma vez por todas como um sacrifício pelos pecados.¹⁷ Ela é usada também para os crentes cristãos, que são “sacerdotes de Deus”.¹⁸ Esse é “o sacerdócio de todos os crentes”, sobre o qual os reformadores colocaram tanta ênfase. Coletivamente, nós somos um “sacerdócio” real e santo, que oferece “sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por intermédio de Jesus Cristo”.¹⁹ Se perguntarmos que sacrifícios são esses, eles todos virão sob a categoria geral de adoração da Igreja. Eles incluem nossos corpos,²⁰ nossa oração, louvor e arrependimento,²¹ nossos dons e boas obras,²² nossa vida colocada a serviço de Deus²³ e nosso evangelismo, por meio do qual apresentamos nossos convertidos como “uma oferta aceitável a Deus”.²⁴ Esses oito sacrifícios são oferecidos a Deus por toda a Igreja em sua qualidade de sacerdócio santo. Mas nenhuma vez a linguagem ou figura do sacerdócio é usada para um grupo específico de líderes cristãos que possam corresponder aos sacerdotes da antiga aliança.

Quando nos lembramos de que o sacerdócio levítico tinha, por séculos, sido central para a vida de Israel, e ainda o era no judaísmo palestino dos dias de Jesus, o fato de os líderes cristãos nunca serem comparados a

sacerdotes deve ter sido proposital. Charles Hodge, o teólogo do século 19, disse:

Todo título de honra é colocado luxuosamente sobre eles [ou seja, ministros cristãos]. Eles são chamados de bispos de almas, pastores, mestres, líderes, governantes, servos ou ministros de Deus; mordomos dos mistérios divinos; sentinelas, arautos, mas nunca de sacerdotes. Como os escritores sagrados eram judeus, a quem nada era mais familiar do que a palavra sacerdote, cujos ministros da religião eram constantemente assim denominados, o fato de que eles nunca usaram, nem uma só vez, essa palavra, ou qualquer dos seus cognatos, em referência aos ministros do evangelho [...] é, no mínimo, um milagre. É um daqueles casos nos quais o silêncio da Escritura fala muito alto.²⁵

Algumas igrejas reformadas, inclusive a Igreja da Inglaterra, mantiveram a palavra “sacerdote” porque a palavra inglesa “sacerdote” vem da palavra “presbítero”. Portanto, traduziu-se a palavra “presbítero” (*presbyteros*), e não a palavra “sacerdote” (*hiereus*). A palavra “sacerdote” foi usada porque “presbítero” não era uma palavra em uso no inglês comum. Ao mesmo tempo, há evidência de que os reformadores teriam preferido a palavra inequívoca “presbítero”.²⁶ Por exemplo, João Calvino reclamou nas *Institutas* que os bispos romanos criaram “não presbíteros para liderar e alimentar o povo, mas sacerdotes para realizar sacrifícios”.²⁷ Na Inglaterra, Richard Hooker, respondendo aos puritanos que criticavam o uso da palavra “sacerdote” no Livro de Oração Comum, expressou uma preferência pela palavra “presbítero”, uma vez que “na verdade a palavra ‘presbítero’ realmente parece mais adequada, e, no decoro do discurso, mais aceitável do que a palavra ‘sacerdote’, mais de acordo com o evangelho de Jesus Cristo”.²⁸

Hoje poucas pessoas sabem que “sacerdote” é uma contração de “presbítero”, e pouquíssimas são capazes de realizar a ginástica mental de dizer uma coisa (sacerdote) pensando em outra (presbítero). Portanto, seria melhor tanto por clareza teológica quanto por fidelidade bíblica excluir definitivamente a palavra “sacerdote” do nosso vocabulário. Nós poderíamos então seguir a sabedoria das igrejas unidas do sul da Índia, norte da Índia e Paquistão e nos referirmos a esses três grupos de ministros ordenados como “bispos, presbíteros e diáconos”.

Nós precisamos definir a essência do “sacerdócio” (de acordo com a Escritura) e nos lembrar de que os sacerdotes do Antigo Testamento também eram pastores. Eles exerciam uma função dupla. Por um lado, como *sacerdotes*, eles tinham um ministério *voltado para Deus*: “Porque todo sumo sacerdote, sendo tomado dentre os homens, é constituído nas coisas concernentes a Deus, a favor dos homens”.²⁹ Nessa função, era privilégio deles se aproximar ou chegar perto de Deus,³⁰ oferecer sacrifícios³¹ e fazer intercessão.³² Por outro lado, como *pastores*, eles tinham um ministério *voltado para o povo*. Nessa função, eles cuidavam do bem-estar do povo; ensinavam-lhes a lei;³³ abençoavam o povo, isto é, pediam ou pronunciavam a bênção de Deus sobre ele;³⁴ e agiam como juízes e tomavam decisões.³⁵

Desde a cruz, não se podem mais oferecer sacrifícios por pecados. E, assim, os privilégios direcionados a Deus remanescentes do sacerdócio têm, por intermédio da obra de Cristo, sido herdados por todo o povo de Deus. *Todos* nós podemos nos aproximar de Deus,³⁶ e ter “intrepidez para entrar no Santo dos santos, pelo sangue de Jesus”.³⁷ *Todos* nós somos convidados a oferecer “sacrifícios espirituais” no nosso culto.³⁸ E *todos* nós devemos orar uns pelos outros. Nenhum desses ministérios pertence, como pertenciam nos dias do Antigo Testamento, a uma casta privilegiada, ou seja, ao clero em distinção dos leigos. Embora esse ministério de intercessão possa ser

uma responsabilidade especial do clero,³⁹ ele não pode ser reivindicado como um trabalho distintivamente “sacerdotal” e restrito aos ministros.

Nos dias do Antigo Testamento os sacerdotes e os profetas complementavam-se uns aos outros. Ambos os ministérios eram representativos, mas em direções opostas. Os sacerdotes representavam o povo de Deus, especialmente no oferecimento de sacrifícios; os profetas eram porta-vozes de Deus para o povo, especialmente proferindo oráculos. Mas, na nova aliança, esse duplo ministério de mediação agora é exercido somente por Jesus Cristo. É por intermédio de Cristo que nós chegamos a Deus; e é por meio de Cristo que Deus fala conosco. Ele é o único sacerdote por meio de quem temos acesso a Deus, e o único profeta por meio de quem desfrutamos do conhecimento de Deus. Os mediadores humanos não são mais necessários.

Assim também é o ministério pastoral dos sacerdotes do Antigo Testamento, sua responsabilidade de cuidar do bem-estar espiritual do povo de Deus e, principalmente, sua função de ensinar, a qual foi delegada, nos dias do Novo Testamento, ao clero. Visto que os sacerdotes eram pastores no Antigo Testamento, suponho que os pastores poderiam ser chamados de “sacerdotes” no Novo Testamento. Mas os deveres pastorais nada têm de distintivamente sacerdotal (exceto, talvez, a intercessão). E, de fato, como já vimos, nem Jesus nem seus apóstolos jamais se referiram aos líderes pastorais como sacerdotes.

Mas Deus quer que sua Igreja tenha pastores. É verdade que as responsabilidades pastorais de cuidar e ensinar pertencem, até certo ponto, a todo o povo de Deus, uma vez que nós somos chamados a “instruir-nos e aconselhar-nos mutuamente” e a “levar as cargas uns dos outros”.⁴⁰ No entanto, o Novo Testamento considera que cada igreja terá um grupo de

presbíteros cuja tarefa principal é pastorear o rebanho de Deus, especialmente alimentando-o, ou seja, ensinando-o.⁴¹

O MODELO PASTORAL

Uma vez que “pastor” significa “pastor de ovelhas”, e a ilustração vem de um contexto rural estranho às comunidades urbanas, algumas vezes sugere-se que nós precisamos encontrar um termo mais apropriado para os líderes da igreja. Os moradores de apartamentos urbanos, empoleirados nos parapeitos dos seus penhascos perpendiculares de vidro e concreto, conhecem pouco sobre ovelhas e pastores. Ainda assim, duvido que a maioria de nós esteja pronta para descartar a imagem que Jesus Cristo traçou de si mesmo como o “bom pastor” que veio buscar e salvar as ovelhas perdidas. E provavelmente não deixaremos de cantar os hinos populares que integram essa imagem, tais como “O Senhor é o meu Pastor, nada me faltará” e “Meu bom pastor é Cristo”.

É-nos dito que Jesus se compadeceu quando viu as multidões, “porque estavam aflitas e exaustas como ovelhas que não têm pastor”.⁴² Ovelhas sem pastor ainda hoje devem causar-lhe angústia e preocupação. Afinal, ele mesmo é o pastor delas. Mas ele delega um pouco de sua responsabilidade a subpastores.⁴³ “Pastores e mestres” ainda estão entre os dons com os quais ele enriquece sua Igreja.⁴⁴ Realmente, todo ministério cristão é derivado de Cristo. Seu ministério é o protótipo. Ele é o verdadeiro servo, que “não veio para ser servido, mas para servir”.⁴⁵ E agora ele nos chama para segui-lo no caminho do serviço.⁴⁶

Jesus se denominou “o bom pastor”.⁴⁷ Em outras partes do Novo Testamento ele é chamado de “o Supremo Pastor”, “o grande Pastor das

ovelhas” e “Pastor e Bispo da vossa alma”.⁴⁸ Se, então, pastores são subpastores, nós seremos sábios em imitar os passos do bom, do grande, do supremo pastor. Pois ele ensinou e exemplificou todos os princípios fundamentais do ministério pastoral. O bom pastor, que modela seu ministério pelo do Bom Pastor, tem pelo menos sete características.

Primeiramente, o bom pastor *conhece* as suas ovelhas. Ele “chama pelo nome as suas próprias ovelhas [...] Eu sou o bom pastor; conheço as minhas ovelhas, e elas me conhecem a mim, assim como o Pai me conhece a mim, e eu conheço o Pai”.⁴⁹ O antigo pastor de ovelhas do Oriente Médio era muito diferente dos pastores modernos em outras partes do mundo. Devido ao fato de as ovelhas ocidentais serem criadas principalmente para abate, a vida delas é breve e sem relacionamento pessoal com o fazendeiro criador de ovelhas. Contudo, na Palestina as ovelhas eram criadas para produzir lã, e assim o pastor as mantinha sob seu cuidado por muitos anos. Como resultado disso, um relacionamento de confiança e intimidade se desenvolvia entre eles. O pastor de ovelhas até conhecia e chamava cada uma delas pelo nome.

Certamente esse era o relacionamento entre Jesus e seus discípulos. Ele conhecia seu rebanho pessoalmente. Assim como no Antigo Testamento *Yahweh* chamava Abraão, Moisés, Samuel e outros pelo nome, assim também Jesus conhecia e chamava as pessoas individualmente. Quando ele viu Natanael aproximando-se e lhe disse: “Eis um verdadeiro israelita em quem não há dolo”, Natanael perguntou-lhe com espanto: “Donde me conheces?”.⁵⁰ Jesus continuou e chamou Zaqueu pelo nome para descer do sicômoro onde estava escondido. Depois da ascensão, Jesus chamou Saulo de Tarso pelo nome na estrada de Damasco.⁵¹ E, embora em nossa própria conversão não tenhamos ouvido nenhuma voz audível, nós também podemos dizer que ele nos chamou pessoalmente.

Dessa maneira, talvez a primeira e mais básica característica dos subpastores de Cristo seja o relacionamento pessoal que se deve desenvolver entre o pastor e as pessoas. Elas não são nossos clientes, eleitores, pacientes ou fregueses. Menos ainda, elas não são nomes numa caixa registradora nem, pior ainda, números em um banco de dados. Em vez disso, são pessoas individuais, a quem nós conhecemos e que nos conhecem. Mais ainda, cada uma delas tem um nome “próprio”, um símbolo de sua identidade única, e pastores genuínos fazem o esforço de se lembrarem dos seus nomes. Muitos anos atrás eu tinha dificuldade de me lembrar dos nomes de duas senhoras idosas que vinham juntas à igreja todo domingo. Por conseguinte, o melhor que eu podia fazer era saudá-las como “vocês duas”. Assim, quando as senhoras em questão começaram a assinar “U2”, você pode imaginar meu constrangimento. “Saúda os amigos, nome por nome”, escreveu João.⁵²

A melhor maneira de lembrar os nomes das pessoas é escrevê-los e orar por elas. Quando Paulo disse aos tessalonicenses: "Sempre damos graças a Deus por todos vocês, mencionando-os em nossas orações,"⁵³ parece que ele tinha algum tipo de lista. Sem dúvida, é como se a menção regular dos nomes das pessoas em oração – com mais certeza e rapidez do que de outro modo – os fixasse em nossa mente e memória. Esquecer o nome de alguém é, provavelmente, um sinal da nossa falta de oração como pastores.

Jesus também indicou que esse relacionamento com seu povo seria recíproco (“conheço as minhas ovelhas, e elas me conhecem a mim”⁵⁴) e, ao mesmo tempo, íntimo (assim como o Pai me conhece a mim, e eu conheço o Pai”⁵⁵). Havia algo transparentemente franco e sincero sobre Jesus. Ele nada tinha a esconder. Era uma marca da sua verdadeira amizade, disse ele, que ele se fazia conhecido aos seus discípulos.⁵⁶ É claro que isso não significa que os pastores precisem revelar todos os seus segredos à congregação. Mas eles devem pelo menos estar dispostos a dar o trabalhoso e humilhante

passo de renunciarem a um pouco de sua privacidade e de serem conhecidos como frágeis e vulneráveis como qualquer outra pessoa.

Em segundo lugar, o bom pastor *serve* ao seu rebanho. “Eu sou o bom pastor”, disse Jesus. “O bom pastor dá a vida pelas ovelhas.”⁵⁷ Pois Jesus se dedica ao bem-estar delas, e toda a sua vida é dominada pelas necessidades delas. A principal queixa de Deus contra os líderes de Israel era esta: “Ai dos pastores de Israel que se apascentam a si mesmos! Não apascentarão os pastores as ovelhas?”⁵⁸ Agora, as ovelhas não são animais particularmente agradáveis. Nós alimentamos uma imagem muito romântica das ovelhas, como sendo peludas e fofas. Mas as ovelhas reais não têm muito interesse por sua limpeza e são afligidas por uma variedade de pragas nojentas. Daí a necessidade de mergulhá-las várias vezes por ano em soluções químicas potentes. Elas também têm a reputação de serem estúpidas. Dessa forma, existe muito trabalho sujo e braçal no pastorado, que inclui fortalecer as ovelhas fracas, curar as doentes, enfaixar as machucadas e trazer de volta as ovelhas perdidas.⁵⁹

O próprio Jesus deu a vida por suas ovelhas. Ele não era contratado para fazer seu trabalho por dinheiro. Ele se importava com elas genuinamente, sacrificando-se a si mesmo para servir aos outros. Os pastores precisam desse amor sacrificial, servil, em seus ministérios hoje. Pois, assim como as ovelhas, os seres humanos muitas vezes podem ser “perversos e tolos”. Alguns podem também ser exigentes e ingratos, sendo-nos difícil amá-los. Mas, então, nós devemos nos lembrar de que eles são rebanho de Deus, comprados com o sangue de Cristo e confiados pelo Espírito Santo ao nosso cuidado.⁶⁰ E, se as três pessoas da Trindade estão comprometidas com o bem-estar das pessoas, então certamente também devemos estar. Precisamos ouvir as palavras de Cristo para nós como Richard Baxter as imaginou: “Eu morri por elas, e tu não cuidarás delas? Elas foram dignas do meu sangue,

por que não seriam dignas do teu trabalho? [...] Eu fiz e sofri tanto pela salvação delas, e estava disposto a fazer de ti um colaborador, e tu recusarás o pouco que foi colocado em tuas mãos?”.⁶¹

Em terceiro lugar, o bom pastor *guia* o seu rebanho. Aqui está outra diferença entre os pastores ocidentais e os orientais. No Ocidente, os pastores raramente guiam suas ovelhas, se é que alguma vez o fazem; eles as guiam por trás com o uso de cães pastores. Contudo, por causa do relacionamento íntimo do pastor palestino com suas ovelhas, ele pode andar na frente delas, chamá-las, e elas o acompanham. Chua Wee Hian, ex-secretário-geral da Comunidade Internacional de Estudantes Evangélicos, conta a história de um guia árabe explicando essa tradição a alguns turistas, quando estes “identificaram um homem à distância dirigindo um pequeno rebanho de ovelhas com uma vara bem ameaçadora”. Então o guia estava enganado? “Ele imediatamente parou o ônibus e saiu correndo pelo campo. Poucos minutos depois, retornou com o rosto radiante. Ele anunciou: ‘Acabei de falar com o homem. Senhoras e senhores, ele não é o pastor. Ele, na verdade, é o açougueiro!’”⁶²

O relacionamento de Israel com *Yahweh*, e especialmente a passagem do povo pelo deserto, é comparado com o movimento das ovelhas que seguem seu pastor: “Dá ouvidos, ó pastor de Israel, tu que conduzes a José como um rebanho”.⁶³ O israelita piedoso pensava a respeito de *Yahweh* da mesma maneira: “O Senhor é o meu pastor; nada me faltará [...] leva-me para junto das águas de descanso”.⁶⁴ Assim, Jesus, o Bom Pastor, assumiu e desenvolveu essa mesma imagem: “As ovelhas ouvem a sua voz, ele chama pelo nome as suas próprias ovelhas e as conduz para fora. Depois de fazer sair todas as que lhe pertencem, vai adiante delas, e elas o seguem, porque lhe reconhecem a voz”.⁶⁵ A reciprocidade é clara. Se o bom pastor conhece as ovelhas pelo nome, elas, por sua vez, vêm a conhecer sua voz. Os ouvidos dos cristãos

estão sintonizados com a voz de Cristo. Nós desenvolvemos uma certa sensibilidade para com sua mente e vontade. Aos poucos passamos a conhecer instintivamente o que lhe agradaria ou desagradaria. E assim nós o seguimos por onde ele nos guia e por onde ele nos chama.

Algo semelhante acontece com os pastores cristãos. É nossa responsabilidade solene guiar as pessoas de modo que seja seguro para elas seguirem a nós. Isto é, nós precisamos estabelecer para elas um exemplo consistente e confiável. Jesus introduziu no mundo um novo estilo de liderança, ou seja, liderança pelo serviço e pelo exemplo, e não pela força. O apóstolo Pedro disse: “Pastoreiem o rebanho de Deus que está aos seus cuidados [...], não como dominadores dos que lhes foram confiados, mas como exemplos para o rebanho”.⁶⁶ Com efeito, por bem ou por mal, gostemos ou não, as pessoas nos seguirão. É amedrontador pensar em como muitas ovelhas não possuem discernimento. É por essa razão que é essencial liderá-las bem, ser um bom exemplo, sem deixar lacuna entre nossa pregação e nossa prática, para que não sejam desviadas do caminho por nossa causa.

Em quarto lugar, o bom pastor *alimenta* o seu rebanho. “Eu sou a porta”, disse Jesus. “Se alguém entrar por mim, será salvo; entrará, e sairá, e achará pastagem.”⁶⁷ A principal preocupação dos pastores sempre é que suas ovelhas tenham o suficiente para comer. Quer sejam criadas para fornecer lã ou para fornecer carne, sua saúde depende de pastagem nutritiva. Desse modo, o próprio Jesus, como o Bom Pastor, foi mestre por excelência. Ele alimentou seus discípulos com o bom alimento da sua instrução.

Os pastores atuais têm essa mesma responsabilidade primordial. O ministro ordenado é essencialmente um ministro da Palavra, com os sacramentos compreendidos como “palavras visíveis” (como Agostinho os chamava), dramatizando as promessas do evangelho. O pastor é,

principalmente, um mestre. Essa é a razão pela qual o presbítero deve ser “apto para ensinar”⁶⁸ e deve ser “apegado à palavra fiel, que é segundo a doutrina, de modo que tenha poder tanto para exortar pelo reto ensino como para convencer os que o contradizem”.⁶⁹ O pastor deve ser leal ao ensino apostólico e ter o dom de ensiná-lo. Quer esteja ensinando a uma multidão ou a uma congregação, a um grupo ou a um só indivíduo, o que distingue seu trabalho pastoral é que este é sempre um ministério da Palavra.

Seja nas igrejas cansadas do Ocidente ou nas igrejas vibrantes de muitos países em desenvolvimento, nada é mais necessário hoje do que uma exposição fiel e sistemática da Escritura no púlpito. “Tu me amas?”, Jesus perguntou a Pedro. Então, “apascenta as minhas ovelhas”.⁷⁰ Várias igrejas estão passando fome por falta do “alimento sólido”⁷¹ da Palavra de Deus. O objetivo máximo do nosso ministério pastoral é que “apresentemos todo homem perfeito em Cristo”⁷² e o “aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço” (ou melhor, “para a sua obra ministerial”).⁷³ Seria difícil imaginar uma ambição mais nobre do que, por meio do nosso ministério de ensino, guiar o povo de Deus à maturidade e ao ministério.

Como, então, os pastores alimentam suas ovelhas? Estritamente falando, eles não as alimentam de forma alguma. É verdade que, se uma ovelha recém-nascida estiver doente, o pastor pode tomá-la nos braços e alimentá-la com mamadeira. Mas normalmente o hábito do pastor é levar seu rebanho até “bons pastos” ou “boa pastagem”,⁷⁴ onde elas possam se alimentar. Penso que não é rebuscado ver nisso uma parábola de sólida educação pastoral. A alimentação pela colher ou por mamadeira é coisa para bebês em Cristo. Somente a alimentação nas pastagens os levará à maturidade em Cristo. Ao abrir as Escrituras, o pregador convida as pessoas

a entrar nelas, para que elas mesmas possam se alimentar de sua rica pastagem.

Em quinto lugar, o bom pastor *governa* as suas ovelhas, aceitando que ele tem certa autoridade sobre elas. Eu sou tentado a omitir essa dimensão, mas fazê-lo seria falta de integridade. O bispo Lesslie Newbigin está certo em queixar-se de que “a figura do bom pastor tem sido sentimentalizada”.⁷⁵ No grego clássico o rei era conhecido como o “pastor” do seu povo, e essa analogia do rei-pastor ocorre frequentemente no Antigo Testamento. Por exemplo, o povo lembrou a Davi de como Deus lhe havia dito: “Tu apascentarás o meu povo de Israel e serás chefe sobre Israel”.⁷⁶ Isso não significa que os pastores devam ser autocratas. No entanto, juntamente com a ênfase do Novo Testamento no serviço humilde dos presbíteros, também há alusões ao seu papel de liderança, ao fato de “presidirem” uma igreja local “no Senhor”.⁷⁷ As igrejas precisam “obedecer-lhes” e “ser submissas a eles”,⁷⁸ embora sua autoridade deva ser exercida por meio do seu ministério da Palavra e do seu exemplo.⁷⁹ E muitas passagens do Novo Testamento esclarecem que, se a disciplina tem de ser exercida, ela será feita por intermédio da igreja local coletivamente, e não por meio de um único pastor.⁸⁰

Em sexto lugar, o bom pastor *guarda* as suas ovelhas. O principal inimigo das ovelhas na antiga Palestina era o lobo; o rebanho era indefeso contra ele. Se o pastor fosse apenas um mercenário, ele veria o lobo vindo e abandonaria as ovelhas. Ele fugiria, deixando que o lobo atacasse e dispersasse o rebanho.⁸¹ Somente um bom pastor arriscaria sua própria vida para defender seu rebanho.

Não há dificuldade em interpretar a alegoria de Jesus. “Acautelai-vos dos falsos profetas”, ele disse em outro lugar. Eles “se vos apresentam disfarçados em ovelhas, mas por dentro são lobos roubadores”.⁸² Se as ovelhas são o

povo de Deus e os pastores de ovelhas são seus fiéis pastores, então os lobos são os falsos mestres e os mercenários são pastores infiéis que nada fazem para proteger o povo de Deus do erro. Infelizmente, ainda hoje há lobos no rebanho de Cristo, enganadores que negam alguns dos fundamentos da fé cristã histórica. Verdadeiros pastores não se comportarão como mercenários, fugindo. Eles enfrentarão os lobos. Será uma tarefa dispendiosa. Pois pastores de ovelhas não podem afugentar os lobos gritando com eles ou gesticulando os braços. Eles precisam se atracar com eles, como o jovem Davi fez com o leão e com o urso.⁸³ Da mesma maneira, os pastores precisam aceitar a dor e o perigo do combate frontal com os falsos mestres. Denúncias vagas não bastarão. Em vez disso, precisamos estudar a literatura deles, ouvir seus ensinamentos e trabalhar arduamente com as questões que eles levantam a fim de contestar com eficiência seus argumentos em nosso ensino.

Apesar de ser um ministério arriscado, também é necessário e misericordioso. Nós nunca devemos apreciar a controvérsia. Sempre será um dever desagradável. A única razão pela qual nos envolvemos nele é a nossa compaixão pelas ovelhas. O mercenário foge porque “não tem cuidado com as ovelhas”.⁸⁴ É somente porque um bom pastor se importa, e se importa profundamente, com o bem-estar do povo a quem ele serve que ele enfrentará o erro na igreja. Ovelha sem pastor é presa fácil para os lobos. É necessário dizer do rebanho de Deus hoje que “se espalharam, por não haver pastor, e se tornaram pasto para todas as feras do campo”?⁸⁵ Não se nos importarmos o suficiente para “guardar o nosso rebanho”. Às vezes se diz que devemos sempre ser positivos em nosso ensino, nunca negativos. Mas isso não é verdade. O próprio Jesus denunciou os falsos mestres. E o dever do pastor não é apenas ensinar “a sã doutrina”, mas também

“convencer os que [a] contradizem”.⁸⁶ Alimentar o rebanho e enxotar os lobos não podem ser tarefas separadas.

Em sétimo lugar, o bom pastor *busca* o seu rebanho. “Ainda tenho outras ovelhas”, disse Jesus, “não deste aprisco; a mim me convém conduzi-las; elas ouvirão a minha voz; então, haverá um rebanho e um pastor”.⁸⁷ É claro que, com a expressão “outras ovelhas”, Jesus estava referindo-se aos gentios de fora. Porém, ele disse também “tenho” e “a mim me convém conduzi-las”. Nós precisamos desse mesmo tipo de segurança em nosso evangelismo. Onde quer que vivamos ou trabalhemos, podemos ter certeza de que ali estão algumas das “outras ovelhas” de Cristo, que elas já lhe pertencem no propósito de Deus e que ele está determinado a trazê-las para si.

Esse alcance do povo que está alienado e perdido é uma parte essencial do ministério dos pastores, mesmo que pertença ainda mais a membros leigos da igreja que vivem e trabalham entre os de fora. É verdade que costumamos distinguir entre “evangelistas”, que buscam as ovelhas perdidas, e “pastores”, que nutrem aquelas que foram encontradas. Entretanto, seus ministérios se sobrepõem. Se Jesus, o Bom Pastor, não apenas alimenta as ovelhas que estão no rebanho, mas também busca aquelas que estão fora,⁸⁸ seus subpastores que o substituem devem fazer o mesmo. Se nos esquivarmos dessa responsabilidade, Deus novamente se queixará: “As minhas ovelhas andam espalhadas por toda a terra, sem haver quem as procure ou quem as busque”.⁸⁹ O próprio Jesus nos dirá: “Eu descí do céu à terra, para buscar e salvar o que estava perdido, e tu não queres ir ao teu vizinho, ou rua, ou vila mais próxima para buscá-los?”.⁹⁰ Por outro lado, se sairmos para buscar as pessoas, então compartilharemos do regozijo celestial “por um pecador que se arrepende”.⁹¹

Eis aqui, então, a bela imagem do ministério pastoral que Jesus pintou. Onde quer que haja ovelhas, sejam elas perdidas ou achadas, há a

necessidade de pastores para procurá-las e pastoreá-las. Seguindo o exemplo do próprio Bom Pastor, os pastores humanos irão esforçar-se para conhecer e servir, guiar, alimentar e governar as ovelhas do rebanho de Cristo, guardá-las dos lobos roubadores e buscá-las quando se extraviarem. E, então, mesmo que tenham sido honrados com pouco na terra, eles receberão do Supremo Pastor, quando ele retornar, “a imarcescível coroa de glória”.⁹²

O ideal de pastor exemplificado em Jesus, o Bom Pastor, o qual ele deseja que os líderes imitem, precisa ser complementado por dois outros modelos que ele lhes advertiu que evitassem.

Primeiro, Jesus disse que existem os governantes seculares que “têm-nos sob seu domínio” e “exercem autoridade” sobre o povo. “Não será assim entre vocês”, acrescentou ele enfaticamente. A liderança em sua nova comunidade deve ser inteiramente diferente da liderança no mundo. “Quem quiser tornar-se importante entre vocês deverá ser servo.”⁹³ Como disse T. W. Manson , “no reino de Deus, o serviço não é uma subida de degraus rumo à nobreza; ele é a nobreza, o único tipo de nobreza que é reconhecido”.⁹⁴

Segundo, Jesus exortou seus discípulos a não imitarem os fariseus. Estes amavam lugares e títulos de honra, pois eram sinais do respeito servil do povo. “Não façam o que eles fazem”, disse Jesus. Os líderes cristãos não devem ser chamados de “Pai”, “Mestre” ou “Rabino” (professor). Isto é, não devemos adotar em relação a qualquer ser humano na igreja nem permitir que outros adotem em relação a nós:

- Uma atitude de dependência e desamparo, como a de uma criança para com seu pai;

- Uma atitude de obediência servil, como a de um escravo para com seu senhor;
- Uma atitude de aquiescência acrítica, como a de um aluno para com seu professor.

Fazer isso, sugeriu Jesus, seria usurpar as prerrogativas da Santa Trindade (Deus, nosso Pai, Jesus, nosso mestre, e o Espírito Santo, nosso professor), bem como romper os relacionamentos entre irmãos e irmãs da família cristã.⁹⁵

Aqui temos dois diferentes modelos contemporâneos de liderança, um secular (os governantes) e o outro religioso (os fariseus), que, não obstante, compartilhavam a mesma característica básica: uma sede de poder e prestígio. Hoje o modelo que provavelmente imitaríamos é o da gestão de negócios. Este também, apesar de alguns paralelos aceitáveis, geralmente é mais mundano do que cristão. Com o declínio do status dos pastores na sociedade, nós precisamos cuidar para que não procuremos compensar isso exigindo maior poder e honra na igreja. A marca essencial da liderança cristã é a humildade, não a autoridade; o serviço, não o senhorio; e “a mansidão e benignidade de Cristo”.⁹⁶

Chuck Colson, conhecedor do poder político antes de sua conversão, diz: “A sedução do poder pode separar o mais decidido dos cristãos da verdadeira natureza da liderança cristã, que é servir aos outros. É difícil colocar-se num pedestal e lavar os pés de quem está embaixo”.⁹⁷ E acrescenta: “Nada distingue mais os reinos do homem do reino de Deus do que seus pontos de vista diametralmente opostos sobre o exercício do poder. Um procura controlar as pessoas, o outro busca servir às pessoas; um promove o ego, o outro subjuga o ego; um procura prestígio e posição, o outro eleva o humilde e desprezado”.⁹⁸



PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

por Tim Chester

1. Como os líderes da igreja são representados na cultura popular? Quais são os aspectos positivos e negativos dessa representação?
2. Quão bem você conhece os outros membros da sua igreja? O que você poderia fazer para conhecer mais pessoas ou para conhecer melhor as pessoas?
3. De que maneiras você está servindo à sua igreja local? De que maneiras você é tentado a evitar o custo de servir aos outros?
4. Hebreus 13.17 nos diz para nos submetemos aos nossos líderes, “para que o trabalho deles seja uma alegria”. Como você assegura que o trabalho dos líderes seja uma alegria?
5. Quando você viu exemplos de pastores guardando seus rebanhos de lobos?
6. O que podemos aprender com as abordagens seculares de liderança? Quando você viu modelos mundanos de liderança sendo aplicados na igreja de maneira prejudicial?

O AGORA E O AINDA NÃO

EU COMECEI na introdução com a tensão entre o “antes” (passado) e o “agora” (presente). E termino com outra tensão, entre o “agora” (presente) e o “ainda não” (futuro). Estas duas tensões estão juntas. Pois é em e por meio de Jesus Cristo que o passado, o presente e o futuro são trazidos para um relacionamento criativo. Os cristãos vivem no presente, mas o fazem em gratidão pelo passado e em antecipação ao futuro.

Ao concluir este livro, quero me focar no cristianismo bíblico equilibrado. O equilíbrio é um bem raro hoje em dia em quase todas as esferas, e não é diferente entre nós que buscamos seguir a Cristo.

Uma das características do diabo é que ele é um fanático e inimigo de todo senso comum, moderação e equilíbrio. Um de seus passatempos favoritos é desviar o equilíbrio dos cristãos. Se ele não pode nos levar a negar Cristo, ele nos fará distorcer Cristo. Como resultado, o cristianismo desequilibrado é generalizado, no qual enfatizamos demais um aspecto de uma verdade, ao mesmo tempo em que enfatizamos pouco outro aspecto.

Uma compreensão equilibrada da tensão entre o agora e ainda não seria muito benéfica para a unidade dos cristãos e especialmente para uma maior harmonia entre os cristãos evangélicos. Podemos concordar com os fundamentos doutrinários e éticos da fé. No entanto, parecemos constitucionalmente propensos a brigas e divisões, ou simplesmente a seguir nosso próprio caminho e construir nossos próprios impérios.

REINO VINDO E VINDOURO

É fundamental para o cristianismo do Novo Testamento a perspectiva de que estamos vivendo entre os tempos – entre a primeira e a segunda vinda de Cristo, entre o reino que veio e o reino que virá.

A base teológica para essa tensão pode ser encontrada no próprio ensinamento de Jesus sobre o reino de Deus. Todo mundo aceita que o reino teve grande destaque no ensino de Jesus e também que ele anunciou a vinda desse reino. No entanto, os estudiosos têm discordado sobre o tempo de sua chegada. Será que o reino já veio, pois Jesus o trouxe com ele? Ou o reino ainda virá no futuro, e temos de esperá-lo com expectativa? Ou será que a verdade está entre essas posições?

Albert Schweitzer é um exemplo de um estudioso que pensou que, de acordo com Jesus, o reino estava inteiramente no futuro. Como um profeta apocalíptico, Jesus ensinou (equivocadamente) que Deus estava prestes a intervir sobrenaturalmente e estabelecer o seu reino. As exigências radicais que ele fez aos seus discípulos foram uma “ética interina” à luz da chegada iminente do reino. A posição de Schweitzer é conhecida como escatologia “completa” ou “consistente”.

No extremo oposto estava C. H. Dodd, com sua crença de que a vinda do reino estava totalmente no passado (posição conhecida como escatologia “realizada”). Ele colocou uma forte ênfase em dois versículos cujos verbos no grego estão no tempo perfeito, ou seja, “O reino de Deus está próximo”¹ e “chegou a vocês o reino de Deus”.² Dodd concluiu que não há uma vinda futura do reino e que as passagens que falam disso não faziam parte do próprio ensinamento de Jesus.

No lugar dessas polaridades extremas, a maioria dos estudiosos tomou uma posição intermediária – que Jesus falou do reino como uma realidade

presente e uma expectativa futura.

Jesus ensinou claramente que o tempo do cumprimento havia chegado;³ que o “homem forte” estava agora amarrado e desarmado, permitindo a pilhagem de seus bens, como ficou evidente em seus exorcismos;⁴ que o reino já estava “dentro de” ou “entre” as pessoas;⁵ e que agora era possível “receber” ou “entrar” nele.⁶

No entanto, o reino também era uma expectativa futura. Não seria aperfeiçoado até o último dia. Então ele olhou para a frente até o fim e ensinou seus discípulos a fazê-lo também. Eles oravam: “Venha o teu reino”⁷ e “busquem em primeiro lugar”,⁸ dando prioridade à sua expansão. Às vezes, ele se referia também ao estado final de seus seguidores em termos de “entrar” no reino⁹ ou “receber” o reino.¹⁰

Uma maneira pela qual a Bíblia expressa a tensão entre o “agora” e o “ainda não” está na terminologia das duas “eras”. Do ponto de vista do Antigo Testamento, a história é dividida entre “esta presente era” e “os últimos dias”, ou seja, o reino da justiça a ser introduzido pelo Messias.¹¹ Essa estrutura simples de duas eras consecutivas, no entanto, foi decisivamente alterada pela vinda de Jesus. Pois ele trouxe a nova era e morreu por nós, a fim de nos livrar “desta presente era perversa”.¹² Como resultado, o Pai já “nos resgatou do domínio das trevas e nos transportou para o reino do seu Filho amado”.¹³ Até fomos ressuscitados da morte e assentados com Cristo no reino celestial.¹⁴

Ao mesmo tempo, a velha era persiste. Logo, as duas eras se sobrepõem. “As trevas estão se dissipando e já brilha a verdadeira luz.” Um dia a velha era será terminada (o que será “o fim desta era”),¹⁵ e a nova era, que foi introduzida com a primeira vinda de Cristo, será realizada na segunda. Enquanto isso, as duas eras continuam, e estamos presos nessa tensão entre elas. Somos convocados a “não nos amoldar ao padrão deste mundo”, mas

sim a nos transformar de acordo com a vontade de Deus e a viver coerentemente como filhos da luz.¹⁶

No entanto, a tensão permanece: já *fomos* salvos, mas um dia também *seremos* salvos.¹⁷ E já somos filhos adotivos de Deus, mas também estamos esperando nossa adoção.¹⁸ O cristão “já passou da morte para a vida”, mas a vida eterna ainda será recebida no futuro.¹⁹ Cristo já está reinando, embora seus inimigos ainda não se tenham tornado o estrado de seus pés.²⁰

Vivendo entre o presente e o futuro, a postura característica dos cristãos é descrita de formas variadas como ter esperança,²¹ esperar,²² aguardar com expectativa²³ e gemer,²⁴ enquanto esperamos tanto “ansiosamente”²⁵ como “pacientemente”.²⁶

A essência do período interino entre o “agora” e o “ainda não” é a presença do Espírito Santo no povo de Deus. Por um lado, o dom do Espírito é a bênção distintiva do reino de Deus e o principal sinal de que a nova era começou.²⁷ Por outro, porque a habitação do Espírito é apenas o início da herança do nosso reino, é também a garantia de que o resto um dia será nosso. O Novo Testamento usa três metáforas para ilustrar isso. O Espírito Santo é visto como “os primeiros frutos”, garantindo que virá a colheita completa,²⁸ a “garantia” ou a primeira parcela, sinalizando que o pagamento integral será feito,²⁹ e a degustação, prometendo que a festa completa um dia será desfrutada.³⁰

Aqui estão alguns exemplos da tensão entre o “agora” e o “ainda não”.

REVELAÇÃO, SANTIDADE E CURA

O primeiro exemplo está na *esfera intelectual*, ou na questão da *revelação*.

Afirmamos com alegre confiança que Deus se revelou aos homens, não só no universo criado, na nossa razão e na nossa consciência, mas também supremamente no seu Filho Jesus Cristo e no testemunho da Bíblia a respeito dele. Ousamos dizer que conhecemos a Deus, porque ele mesmo tomou a iniciativa de remover o véu, que de outra forma o esconderia de nós. Alegramo-nos muito porque a sua Palavra lança luz sobre o nosso caminho.³¹

Mas ainda não conhecemos a Deus como ele nos conhece. Nosso conhecimento é parcial porque sua revelação foi parcial. Ele revelou tudo o que pretende revelar e que considera ser para o nosso bem, mas não tudo o que há para revelar. Ainda restam muitos mistérios e, por isso, vivemos pela fé, não pela vista.³²

Devemos tomar a nossa posição ao lado daqueles autores bíblicos que, embora soubessem ser agentes da revelação divina, confessaram humildemente que o seu conhecimento permaneceu limitado. Mesmo Moisés, “a quem o Senhor conheceu face a face”, reconheceu: “Ó Soberano Senhor, tu começaste a mostrar ao teu servo a tua grandeza e a tua mão poderosa!”.³³ Então pense no apóstolo Paulo, que comparou seu conhecimento tanto aos pensamentos imaturos de uma criança quanto aos reflexos distorcidos de um espelho.³⁴

Assim, então, embora seja certo gloriar-se na doação e na finalidade da revelação de Deus, também é certo confessar a nossa ignorância a respeito de muitas coisas. Nós sabemos e não sabemos. “As coisas encobertas pertencem ao Senhor, o nosso Deus, mas as reveladas pertencem a nós e aos nossos filhos para sempre, para que sigamos todas as palavras desta lei.”³⁵ É muito importante manter esta distinção. Falando de modo pessoal, gostaria de ver mais ousadia na nossa proclamação daquilo que foi revelado e mais reserva sobre o que foi mantido em segredo. A concordância na verdade

claramente revelada é necessária para a unidade, mesmo quando damos liberdade uns aos outros em assuntos secundários. E a maneira de reconhecê-los é quando os cristãos que estão igualmente ansiosos para ser submissos às Escrituras, no entanto, chegam a conclusões diferentes sobre eles. Estou pensando, por exemplo, nas controvérsias sobre o batismo, governo da igreja, liturgia e cerimônias, dons espirituais e cumprimento das profecias.

A segunda tensão está na *esfera moral*, ou na questão da *santidade*.

Deus já colocou o seu Espírito Santo dentro de nós, a fim de nos tornar santos.³⁶ O Espírito Santo está ativamente trabalhando dentro de nós, subjugando nossa natureza humana caída e egoísta e fazendo com que seu fruto amadureça em nosso caráter.³⁷ Já, podemos afirmar que ele está nos transformando à imagem de Cristo.³⁸

Mas nossa natureza caída não foi erradicada, pois “a carne deseja o que é contrário ao Espírito”,³⁹ de modo que, “se afirmarmos que estamos sem pecado, enganamos a nós mesmos”.⁴⁰ Ainda não vivemos completamente de acordo com a perfeita vontade de Deus, porque ainda não amamos a Deus com todo o nosso ser, nem ao nosso próximo como a nós mesmos. Como Paulo colocou, ainda não somos perfeitos, mas continuamos em direção a esse objetivo, confiantes de que “aquele que começou boa obra em [nós], vai completá-la até o dia de Cristo Jesus”.⁴¹

Sendo assim, estamos presos em uma tensão dolorosa entre o “agora” e o “ainda não”, entre o desânimo por causa das nossas falhas contínuas e a promessa de liberdade final. Por um lado, devemos seguir com a maior seriedade a ordem de Deus: “Sejam santos porque eu [...] sou santo”;⁴² e também a instrução de Jesus: “Vá e não peque mais”.⁴³ Por outro lado, temos de reconhecer a realidade do pecado em nós convivendo com a realidade do

Espírito em nós.⁴⁴ A perfeição sem pecado pela qual ansiamos continua nos iludindo.

A terceira tensão entre o “já” e o “ainda não” está na *esfera física*, ou na questão da *cura*.

Afirmamos que o reino de Deus, há muito prometido, entrou na história com Jesus Cristo, que não se contentou apenas em proclamar o reino, mas continuou a demonstrar a sua chegada pelas coisas extraordinárias que fez. Seu poder era especialmente evidente no corpo humano: ele curou os doentes, expulsou os demônios e ressuscitou os mortos.

Ele também deu autoridade aos Doze e aos Setenta para ampliar sua missão em Israel e para realizar milagres. Quanto mais ele pretendia ampliar sua autoridade é um assunto em discussão. De um modo geral, os milagres e os sinais eram “as marcas de um apóstolo” verdadeiro.⁴⁵ No entanto, seria insensato tentar limitar ou domesticar Deus. Devemos permitir que ele use sua liberdade e sua soberania, estando inteiramente abertos à possibilidade de milagres físicos hoje.

Mas o reino de Deus ainda não chegou em toda a sua plenitude. Pois “o reino do mundo” ainda não “se tornou de nosso Senhor e do seu Cristo”, quando “ele reinará para todo o sempre”.⁴⁶ Em particular, nosso corpo ainda não foi redimido, e a natureza ainda não foi inteiramente submetida ao governo de Cristo.

Então nós temos de reconhecer a tensão entre o “já” e o “ainda não” também nessa esfera. Para ter certeza, nós experimentamos “os poderes da era que há de vir”,⁴⁷ mas até agora isso continua sendo apenas um gostinho. Parte da nossa experiência cristã é que a vida de ressurreição de Jesus é “revelada em nosso corpo”.⁴⁸ Ao mesmo tempo, nosso corpo permanece frágil e mortal. Reivindicar uma saúde perfeita agora seria antecipar nossa ressurreição. A ressurreição corporal de Jesus foi o penhor, e de fato o

começo, da nova criação de Deus. Mas Deus ainda não pronunciou a palavra decisiva: “Estou fazendo novas todas as coisas”.⁴⁹ Aqueles que descartam a própria possibilidade de milagres hoje se esquecem do “já” do reino, enquanto aqueles que os esperam como o que tem sido chamado de “vida cristã normal” esquecem que o reino “ainda não” é.

IGREJA E SOCIEDADE

Em quarto lugar, a mesma tensão é experimentada na *esfera eclesiástica*, ou a questão da *disciplina da igreja*.

Jesus, o Messias, reúne à sua volta um povo que lhe pertence, uma comunidade caracterizada pela verdade, pelo amor e pela santidade para a qual foi chamada. Mas Cristo ainda não apresentou sua noiva a si mesmo “como igreja gloriosa, sem mancha nem ruga ou coisa semelhante, mas santa e inculpável”.⁵⁰ Pelo contrário, a vida e o testemunho atuais da Igreja são marcados pelo erro, pela discórdia e pelo pecado.

Então, sempre que pensamos na Igreja, precisamos manter juntos o ideal e a realidade. A Igreja está comprometida com a verdade e propensa ao erro, unida e dividida, pura e impura. Não significa que temos de aceitar suas falhas. Devemos acalentar a visão tanto da pureza doutrinária e ética quanto da unidade visível da Igreja. Somos chamados a combater “o bom combate da fé”,⁵¹ e a fazer “todo o esforço para conservar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz”.⁵² E, na busca destas coisas, há lugar para disciplina em casos de heresia ou pecado grave.

Mesmo assim, o erro e o mal não vão ser erradicados completamente da Igreja neste mundo. Eles continuarão a coexistir com a verdade e a bondade. “Deixem que cresçam juntos até a colheita”, disse Jesus na parábola do trigo

e do joio.⁵³ Nem a Bíblia nem a história da Igreja justificam o uso de severas medidas disciplinares na tentativa de garantir uma Igreja perfeitamente pura neste mundo.

A quinta área de tensão entre o “agora” e o “antes”, o “já” e o “ainda não”, é a *esfera social*, ou a questão do *progresso*.

Afirmamos que Deus está trabalhando na sociedade humana. Isto, em parte, se deve à sua “graça comum”, ao dar ao mundo as bênçãos da família e do governo, pelos quais o mal é contido e os relacionamentos são ordenados. E é também por meio dos membros da sua comunidade redimida, que penetram na sociedade como sal e luz, fazendo a diferença ao impedir a decadência e dissipar as trevas.

Mas Deus ainda não criou os prometidos “novos céus e nova terra, onde habita a justiça”.⁵⁴ Ainda existem “guerras e rumores de guerras”.⁵⁵ As espadas ainda não foram forjadas em arados, nem as lanças em foices.⁵⁶ As nações ainda não renunciaram à guerra como um método para resolver suas disputas. O egoísmo, a crueldade e o medo continuam.

Portanto, embora seja correto fazer campanha pela justiça social e ter expectativas de que a sociedade melhore, sabemos que nunca poderemos torná-la perfeita. Embora conheçamos o poder transformador do evangelho e os efeitos benéficos do sal e da luz dos cristãos, também sabemos que o mal está enraizado na natureza humana e na sociedade humana. Somente Cristo em sua segunda vinda erradicará o mal e entronizará a justiça para sempre.

Aqui, então, estão cinco áreas (intelectual, moral, física, eclesiástica e social) nas quais é vital preservar a tensão entre o “já” e o “ainda não”.

TRÊS TIPOS DE CRISTÃO

Existem três tipos distintos de cristãos, de acordo com a extensão em que eles conseguem manter este equilíbrio bíblico.

Em primeiro lugar, há os “*cristãos já*”, que enfatizam o que Deus já nos deu em Cristo. Mas eles dão a impressão de que, em consequência, não há mais mistérios, não há pecados que não possam ser vencidos, não há doenças que não possam ser curadas nem males que não possam ser erradicados.

Em suma, eles parecem acreditar que a perfeição pode ser alcançada agora.

Seus motivos são irrepreensíveis. Eles querem glorificar a Cristo – então eles se recusam a estabelecer limites para o que ele é capaz de fazer. Mas seu otimismo pode facilmente degenerar em presunção e acabar em desilusão. Eles se esquecem do “ainda não” do Novo Testamento e de que a perfeição aguarda a segunda vinda de Cristo.

Em segundo lugar, há os *cristãos “ainda* não”, que enfatizam a incompletude da obra de Cristo para o momento e aguardam ansiosamente o momento em que ele vai completar o que começou. Mas eles parecem estar preocupados com a nossa ignorância e fracasso humanos, o reinado penetrante de doença e da morte e a impossibilidade de garantir uma igreja pura ou uma sociedade perfeita.

Seu motivo também é excelente. Se os “cristãos já” querem glorificar a Cristo, os “cristãos ainda não” querem humilhar os pecadores. Eles estão determinados a ser fiéis à Bíblia para enfatizar nossa depravação humana. Mas seu pessimismo pode facilmente degenerar em complacência; ele também pode levar à aceitação do *status quo* e à apatia diante do mal. Eles se esquecem do que Cristo “já” fez por sua morte, ressurreição e envio do Espírito – e do que ele pode fazer em nossa vida e, como resultado, na Igreja e na sociedade.

Em terceiro lugar, existem os “*cristãos já/ainda não*”. Eles querem dar igual peso às duas vindas de Jesus. Por um lado, eles têm muita confiança no “já”, no que Deus disse e fez por meio de Cristo. Por outro lado, eles exibem uma humildade genuína diante do “ainda não”, humildade para confessar que o mundo vai permanecer caído e meio salvo até que Cristo aperfeiçoe em sua segunda vinda aquilo que ele começou na primeira vinda.

É essa combinação do “já” e do “ainda não” que caracteriza o evangelicalismo bíblico autêntico e que exemplifica o equilíbrio que é tão urgentemente necessário hoje.

Nossa posição como “cristãos contemporâneos” repousa com segurança sobre a pessoa de Jesus, cuja morte e ressurreição pertencem ao “já” do passado, e cuja gloriosa segunda vinda pertence ao “ainda não” do futuro. Como aclamamos em fé e triunfo:

Cristo morreu!

Cristo ressuscitou!

Cristo virá novamente!

NOTAS

PREFÁCIO

1. Apocalipse 1.8.↵
2. Hebreus 13.8.↵

INTRODUÇÃO DA SÉRIE

1. Salmos 119.105; cf. 2 Pedro 1.19.↵
2. Bonhoeffer, Dietrich. Letters and Papers from Prison [Cartas e papéis da prisão]. SCM Press, 1971. p. 279.↵
3. Mateus 11.19.↵
4. Veja Pelikan, Jaroslav. Jesus Through the Centuries [Jesus através dos séculos]. Yale University Press, 1985. p. 182-193.↵
5. 2 Coríntios 11.4.↵
6. 2 Timóteo 1.15; cf. 4.11, 16.↵
7. Atos 26.25.↵
8. Ezequiel 2.6-7.↵

INTRODUÇÃO

1. Tito 2.14.↵

2. Forsyth, P. T. The Work of Christ [A obra de Cristo]. Hodder & Stoughton, 1910. p. 5.↵
3. Moorman, J. R. H. A History of the Church of England [Uma história da Igreja da Inglaterra]. A. & C. Black, 1953. p. 329, 331.↵

CAPÍTULO 1

1. Beeson, Trevor. Discretion and Valour [Discrição e valor]. Collins, 1974. p. 24.↵
2. Extraído de um discurso de Solzhenitsyn ao receber o Prêmio Templeton em Londres, em maio de 1983.↵
3. Roszak, Theodore. Where the Wasteland Ends [Onde acaba a terra devastada].↵
4. Ibid., p. 22.↵
5. Ibid., p. 66.↵
6. Ibid., p. 227-228.↵
7. Ibid., p. 67.↵
8. Ibid., p. 70.↵
9. Ibid., p. xxi.↵
10. Roszak, Theodore. The Making of a Counter Culture [A construção de uma contracultura]. Anchor, 1969. p. 235.↵
11. Castaneda, Carlos. The Teachings of Don Juan [Os ensinamentos de Don Juan].↵
12. Singer, Margaret. Cults in Our Midst: The Continuing Fight Against Their Hidden Menace [Cultos em nosso meio: a luta contínua contra suas ameaças ocultas]. Jossey-Bass, ed. rev. 2003. p. xvii.↵

13. The Economist, 25 nov. 1978.↵
14. Berger, Peter L. Facing Up to Modernity. 1977; Penguin, 1979 p. 255.↵
15. Spangler, David. Emergence: The Rebirth of the Sacred [Emergência: o renascimento do sagrado]. Dell Publishing, 1984. p. 12, 41.↵
16. Agostinho. Confessions. Livro 1, cap. 1.↵
17. Isaías 29.13; Marcos 7.6.↵
18. Gênesis 28.16.↵
19. 1 Coríntios 14.24-25.↵
20. Frankl, Viktor E. Man's Search for Meaning, publicado originalmente com o título From Death-Camp to Existentialism. 1959: Washington Square Press, 1963. p. 165. [Em Busca de Sentido. Petrópolis: Vozes]↵
21. Ibid., p. 154.↵
22. Ibid., p. 167, 204.↵
23. Extraído do capítulo “Rebellion in a Vacuum”, contribuição de Arthur Koestler ao simpósio Protest and Discontent, ed. Bernard Crick e William Robson. Penguin, 1970. p. 22.↵
24. Durkheim, Émile. Suicide: A Study in Sociology [Suicídio: um estudo em sociologia]. 1897; ET, 1952; Routledge & Kegan Paul, 1975. p. 246.↵
25. Doig, Desmond. Mother Teresa: Her People and Her Work [Madre Teresa: seu povo e sua obra]. Collins, 1976. p. 159.↵
26. The Autobiography of Bertrand Russell [A autobiografia de Bertrand Russell]. Allen & Unwin, 1967. p. 13.↵
27. Kroll, Jack, em Newsweek, 24 abr. 1978.↵
28. McCann, Graham. Woody Allen: New Yorker. Polity Press, 1990. p. 222.↵
29. Ibid., p. 248.↵

30. Neill, Stephen C. Christian Faith Today [Fé crista hoje]. Pelican, 1955.
p. 174.↵

CAPÍTULO 2

1. Este capítulo foi escrito antes de o grande livro de Michael Green *Evangelism Through the Local Church* [Evangelismo por meio da igreja local] (Hodder & Stoughton, 1990) ser publicado e chegar às minhas mãos. Michael Green é uma rara mistura de teólogo e evangelista, e tem tido uma experiência singularmente vasta e variada de evangelismo. Com o entusiasmo alegre e contagiante com o qual escreve, ele divide seu tema em quatro partes: (1) “Questões para a Igreja” (a natureza, a necessidade, a base e a esfera do evangelismo em uma sociedade com pluralidade de fé), (2) “O Desafio Secular” (quatro capítulos valiosos sobre apologética), (3) “Evangelismo Centralizado na Igreja” (pregação evangelística, evangelismo pessoal, missões e outros métodos) e (4) “Apêndices Práticos” (cursos para pesquisadores, grupos de descobertas para novos cristãos, treinamento de equipes, uso de dramatizações, direção dos cultos etc.). São aproximadamente 600 páginas de orientação – teológica, pessoal e prática – de alguém cuja mente, coração e mãos estão juntos comprometidos com a divulgação evangelística da igreja local.↵

2. João 4.4-15.↵

3. Atos 8.26-35.↵

4. Atos 14.14-18.↵

5. Atos 17.22-23.↵

6. 1 Pedro 2.5, 9.↵

7. 1 Tessalonicenses 1.5-6, 8.↵
8. Vidler, Alec. Essays in Liberality [Ensaio de liberalidade]. SCM Press, 1957. cap. 5.↵
9. João 17.18; 20.21.↵
10. Ramsey, Michael. Images Old and New [Imagens antigas e novas]. SPCK, 1963. p. 14.↵
11. The Church for Others [A igreja para os outros]. WCC, Geneva, 1967. p. 7, 18-19.↵
12. Wilke, Richard. And Are We Yet Alive? [E ainda estamos vivos?] Abingdon, 1986.↵
13. Faith in the City [Fé na cidade]. Church House, 1985.↵
14. Atos 8.35.↵
15. Romanos 1.1, 3.↵
16. 1 Coríntios 15.3-5.↵
17. Hunter, A. M. The Unity of the New Testament [A unidade do Novo Testamento]. SCM Press, 1943.↵
18. Poulton, John. A Today Sort of Evangelism [Um tipo de evangelismo atual]. Lutterworth, 1972. p. 60-61, 79.↵
19. Por exemplo, Salmos 115.2.↵
20. Por exemplo, Salmos 115.4-7.↵
21. João 1.18.↵
22. João 14.9.↵
23. Colossenses 1.15.↵
24. 1 João 4.12.↵
25. João 13.35; 17.21.↵

CAPÍTULO 3

1. Ross, Charles. The Inner Sanctuary: An Exposition of John Chapters 13–17 [O santuário interior: uma exposição de João 13–17]. 1888; Banner of Truth, 1967. p. 216.↵
2. 1 Timóteo 3.15.↵
3. Efésios 5.27.↵
4. Mateus 11.19 = Lucas 7.34.↵
5. Hebreus 7.26.↵
6. Morris, Leon. The Gospel According to John [O evangelho segundo João], em New International Commentary on the New Testament. Marshall, Morgan & Scott, 1971. p. 730.↵
7. Filipenses 2.7-8.4↵
8. Temple, William. Readings in St John's Gospel [Leituras no Evangelho de João]. Publicado primeiramente em dois volumes, 1939 e 1940; Macmillan, 1947. p. 327.↵

CAPÍTULO 4

1. Baxter, Richard. The Reformed Pastor [O pastor reformado]. 1656; Epworth, 2a ed., 1950. p. 24.↵
2. Hare, David. Racing Demon [Demônio de corrida]. Faber & Faber, 1990. p. 3.↵
3. Ibid., p. 34-35.↵
4. Ibid., p. 75, 97.↵
5. Ibid., p. 3-4.↵

6. Ibid., p. 43.↵
7. Ibid., p. 63.↵
8. Ibid., p. 71.↵
9. Ibid., p. 66, 69.↵
10. 1 Coríntios 3.5, parafraseado e expandido. Paulo usou, intencionalmente, o “que” neutro em vez do “quem” pessoal.↵
11. 1 Tessalonicenses 5.12-13.↵
12. 1 Timóteo 3.1.↵
13. Sessão 22, 1562.↵
14. Decree on the Priestly Ministry and Life [Decreto sobre o ministério sacerdotal e a vida], 1965, I.2.↵
15. Ibid., p. I.5.↵
16. Atos 14.13.↵
17. Por exemplo, Hebreus 10.12.↵
18. Apocalipse 1.6; 5.10; 20.6.↵
19. 1 Pedro 2.5, 9.↵
20. Romanos 12.1.↵
21. Apocalipse 5.8; Hebreus 13.15; Salmos 51.17.↵
22. Filipenses 4.18; Hebreus 13.16.↵
23. Filipenses 2.17; 2 Timóteo 4.6.↵
24. Romanos 15.16.↵
25. Hodge, C. H. Systematic Theology. Thomas Nelson and Sons/Charles Scribner and Co., 1875. vol. II. p. 467. [Teologia Sistemática. São Paulo: Hagnos]↵
26. Sykes, Norman. Old Priest, New Presbyter [Velho sacerdote, novo presbítero]. CUP, 1956. p. 43.↵

27. Calvino, João. Institutes. IV.v. 4. [Institutas da Religião Cristã. São José dos Campos: Fiel]↵
28. Hooker, Richard. Laws of Ecclesiastical Polity [Leis da política eclesiástica] (1593-1597). Livro V.lxxviii.3.↵
29. Hebreus 5.1.↵
30. Por exemplo, Êxodo 19.22; Levítico 10.3; 16.2.↵
31. Por exemplo, Êxodo 30.20; Hebreus 8.3-6.↵
32. Por exemplo, Êxodo 28.9-14, 29-30; Joel 2.17.↵
33. Por exemplo, Levítico 10.11; Deuteronômio 17.11; 2 Crônicas 15.3; 17.8-9; 35.3; Jeremias 2.8; Malaquias 2.1, 4-9.↵
34. Por exemplo, Levítico 9.22-23; Números 6.22-27; Deuteronômio 21.5.↵
35. Por exemplo, Êxodo 28.30; Deuteronômio 21.5.↵
36. Efésios 2.18; Tiago 4.8.↵
37. Hebreus 10.19.↵
38. Por exemplo, 1 Pedro 2.5; Romanos 12.1.↵
39. Atos 6.3-4.↵
40. Por exemplo, Colossenses 3.16; Gálatas 6.2.↵
41. Por exemplo, Atos 14.23; 20.17, 28; 1 Timóteo 3.1-2; Tito 1.5-9.↵
42. Mateus 9.36.↵
43. Atos 20.28.↵
44. Efésios 4.11.↵
45. Marcos 10.45.↵
46. 2 Coríntios 4.5.↵
47. João 10.11, 14.↵
48. 1 Pedro 5.4; Hebreus 13.20; 1 Pedro 2.25.↵
49. João 10.3, 14-15.↵

50. João 1.47-48.↵
51. Lucas 19.5; Atos 9.4.↵
52. 3 João 15.↵
53. 1 Tessalonicenses 1.2.↵
54. João 10.14.↵
55. João 10.15.↵
56. Por exemplo, João 14.21; 15.15.↵
57. João 10.11.↵
58. Ezequiel 34.2. A passagem equivalente no Novo Testamento é Judas 12, que fala de “pastores que a si mesmos se apascentam”. Isto é, eles usam suas posições para ministrar ao seu próprio ego, e não ao cuidado do povo com o qual estão comprometidos.↵
59. Veja Ezequiel 34.4.↵
60. Atos 20.28.↵
61. Baxter, Richard. The Reformed Pastor [O pastor reformado]. 1656; Epworth, 1939. p. 121-122.↵
62. Hian, Chua Wee. Learning to Lead [Aprendendo a liderar]. IVP, 1987. p. 35.↵
63. Salmos 80.1.↵
64. Salmos 23.1-2.↵
65. João 10.3-4.↵
66. 1 Pedro 5.2-3.↵
67. João 10.9.↵
68. 1 Timóteo 3.2.↵
69. Tito 1.9.↵
70. João 21.17.↵
71. 1 Coríntios 3.2; Hebreus 5.12.↵

72. Colossenses 1.28.↵
73. Efésios 4.12.↵
74. Ezequiel 34.14.↵
75. Newbiggin, Lesslie. The Good Shepherd: Meditations on Christian Ministry in Today's World [O bom pastor: meditações sobre o ministério cristão no mundo de hoje]. Faith Press, 1977. p. 14.↵
76. 2 Samuel 5.2.↵
77. 1 Tessalonicenses 5.12.↵
78. Hebreus 13.17.↵
79. Hebreus 13.7.↵
80. Por exemplo, Mateus 18.15-20; 1 Coríntios 5.4-5, 13.↵
81. João 10.12-13.↵
82. Mateus 7.15; cf. Atos 20.29-30.↵
83. 1 Samuel 17.34-35.↵
84. João 10.13.↵
85. Ezequiel 34.5.↵
86. Tito 1.9.↵
87. João 10.16.↵
88. Lucas 19.10; cf. 15.3-7.↵
89. Ezequiel 34.6.↵
90. Baxter, Richard. The Reformed Pastor [O pastor reformado]. 1656; Epworth, 1939. p. 121-122.↵
91. Lucas 15.7.↵
92. 1 Pedro 5.4.↵
93. Marcos 10.42-45.↵
94. Manson, T. W. The Church's Ministry [O ministério da igreja]. Hodder & Stoughton, 1948. p. 27.↵

95. Mateus 23.1-12.↵
96. 2 Coríntios 10.1; cf. 2 Timóteo 2.24.↵
97. Colson, Charles W. Kingdoms in Conflict: An Insider's Challenging View of Politics, Power, and the Pulpit [Reinos em conflito: uma visão desafiadora de política, poder e o púlpito por uma testemunha]. Morrow-Zondervan, 1987. p. 272.↵
98. Ibid., p. 274.↵

CONCLUSÃO

1. Marcos 1.15, como ele traduz êngiken.↵
2. Mateus 12.28, ephthasen.↵
3. Por exemplo, Marcos 1.14-15; Mateus 13.16-17.↵
4. Mateus 12.28-29; cf. Lucas 10.17-18.↵
5. Lucas 17.20-21.↵
6. Por exemplo, Marcos 10.15.↵
7. Mateus 6.10.↵
8. Mateus 6.33.↵
9. Marcos 9.47; cf. Mateus 8.11.↵
10. Mateus 25.34.↵
11. Por exemplo, Isaías 2.2; Mateus 12.32; Marcos 10.30.↵
12. Gálatas 1.4.↵
13. Colossenses 1.13; cf. Atos 26.18; 1 Pedro 2.9.↵
14. Efésios 2.6; Colossenses 3.1.↵
15. Por exemplo, Mateus 13.39; 28.20.↵
16. Romanos 12.2; 13.11-14; 1 Tessalonicenses 5.4-8.↵

17. Romanos 8.24; 5.9-10; 13.11.↵
18. Romanos 8.15, 23.↵
19. João 5.24; 11.25-26; Romanos 8.10-11.↵
20. Salmos 110.1; Efésios 1.22; Hebreus 2.8.↵
21. Romanos 8.24.↵
22. Filipenses 3.20-21; 1 Tessalonicenses 1.9-10.↵
23. Romanos 8.19.↵
24. Romanos 8.22-23, 26; 2 Coríntios 5.2, 4.↵
25. Romanos 8.23; 1 Coríntios 1.7.↵
26. Romanos 8.25.↵
27. Por exemplo, Isaías 32.15; 44.3; Ezequiel 39.29; Joel 2.28; Marcos 1.8; Hebreus 6.4-5.↵
28. Romanos 8.23.↵
29. 2 Coríntios 5.5; Efésios 1.14.↵
30. Hebreus 6.4-5.↵
31. Salmos 119.105.↵
32. 2 Coríntios 5.7.↵
33. Deuteronômio 34.10; cf. Números 12.8; Deuteronômio 3.24.↵
34. 1 Coríntios 13.9-12.↵
35. Deuteronômio 29.29.↵
36. 1 Tessalonicenses 4.7-8.↵
37. Gálatas 5.16-26.↵
38. 2 Coríntios 3.18.↵
39. Gálatas 5.17.↵
40. 1 João 1.8.↵
41. Filipenses 3.12-14; 1.6.↵
42. Por exemplo, Levítico 19.2.↵

- 43. João 8.11 (NAA).↵
- 44. Por exemplo, Romanos 7.17, 20; 8.9, 11.↵
- 45. 2 Coríntios 12.12.↵
- 46. Apocalipse 11.15.↵
- 47. Hebreus 6.5.↵
- 48. 2 Coríntios 4.10-11.↵
- 49. Apocalipse 21.5.↵
- 50. Efésios 5.27; cf. Apocalipse 21.2.↵
- 51. 1 Timóteo 6.12.↵
- 52. Efésios 4.3.↵
- 53. Mateus 13.30.↵
- 54. 2 Pedro 3.13; Apocalipse 21.1.↵
- 55. Marcos 13.7.↵
- 56. Isaías 2.4.↵

A IGREJA

Categoria: bíblico / Igreja / Vida Cristã

Copyright © John Stott com Tim Chester, 2019. Todos os direitos reservados.

Publicado originalmente em 2019, por InterVarsity Press, Londres, Inglaterra.

Título original em inglês: *The Bible*

Publicado como o terceiro volume da série “O Cristão Contemporâneo”. Organizado por Tim Chester a partir do livro *The Contemporary Christian* (1992), de John Stott.

Primeira edição: Julho de 2021

Coordenação editorial: Bernadete Ribeiro

Tradução: Meire Portes Santos

Revisão: Natália Superbi

Diagramação: Bruno Menezes

Capa: Rafael Brum

Produção do arquivo ePub: Booknando

A menos que indicado de outra forma, os textos bíblicos foram retirados da Nova Versão Internacional, da Sociedade Bíblica Internacional.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Lumos Assessoria Editorial

Bibliotecária: Priscila Pena Machado CRB-7/6971

S888

Stott, John.

A igreja : uma comunidade singular de pessoas [recurso eletrônico] / John Stott e Tim Chester ; tradução Meire Portes Santos. — Viçosa : Ultimato, 2021.

Dados eletrônicos (e-Pub). — (O Cristão Contemporâneo ; 3) 340 p.

Título original: The church : a unique gathering of people

ISBN 978-65-86173-21-5

1. Igreja. 2. Vida cristã. 3. Igreja - Estudos bíblicos. 4. Unidade cristã. I. Chester, Tim. II. Santos, Meire Portes. III. Título. IV. Série.

CDU 82.1(811.3)

PUBLICADO NO BRASIL COM TODOS OS DIREITOS RESERVADOS POR:

EDITORA ULTIMATO LTDA

Caixa Postal 43

36570-970 Viçosa, MG

Telefone: 31 3611-8500

www.ultimato.com.br



facebook.com/editora.ultimato



twitter.com/ultimato



instagram.com/editoraultimato

• ORGANIZADO POR TIM CHESTER •



O MUNDO

UMA MISSÃO
A CUMPRIR

JOHN STOTT



O MUNDO

JOHN STOTT

• ORGANIZADO POR **TIM CHESTER** •



O MUNDO

UMA MISSÃO A CUMPRIR

TRADUZIDO POR **DENIS TIMM**



Sumário

Capa

Folha de rosto

Prefácio

Uma nota ao leitor

Introdução da série “O Cristão Contemporâneo”

Introdução

1. A singularidade de Jesus Cristo

2. Nosso Deus é um Deus missionário

3. Missão holística

4. A cristologia da missão

Conclusão

Notas

Créditos

PREFÁCIO

SER “CONTEMPORÂNEO” é viver no presente e mover-se com os tempos sem se preocupar demais com o passado ou o futuro.

Ser um “cristão contemporâneo”, porém, é viver num presente que é enriquecido pelo nosso conhecimento do passado e pela nossa expectativa do futuro. Nossa fé cristã exige isso. Por quê? Porque o Deus em quem confiamos e que adoramos é “o Alfa e o Ômega... o que é, o que era e que há de vir, o Todo-poderoso”,¹ enquanto o Jesus Cristo que seguimos é “o mesmo, ontem, hoje e para sempre”.²

Assim, este livro e esta série falam de como os cristãos lidam com o tempo – como podemos unir o passado, o presente e o futuro em nosso pensar e viver. Temos diante de nós dois desafios principais. O primeiro é a tensão entre o “antes” (passado) e o “agora” (presente), e o segundo é a tensão entre o “agora” (presente) e o “ainda não” (futuro).

A introdução aborda o primeiro problema. É possível honrarmos verdadeiramente o passado e, ao mesmo tempo, vivermos no presente? Podemos preservar intacta a identidade histórica do cristianismo sem nos isolar daqueles que estão ao nosso redor? Podemos comunicar o evangelho de maneiras vibrantes e modernas, mas sem distorcê-lo ou até mesmo destruí-lo? Podemos ser autênticos e puros ao mesmo tempo, ou temos de escolher?

A conclusão aborda o segundo problema: a tensão entre o “agora” e o “ainda não”. Até onde podemos explorar e experimentar tudo o que Deus tem dito e feito por meio de Cristo sem nos desviar para o que ainda não foi revelado ou dado? Como podemos desenvolver um senso adequado de

humildade sobre um futuro que ainda vai se revelar sem nos tornarmos acomodados sobre onde estamos no presente?

Em meio a essas questões sobre as influências do passado e do futuro surge uma investigação sobre as nossas responsabilidades cristãs no presente.

Esta série trata de questões de doutrina e discipulado sob os cinco títulos: “O Evangelho”, “O Discípulo”, “A Bíblia”, “A Igreja” e “O Mundo” (o livro que você tem em mãos), embora eu não faça tentativa alguma de ser sistemático nem, muito menos, exaustivo.

Além da questão do tempo e das relações entre passado, presente e futuro, há um segundo tema que percorre esta série: a necessidade de falarmos menos e escutarmos mais.

Creio que somos chamados à difícil e até dolorosa tarefa da “dupla escuta”. Devemos escutar com atenção (embora, naturalmente, com diferentes graus de respeito) tanto a Palavra antiga como o mundo moderno, a fim de relacionar um ao outro com uma combinação de fidelidade e sensibilidade.

Cada livro desta série é uma tentativa de dupla escuta. É minha firme convicção que, se conseguirmos desenvolver a nossa capacidade de dupla escuta, evitaremos as armadilhas antagônicas da infidelidade e da irrelevância, e seremos verdadeiramente capazes de falar a Palavra de Deus ao mundo de Deus hoje de maneira eficaz.

ADAPTADO DO PREFÁCIO ORIGINAL ESCRITO POR JOHN STOTT EM 1991.

UMA NOTA AO LEITOR

O LIVRO ORIGINAL intitulado *O Cristão Contemporâneo*, no qual este volume e esta série estão baseados, pode não parecer “contemporâneo” para os leitores de hoje, mais de um quarto de século depois. Mas tanto a editora quanto os Executores Literários de John Stott estão convencidos de que as questões abordadas por John Stott neste livro são tão relevantes hoje como eram quando foram abordadas pela primeira vez.

A questão era como tornar esta obra seminal acessível para as novas gerações de leitores. Assim, procuramos fazer isso da seguinte maneira:

- A obra original foi dividida em uma série de volumes menores, levando em conta as cinco principais seções do original.
- Palavras que podem não comunicar ao leitor do século 21 foram atualizadas, ao mesmo tempo em que foi tomado grande cuidado para manter o processo de pensamento e o estilo do autor no original.
- Cada capítulo agora é seguido por perguntas feitas por um autor cristão atual e best-seller, a fim de ajudar a reflexão e a resposta.

Os amantes da obra original expressaram alegria pelo fato de este livro estar sendo disponibilizado de uma forma que amplia o seu alcance e influência em um novo século. Oramos para que você tenha a sua vida enriquecida por esta leitura, pois a vida de muitas pessoas já foi grandemente enriquecida pela edição original.

INTRODUÇÃO DA SÉRIE

O CRISTÃO CONTEMPORÂNEO O ANTES E O AGORA

A EXPRESSÃO “o cristão contemporâneo” atinge muitos como uma contradição em termos. Para muitos, o cristianismo não passa de uma relíquia antiga do passado remoto, irrelevante para as pessoas do mundo de hoje.

O meu propósito nesta série é mostrar que existe algo como “cristianismo contemporâneo” – não algo ultramoderno, mas um cristianismo original, histórico, ortodoxo e bíblico, sensivelmente relacionado com o mundo moderno.

CRISTIANISMO: TANTO HISTÓRICO

COMO CONTEMPORÂNEO

Começamos reafirmando que o cristianismo é uma religião histórica. É claro que cada religião surgiu em um contexto histórico particular. O cristianismo, no entanto, faz uma reivindicação especialmente forte de ser histórico, porque repousa não só sobre uma *pessoa* histórica, Jesus de Nazaré, mas em certos *acontecimentos* históricos que o envolveram, especialmente o seu nascimento, morte e ressurreição. Há uma linha comum

aqui com o judaísmo, a partir do qual o cristianismo surgiu. O Antigo Testamento apresenta Deus não só como “o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó”, mas também como o Deus da aliança que ele fez com Abraão e, depois, renovou com Isaque e Jacó. Mais uma vez, ele não é apenas “o Deus de Moisés”, mas também é visto como o Redentor responsável pelo êxodo, que renovou a aliança mais uma vez no monte Sinai.

Os cristãos estão para sempre amarrados pelo coração e pela mente a estes acontecimentos históricos decisivos do passado. A Bíblia constantemente nos encoraja a olhar para eles com gratidão. De fato, Deus deliberadamente providenciou tudo para que o seu povo recordasse as suas ações salvadoras com regularidade. De modo emblemático, a Ceia do Senhor ou Eucaristia nos permite ter em mente a morte expiatória de Cristo, de modo regular, trazendo o passado para o presente.

Mas o problema é que os acontecimentos fundamentais do cristianismo ocorreram há muito tempo. Há alguns anos tive uma conversa com dois irmãos – estudantes que me disseram ter se afastado da fé professada pelos seus pais. Um deles agora era agnóstico, e o outro era ateu. Eu perguntei por quê. Será que eles não acreditavam mais na verdade do cristianismo? Não, o dilema deles não era se o cristianismo era *verdadeiro*, mas se era *relevante*. E como poderia ser? O cristianismo – eles continuaram – era uma religião primitiva da Palestina de muito tempo atrás. Então, o que tinha para oferecer a eles, que viviam no agitado mundo moderno?

Esta visão do cristianismo é generalizada. O mundo mudou dramaticamente desde os dias de Jesus e continua a mudar com uma velocidade cada vez mais desconcertante. As pessoas rejeitam o evangelho não necessariamente porque pensam que ele seja falso, mas porque já não diz nada para elas.

Em resposta a isso, precisamos ser claros sobre a convicção cristã básica de que Deus continua a falar por meio do que ele falou. A sua Palavra não é um fóssil pré-histórico, mas uma mensagem viva para o mundo contemporâneo. Mesmo admitindo as particularidades históricas da Bíblia e as imensas complexidades do mundo moderno, ainda existe uma correspondência fundamental entre elas. A Palavra de Deus permanece uma lâmpada para os nossos pés e uma luz para o nosso caminho.¹

No entanto, nosso dilema permanece. Será que o cristianismo consegue, ao mesmo tempo, manter a sua identidade autêntica e demonstrar a sua relevância?

O desejo de apresentar Jesus de uma maneira que apele para a nossa própria geração é obviamente certo. Esta foi a preocupação do pastor alemão Dietrich Bonhoeffer enquanto estava na prisão durante a Segunda Guerra Mundial: “O que mais me preocupa”, escreveu ele, “é a questão: [...] ‘quem Cristo realmente é, hoje, para cada um de nós?’”.² É uma questão difícil. Ao responder a ela, a Igreja em todas as gerações tinha tendência a desenvolver imagens de Cristo que se desviam do retrato pintado pelos autores do Novo Testamento.

TENTATIVA DE MODERNIZAR JESUS

Aqui estão algumas das muitas tentativas da Igreja de apresentar um retrato contemporâneo de Cristo, algumas das quais têm sido mais bem-sucedidas do que outras quanto a permanecer fiel ao original.

Penso em primeiro lugar em *Jesus, o asceta*, que inspirou gerações de monges e eremitas. Ele era muito parecido com João Batista, pois também vestia roupas feitas de pelo de camelo, usava sandálias ou até andava

descalço e comia gafanhotos com prazer evidente. Mas seria difícil conciliar este retrato com a crítica dos seus contemporâneos de que ele era um festeiro que vivia “comendo e bebendo”.³

Também havia *Jesus, o pálido galileu*. O imperador apóstata Juliano tentou restabelecer os deuses pagãos de Roma depois que Constantino os substituiu pela adoração a Cristo, e relata-se que ele teria dito o seguinte em seu leito de morte, em 363 depois de Cristo: “Venceste, ó galileu”. Suas palavras foram popularizadas por um poeta do século 19, Swinburne:

Venceste, ó pálido galileu;

O mundo tornou-se cinzento do ar que respiras.

Esta imagem de Jesus foi perpetuada na arte medieval e vitrais, com um halo celeste e uma pele sem cor, olhos levantados para o céu e pés que não tocavam o chão.

Em contraste com as apresentações de Jesus como fraco, sofredor e derrotado, havia *Jesus, o Cristo cósmico*, muito amado pelos líderes da igreja bizantina. Eles o descreveram como o Rei dos reis e Senhor dos senhores, o Criador e governante do universo. No entanto, exaltado acima de todas as coisas, glorificado e reinando, ele parecia distante do mundo real e até mesmo da sua própria humanidade, como foi revelado na encarnação e na cruz.

No extremo oposto do espectro teológico, os deístas do Iluminismo dos séculos 17 e 18, à própria imagem deles, construíram *Jesus, o mestre do senso comum*,⁴ inteiramente humano e nada divino. O exemplo mais dramático é a obra de Thomas Jefferson, presidente dos Estados Unidos de 1801 a 1809. Rejeitando o sobrenatural como algo incompatível com a razão, ele produziu a sua própria edição dos Evangelhos, em que todos os milagres e mistérios

foram sistematicamente eliminados. O que resta ali é um guia para um professor de moral meramente humana.

No século 20, fomos apresentados a uma ampla gama de opções. Duas das mais conhecidas devem sua popularidade a musicais. Há *Jesus, o palhaço de Godspell*, que passa o tempo cantando e dançando, e assim capta algo da alegria de Jesus, mas dificilmente leva a sério a sua missão. Um pouco semelhante é *Jesus Cristo Superstar*, a celebridade desiludida, que uma vez pensou que sabia quem era, mas no Getsêmani já não tinha tanta certeza.

O falecido presidente de Cuba Fidel Castro referiu-se frequentemente a Jesus como “um grande revolucionário”, e houve muitas tentativas de retratá-lo como *Jesus, o lutador da liberdade*, o guerrilheiro urbano, o Che Guevara do primeiro século, com barba negra e olhos brilhantes, cujo gesto mais característico foi derrubar as mesas dos cambistas e expulsá-los do templo com um chicote.

Esses diferentes retratos ilustram a tendência recorrente de atualizar Cristo de acordo com as modas atuais. Isso começou na era apostólica, com a necessidade de Paulo advertir sobre os falsos mestres que pregavam “um Jesus que não é aquele que [nós, os apóstolos] pregamos”.⁵ Cada geração que chega tende a ler para si as suas próprias ideias e esperanças, criando um Jesus à sua própria imagem.

A motivação deles até é certa (pintar um retrato contemporâneo de Jesus), mas o resultado é sempre distorcido (como o retrato não é autêntico). O desafio diante de nós é apresentar Jesus à nossa geração de maneiras ao mesmo tempo precisas e atraentes.

CHAMADO À DUPLA ESCUTA

A principal razão de cada traição ao Jesus autêntico é que prestamos muita atenção às tendências contemporâneas e muito pouca atenção à Palavra de Deus. A sede de relevância torna-se tão exigente que sentimos a necessidade de ceder a ela, custe o que custar. Tornamo-nos escravos da última moda, preparados para sacrificar a verdade no altar da modernidade. A busca da relevância degenera para um desejo de popularidade. No extremo oposto da irrelevância está a acomodação, uma rendição covarde e sem princípios ao *espírito do tempo*.

O povo de Deus vive em um mundo que pode ser ativamente hostil. Estamos constantemente expostos à pressão para nos conformarmos a este mundo.

Graças a Deus, no entanto, que sempre houve aqueles que ficaram firmes, às vezes sozinhos, e se recusaram a ceder. Penso em Jeremias, no sexto século antes de Cristo, Paulo, em sua época (“todos... me abandonaram”),⁶ Atanásio, no século quarto, e Lutero, no século 16.

Em nossos dias, também precisamos decidir apresentar o evangelho bíblico de tal forma a lidar com os dilemas modernos, medos e frustrações, mas com a igual determinação de não comprometê-lo ao fazermos isso. Algumas *pedras de tropeço* são intrínsecas ao evangelho original e não podem ser eliminadas ou empurradas suavemente para torná-lo mais fácil de aceitar. O evangelho contém algumas características tão estranhas ao pensamento moderno que sempre poderá parecer tolo, por mais que nos esforcemos para mostrar que ele é “verdadeiro e de bom senso”.⁷ A cruz será sempre um ataque à autojustiça humana e um desafio à autoindulgência humana. O seu “escândalo” (pedra de tropeço) simplesmente não pode ser removido. A Igreja fala mais autenticamente não quando se torna indistinta do mundo ao nosso redor, mas justamente quando a sua luz distintiva brilha mais.

Por mais que estejamos desejosos de comunicar a Palavra de Deus aos outros, devemos ser fiéis a essa Palavra e, se necessário, estar preparados para sofrer por ela. A palavra de Deus a Ezequiel nos encoraja: “Não tenha medo dessa gente [...] Você lhes falará as minhas palavras, quer ouçam, quer deixem de ouvir, pois são rebeldes”.⁸ Somos chamados para ser fiéis e relevantes, não meramente modernos.

Como, então, podemos desenvolver uma mente cristã que seja moldada pelas verdades do cristianismo histórico e bíblico e, ao mesmo tempo, totalmente imersa nas realidades do mundo contemporâneo? Temos de começar com uma dupla recusa. Nós nos recusamos a ficar tão absorvidos na Palavra, que *fugimos* para ela, que falhamos em deixar que ela confronte o mundo; e nos recusamos a ficar tão absorvidos no mundo, que nos *conformamos* a ele e deixamos de submetê-lo ao julgamento da Palavra.

Em lugar desta dupla recusa, somos chamados à dupla escuta. Precisamos escutar a Palavra de Deus com expectativa e humildade, prontos para Deus talvez nos confrontar com uma palavra que pode ser perturbadora e inesperada. E devemos também escutar o mundo ao nosso redor. As vozes que ouvimos podem assumir a forma de protesto agudo e estridente. Haverá também os gritos angustiados daqueles que estão sofrendo, e a dor, a dúvida, a raiva, a alienação e até mesmo o desespero daqueles que estão em desacordo com Deus. Escutamos a Palavra com humilde reverência, ansiosos para compreendê-la, e resolvemos crer e obedecer ao que passamos a entender. Escutamos o mundo com atenção crítica, ansiosos para compreendê-lo, e resolvemos não necessariamente acreditar e obedecer-lhe, mas simpatizar com ele e procurar graça para descobrir como o evangelho se relaciona com ele.

Todos acham difícil escutar. Mas será que os cristãos, às vezes, têm mais dificuldade para escutar do que os outros? Podemos aprender com os

chamados “consoladores” do livro de Jó, no Antigo Testamento. Eles começaram bem. Quando ouviram falar dos problemas de Jó, foram visitá-lo e, vendo quão grandes eram os seus sofrimentos, nada lhe disseram durante uma semana inteira. Se ao menos tivessem continuado como começaram e mantido a boca fechada! Em vez disso, eles propuseram a sua visão convencional – a visão de que o pecador sofre por causa dos seus próprios pecados – da maneira mais insensível. Eles realmente não escutaram o que Jó tinha a dizer. Eles se limitaram a repetir o seu próprio discurso impensado e sem coração, até que, no final, Deus entrou em cena e os repreendeu por terem deturpado a situação.

Precisamos cultivar essa “dupla escuta”, a capacidade de escutar duas vozes ao mesmo tempo – a voz de Deus por meio da Bíblia e as vozes de homens e mulheres ao nosso redor. Essas vozes muitas vezes se contradizem, mas o nosso propósito ao escutá-las é descobrir como elas se relacionam umas com as outras. A dupla escuta é algo indispensável para o discipulado cristão e para a missão cristã.

Somente por meio desta disciplina de dupla escuta é possível tornar-se um “cristão contemporâneo”. Nós juntamos o “histórico” e o “contemporâneo” enquanto aprendemos a aplicar a Palavra ao mundo, proclamando a boa-nova que é tanto verdadeira como nova.

Para resumir, vivemos no “agora” à luz do que já aconteceu “antes”.

O MUNDO

EM TEORIA, o mundo é a comunidade velha e caída, enquanto a Igreja é a nova e redimida sociedade de Deus. Alguns teólogos, ansiosos para minimizar a diferença, vão tão longe a ponto de identificá-los, aplicando a todos os seres humanos indiscriminadamente o rótulo de “o povo de Deus”. Outros alcançam o mesmo objetivo por uma rota diferente. Permitem que o mundo dite à Igreja quais devem ser os seus pontos de vista e valores, até que a Igreja se conforme com o mundo e seja praticamente impossível distinguir os dois. Um terceiro grupo se contenta no fato de a Igreja e o mundo viverem juntos em convivência amigável, sem que um invada o território do outro ou interfira nos assuntos do outro.

Uma quarta possibilidade, no entanto, é aquilo que Jesus e seus apóstolos previam. É que a Igreja tem a responsabilidade dada por Deus de se infiltrar no mundo, ouvindo seus desafios, mas também trazendo seu próprio desafio, compartilhando as boas novas em palavras e ações. O termo correto para essa tarefa é “missão”. É para a “missão” que Deus envia a Igreja ao mundo. Vamos considerar quatro aspectos principais.

No capítulo 1, olhamos para a singularidade de Jesus Cristo, sem dúvida a questão mais importante e mais urgente que se apresenta à Igreja mundial hoje. Será que ainda podemos aplicar palavras tradicionais como “único”, “absoluto” e “final” a Jesus? Ou devemos nos render às pressões do pluralismo, que insiste em dizer que Jesus era apenas um de vários líderes religiosos, e que cada religião tem a sua própria validade independente? Se

Jesus foi e é único em sua pessoa e obra, então temos a obrigação de torná-lo conhecido. Se ele não é, então o principal fundamento da missão cristã foi minado, e teremos de desistir de nossa ambição de ganhar o mundo para Cristo.

No capítulo 2, definiremos a base bíblica completa para a missão cristã. Isto vai além da singularidade de Cristo, chegando à natureza do próprio Deus, pois a missão começa no coração de Deus. O Deus vivo da revelação bíblica é um Deus missionário. Um rápido levantamento de toda a Escritura demonstrará que cada uma de suas cinco seções tem uma ênfase inevitavelmente missionária.

No capítulo 3, “Missão holística”, veremos que a comunicação do evangelho pela Igreja não pode ser feita apenas em palavras, mas deve ser feita também em obras. Na missão da Igreja, como na de Cristo, boas novas e boas obras caminham juntas.¹ Nos propósitos de Deus, a evangelização e a responsabilidade social são casadas, e elas não devem ser divorciadas.

No capítulo 4, voltaremos a Cristo, já que nada é mais importante na missão cristã do que uma visão clara e viva dele. Sob o título “A cristologia da missão”, vamos olhar para os seis principais eventos da carreira salvadora de Jesus, a fim de ver que cada um tem uma dimensão missionária. A partir deles, aprenderemos o modelo e o custo da missão a que somos chamados, o mandato, o incentivo e o poder para essa missão e a sua urgência.

A SINGULARIDADE DE JESUS CRISTO

CERTA VEZ, uma assistente social na Nigéria visitou um jovem em uma das vielas de Lagos. Ao lado de sua cama ela encontrou a Bíblia, o Livro de Oração Comum, o Alcorão, três cópias da *Torre de Vigia* (a revista das Testemunhas de Jeová), uma biografia de Karl Marx, um livro de exercícios de ioga e – o que aquele pobre jovem claramente mais necessitava – um livreto popular intitulado *Como Parar de Preocupar-se*.¹

Em 1966, a primeira cerimônia multirreligiosa foi realizada na igreja de St. Martin-in-the-Fields, em Londres. Hindus, budistas, muçulmanos e cristãos participaram em igualdade de condições, fazendo quatro afirmações de uma fé supostamente comum, dando quatro leituras de suas respectivas escrituras sagradas e pronunciando quatro bênçãos. Foi apenas em uma dessas bênçãos que o nome de Jesus foi mencionado – pela primeira e última vez. A imprensa secular estava entusiasmada, saudando o momento como um marco significativo na história religiosa. Mas os jornais cristãos descreveram aquilo como uma traição à fé cristã. É duvidoso se iriam escrever algo semelhante hoje em dia, uma vez que cerimônias multirreligiosas são realizadas regularmente.

Esses dois incidentes, um em Lagos e outro em Londres, são exemplos do espírito de sincretismo. O doutor Visser't Hooft, o primeiro secretário-geral do Conselho Mundial das Igrejas, definiu sincretismo como a visão de “que não há nenhuma revelação única na história, que há muitas maneiras diferentes de alcançar a realidade divina, que todas as formulações de

verdade ou experiência religiosa são por sua própria natureza expressões inadequadas dessa verdade, e que é necessário harmonizar o máximo possível todas as ideias e experiências religiosas, de modo a criar uma religião universal para a humanidade”². Ele foi franco em sua rejeição desta perspectiva. “Está mais do que na hora de os cristãos redescobrirem”, prosseguiu ele, “que o próprio coração da sua fé é que Jesus Cristo não veio para dar uma contribuição para o armazém religioso da humanidade, mas que Deus reconciliou com ele o mundo”³.

Hoje, o principal desafio para a compreensão tradicional da singularidade de Cristo não é o “sincretismo”, mas o “pluralismo”, não a tentativa de fundir as religiões do mundo em uma única fé universal, mas o reconhecimento da integridade de cada uma em toda a sua diversidade distintiva.

As opções que temos agora diante de nós são geralmente resumidas como “exclusivismo”, “inclusivismo” e “pluralismo”.⁴

O “exclusivismo” (um termo infelizmente negativo, que dá a impressão de querer excluir as pessoas do reino de Deus) é usado para denotar a visão histórica cristã de que a salvação não pode ser encontrada em outras religiões, mas apenas em Jesus Cristo.

O “inclusivismo” permite que a salvação seja possível para os adeptos de outras fés, mas diz que esta salvação é devido à obra secreta e muitas vezes não reconhecida de Cristo. No Concílio Vaticano II, os católicos romanos abraçaram este ponto de vista, afirmando que a obra salvífica de Cristo é boa “não só para os cristãos, mas para todos os homens de boa vontade no coração de quem a graça funciona de uma forma invisível”⁵.

O “pluralismo” vai ainda mais longe. Seus defensores rejeitam o exclusivismo como algo “presunçoso” e “arrogante”, e o inclusivismo como sendo “paternalista” ou “condescendente”. Considerando que a “pluralidade” expressa o simples fato de que existem muitas religiões, o “pluralismo”

afirma a validade independente de cada uma delas. Ele renuncia a todas as reivindicações de que o cristianismo é “absoluto”, “único”, “definitivo”, “final”, “normativo”, “supremo” ou “universal”. “Crescimento ilimitado é câncer, e isso se aplicaria a uma religião cristã única e sempre crescente em todo o mundo.”⁶ Em vez disso, o cristianismo deveria ser visto como apenas uma religião entre muitas, e Jesus como apenas um salvador entre outros. Este é o chamado “ecumenismo mais profundo e amplo, que abraça toda a humanidade”, do qual o arco-íris permanece “um símbolo atemporal”.⁷

ARGUMENTOS PARA O PLURALISMO

O que muitos acham atraente no “pluralismo”?

Primeiro, há uma *consciência global*. As ameaças ao ambiente natural, os receios de um conflito nuclear e a contínua injustiça econômica entre o Norte e o Sul conduziram a uma perspectiva planetária. A própria sobrevivência da raça humana parece depender de que todos aprendam a viver juntos em harmonia e cooperem para o bem comum. Portanto, o que quer que cause divisão, incluindo as nossas religiões, é compreensivelmente considerado como um crescente desfavor.

Em resposta, os cristãos devem realmente estar na vanguarda da busca da harmonia global. Pela criação de Deus, somos um só povo no mundo. Devemos estar comprometidos com a busca da paz internacional, com a democracia, com os direitos humanos, com as relações comunitárias, com a responsabilidade ambiental e com a procura de uma nova ordem econômica internacional. Além disso, pessoas de diferentes raças e religiões podem, devem e de fato cooperam neste tipo de ação social. No entanto, para fazer isso, não é necessário renunciar a nossa crença na singularidade de Jesus

Cristo. Seria loucura procurar a unidade à custa da verdade, ou a reconciliação sem Cristo, o Mediador. Além disso, Cristo inevitavelmente divide as pessoas, assim como as une. Ele disse que não tinha vindo para “trazer paz à terra [...] mas espada”⁸. Ele previu que algum conflito iria continuar, como as pessoas se colocarem a favor dele ou contra ele.

Em segundo lugar, há *uma apreciação de outras religiões*. As comunicações modernas (especialmente a televisão, as viagens e a *internet*) fizeram com que o mundo encolhesse. Pessoas de crenças e costumes estranhos, que anteriormente eram muito distantes de nós, agora vivem ao nosso lado. Eles entram em nossa casa – seja pessoalmente, seja pelas telas. Isto é “uma realidade recém-experimentado para muitos hoje”⁹. Os livros sagrados de outras religiões agora estão disponíveis em traduções para as nossas línguas. E, à medida que nos familiarizamos melhor com as religiões do mundo, o que o professor John Hick chamou de suas “imensas riquezas espirituais” então “tendem a corroer a plausibilidade do antigo exclusivismo cristão”¹⁰. Além disso, algumas crenças antigas estão mostrando sinais de ressurgimento, justamente quando a percepção é de que o cristianismo, declinando no Ocidente, “não conseguiu quebrar o poder das grandes religiões históricas”¹¹.

Devemos ser receptivos ao conhecimento mais profundo das diversas fés que há no mundo, sobretudo por meio do estudo comparativo das religiões nas escolas. Mas se descobrirmos “riquezas” em outras religiões, também vamos discernir mais claramente a singularidade absoluta de Jesus Cristo, como veremos mais tarde. “Fazer reivindicações de exclusividade para a nossa tradição particular”, escreve Stanley Samartha, um defensor do pluralismo, “não é a melhor maneira de amar o nosso próximo como a nós mesmos”¹². Mas, de fato, é a melhor e mais alta maneira de expressar o amor ao próximo, se o evangelho for verdadeiro. Pois se o evangelho é verdadeiro,

então não podemos afirmar que amamos o nosso próximo se o deixarmos sem conhecer Cristo. Quanto à vitalidade de outras religiões, e ao fracasso comparativo do cristianismo, essas coisas devem nos levar não à conclusão de que o evangelho é falso, mas sim ao autoexame, ao arrependimento, à mudança e à adoção de melhores maneiras de compartilhar as boas novas com os outros.

Terceiro, há *uma modéstia pós-colonial*. Durante quatro séculos o Ocidente dominou o mundo em termos políticos, militares, econômicos e científicos, e tomou como certos a sua superioridade moral e espiritual. Na verdade, a atitude do cristianismo “para com outras religiões foi moldada pela mentalidade colonial”¹³. O fim da Segunda Guerra Mundial, no entanto, anunciou o fim da era colonial. Enquanto o Ocidente passava por uma profunda mudança cultural “de uma posição de clara superioridade para uma de mera paridade”, uma mudança paralela ocorria na consciência teológica. O professor Langdon Gilkey escreve: “Esta situação dramática forçou [...] uma nova compreensão dos inter-relacionamentos das religiões, um novo equilíbrio de poder espiritual, por assim dizer, sobre todos”. Isto empurrou todos nós para fora da “superioridade”, para a “paridade”.¹⁴ Continuar, portanto, a reivindicar a universalidade cristã, como se diz, é voltar à velha mentalidade imperialista.

Para nós, no Ocidente, é certamente embaraçoso reconhecer que, durante esses séculos de expansão colonial, a conquista territorial e a espiritual muitas vezes andavam de mãos dadas, assim como a política e a religião, as armas e a Bíblia, a bandeira e a cruz. Representantes do poder imperial desenvolveram atitudes de superioridade orgulhosa em relação àqueles que governavam. Mas “superioridade” é uma palavra escorregadia, pois pode descrever um ar de intolerável presunção – e precisamos nos arrepender de cada vestígio disso. Mas procurar conquistar seguidores de outras religiões

para Cristo não é em si mesmo uma marca de arrogância. Em vez disso, indica uma profunda e humilde convicção de que o evangelho é superior a outras fés, porque é a verdade revelada de Deus.

No entanto, o atrativo do pluralismo é mais do que uma preocupação com a harmonia global, uma apreciação de outras religiões e um desejo de modéstia pós-colonial. Tem raízes ainda mais profundas, que foram examinadas pelos doze colaboradores do livro *The Myth of Christian Uniqueness* [O mito da singularidade cristã], de 1987. Esses estudiosos se descrevem como tendo “cruzado um rubicão teológico”, não só do exclusivismo ao inclusivismo, mas do inclusivismo ao pluralismo,¹⁵ e eles nos contam sobre as três “pontes” que os levaram a fazer a travessia.

A primeira foi chamada por eles de ponte *histórico-cultural*, ou *relatividade*. Desde que as pessoas começaram a aplicar a teoria geral da relatividade de Einstein além da física para outras áreas (incluindo a religião), aparentemente nada permaneceu absoluto. Um estudo histórico e comparativo das religiões, argumenta o professor Gordon Kaufman, sugere que elas são simplesmente “criações do imaginário humano”,¹⁶ cada uma de sua perspectiva cultural particular. Assim, a teologia cristã deve desistir de qualquer reivindicação de verdade absoluta ou final e, em vez disso, entender-se como “uma imaginativa resposta humana à necessidade de encontrar orientação para a vida em uma determinada situação histórica”¹⁷. O professor Tom Driver vai mais longe, declarando que “até mesmo a Escritura [...] é criação de nós seres humanos”¹⁸.

É claro que também afirmamos que a Bíblia é um livro culturalmente condicionado no sentido de que cada um dos seus autores falou dentro de sua própria cultura particular. Mas esta ênfase no aspecto humano, histórico e cultural da Bíblia é um relato completo de sua natureza? Não. Há boas razões para crer na dupla autoria da Escritura, ou seja, que por trás dos

autores humanos estava o autor divino, que falou sua Palavra por meio das palavras deles, e que sua Palavra transcende tanto a história quanto a cultura. Talvez outras religiões possam ser descritas (quaisquer que sejam suas afirmações) como produtos da imaginação humana. Mas a crença cristã histórica é de que o evangelho é o produto da revelação divina, embora mediada pela mente e boca dos autores humanos.

A segunda “ponte” para cruzar o “rubicão teológico” é chamada de *teológico-mística*, ou *mistério*. Ou seja, há em cada religião algum sentido do Transcendente ou experiência de Deus que, por ser infinito e inefável, permanece sempre além de nossas apreensões dele. O professor Wilfred Cantwell Smith diz que todas as nossas teologias são apenas “imagens conceituais de Deus” e, “como outras imagens, cada uma pode ser menos ou mais digna de seu Sujeito”. Ele continua dizendo que, em princípio, “não há diferença fundamental [...] entre uma doutrina e uma estátua”. O primeiro é uma imagem intelectual de Deus; a segunda, uma visual. “É errado para os nossos intelectos ter por absoluta a sua própria obra”, pois “tanto teologia como arte oferecem apreensões relativas do Absoluto”; ter por absoluta a nossa imagem de Deus é idolatria.¹⁹ Ele vai mais longe: “O fato de os cristãos pensarem que o cristianismo é verdade, ou final, ou salvífica, é uma forma de idolatria. Os cristãos imaginarem que Deus construiu o cristianismo [...] em vez de que ele/ela/isso nos inspirou a construí-lo [...] Isso é idolatria”²⁰. Ou, como Tom Driver resume, “idolatria é a insistência de que só há um caminho, uma norma, uma verdade”²¹.

Em resposta, certamente concordamos que Deus é a Realidade Transcendente além de toda imaginação, apreensão ou descrição humana possível. As palavras não podem capturá-lo, muito menos contê-lo. Como ele é infinito, nunca chegaremos ao fim dele. Em vez disso, vamos passar a eternidade explorando e adorando seu ser insondável. No entanto, dizer que

ele permanece um mistério é compatível com afirmar que ele se revelou. Além disso, sua Palavra encarnada em Jesus e sua Palavra registrada nas Escrituras têm uma posição normativa para todos os cristãos. É extraordinário afirmar que todos os cristãos de todas as igrejas por dois milênios, os quais creram na singularidade de Jesus, são idólatras! Se a referência é ao cristianismo como uma construção humana, então talvez tê-lo por absoluto poderia se tornar uma idolatria. Mas reconhecer o caráter final e absoluto do próprio Cristo não é idolatria, mas adoração autêntica.

Em terceiro lugar, há a ponte ético-prática, ou *justiça*. Algumas pessoas defendem o pluralismo porque acreditam que ele irá contribuir para a busca da justiça global.²² Tomando emprestado uma série de conceitos da teologia da libertação, o professor Paul Knitter escreve que “uma opção preferencial pelos pobres e pelos despersonalizados constitui a necessidade e a finalidade primária do diálogo inter-religioso”. Em outras palavras, o pluralismo não é um fim em si mesmo, mas um meio para o fim que é a libertação dos oprimidos. Uma vez que esta é uma tarefa muito grande para qualquer religião realizar, “um movimento de libertação mundial precisa de um diálogo inter-religioso mundial”²³. O único critério possível pelo qual julgar ou “classificar” a religião não deveria ser nem doutrinal nem místico, mas ético, ou seja, a sua eficácia na promoção do bem-estar humano.

Devemos concordar que as questões contemporâneas de justiça social devem ser de enorme preocupação para todos os cristãos, uma vez que reconhecemos a dignidade do ser humano como pessoas feitas à imagem de Deus. Por isso, deveríamos ter vergonha quando constatamos que os cristãos evangélicos muitas vezes acabam ficando na retaguarda da reforma social, em vez de estar na vanguarda. Não temos nenhuma discussão com a proposta de avaliar as religiões, incluindo o cristianismo, de acordo com seu registro social, uma vez que afirmamos que o evangelho é o poder de Deus

para transformar indivíduos e comunidades. Nós tanto experimentamos este poder em nossa própria vida como vimos em ação na história humana, e é por isso que não podemos concordar com a avaliação negativa do professor Hick do registro social cristão como “uma mistura complexa de elementos valiosos e prejudiciais”, nem melhores nem piores do que as de outras religiões.²⁴

RESUMO

Nossa resposta às seis razões pelas quais alguns acham o pluralismo atraente é, em cada caso, fundamentalmente a mesma. Eles imploram a questão da verdade. Será que Deus se revelou completa e finalmente em Cristo e no testemunho da Bíblia a respeito de Cristo, ou não?

1. Concordamos com a busca da harmonia global, mas não à custa da verdade.
2. Concordamos que um maior conhecimento das outras religiões é enriquecedor, mas ao compará-las não podemos renunciar a afirmação de que Cristo é a verdade.
3. Concordamos que as atitudes coloniais de superioridade eram arrogantes, mas ainda insistimos que a verdade é superior à falsidade.
4. Concordamos que a Escritura é culturalmente condicionada, mas afirmamos que foi por meio dela que Deus falou a sua Palavra de verdade.
5. Concordamos que o mistério supremo de Deus está além da compreensão humana, mas afirmamos que Deus realmente se revelou em Cristo.

6. Concordamos que é uma parte essencial do nosso chamado cristão para servir os pobres, mas também somos chamados a dar testemunho da verdade.

De acordo com a professora Rosemary Radford Ruether, “a ideia de que o cristianismo, ou mesmo as crenças bíblicas, tem o monopólio da verdade religiosa é um chauvinismo religioso escandaloso e absurdo”²⁵. Se por “monopólio” ela quer dizer que outras religiões não possuem verdade, ou que os cristãos guardam a revelação de Deus para si mesmos e não a compartilham, então talvez possamos concordar com suas palavras estridentes. Mas se por monopólio ela está se referindo à crença de que Deus se revelou plena e finalmente em Cristo, então isso não é nem escandaloso nem absurdo, mas humilde, sábio, sóbrio e considerado fé cristã.

Seria realmente arrogante, até mesmo ultrajante, se estivéssemos reivindicando singularidade ou finalidade para nossas próprias opiniões falíveis e experiências limitadas. Mas nós não estamos. Como o bispo Lesslie Newbigin colocou:

Se, de fato, é verdade que o Deus Todo-Poderoso, Criador e sustentador de tudo o que existe no céu e na terra, assim – em um tempo e lugar conhecido na história humana – se humilhou a ponto de se tornar parte de nossa humanidade pecadora, sofrer e morrer uma morte vergonhosa para tirar nosso pecado e ressuscitar dos mortos como o primeiro fruto de uma nova criação, se isso é um fato, então afirmar isso não é arrogância. Ficar calado sobre isso é traição aos nossos semelhantes. Se é realmente verdade, e é, que “o Filho de Deus me amou e se entregou por mim”, como posso concordar que este incrível ato de incomparável graça

deve simplesmente se tornar parte de um programa para o “estudo comparativo das religiões?”²⁶

A SINGULARIDADE DE JESUS CRISTO

É essencial esclarecer que os cristãos reivindicam singularidade e finalidade apenas para Cristo e não para o cristianismo em qualquer uma das suas muitas formas institucionais ou culturais. Chamo três testemunhas para subscrever esta declaração, que provêm, respectivamente, da África, da Ásia e da Europa.

Primeiro, o professor John Mbiti, do Quênia, escreveu: “A singularidade do cristianismo está em Jesus Cristo”²⁷.

Minha testemunha da Ásia é o indiano Sadhu Sundar Singh, místico e evangelista cristão. Criado em uma casa *sikh*, ele se converteu a Cristo quando adolescente e, mais tarde, se tornou um *Sadhu*, um homem santo itinerante. Certa vez, visitando uma faculdade hindu, um professor agnóstico de religião comparada perguntou o que ele havia encontrado no cristianismo que não havia encontrado em sua antiga religião. “Eu tenho Cristo”, ele respondeu. “Sim, eu sei”, disse o professor um pouco impacientemente. “Mas que princípio ou doutrina particular você descobriu que não tinha antes?” “A coisa particular que eu encontrei”, respondeu ele, “é Cristo”.²⁸

A minha testemunha europeia é o bispo Stephen Neill, estudioso anglicano muito viajado, que enfatizou a centralidade de Cristo no debate com o pluralismo. Ele escreveu: “O velho dito ‘cristianismo é Cristo’ é quase exatamente a verdade. A figura histórica de Jesus de Nazaré é o critério pelo

qual cada afirmação cristã deve ser julgada, e é à luz dela que se mantém ou cai”.²⁹ Respondendo aos críticos do cristianismo, ele perguntou:

Será que nossos interlocutores já olharam realmente para Jesus Cristo e tentaram vê-lo como ele é? Pois, se levarmos os Evangelhos a sério [...] Jesus não é nem um pouco como qualquer outra pessoa que já viveu. As coisas que ele diz sobre Deus não são as mesmas que os ditos de qualquer outro professor religioso. As reivindicações que ele faz para si mesmo não são as mesmas que foram feitas em nome de qualquer outro professor religioso. Suas críticas à vida humana e à sociedade são muito mais devastadoras do que as que qualquer outro homem já fez. As exigências que ele fez aos seus seguidores são minuciosas do que as apresentadas por qualquer outro professor religioso.³⁰

Nossa reivindicação, então, não é apenas de que Jesus foi um dos grandes líderes espirituais do mundo. Seria irremediavelmente incongruente referir-se a ele como “Jesus, o Grande” e compará-lo com Alexandre, o Grande, Carlos, o Grande ou Napoleão, o Grande. Jesus não é o “Grande”; ele é o único.³¹ Ele não tem pares, nem rivais, nem sucessores.

Então, o que os primeiros cristãos pensaram a respeito dele? Eles lhe deram muitos nomes e títulos. Muitas vezes ele é simplesmente “Jesus” ou “Cristo”, ou quando seu nome humano e título messiânico são combinados, “Jesus (o) Cristo”. Muitas vezes, “Senhor” é adicionado, seja “o Senhor Jesus” ou “o Senhor Cristo” ou “O Senhor Jesus Cristo”. Mas quando o seu título é escrito na íntegra, ele é o “nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo”. Esse título aparece, por exemplo, na conclusão da Segunda Carta de Pedro: “Cresçam, porém, na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo”³².

Dentro desta designação, três afirmações distintas estão implícitas, ou seja, que Jesus é o Senhor, Jesus é o Salvador e Jesus é nosso. Todas as três declaram que ele é único.

JESUS É O SENHOR

“Senhor Jesus” foi o mais antigo de todos os credos cristãos. É um testemunho da encarnação, uma vez que é uma afirmação da unidade do Jesus humano e do Senhor divino. A palavra *kyrios* foi usada com uma grande variedade de significados. Por um lado, ele poderia ser usado simplesmente como um título de cortesia (como “senhor”) ou para designar o dono de uma propriedade. Por outro lado, foi usado durante todo o período grego clássico para se referir aos deuses como uma forma de reconhecer a sua autoridade sobre a natureza e a história. Então passou a ser usado para governantes humanos, em especial o imperador. Foi também a paráfrase regular para *Yahweh*, o nome do Deus da aliança do Antigo Testamento, adotada pelos estudiosos que traduziram a Bíblia Hebraica para a língua grega. O fato de que ele veio a ser usado no Novo Testamento para o Cristo ressuscitado,³³ com a implicação de que seus seguidores eram seus escravos comprometidos a adorá-lo e obedecer-lhe, é uma indicação clara de que eles reconheciam a sua divindade. É ainda mais notável que os primeiros discípulos judeus usaram este termo, pois eles eram tão ferrenhamente monoteístas como qualquer muçulmano é hoje. Eles recitavam o *Shema* diariamente, confessando que o “O Senhor, o nosso Deus, é o único Senhor”.³⁴ Contudo, apesar disso, eles ousadamente chamaram Jesus de “Senhor” e o adoraram como Deus.

Não existe nada semelhante a isso em qualquer outra religião. Os judeus ainda rejeitam a divindade de Jesus, é claro. Os muçulmanos também. Entendendo mal a encarnação em termos grosseiramente físicos, Maomé escreveu no Alcorão: “Alá proíbe que ele mesmo gere um filho”³⁵.

O budismo primitivo ou clássico não tinha nenhum deus e nenhuma adoração. O status e a honra divinos não foram concedidos ao Buda até cerca de 500 anos após sua morte. Assim, não podemos aceitar o paralelo que o professor Hick faz quando ele escreve: “A budologia e a cristologia se desenvolveram em maneiras comparáveis”³⁶. Ele afirma que cada um deles “veio a ser considerado” uma encarnação como resultado da devoção religiosa de seus seguidores. A comparação é falha, no entanto, pois os próprios contemporâneos de Jesus o chamavam de “Senhor”, enquanto se passou meio milênio antes que o Buda começasse a ser adorado como Deus.

O hinduísmo, é verdade, afirma que há uma série de *avatares* ou seres divinos que “desceram” à Terra, nos quais se diz que o deus Vishnu apareceu em Rama, Krishna e outros. No Bhagavad Gita, Krishna diz a Arjuna que ele frequentemente toma a forma humana: “Eu nasci muitas vezes [...] Embora eu não tenha nascimento, seja eterno e seja o Senhor de todos, eu venho ao meu reino da natureza e através do meu poder maravilhoso eu nasci”³⁷. Talvez ainda mais impressionante foi a afirmação de Ramakrishna, o reformador hindu do século 19, que falava de si mesmo como “a mesma alma que tinha nascido antes como Rama, como Krishna, como Jesus, ou como Buda, nascido de novo como Ramakrishna”³⁸.

Mas “encarnação” não é uma interpretação apropriada ou precisa da palavra sânscrita *avatar*. A tentativa de relacioná-los esconde as duas diferenças fundamentais entre as afirmações hindus e cristãs. Em primeiro lugar, há a questão da *historicidade*. Os *avatares* de Vishnu pertencem à mitologia hindu. Não é importante para os hindus se os *avatares* realmente

existiram ou não. O cristianismo, no entanto, é essencialmente uma religião histórica, com base na afirmação de que a encarnação de Deus em Jesus Cristo foi um evento da história que teve lugar na Palestina, quando Augusto era imperador de Roma. Se a sua historicidade pudesse ser refutada, o cristianismo seria destruído.

A segunda diferença está na *pluralidade* dos *avatares*. Krishna falou de seus renascimentos múltiplos, até mesmo “frequentes”. Mas “encarnação” e “reencarnação” são dois conceitos fundamentalmente diferentes. Os *avatares* eram manifestações temporárias ou encarnações de Vishnu em forma humana. Mas nenhum implicava que a divindade realmente tenha assumido a humanidade, nem isso é algo central para o hinduísmo. A afirmação cristã, em contraste, é de que em Jesus de Nazaré Deus tomou a natureza humana para si de uma vez por todas e para sempre. Afirmamos que a encarnação de Deus em Jesus foi decisiva, permanente e irrepetível, o ponto de virada da história humana e o início da nova era. Quem hoje está reinando à mão direita de Deus é precisamente “o homem Cristo Jesus”, ainda humano e, ao mesmo tempo, divino, embora agora sua humanidade tenha sido glorificada. Tendo assumido a nossa natureza, ele nunca a descartou e nunca o fará.

Assim, o primeiro aspecto da singularidade de Jesus é de que ele é o Senhor. Ele é a “Palavra” ou “Filho” eterno e pessoal de Deus, que se tornou um ser humano. “Em Cristo habita corporalmente toda a plenitude da divindade.”³⁹ Ele é o governante soberano do universo e da Igreja. É verdade que ele exerce o seu governo através do amor humilde, pois o Senhor se tornou servo e lavou os pés de seus discípulos. No entanto, o nosso lugar de direito está diante de nós aos *seus* pés.

JESUS É O SALVADOR

A segunda afirmação contida no título de Jesus é que ele é o Salvador: o Senhor divino é o Salvador divino. E, embora falar de salvação seja algo desagradável para muitas pessoas hoje, não podemos desistir dele. Afinal, o cristianismo é, em essência, uma religião de resgate. Ele anuncia as boas novas da salvação. Como as igrejas têm recitado durante séculos no Credo Niceno, Jesus, “por nós homens e para nossa salvação, desceu do céu”.

Ora, “salvação” é uma palavra abrangente, compreendendo todos os propósitos redentores de Deus para suas criaturas alienadas. Salvação é liberdade, com os correspondentes aspectos negativos e positivos:

- É a liberdade do justo juízo de Deus sobre os nossos pecados, da nossa culpa e nossa consciência culpada, para um novo relacionamento com ele, no qual nos tornamos seus filhos reconciliados e perdoados e nós o conhecemos como nosso Pai.
- É a liberdade da amarga escravidão da falta de sentido para um novo senso de propósito na nova sociedade de amor de Deus, na qual os últimos são os primeiros, os pobres são ricos e os mansos são herdeiros.
- É a liberdade da prisão escura do nosso próprio egocentrismo para uma nova vida de autorrealização por meio do serviço de autoesquecimento.
- E um dia incluirá a liberdade da futilidade da dor, decadência, morte e dissolução para um novo mundo de imortalidade, beleza e alegria inimaginável.

Tudo isso – e muito mais! – é “salvação”.

Foi para assegurar essas grandes bênçãos que Jesus Cristo veio ao mundo, morreu na cruz e ressuscitou. Foi ele quem tomou a iniciativa, não nós: “O

Filho do homem veio buscar e salvar o que estava perdido”⁴⁰. Comparou-se a um pastor que deixou o resto de suas ovelhas para ir atrás daquela uma que estava perdida. Em vez de abandoná-la, na esperança de que pudesse balir e encontrar sozinha o seu caminho para casa, arriscou a sua própria vida para procurá-la.⁴¹ De fato, o Bom Pastor deu a sua vida pelas suas ovelhas.⁴² Deliberada e voluntariamente, Jesus foi à cruz para se identificar conosco. Deus, em Cristo, tomou o nosso lugar, levou os nossos pecados, assumiu a nossa culpa, pagou a nossa pena, morreu a nossa morte, tudo isso para que pudéssemos ser perdoados e recriados. E então ele foi ressuscitado da morte em um evento sobrenatural, para reverter o veredito humano contra ele, e para reivindicar sua pessoa divino-humana e sua obra de salvação.

Isto também é único. Vemos a sua singularidade não só na sua encarnação, mas também na sua morte expiatória e ressurreição histórica. Todo o conceito de um Deus gracioso – que se recusou a tolerar os nossos pecados ou a visitá-los sobre nós, que tomou a iniciativa de nos salvar, que se entregou à vergonha e dor da morte na cruz e que quebrou o poder da morte na sua ressurreição – não tem paralelo em outras fés. “Se qualquer outra religião tem algo minimamente semelhante às doutrinas da encarnação e expiação”, escreveu o bispo Stephen Neill, “isso ainda tenho de encontrar”⁴³. Mas isso não pode ser encontrado. Emil Brunner estava certo quando se referiu ao “otimismo autoconfiante de toda religião não cristã”, ensinando várias formas de autossalvação, enquanto no evangelho toda a ênfase está na graciosa “automovimentação” de Deus em direção aos pecadores, e no desespero pessoal como “a antecâmara da fé”.⁴⁴

O budismo vê o dilema humano no sofrimento em vez do pecado, e no “desejo”, que é visto como a raiz do sofrimento. A libertação vem somente por meio da abolição do desejo pelo esforço próprio. Não há Deus e não há

Salvador. “Lutar sem cessar” foram as últimas palavras do Buda aos seus discípulos antes de morrer.

O hinduísmo filosófico localiza nosso problema em *maia*, geralmente entendido como a “ilusão” de nossa experiência espaço-tempo. O hinduísmo popular, por outro lado, ensina a doutrina inflexível do *carma*, retribuição através da reencarnação. Cada pessoa deve comer o fruto de seus próprios erros em vidas futuras, se não nesta ainda. A partir deste ciclo sem fim (*samsara*) de renascimentos ou reencarnações, não há escapatória pelo perdão. A saída vem apenas por essa libertação final chamada nirvana, que envolve a extinção do ser individual e a absorção na realidade divina impessoal (Brama).

O judaísmo continua, naturalmente, a ensinar a possibilidade de perdão ao penitente, o que é prometido no Antigo Testamento, mas nega tanto que Jesus é o Messias como que sua morte levando os pecados é a única base sobre a qual Deus pode perdoar. C. G. Montefiore, um estudioso judeu meticuloso e honesto, viu a “grandeza e originalidade” de Jesus em sua nova atitude para com os pecadores. Em vez de evitá-los, ele os procurou ativamente. Os rabinos tinham dito que Deus recebe os pecadores que voltam para ele, mas eles não tinham falado de um amor divino que faz o primeiro movimento para procurá-los e salvá-los: “Esta busca direta do – e apelo para o – pecador são notas novas e comovedoras de grande importância e significado. O bom pastor que procura a ovelha perdida e a recupera, alegrando-se com ela, é uma nova figura”⁴⁵.

O Islã claramente proclama a misericórdia de Deus. Cada uma das 114 *suras* (capítulos) do Alcorão é introduzida pelas palavras “Em nome de Deus [Alá], o Clemente, o Misericordioso”. Mas não inclui nenhuma exibição histórica de sua misericórdia. E quando investigamos mais, descobrimos que Alá é misericordioso com o meritório, com aqueles que rezam, dão

esmolas e jejuam no Ramadã. Não há mensagem para os pecadores que merecem julgamento, exceto que eles receberão o julgamento que merecem. “Além disso, o que pedimos ao muçulmano para procurar em Jesus é em si mesmo uma causa de grave ofensa ao orgulho muçulmano. Sugerimos – não podemos fazer de outra forma – que ele encontre um Salvador. O muçulmano afirma que ele não tem necessidade de tal coisa.”⁴⁶

Não há qualquer dúvida de que a principal diferença entre o cristianismo e as demais religiões do mundo é a cruz, sendo também o principal obstáculo que encontram nele. A cruz humilha todo o orgulho e frustra todas as esperanças de autossalvação. Ela também fala da imensa generosidade e do amor de Deus em fornecer este caminho de salvação. Foi aqui que Toyohiko Kagawa, líder cristão japonês, encontrou a singularidade do cristianismo:

Sou grato pelo xintoísmo, pelo budismo e pelo confucionismo. Devo muito a essas fés [...] No entanto, essas três fés falharam completamente em atender às necessidades mais profundas do meu coração. Eu era um peregrino viajando por um longo caminho que não tinha volta. Estava cansado. Estava com os pés doloridos. Vagueei por um mundo escuro e sombrio onde as tragédias eram grandes [...] O budismo ensina grande compaixão [...] mas desde o princípio dos tempos, quem foi que declarou: “Isto é o meu sangue da aliança, que é derramado em favor de muitos, para perdão de pecados”?⁴⁷

JESUS É NOSSO

O título completo de Jesus Cristo não é “o Senhor e Salvador”, mas “*nosso* Senhor e Salvador”. Não devemos perder este adjetivo pessoal possessivo. É uma palavra pequena, mas muito significativa. Indica que há uma terceira afirmação escondida em seu título, ou seja, *Jesus é nosso*.

Já no Antigo Testamento, o adjetivo possessivo “meu” expressava regularmente o relacionamento pessoal que o povo da aliança de Deus desfrutava com ele, especialmente quando se dirigiam a ele em oração. Por exemplo, os salmistas escrevem: “Senhor, minha Rocha e meu Resgatador”, “O Senhor é o meu pastor”, “O Senhor é a minha luz e a minha salvação [...] o meu forte refúgio”, “Somente ele é a rocha que me salva; ele é a minha torre segura” e “Ó Deus, tu és o meu Deus, eu te busco intensamente”.⁴⁸

No Novo Testamento, afirma-se um relacionamento pessoal comparável a esse, agora com Jesus Cristo. Tanto Paulo quanto Pedro nos dão exemplos notáveis. Eis o que Paulo diz: “Considero tudo como perda, comparado com a suprema grandeza do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor”⁴⁹. Quanto a Pedro, ele afirma que esse relacionamento íntimo não é só para si mesmo, mas também para os seus leitores: “Mesmo não o [Cristo] tendo visto, vocês o amam; e apesar de não o verem agora, creem nele e exultam com alegria indizível e gloriosa”⁵⁰.

Aqui estão as afirmações de que Cristo é nosso contemporâneo. O Jesus que nasceu em nosso mundo, que viveu e morreu na Palestina do primeiro século, também ressuscitou dos mortos, está agora vivo para sempre e está disponível e acessível ao seu povo. Jesus Cristo não deve ser relegado, como outros líderes religiosos, à história e aos livros de história. Ele não está morto e desaparecido, acabado ou fossilizado. Ele está vivo e ativo. Ele nos chama a segui-lo, e se oferece a nós como nosso Salvador, que habita em nós e nos transforma.

O Novo Testamento muitas vezes explica que esta disponibilidade para nós se dá por meio do Espírito Santo, que é o seu Espírito.⁵¹ Paulo ora para que “ele [o Pai] os fortaleça no íntimo do seu ser com poder, por meio do seu Espírito, para que Cristo habite no coração de vocês mediante a fé”⁵². De fato, a fé cristã é essencialmente trinitária. Chegamos ao Pai através do Filho pelo Espírito,⁵³ e o Pai vem a nós através do Filho pelo Espírito⁵⁴.

Mais uma vez isso é único. Não há nada comparável a isso nas outras religiões. O budista não afirma conhecer o Buda; nem o confucionista, Confúcio; nem o muçulmano, Maomé; nem o marxista, Karl Marx. Cada um reverencia o fundador de sua religião ou ideologia como um mestre do passado. Também para os cristãos Jesus é um mestre, mas, mais do que isso, é o nosso Senhor e Salvador vivo. Afirmações nesse sentido “se repetem página após página do Novo Testamento e deixam claro que esse relacionamento íntimo e pessoal de confiança, devoção e comunhão é o coração da fé cristã”⁵⁵.

O arcebispo Coggan chamou a atenção para isso quando se referiu às 164 ocorrências da fórmula favorita de Paulo, “em Cristo”:

É uma frase estranha. Dificilmente podemos encontrar um uso paralelo a ela na vida comum. Se, digamos, um amigo íntimo de Churchill – que tenha passado muitos anos com ele e depois de uma década escrevesse a sua biografia – estivesse falando conosco sobre esse grande homem, ele poderia resumir seu relacionamento com ele em uma ampla variedade de maneiras. Poderia dizer que o temia, admirava, reverenciava ou mesmo que o amava. Mas ele nunca diria: “Eu sou um homem em Churchill”. Nunca lhe ocorreria usar tal frase. Mas Paulo era, acima de tudo, “um homem em Cristo”.⁵⁶

Embora seja correto enfatizar dessa forma o relacionamento pessoal e individual do crente com Cristo, indicada pelo possessivo singular “meu”, seu título completo na verdade inclui o possessivo *plural* “nosso”. Porque Deus está chamando um *povo* para si mesmo, e o foco da unidade do seu povo é Jesus Cristo. É ele quem vem e fica entre nós quando nos encontramos para adorar. Ele diz que sempre está com seu povo, mesmo quando apenas dois ou três se reúnem em seu nome.⁵⁷ E ele repete sua promessa para nós quando saímos para fazer discípulos entre as nações: “Eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos”⁵⁸.

Aqui, então, estão três aspectos principais da singularidade de Jesus Cristo. Ele é o Senhor. Ele é o Salvador. Ele é nosso. Pois ele é o “nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo”. Historicamente falando, estas são alusões ao seu nascimento, morte e ressurreição. Teologicamente falando, referem-se à encarnação, à expiação e ao dom do Espírito pelo Senhor ressuscitado.

De fato, além do Jesus de Nazaré histórico, em nenhuma outra pessoa Deus se tornou humano, viveu na terra, morreu por nossos pecados, venceu a morte, foi exaltado ao céu e enviou o Espírito Santo. Por tudo isso, não há outro Salvador, pois não há outra pessoa que tenha essas qualificações, com base nas quais ele é o único que pode realmente salvar.

Não é suficiente, portanto, declarar que Jesus é único no sentido de que cada ser humano é único, como de fato cada floco de neve e cada folha de grama são únicos. Também não podemos endossar a afirmação do professor Paul Knitter de que a linguagem do Novo Testamento, afirmando que Cristo é “um só e único”, é “muito parecida com a linguagem que um marido usaria para sua esposa [...] ‘Você é a mulher mais bonita do mundo [...] Você é a única mulher para mim’”⁵⁹. É poesia, hipérbole, mas não verdade literal, afirma ele. Mais tarde, o professor Knitter argumenta que é uma “linguagem de ação”, cujo objetivo *principal* não era nem definir uma doutrina nem

excluir outras, mas sim exortar à ação por Cristo em “compromisso total com sua visão e caminho”.⁶⁰

Mas não é bem isso. Esse apelo a diferentes usos da linguagem, embora engenhoso, é certamente uma concessão especial. Um estudo cuidadoso dos textos que falam de Jesus como “um só e único” em seu contexto mostra que não são expressões puramente poéticas de fé e amor, que devem ser tomadas com uma pitada de sal. Pelo contrário, são afirmações solenes de verdade, que têm consequências eternas para a nossa salvação. Além disso, todas elas, implicitamente (se não explicitamente), tiram uma conclusão negativa (“não há outro”) a partir de sua declaração positiva (“somente ele”). Assim, é porque só Cristo conhece o Pai que só ele o pode revelar;⁶¹ é porque ele é “o caminho, a verdade e a vida” que ninguém pode ir ao Pai senão por ele.⁶² Da mesma forma, visto que o nome de Jesus Cristo, “a quem Deus ressuscitou dos mortos”, é poderoso para salvar, a conclusão é que “não há salvação em nenhum outro”⁶³. Da mesma forma (mesmo no sincretismo profundo do mundo greco-romano), “há um único Deus, o Pai [...] e um só Senhor, Jesus Cristo”⁶⁴. Há um sumo sacerdote que ofereceu um sacrifício (a si mesmo) como oferta pelo pecado de uma vez por todas.⁶⁵ Como resultado de sua morte em resgate por todos, “há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens: o homem Cristo Jesus”⁶⁶.

Um só caminho, um só nome, um só Deus, um só Senhor, um só mediador. A reivindicação é exclusiva e a implicação é inescapável. O que é genuinamente único tem significado universal e deve ser universalmente divulgado, ao passo que, para citar Visser't Hooft novamente, “não há universalidade se não houver um evento singular”⁶⁷. Assim, a singularidade e a universalidade estão juntas. Deus superexaltou Jesus e lhe deu o nome único de “Senhor”, elevando-o acima de qualquer outro nome, e é por isso que cada joelho deve se curvar diante dele. É porque Jesus Cristo é o único

Salvador que somos obrigados a proclamá-lo em toda parte. O “inclusivismo” da missão se deve exatamente ao “exclusivismo” do mediador.

A autoridade universal sobre as nações foi dada a ele. É por isso que ele nos comissiona a ir e discipular as nações.⁶⁸

DUAS PERGUNTAS

Será que existe uma descontinuidade total entre o cristianismo e outras religiões, de modo que toda a verdade está contida neste e nenhuma verdade nas outras? Não. Os cristãos certamente acreditam que Deus se revelou em Jesus Cristo, como testemunhado nas Escrituras, de uma forma única e final. Como resultado, nesta vida Deus não tem nada mais a revelar do que já revelou (embora, é claro, tenhamos muito mais a aprender). Mas não estamos sugerindo que, fora da Igreja, consideramos Deus inativo e a verdade, ausente. De modo nenhum. Deus sustenta todas as suas criaturas e, portanto, não está “longe de cada um de nós”. Pela criação, enquanto seres humanos, todos somos “descendência dele” e “nele vivemos, nos movemos e existimos”⁶⁹. Além disso, Jesus Cristo, como o *logos* de Deus e a luz da humanidade,⁷⁰ ele mesmo está incessantemente ativo no mundo. Visto que ele é descrito como “a verdadeira luz, que ilumina todos os homens”,⁷¹ toda beleza, verdade e bondade, onde quer que sejam encontradas entre os seres humanos, derivam dele, quer as pessoas saibam ou não. Este é um aspecto da chamada “graça comum” de Deus, seu amor mostrado a toda a humanidade. Não é, no entanto, a sua “graça salvadora”, que ele se estende para aqueles que humildemente clamam a ele por misericórdia.

Então, não há esperança de salvação para aqueles que pertencem a outras religiões e que talvez nunca tenham ouvido falar de Jesus? Nossa resposta a esta questão pungente precisa combinar confiança e agnosticismo, o que sabemos (porque a Escritura ensina claramente) e o que não sabemos (porque a Escritura é obscura ou não se manifesta sobre isso).

O que sabemos das Escrituras é que não há possibilidade de autossalvação. Todos os seres humanos, por conta da revelação geral de Deus, têm algum conhecimento de Deus e da bondade; todos falharam em viver de acordo com o seu conhecimento e, portanto, todos são culpados diante de Deus e estão a ponto de “perecer” (a menos que Deus intervenha). Este é o argumento de Romanos 1–3. Ninguém pode alcançar a salvação por sua religião, sinceridade ou filantropia. Aqueles que afirmam ser cristãos não podem, assim como qualquer outra pessoa não pode. Cornélio, o centurião, não é uma exceção a esta regra, como às vezes tem sido sugerido. Sua história ensina que a salvação está disponível tanto para os gentios como para os judeus, nos mesmos termos. Ela não ensina que a salvação foi obtida por sua própria justiça, piedade ou generosidade. Pelo contrário, ele precisava ouvir e responder ao evangelho para receber a salvação, a vida, a purificação e o Espírito Santo⁷². Também sabemos que Jesus Cristo é o único Salvador (porque só ele tem as qualificações necessárias, como vimos) e que a salvação é dada somente pela graça de Deus, somente com base na cruz de Cristo, somente pela fé.

O que não sabemos, no entanto, é exatamente quanto conhecimento e compreensão do evangelho as pessoas precisam antes de poderem clamar a Deus por misericórdia e serem salvas. No Antigo Testamento, as pessoas eram certamente justificadas pela graça por meio da fé, mesmo que tivessem pouco conhecimento de Cristo. Talvez hoje existam outros numa posição semelhante. Eles sabem que são pecadores e culpados diante de Deus, e que

eles não podem fazer nada para ganhar o seu favor, por isso, em seu desespero, chamam o Deus que vagamente percebem para salvá-los. Se Deus salva essas pessoas, como muitos cristãos evangélicos procuram acreditar, sua salvação ainda é apenas pela graça, somente por meio de Cristo, somente pela fé.

Outra coisa que sabemos é que o número final do povo redimido de Deus será na verdade incalculável,⁷³ no cumprimento final da promessa de Deus a Abraão de que sua posteridade (tanto espiritual quanto física) seria “tão numerosos como as estrelas do céu e como a areia das praias do mar”⁷⁴. No mesmo sentido, parecemos ser assegurados por Paulo de que muito mais pessoas serão salvas do que perdidas, porque a obra de Cristo em causar a salvação será mais bem-sucedida do que a de Adão em causar a ruína, e porque a graça de Deus para trazer vida transbordará muito mais do que a transgressão de Adão para trazer a morte.⁷⁵

Embora tenhamos bases bíblicas sólidas para acalentar essa expectativa, não nos é dito como Deus fará isso. Mas, enquanto permanecemos agnósticos sobre isso, nosso dever é claro. Somos encarregados de pregar o evangelho e fazer discípulos. É difícil para as pessoas invocarem alguém em quem não creem, ou crerem em alguém de quem nunca ouviram, ou ouvirem se ninguém lhes prega.⁷⁶ É muito mais fácil para as pessoas acreditarem depois de terem ouvido as boas novas de Cristo crucificado. Quando elas aprendem a partir da cruz sobre a misericórdia de Deus para com os pecadores, então elas clamam: “Deus, seja misericordioso comigo, pecador!” Como Paulo afirmou: “A fé vem por se ouvir a mensagem, e a mensagem é ouvida mediante a palavra de Cristo”⁷⁷.

Então, negar a singularidade de Cristo é cortar o nervo da missão e torná-la supérflua. Afirmar sua singularidade, por outro lado, é reconhecer a urgência de torná-lo universalmente conhecido.



PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

por Tim Chester

1. Qual é a sua experiência de lidar com outras religiões? Como isso moldou as atitudes de seus amigos incrédulos? Como isso moldou as suas atitudes?
2. É possível aprender algo com o ensino de outras religiões?
3. Como você responderia a um amigo que dissesse: “Afirmar que Cristo é o único caminho para Deus é algo ridículo e arrogante”?
4. O que torna o cristianismo diferente de todas as outras religiões?
5. Como devemos evangelizar os membros de outras religiões?
6. Mesmo rejeitando resolutamente o “pluralismo”, Stott identifica o que o torna atraente, permitindo interagir em um nível mais profundo. Aplique essa abordagem para outra posição que você rejeita. Por que seus proponentes acham aquilo atraente? Como isso pode ajudar você a se envolver com eles de forma mais eficaz?

CAPÍTULO 2

NOSSO DEUS É UM DEUS MISSIONÁRIO

O CONCEITO DE “MISSÃO” está fora de moda no mundo de hoje, e a hostilidade contra ele está crescendo. A evangelização, o zelo missionário e as tentativas de converter outras pessoas são todas rejeitadas como “incompatíveis com o espírito de tolerância”, “uma violação grosseira das liberdades individuais” e “uma forma desagradável de arrogância”. Mesmo na igreja algumas pessoas são indiferentes à missão da Igreja, enquanto outros são ativamente resistentes a ela.

“Como pode uma religião reivindicar um monopólio da verdade?”, perguntam as pessoas. “Não há muitos caminhos diferentes para Deus?” “Que direito temos nós de interferir na privacidade de outras pessoas, ou tentar impor-lhes as nossas opiniões? Vamos cuidar da nossa vida e esperar que outras pessoas cuidem da vida delas.”

Meio escondidas nesta retórica negativa, encontram-se três objeções à missão cristã, a saber, que ela é culpada de intolerância, de arrogância e de violência.

Como devemos responder a essas críticas?

INTOLERANTE?

A tolerância talvez seja a virtude mais apreciada na cultura ocidental de hoje. Mas as pessoas nem sempre definem o que querem dizer com isso. Existem três tipos diferentes de tolerância. A primeira pode ser chamada de tolerância *legal*. Isso procura assegurar que os direitos religiosos de todas as minorias (geralmente resumidos como a liberdade de “professar, praticar e propagar” a religião) sejam protegidos por lei. Os cristãos devem estar na vanguarda daqueles que exigem isso. Outro tipo é a tolerância *social*. Isso incentiva o respeito por todas as pessoas, independentemente das opiniões que possam ter. Ela procura compreender e apreciar a sua posição e promove a boa vizinhança. Esta também é uma virtude que os cristãos querem cultivar. Nasce naturalmente do nosso reconhecimento de que todos os seres humanos são criação de Deus e têm a sua imagem. Ele quer que vivamos juntos em amizade. Mas e a tolerância *intelectual*, que é o terceiro tipo? Cultivar uma mente tão ampla que possa acomodar qualquer opinião, mesmo que seja falsa ou negativa, sem nunca questionar ou rejeitar nada, isso não é uma virtude. Na verdade, é o vício do fraco e amoral. Ele acaba em uma inescrupulosa confusão da verdade com o erro e da bondade com o mal. Os cristãos que creem que a verdade e a bondade foram reveladas em Cristo não podem concordar com este tipo de tolerância. Estamos decididos a dar testemunho de Cristo, que é a personificação de ambos. Foi essa convicção que levou o arcebispo William Temple a dizer: “O cristianismo é, estou convencido, uma religião profundamente intolerante”¹.

ARROGANTE?

Se a missão não é, no sentido errado, intolerante, seria arrogante? Acho que devemos começar concordando que algumas atitudes cristãs e métodos

evangelísticos poderiam ser justamente descritos como “orgulhosos” e “paternalistas”. Precisamos nos arrepender dessas falhas. Os evangelistas nunca devem ser imperialistas, ambiciosos para o crescimento do seu império pessoal ou para o prestígio da sua organização, em vez do crescimento e prestígio do reino de Deus. Um espírito de cruzada, uma mentalidade triunfalista e um estilo destemido são todos inapropriados para os embaixadores de Cristo. A humildade é a virtude cristã preeminente e deve caracterizar todos os nossos pensamentos, palavras e ações.

Alguns missionários ocidentais cometeram o erro de confundir Cristo com cultura. Eles, então, se tornaram “culpados de um imperialismo cultural que mina a cultura local desnecessariamente e ainda procura impor uma cultura estranha”². O Relatório Willowbank: Evangelho e cultura coloca assim:

Sabemos que nunca devemos condenar ou desprezar outra cultura, mas sim respeitá-la. Não defendemos nem a arrogância que impõe a nossa cultura sobre os outros, nem o sincretismo que mistura o evangelho com elementos culturais incompatíveis com ele, mas sim uma partilha humilde da boa nova – possibilitada pelo respeito mútuo de uma amizade genuína.³

Em virtude desta necessidade de se arrepender da arrogância pessoal e cultural, será que o próprio conceito de missão é inerentemente arrogante? O bispo Kenneth Cragg argumenta que é exatamente o contrário:

A descrição da missão como egoísmo religioso pode ter alguma validade em relação a algumas de suas deslealdades. Mas, no fim, a suspensão da missão é que seria o egoísmo supremamente condenável, pois

argumentaria um direito de propriedade naquilo que é muito grande para pertencer a uns poucos e demasiado inclusivo para ser atribuído a alguns solitários [...] Crer em Cristo, enfim, é reconhecer nele um Cristo universal. Porque ele é requisito para todos, ele é propriedade de ninguém. A missão cristã é simplesmente um reconhecimento ativo das dimensões do amor de Deus.⁴

VIOLENTO?

A terceira objeção à missão cristã é que é um ataque violento contra as pessoas. Evangelização parece-lhes algo ao mesmo tempo agressivo e intrusivo, envolvendo uma invasão indesejada de território privado. Mais uma vez, temos de reconhecer que, por vezes, isso é verdade. A Grande Comissão não nos dá nenhuma ordem para invadir o espaço pessoal de outras pessoas ou derrubar as barreiras com as quais elas procuram se proteger. Pessoalmente, eu gostaria que pudéssemos tirar de nosso vocabulário evangelístico algumas metáforas violentas. “Cruzadas” trazem muitas lembranças das expedições militares medievais à Terra Santa, “campanhas” apontam para operações do exército e até mesmo “missões” evocam os bombardeios em tempo de guerra, enquanto falar de comunidades como “alvos” sugere mais que vão receber bombas e balas do que o evangelho da paz. Como podemos evangelizar com integridade se não mostramos a humildade e a mansidão do Cristo que proclamamos?⁵

Quando as pessoas falam depreciativamente de “proselitismo”, geralmente têm em mente algum tipo de conversão pela força. Isso deve ser claramente distinguido da verdadeira evangelização. De fato, há uma ampla medida de

acordo entre as igrejas de que o “proselitismo” é sinônimo de “testemunho indigno”.⁶ A “indignidade” de um testemunho proselitista pode se referir a

- nossos motivos – preocupação com a nossa própria glória, em vez da glória de Cristo;
- nossos métodos – confiança em técnicas de pressão psicológica ou em ofertas de benefícios como condição de conversão, em vez de poder do Espírito Santo;
- nossa mensagem – focando-se na alegada falsidade e falhas de outros, em vez da verdade e da perfeição de Jesus Cristo.

Não há necessidade de recorrer a qualquer tipo de testemunho indigno, pois a verdade vai prevalecer no final. Como Paulo disse, “nada podemos contra a verdade, mas somente em favor da verdade”⁷. Aqueles que usam pressões impróprias estão, assim, admitindo a fraqueza de seu próprio caso.

A missão cristã autêntica, portanto, é plenamente compatível com uma verdadeira tolerância, uma humildade genuína e uma gentileza semelhante à de Cristo. Também é parte integrante do cristianismo histórico. O cristianismo sem missão não é mais cristianismo. Isto é em parte, como vimos no capítulo anterior, porque o cristianismo afirma tanto a finalidade de Cristo (ele não tem sucessores) como a singularidade de Cristo (ele não tem rivais). Sua singularidade lhe dá significado universal. Ele deve ser conhecido em todo o mundo.

Mais do que isso, a missão cristã está enraizada na natureza do próprio Deus. A Bíblia revela o Pai, o Filho e o Espírito Santo como um Deus missionário, que cria um povo missionário, e está trabalhando para uma consumação missionária. Se este capítulo fosse um sermão, eu teria de anunciar meu texto como sendo toda a Bíblia! Não seria possível escolher

um texto mais curto, não se quisermos estabelecer um fundamento bíblico adequado para a missão cristã.

Proponho, portanto, apresentar um breve resumo da Bíblia, dividindo-a em suas cinco seções principais. Examinaremos:

- o Antigo Testamento e Deus Pai, o Criador do mundo e Deus da aliança com Israel;
- os Evangelhos e o nosso Senhor Jesus Cristo, o Salvador dos pecadores;
- o livro de Atos e o Espírito Santo em ação em e por meio dos apóstolos;
- as Cartas e a Igreja que elas representam, vivendo e testemunhando responsavelmente no mundo;
- o livro do Apocalipse e o clímax da história, quando o povo redimido de Deus será reunido de todas as nações.

Cada etapa sucessiva é uma nova revelação missionária.

O DEUS DO ANTIGO TESTAMENTO É UM DEUS MISSIONÁRIO

A ideia de que o Antigo Testamento é um livro missionário - e que seu Deus é um Deus missionário – vem como uma surpresa para muitas pessoas. Pois eles sempre pensaram no Deus do Antigo Testamento como o Deus exclusivamente de Israel. Eles lembram

- como Deus chamou Abraão e fez uma aliança com ele e com seus descendentes;

- como Deus renovou sua aliança com Isaque e Jacó, e depois com as doze tribos que ele resgatou da escravidão no Egito e trouxe para o Monte Sinai, onde prometeu ser o seu Deus e torná-los seu povo;
- como Deus os estabeleceu na Terra Prometida e os abençoou com reis, sacerdotes e profetas, preparando-os para a vinda do Messias.

Tudo isso é verdade. Mas é apenas uma parte da verdade.

Pois o Antigo Testamento começa

- não com Abraão, mas com Adão;
- não com a aliança, mas com a criação;
- não com a raça escolhida, mas com a raça humana.

O Antigo Testamento declara enfaticamente que *Yahweh*, o Deus de Israel, não era uma pequena divindade tribal como Quemos, o deus dos moabitas, ou Milcom, o deus dos amonitas, mas o Criador do céu e da terra, o Senhor das nações e “o Deus dos espíritos de toda carne”⁸. Essa é a sua perspectiva o tempo todo.

O chamado de Abraão não contradisse essa visão de mundo, mas a estabeleceu. *Yahweh* disse a Abraão que deixasse sua terra, seu povo e sua casa e fosse para outra terra. Então Deus disse a ele:

Farei de você um grande povo,
e o abençoarei.

Tornarei famoso o seu nome,
e você será uma bênção.

Abençoarei os que o abençoarem e amaldiçoarei os que o amaldiçoarem;
e por meio de você

todos os povos da terra serão abençoados.⁹

Abraão devia deixar seu próprio povo e ser transformado em outro. Deus prometeu não só abençoá-lo, mas fazer dele uma bênção, não só para dar-lhe uma família, mas para através dela abençoar “todos os povos na terra”.

Não é exagero dizer que Gênesis 12.1-4 é o texto mais unificador de toda a Bíblia, pois o propósito salvador de Deus de abençoar o mundo inteiro por meio de Cristo, que foi a semente de Abraão, está encapsulado aqui. O resto da Bíblia é um desdobramento desse texto, e a história subsequente tem sido o seu cumprimento. Deus primeiro preparou Israel para a vinda de Cristo, e então, pela vinda de Cristo, Deus tem abençoado o mundo a partir dali. Nós mesmos não seríamos seguidores de Jesus hoje se não fosse por este texto: somos beneficiários da promessa que Deus fez a Abraão cerca de 4 mil anos atrás. “E, se vocês são de Cristo”, escreveu Paulo, “são descendência de Abraão e herdeiros segundo a promessa”.¹⁰ De novo, se compartilharmos a sua fé, “ele é o pai de todos nós”.¹¹ Porque a promessa de Deus era um anúncio antecipado do evangelho a Abraão, a saber, “que Deus justificaria os gentios pela fé”¹².

A tragédia do Antigo Testamento é que Israel continuava esquecendo o alcance universal da promessa de Deus. Eles ignoraram o fato de que Deus tinha escolhido uma família para abençoar todas as famílias. Eles ficaram preocupados consigo mesmos e com a sua própria história. Eles até perverteram a verdade da eleição de Deus no erro do favoritismo divino, o que os levou a se vangloriar de seu status privilegiado e assumir que eram imunes ao juízo de Deus.

Então os profetas tiveram de continuar ampliando suas perspectivas e lembrando ao povo que o propósito de Deus por meio dos descendentes de Abraão era abençoar as nações. Por exemplo, Deus faria das *nações* a

“herança” e a “propriedade” do Messias;¹³ *todas as nações* o serviriam;¹⁴ ele seria uma luz para as *nações* gentílicas;¹⁵ e naquele dia *todas as nações* correriam para o monte do templo do Senhor¹⁶.

O CRISTO DOS EVANGELHOS É UM CRISTO MISSIONÁRIO

Em 1850, David Livingstone, o intrépido missionário pioneiro na África, escreveu para sua irmã Inês:

Jamais deveríamos considerar tomar parte de uma missão do Rei dos reis como sendo um sacrifício, enquanto outros homens estimam o serviço de um governo terreno como uma honra [...] Eu sou um missionário de coração e alma. Deus tinha um filho único, e ele era um missionário e um médico. Sou apenas uma pobre imitação dele [...] Neste serviço espero viver; nele desejo morrer.¹⁷

Alguns anos depois, Robert Speer, secretário viajante do Movimento de Estudantes Voluntários nos Estados Unidos, escreveu em seu diário: “Se você quer seguir Jesus Cristo, deve segui-lo até os confins da terra, pois é para lá que ele está indo [...] Não podemos pensar em Deus sem pensar nele como um Deus missionário”.

É verdade que Mateus descreve Jesus em duas oportunidades restringindo a sua missão às “ovelhas perdidas de Israel”. Ele disse aos Doze que não evangelizassem as áreas dos gentios ou samaritanos, mas que fossem “antes” às ovelhas perdidas de Israel.¹⁸ Mais tarde, quando uma mulher cananeia apelou a ele em nome de sua filha possuída por demônios, Jesus disse que

tinha sido “enviado apenas” às ovelhas perdidas de Israel.¹⁹ Isso soa perturbador, até mesmo chocante, até que nos lembramos de que essa era apenas uma limitação temporária, relativa somente ao ministério terreno de Jesus. Ele acrescentou que, por meio de sua morte, ressurreição e dom do Espírito, a salvação seria oferecida a todas as nações. E assim, mais tarde Jesus instruiu seus seguidores a levarem as boas novas a essas nações.

Mesmo o Evangelho de Mateus, o mais judeu dos quatro Evangelhos, torna claro este horizonte global. Ele começa com a genealogia de Jesus, que é traçada até Abraão, certamente para indicar que a promessa de bênção para as nações está finalmente sendo cumprida.²⁰ Em seguida, após o nascimento de Jesus, Mateus descreve a visita daqueles misteriosos magos, que trouxeram os seus tesouros ao “rei dos judeus”. Mateus os vê como precursores das multidões gentílicas que mais tarde prestariam homenagem a Jesus.²¹ Mateus também registra a notável predição de Jesus de que muitos virão do Oriente e do Ocidente e ocuparão seus lugares na festa com Abraão, Isaque e Jacó no reino dos Céus.²² E o Evangelho de Mateus termina com a versão mais completa da chamada “Grande Comissão”. A missão dos Doze durante o ministério público de Jesus pode ter sido restrita às ovelhas perdidas de Israel, mas a missão da Igreja não tem tal limitação. Os seguidores de Jesus devem ir e fazer discípulos de todas as nações, acolhendo-os pelo batismo na comunidade cristã, e ensinando-os a obedecer a todas as instruções do seu Mestre.²³

Esta comissão às nações nunca foi rescindida. Ela ainda está vinculada ao povo de Deus. Foi dada pelo Cristo ressuscitado, que podia afirmar que “toda a autoridade nos céus e na terra” tinha sido conferida a ele. Há uma ligação clara entre “toda a autoridade” que Jesus reivindicou e “todas as nações” que ele nos disse para discipular. A missão universal da Igreja brota da autoridade universal de Jesus.

O ESPÍRITO SANTO DOS ATOS É UM ESPÍRITO MISSIONÁRIO

Roland Allen, influente pensador missionário, escreve: “O livro dos ‘Atos’ é estritamente um livro missionário [...] A conclusão irresistível é de que o Espírito dado foi [...] de fato um Espírito missionário”²⁴. Isto, ele continua, é “o grande, fundamental e inconfundível ensinamento do livro [...] É na revelação do Espírito Santo como Espírito missionário que os ‘Atos’ estão sozinhos no Novo Testamento”²⁵.

Roland Allen estava certo. O Espírito Santo é o ator principal nos Atos. O livro de Atos começa com os 120 discípulos esperando. Antes de sua morte, Jesus havia prometido a vinda do Espírito e havia descrito o ministério futuro do Espírito de convencer, ensinar e testemunhar. Durante os quarenta dias entre a ressurreição e a ascensão, Jesus disse aos seus discípulos para esperarem pelo Espírito que lhes daria o “poder” de testemunhar.²⁶

Assim, o Pentecostes foi um evento missionário. Foi o cumprimento da promessa de Deus, dada por meio do profeta Joel, de derramar o seu Espírito “sobre todos os povos”,²⁷ independentemente da sua raça, sexo, idade ou posição social. E as línguas estrangeiras que os discípulos falavam (que parecem claramente ter sido o que eram as “línguas”, pelo menos no Dia de Pentecostes) eram um sinal dramático da natureza internacional do reino do Messias ao qual o Espírito Santo havia chegado para estabelecer.

O restante dos Atos é um desdobramento lógico desse começo. Observamos encantados como o Espírito missionário cria um povo missionário e os envia em sua tarefa missionária. Eles começaram a testemunhar aos seus companheiros judeus em torno de Jerusalém, a sede judaica. Então Filipe tomou a ousada iniciativa de testemunhar aos samaritanos, que eram uma casa intermediária entre os judeus e os

gentios.²⁸ Em seguida, veio a conversão do centurião Cornélio, um daqueles gentios “tementes a Deus” que aceitavam o monoteísmo e os padrões éticos dos judeus, mas permanecia um gentio, à margem da sinagoga, sem aceitar a conversão completa. O Espírito Santo deu a mais clara evidência possível de que Cornélio era agora um membro totalmente credenciado da Igreja.²⁹ Logo depois, alguns crentes desconhecidos deram o mergulho e “começaram a falar também aos gregos, contandolhes as boas novas a respeito do Senhor Jesus”³⁰. Seguiram-se as três viagens missionárias de Paulo, o apóstolo dos gentios, nas quais evangelizaram as províncias da Galácia, Ásia, Macedônia e Acaia, com o Espírito Santo tanto o refreando como o guiando.³¹ O livro termina com Paulo em Roma, a capital do mundo e a cidade dos seus sonhos, não como um homem livre, mas como um prisioneiro. No entanto, ele ainda era um evangelista incansável, pregando Jesus e o reino a todos os que o visitavam, “abertamente e sem impedimento algum”³².

Ao longo dos Atos, Lucas deixa claro que o ímpeto para a missão veio do Espírito Santo. O livro de Atos, escreve Harry Boer, “é governado por um motivo dominante, predominante e controlador. Este motivo é a expansão da fé pelo testemunho missionário no poder do Espírito [...] Incansavelmente o Espírito Santo leva a Igreja a testemunhar, e continuamente igrejas se levantam a partir do testemunho”³³. Boer também aponta que o impulso para esta evangelização veio do Espírito Santo, não da Grande Comissão, que de fato não é mencionada novamente depois de Atos 1. Ele escreve: “Devemos parar de pregar a Grande Comissão como uma ordem a ser obedecida, mas devemos apresentá-la *como uma lei que expressa a natureza e que governa a vida da Igreja* [...] O derramamento do Espírito se dá em e pela razão da sua própria natureza a efetivação da Grande Comissão na vida da Igreja”.³⁴

A IGREJA DAS CARTAS É UMA IGREJA MISSIONÁRIA

Os membros da igreja local (seja na imaginação ou na realidade) são frequentemente vistos sentados em um círculo de frente um para o outro. Este quadro não é inteiramente errado, pois pertencemos uns aos outros e precisamos do apoio uns dos outros. De fato, somos muitas vezes instados no Novo Testamento a amar, a encorajar, a consolar, a exortar uns aos outros e a carregar os fardos uns dos outros. E esta característica de “um aos outros” da comunhão cristã só pode ser apreciada e desenvolvida quando nos encaramos. Embora legítima, no entanto, a “reunião em círculo” também é perigosa. Porque sempre que nos viramos uns para os outros, viramos as costas ao mundo. Para desfrutar de comunhão mútua, nós também nos isolamos do mundo. Isso é bom, desde que seja apenas temporário. Nós nos separamos do mundo para adoração e comunhão, a fim de retornar a ele fortalecidos para viver como testemunhas e servos de Cristo.

As vinte e uma Cartas do Novo Testamento, mesmo aquelas dirigidas a indivíduos, têm todas a intenção, em suas diferentes maneiras, de construir a Igreja para que ela cresça em maturidade e extensão. É verdade que as Cartas abordam os assuntos domésticos da Igreja –doutrina, adoração, ministério, unidade e santidade. Mas elas também assumem que a Igreja vive no mundo e é responsável por alcançar o mundo com compaixão.

Paulo assume que as igrejas vão participar de seu próprio ministério apostólico por meio de seu apoio, seus dons e, acima de tudo, suas orações. Ele agradece a Deus pela “cooperação” dos filipenses no evangelho.³⁵ Ele pede aos tessalonicenses que orem para que, por meio dele, “a palavra do Senhor se propague rapidamente e receba a honra merecida”.³⁶ Ele pede aos

colossenses que orem “para que Deus abra uma porta para a nossa mensagem”,³⁷ e aos efésios para que lhe seja dada clareza e ousadia na sua pregação.³⁸

Os apóstolos também assumem que a própria Igreja estará envolvida na difusão da fé. Paulo chama isso de “coluna e fundamento da verdade”,³⁹ o que sugere que a Igreja deve manter a verdade em alta (como colunas empurrando um edifício para cima) e mantê-la firme (agindo como fundação de uma estrutura). Pedro chama a Igreja de “geração eleita, sacerdócio real, nação santa, povo exclusivo de Deus”, a fim de que seus membros possam “anunciar as grandezas” ou “os atos poderosos” (NTLH) do Salvador que os chamou “das trevas para a sua maravilhosa luz”.⁴⁰

E cada igreja local deve exibir o caráter missionário de toda a Igreja. Os filipenses, que viviam “no meio de uma geração corrompida e depravada”, foram instruídos tanto a brilhar “como estrelas no universo” como a reter “firmemente a palavra da vida”, exibindo-a a todos, como um comerciante faz com seus bens ou como um garçom servindo os pratos em uma festa.⁴¹ Os tessalonicenses são descritos como tendo não só recebido “com alegria” a mensagem do Senhor, mas como tendo feito a mensagem conhecida nas regiões vizinhas.⁴²

Os membros individuais da Igreja também devem estar envolvidos no testemunho cristão. Os apóstolos os exortam a ter consciência dos “de fora” que os observavam. “Sejam sábios no procedimento para com os de fora; aproveitem ao máximo todas as oportunidades. O seu falar seja sempre agradável e temperado com sal, para que saibam como responder a cada um.”⁴³ É uma instrução muito prática. Devemos ser sábios na forma como nos relacionamos com pessoas de fora, aproveitar todas as chances de testemunhar, combinar graça com sal (talvez um elemento saudável ou até mesmo de humor) em nossa conversa, e estar prontos para responder a

qualquer pergunta que nos seja feita. Esse último ponto nos lembra da orientação de Pedro: “Estejam sempre preparados para responder a qualquer pessoa que lhes pedir a razão da esperança que há em vocês”.⁴⁴

Assim, a Igreja das Cartas é uma Igreja missionária, quer estejamos pensando na Igreja universal ou na igreja local, ou ainda em membros individuais da igreja. A missão é uma parte essencial da identidade da Igreja. Nas palavras francas do bispo Lesslie Newbigin, “a comissão para discipular todas as nações está no centro do mandato da Igreja, e uma Igreja que esquece isso, ou a marginaliza, perde o direito aos títulos de ‘católica’ e ‘apostólica’”.⁴⁵

O CLÍMAX DO APOCALIPSE

É UM CLÍMAX MISSIONÁRIO

Quando foi permitido que João espiasse através de “uma porta aberta no céu”,⁴⁶ ele viu uma grande multidão de pessoas em pé diante do trono de Deus. Eles estavam vestindo vestes brancas (o símbolo da justiça) e segurando ramos de palmeiras (o símbolo da vitória), e estavam se reunindo em um poderoso coro de adoração, atribuindo sua salvação a Deus e ao Cordeiro. João também descreve essa grande multidão como vinda “de todas as nações, tribos, povos e línguas”.⁴⁷ A missão da Igreja não será infrutífera. Pelo contrário, resultará em uma enorme reunião de pessoas, uma multidão multirracial e multinacional. E as suas diferentes línguas e culturas enriquecerão a sua incessante celebração da graça de Deus.

A multidão redimida também será incontável. Só então a antiga promessa de Deus a Abraão será completamente cumprida. Para enfatizar o número

ilimitado de descendentes de Abraão, tanto física (os judeus) e espiritual (crentes, tanto judeus como gentios), Deus prometeu que eles seriam tão numerosos como o pó da terra,⁴⁸ as estrelas no céu⁴⁹ e a areia das praias do mar.⁵⁰ Cada metáfora simboliza um número incontável. “Tornarei a sua descendência tão numerosa como o pó da terra. *Se for possível contar o pó da terra, também se poderá contar a sua descendência.*”⁵¹ “Olhe para o céu e conte as estrelas, *se é que pode contá-las.*”⁵² Embora devamos nos contentar em permanecer agnósticos sobre como Deus alcançará este fim, podemos nos alegrar com o fato de que as obras missionárias da Igreja chegarão a um clímax assim glorioso e digno de Deus.

A partir desta rápida visão das Escrituras, vimos que

- o Deus do Antigo Testamento é um Deus missionário, pois chamou uma família para abençoar todas as famílias da terra;
- o Cristo dos Evangelhos é um Cristo missionário, pois comissionou a Igreja para ir e fazer discípulos das nações;
- o Espírito Santo do livro de Atos é um Espírito missionário, pois levou a Igreja a testemunhar;
- a igreja das Cartas é uma igreja missionária, pois é uma comunidade mundial com uma tarefa mundial;
- o clímax do livro do Apocalipse será um clímax missionário, pois envolve uma multidão incontável, de todas as nações.

Assim, a religião da Bíblia é uma religião missionária. A evidência é esmagadora e irrefutável. A missão não pode ser considerada como um desvio lamentável da tolerância religiosa, ou como o passatempo de alguns entusiastas excêntricos. Pelo contrário, ela surge do coração do próprio Deus

e é comunicada do seu coração para o nosso. A missão é o alcance global do povo global de um Deus global.

Sendo assim, precisamos nos arrepender se

- resistimos à dimensão missionária da vida da Igreja;
- rejeitamos a missão como se fosse dispensável;
- meramente sinalizamos para ela com algumas orações superficiais e ofertas escassas;
- ficamos preocupados apenas com questões paroquiais e localizadas.

Professamos crer em Deus? Ele é um Deus missionário. Dizemos que estamos comprometidos com Cristo? Ele é um Cristo missionário. Afirmamos estar cheios do Espírito? Ele é um Espírito missionário. Temos prazer de pertencer à Igreja? Ela é uma sociedade missionária. Esperamos ir para o céu quando morrermos? É um céu cheio de frutos do empreendimento missionário. Não há como evitar essas coisas.

Se alguns de nós precisam se arrepender, todos nós precisamos agir. O cristianismo autêntico da Bíblia não é uma religião segura, convencida, confortável, egoísta e escapista. Pelo contrário, é profundamente perturbadora para a nossa segurança resguardada. É uma força explosiva, centrífuga, que nos puxa para fora do nosso egocentrismo estreito e nos joga no mundo de Deus para testemunhar e servir. Portanto, devemos encontrar maneiras práticas de expressar este compromisso, tanto individualmente como por meio da nossa igreja local.

Em 1885, o general William Booth, fundador do Exército de Salvação, “com os olhos brilhando, desafiou um grande grupo de salvaçãoistas de Londres: ‘Qual é a largura da circunferência do mundo?’ Das fileiras apertadas veio a resposta a plena garganta: ‘Vinte e cinco mil milhas*.’

‘Então’, rugiu Booth, com os braços para cima, ‘devemos crescer até que os nossos braços consigam contorná-la’.⁵³



PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

por Tim Chester

1. Que tipo de atitude em relação à missão cristã você encontra entre seus amigos incrédulos?
 2. Como você responderia à acusação de que a missão é intolerante, arrogante ou violenta?
 3. Qual é a diferença entre evangelização e proselitismo? Você pode pensar em exemplos do que Stott chama de “testemunho indigno”?
 4. O que significa chamar Deus de um “Deus missionário”? Descreva o papel do Pai, do Filho e do Espírito na missão global.
 5. Stott diz: “O cristianismo autêntico da Bíblia não é uma religião segura, convencida, confortável, egoísta e escapista. Pelo contrário, é profundamente perturbadora para a nossa segurança resguardada. É uma força explosiva, centrífuga, que nos puxa para fora do nosso egocentrismo estreito e nos joga no mundo de Deus para testemunhar e servir”. Há atitudes das quais você precisa se arrepender?
 6. De que maneira prática, individualmente e em sua igreja, você poderia expressar este compromisso com a missão global?
- O equivalente a 40.233,6 quilômetros. (N.E.)↩

MISSÃO HOLÍSTICA

“NÓS, CRISTÃOS, somos o único povo nesta terra que tem a visão integrada do mundo da matéria e do espírito que nos permite lidar com o desenvolvimento do sistema de esgoto e a salvação das almas com igual entusiasmo.”¹ Assim diz Raymond Bakke. Carl Henry diz que os cristãos evangélicos têm uma mensagem duplamente relevante para os nossos dias: “Pois eles conhecem o *Deus da justiça e da justificação* [...] Sempre que o cristianismo é forte na vida de uma nação, ele tem interesse tanto na lei como no evangelho, no Estado e na Igreja, na jurisprudência e na evangelização”.²

“Missão holística” (de “holismo”, a ideia de que o todo é maior do que a soma de suas partes) é uma tentativa, talvez não totalmente satisfatória, de capturar a ideia de que a missão autêntica é uma atividade abrangente que envolve tanto evangelização quanto ação social e se recusa a deixar que se separem.

Mas tais declarações do tipo “tanto um como outro” não definem o relacionamento entre evangelização e responsabilidade social. Nas últimas décadas, tem havido um considerável desacordo sobre a forma como essas duas responsabilidades se conectam. Isso tem sido afirmado de diferentes maneiras como a tensão

- “entre a ação de Deus na e por meio da Igreja e tudo o que Deus está fazendo no mundo, aparentemente de forma independente da comunidade cristã”;³
- “entre a interpretação vertical do evangelho como essencialmente preocupado com a ação salvadora de Deus na vida dos indivíduos, e a interpretação horizontal dele como principalmente preocupado com as relações humanas no mundo”;⁴
- entre Deus buscando a justificação dos pecadores e Deus buscando justiça nas nações;
- entre redenção e providência;
- entre a salvação da alma e o desenvolvimento da sociedade.

Às vezes, a diferença entre esses pontos de vista se torna uma polarização estéril, geralmente ao longo das linhas divisórias entre evangélicos e liberais, cada um reagindo exageradamente à posição do outro. O primeiro tem tendência a se concentrar exclusivamente na evangelização, negligenciando a necessidade social, como alimento para os famintos ou liberdade para os oprimidos. O último geralmente vai para o extremo oposto, tendendo a negligenciar a evangelização ou tentando reinterpretá-lo em termos sociopolíticos como a humanização das comunidades ou a libertação dos oprimidos. Assim, o estereótipo evangélico tem sido de espiritualizar o evangelho e negar suas implicações sociais, enquanto o estereótipo ecumênico tem sido de politizá-lo e negar a sua oferta de salvação para os pecadores. Esta polarização tem sido um desastre.

O RELACIONAMENTO ENTRE EVANGELIZAÇÃO E RESPONSABILIDADE

SOCIAL

No Pacto de Lausanne, de 1974, uma ampla gama de evangélicos afirmaram “que a evangelização e o envolvimento sociopolítico são ambos parte do nosso dever cristão”, acrescentando que “na missão de serviço sacrificial da igreja a evangelização é primordial”.⁵ A Consulta sobre o Relacionamento entre Evangelização e Responsabilidade Social, de 1982, explicou essa primazia de duas maneiras. Primeiro, a evangelização tem certa prioridade lógica: “O próprio fato da responsabilidade social cristã pressupõe cristãos socialmente responsáveis, e é apenas por meio da evangelização e do discipulado que eles podem se tornaram assim”. Segundo,

a evangelização se relaciona com o destino eterno das pessoas, e ao trazer-lhes boas novas de salvação, os cristãos estão fazendo o que ninguém mais pode fazer. Raramente deveríamos ter de escolher entre [...] curar corpos e salvar almas [...] No entanto, se devemos escolher, então temos de dizer que a suprema e última necessidade de toda a humanidade é a graça salvadora de Jesus Cristo, e que, portanto, a salvação eterna e espiritual de uma pessoa é de maior importância do que o seu bem-estar material e temporal.⁶

Em 1989, o Manifesto de Manila fez uma declaração semelhante: “A evangelização é primordial porque a nossa principal preocupação é com o evangelho, que todas as pessoas possam ter a oportunidade de aceitar Jesus Cristo como seu Senhor e Salvador”⁷.

Reafirmar oprimado da evangelização não resolve o problema. Isso ainda deixa indefinidas as relações entre evangelização e responsabilidade social.

Foi para provocar essas relações que a Consulta sobre o Relacionamento entre Evangelização e Responsabilidade Social foi convocada em 1982. Seu relatório final identificou três ligações entre a evangelização e a ação social. Em primeiro lugar, “a atividade social é uma *consequência* da evangelização”. Porque a evangelização leva as pessoas à fé, a fé age por meio do amor e amor se manifesta em serviço.⁸ De fato, “a responsabilidade social é mais do que uma consequência da evangelização; é também um de seus principais objetivos”, uma vez que somos salvos “para fazermos boas obras”.⁹ Em segundo lugar, “a atividade social pode ser uma *ponte* para a evangelização”. Apesar do perigo de fazer “cristãos de arroz” (nome dado àqueles que professam a conversão apenas por causa dos benefícios materiais que lhes são oferecidos), permanece verdade que o amor em ação “pode quebrar preconceitos e suspeitas, abrir portas fechadas e ganhar uma audiência para o evangelho”. Em terceiro lugar, “a atividade social não apenas segue a evangelização como sua consequência e objetivo e a precede como sua ponte, mas também a acompanha como seu *parceiro*. Eles são como as duas lâminas de uma tesoura ou as duas asas de um pássaro”, e é assim que estavam presentes no ministério público de Jesus. “A parceria é, na realidade, um casamento.”¹⁰

Esta parceria se aplica tanto para o cristão individualmente como para a igreja local. É claro que diferentes cristãos recebem diferentes dons específicos e chamados, qualificando-os a se concentrar em ministérios especializados, assim como os Doze foram chamados para um ministério pastoral e os Sete para um ministério social.¹¹ É claro, também, que os cristãos podem se encontrar em situações de emergência que exigem respostas específicas. Não culpamos nem o bom samaritano por cuidar das feridas do viajante sem perguntar sobre seu estado espiritual, assim como não culpamos Filipe por compartilhar o evangelho com o etíope e não

perguntar sobre suas necessidades sociais. No entanto, estes são chamados e situações particulares. De um modo geral, todos os seguidores de Jesus Cristo têm uma responsabilidade, de acordo com as oportunidades que lhes são dadas, tanto para testemunhar como para servir.

O mesmo vale para cada igreja local. As necessidades de sua comunidade local serão muitas e variadas, e todos não conseguem fazer tudo. Assim, em uma igreja, independente de seu tamanho, seus membros devem ser encorajados a formar “grupos de estudo e de ação”, de acordo com seus dons, chamados e interesses, cada um assumindo uma determinada necessidade evangelística, pastoral ou social no bairro. A igreja deve reconhecer esses grupos especializados, fornecendo encorajamento, aconselhamento, oração e financiamento, conforme necessário, dando-lhes oportunidades para relatar seus progressos. Se a igreja “assumir” os grupos dessa maneira, então, por meio deles, a igreja será capaz de alcançar a comunidade e servi-la em uma série de necessidades diferentes.

Até agora temos pensado sobre as relações entre evangelização e responsabilidade social. O segundo problema que temos diz respeito ao *vocabulário* que devemos utilizar para exprimir a parceria entre eles. De acordo com o relatório do primeiro Congresso Nacional Anglicano Evangélico, “a evangelização e o serviço compassivo andam juntos na missão de Deus”.¹² Eu mesmo tentei elaborar isso mais tarde, ao escrever: “Missão’ descreve tudo que a Igreja é enviada a fazer no mundo”, ou seja, “o serviço cristão no mundo, abrangendo tanto o evangelismo como a ação social”.¹³

Alguns líderes evangélicos têm criticado essa definição de missão. Eles acreditam que isso é potencialmente prejudicial porque desviará os missionários de suas tarefas prioritárias de evangelização, discipulado e plantação de igrejas. Eles, portanto, querem manter o entendimento tradicional de “missão” e “missionário” como referindo-se apenas a essas

atividades evangelísticas (embora muitas vezes admitam que todos os cristãos têm responsabilidades sociais e políticas também). Certamente, a última coisa da qual eu quero ser culpado é de dificultar a missão da igreja! Também é verdade que “missão” em si não é uma palavra bíblica, assim como “Trindade” e “sacramento” também não são. No entanto, é uma palavra útil para abreviar um conceito bíblico, ou seja, tudo o que Cristo envia o seu povo para fazer no mundo. E isso não pode ser limitado à evangelização de proclamação, mesmo que isso tenha a primazia na igreja. A questão não é meramente uma questão de semântica (o que significa a palavra “missão?”), mas de substância (por que somos enviados ao mundo?). Mesmo que eu admitisse que a palavra “missão” não pode suportar o peso que eu coloquei nela, não faria diferença para o argumento de que somos enviados ao mundo tanto para testemunhar como para servir. E nossa missão deve ter Cristo como modelo. Assim como o seu amor por nós é como o amor do Pai por ele,¹⁴ assim também quando ele nos envia ao mundo é como quando o Pai o enviou ao mundo.¹⁵ Se palavras e obras estavam juntas em seu ministério, também devem fazer parte do nosso.

O principal medo dos meus críticos parece ser que os missionários serão desviados. A melhor maneira de evitar isso, na minha opinião, é não negar que a “missão” é mais ampla do que a evangelização, mas sim insistir que cada “missionário” deve ser fiel ao seu chamado particular. Eu já sugeri que na igreja local, embora os membros individuais possam ter focos diferentes, a própria igreja estará desequilibrada se não incluir uma variedade de ministérios. Da mesma forma, embora alguns missionários sejam chamados à evangelização primária, discipulado, plantação de igrejas e tradução da Bíblia, e outros a ministérios médicos, educacionais ou de desenvolvimento especializados, a igreja nacional (e as agências de missão que cooperam com ela) seriam desequilibradas se juntas não incluíssem tal variedade de

ministérios. De fato, há muito a ser dito para as equipes de missão multinacionais multifuncionais, compostas por nacionais e expatriados, evangelistas e assistentes sociais, especialistas em plantação de igrejas e especialistas em desenvolvimento, pastores e professores.

A BASE BÍBLICA PARA ESTA PARCERIA

Os cristãos evangélicos não são nada se não forem cristãos bíblicos. Nosso desejo é viver “sob” ou “de acordo com” a Escritura. Existe, então, uma boa garantia bíblica para manter juntas a evangelização e a ação social? Existe sim. Foi dito de diversas formas, mas vou concentrar-me em três argumentos fundamentais.

Primeiro, há *o caráter de Deus*.

O Deus da revelação bíblica, sendo Criador e Redentor, é um Deus que se preocupa com o bem-estar espiritual e material de todos os seres humanos que ele criou. Tendo-os criado à sua imagem, anseia que descubram a sua verdadeira humanidade em seus relacionamentos com ele e uns com os outros. Por um lado, Deus anseia por suas criaturas em sua perdição. Ele não tem prazer na morte dos ímpios e não quer que ninguém pereça. Então ele implora para que ouçam a sua Palavra, voltem para ele em arrependimento e recebam o seu perdão. Por outro lado, Deus cuida dos pobres e dos famintos, do estrangeiro, da viúva e do órfão. Ele denuncia a opressão e a tirania e pede justiça. Ele diz que seu povo deve ser a voz dos que não têm voz e o defensor dos impotentes. Portanto, não é um acaso nem uma surpresa que os dois grandes mandamentos de Deus sejam que amemos a Deus com todo o nosso ser e amemos o nosso próximo como a nós mesmos.

O cumprimento destes mandamentos é deixado claro na lei. Por exemplo, o povo de Deus deveria “temer”, “amar” e “servir” a Deus. Como? Em parte, Deus espera de seu povo “que ande em todos os seus caminhos”, “que obedeça aos mandamentos”, porque ele “é o Deus dos deuses e o Soberano dos soberanos” e, por causa de tudo isso, deve ser adorado; e em parte, espera que o povo siga o seu exemplo como aquele que “defende a causa do órfão e da viúva e ama o estrangeiro, dando-lhe alimento e roupa”.¹⁶ Assim, a adoração e a obediência, por um lado, e a filantropia e a justiça, por outro, são um dever duplo do povo de Deus.

Então vieram os profetas, que continuavam lembrando a lei ao povo e exortando-os a obedecer-lhe. “Ele mostrou a você, ó homem, o que é bom e o que o Senhor exige: pratique a justiça, ame a fidelidade e ande humildemente com o seu Deus.”¹⁷ De novo, a justiça e a misericórdia para com o próximo e a humildade diante de Deus estão unidas.

Junto com este testemunho profético da lei de Deus, havia denúncias ousadas contra aqueles que a desprezavam. Elias foi um exemplo notável. Vivendo num tempo de apostasia nacional, o seu ministério ficou marcado por seus dois maiores confrontos, primeiro no monte Carmelo, quando desafiou o povo a escolher entre *Yahweh* e Baal,¹⁸ e depois em Jezreel, quando acusou o rei Acabe de assassinar Nabote e confiscar seus bens.¹⁹ É impressionante encontrar o mesmo profeta agindo como defensor da lealdade religiosa e da justiça social.

Então, 150 anos depois, encontramos os dois grandes profetas exilados, Jeremias e Ezequiel, continuando a mesma tradição de protesto. Por que o desastre caiu sobre Jerusalém? De acordo com Jeremias, foi porque as pessoas “abandonaram” *Yahweh* em favor de “deuses estranhos” e tinha enchido Jerusalém “com o sangue de inocentes”.²⁰ De acordo com Ezequiel, a cidade traria julgamento sobre si mesma “por derramar sangue em seu

meio e por se contaminar fazendo ídolos”.²¹ Em ambos os casos, o ápice do pecado de Israel foi a combinação de “ídolos” e “sangue” – sendo a idolatria o pior pecado contra

Deus e assassinato o pior pecado contra o próximo.

A lei e os profetas assim refletem o caráter de Deus. O que ele é, seu povo deve ser também, compartilhando e refletindo suas preocupações. Em particular, não há dualismo no pensamento de Deus:

De uma forma nada saudável, tendemos a colocar um contra o outro – alma e corpo, indivíduo e sociedade, redenção e criação, graça e natureza, céu e terra, justificação e justiça, fé e obras. A Bíblia certamente faz distinção entre estes, mas também os relaciona uns com os outros e nos instrui a manter cada um desses pares em uma tensão dinâmica e criativa.²²

O segundo terreno para manter a evangelização e a preocupação social juntos é o *ministério e o ensino de Jesus*.

Não há dúvida de que as palavras e as obras caminharam juntas em seu ministério público. Verdade, Jesus era um pregador que anunciou a vinda do reino de Deus. Mas ele também demonstrou a sua chegada por suas obras de compaixão e poder. Começou “a percorrer os povoados, ensinando”,²³ “fazendo o bem e curando”.²⁴ O que há em comum entre essas declarações é o fato de que ele andava entre as pessoas; ele tinha um ministério itinerante no qual cruzava as regiões palestinas. O que está diferente diz respeito ao que ele fez. De acordo com Marcos, Jesus estava “ensinando”; de acordo com Lucas, estava “fazendo o bem e curando”. Havia em seu ministério um vínculo indissolúvel entre a evangelização e o serviço compassivo. Jesus exibia de maneiras práticas o amor de Deus que estava proclamando. “Ele

estava preocupado”, como Chuck Colson escreveu, “não só em salvar o homem do inferno no mundo porvir, mas em libertá-lo da infernalidade deste mundo”.²⁵

Assim, suas palavras explicavam suas obras, e suas obras dramatizavam suas palavras. Ouvir e ver, voz e visão, ambas estavam unidas. Cada um apoiava o outro. Afinal, as palavras permanecem abstratas até que se concretizem em obras de amor, enquanto as obras permanecem ambíguas até serem interpretadas pela proclamação do evangelho. As palavras sem obras carecem de credibilidade; as obras sem palavras carecem de clareza. Assim, as obras de Jesus tornaram visíveis as suas palavras; as suas palavras tornaram inteligíveis as suas obras. O que Jesus exibiu em sua vida e ministério ele também incluiu em seu ensino. Permitam-me compartilhar uma reflexão sobre duas de suas parábolas mais conhecidas e mais amadas, a saber, a do filho perdido²⁶ (que destaca a conversão) e a do bom samaritano²⁷ (que destaca a ação social). Se as mantivermos juntas, elas reforçam a conexão entre a evangelização e a ação social.

Em ambas as parábolas há uma vítima, um homem que se encontra numa situação de desespero. Na parábola do filho perdido, ele é vítima do seu próprio pecado; na do bom samaritano, ele é vítima dos pecados dos outros, isto é, alguém pecou contra ele. Além disso, na primeira parábola, é o pecado pessoal que é descrito; na segunda, é o pecado social, ou seja, o mal da desordem pública. Ambos devem despertar nossa compaixão. Estamos preocupados tanto com o que peca quanto com o que é alvo do pecado.

Em segundo lugar, em ambas as parábolas há um resgate – da alienação em uma terra distante e do assalto violento na estrada. Na primeira parábola, o pecador se arrepende, volta e é perdoado (é salvação pela fé). Na segunda, a vítima nada pode fazer; deve o seu resgate à caridade do samaritano (é um resgate pelas boas obras).

Terceiro, em ambos há uma demonstração de amor. Na parábola do filho perdido vemos o amor de Deus, o pai que acolhe o filho que volta para casa. Na do bom samaritano vemos o amor do próximo pelo próximo, com o samaritano cuidando das feridas da vítima. Em ambos os casos, o amor triunfa sobre o preconceito. O filho é perdoado, *embora* ele não mereça; o samaritano tem pena da vítima dos ladrões, *embora* a vítima seja um judeu desconhecido que não tem qualquer relação com ele.

Em quarto lugar, em ambas as parábolas há um enredo secundário, que dramatiza a alternativa ao que está sendo elogiado. Na do filho perdido, o irmão mais velho se recusa a se alegrar com o arrependimento e o retorno de seu irmão. Na do bom samaritano, o sacerdote e o levita se recusam a se envolver na situação do homem agredido. Podemos até dizer que aqueles que resistem ao chamado à evangelização, deixando as pessoas sozinhas em seus pecados, se assemelham ao irmão mais velho. Enquanto isso, aqueles que resistem ao chamado à ação social, deixando as pessoas sozinhas em seus sofrimentos, assemelham-se ao sacerdote e ao levita, visto que cada um se afastou e “passou pelo outro lado”.

Assim, cada parábola enfatiza um aspecto vital do discipulado cristão – seu início quando, como o filho perdido, voltamos para casa, para a salvação, e sua continuação, quando, como o bom samaritano, saímos em missão. Cada um de nós se assemelha ao filho perdido; cada um de nós *deveria* se assemelhar ao samaritano. Primeiro enfrentamos nossos próprios pecados, e então enfrentamos os sofrimentos do mundo. Primeiro entramos e recebemos misericórdia, e depois saímos e mostramos misericórdia. A misericórdia não pode ser mostrada até que tenha sido recebida; mas, uma vez que tenha sido recebida, deve ser mostrada aos outros. Não nos divorciemos daquilo que Cristo casou. Todos nós fomos filhos perdidos; Deus quer que todos nós sejamos samaritanos também.

Além do exemplo e do ensino de Jesus Cristo, gostaria de mencionar suas emoções. Quando Jesus ficou cara a cara com o “último inimigo”, a morte, a linguagem de João 11 indica que ele tanto “bufou” de raiva contra este mal e, em seguida, chorou de compaixão por suas vítimas. As mesmas duas emoções devem nos motivar sempre que nos encontrarmos enfrentando o mal – seja o mal da perdição humana, sejam os males sociais dos nossos dias.

Em 1890, o general William Booth publicou *A Solução Para a Sombria Inglaterra*. Booth escreveu com profundo sentimento sobre as misérias causadas pela pobreza, desemprego, falta de moradia, fome, exploração trabalhista, embriaguez, doença, favelas, escravidão branca e prostituição. “O sangue ferve de raiva impotente”, confessou ele, “ao ver essas monstruosidades cruelmente infligidas e silenciosamente suportadas por essas vítimas miseráveis”.²⁸ É claro que ele desejava a conversão das pessoas e insistia que sempre colocava a salvação em primeiro lugar. Mas “qual é o sentido de pregar o evangelho”, perguntou ele, “a pessoas cuja atenção está toda concentrada em uma luta insana e desesperada para continuar vivas?”²⁹ “Ao providenciar o alívio da miséria temporária”, acrescentou, “reconheço que só estou facilitando algo que agora é difícil, e possibilitando algo que agora é quase impossível, para que homens e mulheres encontrem o seu caminho para a cruz de nosso Senhor Jesus Cristo”.³⁰ Na continuação dessa política, a segunda parte do seu livro contém uma espantosa série de propostas – para uma colônia agrícola, uma colônia ultramarina, um hospital ambulante, a brigada de portas de prisão, casas de resgate para prostitutas, casas preventivas para moças em perigo, um gabinete de investigação para pessoas perdidas, refúgios para as crianças das ruas, escolas industriais, aldeias suburbanas modelos, o banco do pobre, um plano de assistência jurídica para os pobres, entre outras. À medida que esta

notável combinação de preocupações sociais e espirituais se tornou conhecida, “inevitavelmente a imaginação pública dotou o Exército com um slogan que o acompanha desde aquela época: ‘sopa, sabão e salvação!’”³¹

O terceiro argumento bíblico para a parceria da evangelização e da ação social diz respeito à comunicação do evangelho.

Como o evangelho deve ser conhecido? Para começar, ele deve ser verbalizado. Uma vez que o próprio Deus escolheu se comunicar por meio de palavras, os cristãos não devem desprezar palavras nem compartilhar do desencanto atual com o discurso como um meio de comunicação. Há uma precisão na comunicação verbal, se as palavras são faladas ou escritas, que é ausente de todos os outros meios. Ao mesmo tempo, a Palavra pessoal de Deus “tornou-se carne”, e como resultado disso as pessoas puderam ver a sua glória.³² Se a Palavra de Deus se tornou visível, nossas palavras também devem ser visíveis. Não podemos anunciar o amor de Deus com credibilidade, a menos que também a manifestemos em ação. Assim, não podemos ficar distantes daqueles a quem falamos o evangelho, nem ignorar sua situação. Temos de entrar em sua realidade social e compartilhar seus sofrimentos. Nesse ponto, diz J. H. Bavinck, nossas ações “se tornam pregação”.³³

Isto nos traz de volta ao ministério de Jesus:

Hoje, somos chamados a uma integração semelhante de palavras e ações. Em espírito de humildade, devemos pregar e ensinar, ministrar aos doentes, alimentar os famintos, cuidar dos prisioneiros, ajudar os desfavorecidos e deficientes e libertar os oprimidos. Ao mesmo tempo em que reconhecemos a diversidade dos dons espirituais, dos chamados e dos contextos, também afirmamos que as boas novas e as boas obras são inseparáveis.³⁴

CINCO OBJEÇÕES CONSIDERADAS

Embora a base bíblica para a parceria entre evangelização e responsabilidade social pareça estar bem estabelecida, algumas objeções a ela são levantadas.

Primeira: *Os cristãos não deveriam ficar longe da política?* Os cristãos devem estar engajados em filantropia, mas não ter envolvimento político.

Se definirmos política como uma mera referência às políticas e aos programas de mudança legislativa desenvolvidos pelos partidos políticos, então é verdade que os cristãos não devem envolver-se se não estiverem preparados para fazer o seu dever de casa. A política é para os políticos que ganharam a experiência necessária. Há poucas coisas mais embaraçosas do que a visão de cristãos se posicionando sobre questões políticas das quais são ignorantes.

A definição mais ampla de “política”, no entanto, refere-se à vida da *pólis* (a cidade) e à arte de viver juntos em comunidade. Neste sentido, todos nós estamos envolvidos na política, uma vez que Jesus nos chama a viver no mundo secular.

O bem-estar social não é suficiente. Fazer campanha pela mudança legislativa é uma expressão essencial do amor ao próximo. Por exemplo, temos de ir

- além da cura individual para a construção de hospitais onde se concentram diferentes especialidades médicas;
- além de alimentar os famintos para o estabelecimento de uma nova ordem econômica internacional em que a fome seja abolida;
- além de cuidar das feridas das pessoas, como fez o bom samaritano, para a tarefa de livrar a estrada de Jericó dos ladrões;

- além de um tratamento justo aos escravos para a abolição da própria escravidão.

Pode não haver nenhuma base bíblica explícita para essas coisas, e certamente Jesus nunca discutiu a emancipação dos escravos. Mas não estamos profundamente gratos pelo que seus seguidores fizeram séculos mais tarde? A ação política definida como amor em busca de justiça para os oprimidos é uma extrapolação legítima da ênfase bíblica sobre as prioridades práticas do amor.

Segunda: *Não está se voltando ao velho “evangelho social”?* Não, não está. Devemos distinguir entre o evangelho social do liberalismo teológico, desenvolvido por Walter Rauschenbusch no início do século 20, e as implicações sociais do evangelho bíblico. O “evangelho social” tentou identificar o reino de Deus com uma sociedade socializada e, em seguida, falou de ação sociopolítica em termos de “construir o reino de Deus na terra”. A visão era orgulhosa, autoconfiante e utópica. As implicações sociais do evangelho bíblico são diferentes, no entanto. Uma vez que nos tornamos pessoas novas em Cristo e somos membros de sua nova sociedade, devemos aceitar a responsabilidade que ele nos dá de permear a velha sociedade como seu sal e luz.

Terceira: *Esta preocupação social não é a mesma coisa que a “teologia da libertação”?* Não, novamente não é. Nossa principal crítica evangélica sobre a teologia da libertação é que ela tenta igualar a libertação social, política e econômica dos seres humanos com a “salvação” que Cristo obteve com sua vinda, morte e ressurreição. Também tendeu a endossar teorias marxistas (especialmente sua análise social) e a abraçar a violência. Dito isto, a libertação total dos seres humanos de tudo o que os oprime, humilha ou desumaniza é certamente agradável a Deus, seu Criador. Eu gostaria que os

cristãos evangélicos tivessem começado primeiro uma teologia da libertação verdadeiramente *bíblica*. Mas equiparar a “libertação” material com a “salvação” é uma má interpretação e deturpação da Escritura.

Quarta: *Não* é impossível esperar mudanças sociais a menos que as pessoas se convertam? Mais uma vez, não, não é. É claro que desejamos que as pessoas se convertam. Mas Jesus Cristo, por meio do seu povo, teve uma enorme influência para o bem da sociedade como um todo. Pense, por exemplo, no aumento dos padrões de saúde e higiene, na maior disponibilidade de educação, no crescente respeito pelas mulheres e crianças, na preocupação com os direitos humanos e as liberdades civis, nas melhores condições nas fábricas, minas e prisões e na abolição da escravidão e do tráfico de escravos.

A legislação pode garantir a melhoria social, embora não converta as pessoas nem as torne boas. Mesmo os seres humanos decaídos retêm traços suficientes da imagem divina para preferir a justiça à injustiça, a liberdade à opressão e a paz à violência. Martin Luther King estava certo quando disse: “A moralidade não pode ser legislada, mas o comportamento pode ser regulado. Decretos judiciais podem não mudar o coração, mas eles podem restringir os sem coração [...] A lei não pode fazer um empregador me amar, mas pode impedi-lo de se recusar a me contratar por causa da cor da minha pele”.³⁵

Quinta: *O compromisso com a ação social não vai nos distrair da evangelização?* Sim, é possível, mas não precisaria ser assim. Certamente devemos ter cuidado com essa possibilidade. Devemos ser gratos pelos cães de guarda evangélicos que ladram alto e por muito tempo quando percebem quaisquer sinais de um comprometimento diminuído com a evangelização. Mas se vivermos à luz da morte, ressurreição e ascensão de Jesus, nossos incentivos para a evangelização serão continuamente renovados nessa

primavera perene. Em particular, sua exaltação ao lugar supremo de honra nos dará o desejo de que lhe seja dada a glória devida ao seu nome. Assim sendo, a ação social, longe de nos desviar da evangelização, pode torná-la mais eficaz ao fazer o evangelho mais visível e mais crível.

ALGUNS EXEMPLOS DA PARCERIA

“A ação social na missão”, escreveu o missiologista americano doutor R. Pierce Beaver, “pode ser traçada a partir do tempo dos apóstolos”. Além disso, “a preocupação nunca se limitou ao alívio”; incluía o que hoje chamamos de “desenvolvimento”, permitindo que as comunidades se tornassem autossuficientes, o que se fazia introduzindo plantas e gado melhorados, eliminando doenças, cavando poços mais profundos para obter água pura e constante ou estabelecendo escolas. Além disso, os missionários (e, com o tempo, as igrejas nacionais) representavam a justiça social. Eles

constantemente eram os protetores dos povos nativos contra a exploração e a injustiça por parte do governo e de empresas comerciais. Desempenharam um papel muito importante na abolição do trabalho forçado no Congo. Resistiram ao tráfico de escravos no Pacífico Sul. Combateram ferozmente pelos direitos humanos na luta contra o ópio, os pés de lótus e a exposição [à morte] de bebês meninas na China. Travaram uma guerra contra a queima de viúvas, infanticídios e prostituição cultural na Índia e, acima de tudo, quebraram a escravidão social e econômica do sistema de castas para as classes baixas e os párias.³⁶

Havia, de fato, certa inevitabilidade sobre essas preocupações. Era impossível para os primeiros missionários proclamar a mensagem do amor de Deus em Cristo para a salvação dos pecadores e, ao mesmo tempo, ignorar as condições sociais das pessoas. O próprio evangelho os obrigou a se opor a qualquer coisa que fosse incompatível com ele, seja a escravidão na África e o sistema de castas na Índia, seja a exploração de povos tribais ou a pobreza degradante das massas na América Latina. Da mesma forma, é impossível evangelizar no Ocidente e fechar os olhos para a situação dos desempregados e dos sem-teto, ou de jovens alienados e famílias monoparentais em áreas degradadas e carentes do centro das cidades. Será que o evangelho não tem nada a dizer sobre essas coisas? Nosso Deus está interessado apenas em trazer as pessoas para o céu, e não em melhorar a situação delas na terra? Não, ignorar os males desumanizadores da sociedade enquanto prega a influência humanizadora da salvação é ser culpado de uma contradição interior que deturpa Deus e distorce o evangelho. O envolvimento compassivo nas necessidades sentidas pelas outras pessoas é parte integrante da missão encarnacional. É algo exigido pelo evangelho de Cristo.

O doutor David Howard descreve seu amigo Gregorio Landero como “um dos evangelistas mais talentosos que já conheci”. Ele continua:

À medida que ele viajava divulgando o evangelho por muitas partes do Norte da Colômbia, ele ficava pesadamente sobrecarregado, porque as pessoas para quem ele estava ministrando os assuntos da alma estavam sofrendo por falta de nutrição. Ele agonizava pensando como poderia pregar um evangelho de salvação quando as pessoas estavam famintas e sofrendo doenças que poderiam ser evitadas com uma ajuda mais adequada. Então começou a estudar as possibilidades de uma divulgação

mais plena do evangelho. O resultado, ao longo de vários anos de trabalho árduo, foi o desenvolvimento da Ação Unida, um programa de alcance total para as necessidades das pessoas. Gregorio é o líder da Ação Unida e deu a visão e o impulso para todo o desenvolvimento do programa. Hoje, junto com sua pregação evangelística, ele e seus colegas estão ajudando as pessoas a melhorarem os métodos agrícolas, desenvolvendo projetos avícolas familiares que vão colocar mais proteína em sua dieta, ensinando higiene doméstica, continuando o trabalho odontológico, trabalho de alfabetização e outras coisas que irão desenvolver a vida familiar e comunitária das pessoas. Houve também esforços para ajudar a conservar os recursos naturais que fazem parte da criação total.³⁷

Festo Kivengere, de Uganda, tinha uma visão e um compromisso holísticos semelhantes. Ele foi, em primeiro lugar, um evangelista. E, quando se tornou bispo da diocese de Kigezi, continuou seu ministério evangelístico mundial extraordinariamente eficaz, em que muitos foram ganhos para Cristo. Mas também se preocupava com o desenvolvimento em sua diocese, especialmente com a melhoria da educação, saúde e agricultura. A sua mensagem centrava-se no amor e na reconciliação através de Cristo, mas também pedia justiça. Embora não fosse um bispo político no sentido de que ele não participou do trabalho das funções legislativas, judiciais ou executivas do Estado, ele, no entanto, desempenhou um papel importante na derrubada do presidente Idi Amin. Várias vezes ele arriscou sua vida confrontando Amin em particular e protestando contra seu reinado de terror. “Festo era tão corajoso”, seus colegas lembraram. “Enquanto as apreensões continuavam, ele continuava indo até Amin para enfrentá-lo com a enormidade do que fazia”.³⁸

O bispo Festo não viu nenhuma inconsistência entre esses diferentes aspectos de seu ministério. Ele falou da “trágica divisão entre o que, de acordo com o Antigo Testamento e o Novo Testamento, são os dois lados da mesma moeda – *a salvação das almas perdidas dos homens [...] e a preocupação com as suas necessidades sociais*”.³⁹ O bispo Shannon Mallory disse a respeito dele:

Nosso querido Festo foi um profeta ardente no meio desse debate [sobre as violações dos direitos humanos que eram perpetradas na época], chamando apaixonadamente, por um lado, para a renovação espiritual e reconciliação da Igreja de Uganda e, ao mesmo tempo, corajosamente em pé (quase sozinho, parecia), para falar e condenar a tirania política e militar que ainda estava acontecendo no país.⁴⁰

Assim, o testemunho evangelístico e o protesto político, longe de serem incompatíveis, eram e são gêmeos naturais. Embora poucos cristãos possam ser chamados a se engajar neles simultaneamente, uma vez que pessoas diferentes são chamadas a diferentes ministérios, no entanto, a Igreja como um todo deve se envolver em ambos, uma vez que ambos pertencem à sua missão dada por Deus no mundo.



PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

por Tim Chester

1. O relatório da Consulta Grand Rapids (que o próprio Stott redigiu) disse que a responsabilidade social é (1) uma consequência da, (2) uma ponte

para e (3) um parceiro da evangelização. Você pode pensar em exemplos que você tenha visto de cada uma dessas conexões?

2. Por que a evangelização é primária? Como isso pode parecer na prática?
3. Que pressões as igrejas enfrentam para ignorar a ação social e se concentrar apenas na evangelização? Como podemos combater essas pressões?
4. Que pressões as igrejas enfrentam para ignorar a evangelização e se concentrar apenas na ação social? Como podemos combater essas pressões?
5. Por que os cristãos devem ser envolvidos na política? Quais são os perigos do envolvimento político cristão?
6. E você? Você tem negligenciado a evangelização ou a ação social – ou ambos? Quais dois ou três próximos passos você poderia dar para tornar seu discipulado mais holístico?

CAPÍTULO 4

A CRISTOLOGIA DA MISSÃO

NADA É MAIS IMPORTANTE para a recuperação da missão da Igreja (onde ela foi perdida), ou seu desenvolvimento (onde ela é fraca) do que uma visão renovada, clara e abrangente de Jesus Cristo. Quando ele é humilhado, e especialmente quando ele é negado, na plenitude de sua pessoa e obra únicas, a Igreja carece de motivação e direção, nossa moral desmorona e nossa missão se desintegra. Mas quando vemos Jesus, isso é suficiente. Temos toda a inspiração, o incentivo, a autoridade e o poder de que precisamos.

Neste capítulo, então, olhamos de novo para o nosso Senhor e Salvador. Vamos ensaiar os seis grandes eventos em sua caminhada salvífica (encarnação, cruz, ressurreição, exaltação, envio do Espírito e retorno), e vamos notar a inevitável (embora muitas vezes negligenciada) dimensão missionária de cada um.

A ENCARNAÇÃO DE CRISTO

O modelo para a missão

“A encarnação foi o mais espetacular exemplo de identificação cultural na história da humanidade”.¹ Porque o Filho de Deus não ficou na imunidade e

segurança do seu céu, afastado do pecado e da tragédia humanas. Ele realmente entrou no nosso mundo. Ele se esvaziou de sua glória e se humilhou para servir. Jesus tomou a nossa natureza, viveu a nossa vida, suportou as nossas tentações, experimentou as nossas tristezas, sentiu as nossas feridas, levou os nossos pecados e morreu a nossa morte. Tomou parte profundamente em nossa humanidade e nunca ficou distante das pessoas que alguns esperavam que ele evitasse. Fez amizade com os abandonados da sociedade e até tocou nos que não deviam ser tocados. Ele não poderia ter se tornado mais um conosco do que ele fez. Foi a identificação total do amor.

Às vezes tenho comparado a missão de Cristo à terra com a missão da nave Apolo à lua. A analogia é superficial, sem dúvida, mas é instrutiva, pois há semelhanças e diferenças entre elas. São semelhantes no sentido de que cada uma é descrita como uma “missão” e consistiam de uma sensacional viagem transcultural, no caso de Cristo do céu à terra, e dos astronautas da terra à lua. São diferentes, entretanto, no grau e na profundidade da identificação envolvida. Os astronautas da Apolo nunca se identificaram com a lua. Se tivessem tentado fazê-lo, teriam morrido. Em vez disso, eles levaram consigo suprimentos da terra – oxigênio, equipamentos, roupas e alimentos. Mas quando Jesus veio do céu à terra, ele deixou o céu para trás e não trouxe nada além de si mesmo. Sua aterrissagem não foi superficial. Ele se tornou um ser humano como nós, e assim tornou-se vulnerável como nós.

No entanto, quando Cristo se identificou conosco, ele não se submeteu ou de alguma forma alterou a sua própria identidade. Para tornar-se um de nós, porém, ele permaneceu em si mesmo. Tornou-se humano, mas sem deixar de ser Deus.

Agora ele nos envia ao mundo, como o Pai o enviou ao mundo.² Em outras palavras, nossa missão deve ter a dele como modelo. De fato, toda missão autêntica é missão encarnacional, pois exige identificação sem perder a identidade. Significa entrar no mundo de outras pessoas, como ele entrou no nosso, embora sem comprometer nossas convicções, nossos valores ou nossos padrões cristãos.

Paulo não era um pregador para rostos anônimos na sinagoga ou ao ar livre. Pelo contrário, embora fosse livre, fez-se escravo de todos. “Tornei-me judeu para os judeus, a fim de ganhar os judeus [...] Para os que estão sem lei, tornei-me como sem lei [...] a fim de ganhar os que não têm a Lei. Para com os fracos tornei-me fraco, para ganhar os fracos. Tornei-me tudo para com todos, para de alguma forma salvar alguns”.³ Esse é o princípio da encarnação. É a identificação com as pessoas onde elas estão.

Na história das missões tem havido muitos exemplos dramáticos de cristãos tentando aplicar este princípio. Em 1732, o conde Zinzendorf, o líder morávio, enviou dois de seus missionários para as plantações de açúcar da Índia Ocidental. Descobriram que a única maneira de chegar aos escravos africanos era juntar-se aos seus bandos e partilhar as suas cabanas.

Em 1882, o major Frederick Tucker fundou o Exército de Salvação na Índia. As últimas palavras do General Booth para ele foram: “Entre na pele deles, Tucker”. Foi o que ele fez. Profundamente preocupado com os párias, decidiu que tanto ele como seus soldados deviam viver como eles viviam. Então se vestiram com túnicas cor de açafrão, adotaram nomes indianos, andavam descalços, limpavam os dentes com carvão e comiam seu *curry* sentados no chão com as pernas cruzadas.⁴

Em 1950, um jovem padre católico romano italiano, Mario Borelli, horrorizado com a situação sem amparo e sem-teto dos *scugnizzi*, as crianças de rua de Nápoles, decidiu que a única maneira de alcançá-los era

se tornar um deles. Ele assumiu “a vestimenta, a fala e os hábitos deles”.⁵ Ele talvez até tenha ido um pouco longe demais. E os missionários nem sempre são sábios para “se tornarem nativos”, “principalmente porque a tentativa de um estrangeiro fazer isso pode não ser vista como autêntica, mas como atuação”.⁶ No entanto, não se pode deixar de admirar essas tentativas ousadas de seguir o exemplo da encarnação de Cristo.

Para a maioria de nós, entretanto, o modelo encarnacional envolverá um esforço mais mundano.

Primeiro, há necessidade de entrar no mundo do *pensamento* das outras pessoas. Eu sempre gostei do título do livro de Jim Sire *O Universo ao Lado*.⁷ Ele esboça o significado de deísmo, naturalismo, niilismo, existencialismo, monismo panteísta oriental e assim por diante. Seu ponto é que tais pessoas vivem em outro universo de pensamento. Portanto, será preciso uma espécie de encarnação para alcançá-los. Da mesma forma, John V. Taylor, ex-bispo de Winchester, diz que nunca seremos capazes de recomendar o evangelho para os céticos modernos “enquanto permanecermos dentro de nossas próprias cercas culturais”. “Forasteiros genuínos”, continua ele, “só podem ser alcançados fora [...] Se não pertencemos naturalmente ao mundo dos ‘forasteiros’ particulares que queremos alcançar, alguns de nós devem ter o trabalho de atravessar e aprender a se familiarizar naquele território estrangeiro”.⁸

Creio que deveríamos estar orando e trabalhando por toda uma nova geração de pensadores e apologistas cristãos que dedicarão a Cristo a mente que Deus lhes deu, entrando simpaticamente nos dilemas de seus contemporâneos e desmascarando falsas ideologias. Então, eles poderão apresentar o evangelho de Jesus Cristo de tal maneira que seja visto oferecendo algo que outros sistemas religiosos não podem, porque ele e somente ele pode cumprir as nossas mais profundas aspirações humanas.

No Ocidente, onde o Iluminismo perdeu força, o tempo está agora maduro, nas palavras do bispo Lesslie Newbigin, para “um encontro genuinamente missionário com a cultura pós-iluminismo”.²

Em segundo lugar, precisamos entrar no mundo do *coração* das outras pessoas, no mundo de sua angústia e alienação, para chorar com aqueles que choram.¹⁰ Em cada não cristão (e em muitos cristãos também), mesmo nos mais extrovertidos, há dores profundamente escondidas. Só podemos alcançá-los se estivermos dispostos a entrar em seu sofrimento. Isso também incluirá entrar na realidade social das pessoas, como vimos no último capítulo, pois é impossível compartilhar o evangelho com as pessoas em um vácuo social, isolando-as de seu contexto real e ignorando seu sofrimento.

A CRUZ DE CRISTO

O custo da missão

Um dos aspectos mais negligenciados da missão bíblica hoje é o lugar indispensável do sofrimento, até mesmo da morte. No entanto, isso é claro na Escritura. Permitam-me dar três exemplos.

Primeiro, vemos isso no *Servo Sofredor de Isaías*. Antes que o Servo possa ser uma luz para as nações e trazer a salvação para os confins da terra,¹¹ ele oferece as costas para aqueles que batem nele, o rosto para aqueles que arrancam sua barba, e a face para zombaria e cuspes.¹² Ele “aspergirá muitas nações”,¹³ mas antes precisa ser “desprezado e rejeitado pelos homens, um homem de dores e experimentado no sofrimento”.¹⁴ Mais do que isso, ele leva os nossos pecados e morre por nós como uma oferta pela culpa.¹⁵ Douglas Webster escreveu:

A missão mais cedo ou mais tarde leva à paixão. Nas categorias bíblicas [...] o servo deve sofrer [...] é isso que torna a missão eficaz [...] Cada tipo de missão leva a alguma forma de cruz. O próprio formato de missão é cruciforme. Só podemos entender a missão nos termos da cruz.¹⁶

Segundo, *o próprio Senhor Jesus* ensinou e exibiu este princípio e o estendeu a seus seguidores. Quando alguns gregos queriam vê-lo, ele disse: “Chegou a hora de ser glorificado [na cruz] o Filho do homem. Digo-lhes verdadeiramente que, se o grão de trigo não cair na terra e não morrer, continuará ele só. Mas se morrer, dará muito fruto”.¹⁷ Em outras palavras, somente por meio de sua morte é que o evangelho seria estendido ao mundo dos gentios. Assim, a morte é mais do que o caminho para a vida; é a condição para a fecundidade. A menos que morra, a semente permanece sozinha. Mas, se morrer, multiplica-se. Assim foi para o Messias; é o mesmo para a comunidade messiânica. Pois “quem me serve precisa seguir-me”, disse Jesus.¹⁸

Terceiro, *o apóstolo Paulo* também aplicou esse princípio a si mesmo. Considere estes textos extraordinários:

Portanto, peço-lhes que não desanimem por causa das minhas tribulações em seu favor, pois elas são uma glória para vocês.¹⁹ Por isso, tudo suporte por causa dos eleitos, para que também eles alcancem a salvação que está em Cristo Jesus, com glória eterna.²⁰

De modo que em nós atua a morte; mas em vocês, a vida.²¹

Paulo se atreve a afirmar que, por meio dos seus sofrimentos, outros entrarão na glória; que, por meio da sua resistência, outros serão salvos; e

que, por meio da sua morte, outros viverão. Será que o apóstolo está fora de si? Não! Ele quer realmente dizer isso? Sim! É claro que ele não está atribuindo qualquer poder expiatório aos seus próprios sofrimentos e à sua morte, como ele faz com os sofrimentos e a morte de Jesus Cristo. Pelo contrário, as pessoas podem receber salvação, vida e glória somente quando o evangelho é pregado a elas, e aqueles que pregam o evangelho com fidelidade sofrem invariavelmente por isso. Paulo sabia do que estava falando. A razão pela qual ele se tornou um prisioneiro era que tinha sido fiel à visão celeste de que os gentios seriam recebidos na comunidade cristã exatamente nos mesmos termos que os judeus. Foi este aspecto do evangelho que suscitou oposição quase fanática contra ele. Assim, os gentios deviam a sua salvação à disposição de Paulo de sofrer para que esta boa notícia fosse proclamada.

Desde o apóstolo Paulo, tem surgido muitos exemplos de sofrimento em favor do evangelho. Não é por acaso que a palavra grega para “testemunha” é a mesma para *mártir*. As páginas da história da Igreja estão cheias de histórias de perseguição. Às vezes a perseguição podia ser *física*. Em 1880, logo após o Exército de Salvação ter sido fundado na Grã-Bretanha,

taberneiros e donos de bordéis estavam lançando um selvagem contra-ataque [...] O Exército aprendeu a verdade sombria do provérbio espanhol: “Aquele que quer ser um cristão deve esperar a crucificação”[...] Em um ano – 1882 – 669 oficiais de Exército de Salvação foram derrubados ou brutalmente atacados. Quando os Salvacionistas dedicaram seus filhos na década de 1880, eles confessaram sua disposição para que seus filhos fossem “desprezados, odiados, amaldiçoados, espancados, chutados, presos ou mortos por amor a Cristo”.²²

Outras vezes o sofrimento era mais *mental* do que físico. Por exemplo, a Maréchale – como a filha mais velha do General Booth sempre foi conhecida – escreveu um artigo em 1883 para o *Grito de Guerra* de sua cela na prisão em Neuchatel, na Suíça, em que refletia sobre a crucificação interior:

Jesus foi crucificado [...] Desde aquele dia, os homens têm tentado encontrar um caminho mais fácil, mas os caminhos mais fáceis falham. Se você quer ganhar milhares de pessoas que estão sem Deus, deve estar pronto para ser crucificado: os seus planos, as suas ideias, os seus gostos e as suas inclinações. As coisas mudaram, você diz, agora existe liberdade. Será que existe? Vá e viva a vida de Cristo, fale como ele falou, ensine o que ele ensinou, denuncie o pecado onde quer que você o encontre, e veja se o inimigo não se voltará contra você com toda a fúria do inferno [...] Cristo não foi crucificado na sala de estar. Seu negócio não era algo cômodo [...] Você foge de apanhar, de ser deturpado e de falarem mal de você? Está na hora de você ser crucificado [...] ²³

Um terceiro tipo de sofrimento é *social*. Vincent Donovan, um padre católico romano americano que trabalhou por dezessete anos entre os Masai, na Tanzânia, uma vez se perguntou qual era a marca distintiva de um missionário. Esta é a resposta que ele deu a si mesmo:

Um missionário é essencialmente um mártir social, separado das suas raízes, do seu sangue, da sua terra, da sua origem, da sua cultura [...] Ele deve ser despido como um ser humano pode ser, até a própria essência do seu ser [...] [Ele deve] despojar-se de sua própria cultura, para que

possa ser um instrumento nu do evangelho para as culturas do mundo.²⁴

Este chamado ao sofrimento e à morte, como condição para a fecundidade da missão, soa estranho aos nossos ouvidos ocidentais contemporâneos. O respeitável cativo de classe média da Igreja não é exatamente uma arena para perseguição. Onde está a disposição de sofrer por Cristo hoje? Parece haver pouco lugar para a tribulação na tendência evangélica ao triunfalismo. E o falso “evangelho da prosperidade”, prometendo saúde e riqueza ilimitadas, fecha os olhos das pessoas para as advertências bíblicas quanto às dificuldades. No entanto, o fato continua sendo este: se nos comprometermos menos, certamente sofreremos mais.

Há três razões principais para a oposição; elas pertencem às esferas da doutrina, ética e disciplina:

1. Quanto à doutrina, o evangelho de Cristo crucificado continua a ser loucura para os intelectualmente orgulhosos e uma pedra de tropeço para os que buscam a autojustificação, de modo que ambos os grupos consideram o evangelho humilhante.
2. Quanto à ética, o chamado de Cristo é para a autonegação e o autocontrole, de modo que o autoindulgente considera o seu desafio inaceitável.
3. Quanto à disciplina, tanto o batismo como a Ceia do Senhor pressupõem arrependimento e fé naqueles que desejam recebê-los; assim sendo, negar esses sacramentos do evangelho a alguém, mesmo àqueles que admitem abertamente que não se arrependem nem creem, provoca indignação.

Assim, aqueles que procuram ser fiéis na doutrina, na ética e na disciplina têm a certeza de que vão despertar perseguição, tanto na igreja como no mundo.

Então, será que estamos prontos para suportar o sofrimento de sermos ridicularizados, a solidão de sermos ostracizados, a dor de sermos difamados e caluniados? Estamos mesmo dispostos, se necessário, a morrer com Cristo para a popularidade e a promoção, para o conforto e o sucesso, para o nosso sentido arraigado de superioridade pessoal e cultural, para a nossa ambição egoísta de sermos ricos, famosos ou poderosos?

A semente que morre é a que se multiplica.

Um irmão de Orissa, na Índia, disse-me uma vez que, quando tinha oito anos, o seu pai evangelista foi martirizado por assassinos contratados. Ele acrescentou que, no momento da morte de seu pai, havia apenas doze igrejas na região. Quando ele falou comigo, havia 150.

A RESSURREIÇÃO DE CRISTO

O mandato para a missão

É de suma importância lembrar que a ressurreição precedeu a Grande Comissão. Foi o Senhor ressuscitado que emitiu sua comissão para que seus seguidores fossem e fizessem discípulos de todas as nações. Ele não poderia ter dado a ordem mais cedo, antes de ter sido levantado da morte e investido de autoridade. “Foi-me dada toda a autoridade nos céus e na terra”, ele poderia agora dizer. “Portanto, vão e façam discípulos.”²⁵

Johannes Blauw argumentou que a perspectiva do Antigo Testamento era de “universalismo” (Deus prometeu que todas as nações que ele tinha feito

viriam e o adorariam),²⁶ mas não de uma “missão” (com Israel saindo para ganhar as nações). A visão profética dos últimos dias era de uma “peregrinação das nações” a Jerusalém. O monte Sião seria exaltado como o principal entre as colinas, “e todas as nações correrão para ele”.²⁷ No Novo Testamento, no entanto, esta “consciência missionária centrípeta” é substituída por uma “atividade missionária centrífuga”.²⁸ Isto é, em vez de as nações fluírem para a Igreja, a Igreja agora sai para as nações. E qual foi o momento da mudança? “O Grande Ponto de Virada”,²⁹ diz Blauw, foi a ressurreição. Ela precedeu a Grande Comissão para ir, porque toda a autoridade agora já tinha sido dada a Cristo, em cumprimento a Daniel 7.13-14. “Com a Páscoa começou uma nova era, a entronização de um novo governante do mundo, e a proclamação deste novo governante entre as nações. *A missão é a invocação do Senhorio de Cristo.*”³⁰

“Se a missão do Novo Testamento”, explica Blauw, “à primeira vista parece centrífuga, é para permitir que seja centrípeta. Saímos pelo mundo para o ajuntar; lançamos a rede para o atrair; semeamos para colher.”³¹ “Na pessoa de Paulo, os aspectos centrípetos e centrífugos da pregação estão reunidos.”³² Isto é, enquanto sai para pregar o evangelho, ele está reunindo os gentios e o povo de Israel, trazendo-os para casa.

A ressurreição, no entanto, é a chave para ambos os movimentos. É o Senhor ressuscitado que nos envia ao mundo, e é o mesmo Senhor ressuscitado que reúne as pessoas na sua Igreja. A missão universal da Igreja tem a sua legitimidade derivada do senhorio universal de Cristo. Desta forma, a ressurreição fornece o mandato para a missão.

A EXALTAÇÃO DE CRISTO

○ incentivo para a missão

A motivação é um aspecto importante em cada empreendimento humano. Precisamos saber não apenas o que deveríamos estar fazendo, mas por que deveríamos estar fazendo aquilo. Quando nossos motivos são sólidos e fortes, podemos persistir em qualquer tarefa. Mas quando nossa motivação é falha, começamos a dar sinais. Isto é sem dúvida verdade sobre a missão cristã. Procurar conquistar pessoas para Cristo é um trabalho árduo, amplamente desvalorizado e impopular e, como acabamos de ver, muitas vezes provoca oposição. Assim, a Igreja vai precisar de incentivos poderosos se é para perseverar. A exaltação de Jesus Cristo à mão direita do Pai, isto é, à posição de honra suprema, proporciona o mais forte de todos os incentivos missionários.

Neste contexto, é melhor referir-se à “exaltação” de Cristo do que à sua “ascensão”. Pois, embora seja verdade que “ele ascendeu ao céu”, dizer que ele foi “exaltado” destaca o fato de que Deus Pai justificou, promoveu, entronizou e investiu seu Filho por meio da ascensão. As declarações apostólicas sobre a exaltação de Jesus são um esforço para enfatizar que ele foi levantado acima de todos os possíveis rivais, na verdade, “*muito acima* de todo governo e autoridade, poder e domínio, e de todo nome que se possa mencionar, não apenas nesta era, mas também na que há de vir”.³³ Esta é a “mais alta posição” para a qual Deus exaltou Jesus³⁴ e a “supremacia” que Deus quer que ele desfrute.³⁵

Isto lança luz sobre o uso da palavra “superioridade”, que é visto com desgosto por aqueles que abandonam o velho exclusivismo e inclusivismo em favor do novo pluralismo (veja o capítulo 1). Certamente adotar um ar de superioridade em relação aos adeptos de outras religiões é uma forma horrível de descortesia e arrogância. Certamente também, como o professor

Hick aponta, “nos séculos 18 e 19, a convicção da superioridade decisiva do cristianismo deu um poderoso impulso à expansão imperial do Ocidente”.³⁶ Mas não é para o “cristianismo” como uma instituição ou sistema empírico que os cristãos devem reivindicar superioridade. É a Cristo, e somente Cristo. Devemos afirmar, sem qualquer tipo de constrangimento ou vergonha, que ele é “superior” a todos os outros líderes religiosos, precisamente porque ele sozinho humilhou-se, no amor, para a cruz e, portanto, Deus o levantou “acima” de qualquer outra pessoa, posto ou título.

À luz da elevação ou exaltação de Cristo ao lugar mais alto, Deus deseja que “todo joelho” se curve diante dele e “toda língua” confesse o seu senhorio.³⁷ O termo “todo”, que se repete, é absoluto; não permite exceções. Se Deus deu essa suprema honra a Jesus e deseja que todos os outros o honrem, então o povo de Deus deve compartilhar seu desejo. Isso às vezes é falado nas Escrituras em termos de “zelo” ou até mesmo de “ciúme”. O profeta Elias, por exemplo, profundamente angustiado pela apostasia de Israel, em particular sua adoração aos deuses cananeus, disse: “Tenho sido muito zeloso pelo Senhor, o Deus dos exércitos”.³⁸ O apóstolo Paulo falou do “zelo” que tinha pelos coríntios, “um zelo que vem de Deus”, porque ele os tinha prometido a Cristo como seu único marido, mas estava com medo de que eles poderiam agora ser levados a se afastar “da sua sincera e pura devoção a Cristo”.³⁹ Da mesma forma, Henry Martyn, um brilhante e fiel missionário cristão no Irã muçulmano no início do século 19, uma vez disse: “Eu não conseguiria suportar a existência se Jesus não fosse glorificado; seria um inferno para mim se ele tivesse de ser sempre assim desonrado”.⁴⁰

Esse mesmo sentimento de dor sempre que Jesus Cristo é desonrado e esse mesmo sentimento de zelo de que ele deve receber a honra que lhe é devida também deve se agitar dentro de nós, em qualquer cultura particular que vivemos. O principal motivo para a missão não é nem a obediência à

Grande Comissão, nem mesmo o amor por aqueles que estão oprimidos, solitários, perdidos e perecendo, que também são incentivos importantes como os demais. Nosso principal motivo é o zelo ou “ciúme” pela glória de Cristo. Foi “por causa do seu nome”,⁴¹ foi para que ele pudesse receber a honra que merecia, que os primeiros missionários saíram. O mesmo desejo apaixonado deve nos motivar.

Esta, certamente, é a nossa resposta para aqueles que nos dizem que não devemos mais evangelizar ou buscar conversões. O professor Gregory Baum, por exemplo, disse que, depois de Auschwitz, “as igrejas cristãs já não querem converter os judeus”, pois “as igrejas reconheceram o judaísmo como uma religião autêntica diante de Deus, com valor e significado independentes, não como uma etapa no caminho para o cristianismo”.⁴² Da mesma forma, um bispo grego, em sua renúncia, escreveu aos seus amigos: “Como bispo e pregador do evangelho, nunca tentei converter um judeu ou muçulmano árabe para o cristianismo; preferi convertê-los a ser um melhor judeu, um melhor muçulmano”.⁴³ Porventura estes homens não têm zelo pela honra de Jesus Cristo? Não se importam quando ele é desprezado e rejeitado? Será que eles não desejam, como Deus deseja, que todos os seres humanos, qualquer que seja a sua cultura ou religião, venha a curvar os joelhos diante de Jesus, submetendo-se a ele como seu Senhor?

É este zelo por Cristo que integra a adoração e o testemunho da Igreja. Como podemos adorar Cristo e não nos importarmos que os outros não o adorem? É a nossa adoração a Cristo que nos obriga a dar testemunho de Cristo, a fim de que outros possam vir e adorá-lo também.

O ENVIO DO ESPÍRITO DE CRISTO

O poder para a missão

John R. Mott, a figura principal por trás da Conferência Missionária Mundial de 1910, em Edimburgo, identificou quatro requisitos para a evangelização mundial. Ele começou com (1) um plano adequado, (2) uma base adequada e (3) uma igreja eficiente no campo da missão. O quarto requisito ele chamou de “fator sobre-humano”. Ele continuou dizendo que, embora os missionários e os líderes nacionais e de missão possam discordar sobre os planos, meios e métodos, eles

estão absolutamente unidos na convicção de que a evangelização do mundo é um empreendimento divino, que o Espírito de Deus é o grande Missionário, e que somente quando ele domina a obra e os obreiros é que podemos esperar o sucesso na tarefa de levar o conhecimento de Cristo a todas as pessoas. Acreditam que ele deu o impulso missionário à Igreja primitiva, e que hoje toda obra missionária verdadeira deve ser inaugurada, dirigida e sustentada por ele.⁴⁴

Já durante seu ministério público, Jesus havia chamado a atenção para o propósito missionário do Espírito Santo. Ele o havia comparado a “rios de água viva” que irrigavam o deserto, e havia prometido que estes sairiam de dentro de cada crente.⁴⁵ “Ninguém pode [...] ser habitado pelo Espírito de Deus”, comenta William Temple, “e manter esse Espírito para si mesmo. Onde o Espírito está, ele flui; se não há fluxo, ele não está lá”.⁴⁶ E assim ele provou estar na Igreja primitiva a partir do Dia de Pentecostes, como vimos no capítulo 2.

Há, naturalmente, diferenças entre e dentro das igrejas a respeito do Movimento Carismático, o chamado “batismo do Espírito”, a diversidade de

dons espirituais e o lugar de “sinais e maravilhas” na evangelização. Mas todos nós devemos ser capazes de afirmar que a evangelização é impossível sem o Espírito Santo, sem o Deus Evangelista, como o professor David Wells o chama em um livro com esse título.⁴⁷ O Manifesto de Manila diz:

As Escrituras declaram que o próprio Deus é o evangelista principal. Pois o Espírito de Deus é o Espírito da verdade, do amor, da santidade e do poder, e a evangelização é impossível sem ele. É ele quem unge o mensageiro, confirma a Palavra, prepara o ouvinte, convence o pecador, ilumina o cego, dá vida aos mortos, nos capacita a nos arrepender e crer, nos une ao corpo de Cristo, nos assegura que somos filhos de Deus, nos conduz ao carácter e ao serviço de Cristo e, por nossa vez, nos envia para sermos testemunhas de Cristo. Em tudo isso, a principal preocupação do Espírito Santo é glorificar a Jesus Cristo, mostrando-o a nós e formando-o em nós.

Toda evangelização envolve a guerra espiritual com os principados e poderes do mal, em que somente as armas espirituais podem prevalecer, especialmente a Palavra e o Espírito, com a oração. Por isso, apelamos a todos os cristãos a serem diligentes em suas orações, tanto para a renovação da Igreja como para a evangelização do mundo.

Toda conversão verdadeira envolve um encontro de poder, no qual a autoridade superior de Jesus Cristo é demonstrada. Não há maior milagre do que este, em que o crente é libertado da escravidão de Satanás e do pecado, do medo e da futilidade, das trevas e da morte.

Embora os milagres de Jesus fossem especiais, sendo sinais de seu messiado e antecipações de seu reino perfeito, quando toda a natureza estará sujeita a ele, não temos liberdade para colocar limites no poder do Criador vivo hoje. Rejeitamos tanto o ceticismo que nega milagres

quanto a presunção que os exige, tanto a timidez que retrai a plenitude do Espírito quanto o triunfalismo que retrai a fraqueza na qual o poder de Cristo é aperfeiçoado.

Arrependemo-nos de todas as tentativas de evangelizar confiando em nossa própria força ou de ditar ordens ao Espírito Santo. Determinamos que, no futuro, não devemos “entristecer” nem “extinguir” o Espírito, mas sim procurar espalhar as boas novas “em poder, no Espírito Santo e em plena convicção”.⁴⁸

Há uma necessidade urgente de nos humilharmos diante do soberano Espírito Santo hoje. Conhecimento sociológico e conhecimento de comunicação são importantes. Na verdade, eles são dons de Deus para serem usados na evangelização. Mas temos de ter cuidado para que eles não diminuam a nossa confiança no poder do Espírito Santo. Somente o Espírito Santo pode usar as palavras ditas na fraqueza humana e conduzi-las com poder para a mente, consciência e vontade dos ouvintes.⁴⁹ Só ele pode abrir os olhos dos cegos para que vejam a verdade que está em Jesus, abrir os ouvidos dos surdos para que ouçam a sua voz e soltar a língua dos mudos para que confessem que ele é o Senhor. O Espírito Santo é a testemunha principal; “sem o *seu* testemunho, o *nosso* é fútil”.⁵⁰

O RETORNO DE CRISTO

A urgência da missão

A atitude dos Doze imediatamente após a ascensão estava errada. Eles tinham sido comissionados para ir “até os confins *da terra*”, mas eles

estavam em pé no monte das Oliveiras “olhando para o céu”!⁵¹ Eles então receberam a promessa de que o mesmo Jesus que tinha acabado de desaparecer iria, no devido tempo, reaparecer. Para este evento, eles deviam esperar; não adiantava ficar observando o céu para apressá-lo. Enquanto isso, uma vez que eles tinham sido revestidos com o poder do Espírito, eles deviam continuar com a sua tarefa. A sua preocupação deveria ser a terra, não o céu. Assim, as quatro fases do programa divino eram simples. Primeiro, Jesus voltou para o Pai (ascensão). Segundo, o Espírito veio (Pentecostes). Terceiro, a Igreja saiu para fazer discípulos (missão). Quarto, Jesus voltará (*parousia*). Entre o primeiro e o quarto eventos, a ascensão e o retorno, o desaparecimento e o reaparecimento de Jesus, haveria um período não especificado. A lacuna era para ser preenchida com o testemunho mundial da Igreja. Assim, a mensagem implícita dos anjos após a ascensão foi esta: “Vocês o viram ir. Vocês o verão vir. Mas entre aquele ir e vir deve haver outro. O Espírito deve vir, e vocês devem ir – ao mundo por Cristo”.⁵²

É assim que o retorno de Jesus está ligado à missão da Igreja. O retorno trará ao fim o período de missão que começou com o Pentecostes. Temos apenas um tempo limitado para completar a nossa responsabilidade dada por Deus. Precisamos, então, recuperar a expectativa ansiosa do regresso de Cristo que os primeiros cristãos tinham, juntamente com o sentido de urgência que isso lhes deu. Jesus havia prometido que o fim não viria até que o evangelho do reino fosse pregado a todas as nações.⁵³ Mas não temos liberdade para presumir que temos muito tempo, e assim arrastar os pés ou diminuir o nosso ritmo na missão. Pelo contrário, a Igreja está “em movimento – apressando-se até os confins da terra para exortar todos os homens a que se reconciliem com Deus, e apressando-se até o fim dos tempos para encontrar seu Senhor, que reunirá todos em um”.⁵⁴ Os dois fins coincidirão.

O julgamento forma outro elo importante entre a missão da Igreja e o retorno do Senhor. “Todos nós devemos comparecer perante o tribunal de Cristo”, escreveu Paulo, “para que cada um receba de acordo com as obras praticadas”.⁵⁵ Este não é evidentemente o julgamento universal relativo ao destino eterno de cada um de nós, mas um julgamento particular do povo de Deus em relação à nossa vida e ministério cristão. Trata-se da promessa de reconhecimento e recompensa de algum tipo, ou o seu oposto. O versículo seguinte diz: “Uma vez que conhecemos o temor ao Senhor, procuramos persuadir os homens”.⁵⁶ Ou seja, a razão pela qual buscamos persuadir as pessoas da verdade do evangelho é que ficamos admirados com o Senhor Jesus e seu tribunal, diante do qual um dia teremos de prestar contas. Lembro-me daquelas passagens solenes na profecia de Ezequiel,⁵⁷ nas quais Deus o nomeia “sentinela para a casa de Israel” e o faz responsável por avisá-los do juízo vindouro. Se ele falhar em dar ao ímpio uma advertência adequada, e não falar para dissuadi-lo de seus maus caminhos, Deus diz: “eu considerarei você responsável pela morte dele”.⁵⁸

De maneira semelhante, o apóstolo fundamentou sua exortação a Timóteo para que ele “pregue a palavra” com urgência, não apenas “na presença de Deus e de Cristo Jesus”, mas também “por sua manifestação e seu Reino”, o qual “há de julgar os vivos e os mortos”.⁵⁹ Viver, trabalhar e testemunhar na antecipação consciente do retorno e do julgamento de Cristo é um estímulo saudável à fidelidade. A Escritura nos chama a recordar que, na perspectiva de Deus, o tempo é curto, a necessidade é grande e a tarefa é urgente.

RESUMO

Deixe-me resumir o que a carreira salvadora de Cristo nos diz sobre a missão:

- o *modelo* para a missão é a sua encarnação (identificação sem perda de identidade);
- o *custo* da missão é a sua cruz (a semente que morre multiplica);
- o *mandato* da missão é a sua ressurreição (toda a autoridade agora é dele);
- o *incentivo* da missão é a sua exaltação (a honra de seu nome);
- o *poder* da missão é o seu dom do Espírito (que é a testemunha suprema);
- a *urgência* da missão é o seu retorno (teremos de prestar-lhe contas quando ele vier).

A Igreja precisa continuar retornando para sua inspiração e direção para esta base cristológica da missão. O desafio diante de nós é ver Jesus Cristo como adequado para a nossa tarefa. Devemos nos arrepender de nosso pessimismo (especialmente no Ocidente), nossas baixas expectativas, nossa cínica incredulidade de que, embora a Igreja possa crescer em outros lugares, ela não pode crescer entre nós. Bobagem! Se ao menos pudéssemos ter uma visão renovada e convincente de Jesus Cristo, encarnado e crucificado, ressuscitado e reinante, outorgando o Espírito e voltando novamente! Então teríamos a clareza de propósito e a força de motivação, a coragem, a autoridade, o poder e a paixão pela evangelização mundial no nosso tempo. Em um sermão de aniversário da Sociedade Missionária da Igreja, John Venn, reitor de Clapham, descreveu um missionário nos seguintes termos. Seu retrato eloquente é igualmente aplicável a todo tipo de testemunho cristão:

Com o mundo debaixo de seus pés, com o céu em seus olhos, com o evangelho em sua mão e Cristo em seu coração, ele implora como um embaixador de Deus, sabendo nada além de Jesus Cristo, desfrutando nada além da conversão dos pecadores, esperando apenas a promoção do reino de Cristo e gloriando-se em nada a não ser a cruz de Cristo Jesus, pela qual ele é crucificado para o mundo, e o mundo para ele.⁶⁰



PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

por Tim Chester

1. Pense no povo entre o qual você vive e trabalha. Inspirado pela encarnação de Jesus, o que você poderia fazer para entrar em seu mundo de *pensamento* e seu mundo de *coração*?
2. Stott diz: “Se nos comprometermos menos, certamente sofreremos mais”. De que maneira você sofreu por causa da missão? De que maneira você é tentado a se comprometer para evitar o sofrimento?
3. Veja 1 Pedro 3.15-16. Como o senhorio de Cristo ressuscitado molda a missão? Pedro nos chama a explicar o senhorio de Cristo “com mansidão e respeito”. O que acontece quando afirmamos o senhorio de Cristo sem mansidão? O que acontece quando agimos com mansidão sem afirmar o senhorio de Cristo?
4. Stott diz: “É este zelo por Cristo que integra a adoração e o testemunho da Igreja”. Como podemos garantir que a adoração da Igreja nos motiva a estar envolvidos na missão?
5. O que significa para você ser dependente do Espírito Santo estando envolvido na missão? Como isso muda seu comportamento ou atitudes?

6. Stott diz que precisamos recuperar “o senso de urgência” que o retorno de Cristo deveria nos dar, e que “devemos nos arrepender de nosso pessimismo e de nossas baixas expectativas”. Como este capítulo desafiou suas atitudes? Do que você precisa se arrepender?

O AGORA E O AINDA NÃO

EU COMECEI na introdução com a tensão entre o “antes” (passado) e o “agora” (presente). E termino com outra tensão, entre o “agora” (presente) e o “ainda não” (futuro). Estas duas tensões estão juntas. Pois é em e por meio de Jesus Cristo que o passado, o presente e o futuro são trazidos para um relacionamento criativo. Os cristãos vivem no presente, mas o fazem em gratidão pelo passado e em antecipação ao futuro.

Ao concluir este livro, quero me focar no cristianismo bíblico equilibrado. O equilíbrio é um bem raro hoje em dia em quase todas as esferas, e não é diferente entre nós que buscamos seguir a Cristo.

Uma das características do diabo é que ele é um fanático e inimigo de todo senso comum, moderação e equilíbrio. Um de seus passatempos favoritos é desviar o equilíbrio dos cristãos. Se ele não pode nos levar a negar Cristo, ele nos fará distorcer Cristo. Como resultado, o cristianismo desequilibrado é generalizado, no qual enfatizamos demais um aspecto de uma verdade, ao mesmo tempo em que enfatizamos pouco outro aspecto.

Uma compreensão equilibrada da tensão entre o agora e ainda não seria muito benéfica para a unidade dos cristãos e especialmente para uma maior harmonia entre os cristãos evangélicos. Podemos concordar com os fundamentos doutrinários e éticos da fé. No entanto, parecemos constitucionalmente propensos a brigas e divisões, ou simplesmente a seguir nosso próprio caminho e construir nossos próprios impérios.

REINO VINDO E VINDOURO

É fundamental para o cristianismo do Novo Testamento a perspectiva de que estamos vivendo entre os tempos – entre a primeira e a segunda vinda de Cristo, entre o reino que veio e o reino que virá.

A base teológica para essa tensão pode ser encontrada no próprio ensinamento de Jesus sobre o reino de Deus. Todo mundo aceita que o reino teve grande destaque no ensino de Jesus e também que ele anunciou a vinda desse reino. No entanto, os estudiosos têm discordado sobre o tempo de sua chegada. Será que o reino já veio, pois Jesus o trouxe com ele? Ou o reino ainda virá no futuro, e temos de esperá-lo com expectativa? Ou será que a verdade está entre essas posições?

Albert Schweitzer é um exemplo de um estudioso que pensou que, de acordo com Jesus, o reino estava inteiramente no futuro. Como um profeta apocalíptico, Jesus ensinou (equivocadamente) que Deus estava prestes a intervir sobrenaturalmente e estabelecer o seu reino. As exigências radicais que ele fez aos seus discípulos foram uma “ética interina” à luz da chegada iminente do reino. A posição de Schweitzer é conhecida como escatologia “completa” ou “consistente”.

No extremo oposto estava C. H. Dodd, com sua crença de que a vinda do reino estava totalmente no passado (posição conhecida como escatologia “realizada”). Ele colocou uma forte ênfase em dois versículos cujos verbos no grego estão no tempo perfeito, ou seja, “O reino de Deus está próximo”¹ e “chegou a vocês o reino de Deus”.² Dodd concluiu que não há uma vinda futura do reino e que as passagens que falam disso não faziam parte do próprio ensinamento de Jesus.

No lugar dessas polaridades extremas, a maioria dos estudiosos tomou uma posição intermediária – que Jesus falou do reino como uma realidade

presente e uma expectativa futura.

Jesus ensinou claramente que o tempo do cumprimento havia chegado;³ que o “homem forte” estava agora amarrado e desarmado, permitindo a pilhagem de seus bens, como ficou evidente em seus exorcismos;⁴ que o reino já estava “dentro de” ou “entre” as pessoas;⁵ e que agora era possível “receber” ou “entrar” nele.⁶

No entanto, o reino também era uma expectativa futura. Não seria aperfeiçoado até o último dia. Então ele olhou para a frente até o fim e ensinou seus discípulos a fazê-lo também. Eles oravam: “Venha o teu reino”⁷ e “busquem em primeiro lugar”,⁸ dando prioridade à sua expansão. Às vezes, ele se referia também ao estado final de seus seguidores em termos de “entrar” no reino⁹ ou “receber” o reino.¹⁰

Uma maneira pela qual a Bíblia expressa a tensão entre o “agora” e o “ainda não” está na terminologia das duas “eras”. Do ponto de vista do Antigo Testamento, a história é dividida entre “esta presente era” e “os últimos dias”, ou seja, o reino da justiça a ser introduzido pelo Messias.¹¹ Essa estrutura simples de duas eras consecutivas, no entanto, foi decisivamente alterada pela vinda de Jesus. Pois ele trouxe a nova era e morreu por nós, a fim de nos livrar “desta presente era perversa”.¹² Como resultado, o Pai já “nos resgatou do domínio das trevas e nos transportou para o reino do seu Filho amado”.¹³ Até fomos ressuscitados da morte e assentados com Cristo no reino celestial.¹⁴

Ao mesmo tempo, a velha era persiste. Logo, as duas eras se sobrepõem. “As trevas estão se dissipando e já brilha a verdadeira luz.” Um dia a velha era será terminada (o que será “o fim desta era”),¹⁵ e a nova era, que foi introduzida com a primeira vinda de Cristo, será realizada na segunda. Enquanto isso, as duas eras continuam, e estamos presos nessa tensão entre elas. Somos convocados a “não nos amoldar ao padrão deste mundo”, mas

sim a nos transformar de acordo com a vontade de Deus e a viver coerentemente como filhos da luz.¹⁶

No entanto, a tensão permanece: já *fomos* salvos, mas um dia também *seremos* salvos.¹⁷ E já somos filhos adotivos de Deus, mas também estamos esperando nossa adoção.¹⁸ O cristão “já passou da morte para a vida”, mas a vida eterna ainda será recebida no futuro.¹⁹ Cristo já está reinando, embora seus inimigos ainda não se tenham tornado o estrado de seus pés.²⁰

Vivendo entre o presente e o futuro, a postura característica dos cristãos é descrita de formas variadas como ter esperança,²¹ esperar,²² aguardar com expectativa²³ e gemer,²⁴ enquanto esperamos tanto “ansiosamente”²⁵ como “pacientemente”.²⁶

A essência do período interino entre o “agora” e o “ainda não” é a presença do Espírito Santo no povo de Deus. Por um lado, o dom do Espírito é a bênção distintiva do reino de Deus e o principal sinal de que a nova era começou.²⁷ Por outro, porque a habitação do Espírito é apenas o início da herança do nosso reino, é também a garantia de que o resto um dia será nosso. O Novo Testamento usa três metáforas para ilustrar isso. O Espírito Santo é visto como “os primeiros frutos”, garantindo que virá a colheita completa,²⁸ a “garantia” ou a primeira parcela, sinalizando que o pagamento integral será feito,²⁹ e a degustação, prometendo que a festa completa um dia será desfrutada.³⁰

Aqui estão alguns exemplos da tensão entre o “agora” e o “ainda não”.

REVELAÇÃO, SANTIDADE E CURA

O primeiro exemplo está na *esfera intelectual*, ou na questão da *revelação*.

Afirmamos com alegre confiança que Deus se revelou aos homens, não só no universo criado, na nossa razão e na nossa consciência, mas também supremamente no seu Filho Jesus Cristo e no testemunho da Bíblia a respeito dele. Ousamos dizer que conhecemos a Deus, porque ele mesmo tomou a iniciativa de remover o véu, que de outra forma o esconderia de nós. Alegramo-nos muito porque a sua Palavra lança luz sobre o nosso caminho.³¹

Mas ainda não conhecemos a Deus como ele nos conhece. Nosso conhecimento é parcial porque sua revelação foi parcial. Ele revelou tudo o que pretende revelar e que considera ser para o nosso bem, mas não tudo o que há para revelar. Ainda restam muitos mistérios e, por isso, vivemos pela fé, não pela vista.³²

Devemos tomar a nossa posição ao lado daqueles autores bíblicos que, embora soubessem ser agentes da revelação divina, confessaram humildemente que o seu conhecimento permaneceu limitado. Mesmo Moisés, “a quem o Senhor conheceu face a face”, reconheceu: “Ó Soberano Senhor, tu começaste a mostrar ao teu servo a tua grandeza e a tua mão poderosa!”.³³ Então pense no apóstolo Paulo, que comparou seu conhecimento tanto aos pensamentos imaturos de uma criança quanto aos reflexos distorcidos de um espelho.³⁴

Assim, então, embora seja certo gloriar-se na doação e na finalidade da revelação de Deus, também é certo confessar a nossa ignorância a respeito de muitas coisas. Nós sabemos e não sabemos. “As coisas encobertas pertencem ao Senhor, o nosso Deus, mas as reveladas pertencem a nós e aos nossos filhos para sempre, para que sigamos todas as palavras desta lei.”³⁵ É muito importante manter esta distinção. Falando de modo pessoal, gostaria de ver mais ousadia na nossa proclamação daquilo que foi revelado e mais reserva sobre o que foi mantido em segredo. A concordância na verdade

claramente revelada é necessária para a unidade, mesmo quando damos liberdade uns aos outros em assuntos secundários. E a maneira de reconhecê-los é quando os cristãos que estão igualmente ansiosos para ser submissos às Escrituras, no entanto, chegam a conclusões diferentes sobre eles. Estou pensando, por exemplo, nas controvérsias sobre o batismo, governo da igreja, liturgia e cerimônias, dons espirituais e cumprimento das profecias.

A segunda tensão está na *esfera moral*, ou na questão da *santidade*.

Deus já colocou o seu Espírito Santo dentro de nós, a fim de nos tornar santos.³⁶ O Espírito Santo está ativamente trabalhando dentro de nós, subjugando nossa natureza humana caída e egoísta e fazendo com que seu fruto amadureça em nosso caráter.³⁷ Já, podemos afirmar que ele está nos transformando à imagem de Cristo.³⁸

Mas nossa natureza caída não foi erradicada, pois “a carne deseja o que é contrário ao Espírito”,³⁹ de modo que, “se afirmarmos que estamos sem pecado, enganamos a nós mesmos”.⁴⁰ Ainda não vivemos completamente de acordo com a perfeita vontade de Deus, porque ainda não amamos a Deus com todo o nosso ser, nem ao nosso próximo como a nós mesmos. Como Paulo colocou, ainda não somos perfeitos, mas continuamos em direção a esse objetivo, confiantes de que “aquele que começou boa obra em [nós], vai completá-la até o dia de Cristo Jesus”.⁴¹

Sendo assim, estamos presos em uma tensão dolorosa entre o “agora” e o “ainda não”, entre o desânimo por causa das nossas falhas contínuas e a promessa de liberdade final. Por um lado, devemos seguir com a maior seriedade a ordem de Deus: “Sejam santos porque eu [...] sou santo”;⁴² e também a instrução de Jesus: “Vá e não peque mais”.⁴³ Por outro lado, temos de reconhecer a realidade do pecado em nós convivendo com a realidade do

Espírito em nós.⁴⁴ A perfeição sem pecado pela qual ansiamos continua nos iludindo.

A terceira tensão entre o “já” e o “ainda não” está na *esfera física*, ou na questão da *cura*.

Afirmamos que o reino de Deus, há muito prometido, entrou na história com Jesus Cristo, que não se contentou apenas em proclamar o reino, mas continuou a demonstrar a sua chegada pelas coisas extraordinárias que fez. Seu poder era especialmente evidente no corpo humano: ele curou os doentes, expulsou os demônios e ressuscitou os mortos.

Ele também deu autoridade aos Doze e aos Setenta para ampliar sua missão em Israel e para realizar milagres. Quanto mais ele pretendia ampliar sua autoridade é um assunto em discussão. De um modo geral, os milagres e os sinais eram “as marcas de um apóstolo” verdadeiro.⁴⁵ No entanto, seria insensato tentar limitar ou domesticar Deus. Devemos permitir que ele use sua liberdade e sua soberania, estando inteiramente abertos à possibilidade de milagres físicos hoje.

Mas o reino de Deus ainda não chegou em toda a sua plenitude. Pois “o reino do mundo” ainda não “se tornou de nosso Senhor e do seu Cristo”, quando “ele reinará para todo o sempre”.⁴⁶ Em particular, nosso corpo ainda não foi redimido, e a natureza ainda não foi inteiramente submetida ao governo de Cristo.

Então nós temos de reconhecer a tensão entre o “já” e o “ainda não” também nessa esfera. Para ter certeza, nós experimentamos “os poderes da era que há de vir”,⁴⁷ mas até agora isso continua sendo apenas um gostinho. Parte da nossa experiência cristã é que a vida de ressurreição de Jesus é “revelada em nosso corpo”.⁴⁸ Ao mesmo tempo, nosso corpo permanece frágil e mortal. Reivindicar uma saúde perfeita agora seria antecipar nossa ressurreição. A ressurreição corporal de Jesus foi o penhor, e de fato o

começo, da nova criação de Deus. Mas Deus ainda não pronunciou a palavra decisiva: “Estou fazendo novas todas as coisas”.⁴⁹ Aqueles que descartam a própria possibilidade de milagres hoje se esquecem do “já” do reino, enquanto aqueles que os esperam como o que tem sido chamado de “vida cristã normal” esquecem que o reino “ainda não” é.

IGREJA E SOCIEDADE

Em quarto lugar, a mesma tensão é experimentada na *esfera eclesial*, ou a questão da *disciplina da igreja*.

Jesus, o Messias, reúne à sua volta um povo que lhe pertence, uma comunidade caracterizada pela verdade, pelo amor e pela santidade para a qual foi chamada. Mas Cristo ainda não apresentou sua noiva a si mesmo “como igreja gloriosa, sem mancha nem ruga ou coisa semelhante, mas santa e inculpável”.⁵⁰ Pelo contrário, a vida e o testemunho atuais da Igreja são marcados pelo erro, pela discórdia e pelo pecado.

Então, sempre que pensamos na Igreja, precisamos manter juntos o ideal e a realidade. A Igreja está comprometida com a verdade e propensa ao erro, unida e dividida, pura e impura. Não significa que temos de aceitar suas falhas. Devemos acalantar a visão tanto da pureza doutrinária e ética quanto da unidade visível da Igreja. Somos chamados a combater “o bom combate da fé”,⁵¹ e a fazer “todo o esforço para conservar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz”.⁵² E, na busca destas coisas, há lugar para disciplina em casos de heresia ou pecado grave.

Mesmo assim, o erro e o mal não vão ser erradicados completamente da Igreja neste mundo. Eles continuarão a coexistir com a verdade e a bondade. “Deixem que cresçam juntos até a colheita”, disse Jesus na parábola do trigo

e do joio.⁵³ Nem a Bíblia nem a história da Igreja justificam o uso de severas medidas disciplinares na tentativa de garantir uma Igreja perfeitamente pura neste mundo.

A quinta área de tensão entre o “agora” e o “antes”, o “já” e o “ainda não”, é a *esfera social*, ou a questão do *progresso*.

Afirmamos que Deus está trabalhando na sociedade humana. Isto, em parte, se deve à sua “graça comum”, ao dar ao mundo as bênçãos da família e do governo, pelos quais o mal é contido e os relacionamentos são ordenados. E é também por meio dos membros da sua comunidade redimida, que penetram na sociedade como sal e luz, fazendo a diferença ao impedir a decadência e dissipar as trevas.

Mas Deus ainda não criou os prometidos “novos céus e nova terra, onde habita a justiça”.⁵⁴ Ainda existem “guerras e rumores de guerras”.⁵⁵ As espadas ainda não foram forjadas em arados, nem as lanças em foices.⁵⁶ As nações ainda não renunciaram à guerra como um método para resolver suas disputas. O egoísmo, a crueldade e o medo continuam.

Portanto, embora seja correto fazer campanha pela justiça social e ter expectativas de que a sociedade melhore, sabemos que nunca poderemos torná-la perfeita. Embora conheçamos o poder transformador do evangelho e os efeitos benéficos do sal e da luz dos cristãos, também sabemos que o mal está enraizado na natureza humana e na sociedade humana. Somente Cristo em sua segunda vinda erradicará o mal e entronizará a justiça para sempre.

Aqui, então, estão cinco áreas (intelectual, moral, física, eclesiástica e social) nas quais é vital preservar a tensão entre o “já” e o “ainda não”.

TRÊS TIPOS DE CRISTÃO

Existem três tipos distintos de cristãos, de acordo com a extensão em que eles conseguem manter este equilíbrio bíblico.

Em primeiro lugar, há os “*cristãos já*”, que enfatizam o que Deus já nos deu em Cristo. Mas eles dão a impressão de que, em consequência, não há mais mistérios, não há pecados que não possam ser vencidos, não há doenças que não possam ser curadas nem males que não possam ser erradicados.

Em suma, eles parecem acreditar que a perfeição pode ser alcançada agora.

Seus motivos são irrepreensíveis. Eles querem glorificar a Cristo – então eles se recusam a estabelecer limites para o que ele é capaz de fazer. Mas seu otimismo pode facilmente degenerar em presunção e acabar em desilusão. Eles se esquecem do “ainda não” do Novo Testamento e de que a perfeição aguarda a segunda vinda de Cristo.

Em segundo lugar, há os *cristãos “ainda* não”, que enfatizam a incompletude da obra de Cristo para o momento e aguardam ansiosamente o momento em que ele vai completar o que começou. Mas eles parecem estar preocupados com a nossa ignorância e fracasso humanos, o reinado penetrante de doença e da morte e a impossibilidade de garantir uma igreja pura ou uma sociedade perfeita.

Seu motivo também é excelente. Se os “cristãos já” querem glorificar a Cristo, os “cristãos ainda não” querem humilhar os pecadores. Eles estão determinados a ser fiéis à Bíblia para enfatizar nossa depravação humana. Mas seu pessimismo pode facilmente degenerar em complacência; ele também pode levar à aceitação do *status quo* e à apatia diante do mal. Eles se esquecem do que Cristo “já” fez por sua morte, ressurreição e envio do Espírito – e do que ele pode fazer em nossa vida e, como resultado, na Igreja e na sociedade.

Em terceiro lugar, existem os “*cristãos já/ainda não*”. Eles querem dar igual peso às duas vindas de Jesus. Por um lado, eles têm muita confiança no “já”, no que Deus disse e fez por meio de Cristo. Por outro lado, eles exibem uma humildade genuína diante do “ainda não”, humildade para confessar que o mundo vai permanecer caído e meio salvo até que Cristo aperfeiçoe em sua segunda vinda aquilo que ele começou na primeira vinda.

É essa combinação do “já” e do “ainda não” que caracteriza o evangelicalismo bíblico autêntico e que exemplifica o equilíbrio que é tão urgentemente necessário hoje.

Nossa posição como “cristãos contemporâneos” repousa com segurança sobre a pessoa de Jesus, cuja morte e ressurreição pertencem ao “já” do passado, e cuja gloriosa segunda vinda pertence ao “ainda não” do futuro. Como aclamamos em fé e triunfo:

Cristo morreu!

Cristo ressuscitou!

Cristo virá novamente!

Notas

PREFÁCIO

1. Apocalipse 1.8.↵
2. Hebreus 13.8.↵

INTRODUÇÃO DA SÉRIE

1. Salmos 119.105; cf. 2 Pedro 1.19.↵
2. Bonhoeffer, Dietrich. Letters and Papers from Prison [Cartas e papéis da prisão]. SCM Press, 1971. p. 279.↵
3. Mateus 11.19.↵
4. Veja Pelikan, Jaroslav. Jesus Through the Centuries [Jesus através dos séculos]. Yale University Press, 1985. p. 182-193.↵
5. 2 Coríntios 11.4.↵
6. 2 Timóteo 1.15; cf. 4.11, 16.↵
7. Atos 26.25.↵
8. Ezequiel 2.6-7.↵

INTRODUÇÃO

1. Cf. Mateus 5.16.↵

CAPÍTULO 1

1. A história é contada por Douglas Webster em Not Ashamed [Não me envergonho]. Hodder & Stoughton, 1970. p. 66.↵
2. W. A. Visser't Hooft, No Other Name [Nenhum outro nome]. SCM Press, 1963. p. 11.↵
3. Ibid., p. 95.↵
4. Estas categorias foram empregadas pela primeira vez por Alan Race em Christians and Religious Pluralism [Os cristãos e o pluralismo religioso] (Orbis, 1982), foram popularizados pelo Conselho para a Missão e a Unidade do Sínodo Geral da Igreja da Inglaterra em seu relatório Towards a Theology for Inter-Faith Dialogue [Para uma teologia para o diálogo inter-religioso] (Conselho Consultivo Anglicano, 1984. ed., 1986) e foram desenvolvidos por Paul F. Knitter em No other name? [Nenhum outro nome?] (SCM Press, 1985), enquanto as implicações do pluralismo foram exploradas em John Hick e Paul F. Knitter (eds.), The Myth of Christian Uniqueness [O mito da singularidade cristã] (SCM Press, 1987). Uma crítica criteriosa do Dr. Christopher Wright em Towards a Theology for Inter-Faith Dialogue apareceu em Anvil (v. 1, n. 3, 1984), e este material já foi incorporado em seu livreto, What's So Unique about Jesus? [O que há de tão singular em Jesus?] (MARC, 1990). Então, em 1991 (tarde demais para ser considerado neste livro), apareceu uma reviravolta vigorosa a The Myth of Christian Uniqueness intitulado Christian Uniqueness Reconsidered: The Myth of a Pluralist Theology of Religions [A singularidade cristã reconsiderada: o mito de uma teologia pluralista das religiões], ed. Gavin D'Costa (Fowler Wright). É outra compilação e inclui contribuições de teólogos contemporâneos

como Jürgen Moltmann, Lesslie Newbigin, Wolfhart Pannenberg, Rowan Williams e M. M. Thomas.↵

5. Gaudium et Spes. Parágrafo 22.↵
6. Esta é uma posição possível descrita por Raimundo Panikkar na sua contribuição para The Myth of Christian Uniqueness [O mito da singularidade cristã]. p. 91.↵
7. Stanley J. Samartha em The Myth of Christian Uniqueness [O mito da singularidade cristã]. p. 79-80.↵
8. Mateus 10.34.↵
9. Paul F. Knitter, No Other Name? [Nenhum outro nome?]. SCM Press, 1985. p. 2.↵
10. The Myth of Christian Uniqueness [O mito da singularidade cristã]. p. 17.↵
11. Rosemary Radford Ruether em The Myth of Christian Uniqueness [O mito da singularidade cristã]. p. 139.↵
12. Ibid., p. 76.↵
13. Tom F. Driver em The Myth of Christian Uniqueness [O mito da singularidade cristã]. p. 207.↵
14. The Myth of Christian Uniqueness [O mito da singularidade cristã]. p. 39-40.↵
15. Ibid., p. viii.↵
16. Ibid., p. 8.↵
17. Ibid., p. 12-13.↵
18. Ibid., p. 211.↵
19. Ibid., p. 56-57.↵
20. Ibid., p. 59.↵
21. Ibid., p. 216.↵

22. Ibid., Parte III.↵
23. Ibid., p. 180.↵
24. Ibid., p. 23-30.↵
25. Ibid., p. 141.↵
26. O texto completo de seu sermão aparece na International Review of Mission, jul. 1988, p. 325-331.↵
27. Mbiti, John. African Religions and Philosophy [Religiões e filosofia africanas]. Heinemann, 1969. p. 277.↵
28. Jones, Stanley. The Christ of the Indian Road [O Cristo da estrada indiana]. 1925; Hodder & Stoughton, 1926. p. 64.↵
29. Neil, Stephen. Crises of Belief [Crises de crença]. Hodder & Stoughton, 1984. Publicado nos Estados Unidos como Christian Faith and Other Faiths [Fé cristã e outras fés]. IVP Estados Unidos, 1984. p. 23.↵
30. Ibid., p. 286.↵
31. Veja Simpson, P. Carnegie. The Fact of Christ [O fato de Cristo]. 1930; James Clarke, 1952. p. 19-22.↵
32. 2 Pedro 3.18.↵
33. Por exemplo, Atos 2.36; Romanos 10.9; cf. Mateus 28.18.↵
34. Deuteronômio 6.4.↵
35. Capítulo sobre Maria, no Alcorão, traduzido em inglês por N. J. Dawood. Penguin, 1968. p. 34.↵
36. Hick, John (ed.), The Myth of God Incarnate [O mito de Deus encarnado]. SCM Press, 1977. p. 169.↵
37. Traduzido em inglês por Juan Mascaro, Bhagavad Gita. Penguin, 1962. p. 61-62.↵
38. Citado por W. A. Visser't Hooft, No Other Name [Nenhum outro nome]. SCM Press, 1963. p. 36-37.↵

39. Colossenses 2.9.↵
40. Lucas 19.10.↵
41. Lucas 15.1-7.↵
42. João 10.11,15.↵
43. De um artigo no Church of England Newspaper, 28 maio 1976.↵
44. Brunner, Emil. The Mediator [O mediador]. 1927; ET Westminster, 1947. p. 291-299.↵
45. Montefiore, C. G. The Synoptic Gospels [Os Evangelhos sinóticos]. Macmillan, 2. ed., 1927, v. 1, p. cxviii, 55; v. 2, p. 520-521.↵
46. Neil, S. C. Crises of Belief [Crises de crença]. p. 87.↵
47. Kagawa, T. Christ and Japan [Cristo e o Japão]. SCM Press, 1934. p. 108, 113. Cf. Mateus 26.28.↵
48. Salmos 19.14; 23.1; 27.1; 62.2; 63.1.↵
49. Filipenses 3.8.↵
50. 1 Pedro 1.8.↵
51. Por exemplo, João 14.16-18; Romanos 8.9-10.↵
52. Efésios 3.16-17.↵
53. Efésios 2.18.↵
54. João 14.16-23.↵
55. Neil, Stephen C. Christian Faith Today [Fé cristã hoje]. Penguin, 1955. p. 17-18.↵
56. Coggan, Donald. Paul: Portrait of a Revolutionary [Paulo: retrato de um revolucionário]. Hodder & Stoughton, 1984. p. 75.↵
57. Cf. Mateus 18.20.↵
58. Mateus 28.20.↵
59. Knitter, P. F. No Other Name? [Nenhum outro nome?]. p. 185.↵

60. The Myth of Christian Uniqueness [O mito da singularidade cristã].
p. 196.↵
61. Mateus 11.25-27.↵
62. João 14.6.↵
63. Atos 4.10-12.↵
64. 1 Coríntios 8.6.↵
65. Hebreus 10.12-14.↵
66. 1 Timóteo 2.5.↵
67. W. A. Visser't Hooft, No Other Name [Nenhum outro nome]. p. 102.↵
68. Mateus 28.18-29.↵
69. Atos 17.27-28.↵
70. João 1.1-5.↵
71. João 1.9.↵
72. Atos 11.14,18; 15.9.↵
73. Apocalipse 7.9.↵
74. Gênesis 22.17.↵
75. Romanos 5.15-21.↵
76. Romanos 10.14.↵
77. Romanos 10.17.↵

CAPÍTULO 2

1. De uma carta ao Lorde Samuel, datada de 26 de novembro de 1942, publicada em F. S. Temple (ed.), Some Lambeth Letters [Algumas cartas de Lambeth]. OUP, 1963. p. 40-41.↵

2. Relatório Willowbank: Evangelho e cultura. Comissão Lausanne para a Evangelização Mundial, 1978. p. 14.↵
3. Ibid., p. 16.↵
4. Cragg, Kenneth. The Call of the Minaret [O chamado do minarete]. OUP, 1956. p. 182-183.↵
5. 2 Coríntios 10.1.↵
6. Veja, por exemplo, o documento de estudo da junta Católico Romana e Conselho Mundial intitulado Common Witness and Proselytism [Testemunho comum e proselitismo] (1970).↵
7. 2 Coríntios 13.8.↵
8. Números 16.22; 27.16 (ARC).↵
9. Gênesis 12.2-4.↵
10. Gálatas 3.29.↵
11. Romanos 4.16-17.↵
12. Gálatas 3.8.↵
13. Salmos 2.8.↵
14. Salmos 72.11.↵
15. Isaías 49.6.↵
16. Isaías 2.2.↵
17. Blaikie, W. G. David Livingstone (1908).↵
18. Mateus 10.6.↵
19. Mateus 15.24.↵
20. Mateus 1.2.↵
21. Mateus 2.1-12.↵
22. Mateus 8.11.↵
23. Mateus 28.19-20.↵

24. Allen, Roland. Pentecost and the World [Pentecostes e o mundo]. OUP, 1917. p. 36.↵
25. Ibid., p. 40.↵
26. Por exemplo, Lucas 24.49; Atos 1.4, 8.↵
27. Joel 2.28; Atos 2.17.↵
28. Atos 8.5-8.↵
29. Atos 10 e 11.↵
30. Atos 11.20.↵
31. Atos 16.6-10.↵
32. Atos 28.31.↵
33. Boer, Harry R. Pentecost and Missions [Pentecostes e missões]. Lutterworth, 1961. p. 161-162.↵
34. Ibid., p. 217. Pergunta a John Stott, na versão original de O Cristão Contemporâneo.↵
35. Filipenses 1.5.↵
36. 2 Tessalonicenses 3.1.↵
37. Colossenses 4.3.↵
38. Efésios 6.19-20.↵
39. 1 Timóteo 3.15.↵
40. 1 Pedro 2.9.↵
41. Filipenses 2.15-16.↵
42. 1 Tessalonicenses 1.6, 8.↵
43. Colossenses 4.5-6.↵
44. 1 Pedro 3.15.↵
45. De seu discurso “A validade duradoura da missão transcultural”, proferido na abertura da nova sede do Centro de Estudos dos Ministérios do Exterior em New Haven, Connecticut, em 5 de outubro

de 1987, e publicado no International Bulletin of Missionary Research, abril de 1988.↵

46. Apocalipse 4.1.↵

47. Apocalipse 7.9-10.↵

48. Gênesis 13.16.↵

49. Gênesis 15.5.↵

50. Gênesis 22.17.↵

51. Gênesis 13.16 (grifo nosso).↵

52. Gênesis 15.5 (grifo nosso).↵

53. Collier, Richard. The General Next to God [O general ao lado de Deus]. Collins, 1965. p. 146.↵

CAPÍTULO 3

1. Bakke, Raymond. Urban Mission [Missão urbana]. Set. 1986. p. 7.↵

2. Henry, Carl F. H. Evangelicals at the Brink of Crisis [Evangélicos à beira da crise]. Word Books, 1967. p. 71-72.↵

3. Ver R. K. Orchard (ed.), Witness in Six Continents [Testemunha em seis continentes]. Edinburgh House Press, 1964. p. 157.↵

4. W. A. Visser't Hooft, in Norman Goodall (ed.), The Uppsala 1968 Report. WCC, 1968.↵

5. Pacto de Lausanne, parágrafos 5 e 6. (John Stott liderou a equipe de redação do Pacto de Lausanne.)↵

6. Evangelism and Social Responsibility: An Evangelical Commitment [Evangelificação e responsabilidade social: um compromisso evangélico], The Grand Rapids Report. Paternoster, 1982. p. 24-25. [Evangelificação e

- Responsabilidade Social. São Paulo: ABU Editora, 2004]. (John Stott liderou a equipe de elaboração do relatório da Consulta sobre Evangelização e Responsabilidade Social.)↵
7. The Manila Manifesto: An Elaboration of the Lausanne Covenant 15 Years Later [Manifesto de Manila: uma elaboração do Pacto de Lausanne 15 anos depois]. Comissão de Lausanne para a Evangelização Mundial, 1989. Parágrafo 4. p. 15. (John Stott liderou a equipe de elaboração do Manifesto de Manila.)↵
 8. Cf. Gálatas 5.6, 13.↵
 9. Cf. Efésios 2.10; Tito 2.14.↵
 10. Evangelism and Social Responsibility. p. 21-24. [Evangelização e Responsabilidade Social. São Paulo: ABU Editora, 2004].↵
 11. Atos 6.1-7.↵
 12. Keele '67, a Declaração do Congresso Nacional Anglicano Evan-gélico, ed. Philip Crowe. Falcon, 1967. Parágrafo 2.20. p. 23.↵
 13. Stott, John. A Missão Cristã no Mundo Moderno. Viçosa, MG: Ultimato, 2010. p. 36, 41.↵
 14. João 15.9.↵
 15. João 17.18; 20.21.↵
 16. Deuteronômio 10.12-20.↵
 17. Miqueias 6.8.↵
 18. 1 Reis 18.↵
 19. 1 Reis 21.↵
 20. Jeremias 19.4.↵
 21. Ezequiel 22.3-4; cf. 36.18-19.↵
 22. Evangelism and Social Responsibility. p. 20. [Evangelização e Responsabilidade Social. São Paulo: ABU Editora, 2004].↵

23. Marcos 6.6.↵
24. Atos 10.38.↵
25. Colson, Charles. Loving God [Amando Deus]. Zondervan, 1983. p. 145.↵
26. Lucas 15.11-32.↵
27. Lucas 10.30-37.↵
28. Booth, William. In Darkest England and the Way Out [A solução para a sombria Inglaterra]. Salvation Army, 1890. p. 14.↵
29. Ibid., p. 45.↵
30. Ibid., Prefácio, p. 4; cf. p. 257.↵
31. Collier, Richard, The General Next to God [O general ao lado de Deus]. Collins, 1965. p. 199.↵
32. João 1.14.↵
33. Bavinck, J. Herman. An Introduction to the Science of Missions [Uma introdução à ciência das missões]. 1954; ET Presbyterian & Reformed, 1960. p. 113.↵
34. O Manifesto de Manila, parágrafo 4: “O evangelho e a responsabilidade social”, p. 15.↵
35. Martin Luther King, em Strength to Love [Força para amar]. Collins, 1963. p. 34. E em Stride Toward Freedom: The Montgomery Story [Passo para a liberdade: a história de Montgomery]. Harper & Row, 1958. p. 198.↵
36. De sua introdução a Christian Mission and Social Justice [Missão cristã e justiça social], por Samuel Escobar e John Driver. Herald Press, 1978. p. 7-9.↵
37. Howard, David. The Great Commission for Today [A Grande Comissão de hoje]. IVP Estados Unidos, 1976. p. 84-85.↵

38. Coomes, Anne. Festa Kivengere: The Authorized Biography [Festa Kivengere: a biografia autorizada]. Monarch, 1990. p. 318.↵
39. Ibid., p. 455.↵
40. Ibid., p. 434.↵

CAPÍTULO 4

1. Relatório Willowbank Relatório Willowbank: Evangelho e cultura. Comissão de Lausanne para a Evangelização Mundial, 1978. p. 28.↵
2. João 17.18; 20.21.↵
3. 1 Coríntios 9.19-22.↵
4. Collier, Richard. The General Next to God [O general ao lado de Deus]. Collins, 1965. p. 91-98.↵
5. West, Morris. Children of the Sun [Filhos do sol]. 1957; Pan, 1958. Especialmente p. 82-104.↵
6. Relatório Willowbank: Evangelho e cultura. Comissão de Lausanne para a Evangelização Mundial, 1978. Parágrafo 6(b). p. 18.↵
7. Sire, James. The Universe Next Door. IVP, 1976; 2. ed., 1990. [O Universo ao Lado. Brasília: Monergismo]↵
8. Your Kingdom Come [Venha o teu reino]. WCC, 1980. p. 143.↵
9. Newbiggin, Lesslie. The Other Side of 1984 [O outro lado de 1984]. WCC, 1983. Especialmente p. 22 e 31. Veja também sua Foolishness to the Greeks [Loucura para os gregos] (SPCK, 1986), na qual ele nos apela para desafiar tanto a cosmovisão científica quanto o materialismo ateu.↵
10. Romanos 12.15.↵

11. Isaías 49.6; cf. 42.1-4.↵
12. Isaías 50.6-7.↵
13. Isaías 52.15.↵
14. Isaías 53.3.↵
15. Isaías 53.4-12.↵
16. Webster, Douglas. Yes to Mission [Sim para a missão]. SCM Press, 1966. p. 101-102.↵
17. João 12.23-24.↵
18. João 12.26.↵
19. Efésios 3.13.↵
20. 2 Timóteo 2.10.↵
21. 2 Coríntios 4.12.↵
22. Collier, Richard. The General Next to God [O general ao lado de Deus]. Collins, 1965. p. 104-109.↵
23. Scott, Carolyn. The Heavenly Witch: The Story of the Maréchale [A bruxa celestial: a história da Maréchale]. Hamish Hamilton, 1981. p. 113.↵
24. Donovan, Vincent. Christianity Rediscovered: An Epistle from the Masai [O cristianismo redescoberto: uma epístola dos masai]. 1978; SCM Press, 1982. p. 193-194.↵
25. Mateus 28.18-19.↵
26. Por exemplo, Salmos 86.9.↵
27. Por exemplo, Isaías 2.1-3.↵
28. Blauw, Johannes. The Missionary Nature of the Church [A natureza missionária da Igreja]. 1962; Eerdmans, 1974. p. 34, 54, 66. Ver também Jeremias, Joachim. Jesus' Promise to the Nations [A promessa de Jesus

- às nações]. 1956; ET SCM Press, 1958. Especialmente p. 58-67, que enfatizam a peregrinação centrípeta.↵
29. Ibid., p. 83.↵
30. Ibid., p. 84.↵
31. Ibid., p. 166.↵
32. Ibid., p. 101.↵
33. Efésios 1.21 (grifo nosso).↵
34. Filipenses 2.9.↵
35. Colossenses 1.18.↵
36. John Hick and Paul F. Knitter (eds.), *The Myth of Christian Uniqueness* [O mito da singularidade cristã]. SCM Press, 1987. p. 20.↵
37. Filipenses 2.9-11.↵
38. 1 Reis 19.10.↵
39. 2 Coríntios 11.2-3.↵
40. Padwick, Constance E. *Henry Martyn: Confessor of the Faith* [Henry Martyn: confessor da fé]. 1922; FIV, 1953. p. 146.↵
41. Romanos 1.5; cf. 3 João 7.↵
42. Citado em Gerald H. Anderson e Thomas F. Stransky (eds.), *Christ's Lordship and Religious Pluralism* [O senhorio de Cristo e o pluralismo religioso]. Orbis, 1981. p. 115-117. Veja também *A Theological Understanding of the Relationship between Christians and Jews* [Uma compreensão teológica da relação entre cristãos e judeus], um artigo recomendado para estudo pela Assembleia Geral da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos em 1987.↵
43. Citado por Cormac Murphy-O'Connor, então bispo de Arundel e Brighton, em *The Family of the Church* [A família da Igreja]. DLT, 1984. p. 41.↵

44. Mott, John R. The Decisive Hour of Christian Missions [A hora decisiva das missões cristãs]. Sociedade Missionária da Igreja, 1910. p. 193.↵
45. João 7.37-39.↵
46. Temple, William. Readings in St. John's Gospel [Leituras no Evangelho de S. João]. 1945; Macmillan, 1955. p. 130.↵
47. Wells, David. God the Evangelist [O Deus Evangelista]. Eerdmans e Paternoster, 1987.↵
48. The Manila Manifesto: An Elaboration of the Lausanne Covenant 15 Years Later [O Manifesto de Manila: uma elaboração do Pacto de Lausanne 15 anos depois]. Comissão de Lausanne para a Evangelização Mundial, 1989. n. B-5.↵
49. Veja 1 Coríntios 2.1-5; 1 Tessalonicense 1.5.↵
50. O Pacto de Lausanne. Parágrafo 14.↵
51. Atos 1.8,11 (grifo nosso).↵
52. Veja John Stott, The Message of Acts (IVP, 1990), p. 51. [A Mensagem de Atos. ABU Editora, 1994].↵
53. Mateus 24.14; cf. Marcos 13.10.↵
54. Newbigin, Lesslie. The Household of God [A casa de Deus]. SCM Press, 1953. p. 25.↵
55. 2 Coríntios 5.10.↵
56. 2 Coríntios 5.11.↵
57. Ezequiel 3; 33.↵
58. Ezequiel 33.7-8.↵
59. 2 Timóteo 4.1-2.↵
60. Hennell, Michael. John Venn and the Clapham Sect [John Venn e a seita de Clapham]. Lutterworth, 1958. p. 245.↵

CONCLUSÃO

1. Marcos 1.15, como ele traduz êngiken.↵
2. Mateus 12.28, ephthasen.↵
3. Por exemplo, Marcos 1.14-15; Mateus 13.16-17.↵
4. Mateus 12.28-29; cf. Lucas 10.17-18.↵
5. Lucas 17.20-21.↵
6. Por exemplo, Marcos 10.15.↵
7. Mateus 6.10.↵
8. Mateus 6.33.↵
9. Marcos 9.47; cf. Mateus 8.11.↵
10. Mateus 25.34.↵
11. Por exemplo, Isaías 2.2; Mateus 12.32; Marcos 10.30.↵
12. Gálatas 1.4.↵
13. Colossenses 1.13; cf. Atos 26.18; 1 Pedro 2.9.↵
14. Efésios 2.6; Colossenses 3.1.↵
15. Por exemplo, Mateus 13.39; 28.20.↵
16. Romanos 12.2; 13.11-14; 1 Tessalonicenses 5.4-8.↵
17. Romanos 8.24; 5.9-10; 13.11.↵
18. Romanos 8.15, 23.↵
19. João 5.24; 11.25-26; Romanos 8.10-11.↵
20. Salmos 110.1; Efésios 1.22; Hebreus 2.8.↵
21. Romanos 8.24.↵
22. Filipenses 3.20-21; 1 Tessalonicenses 1.9-10.↵
23. Romanos 8.19.↵
24. Romanos 8.22-23, 26; 2 Coríntios 5.2, 4.↵
25. Romanos 8.23; 1 Coríntios 1.7.↵

26. Romanos 8.25.↵
27. Por exemplo, Isaías 32.15; 44.3; Ezequiel 39.29; Joel 2.28; Marcos 1.8; Hebreus 6.4-5.↵
28. Romanos 8.23.↵
29. 2 Coríntios 5.5; Efésios 1.14.↵
30. Hebreus 6.4-5.↵
31. Salmos 119.105.↵
32. 2 Coríntios 5.7.↵
33. Deuteronômio 34.10; cf. Números 12.8; Deuteronômio 3.24.↵
34. 1 Coríntios 13.9-12.↵
35. Deuteronômio 29.29.↵
36. 1 Tessalonicenses 4.7-8.↵
37. Gálatas 5.16-26.↵
38. 2 Coríntios 3.18.↵
39. Gálatas 5.17.↵
40. 1 João 1.8.↵
41. Filipenses 3.12-14; 1.6.↵
42. Por exemplo, Levítico 19.2.↵
43. João 8.11 (NAA).↵
44. Por exemplo, Romanos 7.17, 20; 8.9, 11.↵
45. 2 Coríntios 12.12.↵
46. Apocalipse 11.15.↵
47. Hebreus 6.5.↵
48. 2 Coríntios 4.10-11.↵
49. Apocalipse 21.5.↵
50. Efésios 5.27; cf. Apocalipse 21.2.↵
51. 1 Timóteo 6.12.↵

52. Efésios 4.3.↵

53. Mateus 13.30.↵

54. 2 Pedro 3.13; Apocalipse 21.1.↵

55. Marcos 13.7.↵

56. Isaías 2.4.↵

O MUNDO

Categoria: Estudo bíblico / Ética / Vida Cristã

Copyright © John Stott com Tim Chester, 2019. Todos os direitos reservados.

Publicado originalmente em 2019, por InterVarsity Press, Londres, Inglaterra.

Título original em inglês: *The Bible*

Publicado como o terceiro volume da série “O Cristão Contemporâneo”. Organizado por Tim Chester a partir do livro *The Contemporary Christian* (1992), de John Stott.

Primeira edição: Julho de 2021

Coordenação editorial: Bernadete Ribeiro

Tradução: Denis Timm

Revisão: Equipe de revisão Ultimato

Diagramação: Bruno Menezes

Capa: Rafael Brum

Produção do arquivo ePub: Booknando

A menos que indicado de outra forma, os textos bíblicos foram retirados da Nova Versão Internacional, da Sociedade Bíblica Internacional.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Lumos Assessoria Editorial

Bibliotecária: Priscila Pena Machado CRB-7/6971

S888

Stott, John.

O mundo : uma missão a ser cumprida [recurso eletrônico] / John Stott e Tim Chester ; tradução Denis Timm. — Viçosa : Ultimato, 2021.

Dados eletrônicos (e-Pub). — (O Cristão Contemporâneo ; 3) 340 p.

Título original: The world : a mission to be accomplished

ISBN 978-65-86173-25-3

1. Bíblia - Crítica, interpretação, etc. 2. Vida cristã. 3. Bíblia - Estudos bíblicos. I. Chester, Tim. II. Fernandes, Valéria Lamim Delgado. III. Título. IV. Série.

CDU 82.1(811.3)

PUBLICADO NO BRASIL COM TODOS OS DIREITOS RESERVADOS POR:

EDITORA ULTIMATO LTDA

Caixa Postal 43

36570-970 Viçosa, MG

Telefone: 31 3611-8500

www.ultimato.com.br



facebook.com/editora.ultimato



twitter.com/ultimato



instagram.com/editoraultimato